

A CHAVE DE SALOMÃO

[illegible]

A Chave de Salomão

José Rodrigues dos Santos

Romance

OBRAS DO AUTOR

ENSAIO

Comunicação, Difusão Cultural, 1992; Prefácio, 2001.

Crónicas de Guerra I Da Crimeia a Dachau, Gradiva, 2001.

Crónicas de Guerra II De Saigão a Bagdade, Gradiva, 2002.

A Verdade da Guerra, Gradiva, 2002;

Círculo de Leitores, 2003. Conversas de Escritores — Diálogos com os Grandes Autores da Literatura Contemporânea, Gradiva/RTP, 2010.

A Última Entrevista de José Saramago, Usina de Letras, Rio de Janeiro, 2010; Gradiva, Lisboa, 2011.

Novas Conversas de Escritores — Diálogos com os Grandes Autores da Literatura Contemporânea II, Gradiva/RTP, 2012.

FICÇÃO

A Ilha das Trevas, Temas & Debates, 2002; Gradiva, 2007.

A Filha do Capitão, Gradiva, 2004.

O Codex 632, Gradiva, 2005.

A Fórmula de Deus, Gradiva, 2006.

O Sétimo Selo, Gradiva, 2007.

A Vida Num Sopro, Gradiva, 2008.

Fúria Divina, Gradiva, 2009.

O Anjo Branco, Gradiva, 2010.

O Último Segredo, Gradiva, 2011.

A Mão do Diabo, Gradiva, 2012.

O Homem de Constantinopla, Gradiva, 2013.

Um Milionário em Lisboa, Gradiva, 2013.

A Chave de Salomão, Gradiva, 2014.

JOSÉ RODRIGUES DOS SANTOS

A Chave de Salomão

O tao que pode ser dito não é o verdadeiro tao.
O nome que pode ser nomeado não é o verdadeiro nome.
O inominável é o eterno real.
A atribuição de nomes é a origem das coisas múltiplas.

Livres do desejo,
Sondaremos o mistério;
Prisioneiros do desejo,
Apenas veremos as manifestações.

Mistério e manifestações têm ambos a mesma origem.

A sua fonte é o mistério.
Mistério dentro do mistério;
A porta para toda a compreensão.

Lao Tzu, Tao Te Ching

*Às minhas três mulheres,
Floribela, Catarina e Inês*

A informação científica e técnica
incluída neste romance é genuína.
As teorias e as hipóteses
aqui apresentadas
são sustentadas por cientistas.

Prólogo

O velho de olhar glacial atravessou o átrio em passo firme e aproximou-se do dispositivo de controlo de acesso ao complexo do CERN. Não se recordava de ver todo aquele aparato de segurança quando ali estivera da última vez, mas umas bandeirinhas tricolores ao canto lembraram-lhe que o presidente francês deveria visitar as instalações na semana seguinte.

– *Fucking Frenchies...*, – rosnou entre dentes.

Rabujando de desagrado, ignorou o tapete rolante onde deveria depositar os objectos metálicos que trazia no bolso para a inspecção de segurança por raios X. Em vez disso dirigiu-se directamente aos torniquetes de passagem e só se deteve diante do detector de metais. Ficou então imóvel, quase uma estátua, apenas o movimento impaciente dos dedos e dos olhos azuis frios e perscrutadores a darem sinal de vida.

Um segurança suíço fez-lhe um gesto para avançar. O visitante deu dois passos em frente e, atento ao nome Jean-Claude Bloch que o segurança trazia no crachá pregado ao peito, cruzou o detector. Soou nesse momento um sinal de alarme e acendeu-se uma luz vermelha sobre a máquina. O recém-chegado trazia metais.

Com um scanner na mão, Jean-Claude aproximou-se do homem de olhos azuis.

– Levante os braços, por favor.

O idoso obedeceu e o segurança colou-lhe o scanner às ancas. De imediato o engenho emitiu um zumbido. O visitante meteu as mãos ao bolso e, com um sorriso sem humor, como uma criança apanhada a roubar chocolates da despensa, extraiu os objectos metálicos que ali trazia.

– São apenas as chaves, umas moedas e o telemóvel, murmurou. – Nada de especial, como vê.

Jean-Claude olhou-o reprovadoramente e, com uma ponta de irritação a trepar-lhe no tom de voz, indicou o tapete rolante da máquina de raios X.

– Da próxima vez que cá vier ponha os metais ali, se não se importa. Isso facilitar- -nos-ia a tarefa.

O desconhecido rezingou qualquer coisa imperceptível e Jean-Claude, indiferente e compenetrado na sua tarefa, retomou a revista com o scanner de metais. Verificou as pernas, mandou o recém-chegado tirar os sapatos e inspeccionou-os também. Depois colou-lhe o engenho aos ombros e aos braços. Quando chegou ao peito o scanner voltou a emitir um zumbido.

– Damn!, – praguejou o velho, contrariado. – Esqueci-me da minha fucking amiguinha.

Meteu a mão por baixo do casaco e retirou um objecto metálico colado à camisa. Os olhos do segurança arregalaram-se de susto ao reconhecer o objecto na mão do visitante.

Uma pistola.

Jean-Claude deu um salto para trás, o alarme estampado no rosto e na postura do corpo, e com um movimento rápido extraiu do coldre a sua própria arma.

– Freeze!, – gritou, agarrando com as duas mãos uma Glock que apontou ao idoso. – Não se mexa!

Alertados pela reacção do colega, os restantes seguranças sacaram também as suas armas e viraram-nas para o visitante. A sirene de alerta começou entretanto a soar por todo o átrio, um uivo ondulado e urgente, e gerou-se a confusão. Algumas pessoas gritavam de pânico e outras corriam para sair dali. Parecia ter-se

desencadeado subitamente um pandemônio; num instante estava tudo tranquilo, logo a seguir o caos generalizara-se.

– Vamos lá, rapazes, não exagerem, – protestou o idoso, ainda de pistola na mão e com várias armas apontadas para ele. – É apenas o meu velho Colt, que diabo! Um cidadão honesto já não pode andar protegido neste mundo tão violento?

– Quietos!, – insistiu Jean-Claude, a Glock de serviço apontada ao alvo. – Baixe-se muito devagar e pouse a pistola no chão. – Brandiu a sua arma, a sublinhar o aviso. – Muito devagar, ouviu? Se fizer qualquer movimento repentino, terei de disparar.

– Está bem, está bem, – assentiu o visitante, aparentemente pouco impressionado com toda a perturbação que se gerara em volta dele. – Conheço os procedimentos, não se preocupem.

O velho baixou-se devagar e pousou o Colt no chão. Depois voltou a erguer-se, os braços no ar, até fitar de novo os homens que lhe apontavam as armas. Com um movimento rápido, o segurança diante dele pontapeou a pistola para longe. Depois, já mais tranquilo, fez com a arma um sinal a indicar o chão.

– Deite-se. Ponha as mãos atrás da nuca!

O desconhecido revirou os olhos de enfado.

– Oiça, não acha que está a exagerar? O que se passou foi simplesmente um pequeno...

– Deite-se!

O visitante permaneceu um longo instante em pé, os olhos gelados e inquisitivos a medirem os seguranças que lhe apontavam as armas e a avaliarem friamente a situação, a mente a fazer cálculos sobre a melhor maneira de proceder. Por fim suspirou, a decisão tomada, e baixou devagar os braços. Todos esperavam que se deitasse no chão, como lhe fora ordenado, mas manteve-se de pé, um ancião de fato azul-escuro e gravata vermelha rodeado por seguranças que lhe apontavam armas.

– Não ouviu o que eu disse?, – insistiu Jean-Claude, brandindo a sua pistola. – Deite-se imediatamente!

Sempre com gestos lentos e precisos, os olhos sem largarem os homens que o cercavam, o desconhecido meteu de novo a mão no interior do casaco.

– Quietos!, – gritou o segurança, outra vez muito alarmado, receando que o visitante tirasse do casaco uma segunda arma. – Quietos ou disparo! Nem mais um movimento!

Mas o idoso voltou a ignorar a advertência. Inseriu os dedos no bolso interior do casaco e, sempre sem pressas, extraiu o objecto que procurava e virou-o na direcção do segurança que o ameaçava.

Um cartão.

Apesar do nervosismo, Jean-Claude desviou fugazmente os olhos e espreitou o cartão, primeiro a medo, depois tão intrigado que o estudou com maior atenção. O pequeno rectângulo plastificado tinha uma fotografia a cores do lado esquerdo a exhibir um rosto, que o segurança comparou com o do seu portador; as íris azuis frias e calculistas eram as mesmas, tal como as rugas que lhe rasgavam os cantos dos olhos, o rosto longo e seco, o queixo quadrado e os cabelos tão brancos que pareciam farrapos de neve. Não havia dúvida, tratava-se do visitante.

Analisou o resto do cartão. À direita estava um círculo azul com a cabeça de uma águia no meio e em baixo um longo código de barras. Entre a fotografia e o círculo encontravam-se os dados a identificar o titular do cartão. No topo a informação Employee ID 1123-XO, no meio a indicação Status: Directorate of Science and Technology, Director, e em baixo o nome e a referência ao nível cinco de acesso de segurança.

– Bellamy, movimento! apresentou-se o velho do olhar gelado, a voz baixa e rouca dos que estão habituados a comandar e a ser obedecidos com um estalar de dedos. – Frank Bellamy.

O segurança suíço observava o cartão, embasbacado.

– O senhor é da... é da...

– CIA, – confirmou Bellamy num tom ácido. – Parabéns, rapaz, parece que sabe ler. É um *fucking* génio.

Um burburinho nervoso enchia a grande sala de controlo do CERN. Engenheiros, técnicos informáticos e físicos acotovelavam-se no salão, os primeiros com a atenção presa nos monitores, os últimos em silêncio ou a trocarem observações num sussurro nervoso e expectante. A tensão tornara-se tão espessa que parecia palpável. Não era de admirar. O trabalho que tinham em mãos

envolvia grande responsabilidade, pois permitia responder às questões mais fundamentais da nossa existência. Como foi o momento da criação do universo? Quantas dimensões existem? Há um antiuniverso?

O zumbido da electrónica a computar e o murmúrio dos aparelhos de ar condicionado a funcionarem no máximo enchia a sala de controlo. O rumor permanente era rompido apenas pela voz seca do director a coordenar a operação e pelas respostas sincopadas dos técnicos a quem ia dirigindo as perguntas à vez, como um maestro a harmonizar uma orquestra.

– O Booster?, – quis saber o director, a mão agarrada a um mug de café com o logotipo do CERN. – Já está a funcionar a toda a força?

– Negativo, – foi a resposta do técnico que monitorizava o Booster. – Ainda se encontra em aceleração.

– Qual o valor?

– Energia, setenta megaelectrões-volt e a crescer.

– A próxima injeção será no anel um, segmento um, dois pacotes.

– Cbeck.

O director calou-se. Setenta megaelectrões-volt era uma energia relativamente baixa, mas o facto é que as micro-partículas tinham acabado de sair do Liriac 2 a cinquenta megaelectrões-volt e era normal que o Booster levasse algum tempo a chegar aos um vírgula quatro gigaelectrões-volt necessários para os protões serem encaminhados para o mais velho acelerador de partículas do CERN, o *Proton Synchroton*. Bebericou um trago de café, enquanto seguia a informação no seu monitor.

– Paul, como estão os magnetos?, – perguntou. – Em linha com o ritmo de aceleração dos protões?

– Afirmativo, – confirmou Paul, responsável pela monitorização do funcionamento dos magnetos de nióbio e titânio. – O campo magnético foi criado e está a tornar-se mais forte à medida que os protões aceleram. Não há problemas neste sector.

Os olhos castanhos do director não largavam o ecrã, onde se sucediam números a um ritmo que parecia crescente.

– Max, o hélio?, – questionou, dirigindo-se a um terceiro técnico. – Permanece estável?

– Afirmativo.

Os olhos colados ao monitor ficaram presos numa coluna e o que viu manifestamente não lhe agradou. Fez uma careta acompanhada por um grunhido, pousou o mug de café junto ao ecrã e voltou-se para o outro lado da sala.

– Como vai o *PS*, Heinrich?, – perguntou, impaciente, referindo-se ao *Proton Synchroton* no jargão coloquial do CERN. – Já está a postos para receber os protões?

– Negativo, *Herr Direktor*. Falta algum tempo para chegar aos um vírgula quatro gigaelectrões-volt.

– Qual o valor agora?

– Energia, noventa megaelectrões-volt e a crescer.

– Porra, Heinrich, isso está atrasado!, – protestou, consciente de que o *timing* era crucial para o sucesso da operação; a passagem do Booster para a fase seguinte não podia sofrer demoras. – Despacha-te com isso! Quero o *PS* em movimento quando os protões atingirem o valor de um gigaelectrões-volt, ouviste?

– *Ja wol, Herr Direktor*.

A impressão de que estava a ser seguido tornara-se muito forte nos últimos minutos e levou Frank Bellamy a deter-se junto de uma esquina do corredor e a lançar um longo e cuidadoso olhar para trás. Examinou o espaço vazio em busca de movimentos reveladores ou de sombras incriminatórias, mas nada detectou de anormal. Susteve a respiração e permaneceu trinta segundos em silêncio absoluto, atento ao mais pequeno som estranho que ali se pudesse escutar.

A verdade, porém, é que o crescente rumor do acelerador de partículas em plena operação tornava difícil destringer qualquer ruído suspeito, o que inutilizava aquele exercício. Se alguém de facto o seguia, percebeu, não seria assim que o descobriria.

Respirou fundo.

– *be damned!*, – praguejou entre dentes. – Ou estou a ficar senil e já vejo fantasmas por toda a parte ou então o gajo que me

anda a seguir é muito bom...

Dobrou a esquina e seguiu em frente, ainda atento aos espectros que pressentia a assombrarem os corredores. Sabia que a intuição raramente o enganava nessas coisas; se tinha a impressão de que estava a ser seguido era porque de facto isso sucedia. Já sentira coisas assim em Berlim Oriental e em Adis Abeba, nos saudosos tempos da Guerra Fria, e na altura constataria que tinha razão e conseguira liquidar os seus perseguidores num beco escondido. Quem lhe garantia que o mesmo não se estava a passar nesse momento?

Mesmo assim, reconsiderou. O lugar onde se encontrava não era normal e talvez isso lhe estivesse a nublar a intuição e o raciocínio. Quem sabe se na origem do problema não estaria o poderoso campo criado pelos grandes magnetos que operavam nessa altura? Tinha perfeita consciência de que, a partir de determinado limiar, o magnetismo pode interferir nos processos cognitivos dos seres vivos, e talvez uma coisa dessas lhe estivesse a suceder.

O corredor deserto desembocou numa porta com um painel de teclas incrustado na parede e uma tabuleta a indicar o acesso ao grande acelerador de hadrões. Bellamy sabia que o acesso, além de ser limitado ao pessoal autorizado, se encontrava nesse instante vedado devido à operação em curso, embora uma minudência dessas não o detivesse. Ele era o responsável pela Direcção de Ciência e Tecnologia da CIA, uma das quatro direcções da agência de espionagem dos Estados Unidos, e tinha a noção muito clara de onde podia ou não ir, como e em que circunstâncias.

Pousou os dedos no teclado embutido na parede e digitou o código de acesso que lhe fora comunicado dias antes pelos responsáveis do CERN. O pequeno ecrã do teclado respondeu com duas palavras em inglês.

Access denied.

– *Fuck!*, – praguejou o responsável da CIA, esmurrando a parede tal a sua irritação. – *Fuck! Fuck! Fuck!*

As palavras no ecrã a negar-lhe o acesso ao grande acelerador de hadrões piscavam como pirilampos, pareciam até rir-

se dele. Bem vistas as coisas, porém, sabia que não devia ficar surpreendido, pelo que dominou de imediato as emoções. O código que lhe fora entregue permitia-lhe de facto aceder a todo o complexo, raciocinou, mas não ao grande acelerador de hadrões quando este estava a funcionar.

Teria de improvisar.

Deitou a mão ao coldre por debaixo do casaco e, ao senti-lo vazio, lembrou-se de que os seguranças no átrio de acesso ao complexo lhe tinham ficado com o Colt. Seria preciso ir por outro caminho, percebeu. Tirou a chave que trazia no bolso das calças e, com a ponta, pôs-se a desaparafusar o teclado fixado na parede. A operação levou uns meros cinco minutos, ao fim dos quais o teclado cedeu e tombou para fora, apenas preso por fios de electricidade.

Depois de analisar os fios, Bellamy pegou no telemóvel e carregou numa tecla. Acto contínuo, uma lâmina saltou com um estalido e o telefone portátil transformou-se no que mais parecia um canivete suíço. O homem da CIA sorriu. Eram práticos e traiçoeiros aqueles telemóveis que a Direcção de Ciência e Tecnologia havia desenvolvido para os operacionais. Agarrou num fio negro e cortou-o com a lâmina. Depois fez o mesmo a outro fio, este vermelho. Uma vez ambos os fios soltos, pegou neles e colou-os pelas pontas soltas, estabelecendo contacto.

A porta abriu-se com um zumbido suave.

– *Gotcha!*

Atravessou a porta, mas antes de seguir caminho voltou a deter-se e a atirar uma mirada atenta ao corredor de onde viera. Talvez fosse apenas a influência do campo magnético, não tinha a certeza, mas a sensação de que alguém o seguia tornara-se ainda mais poderosa.

À medida que os grupos de protões iam sendo injectados de acelerador em acelerador, a tensão na sala de controlo crescia. Os sussurros entre os físicos pararam em absoluto e o ambiente adensou-se consideravelmente. O momento mais importante aproximava-se a passos rápidos.

– Heinrich!, – gritou o director. – A que velocidade estão os protões?

– Energia, quatrocentos e cinco gigaelectrões-volt e a crescer, *Herr Direktor*.

O director voltou-se para o outro lado da sala.

– Maurice, o grande acelerador de hadrões está pronto para receber a carga?

– *Oui*.

– Paul, como vão os magnetos?

– O campo magnético cresce em linha com a aceleração dos protões, sir.

O poder do campo criado pelos supermagnetos tinha de aumentar de modo a acelerar os protões, forçando-os assim a curvar a sua trajectória e, conseqüentemente, a manter-se dentro do grande acelerador de hadrões. Todos os que estavam na sala tinham a noção de que esta questão delicada constituía um ponto crítico da operação.

– Heinrich, já estamos lá?

– Quase, *Herr Direktor*.

– Faz a contagem final.

– Energia, quatrocentos e quinze gigaelectrões-volt e a crescer... energia, quatrocentos e vinte gigaelectrões-volt e a crescer... energia, quatrocentos e vinte e cinco gigaelectrões-volt e a crescer...

– Atenção, Maurice... modalidade em modo de pacote, preparar a rampa.

– Energia, quatrocentos e trinta gigaelectrões-volt e a crescer... energia, quatrocentos e trinta e cinco gigaelectrões-volt e a crescer... energia, quatrocentos e quarenta gigaelectrões-volt e a crescer...

– Atenção, Maurice... modo de pacote, rampa. Iniciar o grupo de potência um dois três.

– Energia, quatrocentos e quarenta e cinco gigaelectrões-volt e a crescer... energia estabilizada nos quatrocentos e cinquenta gigaelectrões-volt.

– Injecção!

Maurice carregou num botão e os protões foram nesse instante desviados para os dois tubos de feixes do grande acelerador de

hadrões, iniciando a aceleração final.

– Injecção completa!, – bramiu o engenheiro francês. – Energia estabilizada em *flat top*.

– Modo de pacote, ajustar, – ordenou o chefe da operação. – Temos vinte minutos para chegar aos sete teraelectrões-volt.

Os sete teraelectrões-volt eram uma enormidade, todos o sabiam naquela sala. A palavra grega *tera* significava monstro. Sete teraelectrões-volt significava que os protões iriam atingir na derradeira aceleração a energia monstruosa de sete milhões de milhões de electrões-volt, valor suficiente para transformar a energia em massa equivalente a sete mil protões e igual à energia que as partículas subatómicas possuíam uma pequena fracção de segundo depois do Big Bang, a criação do universo. A sete teraelectrões-volt, os protões acelerariam até acima de noventa e nove vírgula nove por cento da velocidade da luz ao longo de um feixe com a espessura de um fio de cabelo que percorria os vinte e sete quilómetros de circunferência do acelerador. Isso dava uma ideia do gigantesco valor de aceleração conseguido no grande acelerador de hadrões do CERN, a mais complexa e sofisticada máquina que o engenho humano alguma vez concebera.

– Paul, os magnetos ainda acompanham a aceleração?

– Afirmativo, sir. Conforme previsto, daqui a vinte minutos tê-los-emos no máximo.

No limite, os magnetos supercondutores conseguiam criar um campo magnético cento e setenta mil vezes superior ao do próprio planeta, valor indispensável para obrigar os protões a manterem-se a velocidade próxima da da luz dentro do tubo do grande acelerador de hadrões. Se os protões acelerassem acima dos sete teraelectrões-volt, não poderiam ter uma trajectória de curva adequada ao anel de vinte e sete quilómetros do túnel do CERN e dispersar-se-iam.

O director da operação carregou num botão de intercomunicação.

– CMS beta, – chamou. – Preparados?

– Afirmativo. – respondeu por um altifalante uma voz feminina, evidentemente da chefe de operações no *Compact Muon Solenoid*.

– Estamos prontos para o começo das colisões.

Outro botão.

– Atlas beta, – chamou o director a seguir. – Preparados?

Ouviu-se primeiro um som de estática, cedo rompido por uma presença humana.

– Nós... nós..., – hesitou a voz no altifalante, manifestamente desorientada. – Temos um... um problema.

As luzes vermelhas começaram nesse momento a piscar por toda a sala de controlo, ao mesmo tempo que o alarme uivava dos altifalantes. Os engenheiros e os cientistas trocaram olhares perplexos, sem perceberem a origem do problema nem a sua gravidade. Haveria algum incêndio no detector Atlas? Teria o grande acelerador de hadrões rebentado devido à gigantesca energia a que estava a operar? Pior ainda, encontrar-se-iam em perigo?

O primeiro a reagir foi, como se impunha, o director. Ergueu o braço e, o desalento e a derrota a toldarem-lhe a voz, respirou fundo e deu a ordem inevitável.

– Abortar!, – berrou. – Parem tudo.

O teclado fixado na parede só deu sinal de vida no momento em que o campo magnético foi desactivado. Percebendo que o sistema acabava de ser desbloqueado, Jean-Claude Bloch digitou o código e a porta abriu-se com um som aspirado.

– *On y va?*, – perguntou o seu colega da equipa de segurança, mais para se encorajar a si próprio do que a pedir uma resposta. – Vamos?

Os dois elementos da segurança franquearam a porta e entraram no perímetro onde se encontravam os tubos do grande acelerador de hadrões. Após passar para dentro do túnel, Jean-Claude deteve-se por momentos, temendo as poderosas forças da natureza que ali se concentravam. Os seus olhos pousaram na larga conduta de aço que ocupava o centro do túnel, em busca de sinais a denunciar alguma anomalia. Os dois homens sabiam que era dentro daquele tubo que se escondiam as maiores ameaças em caso de avaria, como os feixes de prótons, os magnetos de nióbio e titânio, e sobretudo o sistema criogénico usado para manter os magnetos a menos de dois *Kelvin*, ou duzentos e setenta e um graus Celsius

negativos, temperatura próxima do zero absoluto e necessária para assegurar as propriedades supercondutoras dos magnetos. Se houvesse ali uma ruptura e algum do hélio líquido escapasse dos tubos e os atingisse, a morte seria rápida.

Jean-Claude ligou o intercomunicador que trazia na mão.

– Falcão Um para Ninho. Já entrámos. *Over*.

O intercomunicador estralejou.

– Ninho para Falcão Um. Qual a situação? *Over*.

– Parece tudo bem, não vemos qualquer anomalia. O que fazemos agora? *Over*.

– Sigam para o Atlas, Falcão Um. É lá que foi o problema. *Out*.

O túnel estava bem iluminado, mas mesmo assim os dois elementos da segurança mantiveram as lanternas ligadas para inspeccionar o longo tubo enquanto caminhavam em direcção ao seu destino. Os focos das lanternas iam dançando pelo aço enquanto os passos dos dois seguranças ecoavam ao longo do túnel.

– Brrr, – gemeu Jean-Claude, os olhos a cirandarem pelas sombras projectadas nas paredes e recortadas por baixo do tubo. – Isto é sinistro...

O companheiro estremeceu, a pele arrepiada de medo.

– A quem o dizes.

Caminharam durante dez minutos, sempre atentos à mais pequena irregularidade que os pudesse ameaçar. A certa altura o túnel alargou-se e transformou-se numa vasta caverna escavada na rocha. O espaço era ocupado por uma gigantesca máquina com vinte e cinco metros de diâmetro e formada por sucessivos cilindros concêntricos, um verdadeiro titã de aço que parecia dormir por baixo da terra.

O Atlas.

Tinham chegado ao destino. O Atlas era um dos mais importantes detectores de partículas do CERN, a máquina onde o famoso bóson de Higgs, também conhecido por partícula de Deus, fora finalmente detectado. Ali dentro estava um dos sítios onde os pacotes de prótons colidiam quase à velocidade da luz, em choques que produziam miríades de micropartículas: quarks, electrões,

muões, gluões, neutrinos, partículas Z e W, fótons e talvez até gravitões, o que permitia identificar as forças e partículas fundamentais da natureza.

Jean-Claude pegou de novo no intercomunicador e colocou os lábios ao bocal.

– Falcão Um para Ninho ,– chamou. – Chegámos ao alvo. Onde nos devemos dirigir? *Over*.

– Ninho para Falcão Um, – foi a resposta. – O computador indica-nos que o problema está junto ao detector externo de muões. Encaminhem-se para lá e verifiquem, por favor. *Over*.

O olhar dos dois elementos da segurança concentrou-se de imediato na grande pá circular onde se encontrava o detector externo de muões. Havia de facto ali algum movimento. Sem se atreverem a dar mais nenhum passo, viraram os focos das lanternas para aquele ponto e arregalaram os olhos de medo quando se aperceberam da nuvem de vapor que ali pairava.

– O hélio!, – exclamou Jean-Claude. – O hélio verteu do Atlas!

– O que fazemos?, – quis saber o companheiro, aterrorizado com a descoberta. – Pedimos apoio?

– Nós somos o apoio, idiota!, – repreendeu-o Jean-Claude, mal contendo o nervosismo e a ansiedade. – Temos de ir lá para percebermos com precisão onde se localiza a fuga.

Os dois homens aproximaram-se do detector Atlas com grande cautela. A máquina era de facto gigantesca; sentiam-se como anões ao pé dela. Contornaram a grande pá circular do detector externo de muões e fixaram a atenção na nuvem de vapor exalada de uma pequena secção daquele monstro de aço.

– Há ali qualquer coisa no meio do vapor.

– Onde?

Jean-Claude apontou o foco para o local.

– Ali, não vê?

Tentaram identificar o que era, mas àquela distância e com tanto vapor parecia-lhes impossível destrinçar formas cujos contornos mal adivinhavam. Teriam de se abeirar do detector Atlas. A medo, cada passo tão difícil que pareciam escalar uma montanha,

os focos das lanternas a saltitarem no meio do vapor, encaminharam-se para a grande máquina.

Chegaram a dois metros de distância, mas não se atreveram a ir mais longe para não serem tocados pelo vapor do hélio. Fazia ali frio, evidentemente devido à fuga do hélio líquido, mas o pior não era a temperatura. Sabiam que em contacto com o ar o hélio se vaporiza e ocupa o lugar do oxigénio, pelo que corriam o risco de asfixiar se se aproximassem de mais. Àquela distância parecia-lhes que tinham chegado ao limiar de segurança. Mais um passo e enfrentariam um risco iminente de morte.

Lutando contra o frio que lhe entorpecia os movimentos, Jean-Claude faz incidir a luz na forma que estava na base da fuga de vapor.

Um homem.

– C’os diabos!

A figura humana encontrava-se deitada, o tronco de fora, as pernas dentro da máquina, a face arroxeadada. Um cadáver. Era evidente que o homem tinha morrido por asfixia; ou por falta de oxigénio naquela zona, expulso pelo hélio que vertera para o exterior, ou até pela inalação do vapor de hélio, que provocava queimaduras internas letais. A autópsia determinaria o que sucedera, mas o facto é que estava morto. A luz das lanternas pousou sobre o rosto da vítima e, acto contínuo, Jean-Claude abriu a boca de estupefacção.

– É o velho!, – exclamou. – O tipo da CIA!

– Quem?

– É o gajo que quis entrar esta manhã com uma arma, lembras-te? É o mesmo tipo!

– Tens a certeza?

– Absoluta! Fui eu que lidei com ele e sei muito bem o que estou a dizer. É o velho da CIA! Frank... Frank... Frank qualquer coisa. – Premiu os lábios enquanto fazia um esforço de memória. Tinha o nome debaixo da língua. – Bellamy! É isso! Frank Bellamy. Parece-me que é um manda-chuva da CIA.

– O que está o tipo aqui a fazer metido no Atlas?

A pergunta era retórica e Jean-Claude não respondeu porque evidentemente não tinha resposta. Esquadrinhou o tronco do cadáver com a luz da lanterna até se aperceber de que um dos braços estava estendido e entre os dedos havia um papel.

– O que é isto? Estás a ver?

O colega centrou a sua atenção na folha.

– Sim. Tem lá uma coisa escrita. Consegues ler?

Os dois homens viraram-se para se alinharem no sentido da folha e verificaram o seu conteúdo.

Ψ

The Key: Tomás Noronha

– Que raio de charada!

A luz da lanterna de Jean-Claude desviou-se a seguir para a zona de onde o hélio líquido escapava. O metal dos tubos do sistema de criogenia estava furado e no chão jazia um instrumento de perfuração de alta temperatura.

– Olha para isto, já viste?, – observou com excitação. – Alguém provocou esta ruptura.

– *Mon Dieu!*, – exclamou o colega, estupefacto. – A fuga... a fuga de hélio foi deliberada!

Ao tomar consciência do que via, Jean-Claude pegou imediatamente no intercomunicador e premiu o botão.

– Falcão Um para Ninho. Identificámos a fonte do problema. Há um cadáver metido numa abertura por detrás do detector externo de muões e encontrámos um instrumento de perfuração de alta temperatura junto ao local da fuga de hélio. Esta fuga não é um acidente. Repito, não é um acidente. Aguardo instruções. Over.

Durante dois segundos o intercomunicador respondeu com estática.

– Ninho para Falcão Um. Pode repetir? *Over.*

A informação era de tal modo incrível que pelos vistos as chefias que se sentavam na central de segurança não tinham acreditado no que acabara de lhes ser dito.

– Encontrámos um corpo metido no Atlas e um perfurador de alta temperatura junto ao ponto de fuga do hélio líquido. O cadáver tem um papel na mão com um nome. Suspeito que tenha identificado assim o seu assassino. *Over.*

Desta vez o som da estática prolongou-se por mais de dez segundos. Era claro que os elementos da central de segurança discutiam a informação que haviam recebido.

– Ninho para Falcão Um, – responderam por fim. – A vossa missão está concluída. Regressem imediatamente ao Ninho para o *debriefing*. Queremos um relatório completo. Vamos enviar os bombeiros para lidarem com a fuga de hélio e retirarem o corpo. O detector e toda a caverna Atlas serão selados até ordem em contrário. *Over.*

Os dois homens da segurança lançaram um derradeiro olhar para o cadáver e deram meia volta para se afastarem e saírem o mais depressa possível daquele local perigoso. Voltaram a contornar a grande pá circular do detector externo de muões, desta vez no sentido inverso, e mergulharam no túnel rumo à porta por onde haviam entrado meia hora antes.

À medida que caminhava, Jean-Claude ia lembrando o incidente dessa manhã no átrio do complexo e o que sentira quando se apercebeu de que o velho que entrara no edifício era uma figura importante da CIA.

– Quem quer que esse Tomás Noronha seja, – murmurou com um sorriso sem humor, – a CIA vai cair-lhe em cima com toda a força.

Mas esse problema já não era seu, sabia. Encolheu os ombros e acelerou o passo. Quanto mais depressa saíssem dali melhor.

I

Momentos antes a rega tinha acabado e as pontas da relva reluziam ao sol; pareciam uma constelação de diamantes a cintilar sob a luz límpida da manhã. O homem de olhos verdes luminosos atravessou o relvado com descontração, a mão a segurar uma mala de executivo, e entrou no edifício de linhas modernas da *Fundação Calouste Gulbenkian* a cantarolar uma melodia que escutara na rádio. Depois de lançar um aceno jovial ao pessoal na recepção, dirigiu-se para um gabinete ao fundo do átrio. Abriu a porta e deu com a secretária a teclar no computador.

– Olá, Albertina. Cheguei.

A secretária ergueu os olhos do monitor e fitou o recém-chegado.

– Professor Noronha! Fez boa viagem?

– Claro, – respondeu Tomás Noronha, encaminhando-se para o cubículo onde exercia as funções de consultor científico da fundação. – Antecipei o regresso a Lisboa para ontem à tarde e assim consegui fintar a greve dos controladores aéreos espanhóis. Foi por um triz!

– Como estava Genebra? Muito fria?

O historiador deitou a mão ao bolso.

– Gelada, – disse, estendendo uma caixinha encarnada à secretária. – Olhe, trouxe-lhe um chocolatinho.

Albertina pegou no presente e sorriu.

– Ah, professor! O senhor é que me conhece bem. Mas, por amor de Deus, não precisava de se incomodar...

O recém-chegado pousou a mala aos pés da sua escrivaninha.

– Ora essa, não foi incómodo nenhum, – disse ele, pendurando o sobretudo num cabide junto à janela. Virou-se para trás e espreitou pela porta. – Alguma novidade?

Era uma pergunta de trabalho, pelo que a secretária assumiu de imediato a postura profissional e folheou a agenda.

– Sim, ligaram da Universidade Nova de Lisboa. Expliquei-lhes que o senhor professor andava de viagem e ficaram de voltar a telefonar amanhã. Não disseram qual o assunto. – Tomás mal conteve um sorriso.

– Nem precisavam. Os tipos andam atrás de mim para ver se regresso à faculdade...

– Pois acho que fazem muito bem, – sentenciou Albertina. – Onde já se viu um académico do seu gabarito, um dos melhores criptanalistas do mundo e professor doutorado em não sei quantas línguas antigas e por aí fora e não leccionar na faculdade? Um crime, digo-lhe eu!

O historiador não quis prosseguir aquele rumo de conversa. Puxou a cadeira, sentou-se e ligou o computador.

– Além desse telefonema, mais alguma coisa?

– O engenheiro Ferro pediu para falar consigo às quinze horas, – revelou ela. – É sobre a compra que o senhor professor foi fazer a Genebra. – Lançou-lhe um olhar interrogador. – Conseguiu o que procurava?

Tomás inclinou-se na cadeira e pegou na mala de executivo que pousara aos pés da escrivaninha.

– Consegui, pois. Está aqui.

A secretária fitou a mala com intensidade, a curiosidade a queimar-lhe o olhar.

– A sério? Posso ver?

Com uma pequena chave, Tomás abriu a mala e retirou o embrulho que trouxera de Genebra.

– Olhe para isto!, – disse, acenando com o pacote. – Nem imagina o trabalhão que me deu esta compra.

Acariciou o embrulho. A negociação com o comerciante de antiguidades de Genebra havia sido muito dura, no fim de contas estava em causa um manuscrito raro cuja aquisição recomendara com insistência à Gulbenkian, mas felizmente tudo correra bem. Depois de uma peritagem para se certificar da autenticidade do documento, fizera a proposta que trazia de Lisboa e o valor final acabou por não ser excessivamente superior à oferta inicial da negociação. Na verdade sentia-se de tal modo excitado que mal podia esperar pela reunião com o engenheiro Ferro; o director do museu da fundação ficaria certamente deliciado com a preciosidade.

– Posso ver?, – pediu Albertina. – Ou o seu tesourinho tem de permanecer embrulhado?

Tomás respondeu com uma gargalhada.

– Nunca vi pessoa tão curiosa!, – observou. – Está bem, eu mostro-lhe.

Desembrulhou o pacote pelas pontas do papel coladas com fita-gomada e do interior extraiu um *códice* em papel amarelado, evidentemente antigo, inserido num plástico selado para o defender da contaminação do ar. Virou o *códice* para a secretária e mostrou-lhe o título, com as primeiras linhas do texto escritas por baixo em caligrafia medieval.

TABVLA SMA- RAGDINA HERMETIS TRIS- megisti ϩⲓ ϫϣⲓⲛⲓⲁ. luceto interprete.



Erba Secretorū Hermetis, q̄ k̄ripta erāt
in tabula Smaragdi, inter manus eius in-
uenta, in obscuro antro, in q̄ humanum
corpus eius reperiū est. Verū sine men-
dacio, certū, & uerissimū. Quod est infe-
rius, est sicut q̄d est superius. Ex q̄d est
superius, est sicut q̄d est inferius, ad p̄petrāda miracula rei
uulgi. Et sicut oēs res fuerūt ab uno, mediatiōe unius.
Sic oēs res natæ fuerūt ab hac una re, adaptatiōe. Pater
eius est Sol, mater eius Luna. Portauit illud uentus in
uētre suo. Nutrix eius terra est. Pater omnis celestis to-
cius mūdi est hic. Vis eius integra est, si uersa fuerit in
terrā. Separabis terrā ab igne, subtile à spisso, suauis cū
magno ingenio. Ascendit à terra in cœlū, iterumq̄ de-
scēdit in terrā, & recipit uim superiorū & inferiorū. Sic
habebis gloriā totius mundi. Ideo fugiet à te omnis obs-
curitas. Hic est totius fortitudinis fortitudo fortis, q̄
uincet omnem rem subtilem, omnemq̄ solidam pene-
trabit. Sic mundus creatus est. Hinc erunt adaptationes
mirabiles, quarū modus hic est. Itaq̄ uocatus sum Her-
mes Trismegistus, habens tres partes philosophiæ toti-
us mundi. Completū est, q̄d dixi de operatiōe Solis.

– Tabula Samri... Smiragda... na?, – titubeou Albertina, intrigada. – O que diabo quer isso dizer?

– Tabula Smaragdina, – corrigiu o historiador. – Também conhecida por *A Tábuia Esmeralda* ou *O Segredo de Hermes*. Trata-se de um texto atribuído a Hermes Trismegisto, não sei se já ouviu falar.

– Já, pois. É um mágico antigo, não é?

– De certo modo. Hermes Trismegisto foi um célebre alquimista cuja verdadeira identidade permanece envolta em mistério. Há quem ache que se trata de uma figura nascida da combinação do deus grego Hermes com o deus egípcio Toth, ambos

divindades da magia e da escrita. Especula-se que a figura histórica real por detrás de Hermes Trismegisto seja o grande sacerdote Imhotep, um egípcio venerado pelos Gregos quando ocuparam o Egito no período ptolemaico. Trismegisto significa três vezes grande, e seria um sábio, autor de inúmeros textos da antiguidade. Os mais famosos são a Hermetica, um conjunto de diálogos dos séculos *n* e *m* em que um professor, o próprio Hermes Trismegisto, ensina a um aluno as naturezas do divino, da mente e do universo.

– Esses textos ainda existem?

– Claro. Foram originalmente encontrados em papiros e temos traduções em latim que recuam aos séculos XVI e XVII. – Meteu a mão na pasta e extraiu a documentação que juntara nas últimas semanas para preparar a peritagem do manuscrito que a fundação queria adquirir. – A Hermetica contém sabedoria antiga de grande valor. – Procurou com o dedo uma linha das suas anotações. – Ora oiça esta citação do livro XIII da Hermetica. – Afinou a voz. – Saí de mim para um corpo imortal e agora não sou o que era antes. Eu nasci na mente.

– Eu nasci na mente? O que quer isso dizer?

O historiador encolheu os ombros.

– É sabedoria hermética. Significa que estamos perante um conhecimento oculto. Esta frase, eu nasci na mente, parece querer dizer que a verdadeira realidade é a da mente. Nós somos o que a nossa mente concebe. O real não existe para além da mente.

A ideia era demasiado bizarra para que Albertina a levasse a sério, pelo que depressa desviou a atenção para o manuscrito nas mãos de Tomás.

– E esse manuscrito que comprou em Genebra?, – perguntou, apontando para a *Tabula Smaragdina*. – Do que trata exactamente?

– A *Tábua Esmeralda* é o texto que deu origem à alquimia, tanto islâmica como ocidental, e valeu a Hermes o cognome de Trismegisto, uma vez que é aqui que o autor afirma conhecer as três partes da sabedoria do universo. Uma delas é justamente a alquimia.

– Mais fantasias, portanto.

Tomás esboçou um esgar.

– Olhe que não, – ressaltou. – A alquimia é a ciência da transmutação dos elementos. Por exemplo, um dos grandes projectos dos alquimistas era transformar o ferro em ouro. Hoje sabemos que a transmutação dos elementos, por incrível que pareça, é de facto possível. O primeiro cientista a fazê-lo foi o físico neozelandês Ernest Rutherford, que converteu nitrogénio em oxigénio e começou a desvendar os princípios que permitem às estrelas produzir carbono, ferro e ouro através da transmutação de outros átomos.

A secretária balançou afirmativamente a cabeça.

– Ah, que interessante. – Apontou para umas linhas escritas em latim na primeira página do *códice*, por baixo do título *Tabula Smaragdina*. – Essas frases explicam a alquimia?

– *A Tábua Esmeralda* fala sobre alquimia, mas o que está aqui escrito são os princípios gerais do conhecimento hermético. – Tomás inclinou o *códice* para o ver melhor e leu as primeiras linhas. – *Verum, sine mendatio, certum, et verissimum. Quod est inferius, est sicut quod est superius, et quod est superius, est sicut quod est inferius, ad perpetranda miracula rei unius. Et sicut omnes res fuerunt ab Uno, mediatione unius, sic omnes res natce fuerunt ab hac una re, adaptatione.*

Albertina riu-se.

– Ó professor, não percebo patavina. O meu latim, não sei se sabe, anda meio enferrujado...

– Isto é vero, sem mentira, certo e muito verdadeiro, – traduziu ele. – O que está em baixo é o que está em cima e o que está em cima é o que está em baixo, para realizar os milagres da coisa única. E assim como todas as coisas vieram do Uno, assim todas as coisas são únicas, por adaptação.

– Continuo sem perceber...

O historiador voltou a abrir a pasta.

– Já lhe disse que estamos perante conhecimento oculto, – explicou enquanto metia lá dentro o manuscrito. – O sentido da segunda e da terceira frase é ambíguo, mas Hermes Trismegisto parece estar a dizer aqui que o real é único e que as diferenças entre os átomos, nós e as estrelas são ilusórias, todos somos a

mesma coisa. O que está em baixo é o que está em cima e o que está em cima é o que está em baixo. Tudo, incluindo nós, é a coisa única, porque todas as coisas vieram do Uno. Ou seja, a impressão que nós temos de que somos individuais não passa de uma ilusão. Tudo na verdade está ligado, tudo é a mesma coisa, tudo é um. – No momento em que Tomás se preparava para explicar com mais detalhe as ideias fundamentais do texto que adquirira em Genebra, no entanto, a porta abriu-se e uma funcionária da fundação entregou a Albertina uma encomenda que acabara de chegar pelo correio. A secretária passou os olhos pelo pacote e voltou-se para o seu chefe.

– Senhor professor, é para si.

– Ah, deve ser o livro que encomendei pela Internet sobre hebraico antigo. Vem de Jerusalém, não vem?

Albertina consultou o embrulho.

– Não tem nome no remetente, senhor professor. Mas olhe que os selos são da Suíça.

O historiador atirou um olhar inquisitivo na direcção do embrulho.

Da Suíça?, – estranhou, estendendo o braço a pedir a encomenda. – Mas ainda ontem vim de lá...

A secretária levantou-se e entregou-lhe o embrulho com um sorriso malicioso a colorir-lhe os lábios.

– Deve ter deixado alguma admiradora por aquelas bandas...

II

Um ténue clarão violeta a anunciar a manhã nascia já para além do horizonte que os grandes pinheiros americanos recortavam em Bethesda, como espectros sussurrantes que se fundiam com a treva moribunda. A noite estava prestes a ser expulsa pelo sol, mas Walter Halderman ainda não se tinha deitado. Passara as últimas oito horas ao computador a escrever e a rever o relatório que teria de enviar nessa manhã para a Casa Branca, na convicção de que o seu esforço seria notado e o deixaria bem posicionado na Agência para quando o momento chegasse.

O telemóvel tocou.

Não era hora para ninguém ligar a ninguém, mas Halderman não deu sinais de ficar surpreendido, como se soubesse de onde vinha a chamada. Olhou para o visor, viu o número, carregou no botão verde e atendeu.

– Aqui Halderman.

– Boa noite, sir, – identificou-se a voz do outro lado da linha. – Peço desculpa por ligar a esta hora, mas tenho aqui uma chamada

urgente do nosso homem na embaixada em Berna. Insiste que é imperativo falar agora consigo. Posso passar?

– Passe.

Ouviu-se um clique na linha e apareceu uma outra voz.

– Alô?

– Aqui Halderman, director-adjunto da Direcção de Ciência e Tecnologia da CIA. Disseram-me que precisa de falar comigo com urgência.

– Ah, correcto. Chamo-me Paul Zelazny, do Departamento de Informações da embaixada na Suíça. Acabaram de me ligar da polícia de Genebra com uma notícia desagradável. Lamento informá-lo, mas há coisa de uma hora o seu director, Frank Bellamy, foi encontrado morto em circunstâncias... como direi?, bizarras.

– Frank Bellamy morreu?

– Yes, sir.

Halderman cerrou o punho, como se celebrasse a notícia, mas manteve um tom impassível.

– Como?

O interlocutor do outro lado da linha respirou fundo, dava a impressão de ganhar balanço.

– O cadáver dele foi descoberto num detector de partículas gigante do CERN. Parece que morreu asfixiado. A polícia suíça está a tratar do caso como sendo um homicídio.

– A sério? O que os leva a concluir tal coisa?

– Bem... comunicaram-me que Frank Bellamy deixou uma nota a identificar o homem que o matou.

– Oh? Quem é ele?

– A polícia suíça ainda está a tentar identificar o suspeito. Mas já me deram o nome e daqui a pouco enviam-me uma cópia da nota deixada por Frank Bellamy. O assassino é um tal Thomas Noronha. Parece-lhe familiar?

– Thomas? Não será Tomás?

– Ou isso.

– Sei quem é. A polícia já lhe deitou a mão?

– Estão a trabalhar nisso.

Halderman consultou o relógio; já eram quase seis da manhã.

- Oiça, senhor...
- Zelazny. Paul Zelazny.

– Oiça, Paul. Quando receber a cópia da nota deixada por Bellamy envie-ma para Langley com carácter de urgência, está bem? Quero vê-la no meu gabinete logo que lá chegue, porque faço questão de tratar pessoalmente do caso. Obrigado por ter ligado. Tenha um bom dia.

Sem esperar que o seu interlocutor se despedisse, desligou. Levantou os olhos para a janela e admirou o clarão da manhã a nascer, um sorriso de satisfação desenhado nos lábios enquanto a mente contemplava as magníficas perspectivas que se abriam diante dele.

Frank Bellamy estava enfim fora do caminho.

III

Naquele momento a atenção de Tomás estava centrada na encomenda, registada por correio expresso, que acabara de lhe ser entregue. Pegou nela e ficou um longo momento a contemplá-la, intrigado. Quem diabo lhe teria enviado o pacote da Suíça? A primeira coisa que fez foi verificar os selos; não havia engano, eram de facto da Confederação Helvética. Estudou as marcas sobre os selos e constatou que o embrulho tinha sido carimbado com data da véspera num posto de correio em Genebra.

- Que coincidência...

Ficou admirado com a casualidade, uma vez que no dia anterior ele próprio se encontrava na cidade suíça. Porque não lhe haviam entregado pessoalmente a encomenda? Talvez não soubessem que ele ali estava e tudo não passasse de facto de uma coincidência; era única explicação razoável que lhe ocorria. Passada a surpresa inicial, decidiu que o caso não merecia demasiada atenção. Embora estivesse habituado a suspeitar das coincidências, tinha consciência de que elas por vezes ocorriam, pelo que o melhor era mesmo passar adiante e abrir o pacote. Rasgou-o pelas bordas e retirou o conteúdo do interior. À primeira vista parecia um disco espesso, mas como vinha envolto em papel celofane não se percebia com exactidão do que se tratava. Teve por isso de o desembulhar até por fim poder ver o objecto que lhe fora enviado.

– C'um caneco!

Tratava-se de um artefacto de cobre com o formato de um ioiô gigante e bordas de cabedal, suficientemente grande para lhe encher a palma da mão. Uma das faces tinha esculpido um desenho geométrico com dois círculos exteriores cobertos de caracteres hebraicos e latinos e no meio uma estrela de David protuberante com as linhas banhadas a ouro.



A interjeição de Tomás atraiu a atenção da secretária.

– O que é, senhor professor? Passa-se alguma coisa?

O historiador analisou o objecto e o desenho que ele continha e depois voltou-o na direcção de Albertina.

– Mandaram-me um pentáculo, veja só.

– Que é isso?

– Um pentáculo é um amuleto usado em invocações mágicas.

– Passou o dedo pela geometria do pentáculo. – Este é, na verdade, o grande pentáculo. – Apontou para os caracteres *nnM naSw*, inscritos no topo do círculo exterior do desenho. – Está a ver isto aqui? É hebraico. Quer dizer Mafteah Shelomoh. Presumo que o seu hebraico não seja melhor que o seu latim...

A secretária riu-se.

– E presume muito bem.

– Pois Mafteah Shelomoh é o título em hebraico da *Clavis Salomonis*, um manual de magia geralmente atribuído ao rei Salomão. – Baixou a voz, como se partilhasse uma confidência. – É o que diz a lenda, claro. Na verdade a *Clavis Salomonis* é antes um produto do Renascentismo italiano dos séculos XIV e XV. Crê-se até que tenha inspirado outros manuais de magia famosos, como o *Lemegeton* e a *Clavícula Salomonis Regis*.

A expressão de Albertina era de confusão.

– Ah, muito bem. – disse, evidentemente sem nada entender. – E por que motivo lhe mandaram isso?

Tomás vasculhou no pacote desmembrado, à procura de alguma referência ao remetente ou qualquer carta ou postal ou mera nota manuscrita que lhe desse uma indicação, por mínima que fosse, sobre a origem e o motivo da encomenda, mas nada encontrou.

– Não sei. – rendeu-se. Voltou a analisar os selos da encomenda e o carimbo de Genebra e fez um esforço para perceber quem nessa cidade lhe poderia ter remetido o pentáculo. Logo que pensou nisso, uma ideia assomou-lhe à mente. – Ou se calhar... até sei. Só pode ter sido monsieur Perrin! Quem mais me enviaria uma coisa destas?

– É algum amigo seu?

– Monsieur Perrin é o comerciante de antiguidades a quem comprei a *Tabula Smaragdina*, de Hermes Trismegisto.

– E porque lhe enviaria ele esse... esse amuleto?

O historiador pegou no pentáculo, como se ao sentir-lhe o peso o medisse.

– Não faço a mínima ideia. – respondeu enquanto o passava de uma mão para a outra. – Talvez me queira convencer a comprá-lo. Esta gente costuma adoptar esse tipo de técnica de marketing, sabia?

– Ah! Quer dizer que isso é uma cópia?

Era uma boa pergunta, percebeu Tomás. Parou de projectar o pentáculo de uma mão para a outra e estudou-o melhor. Sentiu-lhe a textura, cheirou-o e passou os dedos pela superfície do cobre e pela borda de cabedal. Bem vistas as coisas, parecia autêntico. Se se tratava de uma cópia, concluiu com olho de especialista habituado a fazer peritagem de artefactos antigos, era realmente muito boa. Excepcional até.

– Talvez, não tenho a certeza. – Ficou um momento parado, a reflectir no caso, a pensar que não fazia sentido o comerciante ter-lhe enviado um original assim sem mais nem menos, sem informações nem qualquer garantia de que ele o comprasse; só podia ser uma cópia, tinha de ser uma cópia. Com um gesto subitamente resolutivo, guardou o objecto no bolso das calças. – Depois vejo isso. Vou levá-lo para mostrar aos tipos do laboratório e quero ver o que dizem eles. Talvez me façam um teste de carbono catorze, quem sabe?

– Uma vez que ainda ontem o senhor esteve em Genebra com esse comerciante, por que razão não lhe mostrou ele o amuleto nessa altura? Para quê enviá-lo pelo correio sem lhe explicar nada?

– Não sei, não sei. Como lhe disse, pode fazer parte da técnica de venda, sei lá...

Eram demasiadas perguntas para as quais não tinha resposta, pelo que decidiu arquivar o assunto num canto da mente; se o comerciante de antiguidades lhe remetera o pentáculo sem dar explicações, lá teria os seus motivos. Na altura própria trataria do

caso, mas não nesse momento. Havia muito a fazer e não via sentido em centrar-se numa coisa que lhe parecia irrelevante.

Encarou o monitor e embrenhou-se no correio electrónico. Leu os *e-mails* que o esperavam na sua caixa de correio e respondeu a todos. A seguir conectou-se com a sua página no *site* interno da Fundação Gulbenkian, dirigiu-se à função Relatórios de Compra e entrou. A página abriu-se e, no Assunto, escreveu “Aquisição da Tabula Smaragdina”. Começou a preencher o relatório com todos os dados solicitados no formulário.

– Professor Noronha?

Consultou amiúde as suas anotações e, sempre que necessário, recorria à memória para reconstituir a negociação que decorrera no estabelecimento de monsieur Perrin, junto ao lago Lemán. Lembrava-se da proposta inicial, da contraproposta do antiquário, do teatro que fizera a protestar porque o seu interlocutor – pedia o impossível. – da...

– Professor Noronha?

A imagem da negociação em Genebra esfumou-se nesse instante e os olhos atarantados de Tomás fixaram-se em Albertina.

– Hã?

A secretária estava sentada no seu lugar e tinha na mão o auscultador do telefone fixo do gabinete.

– Telefone para si. – anunciou ela. – É a doutora Maria Flor a ligar de Coimbra.

Ao ver o telefone, várias ideias assomaram quase em simultâneo à mente de Tomás. A primeira foi a memória do telefone a tocar; era como se na altura tivesse ouvido o som mas não o tivesse registado e só então o toque lhe entrasse na consciência. Dava a impressão de uma espécie de eco psicológico, parecia que o som havia ficado em fila de espera algures na sua cabeça a aguardar vez para entrar. A segunda foi que ainda na véspera, logo que desembarcara em Lisboa, falara com Maria Flor pelo telefone; sentia-se cansado de uma vida em que saltitava constantemente de mulher em mulher e precisava de assentar, mas não queria avançar demasiado depressa com ela, não era esse tipo de relação que procurava. E a terceira ideia, talvez idiota mas sem dúvida prática,

foi que estava com o seu telemóvel desligado por falta de bateria e teria de o carregar à primeira oportunidade, sob pena de ela só o poder contactar através do telefone fixo.

Foi uma sucessão de pensamentos numa fracção de segundo, até sair da sua letargia e fazer sinal à secretária.

– Passe-me a chamada.

– Aí vai.

Albertina carregou num botão do seu aparelho e transferiu a chamada para a mesa de Tomás. Antes de atender, ele levantou-se e fechou a porta; as conversas com Maria Flor eram pessoais e não queria que a secretária as escutasse. Depois voltou ao seu lugar, diante do computador, e pegou finalmente no auscultador do seu aparelho.

– Olá, Flor. – cumprimentou-a com a voz carregada de mel. – Não me digas que estás em pulgas para ver o presente que te trouxe de...

– Tomás. – cortou ela, a voz carregada de tensão e desconforto. – Senta-te e ouve com calma. Tenho uma má notícia para te dar.

Ao ouvir estas palavras, o historiador suspendeu a respiração. Sabia que um anúncio destes era um aviso para que se preparasse para qualquer coisa muito grave. Naquelas circunstâncias, intuiu, só podia tratar-se da mãe. Ela estava havia alguns anos a viver no lar que Maria Flor dirigia em Coimbra e o tom de voz da directora não augurava nada de bom.

– A minha mãe? – perguntou Tomás após uma pausa, quase sôfrego. – Aconteceu alguma coisa?

– Receio bem que sim.

No fundo esperava que ela o tranquilizasse, que lhe dissesse que a chamada nada tinha a ver com a mãe. Sentiu a resposta como uma bofetada.

– O quê? O quê? – quis saber, o estômago a doer-lhe de ansiedade. – O que lhe aconteceu?

Fez-se um curto silêncio do outro lado da linha, como se Maria Flor buscasse as palavras certas para dizer o que tinha a dizer.

– A tua mãe sofreu um ataque cardíaco. – anunciou-lhe ela no tom mais carinhoso de que foi capaz. – Vem depressa. Depressa, ouviste?

A notícia deixou Tomás estupefacto, sem reacção, os olhos vidrados, a boca entreaberta. Já perdera o pai e sabia que um dia perderia a mãe, mas esperava que a coisa levasse mais tempo, fosse mais lenta, que os dias não passassem tão depressa, que o inevitável fosse infinitamente adiado, que a orfandade não o deixasse tão só tão depressa.

– Ela.... – balbuciou Tomás, tentando dizer a palavra terrível mas recusando-se a pronunciá-la. Só a ideia da morte constituía uma punhalada cravada no coração. – Ela...

Ouviu um suspiro resignado do outro lado.

– Está em coma e resta-lhe pouco tempo.

IV

Do reflexo do espelho vinha-lhe a confirmação de que havia algo de errado com o nó da gravata. Desfê-lo e voltou a fazê-lo, desta vez equilibrando-o para apanhar melhor a parte espessa do tecido de seda. O espelho confirmou-lhe que por fim o nó ficara

perfeito, gordo e com o vinco a meio. Consultou o relógio e constatou que já eram sete da manhã.

Chegara a hora.

Pegou no telemóvel e procurou o director do Serviço Clandestino Nacional da CIA. Identificou o número de Harry Fuchs, carregou no botão e o telemóvel começou a chamar.

– Halderman, *you sonnavabitch!* – atendeu a voz do outro lado.

– O que queres?

– Bellamy morreu.

– Eu sei. Uma boa notícia, bem? A Agência não precisava de relíquias daquelas.

– Os Suíços estão a tratar o caso como um homicídio e isso pode complicar as coisas. Achas que há pontas soltas?

A resposta do outro lado tardou, como se o seu interlocutor estivesse a escolher judiciosamente as palavras. Quando enfim foi dada, o tom de Fuchs era de grande cautela.

– Estás a insinuar que foi o meu serviço que limpou o velho? – perguntou num tom sibilino. – É que eu, do meu lado, já me pus a cogitar com os meus botões sobre quem tinha mais a ganhar com despachar o avozinho. E adivinha em quem pensei em primeiro lugar? – A voz endureceu nesse instante. – Em ti, *motherfucker!*

– Não atires a porcaria para cima de mim! – rugiu Halderman.
– Não te atrevas!

– A porcaria vai ter de cair em cima de alguém, meu caro. – avisou o director do Serviço Clandestino Nacional. – Porque alguém o matou e eu já tratei das coisas para que ninguém me incrimine.

– Eu também tenho os meus álibis preparados, portanto tem cuidado com o que dizes e fazes, ouviste?

Fez-se uma curta interrupção na conversa, com ambos os lados a medirem a posição do outro.

– Ouve, a nota deixada pelo velho pode ser a solução para o problema. – sugeriu Fuchs, conciliador. – Já a viste? – Está no meu gabinete à minha espera, cortesia da nossa embaixada em Berna. Porquê, qual é a tua ideia?

– Essa nota menciona um nome, não menciona? Isso foi um golpe de sorte tremendo. Temos de ir com toda a força atrás desse

tipo. Por acaso sabes quem é?

– É um historiador e criptanalista português que, embora contrariado, já trabalhou duas vezes para nós. Uma por causa do Irão, outra por causa da Al-Qaeda. Um gajo astuto, temos de ter cuidado com ele.

– Cuidado com ele? Estás a gozar comigo ou quê? Desde quando é que um *motherfucker* qualquer mete medo ao director dos Serviços Clandestinos Nacionais da CIA? Não, esse fulano está tramado.

– Olha que ele foi decisivo daquela vez em que neutralizámos a Al-Qaeda, lembras--te?

– A Al-Qaeda? Olha lá, não me digas que foi o português que... que...

– É esse mesmo. Por razões de segurança nacional, o caso foi na altura catalogado como *top secret* e não chegou aos jornais. Mas eu vi-o em acção e digo-te, meu caro, ele é um vivaço. Não o devemos subestimar.

– Hmm... pergunto-me como é que o nome dele aparece na nota deixada pelo velho.

– Também eu. Estou farto de matar a cabeça, mas não encontro resposta. O Frank tratava-o mal, é verdade, mas sei que tinha apreço pelo tipo. O que o levou a nomeá-lo no papel antes de morrer é um mistério.

Fuchs fez uma pausa enquanto ponderava a situação. Quando voltou a falar, o tom de voz tornou-se afirmativo.

– Ouve, manda-me esse papel logo que o recebas de Berna, – disse. – Vou iniciar um processo de acção clandestina e preciso disso como justificação.

– Tudo bem.

– E não te preocupes mais com o caso, percebeste? Mistério ou não, vou fazer as coisas de modo que a merda não nos salpique, fica descansado.

Os dois homens desligaram sem se despedirem. Halderman voltou a erguer os olhos para a paisagem de Bethesda ao nascer do Sol e admirou a forma como em poucos minutos a luz límpida da manhã substituíra a noite. Depois vestiu o sobretudo azul- -

escuro, pegou na pasta e, a caminho da porta, voltou a parar diante do espelho. Tinha passado a vida inteira a lamber botas e a humilhar-se para agradar às pessoas no poder, na convicção de que, dentro de uma organização, e sobretudo uma organização pública, não ascende quem é recto e competente, mas quem sabe quais as botas que tem de engraxar e como conspirar e intrigar para afastar os que se lhe atravessam no caminho. Com Bellamy riscado do mapa, faltava-lhe um derradeiro passo para chegar a chefe da Direcção de Ciência e Tecnologia. Se jogasse as cartas certas e se Fuchs fizesse o que tinha a fazer, os derradeiros obstáculos seriam removidos e o lugar do defunto director seria seu. Seu e só seu. Ajeitou uma madeixa de cabelo desalinhado e dirigiu-se à porta para sair de casa, o sorriso de regresso aos lábios.

Tudo corria bem, o português iria arcar com as culpas.

O motor do *Volkswagen* começou a ronronar no momento em que Tomás rodou a chave da ignição. O condutor carregou na embraiagem, meteu a primeira, acelerou e o automóvel arrancou com um rugido impaciente e saiu do parque da Fundação Gulbenkian para se embrenhar nas ruas de Lisboa até o levar à auto-estrada em direcção a norte.

O início da viagem foi tudo o que Tomás registou das duas horas de percurso até Coimbra. Passou vezes sucessivas pela mente a conversa telefónica com Maria Flor, procurando sobretudo interpretar o tom das frases que ela proferira e o que se escondia nas entrelinhas para perceber se havia esperança, e depois centrou-se nas palavras fatídicas, aquelas que lhe anunciaram que a mãe tivera um ataque cardíaco, que se encontrava em coma e que o tempo urgia. Em coma? Com a idade que ela tinha, isso decerto significava que estava na antecâmara da morte. Se calhar a essa hora já falecera e ele ali fechado no carro sem saber nada. Não sabia nem podia saber porque na véspera, como se sentia demasiado cansado devido à viagem a Genebra, se esquecera de carregar a porcaria do telemóvel!

– Estúpido, estúpido, estúpido! – vociferou num murmúrio, amaldiçoando-se mil vezes pelo imperdoável lapso enquanto batia no volante a cada palavra. – Como é que me fui esquecer de carregar o telemóvel? E por que razão isto me acontece logo no dia em que mais preciso dele?

Essa era a realidade. Precisava de falar com Maria Flor, saber qual era o estado da mãe, conhecer as circunstâncias em que tudo acontecera, ouvir o que os médicos tinham a dizer e qual o prognóstico clínico, soprar pelo telefone palavras à mãe moribunda e despedir-se dela mesmo que ela não o conseguisse ouvir. O esquecimento da véspera, todavia, tornava tudo isso impossível. Teria de suportar o isolamento e o silêncio e a ignorância e a angústia, aquela ansiedade terrível que naquele momento lhe dilacerava as entranhas, até chegar a Coimbra. Sabia que precisava de informação, mas também sentia necessidade de conforto e tinha

noção de que a voz amiga de Maria Flor ao telemóvel poderia ajudá-lo animicamente. Lamentava não ter ficado mais algum tempo ao telefone com a sua amiga, sempre poderia saber mais coisas e obter maior conforto naquele momento difícil, mas a urgência de partir para Coimbra para ver a mãe sobrepujara-se a tudo.

Sacudiu a cabeça, como se quisesse expulsar os pensamentos que lhe ensombravam a alma.

– Tenho de pensar noutra coisa. – remoeu num rosar surdo. – Isto está a tornar-se obsessivo!

Fez um esforço para se concentrar noutro assunto. Mas qual? O pentáculo, respondeu logo a si mesmo. Forçou-se assim a pensar na encomenda que recebera nessa manhã de Genebra e tentou imaginar o que teria o comerciante de antiguidades em mente quando a remetera. O homem fizera uma jogada arriscada, no fim de contas nada lhe garantia que a fundação quisesse adquirir tal artefacto. Aliás, se Tomás fosse desonesto até poderia ficar com o grande pentáculo. A encomenda não viera registada nem com aviso de recepção, pelo que nenhum documento provava que a recebera de facto.

E seria genuíno? O artefacto parecia realmente verdadeiro, considerou, mas uma coisa dessas não tinha lógica. Por que motivo o antiquário lhe remeteria uma antiguidade daquelas sem lhe dizer uma palavra que fosse? Com certeza estava perante uma cópia. O laboratório da Fundação Gulbenkian iria seguramente confirmá-lo quando passasse por lá para entregar o objecto para análise. O que só aconteceria, claro, depois de vir de Coimbra, onde a mãe... a mãe...

– Está em coma e resta-lhe pouco tempo.

As últimas palavras pronunciadas por Maria Flor ao telefone voltaram a ecoar-lhe na mente. A mãe está em coma. Ou estava, à hora a que recebera a chamada. Quem saberia o que acontecera entretanto? Não dissera ela que lhe restava pouco tempo? Pouco como? Minutos, horas, dias? Será que, com aquela idade e após um ataque cardíaco, estaria ainda em coma? E se a situação tivesse evoluído entretanto? E se, depois daquela chamada, e enquanto ele fazia a viagem, a mãe tivesse... tivesse...

– Ah, lá estou eu outra vez! – berrou de repente no carro, revoltado e impotente, batendo de novo sucessivamente com a palma da mão no volante. – Isto não me sai da cabeça...

Por mais que se esforçasse e procurasse pensar noutras coisas, regressava sempre ao grande problema, como se um disco riscado rodasse em *loop* na sua cabeça. A mãe sofrera um ataque cardíaco, estava em coma e sobrava-lhe pouco tempo. Por pouco tempo entendia-se que a morte era iminente. Fizesse o que fizesse, pensasse no que pensasse, nada podia alterar essa dura e incontornável realidade. A mãe estava às portas da morte e em breve ele ficaria órfão. Sabia que a vida era o que era, um mero sopro na eternidade, o instante fugaz do bater de asas de uma borboleta, uma centelha de luz que se acendia e apagava na treva profunda, uma vitória que termina sempre em derrota, um caminho que por mais curvas que faça conduz inevitavelmente ao abismo, um sorriso que se desvanece em lágrimas.

Tinha, porém, esperança, oh como tinha!, de que ela ficasse só mais algum tempo com ele, só mais um bocadinho, só mais...

A torre sineira.

A imagem da urbe, coroada lá no topo pela torre sineira da velha universidade, irrompeu-lhe nesse momento na consciência e encheu-lhe os olhos com a magia do destino.

Chegara a Coimbra.

Galgou as escadas em passo acelerado e com a mesma pressa percorreu o corredor da enfermaria a ziguezaguear entre as macas, a respiração já ofegante, inalando o cheiro asséptico de mercurocromo e álcool etílico que pairava no ar, mas determinado a chegar o mais depressa possível ao quarto e saber o estado em que se encontrava a mãe. Os números dos quartos eram assinalados nas portas, por isso percebeu que já estava perto.

– Catorze... quinze... dezasseis! – murmurou, arquejante, enquanto enumerava os quartos até chegar ao da mãe. – É aqui.

Entrou de rompante no pequeno compartimento e a primeira pessoa que viu foi Maria Flor. Encontrava-se sentada aos pés de uma cama, bonita e serena, os olhos grandes de chocolate, o cabelo castanho a desenhar um halo de luz que lhe conferia um

toque alourado nas bordas. Parecia um anjo iluminado por uma auréola, mas tratava-se simplesmente do efeito da forte claridade que jorrava da janela.

– Tomás! – exclamou ela, o rosto abrindo-se num sorriso aliviado. – Finalmente!

O recém-chegado avançou até junto da cama, o olhar ansioso a procurar a pessoa que nela se deitava. Deparou-se com o rosto familiar da mãe numa expressão inesperada.

Sorria.

– Olá, meu filho. Bons olhos te vejam!

De atenção colada na mãe, Tomás abria e fechava a boca sem emitir nenhum som, abismado. Parecia um peixe num aquário. Queria falar mas não sabia como; na verdade nem sabia o que pensar. Esperara encontrá-la mal, provavelmente inanimada, talvez já morta.

E ela sorria-lhe.

– Mãe! – acabou por dizer. – Está bem?

– Claro que estou. – devolveu ela com grande jovialidade. – Homessa! Para quê essa cara?

O olhar estupefacto do filho saltou da mãe para Maria Flor e de volta à mãe, a querer entender a situação mas sem nada compreender realmente. Preparara-se para tudo menos para aquilo.

– A mãe não teve... não teve... enfim, um... – Hesitou, evitando mencionar as palavras certas, como se pronunciar a expressão ataque cardíaco lhe estivesse interdito. – Um... problema?

Dona Graça fez uma careta, acompanhada por um gesto vago com a mão.

– Oh, foi uma coisita de nada. – devolveu ela. – Aqui a doutora Maria Flor ficou preocupada, mas, para falar com franqueza, tudo isto não passa de um dramalhão despropositado. Fazem um grande escarcéu por causa de uma ninharia. Basta uma pessoa ter um problemazito qualquer, um achaquezinho de nada, e... parece que é o fim do mundo e o diabo a quatro, e trazem-nos de escantilhão para o hospital. – Bufou. – Ufa, valha-me Deus! Isto é tudo um exagero! – Ergueu o indicador direito para sublinhar a sentença. – Um exagero, digo-te eu.

Exagero parecia de facto a palavra adequada. De que outra forma se poderia explicar que num momento dessem a entender a Tomás que a mãe estava às portas da morte e, quando duas horas depois a via, ela parecesse fresca e a respirar saúde?

Lançou um olhar levemente reprovador na direcção de Maria Flor, a expressão de quem a questionava por lhe ter pregado um susto por uma ninharia.

A directora do lar, porém, não se descompôs. Levantou-se da cadeira e fez sinal a Tomás.

– Anda daí, se faz favor.

Fecharam a porta do quarto, para que dona Graça não os ouvisse, e olharam em redor à procura de um lugar tranquilo. O corredor não era propriamente o sítio mais discreto para uma conversa, afinal o espaço estava pejado de macas com pacientes sem lugar nas enfermarias, mas encontraram um canto onde poderiam falar à vontade.

– A tua mãe teve um colapso logo pela manhã e perdeu a consciência. – começou Maria Flor por dizer. – Enquanto o meu pessoal tentava reanimá-la com o desfibrilhador, chamei a ambulância e o paramédico diagnosticou-lhe um ataque cardíaco. Trouxemo-la logo aqui para o hospital e o cardiologista de serviço levou-a directamente para a sala de reanimação. Ficaram lá uns bons quinze minutos. Enquanto esperava, liguei várias vezes para o teu telemóvel, mas estava desligado.

– Desculpa, esqueci-me de o carregar...

– A certa altura o cardiologista saiu e veio falar comigo. – acrescentou ela, ignorando a justificação. – O doutor Colaço confirmou que a tua mãe tinha sofrido um ataque cardíaco e disse que tentara reanimá-la sem sucesso. Como deves imaginar, quando ele me contou isto fiquei lívida. O doutor explicou-me que, na prática, ela tinha de facto morrido, embora tecnicamente ainda não pudesse decretar-lhe o óbito, o que faria mais daí a pouco. Segundo ele, o coração parara e o electroencefalograma registava havia já alguns minutos zero de actividade cerebral. Nessa altura uma enfermeira apareceu à porta aos gritos: ‘Doutor Colaço, venha cá!, depressa, depressa!’ O médico regressou à sala de reanimação e,

quando fiquei sozinha, percebi que tinha mesmo de falar contigo. Lembrei-me que devias estar na Gulbenkian e liguei para o número da fundação. Ia-te anunciar que a tua mãe tinha falecido, mas não tive coragem. Além do mais, os gritos da enfermeira mostravam-me que talvez houvesse esperança, e foi por isso que optei por te dizer que ela estava em coma.

Tomás indicou a porta do quarto dezasseis.

– Parece evidente que não morreu...

– Pois, mas não te esqueças de que, na prática, a tua mãe morreu e ressuscitou. – avisou Maria Flor, preocupada em sublinhar esse ponto. – É importante teres isso em mente quando estiveres a falar com ela, percebeste? Senão nada faz sentido.

– Estás a dizer-me que o cérebro dela foi afectado?

– Não exactamente. Aliás, parece-me muito mais lúcida do que na maior parte do tempo em que está lá no lar. Dá mesmo a impressão de que a sua capacidade de raciocinar melhorou, se é que uma coisa dessas é possível. Para uma pessoa que sofre de Alzheimer há alguns anos, diria até que a tua mãe está excelente.

– Isso... isso é magnífico!

– Sim, mas lembra-te de que ela morreu e ressuscitou. Não te esqueças disso, ouviste?

O historiador esboçou um esgar de incompreensão.

– Estás a falar de quê? – quis saber. – Se ela se mostra mais lúcida do que o normal, se o raciocínio melhorou e o seu estado mental parece excelente, qual é exactamente o problema?

Maria Flor respirou fundo e deu meia volta, reencaminhando-se para o quarto dezasseis.

– Quando falares com ela já vais perceber...

Dona Graça permanecia deitada com o cobertor pelo peito. Continuava sorridente e mostrava até um ar beatífico desconcertante. Parecia em paz consigo mesma.

– Então, meu filho, como tens andado? – quis ela saber numa voz langorosa. – Continuas a viajar por esse mundo fora?

– Sim, ainda ontem vim de viagem.

– Não me digas que foste a um desses países maometanos, daqueles onde explodem bombas a toda a hora e passam a vida a

cortar a cabeça das pessoas. – repreendeu-o num tom preocupado.
– Quando é que tens tino, rapaz? O teu pai mandou-me zelar por ti, mas olha que na minha idade há muitas coisas de que não te posso proteger. No fim de contas estou velha e fraca e faltam-me as forças para te ajudar...

– Pois, não se preocupe comigo. – devolveu Tomás, procurando mudar o rumo da conversa. Afagou a mão dela; estava surpreendentemente quente e macia. – E a mãe, como se sente?

O sorriso beatífico regressou ao rosto de dona Graça.

– Uma maravilha. – afirmou. – Para dizer a verdade, há muito tempo que não me sentia tão bem.

– A sério? – animou-se o filho. – Então e porquê? – Piscou-lhe o olho, numa expressão cúmplice. – Não me diga que andou a comer chocolates às escondidas...

A mãe riu-se.

– Quais chocolates, qual carapuça! Sinto-me bem porque estive com o teu pai, pois claro. Já não o via há tanto tempo e tinha muitas saudades dele. Achei-o muito bem, se queres que te diga.

– Ah sim? Andou a ver os seus velhos álbuns de fotografias?

Nova gargalhada de dona Graça.

– Que álbuns? Estive com ele, meu filho. Trocámos algumas palavras e tudo. – Suspirou. – Só foi pena ter sido tão breve...

– Pois é, os sonhos bons são sempre breves, não são? Queremos que se prolonguem, que durem para sempre, mas acabam logo. – Fez um estalido com a língua. – É uma maçada.

– Ora essa, não foi sonho nenhum! – protestou ela, impacientando-se com a lentidão de raciocínio do filho. – Já te disse que estive mesmo com o teu pai. Ou não acreditas?

Tomás acariciou-lhe a mão; o Alzheimer tinha daquelas coisas.

– Oiça, mãe, o pai já não está connosco. – explicou-lhe com doçura. – Morreu há alguns anos, não se lembra?

– Bem sei, filho, bem sei. – assentiu a mãe. – Lembro-me perfeitamente de ter ido ao funeral. Mas estou a dizer-te que estive agora com ele.

– Agora? Quando?

– Esta manhã. Há duas horas.

O olhar de Tomás desviou-se para Maria Flor, que permanecia sentada na cadeira aos pés da cama, como se a questionasse sobre aquela conversa. A directora do lar, no entanto, limitou-se a devolver o olhar e a encolher os ombros, como quem dizia que o tinha avisado.

– Foi maravilhoso. – murmurou dona Graça, um brilho sonhador a cintilar-lhe nos olhos, tão verdes como os do filho. – Morri e estive com o teu pai. Foi maravilhoso.

– É tudo o que temos, sir.

Depois de bater à porta e pedir licença para entrar, a secretária havia atravessado o gabinete e pousado sobre a mesa uma pasta de cartão cinzento repleta de relatórios e fotografias, a capa a indicar o nome Tomás Noronha e o carimbo *top secret* estampado a vermelho por baixo do logotipo da CIA.

– E o documento da Direcção de Ciência e Tecnologia? – quis saber o chefe. – O Halderman já o enviou?

A secretária abriu a pasta que depositara na mesa e mostrou a folha que lhe era pedida.

– Está aqui, sir.

O olhar de Harry Fuchs pousou na folha.

Ψ

The key: Tomás Noronha

– Então esta é que foi a pista que o velho deixou, hem? – sorriu com malícia. – Um sinal a dizer-se crucificado e a responsabilizar este Thomas Norona.– Balançou afirmativamente a cabeça, satisfeito com o que via. – Muito conveniente, sim senhor.

– É tudo, sir?

O director puxou para si a pasta que a secretária lhe trouxera e espreitou o que estava por baixo da folha remetida pela Direcção de Ciência e Tecnologia. O primeiro documento que viu foi uma fotografia do historiador português em primeiro plano a sorrir para a câmara.

– Só mais uma coisa, Tish. – disse, a atenção presa na fotografia. – Passa-me o nosso homem na embaixada em Lisboa. É urgente.

– Yes, sir.

A secretária saiu do gabinete e fechou a porta. O director do Serviço Clandestino Nacional folheou os documentos inseridos na

pasta e deteve-se num relatório sobre o caso do Irão. Depois consultou o dossiê que tinha ao lado, em nome de Frank Bellamy, e analisou a lista das tecnologias que a Direcção de Ciência e Tecnologia pusera nos últimos anos à disposição dos operacionais do Serviço Clandestino Nacional. A sua atenção ficou retida numa descoberta que o director agora assassinado sempre se recusara a entregar aos seus colegas da CIA. Chamava-se *Quantum Eye*, ou *Olho Quântico*, e era um projecto que o velho nunca partilhara com ninguém.

– Os teus segredinhos acabaram, *motherfucker*. – murmurou Fuchs, contemplando a linha que mencionara o *Olho Quântico*. – Agora que bateste a bota, esse material vai passar para mim.

O telefone tocou.

– Tenho em linha o nosso homem em Lisboa, sir. – anunciou a secretária. – Chama-se Jim Krongard.

A linha fez clique e a chamada foi transferida para a ligação à embaixada americana em Lisboa.

– Mister Krongard. – disse Fuchs à laia de cumprimento enquanto fechava o dossiê de Bellamy. – Temos nas mãos um problema de canalização e preciso que me trate disso. Espero que seja um bom canalizador...

– É justamente para isso que cá estou, sir. Quais são os elementos?

– O alvo chama-se Thomas Norona e assassinou em Genebra o responsável pela nossa Direcção de Ciência e Tecnologia. Coisa muito grave, como vê. Temos a informação de que o *cocksucker* está já de regresso a Portugal. Apanhe-o.

– Como quer que faça a articulação com a polícia portuguesa, sir? Passo-lhe simplesmente a informação ou peço também para acompanhar o caso?

– Não quero a polícia local envolvida nisto. Aliás, não quero mais ninguém senão a Agência. Tem de ser uma operação discreta. É preciso que você seja o único operacional em acção.

Ouviu-se uma hesitação no outro lado da linha.

– Mas... mas, sir, a nossa política em Portugal e nos restantes países da NATO tem sido...

– O *motherfucker* matou um director da CIA! – berrou Fuchs ao telefone. – Acha que temos de estar com delicadezas num caso destes? Não me parece! O *shithead* vai ter de pagar o preço pelo crime que cometeu, entendeu? Localize-o e detenha-o!

– E depois o que faço? Mando-o para aí? Se for assim, preciso que autorize um avião de transporte a descolar de...

– Vou dar autorização para o avião, fique descansado. – interrompeu-o de novo o irascível director do Serviço Clandestino Nacional. – Mandar-lhe-ei também um dossiê sobre o assunto e uma ordem confidencial para o deter. Mas isso não passará de papelada para cobrir o nosso rasto. Não quero que o homem chegue cá, se é que me faço entender.

A voz do outro lado da linha voltou a vacilar, na dúvida sobre o sentido preciso desta última instrução.

– Uh... não muito bem, na verdade. Pode ser mais específico, sir?

A língua de Harry Fuchs enrolou-se num estalido impaciente.

– Oiça lá, você nasceu burro ou está a gozar comigo? – irritou-se. – Detenha o tipo e deixe-o fugir, percebeu? O *cocksucker* matou um dos nossos e por isso não quero que venha para aqui e depois vá para a prisão. Isso seria bom de mais para ele!

O seu interlocutor parecia perplexo.

– Deixo-o fugir?

O director do Serviço Clandestino Nacional da CIA desviou os olhos com enfado e bufou, agastado com o raciocínio lento do agente em Lisboa.

– Para que o possa abater. – clarificou com um novo berro, a face enrubescida e a carótida a pulsar-lhe no pescoço. – Deixe-o fugir para que o possa abater! Está claro agora?

O seu interlocutor assentiu num tom monocórdico.

– Claríssimo.

VII

Um certo ar sonhador banhava o rosto pálido de dona Graça, apesar das rugas que o riscavam e dos anos de desgaste. A paciente parecia serena, tranquila e em paz, e falava devagar, como se saboreasse cada palavra e cada ideia. O que dizia mostrava-a mais lúcida do que em quase todo o tempo que o filho a vira nos últimos anos.

– Tudo começou no momento em que senti uma dor aguda apertar-me aqui no peito. – contou ela, pousando a mão sobre o coração para indicar o local. – A dor era tão grande que só me lembro de cair no chão. Quando acordei, dei comigo dentro de uma carrinha. Havia fios ligados a mim e um homem de óculos e bata branca fazia-me força no peito. – Desviou o olhar para Maria Flor. – A doutora estava atrás desse homem e parecia muito aflita, coitadinha. Tinha a mão na boca enquanto me observava.

– Ah, então a mãe recuperou os sentidos dentro da ambulância...

A acompanhar a conversa aos pés da cama, Maria Flor abanou a cabeça e interveio.

– Não recuperou nada. – esclareceu. – Eu ia lá dentro e assisti a tudo. A dona Graça estava de olhos fechados no interior da

ambulância com uma paragem cardíaca. A única coisa que aconteceu foi que o paramédico passou a viagem inteira a tentar reanimá-la. Sem sucesso, aliás. As linhas no monitor da máquina que lhe media as pulsações saíam todas na horizontal. Ela encontrava-se em paragem cardíaca, sobre esse ponto não tenho a menor dúvida.

– Isso não faz sentido. – contestou Tomás. – Se a minha mãe se lembra de ver o paramédico a reanimá-la é porque recuperou os sentidos e tinha os olhos abertos. – argumentou como quem expõe uma evidência. – Caso contrário, como se explica que ela o tenha visto a massajá-la e a ti sentada atrás dele?

Como em resposta a esta objecção, a directora do lar fez um gesto na direcção da paciente.

– Dona Graça, conte lá o resto.

A idosa mantinha uma expressão angélica desenhada no rosto. Ninguém diria que sofrera nessa manhã uma paragem cardíaca e fora dada como morta.

– A certa altura a porta do carro abriu-se e puseram-me numa maca com rodas. Apareceram novas pessoas de bata branca que me levaram para dentro de um edifício, presumo que fosse o hospital. Vi ainda mais gente de bata branca à minha volta numa grande azáfama e a certa altura dei por mim numa sala cheia de engenhocas.

– A sala de reanimação. – identificou Maria Flor. – Volto a chamar a atenção para o facto de que a vi entrar lá dentro e, sem a menor dúvida, quando isso aconteceu ela estava inanimada.

Dona Graça passou a mão pelo cabelo, tentando em vão ajeitá-lo.

– Foi então que saí do meu corpo.

– Perdão? – interrompeu-a Tomás. – Levantou-se?

– Não, não me levantei. Estava deitada numa maca e tinha um outro médico e duas enfermeiras à minha volta. Mas, não sei bem explicar isto, o que aconteceu foi que... saí do meu corpo.

– Saiu do seu corpo como?

Dona Graça encolheu os ombros, como se não tivesse explicação e se limitasse a constatar um facto.

– Não sei. Senti-me a levitar e saí do meu corpo, não sei dizer isto de outra maneira. Dei comigo no tecto da sala a observar o meu corpo deitado na maca e o médico e as enfermeiras num frenesim em meu redor. A certa altura o médico bateu com o joelho na esquina de um móvel e gritou de dor, coitado. Andava tudo numa roda-viva indescritível, mas no meio daquela confusão ainda consegui ouvir o que eles diziam.

– Ouviu? O que ouviu exactamente?

– Oh, sei lá. –riu-se ela. – Se queres que te diga, nem percebi bem a conversa. Eles usavam aqueles termos clínicos incompreensíveis que os médicos às vezes usam, estás a ver? – Mudou a voz, como se imitasse alguém. – Ministre-lhe o não-sei-quantos, prepare-me o não-sei-quê, veja lá o que o cardio-não-sei-que-mais está a registar, ela não está a reagir ao coiso... essa conversa. Depois o doutor carregou-me no peito e fez força várias vezes, exactamente como nos filmes.

– Está bem, já percebi. – assentiu o filho. – Portanto a mãe sentia que estava a assistir a tudo isso do tecto. E depois?

– Depois continuei a levitar e a subir cada vez mais, até que de repente ficou tudo escuro e entrei numa espécie de túnel. Foi nessa altura que vi uma luz lá ao fundo, como se estivesse no metro.

– Devia estar assustada...

– Por acaso não. Sentia-me até bem tranquila, parecia-me tudo muito agradável. Cheguei a pensar: ah, então isto é que é morrer. Para minha grande surpresa, não fiquei nada preocupada com essa possibilidade.

– E o que aconteceu a seguir?

– Flutuei na direcção da luz, como se ela me puxasse, até que saí do túnel e me deparei com os meus pais e a minha irmã Lourdes num lugar bonito. Eles abraçaram-me e a Lourdinhas levou-me para um sítio onde vi a minha vida a decorrer, era a vida toda mas foi tudo muito rápido, não sei explicar como é possível comprimir a vida inteira num instante, mas foi o que sucedeu. Assisti a coisas que se passaram quando eu era criança, os meus namoricos de adolescente, a escola, o meu casamento, o teu nascimento, as tuas brincadeiras na cama nas manhãs de domingo... tudo. A seguir

apareceu o teu pai e disse-me que voltasse para trás, que regressasse à vida porque a minha hora ainda não tinha chegado. Como me sentia tão bem, disse-lhe que não, queria ficar ali com ele, mas o teu pai insistiu que não podia ser e explicou-me que eu podia ser necessária para zelar por ti porque ias passar por um grande perigo na tua próxima viagem. Foi isso que me convenceu a voltar. Fiz meia volta e no momento a seguir dei comigo deitada na maca daquele quarto. A enfermeira viu-me de olhos abertos e correu para a porta aos berros, a dizer: ‘Doutor Colaço, venha cá!, depressa, depressa!’ – A idosa abriu as mãos, no gesto de quem concluiu o que tinha a contar. – E foi assim que tudo se passou.

As palavras de dona Graça desvaneceram-se num silêncio solene. Tomás havia sustido a respiração enquanto a mãe falava e digerira ainda o que acabara de escutar. Trocou com Maria Flor um olhar carregado de perplexidade e aguardou mais um instante para ver se havia alguma coisa que não lhe fora dita. Quando percebeu que a amiga nada tinha para acrescentar ao relato, voltou a sua atenção para a mãe.

– Contou essa história ao médico?

Dona Graça suspirou.

– Olha, filho, se queres que te diga com franqueza, estive para não contar. Tive medo que achasse que eu andava taralhounca de todo e me pusesse na ala dos maluquinhos. Mas o coitado apareceu-me no quarto a coxear e, quando o vi naquele estado, aconselhei-o a pôr o móvel noutra sítio porque senão ia acabar por bater outra vez na esquina e magoar-se a sério. O doutor ficou muito admirado quando lhe disse isto e perguntou como sabia eu que ele tinha batido com o joelho na esquina do móvel.

– Foi apanhada. – sorriu Maria Flor.

– Pois é, fui apanhada. De modo que lá lhe contei que o tinha visto a magoar-se na esquina do móvel. Ele respondeu que isso era absolutamente impossível, eu naquele momento tinha o coração parado e os instrumentos não registavam nenhuma actividade no meu cérebro, por isso não podia ter visto o que se passou e estava mas era a contar uma coisa que tinha ouvido às enfermeiras. – Dona Graça carregou as sobrancelhas. – Ah, quando ele disse isto,

eu fiquei... olha, fiquei pior que uma barata, nem imaginas! Fula, fula, fula.

– Porquê? – admirou-se o filho. – Essa história é absolutamente incrível. Parece-me normal que ele duvidasse do que lhe estava a contar...

– O doutor estava a chamar-me mentirosa! – protestou ela. – Mentirosa, eu? Ah, não! Isso eu não podia admitir, de modo nenhum! Antes quero que me achem taralhoca do que me chamem mentirosa. Mentirosa não! Não admito tal coisa! Por isso deu-me uma coisa má e, olha, vai daí contei-lhe tudo. Tudo, tudo, tudo. relatei-lhe o que aconteceu desde que dei comigo dentro da ambulância até ao momento em que voltei para trás e abri os olhos na maca. Não ficou nada por contar.

– E ele? Como reagiu?

Dona Graça esboçou um ar pensativo.

– A bem dizer, não fez nada de especial. – murmurou. – Ouviu-me em silêncio e, quando acabei, limitou-se a agradecer-me e a observar que eu tinha vivido uma experiência muito especial. Mandou as enfermeiras fazerem-me uns testes ao coração e depois ordenou-lhes que me pusessem neste quarto privado. Mais nada.

– Ele acreditou no que lhe contou?

– Ora essa! – protestou dona Graça com indignação. – Por que razão não havia de acreditar? Quem te ouvir até vai pensar que o doutor foi um idiota por se fiar em mim!

– Não é isso. – desculpou-se Tomás, percebendo que teria de ter mais cuidado com as palavras para não ferir a susceptibilidade da mãe. – O que quero saber é se ele achou a história normal. A mãe tem de concordar que não é todos os dias que se ouve uma coisa dessas, não lhe parece?

– Pois não. – aceitou ela, acalmando-se. – Foi por isso que o doutor disse que vivi uma experiência muito especial. Eu não estava a mentir e, segundo me pareceu, ele também não achou que eu estivesse a tentar enganá-lo. – Apontou para o filho. – Aliás, e se bem te conheço, acho até que tu estás com mais dúvidas do que ele.

Touché, pensou Tomás. Os acontecimentos apresentavam-se no entanto ainda muito frescos e pensou que provavelmente o melhor seria ocultar o seu cepticismo, não fosse a mãe enervar-se e sofrer um novo colapso cardíaco. O mais importante naquele momento era impedir que uma coisa dessas acontecesse.

– Não, claro que não tenho dúvidas nenhuma. – acabou por dizer. – Estava só a... enfim, a tentar perceber como reagiu o médico a tudo isso.

Dona Graça abanou a cabeça.

– Ó filho, já te conheço de ginjeira. – observou com um sorriso condescendente. – Sabes uma coisa? És igualzinho ao teu pai! Igualzinho. Só acreditas no que diz a ciência e no que se pode provar cientificamente, mais nada. Tudo isso é muito bonito, admito, a ciência e o racionalismo e o método científico e todas essas coisas, mas há realidades que a vossa santa ciência não pode explicar. O que me aconteceu esta manhã, por exemplo, é uma delas. O teu pai a esta hora já sabe isso, claro, mas tu, rapaz, tu és mais casmurro que um burro velho, irra! A não ser que te aconteça, nunca acreditarás. E, se bem te conheço, mesmo que uma coisa assim te aconteça, continuarás a não acreditar...

– Acredito, acredito. – insistiu Tomás da forma mais convicta de que foi capaz. – Claro que acredito.

– Mentiroso. – repetiu a mãe. – Mas não faz mal, gosto de ti na mesma, não te preocupes. – Pegou na borda do cobertor e puxou-a para cima. – Agora, e se não se importam, deixem-me descansar, está bem? Tive uma manhã muito preenchida e já não tenho idade para estas coisas. – Fez um gesto vago na direcção da porta do quarto. – Vão lá dar uma volta que eu quero dormir um bocadinho, pode ser? – Sem aguardar resposta, dona Graça ajeitou a almofada e aconchegou-se por baixo do cobertor, preparando-se para dormir. O filho inclinou-se sobre ela, beijou-a na testa e foi à janela baixar as persianas. Depois fez sinal à amiga e saíram ambos do quarto em pezinhos de lã.

Ao chegar ao corredor, Tomás olhou nos dois sentidos, à procura de um responsável clínico, mas as únicas pessoas que via eram os pacientes deitados nas macas a perder de vista.

– Preciso de falar com o médico. – disse ele. – Quero perceber melhor o estado em que a minha mãe se encontra.

– O doutor Colaço saiu há pouco para almoçar, mas disse-me que voltava à tarde. – explicou Maria Flor. – Parece que quer fazer uns exames mais pormenorizados à tua mãe, incluindo um novo electrocardiograma e também um encefalograma. Penso que vai ser uma boa oportunidade para falares com ele.

– O médico foi almoçar?

A amiga levantou o braço esquerdo e voltou o mostrador do seu pequeno relógio para ele.

– É quase uma da tarde, já reparaste? Hora da paparoca, menino. O doutor Colaço pode ser médico, mas não é parvo. Quando o estômago protesta, ele sabe que tem de o satisfazer.

– Então se calhar era melhor seguirmos-lhe o exemplo. – sugeriu ele. – Vá, anda daí.

Tomás pegou-lhe pelo cotovelo e puxou-a. Começaram a percorrer o corredor do hospital lado a lado e Maria Flor, solta e brincalhona, empurrou-o contra a parede e largou uma gargalhada.

– Ah, também estás com fominha...

O historiador alinhou na brincadeira e respondeu-lhe na mesma moeda, empurrando-a também.

– Estou com fome e com vontade de esclarecer o que aconteceu com a minha mãe. – disse. Ficou de repente muito sério. – Sabes, aquilo que ela contou não é nada normal, não achas?

– Normal não é, realmente. – reconheceu a amiga. – Mas pareceu-me sincero. Ou não acreditas que ela esteja a dizer a verdade?

– Não, com certeza que contou a verdade. – respondeu. – A minha mãe estava a ser franca e relatou o que acredita ter-lhe mesmo acontecido. A questão não é saber se dizia a verdade, porque dizia de facto. A questão é determinar se lhe aconteceu mesmo aquilo que ela acha que aconteceu.

– Olha que já li textos de outras pessoas a dizerem coisas semelhantes quando estavam às portas da morte. O que ela nos contou bate certo com inúmeras histórias do género.

– Talvez. – concordou Tomás. – Sou historiador e até já me cruzei com relatos parecidos ao longo do tempo. Platão, por exemplo, na República, escrita no século IV antes de Cristo, contou a história de um soldado que morreu no campo de batalha e que, ao ressuscitar no velório, falou numa viagem pelas trevas até uma luz onde, acompanhado por guias, fez um balanço da sua vida e viveu uma experiência de grande beleza, paz e alegria.

– Então qual é a tua dúvida?

– Não acredito em nada disso. Fico com a impressão de que estamos a lidar com narrativas míticas e intrujices que exploram a credence de muita gente. Quem não gostaria de viver depois da morte? As pessoas dão crédito a estas patranhas e são facilmente sugestionáveis porque acreditam no que querem acreditar.

– Achas que a tua mãe foi sugestionada por alguém?

Tomás caminhava com os olhos a saltitarem entre os pacientes amontoados em macas pelo corredor do hospital e levou algum tempo a responder. Só quando chegou à beira das escadas é que se deteve e, com uma expressão meditativa, encarou a amiga e respondeu à pergunta.

– A minha mãe sofre de Alzheimer, – lembrou. – Daí às alucinações é um passo.

VIII

Meticuloso e atento aos pormenores, James Krongard imobilizou-se diante do prédio de Lisboa. O agente da CIA observou com cuidado o primeiro andar, à procura de algum movimento no interior, mas nada detectou. Tal não queria dizer nada, sabia, pelo

que se aproximou da caixa de intercomunicação e identificou o botão do apartamento. Preferia ter telefonado, mas descobrira que o seu alvo tinha cancelado o telefone fixo e estava com o telemóvel desligado, e isso deixara-o sem opções.

Carregou no botão e esperou. Nada aconteceu. Carregou outra vez e de novo não obteve qualquer resposta. Insistiu, sempre com o mesmo resultado. Havia a possibilidade de o inquilino estar no banho ou a usufruir de um momento mais tórrido com uma companhia feminina, claro, pelo que deixou passar dez minutos e só depois voltou a tocar à campainha. Mais uma vez não houve qualquer reacção.

Convencido enfim de que o apartamento se encontrava deserto, premiu um botão do segundo andar.

– Quem é? – perguntou uma voz no intercomunicador.

– Correio para o professor Tomás Noronha.

– Não é aqui, é no primeiro andar.

– Pois, mas ninguém responde e eu tenho comigo um telegrama urgente do estrangeiro.

Ouviu-se um zumbido eléctrico e um estalido e a porta do prédio soltou-se. Krongard entrou e, caminhando com calma e passo seguro, subiu ao primeiro andar pelas escadas e parou diante do apartamento do seu alvo. Calçou as luvas e tirou dois arames do bolso. Ajoelhou-se e inseriu os arames pelo buraco da fechadura, manipulando-os até a destrancar.

A porta abriu-se e o homem da CIA espreitou para dentro do apartamento. Estava tudo quieto. Deslizou para o interior e fechou a porta com um movimento suave. A seguir esquadrinhou o apartamento em passo leve e inaudível, passando todas as assoalhadas em revista. Como já calculava, não havia ali ninguém.

Restava-lhe aguardar.

Foi à cozinha e abriu o frigorífico. Estava quase vazio, mas havia uma lata de cerveja portuguesa na primeira prateleira. Abriu-a e voltou para a sala, onde se sentou no sofá a beber em golos espaçados. Não se importava de esperar. A vida de um agente secreto era feita de longas esperas e as circunstâncias em que se encontrava até eram agradáveis, sem comparação com o

desconforto que vivera nas suas anteriores missões em Kandahar e Peshawar, onde a companhia do álcool lhe estava interditada. Mesmo assim, tinha esperança de que o alvo não o fizesse esperar demasiado, até porque nessa noite queria ver o jogo dos Boston Celtics na televisão.

Mais importante, desejava que a morte de Tomás Noronha fosse rápida e limpa.

IX

Saracoteando na ponta das velas, as chamas trémulas produziam uma luz amarelada irrequieta que conferia um certo ambiente medievalesco à cave transformada numa adega e restaurante. O clarão desassossegado projectava sombras fantasmagóricas nas paredes de tijolo vermelho e o surpreendente era que isso tornava o lugar mais acolhedor e agradável. O palco montado num canto da sala, no entanto, constituía a prova de que aquele espaço talvez não fosse o mais adequado para quem, como Tomás e Maria Flor, apenas queria um almoço recatado com uma conversa delicada na ementa.

Sentados no palco estavam quatro estudantes de capa e batina negra, dois numa cadeira abraçados a guitarras portuguesas e dois em pé ao microfone. Tinham vozes melancólicas mas nada melosas, como se requeria no fado de Coimbra, para o qual a doçura estava nos versos, não nas gargantas que os recitavam.

*Adeus, Sé velha saudosa,
Com guitarras a rezar.
Minh'alma parte chorosa
No dia em que te deixar.*

*O adeus da despedida
Não dura mais que um minuto,
Mas fica na minha vida
Como cem anos de luto.*

Os comensais aplaudiram com vigor o fado dos estudantes. No final da canção, os vocalistas calaram-se e, ao dedilharem de seguida os acordes pungentes de *Verdes Anos*, a composição que faz as guitarras chorarem, os guitarristas remeteram a sala ao mais profundo dos silêncios. Os espectadores acompanharam a melodia com os olhos a cintilar; nunca ninguém havia composto música que melhor exprimisse a alma portuguesa e quando os estudantes terminaram a sala levantou-se num salto e ovacionou-os. O aplauso prolongou-se até eles abandonarem o palco e o espaço voltar a parecer-se com o que era na realidade, um restaurante à hora do almoço.

– Estes *Verdes Anos* comovem-me sempre. – observou Maria Flor, secando uma lágrima que lhe beijava o canto das pálpebras. – Sempre que oiço esta música, é como se escutasse o som de Portugal...

Tomás sorriu e deitou-lhe no prato duas conchas de arroz de berbigão. Haviam feito o pedido a meio dos fados e o tacho fumegante foi servido logo que se extinguiram os acordes finais de *Verdes Anos*. Apesar do ambiente agradável, começaram a comer em silêncio; o semblante pensativo mostrava que a mente dele viajava longe dali.

– Depois de ouvir a história que a minha mãe contou. – questionou-a de repente, como se prosseguisse uma conversa que não sofrera interrupção, – o médico não te disse nada em privado?

– Não, nada. – devolveu a amiga. – Mas o que te preocupa exactamente? Achas tudo assim tão delirante?

O historiador tinha um garfo de arroz no ar, mas ficou um longo momento a observar a comida diante da boca, como se a decisão de engolir a garfada dependesse de algum debate interno.

– De um ponto de vista científico, a questão põe-se de uma forma muito clara. – disse, ainda meditativo. – Ou temos duas coisas separadas na cabeça, a alma e o cérebro, ou apenas temos uma, o cérebro, que cria a consciência. A generalidade das grandes religiões, com excepção do budismo, diz que temos duas.

– O conceito de uma alma separada do corpo parece-me natural. – concordou Maria Flor. – Aliás, essa ideia é intuitiva. – Levantou a mão. – Dizemos ‘a minha mão’, ‘a minha cabeça’, ‘o meu corpo’, não dizemos? É como se separássemos as duas coisas, eu e o meu corpo. Todos sentimos que somos donos do nosso corpo e do nosso cérebro, mas não que somos o nosso corpo e o nosso cérebro, e esse dualismo alma-corpo afigura-se-nos evidente. Ora se tenho a forte impressão de que existe no meu corpo um eu interior que é único e contínuo, então é porque existe mesmo.

– Pois é. O problema é que a ciência, por mais que procure as duas coisas, cérebro e alma, só está a encontrar uma, o cérebro.

– Bem dizia a tua mãe que só acreditas na ciência...

– Sou um académico e não posso aceitar coisas sem que elas sejam devidamente demonstradas. – esclareceu. – A questão é esta: se temos alma, onde está ela? Como interage com o cérebro? Se as nossas memórias ficam registadas em células do cérebro, e se essas células morrem quando morremos, como é possível que, enquanto almas que deambulam fora do corpo, nos lembremos de coisas que nos aconteceram durante a vida e reconheçamos familiares que faleceram antes de nós? Isso não é possível! A memória está registada nas células do cérebro, não anda por aí a

flutuar numa coisa etérea, percebes? Se as células cerebrais morrerem, a memória também morre.

– Pode haver um mecanismo qualquer que explique a sobrevivência da memória. – argumentou Maria Flor. – Como sabes, há muitas coisas no universo que parecem absurdas embora tenham explicação.

– Pois, mas não podemos aceitar uma coisa simplesmente porque alguém diz que é assim. Temos de ver a demonstração.

– Então como se explica que eu tenha a sensação de que existo para além do meu corpo? – questionou ela. – Como justificas esta forte impressão que cada um de nós tem de que existe um eu interior consciente e independente do cérebro?

– *Maya*.

– Quem?

– *Maya* é uma palavra que os budistas usam para exprimir ilusão, no sentido de algo que é diferente do que parece. Buda disse que o sofrimento humano era provocado pela falsa noção do eu, pelo que o sofrimento só acaba se nos libertarmos dos desejos e das ligações que constantemente recriam esse eu ilusório.

– Quer dizer que o eu interior não existe? – admirou-se ela. – A minha consciência não passa de uma ilusão? Isso é absurdo!

– Claro que o eu interior existe, cada um de nós sabe que ele existe. – apressou-se Tomás a retorquir. – O que se passa é que é *maya*, ou seja, existe mas não é o que parece. O eu interior constitui apenas um nome convencional que se dá a um fenómeno complexo que emerge da actividade do cérebro. Buda explicou que tudo depende de tudo e que nada é independente. A impressão de que existe um eu interior independente do meu corpo é *maya*, da mesma maneira que a impressão de que eu sou uma coisa, tu és outra e o universo é outra também é *maya*. Ora os estudos científicos sobre a consciência apontam na mesma direcção. O eu interior não se refere a uma coisa contínua, isso é uma ilusão criada pela memória.

– Pois, meu menino, estás-me a falar do materialismo, a convicção que os cientistas têm de que tudo se resume a energia e matéria. Mas o materialismo não explica uma coisa imaterial como a consciência. Como pode um cérebro feito de matéria orgânica gerar

algo tão complexo e rico como a consciência? Essa é que é a questão essencial e para a qual ninguém encontrou uma explicação satisfatória.

Não era um assunto fácil, sabia Tomás. Mergulhou o garfo no arroz e rodou-o continuamente, a considerar a melhor forma de dar resposta à questão.

– É curioso verificar que hoje sabemos coisas incríveis, como a origem da matéria, a forma como o universo começou, as leis da física e tudo isso, mas ignoramos ainda o que se passa verdadeiramente no nosso cérebro. – observou com uma expressão meditativa. – O cérebro humano é o objecto mais complexo que alguma vez encontrámos no universo e o último grande enigma da ciência. Tem milhares de milhões de neurónios, dois hemisférios e quatro sectores, unido por uma estrutura de superfície chamada córtex e amarfanhado numa amálgama gelatinosa que pesa apenas um quilo e meio. A grande questão é justamente essa que tu puseste: como é possível que estas células cerebrais, os neurónios, cada uma delas isoladamente incapaz de gerar um pensamento, produzam coisas tão fantásticas como a imaginação, o sonho, os sentimentos de amor e amizade, os ideais de beleza, justiça e liberdade e a noção do eu interior? Como é isso possível?

– Nem mais. – concordou ela. – É por isso que tem de existir alma. Não há outra explicação.

– Claro que há. Temos a prova de que a consciência resulta da actividade cerebral quando vemos os efeitos que um acidente produz no cérebro ou que determinadas drogas produzem na personalidade das pessoas. Uma lesão no cérebro pode alterar profundamente os estados de consciência. Isso prova-nos que a consciência resulta da actividade cerebral.

– Mas como? Se o cérebro é constituído por células, como é que essas células criam a consciência? Para poderes dizer que a consciência resulta exclusivamente da actividade cerebral, tens primeiro de explicar como se produz a consciência.

– Propriedades emergentes.

A resposta foi dada num tom lacónico e seguida por uma garfada que Tomás levou descontraidamente à boca. Maria Flor

ficou um instante espedada, à espera que ele explicasse o sentido daquelas duas palavras, mas o historiador continuou a mastigar como se o que havia dito fosse suficiente e final.

– O que queres dizer com isso? – impacientou-se ela. – O que são propriedades emergentes?

Pousando o garfo no prato, Tomás meteu a mão no bolso e tirou uma caneta. A mesa era coberta por uma grande folha de papel, sobre a qual assentavam os pratos e os copos, e foi aí que rabiscou uma letra.

B

– O que é isto?

– É a letra B. E então?

Colou a ponta da caneta à frente do B e escreveu outras letras.

BONITA

– E agora?

– Escreveste a palavra bonita. E depois, o que demonstra isso?

O académico não respondeu de imediato. Em vez disso, garatujou outras palavras atrás daquela que escrevera.

A VIDA É BELA E TU ÉS BONITA

– E isto?

A amiga soltou uma gargalhada.

– É uma frase. – constatou. – E um galanteio. Já vi que não perdes uma oportunidade...

– De facto, não perco uma oportunidade para dizer a verdade. – retorquiu ele. – O que quero demonstrar com este pequeno exemplo é que as letras isoladas têm um significado, mas quando as associamos de uma certa forma adquirem propriedades suplementares. Ou seja, a palavra bonita é mais do que a simples soma de um t, um n, um i, um b, um a e um o. Da mesma maneira,

as palavras têm um significado quando estão todas isoladas e adquirem propriedades novas quando se associam de uma certa forma. Isto é, a frase *A vida é bela e tu és bonita* é mais do que a mera soma das palavras *és, a, bonita, tu, é, bela e vida*.

– Já percebi. Isso são as propriedades emergentes. Uma equipa de futebol é mais do que a soma de onze jogadores, um grupo de fadistas de Coimbra é mais do que a soma de quatro estudantes.

– Nem mais. O importante, no entanto, é sublinhar que este efeito não ocorre apenas na língua e no contexto social, mas é parte intrínseca da gramática da natureza. Por exemplo, descreve-me um átomo, por favor.

– Um átomo é uma estrutura elementar da matéria. Tem um núcleo, constituído por protões e neutrões e orbitado por electrões, um pouco como os planetas à volta do Sol, só que em ponto muito pequeno.

– Não diria que os electrões parecem planetas, mas nuvens em torno do núcleo. – precisou o académico. – De qualquer modo, trata-se evidentemente de algo muito simples. O que separa os átomos dos diferentes elementos uns dos outros é apenas, e para ser estritamente rigoroso, o número de protões. Porém, só essa diferença constitui em si uma propriedade emergente. O átomo de hélio tem um comportamento diferente do átomo de oxigénio, mas a única diferença entre ambos é que o oxigénio dispõe de mais protões, e ainda mais neutrões e electrões. Quando os diferentes átomos se associam em moléculas, adquirem propriedades novas, e por vezes inesperadas. Ao associar-se ao hidrogénio, o oxigénio dá lugar a água, mas quando se associa ao carbono produz uma coisa inteiramente diferente, dióxido de carbono. Vejamos outro exemplo. A agregação das moléculas de sódio resulta num metal cinza prateado suave, mas quando as moléculas de sódio são associadas a outras moléculas mais tranquilas, como as da água, gera-se uma reacção de grande intensidade e violência. Como é possível que duas moléculas relativamente calmas, as de sódio e as de oxigénio e hidrogénio, que dão a água, quando se associam resultem em algo turbulento? Para compensar, o cloro é um gás verde venenoso,

mas quando se liga ao mesmíssimo sódio forma, imagine-se!, o sal que tempera a nossa comida.

– Estou a ver onde queres chegar. – observou Maria Flor. – O todo é mais do que a soma das partes e a física e a química são devidas a propriedades emergentes.

– É isso, mas é mais do que isso. – sublinhou Tomás. – Este fenómeno revela-nos uma característica semântica profunda da natureza. Cada vez mais nos apercebemos de que o universo é constituído por camadas sucessivas de complexidade em que cada nível é mais do que a soma das partes do nível anterior. A física é simples, resume-se a umas quantas micropartículas todas iguais que se associam para formar átomos diferentes. Quando os átomos se relacionam uns com os outros, no entanto, começa a aparecer uma grande variedade de moléculas, todas com propriedades muito diversas. A matéria entra então no campo da química, mas não se fica por aqui. As moléculas químicas ligam-se umas às outras para produzir coisas cada vez mais complexas e diferentes. Algumas associam-se para formar aminoácidos e proteínas e, graças a uma nova propriedade emergente, começam a ter um comportamento ainda mais complexo a que chamamos teleológico, ou seja, um comportamento com propósito autónomo. A vida.

– A vida é uma propriedade emergente?

– Com certeza! O nosso corpo é constituído por hidrogénio, oxigénio, carbono e outros átomos exactamente iguais aos existentes no ar, nas rochas ou num planeta do outro lado da galáxia, ou até na ponta mais distante do universo. Os blocos elementares são os mesmos, o que distingue umas coisas das outras é a complexidade com que esses átomos interagem e as propriedades emergentes que cada novo nível de complexidade na sua organização traz. A própria vida é constituída por sucessivas camadas de complexidade, com cada camada a trazer novas propriedades emergentes. O que separa uma bactéria de um insecto é o nível de complexidade, e o mesmo acontece entre um insecto e um rato, entre um rato e um macaco saguim e entre um saguim e um ser humano. Ao nível elementar somos todos iguais, aminoácidos e proteínas e coisas do género. O que nos separa é a

complexidade da organização das moléculas e as propriedades emergentes a cada nível mais complexo.

– Isso é muito interessante, sim senhor. – assentiu Maria Flor.

– Mas o que queres realmente demonstrar?

O historiador colou a ponta do indicador a uma têmpora.

– A consciência é uma propriedade emergente. – sentenciou. –

É isso que quero demonstrar. A consciência é um fenómeno que emerge da complexificação do cérebro.

– O quê?

– A primeira coisa que tens de perceber é que de certo modo nós não temos um cérebro único, mas vários. Estão uns dentro de outros, todos acoplados e integrados. Ou seja, herdámos os cérebros dos nossos antepassados remotos, como os insectos e os répteis, e com a evolução não nos desfizemos deles, inserimo-los num cérebro maior.

A amiga fingiu-se escandalizada.

– Estás a dizer que tenho um cérebro de barata e outro de lagartixa dentro de mim?

Tomás riu-se, divertido com o sentido de humor dela.

– De certo modo. – disse. – Mas claro que o teu é muito mais bonito, nem se discute...

– Pois, tenta pôr-me paninhos quentes com novos galanteios.

– respondeu ela, reprimindo um sorriso. – Mas o que tem isso a ver com a consciência?

– Tudo. – disse ele. – Façamos uma viagem no tempo e recuemos ao momento em que a vida surgiu no planeta. Ninguém sabe, na verdade, como isso aconteceu exactamente, mas supõe-se que as moléculas existentes na natureza se tenham associado de alguma forma e criado células que começaram a agir autonomamente num sentido teleológico, fazendo assim com que a química desse lugar à biologia.

– Estás a falar dos primeiros microrganismos...

– Isso mesmo. O comportamento teleológico dos primeiros microrganismos pode ser explicado como uma computação binária entre zeros e uns. Zero significa coisa boa, um significa coisa má. Os microrganismos primordiais aproximavam-se das coisas boas

para a sua sobrevivência e afastavam-se das coisas más que os prejudicavam. Mais nada. Não tinham consciência nenhuma, tratava-se de um mero comportamento automático de computação binária, ou se aproximavam ou fugiam. Acontece que este processo transformou os microrganismos em criaturas com interesses, primários é certo, mas interesses. O que se passava no exterior de si começou a interessar o microrganismo, o qual criou desse modo uma primeira narrativa do mundo. O exterior adquiriu um sentido, e o interior também. A criatura estabeleceu assim uma divisão entre ela e o mundo e isso foi algo muito importante.

– Porquê? O que há de especial nisso?

Tomás mirou a sua amiga, a mente a congeminar uma experiência.

– Olha, experimenta engolir um pouco de saliva. – sugeriu. – Podes engolir agora?

Maria Flor riu-se, mas engoliu; uma pequena contracção no pescoço assinalou o momento em que tal aconteceu.

– Já está. E então?

Ele apontou para um copo vazio.

– Agora experimenta cuspir para este copo e a seguir engolir a saliva que cuspiste.

– Ai que horror! – retorquiu ela com um esgar de repulsa. – Que nojo! És repelente, Tomás Noronha! Totalmente nojento! Mas que conversa essa para se ter à mesa...

Os lábios de Tomás curvaram-se num sorriso satisfeito por ter sido bem sucedido.

– Já viste que a tua reacção, que é aliás perfeitamente natural e universal nos seres humanos, não faz o menor sentido? – questionou-a. – Por que razão engolires a saliva que tens na boca não te provoca o menor nojo, mas engolires a saliva que deitaste no copo se torna uma ideia absolutamente repugnante? Porquê? Não é afinal a mesma saliva? Qual a diferença entre uma e outra?

– Realmente...

– A forma como os seres vivos fazem uma distinção tão marcada entre eles e o exterior parece programada a ferros no seu cérebro e situa-se no âmago de todos os processos biológicos. Eu

sou eu e o que está fora do meu corpo não sou eu. Este traço fundamental começou a ser trabalhado nos processos evolutivos e o sistema binário do 'foge!' porque é mau ou 'aproxima-te' porque é bom evoluiu para uma coisa mais complexa e refinada à medida que o sistema nervoso foi crescendo. A computação tornou-se mais complicada, uma vez que as criaturas precisavam de obter mais e melhor informação sobre o mundo que as rodeava para poderem competir, sobreviver e, se possível, proliferar. Inicialmente os seres vivos não tinham planos, aproximavam-se ou fugiam simplesmente, era uma reacção automática, mas a complexidade do sistema nervoso permitiu-lhes começar a planificar. Como arranjar comida? Onde? Como se abrigarem do frio? Como identificar as ameaças? Como escapar aos predadores? Como apanhar as presas? É nesta complexidade da computação primordial do 'aproxima-te' ou 'foge!' que radica a génese do pensamento.

– Pois, estou a ver onde queres chegar. – assentiu Maria Flor.
– Primeiro apareceu a computação binária elementar, depois uma computação mais complexa, a seguir os pensamentos elementares de sobrevivência, mais tarde a planificação simples e por fim a consciência. Cada nova etapa é um desenvolvimento da anterior.

– Em suma, sim, é isso. Uma importante parte do nosso cérebro é composta por cérebros mais primitivos, cujo funcionamento remete para uma computação elementar e automática do estilo 'aproxima-te' ou 'foge!'. Mas a consciência não constituiu um fenómeno instantâneo. Ela foi aparecendo à medida que os nossos cérebros foram evoluindo e adquirindo novas competências. Sabemos hoje que os insectos e os répteis não têm consciência, mas os mamíferos têm. A consciência parece ter despertado no nosso planeta há uns duzentos milhões de anos, quando apareceram córtices primitivos nos cérebros dos mamíferos, dando-lhes assim uma vantagem evolucionária sobre os répteis. Esses cérebros primitivos permanecem dentro de nós, de tal modo que quase toda a actividade cerebral é inconsciente. Se fores a ver, o cérebro regula as batidas do coração e coordena o funcionamento dos intestinos e dos rins e de quase todo o corpo sem que a consciência sequer se aperceba disso. Calcula-se que apenas

cinquenta dos onze milhões de *bits* computados pelo cérebro humano resultem de informação consciente.

Garatujou no papel da mesa os números para mostrar a diferença de escala.

Consciência = 50 bits

Inconsciência = 11 000 000 bits

– Então para que é necessária a consciência? Se o cérebro pode regular tudo automaticamente, para que serve o eu interior que está consciente da sua própria existência?

– Para a planificação. – sentenciou Tomás. – O cérebro humano é uma máquina de planificação e a consciência é necessária para que melhor possamos ler o mundo e planificar com grande complexidade e abstracção. É por isso que a consciência é um trunfo evolucionário decisivo. Sem consciência não teríamos inventado a roda nem a escrita, sem ela não faríamos automóveis nem telescópios ou computadores. É a consciência que nos permite observar o universo, entendê-lo e dominar alguns dos seus elementos.

– Então e o que a tua mãe viu? – quis ela saber, regressando ao ponto de partida de toda a conversa. – Como explicas que a tua mãe tenha morrido e tenha passado por aquela experiência quando o seu electrocardiograma registava a quase total ausência de actividade cerebral?

Tomás consultou o relógio e, vendo as horas, ergueu a mão para chamar o empregado e pedir a conta.

– Faz-se tarde. – constatou. – Temos de ir ao hospital. Só o médico pode elucidar esse mistério.

X

O que chamou a atenção de James Krongard quando acabou de beber a sua cerveja foi a camada espessa de pó que se acumulara nas mesas e nas estantes do apartamento. Inclinou-se para a mesa de apoio ao sofá, passou o indicador pela superfície e contemplou o resultado. O dedo vinha mais sujo do que seria de esperar.

– Ou este Noronha é um grandessíssimo porcalhão. – murmurou enquanto ponderava a imagem do indicador sujo de pó, – ou então...

Porque não havia pensado nisso?, questionou-se no instante em que a ideia o assaltou. Todo aquele pó era sinal de que o seu alvo não tinha por costume passar muito tempo em casa. Portanto, provavelmente só apareceria pela noite. Se é que aparecia. Quem lhe garantia que o tipo não tinha uma namorada qualquer e ia passar uns dias a casa dela para recuperar das emoções de Genebra? No fim de contas estivera algum tempo fora e provavelmente viera com fome de mulher.

Não, a espera poderia tornar-se inaceitavelmente longa, raciocinou o agente da CIA. Teria de ser mais activo na busca do seu alvo.

Tirou as folhas do bolso e leu-as com atenção; era o dossiê de Tomás Noronha que o chefe de todos os agentes da CIA no terreno, o director do Serviço Clandestino Nacional, Harry Fuchs, lhe havia remetido uma hora antes juntamente com as ordens de detenção e de transferência do suspeito para Langley. Além da folha que Frank Bellamy deixara a incriminar Tomás Noronha e dos dados elementares sobre a identidade do suspeito, incluindo três fotografias, o documento incluía o número de telemóvel, o tal que estava desligado, e o endereço do apartamento, o local onde ele próprio, Krongard, se encontrava nesse momento. Mas havia outras opções. O dossiê indicava que o alvo tinha trabalhado na Universidade Nova de Lisboa, embora já ali não estivesse, e que era consultor da Fundação Gulbenkian, onde permanecia activo.

Esta era a sua pista.

Através da ligação à Internet do seu telemóvel, localizou o número da fundação e ligou para lá.

– Fundação Gulbenkian, boa tarde. – atendeu uma voz feminina numa ladainha melodiosa. Em que posso ser útil?

– O professor Tomás Noronha está?

– Vou passar para o gabinete. Queira aguardar.

Ouviu-se um toque de chamada e a seguir surgiu outra voz feminina, esta mais seca.

– Está sim?

– Boa tarde, daqui fala da Universidade de Harvard. – mentiu Krongard para justificar o seu sotaque americano. – O professor

Tomás Noronha está?

– Receio bem que não. Veio de manhã, mas já saiu.

– Sabe dizer-me onde o posso encontrar? É um assunto da mais elevada importância.

– Não me diga que é por causa da... ai, como se chama aquilo? Da... da Tabula Smigri... Sagmari... ai, da Tabula qualquer coisa.

O homem da CIA fez um esgar. Não percebeu estas últimas palavras, mas sentia que, tendo fingido que ligava de Harvard, a melhor universidade da América, assumir a ignorância poderia ser suspeito. Por outro lado, o treino habituara-o a mentir apenas quando era estritamente necessário, o que não lhe parecia o caso.

– É outro assunto.

– Olhe, infelizmente vai ser difícil encontrá-lo hoje porque o professor foi chamado de urgência a Coimbra. A mãe sofreu um ataque cardíaco no lar onde vive e entrou em coma. Eu própria tenho estado a tentar contactá-lo para saber como está ela, mas o professor tem o telemóvel desligado. Se calhar é melhor telefonar amanhã.

– Ah, coitado. – murmurou Kongard, fingindo comiseração. – Sendo assim, faço absoluta questão de o contactar, não só por causa do assunto importante que tenho em mãos, mas sobretudo para lhe dar uma palavra de conforto e, quem sabe, oferecer os meus serviços. A nossa universidade conta no corpo docente com alguns dos melhores cardiologistas e cirurgiões do mundo.

– Ah, sim, a Universidade de Harvard é muito famosa. Tem vários prémios Nobel no quadro docente, não tem?

– Precisamente, minha senhora. Mas é preciso que essas coisas sejam atacadas o mais rapidamente possível, como sabe. Por isso o tempo urge. Pode dizer-me como se chama o lar onde a mãe do professor vive?

– O Lugar do Repouso. – apressou-se a secretária a informar.

– Estou certa de que o professor Noronha lhe ficará imensamente grato por qualquer ajuda que possa dar.

– Fique descansada. Muito obrigado.

O homem da CIA desligou o telemóvel e, sabendo agora que o seu alvo não viria nessa noite a casa, dirigiu-se a passos largos para a saída. A missão já tinha um endereço e um palco.

Coimbra.

XI

No momento em que chegaram à enfermaria do hospital, deram com a cama do quarto dezasseis vazia. Tomás ainda pensou que a mãe se tivesse levantado para ir ao quarto de banho e foi espreitá-lo, mas o WC estava igualmente deserto e isso deixou-o mortalmente preocupado.

– A minha mãe? – perguntou, a ansiedade a apertar-lhe o estômago enquanto inspeccionava a cama à procura de algum indício que o elucidasse. – Onde está ela? Achas que lhe aconteceu alguma coisa?

Como era evidente, Maria Flor não tinha resposta.

– Se calhar é melhor perguntarmos a uma enfermeira...

Saíram do quarto em passo apressado, na verdade Tomás quase corria, e percorreram o corredor até chegarem à sala das enfermeiras que prestavam serviço naquela ala.

– A minha mãe? – perguntou ele à primeira enfermeira que viu na sala, uma senhora ruiva e gorducha sentada ao computador. – Sabe dizer-me onde se encontra ela?

A enfermeira desviou os olhos do monitor e tirou os óculos para encarar o visitante.

– Boa tarde. – cumprimentou-o ela num tom tranquilo. – Pode informar-me como se chama a senhora?

– Graça Noronha. Deixei-a há duas horas no quarto dezasseis e ela agora já lá não está. Sabe o que aconteceu?

A enfermeira voltou a pôr os óculos e consultou o computador.

– Quarto dezasseis, diz o senhor? Ora deixe cá ver... – Digitou umas teclas e aguardou que a página se formasse no ecrã. – Ah, cá está, quarto dezasseis. – Carregou as sobancelhas e aproximou os olhos do monitor, como se se quisesse certificar do que estava a ver. – É a dona Graça Noronha, não é verdade? A senhora que morreu.

As últimas palavras provocaram um baque no peito de Tomás. Arregalou os olhos e abriu e fechou a boca, chocado com a notícia.

– Morreu? – Deu um passo atrás, combalido com o que acabava de ouvir. – A minha mãe... morreu?

A enfermeira tirou os óculos e encarou-o de novo.

– Morreu, é como quem diz. A sua mãe está viva, esteja descansado. Mas nós aqui conhecemo-la pela senhora que morreu e ressuscitou, é só isso. Desculpe se o induzi em erro, mas vi a ficha dela e fiz uma associação de ideias.

Tomás exalou ruidosamente, aliviado por se tratar de um equívoco.

– Ah, ainda bem. – suspirou. – Ufa, que susto a senhora me pregou! Por momentos pensei que... que... enfim, não interessa! Pode dizer-me onde se encontra ela?

A enfermeira voltou a espreitar o ecrã.

– O doutor Colaço levou-a para exames. – esclareceu. – Pode encontrá-la na cardiologia.

Deu com a mãe deitada numa marquesa com fios a saírem-lhe dos pulsos, do peito e dos tornozelos e a ligarem-na a uma máquina; evidentemente fazia um electrocardiograma. Uma enfermeira estava a monitorizar o processo e a uma secretária a tomar notas encontrava-se um homem de bata branca, de meia-idade, calvo com excepção de uns tufos laterais, em particular atrás das orelhas.

– Olá meninos. – cumprimentou-os dona Graça logo que os viu. – Já estou quase a acabar o exame. – Fez um gesto com o polegar a indicar o homem da bata branca. – Ali o doutor disse-me que, se estiver tudo bem, me dá alta ainda hoje.

– A sério? – estranhou o filho. – Tão depressa?

Dona Graça sorriu, evidentemente animada com a perspectiva de sair do hospital.

– Foi o que ele disse.–

Deixaram-na a fazer o exame e dirigiram-se à secretária onde se encontrava o médico. Ao sentir a aproximação dos visitantes, o doutor Colaço levantou os olhos e reconheceu Maria Flor.

– Olá. – saudou. – Veio saber da dona Graça, não é verdade?

– Sim, doutor. Aqui o professor Tomás Noronha é o filho. Acabou de chegar de Lisboa para acompanhar a mãe.

Os dois homens apertaram as mãos e o médico indicou-lhes duas cadeiras vazias diante da secretária.

– Sentem-se. – convidou. O olhar fixou-se no filho da paciente.

– A sua mãe está a fazer um electrocardiograma e, em princípio, se estiver tudo bem vou dar-lhe alta.

– Isso não é um pouco arriscado, doutor? – questionou Tomás.

– No fim de contas, ela teve hoje um ataque cardíaco acompanhado de paragem prolongada do coração. Enfim, não lhe parece mais prudente que ela fique internada durante algum tempo?

– Esse seria de facto o procedimento normal. – concordou o cardiologista. – Acontece que os exames a que a submeti estão a dar bons resultados e... enfim, para falar com franqueza temos o hospital absolutamente apinhado de pacientes e faltam-nos camas. Não sei se reparou, há até macas amontoadas nos corredores. Por outro lado, surgiu-nos há pouco um caso muito delicado e precisamos do quarto privado onde pusemos a sua mãe. Claro que podemos sempre deixá-la num corredor.

– Isso não pode ser! – cortou o visitante. – Os senhores não podem pôr a minha mãe no...

– É justamente o que penso. – apressou-se o doutor Colaço a concordar. – Por isso, considerando os bons resultados dos exames até agora efectuados ao coração e ao cérebro e o facto de o lar da doutora Maria Flor se encontrar a dois passos do hospital, achei que a sua mãe estaria melhor e mais confortável no sítio onde vive. Além do mais, e conforme fui informado, o lar dispõe de um desfibrilhador, o que ajudará a enfrentar qualquer situação mais complicada até que a ambulância chegue com os paramédicos. Creio, aliás, que foi justamente o que sucedeu esta manhã.

– Mas não lhe parece que dar-lhe alta tão cedo é correr um risco demasiado grande?

– Creio que a situação está controlada. De qualquer modo, esta semana ela terá de vir cá todas as manhãs para que eu a observe. Se notar algum problema, fique descansado que volto a interná-la.

O raciocínio do médico foi suficientemente persuasivo para convencer Tomás.

– Pois, seja. – acedeu. – Além dos exames ao coração, o senhor doutor falou em exames ao cérebro. Os resultados foram normais?

– Considerando que ela sofre de Alzheimer, eu diria que sim. A TAC pareceu-me conforme essa realidade.

Tomás esfregou o couro cabeludo enquanto considerava a melhor maneira de levantar o assunto.

– Sabe, doutor, ela relatou-me uma história bizarra que lhe terá acontecido no período em que sofreu a paragem cardíaca. – disse.

– Sei que lhe contou a mesma história...

– Está a referir-se à experiência de quase-morte e de abandono do corpo?

– Exacto. O doutor acha que é uma manifestação do Alzheimer?

O médico abanou a cabeça.

– Não, não me parece.

– Porque não? No fim de contas, o Alzheimer é uma degeneração progressiva do sistema neurológico, não é verdade? Parece-me natural que uma doença com essas características provoque alucinações...

O doutor Colaço lançou um olhar na direcção da marquesa onde dona Graça fazia o electrocardiograma, evidentemente incomodado por abordar o assunto tão perto dela.

– Não querem tomar um café? – perguntou de repente, quase a despropósito, indicando o corredor lá fora. – Sempre estávamos mais à vontade para eu lhe contar a verdade sobre as experiências de quase-morte.

– A verdade?

Com um movimento decidido, o médico arrastou ruidosamente a cadeira e levantou-se.

– A sua mãe, e por incrível que pareça, viveu uma experiência genuína.

XII

Helicópteros de vários modelos e cores enchiam a pista, mas o ar parecia tremer sob o efeito das rotações ritmadas de apenas um deles, o que acabara de aterrar no aeródromo de Tires. James Krongard permanecia na borda da pista a segurar a mala de mão, a gravata sacudida como se quisesse libertar-se, as roupas a esvoaçarem como lençóis ao vento, as baforadas de poeira a chicotearem-lhe os óculos escuros.

Um homem barrigudo de *pullover* amarelo aproximou-se em passo rápido.

– Senhor Krongard?

– Sou eu.

O homem apontou para o *Bell 206* branco e azul que pousara na pista. Uma porta abriu-se no lugar ao lado do piloto, embora o helicóptero continuasse com as hélices a rodar, preparado para descolar a todo o momento.

– É este o transporte que a sua embaixada nos pediu com urgência. – anunciou, gritando para sobrepor a sua voz ao barulho.
– Tenha cuidado ao aproximar-se, as hélices horizontais têm tendência a curvar para baixo e... enfim, se o atingirem podem provocar--lhe uma grande enxaqueca.– Sorriu, satisfeito com a

graçola. – Avance de cabeça baixa, ouviu?– Deu-lhe uma palmada nas costas. – Bom voo!

Sem responder, o americano curvou-se, como lhe fora recomendado, e encaminhou-se para o aparelho. O som do motor em rotação era realmente ensurdecador, mas logo que entrou e fechou a porta da cabina tornou-se abafado, como se alguém tivesse deitado uma manta sobre as hélices para lhes sufocar as batidas.

– O capacete! – gritou o piloto ao seu lado, indicando-lhe um objecto vermelho aos pés do assento. – Ponha o capacete! E aperte bem o cinto. Logo que esteja pronto, descolamos.

Krongard obedeceu. Encaixou o capacete na cabeça e apertou o cinto de segurança. A manobra era diferente da dos automóveis, mas o agente da CIA estava habituado a voar em helicópteros. Embora nunca tivesse andado num *Bell 206*, havia experimentado todos os modelos de que o exército e a força aérea americana dispunham no Afeganistão para as missões contra a Al-Qaeda e os talibãs em torno de Kandahar e nas zonas tribais do Paquistão, pelo que não teve dificuldade em adaptar-se.

– Estou pronto.

O piloto verificou a maneira como o cinto e o capacete estavam colocados e constatou que os procedimentos do passageiro eram de facto correctos; pareceu-lhe evidente que o americano estava habituado a voar em helicópteros. Satisfeito, ligou o rádio e pediu autorização para descolar.

A torre deu luz verde e alguns segundos depois o som do motor redobrou de intensidade e o *Bell 206* elevou-se no ar e começou a ganhar altitude, projectando lá em baixo baforadas de poeira num círculo em todas as direcções. Krongard consultou o relógio.

– Quanto tempo para Coimbra?

– Meia hora. – respondeu o piloto, virando o aparelho para norte. – Ou menos.

XIII

O lugar que o doutor Colaço escolheu para a conversa surpreendeu Tomás. O anfitrião não levou os visitantes para a cantina do corpo clínico, como seria normal, mas para o refeitório da psiquiatria. O local estava repleto de doentes psiquiátricos e o médico convidou os visitantes a sentarem-se a uma mesa à janela, ao lado de um paciente que se babava sem cessar. Enquanto o cardiologista se encontrava ao balcão a fazer o pedido, Tomás questionou-se sobre a escolha do local da conversa. Porquê aquele sítio? O seu anfitrião tê-los-ia levado para ali porque não queria discutir o assunto diante de outros médicos?

A expressão intrigada do historiador arrancou um sorriso ao doutor Colaço quando chegou com três copos de plástico de café a

fumegar e um cesto de pão e manteiga que pousou sobre a mesa.

– Sabem, sempre que um paciente me relata uma experiência de quase-morte gosto de vir aqui à zona da psiquiatria para me reequilibrar. – disse, sentando-se e fazendo um gesto a indicar o espaço em redor. – Isto ajuda-me a perceber que a ciência ainda existe, não sei se entendem o que quero dizer.

– Mais ou menos.

O olhar do médico dardejou em várias direcções até se prender num ponto junto à entrada do refeitório.

– Estão a ver aquele homem sentado ao lado da porta?

Os dois visitantes desviaram a atenção para o sítio indicado.

– Qual? Aquele com a mão esquerda presa ao peito?

– Esse mesmo. Chama-se Jorge e veio para uma consulta. Sabem por que motivo tem a mão esquerda presa?

– Magoou-se?

O médico abanou negativamente a cabeça.

– A mão esquerda tentou matá-lo.

– É uma pessoa com tendências suicidas, quer o senhor dizer.

– Não, de modo nenhum. O senhor Jorge Cristóvão é um homem perfeitamente normal. O que se passa é que vive aterrorizado por a mão esquerda ter tentado matá-lo. Estava uma noite a dormir e acordou sobressaltado com falta de ar e uma dor lancinante na garganta. Era a mão esquerda a esganá-lo. Aflito, agarrou-a com a mão direita e, após uma tremenda luta, conseguiu libertar-se. Desde então, anda com a mão esquerda atada.

Os visitantes perscrutaram o homem da mão presa ao peito com um esgar horrorizado, tentando descortinar qualquer antagonismo entre ele e a mão esquerda. No entanto, o homem e a mão permaneciam tranquilos; ele tinha até um ar de certo modo melancólico e bebericava distraidamente um chá.

– Isso é possível? – perguntou Maria Flor sem tirar os olhos do homem. – Uma mão pode adquirir vida própria?

– Chama-se síndrome da mão estranha e é um fenómeno muito raro. Antes de atar a mão esquerda, o senhor Jorge passou por experiências muito bizarras. Por exemplo, uma vez estava a abotoar a camisa com a mão direita e apercebeu-se de que a mão

esquerda se entretinha a desabotoar os mesmos botões. Às vezes pegava num objecto com a mão direita e a mão esquerda, zás!, tirava-o. O desgraçado já não sabia o que fazer à vida.

– Coitado...

– A pergunta que tenho para vos fazer é esta: qual o significado deste fenómeno? À luz da experiência de quase-morte vivida esta manhã pela dona Graça, como se pode interpretar o que se passa com a mão esquerda do senhor Jorge?

– Bem.... – hesitou Maria Flor. – Com certeza que algo se apossou da mão dele.

– Mas o quê? Um espírito?

– Sim, de certo modo. Porque não?

– E se eu lhe disser que isto só começou a suceder ao senhor Jorge depois de ele ter sofrido um enfarte no lobo frontal esquerdo que lhe afectou o corpo caloso, uma parte do cérebro?

– Ah.

– Ou seja, à primeira vista estamos perante o caso de um homem a quem um espírito estranho tomou conta da mão esquerda. Mas, analisando melhor as coisas, percebemos que este comportamento bizarro da mão esquerda só começou depois de ele ter sofrido uma lesão no cérebro. Isto é, o que *a priori* parece um caso de espiritismo, *a posteriori* revela-se um caso puramente neurológico. – Voltou-se na cadeira e varreu o refeitório com o olhar. – Reparem agora naquela senhora de azul junto ao vaso.

Os olhos dos visitantes desviaram-se para a mulher.

– Qual? Aquela que está a falar sozinha?

– A dona São tem três personalidades diferentes. Uma vez é a afirmativa Vera, outras é a tímida Alexandra, outras ainda a desbocada Luísa, uma canastrona insuportável. Cada personagem tem um nome, uma biografia e uma vida própria. À luz da experiência desta manhã da dona Graça, diríamos que o corpo da dona São é possuído por três almas diferentes, não é verdade?

– Pois, diria que sim.

– O facto é que ela sofre de perturbação de personalidade múltipla, uma patologia relativamente comum. Existem milhares de casos semelhantes de pessoas com duas, três e até dezasseis

personalidades diferentes. Os estudos mostram que quase todos estes pacientes têm uma coisa em comum: na infância foram vítimas de violência selvagem, frequentemente de natureza sexual. Concluiu-se que os seus cérebros criaram múltiplas personalidades como mecanismo de defesa contra essa violência, como se elas tivessem desenvolvido fronteiras internas na sua personalidade, subdividindo-a em várias partes de modo a melhor compartimentarem o trauma e fingirem que a violência só estava a acontecer a uma das suas personalidades, não às outras. Ou seja, não existem espíritos nenhuns, é o inconsciente delas que cria sucessivas personalidades como mecanismo de defesa.

– Está bem, essas personalidades todas podem explicar-se por traumas de infância. Mas o que não se encontrou foi nenhuma característica física no cérebro que produza diferentes personalidades no mesmo corpo.

– Por acaso, encontrou. – corrigiu o doutor Colaço, indicando um homem diante deles que lia um livro. – Está a ver aí o senhor Abel? Devido a um problema grave de epilepsia tiveram de cortar o corpo caloso que une os dois hemisférios do cérebro dele. Numa pessoa normal, os hemisférios comunicam entre si, mas sem o corpo caloso deixam de comunicar. Os meus colegas da psiquiatria fizeram vários testes ao senhor Abel, e sabe o que constataram? Que ele tem duas entidades na cabeça, cada uma com as suas sensações e vontade própria, embora só a do hemisfério esquerdo possua voz porque é nesse hemisfério que se concentram as competências de linguagem.

Maria Flor respirou fundo.

– Pronto, já percebi. – disse ela. – O senhor doutor acha que a experiência de quase-morte que a dona Graça viveu esta manhã tem explicação clínica...

– Não disse tal coisa. – apressou-se o médico a enfatizar. – Limitei-me a constatar que, vindo aqui à psiquiatria, percebemos que certos fenómenos não são o que parecem. Pensamos que muitas coisas decorrem no mundo exterior quando na verdade acontecem exclusivamente no cérebro.

Esta observação fez Tomás remexer-se na cadeira.

– Isso faz-me lembrar aquela pergunta filosófica clássica. – disse, quebrando o mutismo que mantinha desde o início da conversa. – Se uma árvore cair numa floresta onde não está ninguém a ouvir, será que fez barulho?

A amiga revirou os olhos, como se a resposta fosse evidente.

– Claro que fez. – exclamou. – Não é porque não está lá ninguém para ouvir que ela deixa de fazer barulho. Que eu saiba, as coisas existem independentemente de nós.

– Achas mesmo?

– Com certeza!

– Então vejamos. – O académico mudou de posição e inclinou-se para a frente. – O que é o som? É o resultado do movimento de moléculas num qualquer meio, como o ar, a água ou outro, não é verdade? Quando uma árvore tomba no chão, as moléculas do ar são perturbadas e geram pulsos sucessivos que desencadeiam alterações em onda na pressão atmosférica em redor. O que acontece é que, quando ocorrem entre vinte e vinte mil pulsos por segundo, essa alteração da pressão provoca uma vibração numa membrana chamada tímpano, que a transforma em impulsos eléctricos e a transmite a um nervo. – Ergueu o indicador para sublinhar o ponto essencial. – Atenção que o tímpano não registou nenhum som, apenas vibrou devido aos pulsos rápidos que alteraram a pressão do ar. O que se passou foi que o tímpano estimulou o nervo em função do ritmo desses pulsos de moléculas, criando uma coisa que a consciência descreve como som. O cérebro poderia, é certo, ter transformado esse estímulo numa imagem, mas optou por fazer com que as alterações assumissem a forma de sons. Um surdo, por exemplo, não é receptivo a tal estímulo, mas sentiria na mesma as vibrações das moléculas do ar, só que na pele. – Ou seja, o som como o conhecemos é criado na nossa cabeça, não existe fora dela. – resumiu o doutor Colaço, retomando a condução da conversa. – O mesmo se passa, como está implícito na descrição do professor Noronha, com a visão. – Apontou para uma lâmpada acesa no tecto do refeitório. – O que esta lâmpada faz é emitir pequenos pacotes de ondas electromagnéticas. Note-se que nem a electricidade nem o

magnetismo são inerentemente visuais. Contudo, quando estas ondas electromagnéticas atingem um ser humano com comprimentos de onda de quatrocentos a setecentos nanómetros, a sua energia estimula as células cónicas da retina e é transformada em impulsos eléctricos que são enviados por um nervo para o lobo occipital do cérebro, na parte de trás da cabeça. Ao receberem esses impulsos, os neurónios disparam e criam o que designamos uma imagem. É isso a visão.

– Aliás, basta observar o que acontece quando vemos um arco-íris. – lembrou Tomás. – O arco-íris não passa de uma refacção da luz provocada pelo contacto com a água a partir de um determinado ângulo de visão. Se alguém for ao local onde viu o arco-íris não encontrará coisa nenhuma, esse fenómeno reduz-se a um mero efeito visual captado pelos nossos olhos a partir de determinado ponto. Uma pessoa que esteja a dez metros de distância vê-lo-á com uma intensidade de cores diferente ou nem sequer o verá. Ou seja, o arco-íris não está lá, é uma ilusão.

– Mas pode ser fotografado. – argumentou Maria Flor. – Já vi muitas fotografias de arco-íris...

– É verdade. O arco-íris não existe enquanto objecto material, mas de facto é de certo modo real, uma vez que o vemos e o fotografamos. Porém, e esse é que é o ponto essencial, ele não é real a menos que seja observado. Entendes a subtilidade? É a observação que, associada à refacção da luz na água, cria o arco-íris. Sem observador não há arco-íris.

A amiga levantou os braços em sinal de rendição.

– Já percebi. – disse ela. – A imagem também é criada no nosso cérebro.

– Isso é que é importante entender. – anuiu o médico, indicando de novo a lâmpada no tecto. – Ali em cima não há nenhuma luz. O que existe são ondas electromagnéticas que o nosso sistema neurológico transforma em imagens. O cérebro poderia converter essas ondas em... sei lá, em cócegas ou em dores de barriga ou em sons ou em paladares ou noutra coisa qualquer, mas optou por imagens.

A dona do lar cruzou os braços.

– Tudo isso é muito bonito e muito lógico, sim senhor. Porém, continuo à espera de uma explicação razoável para o que aconteceu esta manhã com a dona Graça.

– Antes de lidarmos com a experiência da dona Graça, parece-me importante que percebamos até que ponto a consciência domina a nossa mente. – disse o médico, estendendo a mão para o cesto do pão pousado na mesa. – A doutora Maria Flor acha que, quando toma uma decisão consciente, por exemplo levantar-se para ir à janela ver o que se passa lá fora, foi mesmo a sua consciência que a tomou?

– Claro. A resposta está, aliás, inserida na própria pergunta: se a decisão é consciente, é óbvio que foi tomada pela consciência. Como poderia ser de outro modo?

– Atenção!

De forma repentina, o doutor Colaço atirou um pão na direcção da sua interlocutora. Maria Flor reagiu quase instantaneamente e desviou-se do papo-seco voador.

– Que... que foi? – balbuciou ela, o olhar a saltar entre o pão que caíra atrás dela no chão e o médico, sem entender o seu comportamento. – Porque me atirou o pão?

O cardiologista sorriu.

– Para lhe poder fazer uma pergunta. – disse. – Quando se desviou do papo-seco, pensou previamente em esquivar-se ou foi uma reacção... como direi, automática?

– Bem, foi reflexa... ou automática, como preferir chamar-lhe. Não tive muito tempo para pensar...

– Com certeza que foi automática. – confirmou o doutor Colaço. – Uma vez que tinha de decidir muito rapidamente como enfrentar a ameaça, o cérebro reagiu sem remeter o assunto à consciência. Não havia tempo para tal. Mas, e se houvesse tempo? Quanto tempo de reacção seria necessário para que o cérebro pudesse remeter o assunto para a consciência? Para responder a estas perguntas, um neurocientista chamado Benjamin Libet levou a cabo um conjunto de experiências que deram muito que falar no mundo científico. Estimulando a superfície do cérebro com eléctrodos, Libet começou por demonstrar que só meio segundo

depois de um estímulo eléctrico é que as pessoas dizem que o sentem. Ou seja, a nossa consciência está sempre meio segundo desfasada da realidade, embora não notemos esse efeito porque reconstruímos os acontecimentos como se eles estivessem a suceder nesse preciso momento.

– É curioso. – observou Maria Flor. – Isso explica por que razão a minha resposta foi reflexa. Se o meu corpo estivesse à espera de uma decisão consciente, teria levado com o pão na cara.

– Não queríamos isso, pois não? – sorriu o cardiologista. – Porém, Libet não se ficou por aqui. Quis saber também o que teria acontecido se houvesse tempo suficiente para o cérebro remeter a decisão para a consciência. Por exemplo, se um de nós for espreitar pela janela, essa decisão não requer uma resposta imediata. Como será então o processo de decisão? Libet fez uma experiência em que pediu às pessoas que flectissem o punho, o que lhe permitiu medir três coisas: o momento em que as pessoas decidiram conscientemente flectir o pulso, o momento em que a actividade cerebral foi iniciada e o momento em que o pulso de facto foi flectido. A experiência produziu resultados chocantes. Libet descobriu que a primeira coisa a acontecer foi o início da actividade cerebral. Um terço de segundo depois a decisão consciente foi tomada e duzentos milissegundos mais tarde o pulso foi flectido.

– A actividade cerebral ocorreu antes da decisão consciente? – admirou-se Maria Flor. – Antes? Quer dizer que a decisão consciente não iniciou a acção?

– Foi o que a experiência de Libet demonstrou. – confirmou o doutor Colaço. – As consequências dessa descoberta são, como pode calcular, profundas. Parece que o cérebro toma primeiro uma decisão e só depois informa a consciência dessa decisão, tendo contudo o cuidado de a convencer de que foi ela que decidiu. Ou seja, as decisões conscientes parecem-nos conscientes, mas não o são. A consciência não passa de uma ilusão, não no sentido de que não existe, mas no sentido de que é algo diferente do que pensamos.

A expressão do olhar da directora do lar era de choque.

– Meu Deus! – erguendo as mãos num gesto de impotência. – Isso quer dizer que não passamos de... de máquinas!

– Máquinas de computação. O cérebro é um computador bioquímico.

– Mas então como se explica esta sensação de que existo, de que penso e sinto, de que sou eu, tenho um passado, tomo decisões, gosto de chocolate e do cheiro das flores, muitas coisas aconteceram na minha vida e continuam a acontecer e eu sou resultado de tudo isso? A noção de mim mesma não passa de uma ilusão?

– Receio bem que sim. Aliás, não só a nossa consciência está meio segundo atrasada em relação ao mundo real como ainda por cima lida com um mundo totalmente construído na nossa cabeça. Por um lado, transformamos estímulos electromagnéticos em imagens e pulsos de moléculas em sons, criando assim algo que não existe dessa forma na realidade, mas só na nossa mente. Por outro lado, mesmo a percepção e a memória distorcem esses estímulos que recebemos. Inúmeros estudos mostram que a mente selecciona os estímulos exteriores e altera-os constantemente.

– Altera-os como?

– A memória não é fiável. Olhe, o primeiro indício de que a memória não pode ser considerada um gravador fiel surgiu numa experiência feita em 1902 em Berlim. Durante uma aula na universidade, dois estudantes envolveram-se numa discussão acalorada que acabou com um deles a ameaçar o outro com uma pistola e o professor a interpor-se entre ambos. Na verdade todo o incidente foi encenado e no final o professor pediu aos outros alunos, que durante a discussão pensavam que era tudo a sério, que escrevessem um relatório do que sucedera. Quando foi ler os textos, o professor contabilizou taxas de erros factuais entre mínimos de vinte e seis por cento e máximos de oitenta por cento.

– Caramba! Tanto?

– Os relatórios omitiam frases proferidas e actos cometidos pelos dois alunos e, por outro lado, punham palavras na boca de colegas que tinham estado calados e actos noutros colegas que tinham estado quietos. Esta experiência desencadeou uma série de

outros testes que sucessivamente confirmaram a falibilidade da memória. Descobriu-se que a memória não se fixa no momento em que é registada, mas vai sendo reorganizada à medida que o tempo passa. A mente apaga uns elementos, distorce outros e até acrescenta coisas novas. Ou seja, os acontecimentos que observamos na nossa mente não correspondem a um real exterior, são uma reconstrução.

– Quer dizer que a memória que tenho de mim mesma é também uma ilusão?

– De certo modo. Atenção, no entanto, porque memória e consciência são coisas diferentes.

– Diferentes como? Para ter consciência preciso de saber quem sou. A memória é uma parte fundamental da consciência.

O médico recostou-se e sondou com o olhar os pacientes que se encontravam no refeitório. A sua atenção deteve-se num homem de meia-idade, magro e curvado, que se encontrava à janela a olhar fixamente para o exterior.

– Está a ver aquele ali, o senhor Gonçalves? – indicou. – Também devido a graves ataques de epilepsia, operaram-no quando tinha vinte anos e o cirurgião cometeu um erro e, sem querer, removeu-lhe o hipocampo. O senhor Gonçalves lembra-se de tudo até aos vinte anos, mas a partir daí só tem capacidade para reter o que aconteceu até um máximo de dez minutos antes do momento presente. Quando um médico ou um familiar vem falar com ele, é sempre como se os visse pela primeira vez. A vida é para ele um eterno presente, as coisas acontecem-lhe mas desaparecem logo da memória, as lembranças são como água que se escoia por um ralo. O seu diário começa todos os dias com esta frase: *‘Hoje tornei-me consciente pela primeira vez.’*

– Oh, coitado!

– O caso do senhor Gonçalves mostra que é possível estar consciente sem ter memória, embora isso produza efeitos bizarros no dia-a-dia. É que a consciência, apesar de nos parecer contínua, resulta na verdade de uma competição entre diversas instâncias da nossa mente. Num momento a instância estética toma o controlo enquanto aprecia uma paisagem, mas passa uma rapariga bonita e

a instância sexual assume o controlo da consciência para logo a seguir ser desalojada pela instância do apetite, que me informa que estou com fome e me faz pensar numa bela feijoada à transmontana de um restaurante próximo, e assim sucessivamente. É por isso que ao longo de cinco ou dez minutos nos ocorrem tantos pensamentos diferentes. São os diversos eus a imporem-se uns aos outros. O que cria a ilusão de continuidade da consciência é justamente a memória, porque ao lembrarmo-nos das coisas ficamos com a sensação de que somos uma única personalidade com um único fio de consciência, não múltiplas entidades que se digladiam pelo domínio da consciência.

A história do paciente plantado diante da janela e o papel da memória na organização da consciência arrancou Tomás ao silêncio a que se remetera.

– Ainda hoje, ao vir para aqui, me aconteceu uma coisa curiosa. – observou. – Lembro-me de ter entrado no carro em Lisboa e de ter chegado a Coimbra, mas não me recordo do que aconteceu entretanto. Pus-me a pensar noutras coisas e não me lembro de ver a estrada, os outros automóveis, a paisagem, o percurso, nada de nada. No entanto, estava bem desperto e envolvido na condução, uma actividade muito complexa e que requer múltiplas tarefas especializadas: meter a embraiagem, carregar nos pedais, garantir que não colido com outros veículos, seguir uma rota, respeitar as regras de trânsito, ver os sinais... eu sei lá.

– É um bom exemplo. – observou o médico. – A questão é esta: estava consciente quando isso aconteceu?

– Com certeza que estava. O problema é que, tal como aquele senhor Gonçalves, não me recordo de fazer o percurso entre Lisboa e Coimbra. Não me lembro de nada.

– Na verdade, e como demonstra a experiência de Libet, quem estava de facto a conduzir não era a sua consciência, mas um computador automático chamado cérebro. – sentenciou o doutor Colaço. – A consciência ocupou-se de outras coisas e só seria chamada à condução se o cérebro concluísse que um evento importante requeria uma atenção especial, como por exemplo uma

ameaça de colisão. De resto, as experiências de Libet mostram que, embora as decisões voluntárias não sejam tomadas conscientemente, a consciência tem pelo menos o poder de as vetar. Em suma, a consciência não passa de um efeito criado pelo cérebro para controlar a computação bioquímica do cérebro e planificar melhor.

Maria Flor parecia à beira da rendição. Algo, porém, lhe dizia que devia persistir. Não podia aceitar que a ciência a reduzisse a uma mera máquina de computação e, como um náufrago agarrado à bóia frágil que o mar tempestuoso jogava de um lado para o outro, segurou-se à questão que, apesar de toda a conversa, ainda não tinha sido explicada.

– E a experiência da dona Graça? – perguntou num fio de voz, parecia que se referia à sua última esperança de resgatar a alma da aniquilação às mãos dos cientistas. – Alguém por favor me explica o que ela viu quando estava clinicamente morta?

Os olhares do doutor Colaço e de Tomás cruzaram-se, como se um pedisse ao outro licença para responder.

– A dona Graça sofre de Alzheimer, correcto?

Ao intuir o caminho que esta pergunta desbravava, a dona do lar estreitou as pálpebras com desconfiança; estaria a doença relacionada com o que dona Graça acreditava ter visto durante a paragem cardíaca?

– Sim, e então?

– O caso dos pacientes com Alzheimer fornece pistas interessantes sobre a consciência. Quando interagimos com um doente destes, podemos ver o eu dessa pessoa a desaparecer aos poucos. Quem acompanha a deterioração gradual de um doente com Alzheimer sabe muito bem que a consciência não é erradicada de um momento para o outro, como se num momento a pessoa tivesse uma mente e no momento seguinte a perdesse. As coisas não se passam assim.

– Isso é bem verdade. – reflectiu Maria Flor. – Lá no lar tenho seguido muitos casos de idosos com Alzheimer e de facto constato que a consciência se vai apagando aos poucos, não é um evento súbito. É como se o eu dessas pessoas se fosse desintegrando.

– Exactamente.

– Mas isso só reforça a minha perplexidade. – notou ela. – Se a dona Graça se encontra em processo gradual de perda da consciência devido ao Alzheimer, e se ainda por cima durante a paragem cardíaca estava clinicamente morta e com o cérebro inactivo, como se explica que ela tenha sentido que saiu do seu corpo, observou o médico a bater com o joelho na esquina de um móvel, se meteu num túnel com uma luz ao fundo, viu e conversou com familiares que já morreram e até reviu a sua vida em caleidoscópio? Que explicação tem o senhor para tudo isso?

O doutor Colaço encolheu os ombros e respirou fundo, como se fossem demasiadas questões e não tivesse capacidade para lidar com elas.

– É um mistério. – acabou por reconhecer. – Mas há uma coisa que insisto em sublinhar. A experiência que ela viveu foi bem real.

Estacionou na praceta, sob um carvalho e ao lado do passeio. Depois de desligar o motor do carro, o condutor tirou os óculos escuros e analisou a vivenda. Havia um murete coberto de arbustos e rasgado por um portão de ferro com um azulejo branco a indicar um nome a azul.

O Lugar do Repouso.

Para lá da verdura erguia-se a moradia, um edifício branco com dois andares e uma floresta de pinheiros mansos ao lado. Uma vez estudado o espaço, James Krongard saiu do Ford branco que alugara à chegada a Coimbra e dirigiu-se à propriedade em passo lento, sempre atento aos pormenores. Empurrou o portão, que rodou com um guincho, e atravessou o jardim pelas pedras semeadas ao longo do caminho entre a relva até se deter diante da porta. Carregou na campainha e um zumbido eléctrico soou no interior da moradia.

A porta abriu-se e apareceu uma mulher de bata e touca branca.

– Faz favor?

– Boa tarde, minha senhora. – cumprimentou com o seu forte sotaque nasalado. – Sou de uma universidade americana e tenho urgência em encontrar-me com o professor Tomás Noronha. Fui informado de que a sua mãe teve um problema de saúde e que ele estaria aqui em Coimbra.

– Ah, sim, a dona Graça teve um ataque cardíaco, coitadinha. – confirmou a empregada. – A senhora directora levou-a numa ambulância para o hospital e penso que o professor Noronha também está por lá.

– Sabe dizer-me qual o hospital para onde eles foram?

– Para o da universidade, ora essa. Mas parece que daqui a um bocadinho vêm para cá.

– Ai sim?

– Ligámos à doutora para saber como vão as coisas e ela disse que a dona Graça já está bem e que o hospital lhe irá dar alta

daqui a pouco. Vêm para aqui ainda esta tarde.

– O professor Noronha também?

– Com certeza. Quer que telefonemos a dar o recado?

– Não se preocupe. – apressou-se o americano a responder, nada interessado em que o seu alvo soubesse que alguém o procurava. – Por favor, não o incomode, ele já deve ter preocupações que lhe cheguem. Volto mais logo ou então amanhã. Obrigado.

Antes que a empregada insistisse, o homem da CIA deu meia volta e abandonou o espaço do *Lar do Repouso*. Regressou ao automóvel e sentou-se ao volante para reflectir sobre a situação. O que deveria fazer? Ir para o hospital? Mas se o seu alvo vinha daí a pouco trazer a mãe para o lar corria o risco de se desencontrarem. Não, o melhor seria ficar ali quietinho e esperar que ele aparecesse; era a única maneira de garantir que o homem que procurava não lhe escapava. Tinha agora de preparar a emboscada.

XV

Os copos de café encontravam-se já vazios na mesa do refeitório de psiquiatria à volta da qual os três estavam sentados havia quase uma hora, mas ninguém se levantou para os voltar a encher. A conversa entrara na parte crucial, a experiência de quase-morte de dona Graça, e Tomás queria saber o que o médico pensava sobre o assunto.

– O século XIX foi um período de grandes descobertas científicas do mundo invisível. – começou o doutor Colaço por recordar. – Descobriu-se a ligação entre a electricidade e o magnetismo, as ondas hertzianas, os comprimentos de onda da luz, a radioactividade, os raios X e por aí fora. Foi neste contexto que se começou a falar também nas sessões para contactar os espíritos. Como se estava a descobrir todo esse universo invisível ao olho humano, a possibilidade de existirem almas a vaguear por aí sem que fossem detectadas não parecia tão extraordinária como isso e o assunto chegou a atrair a atenção de cientistas eminentes, que fizeram experiências para perceber o que se passava nessas *séances*. Achava-se que a alma tinha existência física, o que significava que ocupava espaço e, conseqüentemente, tinha um peso.

– Não é mal pensado. – observou Maria Flor. – O problema é que não há maneira de a pesar, não é verdade?

– Não era o que pensava um cirurgião americano chamado Duncan Macdougall. – corrigiu-a o médico. – Ele congeminou uma forma de medir esse peso.

– Isso é possível?

– Com certeza. – confirmou ele. – A ideia de Macdougall era aliás muito simples. Bastava pesar uma pessoa quando ela estava viva e depois verificar o seu peso quando morresse. A diferença entre as duas medições seria o peso da alma.

– Oh, isso é absurdo! As pessoas vivas variam de peso ao longo do tempo, chegam a ter variações num único dia. Como podia ele ter a certeza de que a diferença de peso se referia à alma e não a alterações na dieta enquanto as pessoas estavam vivas?

O doutor Colaço apontou para a sua interlocutora como se indicasse que essa era a questão crucial.

– Foi justamente esse problema que Macdougall resolveu de forma engenhosa. – disse. – O que era necessário é que a medição ocorresse no momento em que os pacientes morriam, está a ver? Macdougall teve a ideia de colocar uma cama sobre uma plataforma suportada por uma balança industrial e deitar aí um moribundo prestes a morrer. Precisava de pacientes que falecessem tranquilamente e quase sem se movimentarem, e por isso escolheu idosos que fossem vítimas de tuberculose pulmonar. Os seus corpos eram muito leves e a doença de que padeciam tinha a vantagem de permitir perceber com algumas horas de antecedência a iminência da morte.

– Ele fez mesmo essas medições?

– Fez, pois. Numa tarde de 1901 ocorreu o primeiro óbito na cama de Macdougall. No preciso instante da morte do paciente, e perante várias testemunhas qualificadas cientificamente, a agulha da balança desceu de repente e manteve-se estável. As medições permitiram concluir que a queda de peso fora de vinte e um gramas.

A revelação deixou Maria Flor de boca aberta.

– Vinte e um gramas? É esse o peso da alma?

– Foi o que revelou a medição de Macdougall. Houve quem questionasse a validade da experiência invocando que, quando uma pessoa morre, os músculos pélvicos e o esfíncter perdem tensão, pelo que a ligeira perda de peso pode estar relacionada com a perda de urina ou de fezes. Macdougall desmontou esse argumento ao lembrar que, a ser assim, não se registaria perda de peso, uma

vez que a balança industrial estava a pesar a cama e, em tal circunstância, a urina e as fezes permaneceriam nessa cama. Outra objecção foi que a perda de peso registada pela balança se devia à exalação final do moribundo, dado que a respiração envolve moléculas, e por isso tem peso. Ao exalar, o moribundo perderia peso. Para testar essa hipótese, Macdougall saltou para cima da cama e expeliu todo o ar que tinha nos pulmões. A agulha da balança não se mexeu.

– Portanto, a alma pesa mesmo vinte e um gramas...

– Talvez. O problema é que as experiências científicas, para serem validadas, têm de ser repetíveis. Mcdougall efectuou a experiência em mais cinco pacientes, embora com resultados inconclusivos. O segundo paciente a ser medido morreu às quatro e dez da tarde, mas a agulha da balança apenas desceu quinze minutos depois. Mcdougall reconheceu ter tido uma grande dificuldade em determinar o momento exacto deste óbito e a própria alteração de peso produzida não foi de vinte e um gramas, como no primeiro caso, mas de catorze gramas. O terceiro paciente também perdeu catorze gramas no momento da morte. O problema é que viria a perder vinte e oito gramas adicionais alguns minutos mais tarde, o que trouxe nova incerteza à medição. A pesagem das mortes do quarto e quinto pacientes, por outro lado, foi comprometida por problemas na balança. Feitas as contas, apenas a primeira experiência foi levada a cabo nas condições ideais.

– Seja como for, é interessante que tenha havido sempre perda de peso na altura da morte. – constatou Maria Flor. – Porque não procedeu ele a mais experiências dessas?

– Por razões éticas. Andar a fazer medições científicas com uma pessoa que está a morrer não é propriamente bonito, não lhe parece?

A dona do lar corou, chocada com a sua própria insensibilidade.

– Ah, com certeza. – concordou. – É uma estupidez da minha parte não ter pensado nisso, mas estava de tal modo embrenhada na conversa que nem considerei essa questão.

– As objecções éticas levantadas pela comunidade científica foram tais que McDougall optou por não voltar a fazer a experiência com seres humanos. Em vez disso, virou-se para o mundo canino. Nos anos seguintes levou a cabo quinze experiências com cães. Envenenou-os e depois pesou-os no momento da morte. Em caso algum, no entanto, a balança registou qualquer perda de peso. A sua conclusão foi que os cães, ao contrário dos seres humanos, não têm alma.

A conclusão extraiu um sorriso irónico de Maria Flor.

– Há quem pense exactamente o contrário...

A conversa estava a ser seguida em silêncio por Tomás, mas nesta parte decidiu intervir.

– É verdade que no início os cientistas prestaram alguma atenção ao espiritismo. – reconheceu. – Porém, e se bem me lembro do que estudei sobre o assunto, depressa perceberam que se tratava de um negócio de charlatões que exploravam a credência das pessoas e o tema ficou totalmente desacreditado junto da comunidade científica.

– É um facto. – assentiu o doutor Colaço. – Passado o furor inicial, os cientistas remeteram toda esta conversa dos espíritos e das almas que partem para o outro mundo para o campo do folclore e começaram a ignorar a questão. Os relatos de pessoas que estiveram às portas da morte e que falavam em experiências que envolviam saídas do corpo e contactos com familiares que já morreram foram pura e simplesmente desvalorizados e catalogados como intrujices ou produtos da imaginação fértil de pessoas ingénuas influenciadas por aldrabões.

– Pois, é essa a ideia que tenho.

O médico levantou a mão, como se quisesse travar Tomás.

– Mas olhe que isso mudou.

O historiador alçou uma sobrancelha.

– Mudou? Mudou, como?

– A persistência dos relatos de quase-morte ao longo do tempo, a coerência com que eram apresentados por tantas e tão diversas pessoas e o facto de inúmeros médicos terem confirmado que muitos desses pacientes estavam tecnicamente mortos, ou pelo

menos às portas da morte, quando diziam ter vivido tais experiências obrigaram a repensar essa visão.

– Está a falar a sério? – questionou Tomás, admirado. – Os cientistas acreditam mesmo que essas experiências são verdadeiras?

– A comunidade científica aceita hoje que elas correspondem a algo real, sim. – Levantou um dedo, como se fizesse uma ressalva.

– Podem é não ser aquilo que parecem, claro. Isso é outra questão.

– Ah.

– Um estudo feito durante dois anos a sobreviventes de paragens cardíacas em dez hospitais na Holanda permitiu concluir que doze por cento dos pacientes tiveram uma experiência de quase-morte. Outros estudos levados a cabo nos Estados Unidos também com sobreviventes de paragens cardíacas registaram percentagens entre os dez e os vinte e três por cento de pacientes com experiências do género. Essas experiências não são todas iguais, embora tenham elementos comuns. Uns sobreviventes falam num túnel e numa luz, outros dizem que saíram do corpo e viram os médicos e os enfermeiros a tentar reanimá-los, outros que encontraram familiares mortos e outros ainda que reviram toda a sua vida em breves instantes. Alguns somam dois ou três destes aspectos e ocasionalmente há quem se recorde de ter passado por todos os passos da experiência.

– Foi o que aconteceu esta manhã com a minha mãe.

– Exacto. É muito raro, mas por vezes acontece. De qualquer modo, é importante sublinhar que os investigadores são peremptórios em afirmar que estes sobreviventes são sinceros no que dizem e, pelo que se aperceberam, não buscam publicidade. Muitos pacientes até evitam falar nisso, com medo que os achem maluquinhos. Sabemos que a experiência tende até a mudá-los. Tornam-se pessoas mais serenas e felizes, e parecem perder o medo da morte. Isto mostra que estão mesmo convencidos de que viveram uma experiência genuína.

– Muito bem, aceitemos que as testemunhas não estão a mentir e acreditam que lhes aconteceu o que dizem que aconteceu.

– acedeu o historiador. – Não poderemos estar perante meras alucinações?

– Essa é a explicação preferida da comunidade científica. Repare, a iminência da morte pode provocar no moribundo um medo extremo, um forte stress e falta de oxigenação do cérebro. Uma situação dessas tem o potencial de activar descontroladamente as áreas responsáveis pela visão, criando a ilusão de uma luz no meio de uma envolvente escura, o tal túnel. Foram feitos testes em pilotos de caças supersónicos que revelaram aliás que, em situações de violenta aceleração, ocorre uma diminuição do fluxo sanguíneo para a cabeça e eles mergulham em estados de sonho, euforia e afastamento.

– Então é isso! – exclamou Tomás. – Os pacientes com paragem cardíaca também sofrem de falta de sangue no cérebro...

– Pois, mas o problema é que há relatos de experiências de quase-morte antes de o paciente sofrer qualquer lesão, por exemplo nos momentos que antecederam um acidente de automóvel. – contra-argumentou o médico. – Outros casos ocorreram em pacientes que não estavam em fase terminal e que não sofreram qualquer interrupção ou diminuição do fluxo sanguíneo para o cérebro. Além do mais, a falta de oxigenação do cérebro provoca estados cognitivos confusos e comportamentos de agitação, não situações estruturadas, coerentes e serenas como as que encontramos nas experiências de quase-morte.

– Ah, bom...

– Outra hipótese relaciona-se com a administração de medicamentos aos pacientes sob ameaça de morte. Sabe-se que há drogas que provocam alucinações complexas, como por exemplo o LSD, e esta pista parece promissora. O problema é que existem muitos casos de pacientes que tiveram uma experiência de quase-morte sem que lhes tivesse sido ministrada qualquer droga ou anestésico. Mas o mais importante é que os estudos mostram que as experiências de quase-morte em pacientes medicados tendem a ser menos complexas do que as experiências dos pacientes não medicados. A sua mãe, por exemplo, teve uma experiência muito complexa e não estava sob o efeito de qualquer droga.

– Mas olhe que ela sofre de Alzheimer e por isso andava medicada...

– A medicação do Alzheimer não produz alucinações. Quando falo em drogas, refiro-me às alucinogénias. – esclareceu o médico.

– Uma outra possibilidade para explicar as experiências de quase-morte é que se trata tudo de um mecanismo psicológico de defesa. Sabe-se que, perante um evento assustador, as pessoas podem despersonalizar-se.

Tomás fez um gesto a indicar a paciente de psiquiatria que se encontrava junto de um vaso de plantas, ao fundo do refeitório, a falar sozinha.

– Como ali aquela senhora que tem três personalidades na mente?

– A dona São é um exemplo de despersonalização e de dissociação, sim. Em situações extremas, e para se defenderem emocionalmente, as pessoas abandonam a sua própria identidade e dissociam-se da terrível agressão exterior que estão a sofrer para construir uma fantasia agradável que as reconforte.

– Isso pode realmente explicar estas experiências. – observou o historiador. – Parece-me natural que pessoas que estão à beira da morte confabulem uma realidade alternativa bastante mais agradável, a de que ascenderam ao Céu, encontraram familiares e perceberam que a morte não é o fim de tudo. A dissociação da realidade é um mecanismo de defesa evidente quando se está perante uma situação tão dramática.

– Pois, mas essa hipótese é infirmada por dois factos. – contrapôs o médico. – O primeiro é que, conforme referi há instantes, há experiências de quase-morte em pacientes que não se encontram sob ameaça de morte. E o segundo é que nem todas essas experiências são agradáveis. Embora em minoria, existem muitos relatos de experiências de quase-morte que foram penosas, o que não se coaduna com um cenário de substituição da realidade dolorosa por uma fantasia agradável.

Como se se sentisse desconfortável, Tomás ajeitou-se na cadeira. As explicações clínicas pareciam-lhe interessantes e promissoras, mas manifestamente enfrentavam deficiências sérias.

Mesmo assim ainda não estava convencido e permanecia disposto a dar luta.

– Oiça, doutor, tenho ideia de ter lido numa revista científica que foi feita uma importante descoberta sobre o cérebro que explica a sensação que muitas pessoas tiveram, incluindo a minha mãe, de que saíram do seu corpo. – lembrou. – Não acha que isso explica pelo menos essa parte bizarra das experiências de quase-morte?

– Está a referir-se à descoberta feita na Suíça?

– Essa mesmo.

– É realmente uma...

Maria Flor apercebeu-se de que a conversa se estava a tornar um diálogo a dois e ameaçava excluí-la, e estrebuchou de imediato.

– Alô? – interrompeu, levantando a mão. – Será que podem fazer o favor de me explicar que descoberta é essa?

– Ah, desculpe. – sobressaltou-se o doutor Colaço, voltando para ela a sua atenção. – O professor Noronha referia-se a uma descoberta feita acidentalmente por médicos suíços durante um tratamento a uma doente que sofria de epilepsia extrema. Como parte do tratamento colocaram-lhe eléctrodos no cérebro, incluindo numa área designada *gyrus angularis* que é responsável pelo controlo da imagem que a pessoa tem do seu próprio corpo. Os médicos activaram os eléctrodos e ela de repente informou-os de que se sentia a flutuar perto do tecto e que se via a si própria lá em baixo. Os suíços concluíram que a sensação de saída de corpo relatada por muitos pacientes que viveram experiências de quase morte estava com certeza relacionada com alterações cerebrais que faziam disparar os neurónios do *gyrus angularis*.

– Está a ver? – perguntou Tomás, vitorioso. – Afinal existe uma explicação neurológica para essa sensação de saída do corpo.

O médico fez uma careta.

– Não diria tanto. – contestou. – Trata-se realmente de uma descoberta interessante. O problema é que a paciente suíça não teve uma experiência fora do corpo com as características exactas das vividas por quem atravessou uma experiência de quase-morte. Ela só conseguia ver as pernas e a parte inferior do tronco, mas não o resto do corpo, nem a sala, nem os móveis, nem o equipamento,

nem os médicos em torno dela. Já os pacientes que vivem experiências de quase-morte vêem o corpo todo, a sala e o pessoal clínico em redor da cama a tentar reanimá-los. Além do mais, a suíça mantinha--se consciente, enquanto os relatos que estamos a receber são muitas vezes de pessoas que se encontravam inconscientes e cujos electroencefalogramas revelavam que não tinham qualquer actividade cerebral no momento em que diziam estar a ver tudo de um ponto alto. Inclusivamente, os pacientes observavam pormenores que da maca não era possível verem.

– O senhor doutor a bater com o joelho no móvel, por exemplo.
– atalhou Maria Flor. – A dona Graça estava inconsciente e de olhos fechados, não poderia ter visto uma coisa dessas acontecer.

– É verdade. – anuiu o doutor Colaço. – Como é possível que ela me tenha visto a bater no móvel? A tese de que não passa tudo de alucinações não consegue explicar coisas que os sobreviventes viram não se percebe como. Há o caso de uma mulher que perdeu a visão devido a complicações cirúrgicas e que foi levada de emergência para a sala de operações. Teve uma experiência de fora do corpo e disse ter visto o namorado e o pai do seu filho a observarem a maca a ser levada para o elevador. Os dois confirmaram que estavam de facto no local quando ela passou em paragem cardíaca. Há um outro caso de uma mulher que teve um colapso cardíaco e que revelou a uma assistente social ter visto os médicos a tentarem reanimá-la. A mulher afirmou ter depois flutuado para o exterior, tendo observado umas sapatilhas desportivas num parapeito do terceiro andar da parte norte do edifício. A assistente social subiu nesse mesmo dia ao terceiro andar e descobriu umas sapatilhas num parapeito da parte norte. – Fez um ar pensativo. – Curiosamente, muitos dos casos de mulheres que viram coisas a partir de ângulos que não poderiam ver se estivessem a alucinar envolvem sapatos, vá-se lá saber porquê.

Maria Flor riu-se.

– Vê-se mesmo que não conhece as mulheres. – observou com um olhar zombeteiro. – Então não sabe que a primeira coisa que muitas de nós observamos num homem é o que ele calça? As

mulheres gostam de sapatos como os homens gostam de automóveis.

O médico achou graça à observação, mas Tomás permaneceu impávido, uma expressão meditativa nos olhos, a matutar em tudo o que acabara de ouvir.

– Esses pormenores de coisas que os pacientes viram e não podiam ter visto se estivessem a alucinar parece-me importante. – sublinhou. – Nunca houve um estudo a sistematizar esse fenómeno?

– Com certeza que sim. Um professor da Universidade Emory, de Atlanta, por exemplo, fez uma investigação envolvendo dois grupos. O primeiro era de sobreviventes de paragem cardíaca que tiveram a sensação de saída do corpo e o segundo era um grupo de controlo de pessoas que passaram algum tempo em unidades coronárias a observar situações de emergência cardíaca, mas sem que tivessem experimentado essas sensações de saída do corpo. O investigador pediu aos elementos do primeiro grupo que descrevessem os procedimentos médicos que observaram em redor dos seus corpos e pediu aos do segundo grupo que imaginassem a actuação dos médicos durante uma paragem cardíaca, coisa que já tinham visto ser feita a outros pacientes na unidade coronária. Os resultados foram espantosos. Nenhuma das pessoas que disseram ter tido uma experiência de quase-morte e visto o que acontecera à volta do seu corpo cometeu um único erro na descrição dos procedimentos clínicos. Mais ainda, os seus relatos correspondiam ao que estava efectivamente escrito no relatório médico elaborado pelo pessoal clínico depois da emergência. Já vinte e duas das vinte e cinco pessoas do grupo de controlo cometeram erros elementares quando tentaram imaginar os médicos e os enfermeiros a tentar reanimá-los.

– Ora aí está! – exclamou Maria Flor. – Isso é prova de que as pessoas que tiveram sensação de saída do corpo não efabularam durante a sua experiência, não acha?

O doutor Colaço abriu as mãos, como se não soubesse o que pensar.

– Não direi que é prova. – opinou. – Mas lá que é perturbador, isso não posso negar.

Os olhares de ambos voltaram-se para Tomás, à espera do seu veredicto. O historiador esfregava os olhos e a testa, dando sinal de que algo o estava a perturbar.

– Doutor, há aqui uma coisa que não percebo. – acabou por dizer. – Tanto quanto sei, a morte não é um instante. Trata-se antes de um processo biológico contínuo, de tal modo que determinar o momento exacto do óbito constitui um problema médico que ainda não foi inteiramente resolvido. Antigamente considerava-se que a morte ocorria quando o coração deixava de bater, não é verdade? Mas hoje é possível reanimar uma pessoa que esteve vários minutos com o coração parado.

– Foi justamente o que aconteceu à sua mãe. Quando o coração pára, o oxigénio deixa de irrigar o cérebro e a pessoa perde a consciência em vinte segundos. As células cerebrais recorrem então a um transmissor químico de alta energia para permanecerem vivas durante pelo menos cinco minutos, período ao fim do qual a fonte de energia se esgota e as células cerebrais começam a morrer. Se o coração não for reactivado em quinze a vinte minutos, a perda de células cerebrais é muito vasta. Passado mais algum tempo, a morte torna-se irreversível.

– Pois. – retomou o historiador, aproveitando a deixa. – É justamente aí que radica o problema. Estamos a falar de pessoas com paragens cardíacas e consequente perda de actividade cerebral, certo?

– Correcto.

– Como já deve ter percebido, sou uma pessoa muito céptica em relação a estas coisas, mas não sou cego nem obtuso e há aqui um pormenor que me está a perturbar em toda esta história. A minha perplexidade resume-se a esta questão: como é possível que esses sobreviventes tenham memórias tão lúcidas e pormenorizadas do que viram e ouviram enquanto o seu cérebro estava parado? Como pode isso acontecer?

O doutor Colaço coçou a cabeça, claramente embaraçado com a pergunta, e respirou fundo.

– Não sei. – acabou por reconhecer com um gesto de impotência. – É uma excelente pergunta e, que seja do meu conhecimento, ninguém apresentou ainda uma resposta satisfatória para ela. O facto é que a generalidade dos pacientes que recordam a experiência de quase-morte não tem nenhuma lembrança das circunstâncias que envolveram o seu incidente cardíaco. A única hipótese que estou a ver é existir alguma actividade cerebral não detectada, uma coisa tão mínima que os nossos instrumentos não dispõem de sensibilidade suficiente para a identificar.

– Mas é possível que, havendo uma actividade cerebral mínima não detectada, ela seja suficientemente potente para produzir uma tão grande riqueza cognitiva?

O cardiologista abanou a cabeça.

– Não é possível. Se a produção cognitiva fosse rica teria forçosamente de ser registada pelo electroencefalograma. Aí não há hipótese.

Disse-o de uma forma peremptória, e logo a seguir consultou o relógio. Viu que a hora ia adiantada e que tinha de se apressar. Levantou-se nesse preciso momento da mesa.

– No entanto. – travou-o Tomás, – os relatos de experiências de quase-morte são justamente muito ricos em pormenores e, pelo que me é dado perceber, envolvem uma profusão de imagens, sons, cores e emoções. Estando o cérebro parado, onde foi tudo isto produzido?

A pergunta provocou uma hesitação no médico, que vacilou antes de dar meia volta e regressar à ala da cardiologia. O seu rosto contraiu-se então num esgar, expressando uma estranha mistura de perplexidade, impotência e incompreensão.

– É um facto. – admitiu. – Daí o mistério.

XVI

Sempre em modo silencioso, o telemóvel estremeceu e o olhar do homem dos óculos escuros desceu para o visor e verificou o número. O indicativo internacional da chamada era o um, dos Estados Unidos, e reconheceu o nacional como sendo o duzentos e dois, referente a Washington, DC. Langley queria evidentemente falar com ele.

Carregou no botão verde e atendeu.

– Aqui Krongard.

– Já apanhaste o *motherfucker*?

A voz agressiva do outro lado da linha era inconfundível.

– Olá, mister Fuchs. Estou à espera que o alvo chegue ao local onde me encontro, o que deverá acontecer a todo o momento.

O director do Serviço Clandestino Nacional da CIA não parecia contente.

– Porquê esta demora?

– Não há demora nenhuma, mister Fuchs. – afirmou o agente num tom tranquilo que contrastava com o do seu interlocutor. – O que se passou é que o alvo estava noutra cidade e tive de me deslocar para vir ter com ele. Descontraia, vou apanhá-lo.

A voz ao telemóvel resmungou.

– O avião de transporte já partiu da base aérea de Hanscom para ir buscar a encomenda e levá-la para interrogatório em Langley. – informou-o. – Mas volto a sublinhar que isto é apenas uma cortina de fumo para nos defendermos no caso de os *fuckers* do Congresso virem para aqui meter o bedelho. Quero por isso certificar-me de que percebeste que deves deixar esse *cocksucker* fugir para teres um pretexto para o abater. Alguma dúvida sobre isso?

– Nenhuma, sir.

– Está tudo claro?

– Cristalinamente, sir.

– Não te esqueças de que esse gajo matou um dos nossos, um director da Agência ainda por cima, e tem de pagar. Não podes falhar.

– Sim, sir.

– Logo que concluas a missão, liga-me. Quero estar informado de tudo. *Got it?*

– Sim, s...

Click.

Antes que Krongard completasse a resposta, já o director do Serviço Clandestino Nacional havia desligado. O agente da CIA ficou por um momento a olhar o telemóvel mudo, agastado com os modos bruscos do chefe. Em circunstâncias normais aquele bruto nunca lhe ligaria, mas sim o responsável pela sua secção operacional. Se um *big shot* como Harry Fuchs se dava ao trabalho

de lhe telefonar pessoalmente, era porque atribuí-a a mais alta importância àquela missão. De facto, percebeu Krongard, não podia mesmo falhar.

Deitou a mão ao interior do casaco e, com um movimento discreto, retirou a *Glock* de serviço. Inspeccionou o carregador e o gatilho e assegurou-se de que o cano permanecia limpo. Satisfeito, voltou a guardar a arma no lugar. Essa noite não iria ver o Boston Celtics jogar, conformou-se. Esperava-o outro tipo de jogo.

A caça ao homem.

XVII

Saltitando entre as pedrinhas que se espalhavam pela rampa exterior do hospital, a cadeira de rodas atravessou o passeio até Tomás a travar na berma da rua, junto ao lugar onde o seu

automóvel estava estacionado. O historiador contornou a cadeira e estendeu a mão para ajudar a ocupante a apear-se.

– Vá, mãe. Consegue andar?

– Claro que consigo. – retorquiu dona Graça, quase ofendida com a pergunta. – Ora essa, tive um achaquezinho sem importância. Que eu saiba não estou inválida.

Apesar das presunções de autonomia, a senhora teve de se apoiar na mão que lhe era estendida pelo filho para se conseguir erguer. Maria Flor tinha entretanto aberto as portas do Volkswagen e fez-lhes sinal de que se acomodassem nos lugares da frente, dando assim a entender que se sentaria atrás, mas Tomás discordou.

– Sem querer fazer de ti minha motorista, parece-me que é melhor eu ir atrás com ela para lhe fazer companhia, – disse, estendendo a chave do automóvel. – Será que podes conduzir?

A directora do lar nem discutiu. Enquanto mãe e filho se instalavam nos bancos traseiros, ela acomodou-se no lugar do condutor e meteu a chave na ignição. Quando ia rodá-la, apercebeu-se de um objecto estranho pousado no banco vazio ao lado. Pegou nele e voltou-o na direcção de Tomás, que se encontrava sentado atrás de mão dada com a mãe.

– O que é isto?

Os olhos do historiador cravaram-se no objecto que nessa manhã recebera de Genebra.

– É um amuleto.

Maria Flor riu-se.

– Não me digas que és supersticioso...

– Não acredito em astrologia nem em amuletos porque sou Carneiro. – retorquiu Tomás com um sorriso trocista. – Não sei se sabes, os Carneiros são cépticos por natureza...

A contradição arrancou uma gargalhada dentro do carro.

– Muito engraçadinho, sim senhor. – assentiu a amiga. – Mas não me esclareceste.

– O que tens na mão é o grande pentáculo. Foi encontrado num manuscrito intitulado *Clavis Salomonis*, ou A Chave de Salomão, um livro de magia cuja autoria é atribuída ao rei Salomão.

A explicação intrigou Maria Flor. Aproximou o amuleto dos olhos e estudou-o mais de perto, claramente fascinada com o que o amigo dissera.

– A sério? Que interessante...– Desviou os olhos para Tomás.

– Mas o que está uma coisa destas aqui a fazer?

O historiador encolheu os ombros.

– Se queres que te diga, não sei.

O Volkswagen chegou à praceta e estacionou frente a um Ford branco, mesmo diante do portão que dava acesso ao *Lugar do Repouso*. Quando Tomás e Maria Flor iam abrir as portas para sair, um soluço emocionado de dona Graça travou-os.

– Mãe, o que se passa?

Uma lágrima percorria a face da senhora, deslizando do canto do olho até ao queixo, o rasto húmido a iluminar-lhe a pele que o tempo enrugara.

– O teu pai. – choramingou ela com a voz alquebrada, os olhos verdes baixos a cintilarem de emoção. – Ver esta manhã o teu pai deu-me uma saudade tão grande...

O filho voltou a pegar-lhe na mão.

– Deixe estar, a vida é mesmo assim. – tentou confortá-la, carinhoso. – Ao menos ficou a saber que ele está num sítio melhor. Antes isso, não é verdade?

Dona Graça fungou e levantou os olhos para o filho, como se lhe fizesse uma súplica.

– Sabes mesmo o que eu queria agora?

Deixou a pergunta pairar, como se quisesse testar se Tomás estava mesmo disposto a ajudá-la.

– Diga, mãe.

– Gostava de ver o álbum do nosso casamento. Sabes qual é? É aquele que tem as fotografias da cerimónia na Sé e do copo-d'água.

– Se quiser ver o álbum, acho muito bem.

A senhora baixou os olhos, pesarosa.

– O problema é que... o álbum não está aqui no lar.

– Tem-no em casa?

– Sim, na minha mala de cânfora, ao fundo do corredor. Estás a ver qual é?

– Quer que eu vá lá buscá-lo?

O rosto de dona Graça rasgou-se num sorriso.

– Ah, és uma jóia, meu filho.

A observar a cena do banco do condutor, Maria Flor interveio.

– Se for preciso alguma coisa, digam.

– Penso que é melhor vires comigo, se não for demasiado incómodo. – pediu Tomás. – Há algumas coisas que preciso de discutir, sobretudo a logística do acompanhamento cardiológico de que a minha mãe vai precisar nos próximos dias, e seria uma boa oportunidade para vermos tudo isso.

A directora do lar, que já havia tirado o cinto de segurança, voltou a encaixá-lo no lugar.

– Hoje tirei o dia para acompanhar a dona Graça. – disse. – Por isso não há qualquer problema.

Tomás abriu a porta do seu lado.

– Então está combinado. – disse. – Vou só levar a minha mãe até ao lar e já volto.

Apeou-se e, depois de ajudar a mãe a sair do carro, deu-lhe a mão e encaminhou-a para o portão do *Lugar do Repouso* sem se aperceber do homem com óculos escuros que se aproximava para lhe cortar o caminho.

XVIII

Embora discreta, a chegada do Volkswagen azul à praça tinha sido acompanhada com muita atenção por James Krongard. A viatura e a respectiva matrícula estavam referenciadas no dossiê que Langley lhe havia feito chegar, pelo que não teve dúvidas de que chegara a hora de passar à acção.

As ordens que recebera do director do Serviço Clandestino Nacional eram claras, mas a espera fizera-o pensar e começou a alimentar algumas dúvidas sobre se deveria mesmo obedecer cegamente às instruções de deixar o suspeito fugir para o abater. Não que o acto de matar fosse em si um problema, já havia liquidado um chefe de recrutamento da Al-Qaeda em Peshawar e dois imãs talibãs nos arredores de Kandahar, mas precisava primeiro de ter a convicção de que Tomás Noronha havia de facto assassinado Frank Bellamy. É certo que o dossiê apresentava fortes indícios nesse sentido; porém, faltava ouvir o que o suspeito tinha a dizer em sua defesa.

O alvo levava algum tempo a abandonar a viatura em que viera, mas quando o fez o agente da CIA saltou do seu automóvel de aluguer e estugou o passo para lhe interceptar o caminho, o dossiê numa mão e o cartão de identificação da CIA na outra, a pistola ainda escondida por baixo do casaco.

– Professor Noronha? – chamou. – É o professor Tomás Noronha?

Tomás deteve-se e voltou os olhos na direcção do desconhecido dos óculos escuros.

– Sou eu.

Vendo uma idosa ao lado do alvo, e não desejando testemunhas da conversa, o homem fez um sinal na direcção do carvalho que se encontrava a alguns metros de distância.

– Precisava de lhe dar uma palavrinha em privado, se não se importa.

O historiador obedeceu maquinalmente, intrigado por ser interpelado naquele lugar por um desconhecido com um evidente sotaque americano.

– Passa-se alguma coisa?

Depois de se assegurar de que estavam a uma distância suficientemente segura para que a idosa não escutasse o que tinha a dizer, o homem dos óculos escuros estendeu a mão e mostrou o cartão ao seu interlocutor.

– O meu nome é James Krongard. – identificou-se em voz baixa. – *Central Intelligence Agency*.

O nome inglês da Agência baralhou o historiador, que tinha a mente bem longe dali.

– Perdão?

– CIA. – precisou o americano, tirando os óculos para revelar os olhos azul-escuros. – Sou o encarregado do desk da CIA em Portugal.

A declaração deixou Tomás sem reacção durante um segundo, a mente a ferver no esforço de perceber por que motivo alguém da agência americana de informações se dera ao trabalho de vir a Coimbra falar com ele. A resposta à pergunta, a única possível, impôs-se-lhe de repente como uma evidência.

– Oh, não! – exclamou. – Isto é por causa do Frank Bellamy, não é?

O que lhe queria agora o chefe da Direcção de Ciência e Tecnologia da CIA?, interrogou-se. Parecia-lhe óbvio que a velha raposa contava de novo com os seus serviços para outra missão louca. Cerrou os dentes, resolutos. Desta vez Bellamy não o conseguiria arrastar para mais nenhuma dessas aventuras insensatas, decidiu. Podiam ameaçá-lo, talvez até lhe apontassem uma arma à cabeça e o agredissem, mas desta feita estava determinado a não ceder. Não o vergariam.

– Ainda bem que confessa. – disse Krongard. – Isso torna as coisas muito mais fáceis para mim.

O historiador não percebeu esta observação.

– Confesso? Confesso o quê?

– Que é o senhor o assassino. O facto de perceber que a minha presença aqui está relacionada com Frank Bellamy constitui, como é evidente, uma admissão implícita.

– Admissão de quê?

– Agora não vale a pena tentar disfarçar. – disse o americano, fazendo sinal na direcção do seu automóvel. – Penso que é melhor acompanhar-me.

O olhar de Tomás era de estupefacção.

– Acompanhá-lo onde? – Não estava a perceber nada. – Oiça lá, o que se está a passar aqui? – A irritação começou a trepar-lhe pela voz. – Quem é o senhor para vir aqui dizer que sou um assassino e que admiti implicitamente não sei o quê? Que conversa vem a ser essa?

– O senhor sabe muito bem o que fez. – rosnou Krongard. – A morte de Frank Bellamy não passará impune. Faça o favor de me acompanhar.

O português permaneceu plantado no seu lugar.

– Frank Bellamy morreu?

– Não se faça agora desentendido. Acompanhe-me, se faz favor.

– Desculpe lá, mas há aqui um equívoco qualquer. Em primeiro lugar, não sabia da morte de Bellamy. Em segundo lugar, não percebo as suas insinuações. Está por acaso a sugerir que eu tenho alguma coisa a ver com essa morte?

– Não estou a sugerir, estou a afirmar.

Tomás riu-se de incredulidade.

– Isso é ridículo! – exclamou. – Não vejo Bellamy há anos, nem vivo na América! Admito que já tive vontade de o esganar, esse tipo meteu-me em sarilhos que só eu sei, mas isso é uma forma de expressão. Claro que nunca o iria matar, é absurdo pôr tal hipótese.

O americano manteve cravados nele os seus olhos analíticos, uma expressão desconfiada no rosto.

– Pode dizer-me onde estava o senhor ontem?

– Por acaso nem estava por cá. – disse Tomás, como se a resposta arrumasse a questão. – Encontrava-me em Genebra. Posso prová-lo porque ainda tenho guardado o talão do cartão de embarque do voo.

– Ainda bem que o admite. Pode indicar-me as instituições que visitou em Genebra, se faz favor?

A reacção do americano desconcertou o historiador. Esperava que a revelação de que na véspera se encontrava na Suíça resolvesse aquela confusão, mas manifestamente não era isso o que estava a acontecer. O seu interlocutor nem sequer ficara surpreendido. Pela primeira vez, Tomás começou a sentir-se preocupado.

– Oiça, deve haver aqui um mal-entendido qualquer...

– Que instituições visitou o senhor em Genebra?

O melhor era responder, decidiu o português.

– Estive no Antiquário Perrin, junto ao lago Lemman. À tarde vim-me embora para Lisboa.

A resposta levou Krongard a abrir o dossiê que trazia na mão.

– Só esteve no antiquário? – indagou o agente da CIA enquanto vasculhava no conteúdo da pasta. Localizou uma folha e extraiu-a. – E isto? O que é?

Tomás olhou para a folha e constatou tratar-se de uma imagem retirada de um vídeo, evidentemente captada por uma câmara de segurança, a mostrar a sua entrada num edifício que de imediato reconheceu.

– Pois é! – exclamou, batendo com a palma da mão na testa. – Passei também pelo CERN, já me esquecia.

O americano lançou-lhe um olhar carregado de suspeita, como se indicasse que a ele o académico não o enganava.

– Um esquecimento conveniente, não lhe parece?

O tom ofendeu Tomás.

– Está a insinuar que omiti de propósito essa visita? Oiça, visitei de facto o CERN, mas já nem me lembrava porque foi uma coisa de passagem, não teve importância nenhuma.

Krongard esboçou um sorriso impregnado de malícia.

– Ai não? E então o que foi lá fazer?

A pergunta deixou Tomás perturbado. Não tinha pensado nisso, mas à luz destas questões, e em particular da suspeita que se começou a formar no seu espírito de que havia uma ligação qualquer entre a morte de Frank Bellamy e o CERN, os pormenores da sua passagem pelo complexo científico poderiam de facto ser considerados estranhos.

– Fui... quer dizer, recebi um convite para... para ir lá.

– Um convite de quem?

O português engoliu em seco. Cada pergunta era uma cavadela que iria atirar cá para fora mais uma minhoca incómoda. Ou seja, as respostas que tinha para dar, embora fossem inocentes e verdadeiras, poderiam ser consideradas bizarras e apenas serviriam para o enterrar ainda mais.

– De um antiquário. – disse em voz baixa, consciente de que a resposta parecia ridícula. – Deu-me a informação de que tinha um artefacto antigo que seria do meu interesse e convidou-me para o ir ver no CERN.

O agente da CIA soltou uma gargalhada incrédula.

– Um artefacto antigo no CERN? – troçou. – Acaso o CERN é alguma casa de antiguidades ou um museu? O senhor espera mesmo que eu acredite numa balela dessas?

– Eu sei que agora parece absurdo, mas na altura não questioneei a incongruência. Encontrava-me em Genebra para adquirir objectos raros para a colecção do Museu Gulbenkian e encarei a coisa como uma nova oportunidade. Fui informado de que me podiam mostrar um interessante artefacto antigo nas instalações do CERN e aceitei isso de boa-fé. Além do mais tinha algum tempo livre.

– E quem foi o antiquário que lhe deu essa informação?

A pergunta quase obrigou Tomás a encolher-se. Vinha aí outra minhoca que o ia enterrar ainda mais.

– Não sei.

– Perdão?

– Na verdade não falei com nenhum antiquário. – esclareceu, arrependido por não ter explicado tudo pormenorizadamente desde

o início. – O que aconteceu foi que, ao chegar ao meu quarto no hotel, deparei-me com uma nota metida por baixo da porta a disponibilizar o acesso a esse artefacto antigo e a convidar-me para ir ao CERN vê-lo. A nota indicava a hora a que eu deveria dirigir-me ao complexo e o local do encontro, a esquina de um acesso à zona do detector Atlas.

– Onde está essa nota?

– Deitei-a fora.

– Ao menos estava assinada?

– Sim.– Coçou a cabeça, embaraçado. – Mas a assinatura era ilegível, receio bem.

Krongard bufou; manifestamente nenhuma das respostas o deixara convencido.

– Oiça, e esse artefacto? – perguntou, como se lhe estivesse a dar uma derradeira oportunidade para provar o que dizia. – Onde está ele?

Outra pergunta cuja resposta seria difícil de engolir.

– Cheguei ao local onde, segundo a nota, o antiquário estaria à minha espera, mas ninguém apareceu. Aguardei uma hora e, ao fim desse tempo, desisti e fui-me embora, uma vez que tinha voo para Lisboa daí a pouco.

O americano respirou fundo e abanou a cabeça.

– Com franqueza, professor Noronha. – disse no tom de um professor que não acredita nas desculpas esfarrapadas apresentadas por um aluno que lhe apareceu na aula sem os trabalhos de casa feitos. – O senhor não espera mesmo que eu engula tantas patranhas tão mal contadas, pois não?

– É a verdade.

– É a verdade que o senhor improvisou neste momento, mas está carregada de mentiras. – acusou num tom de repente assertivo. – Apareço aqui e o senhor de imediato percebe que vim por causa de Frank Bellamy. Pergunto-lhe onde esteve ontem em Genebra e evita mencionar o CERN. Quando lhe apresento um fotograma que prova ter entrado no CERN, alega que se esqueceu de referir essa visita porque se tratou de uma passagem breve. Interrogo-o sobre os motivos pelos quais se deslocou a essas

instalações e vem-me dizer que foi lá porque um antiquário qualquer lhe pediu para ir ver um artefacto antigo, como se fosse normal expor peças dessas para venda num lugar como o CERN. Depois, quando lhe peço o nome desse antiquário para ir ter com ele e verificar o que me disse, desmente-se e afirma que afinal não falou com antiquário nenhum e que recebeu a informação através de uma nota que lhe foi deixada no quarto e com assinatura ilegível, o que se me afigura muito conveniente para impedir a identificação de quem quer que seja. Pergunto-lhe pela nota e declara que já a deitou fora. Onde está o artefacto? Afinal não o comprou nem ninguém apareceu no local à hora do encontro. Enfim, é uma história que não tem pés nem cabeça!

O sumário feito pelo homem da CIA, percebeu Tomás, reflectia a forma como qualquer polícia desconfiado interpretaria as suas palavras. Não interessava como as coisas se tinham realmente passado, mas apenas o que parecia e o que poderia provar.

– Sei que isto que lhe vou dizer parece uma desculpa, mas a verdade é que as suas perguntas me apanharam de surpresa. – justificou-se. – As coisas passaram-se como eu disse, embora na altura não tivesse atribuído qualquer significado ao caso. Dispunha de tempo livre antes do voo, aproveitei essas horas para ir atrás de uma possibilidade de compra e afinal a tentativa não deu em nada. Nunca mais pensei no assunto, tão irrelevante ele me pareceu, e de certeza que o esqueceria se não fosse o senhor aparecer aqui com todas essas perguntas.

O americano ergueu uma sobrancelha.

– Não me vai dizer que o facto de Frank Bellamy ter sido assassinado justamente na hora em que o senhor esteve no CERN é pura coincidência, pois não?

Tomás estreitou as pálpebras; a situação era pior do que alguma vez poderia imaginar.

– Frank Bellamy morreu no CERN à hora em que eu lá estava?!

O agente da CIA olhou-o com desdém; estava nesse instante absolutamente convencido de que o seu interlocutor era de facto o assassino.

– Agora finge que não sabia?

– Deduzi que Bellamy tinha morrido no CERN a partir do momento em que o senhor começou a fazer da minha visita ao complexo científico um grande caso, mas alimentava a esperança de que não fosse assim. – disse com um sentimento de resignação.

– De qualquer modo, tudo isto são indícios circunstanciais que evidentemente não se aguentarão em tribunal. Os senhores têm de arranjar provas bem melhores do que as da minha presença no CERN na hora da morte de Bellamy. No fim de contas, naquela altura deveriam estar mais de mil pessoas nas instalações, não é verdade? Porque suspeitam de mim e não de alguma das outras pessoas que lá se encontravam?

A resignação do historiador e a sua exigência de que se apresentassem provas mais conclusivas foram interpretadas por Krongard como uma admissão de culpa. O homem da CIA passara as últimas horas a estudar bem o dossiê do caso e faltava-lhe apenas perceber se as explicações do suspeito eram inatacáveis. A verdade é que Tomás não o convencera.

– Já vi que o senhor decidiu proteger-se atrás de minúcias jurídicas. – observou. – Essa é a tática habitualmente usada pelos culpados...

– Não tenho nada a ver com a morte de Bellamy, cuja presença em Genebra eu aliás desconhecia. – insistiu o português. – Mas já percebi que o senhor nunca acreditará em mim e, para ser sincero, isso também me é indiferente. Se acham que sou culpado, cabe-vos a vocês fazer a prova.

– Sabe, gostava muito de acreditar na sua inocência, mas as suas múltiplas mentiras desmascaram-no. – retorquiu o homem da CIA. – Descobrimos que o senhor e mister Bellamy estavam hospedados no mesmo hotel, o Four Seasons. – Retirou mais um fotograma impresso do dossiê que Langley lhe enviara. – Esta imagem foi retirada de uma gravação do vídeo de segurança do hotel. Como pode ver, mostra-o sentado no átrio a ler um jornal e mister Bellamy a passar diante de si.

Tomás examinou a imagem, perplexo.

– Estávamos no mesmo hotel?! – admirou-se. – Caramba, isto é uma coincidência dos demónios!

O americano guardou a impressão do fotograma.

– Se há coisa que já aprendi é que na vida, professor Noronha, não há coincidências. – sentenciou. – Para nós é evidente que o senhor fingia ler o jornal, mas na realidade estava a vigiá-lo. Conheço bem o estratagema do jornal porque é um velho truque da minha profissão.

– Asseguro-lhe que a nossa presença em simultâneo no hotel é uma mera coincidência. – repetiu o historiador. – Seja como for, não passa de outro indício circunstancial. O que me parece é que vocês não têm nada mais concreto que me ligue à morte de Bellamy e andam para aí a atirar o barro à parede para ver se me descaio.

Krongard ainda hesitou, mas acabou por retirar um último papel do dossiê e estendeu-o ao seu interlocutor.

– Acha que não temos nada de concreto a ligá-lo ao homicídio? Então veja isto.

Ψ

The key: Tomás Noronha

A atenção de Tomás incidiu sobretudo nas palavras manuscritas por baixo do símbolo.

– O que está o meu nome aqui a fazer?

Os lábios do americano rasgaram-se num sorriso de caçador com a presa à sua mercê.

– Com esta é que o senhor não contava, pois não?

– Não respondeu à minha pergunta. – insistiu o historiador, pressentindo um mar de informação oculta naquela pequena folha. – O que é isto? Porque está aqui o meu nome?

– Isto é uma cópia que nos foi enviada pela polícia de Genebra. – esclareceu. – Trata-se de um papel encontrado nas mãos do cadáver de mister Bellamy. O seu sentido simbólico é evidente, em particular à luz das suas movimentações nesse dia. A figura de cima simboliza a crucificação. E mister Bellamy

evidentemente a referir-se à sua própria morte. E em baixo está o nome do homem que o matou, e que ele designa como *the key*, ou a chave, para identificar o seu assassino.— Agitou o papel no ar. — Este documento, professor Noronha, constitui uma prova definitiva e irrefutável de que o senhor assassinou o chefe da Direcção de Ciência e Tecnologia da CIA.

Tomás mantinha os olhos cravados na folha, digerindo todas as implicações do que via e lhe era dito. A presença do seu nome num papel encontrado na mão da vítima constituía sem dúvida um indício altamente comprometedor. Sabia que era inocente, mas como poderia ele explicar uma coisa daquelas? O facto é que Frank Bellamy o incriminara de uma forma inequívoca e a sua derradeira mensagem iria com certeza pesar muito na mente de um juiz na hora de passar a sentença.

— Tem a certeza de que foi Bellamy quem redigiu isto? — perguntou, agarrando-se a uma última esperança. — Como pode ter a certeza de que esta prova não foi plantada pelo verdadeiro assassino para me incriminar?

O americano indicou o dossiê que tinha na mão.

— Sabemos que mister Bellamy é o verdadeiro autor dessa mensagem porque fizemos testes de caligrafia às palavras aqui manuscritas e analisámos a tinta e o papel com muito cuidado. Os resultados preliminares que aqui tenho mostram que a letra é inequivocamente dele, a tinta corresponde à da caneta que costumava trazer consigo e os únicos traços de ADN encontrados no papel são justamente os de mister Bellamy. Pode ter a certeza, professor Noronha. A mensagem foi mesmo deixada por ele.

Aquela via fechara-se, para frustração e perplexidade do historiador.

— Então não percebo. — desabafou. — De uma coisa tenho, no entanto, a certeza: não fiz nada.

Krongard encolheu os ombros.

— As suas mentiras não me interessam. — disse. — Faça o favor de me acompanhar.

— Para onde?

Com a conversa acabada, o americano agarrou-o pelo cotovelo e puxou-o com rudeza na direcção do automóvel branco estacionado por baixo do carvalho.

– O senhor está detido.

XIX

– Ui, sinto-me fraca.

Foi a voz de dona Graça que arrancou Tomás ao torpor em que mergulhara enquanto o desconhecido o arrastava pelo braço. Caindo em si quando se preparava para entrar na viatura do agente da CIA, o historiador libertou-se com um movimento brusco e enfrentou Krongard.

– Oiça lá, isto não é assim! – protestou. – A minha mãe sofreu esta manhã um colapso cardíaco e tenho de a ajudar. Além do mais, e que eu saiba, no meu país o senhor não tem autoridade. Só a polícia portuguesa me poderá obrigar a ir a algum sítio contra a minha vontade.

Os olhos do americano chisparam.

– O senhor matou um director da CIA. – grunhiu entre dentes.
– Na América trata-se de um crime punível com a pena de morte. Acha que a Agência vai agora meter-se em burocracias que não levarão a parte alguma, uma vez que Portugal jamais aceitará

extraditar um cidadão seu para ser julgado e executado nos Estados Unidos? – Abanou a cabeça. – Pois engana-se, professor Noronha. Neste preciso momento está um Hercules C-130 a sobrevoar o Atlântico para o vir buscar. A partir deste momento o senhor encontra-se sob detenção da CIA e esta noite será transferido clandestinamente para Langley, onde decorrerá o interrogatório e o seu processo começará a ser instruído.– Fez um gesto com a mão a indicar o seu automóvel de aluguer. – Por isso faça o favor de me acompanhar.

– O senhor não tem autoridade para me deter!

O agente da CIA afastou a aba do casaco e expôs o coldre que trazia atado ao peito com a coronha da Glock a espreitar para fora.

– Esta é a minha autoridade. – rosnou com um sorriso ácido, a voz encharcada de ameaças, a mão a acariciar a coronha. – O senhor vem a bem ou vem a mal? A decisão é sua.

A arma, mesmo guardada no coldre do peito, constituía um argumento formidável. Os olhos de Tomás saltavam entre a Glock, a expressão firme do americano com a mão pousada na coronha e a figura frágil da mãe, que o aguardava junto ao portão.

– Está bem. – acabou por ceder, derrotado. – Mas deixe-me primeiro levar a minha mãe para o lar, está bem? Como vê, ela sente-se fraca e precisa de descansar.

A atenção de Krongard desviou-se para dona Graça.

– Com certeza.

Tomás voltou para junto da mãe e deu-lhe a mão, ajudando-a a franquear o portão e encaminhando-a para a entrada do *Lugar do Repouso*. O americano caminhava um metro atrás, satisfeito com a forma como as coisas decorriam. Com base na informação que obtivera, tinha previsto que o alvo aparecesse na praceta com a mãe, como de facto viera a suceder. A visita ao interior do lar fazia parte do seu plano. Uma vez convencido da culpa do suspeito, sabia que o abateria sem a menor hesitação e para isso bastava-lhe motivá-lo para a fuga e dar-lhe uma oportunidade para o fazer.

– Dona Graça! – exclamou a funcionária que atendeu, abrindo os braços e sorrindo de forma calorosa ao ver a hóspede diante

dela. – Como está a senhora? Melhorzinha?

– Graças a Deus. – disse a idosa com um sorriso fraco. – Aqui o meu filhinho foi-me buscar ao hospital, coitadinho. É uma jóia de moço, não acha, dona Ermelinda?

– Ai se é! Se é!

Cruzaram a porta. Uma vez no átrio da vivenda, Tomás hesitou quanto ao que deveria, ou poderia, fazer a seguir. Seria já algemado e levado para o carro? Ou o americano dar-lhe-ia ainda uns momentos a sós com a mãe? Voltou-se para trás e encarou o seu captor.

– Não vê inconveniente em que eu leve a minha mãe para o quarto dela, pois não? – perguntou. – Quero deitá-la e tranquilizá-la.

– Esteja à vontade. – autorizou Krongard em voz alta, mas de imediato aproximou a boca da orelha do historiador. – Despeça-se da mãezinha, despeça. – segredou-lhe. – É a última vez que a verá porque na América espera-o a cadeira eléctrica.

Ao ouvir estas palavras, o português atirou-lhe um olhar chocado; não queria acreditar na insensibilidade mostrada pelo agente da CIA num momento daqueles.

– *Fuck you!* – murmurou, a voz e o olhar impregnados de desprezo. – *Fuck you!*

– Tsss, tsss, então? – devolveu o americano com uma expressão trocista. – Tenha tento na língua, homem. – Voltou-se para a empregada do lar, que se afastava já. – Minha senhora, não tem nada que se coma? Nem imagina a fome que trago...

A funcionária deteve-se, momentaneamente surpreendida com o pedido, mas reagiu numa fracção de segundo.

– Venha daí. – convidou-o ela. – A cozinheira fez uma feijoada à transmontana que está um estalo. Tem é de comer na copa, se não se importa. A sala de jantar foi reservada para os hóspedes.

O visitante varreu o espaço em redor com o olhar.

– E onde estão eles? – quis saber, mais por razões operacionais do que por curiosidade. – Isto parece tão deserto...

A empregada riu-se.

– Uns foram dar um passeio ao pinhal, outros estão nos quartos. – esclareceu. – Mas a maioria foi para a sala de estar. Sabe como são as pessoas nesta idade, é lá que se encontra a televisão...

– Estou a ver. – assentiu o americano, esfregando as mãos a preparar-se para o repasto. – Vamos então para a copa provar essa feijoada.

Enquanto Tomás acompanhava a mãe pelas escadas até ao andar superior, Krongard seguiu a funcionária até à cozinha, um sorriso a bailar-lhe nos lábios. Ao sublinhar que na América o esperava a cadeira eléctrica e ao dirigir-se à copa para comer, o homem da CIA dava ao historiador a motivação para fugir e a oportunidade de o fazer. A armadilha fora estendida.

A iniciativa estava do lado da sua presa.

O comportamento do americano deixou Tomás admirado. Enquanto escalava os degraus e ajudava dona Graça a ascender devagar ao primeiro andar, uma densa nuvem de perplexidade enchia-lhe a mente. Como era possível que o agente que o viera deter se mostrasse de tal modo confiante que o deixasse sozinho com a mãe? Não via ele que lhe estava a oferecer uma oportunidade de fugir? O que o faria sentir-se tão seguro dele mesmo? Como podia ter a certeza de que Tomás não aproveitaria?

As interrogações multiplicavam-se, mas as respostas não. Esforçou-se por ver as coisas do ponto de vista do operacional da CIA, de modo a compreender e prever o seu comportamento. A tentativa foi infrutífera. Fosse qual fosse a perspectiva que adoptasse, parecia-lhe que só havia uma resposta satisfatória. O seu captor subestimava-o. Não havia outra explicação. Pensaria que Tomás, por ser um académico habituado ao mundo dos livros e a passar a vida em pesquisas em torno de manuscritos antigos, não era mais que um rato de biblioteca, um intelectual amedrontado perante os desafios da vida real e incapaz de uma iniciativa fisicamente ousada? Tamanha presunção quase lhe pareceu um insulto.

– Ufa, estou cansada! – queixou-se dona Graça quando chegaram ao topo das escadas, interrompendo-lhe a cadeia de

pensamentos. – Acho que me vou deitar.

– Faz bem, mãe. – assentiu ele. – Tem mesmo de descansar, foi uma manhã muito pesada. Não é qualquer um que morre e ressuscita no mesmo dia, pois não? O próprio Jesus teve de esperar três dias.

O historiador lançou uma derradeira olhadela para o piso de baixo e certificou-se de que o átrio estava vazio. Depois conduziu a mãe pelo corredor até ao seu quarto. Entraram e ajudou-a a despir-se e a vestir a camisa de noite, a tomar os medicamentos e a deitar-se na cama.

– Obrigada, filho. – murmurou ela enquanto ajeitava o cobertor e se acomodava sobre a almofada. – Vejo-te ao jantar?

Tomás hesitou; a sua ideia inicial era permanecer em Coimbra uma ou duas semanas, de modo a acompanhar a convalescença da mãe e as suas deslocações ao hospital, mas os acontecimentos haviam-se precipitado numa direcção inesperada e nada disso era agora viável.

– Infelizmente não. – respondeu. – Surgiu uma coisa urgente e vou ter de voltar já a Lisboa.

– Ah, que aborrecido! Olha, tem cuidado pelo caminho, ouviste? Tu às vezes aceleras um bocado e isso é perigoso. Além do mais, há para aí muitos malucos a conduzir...

– Fique descansada.

Vencida pelo cansaço, dona Graça fechou os olhos e deslizou quase instantaneamente para o sono. O filho inclinou-se e beijou-a na fronte, interrogando-se sobre se voltaria a vê-la. O equívoco em que Bellamy o metera poderia vir a custar-lhe muito caro.

Ao endireitar-se, regressou ao problema mais urgente. A sua própria situação. Os acontecimentos haviam evoluído de uma forma absolutamente extraordinária quando, alguns minutos antes, o agente da CIA o interceptara à porta do lar. A nova realidade tinha laivos de surreal, mas não a podia ignorar. Perante as perspectivas diante dele, e em particular a possibilidade de ser sequestrado e enviado clandestinamente para os Estados Unidos, onde o esperava a cadeira eléctrica, a sua única verdadeira hipótese era fugir. Sobre isso não restavam quaisquer dúvidas.

Fugir.

A decisão estava tomada. Encostou a orelha à porta do quarto da mãe para tentar perceber se havia movimento no corredor. Não escutou nada. Abriu devagar a porta e espreitou para o exterior. O corredor mostrava-se deserto. Saiu do quarto, fechou a porta com mil cuidados e avançou em passo leve ao longo do corredor, preocupado com qualquer movimento suspeito. O soalho de madeira rangia, pareciam gemidos de melancolia, pelo que a cada passo redobrou de cautela. Ao chegar ao topo da escada inclinou-se para baixo e perscrutou o átrio. Permanecia vazio.

Chegara o momento de tentar a surtida.

O barulho do soalho a ranger no piso de cima não passou despercebido a James Krongard. Estivera atento aos sons produzidos no andar superior quando o alvo levara a mãe para o quarto e a primeira coisa em que havia reparado fora justamente no som da madeira a chiar quando alguém a calcorreava. Tomara boa nota desse barulho, consciente de que ele se voltaria a produzir quando o suspeito percorresse o corredor em sentido inverso.

– Então essa feijoadinha? – quis saber a funcionária. – Está uma maravilha, não está?

– Óptima. – devolveu o americano enquanto metia à boca a última garfada. – Mas já chega.

– Oh! Não come tudo?

O homem levantou-se do seu lugar na copa e dirigiu-se ao corredor.

– Agradeço muito a sua gentileza, mas não quero mais nada. Vou aguardar o professor Noronha.

Saiu da cozinha e posicionou-se no corredor que dava acesso ao átrio. O som do soalho a dar de si parara lá em cima, sinal de que o alvo inspeccionava o caminho e se preparava para tentar a fuga. Os lábios de Krongard curvaram-se num sorriso que de imediato reprimiu, num esforço para se manter concentrado. O desenlace era realmente previsível. Sabendo que a CIA o iria levar clandestinamente para a América, onde seria julgado pelo assassinato de um dos directores da Agência com provas altamente comprometedoras, e considerando que parecia ter ali uma

oportunidade inesperada para escapar ao seu captor, era inevitável que o português tentasse fugir.

– Vamos lá, rapaz. – sussurrou, quase convencido de que as suas palavras inaudíveis levariam Tomás a lançar a surtida. – Avança agora.

A mão direita de Krongard deslizou para o interior do casaco e acariciou a coronha fria da Glock. Não convinha retirá-la de imediato. Se alguém o visse com a arma na mão faria soar o alarme e a armadilha fracassaria. Mas tinha de estar preparado para sacar depressa a pistola e usá-la. Com a ponta do indicador, soltou a correia que mantinha a Glock presa ao coldre. Depois usou o polegar e destravou a arma. Com os procedimentos completados, agarrou enfim a coronha e pôs o dedo no gatilho. Estava pronto para a acção e sabia que ela ocorreria quando o suspeito comesçasse a descer as escadas, acção que seria também denunciada pelos gemidos da madeira.

Foi nesse instante que o soalho no piso de cima voltou a ranger.

XX

Sentiu que alguma coisa não batia certo.

A imagem do átrio deserto lá em baixo inquietou Tomás mais do que se poderia pensar. Foi como se um sexto sentido o avisasse de que não deveria aproveitar daquela forma a oportunidade que tão inesperadamente se lhe oferecia. Ora ele habituara-se a confiar no seu sexto sentido, não por estar convencido de que se tratava de uma capacidade extra-sensorial de acesso a um mundo sobrenatural, mas justamente por saber que o sexto sentido resultava de uma análise complexa que envolvia os processos cognitivos da sua própria mente, que, sem recorrer à consciência, procedera à radiografia da situação. O resultado era, pelos vistos, o alerta lançado pelo seu sexto sentido. Teria de rever o plano de fuga.

Algo não batia de facto certo.

– Tu estás à minha espera. – murmurou, a desconfiança de repente a apertar-lhe as entranhas enquanto estudava o espaço

junto à porta da rua com olhos novos, prenhes de suspeita. – Estás escondido algures à espera que eu tente fugir...

Talvez fosse excesso de cautela, mas Tomás decidiu confiar na sua intuição. Lançou uma derradeira espreitadela ao átrio vazio, esperando ardentemente não estar a cometer um erro e a desperdiçar uma bela oportunidade para escapar. Sempre com mil cuidados, recuou pelo corredor, esforçando-se por minimizar o enervante ranger do soalho, e voltou ao quarto da mãe.

Fechou a porta, rodou a chave na fechadura e, com o coração a ribombar com força no peito, encarou o vulto deitado na cama. Dona Graça dormia profundamente, um ronco suave a escorregar do nariz, o cobertor a subir e descer ao ritmo lento da respiração. Noutras circunstâncias o filho rir-se-ia daquele ressonar leve, mas não naquele momento; as circunstâncias eram demasiado graves.

– E agora? – interrogou-se em voz baixa, ainda na dúvida sobre se procedera bem e se não teria deixado fugir uma possibilidade única de escapar ao seu captor. – Como é que saio daqui?

Olhou em redor, como um animal encurralado, e a sua atenção fixou-se inevitavelmente no varandim do quarto. Se a porta para o corredor não era o caminho, como lhe indicara o sexto sentido, só lhe restava aquela via de fuga. Precipitou-se para o varandim e espreitou lá para baixo. Estava apenas no primeiro andar, mas a altura era considerável e o chão não parecia acolhedor; consistia em blocos de granito abojardado que separavam a parede exterior da moradia do tapete verde de relva. Se se atirasse dali, o mais certo era partir uma perna e umas costelas. Nem pensar em tentar o salto.

Foi então que reparou no pinheiro.

Os novos gemidos da madeira no piso superior inquietaram James Krongard. O que significaria aquilo? Depois dos primeiros barulhos, tinha esperado que o seu alvo descesse as escadas, em silêncio ou de escantilhão, para tentar a fuga. Mas nada disso sucedera. Pelo contrário, o ranger adicional do soalho mostrava que

havia de facto actividade lá em cima, mas não tinha modo de lhe delimitar os contornos.

– O que andarás este tipo a fazer?

O agente da CIA esperou alguns segundos mais, na expectativa de que em breve tudo ficasse claro e o suspeito descesse pelas escadas em fuga, como previra desde o início, mas tal não sucedeu. A medida que os segundos se escoavam sem nada acontecer, ia-se tornando evidente que os acontecimentos haviam evoluído noutra direcção. E o mais grave é que Krongard sentia que essa direcção escapava ao seu controlo. Ou os novos barulhos significavam que havia hóspedes a circular no andar superior, ou então...

Arregalou os olhos.

– Querem ver que... que...

A suspeita de que Tomás escolhera outro caminho de fuga só nesse instante assaltou o americano. Sem perder mais tempo, abandonou a posição que tinha ocupado para emboscar o historiador e foi à ponta das escadas espreitar para cima. Não viu ninguém. Receando ter cometido um erro terrível, o agente da CIA galgou as escadas de dois em dois degraus e percorreu apressadamente o corredor até ao quarto número oito, onde a empregada lhe dissera que se alojava a mãe da sua presa.

Bateu à porta.

– Professor Noronha? – chamou, esforçando-se por manter a voz controlada para não provocar perturbação no lar. – Está aí, professor Noronha? – Bateu de novo. – Professor Noronha?

Como não veio resposta, deitou a mão à maçaneta e rodou-a. A porta manteve-se fechada.

– *Goddam!*

No instante em que verificou que a porta do quarto se encontrava trancada, Krongard teve a certeza de que o seu alvo estava de facto em fuga, mas por uma outra rota. A situação escapara realmente ao seu controlo e o agente da CIA percebeu que já não havia modo de manter a discrição; teria de recorrer aos grandes meios.

Afastou-se dois passos, tirou a Glock do coldre e apontou-a à fechadura.

O tiro provocou um rebuliço no lar.

Quando o disparo soou, Tomás agarrava-se ao tronco do pinheiro. O toque na porta ocorrera quando se encontrava no varandim a inspeccionar a árvore e a verificar se ela lhe dava uma via segura para o chão. Ao ouvir o americano a chamar por ele, o fugitivo compreendeu que já não lhe restava muito mais tempo. A janela de oportunidade fechava-se depressa e, se queria mesmo escapar, teria de ser nesse momento.

Abraçou-se ao tronco e, quando começou a negociar a descida, ouviu o tiro que desfez a tranca da porta do quarto de dona Graça. Pensou na mãe e no susto que teria, receou mesmo que a detonação lhe provocasse um novo colapso cardíaco e quase se arrependeu de ter tentado fugir, mas não previra que o homem da CIA abrisse caminho à bala e era demasiado tarde para desfazer o que estava feito. A única opção que lhe restava era seguir em frente.

E depressa.

– Professor Noronha?!

A voz com forte sotaque americano veio do interior do quarto, mas Tomás percebeu que num instante o seu perseguidor apareceria no varandim e teria de ser mais lesto.

Ia a meio do tronco e a altura pareceu-lhe segura. Nesse instante deixou-se cair. Rolou pelo chão, levantou-se e largou em correria pelo jardim em direcção à praceta.

Soou um novo tiro.

A detonação reverberou de maneira diferente, evidentemente porque tinha ocorrido em espaço aberto e ao ar livre, e o fugitivo viu um penacho de relva erguer-se diante dele. O americano, tomou consciência, atirara a matar. Não o mandara parar, não fizera sequer uma tentativa de o deter. Simplesmente, disparara para matar. E as costas de Tomás eram um alvo magnífico e continuariam a sê-lo por mais uns cinco segundos, o tempo que levaria a dobrar a esquina do edifício e a pôr-se enfim ao abrigo da mira.

Quatro segundos.

Deu uma guinada para a esquerda e nesse momento soou mais um tiro. O agente da CIA era com certeza um atirador de qualidade, a prática de tiro fazia parte do seu treino, mas não esperara aquela mudança de direcção e falhara de novo o alvo.

Três segundos.

Deu mais alguns passos em linha recta, mas sabia-se desprotegido e teve a noção de que teria de dar novas guinadas para ter alguma hipótese de escapar. Simulou que virava à direita e flectiu de repente para a esquerda outra vez. O novo tiro voltou a falhar.

Dois segundos.

– *Sonnavabitch!*

Os três tiros haviam errado o alvo e o fracasso arrancou um grunhido de frustração ao americano. Nunca na sua vida de atirador falhara dois tiros seguidos, quanto mais três. O primeiro era desculpável, tinha acabado de chegar ao varandim e abrira fogo na direcção do alvo em fuga sem apontar devidamente, mas os restantes dois pareciam-lhe erros inaceitáveis. É certo que o súbito ziguezague do português o apanhara de surpresa e o enganara, mas o erro estava no alvo que escolhera. Apontara para a cabeça, de modo a provocar morte instantânea, mas as condições não eram as ideais para tentar um tiro desses com uma pistola. Se tivesse apontado para o tronco, não havia ziguezague que salvasse o suspeito. E era justamente para aí que agora abria fogo. O quarto tiro seria certo.

Um segundo.

A mira da Glock de James Krongard assentou no tronco de Tomás, onde sabia que, por mais guinadas que o fugitivo desse, não falharia. Primeiro derrubá-lo-ia. Quando ele estivesse no chão, o segundo tiro desfar-lhe-ia o crânio. Ciente de que apenas dispunha de umas fracções de segundo, contraiu o indicador e apertou o gatilho.

– Estafermo!

Um objecto vindo de parte nenhuma atingiu o americano no instante em que abriu fogo, desequilibrando-o.

– O que.... – balbuciou encostado ao varandim. Viu o alvo desaparecer por trás da esquina do edifício e percebeu que, mais uma vez, falhara o tiro. – *Damn!*

– Ordinário!

O objecto que o atingira voltou a bater-lhe na cabeça. Protegeu-se com o braço e tentou perceber o que se passava. Era dona Graça que o atacava com a malinha de mão, os cabelos no ar e os olhos em fúria, bombardeando-o com insultos e sucessivos golpes de mala.

– Parvalhão!

Percebeu que não se devia ter esquecido da mãe do suspeito. O tiro que destruíra a fechadura acordara-a com um salto de susto e, quando vira um homem armado a passar-lhe pelo quarto e a chamar pelo filho, ficara em alerta. Ao aperceber-se de que o homem estava ao varandim a abrir fogo, compreendera o que acontecia e, o instinto de mãe mais forte do que nunca, actuara de imediato.

– Saia da frente! – ordenou Krongard, pondo-se de pé e afastando a idosa com o braço. – Deixe-me passar!

O agente da CIA atravessou o quarto e o corredor em corrida e de pistola em punho, rezando para não chegar demasiado tarde à rua, uma única pergunta a martelar-lhe na cabeça: como iria explicar a Langley que uma velhota quase demente o impedira de matar o homem que assassinara Frank Bellamy?

XXI

Trovoando em sucessão, os estampidos dos disparos sobressaltaram Maria Flor. No início pensou que se tratava de foguetes de feira e ficou irritada, questionando-se sobre a identidade e as intenções das pessoas que tinham tido a ideia de largar foguetes àquela hora junto de um lar de idosos, mas varreu o pensamento no instante em que viu Tomás aparecer ao portão, esbaforido, a correr para o automóvel.

– O que aconteceu? – perguntou, surpreendida, quando ele abriu a porta do carro. – Passa-se alguma coisa?

Tomás atirou-se literalmente para dentro do Volkswagen, embatendo com a cabeça no ombro dela.

– Arranca! – gritou. – Arranca!

A amiga olhou-o, sem compreender.

– Arranco o quê?

O historiador apontou para o volante.

– Arranca imediatamente! – insistiu. – Temos de sair daqui o mais depressa possível!

– Mas porquê? O que se passa?

Ele fez um sinal com o polegar, a indicar o edifício do *Lugar do Repouso* que se erguia para além do muro e das sebes.

– O tipo... o tipo que me interpelou na praceta está a disparar! – disse no tom mais controlado possível, ciente de que a explicação era demasiado extravagante para fazer qualquer sentido. – Temos de sair daqui imediatamente. O gajo quer matar-me, percebes?

A cara de Maria Flor contraiu-se numa careta de estupefacção e absoluta incredulidade.

– O quê? Que história é essa?

Tomás gemeu de frustração.

– Arranca! – gritou já fora de si, a atenção a saltar entre ela e o portão da vivenda. – Arranca antes que o tipo apareça!

O motor ronronava baixo, na verdade Maria Flor nunca o tinha desligado por pensar que o amigo voltaria mais depressa do que realmente voltara, e por precaução perante tamanha insistência ela carregou na embraiagem e meteu a primeira, mas não fazia quaisquer tenções de lhe obedecer até tirar aquela história a limpo. Havia um homem aos tiros dentro do lar? Nada daquilo fazia o menor sentido. Tomás teria enlouquecido?

– Ouve. – disse ela num tom sereno, como se assim o conseguisse acalmar. – O que...

Calou-se no instante em que viu um homem aparecer pelo portão com uma pistola em punho. Na verdade não percebeu o que vira, não teve tempo para isso porque o instinto, o tal sexto sentido que na realidade era a mente a avaliar a situação sem envolver a consciência, reagiu mais depressa e nesse instante tomou conta da sua vontade.

Soltou a embraiagem, carregou no acelerador e, com um solavanco brusco e um guincho louco, o carro arrancou a toda a velocidade.

A bala foi disparada no momento em que o Volkswagen partiu. James Krongard não esperara que o automóvel azul se movimentasse precisamente nesse momento, e isso foi quanto

bastou para errar de novo o alvo. Na verdade a bala furou os vidros laterais dos lugares traseiros do carro, mas não atingiu nenhum dos ocupantes.

Portanto, falhara.

– *Fuck!* – praguejou o americano, ele que odiava pronunciar palavras obscenas. – *Fuck! Fuck! Fuck!*

Nesse dia tudo lhe corria mal.

O automóvel fugitivo abandonara a praceta, deixando uma nuvem arroxeadada a fundir-se com o ar, e acelerava já na rua anexa. O agente da CIA cruzou apressadamente o portão e ao chegar ao centro da praceta, mesmo no enfiamento da rua, apontou na direcção do carro, mas apenas vislumbrou o vulto traseiro a dobrar a esquina e a desaparecer para lá de uma vivenda.

– Oh, não!

Sem perder tempo, Krongard correu para o Ford branco estacionado por baixo do carvalho. Deitou a mão ao bolso, extraiu a chave e, com uma nota musical ridícula, desbloqueou as portas. Sentou-se ao volante, ligou a ignição e o carro arrancou. Arrependeu-se nesse momento de não ter alugado uma viatura mais potente, mas sabia que, feitas as contas, isso na verdade não teria influência no resultado final. Não havia ele, durante o período de formação na Quinta, o centro de treinos da CIA, pilotado no circuito de Indianápolis? A Agência ensinava aos seus agentes as técnicas de condução em alta velocidade, o que significava que o fugitivo não tinha a menor possibilidade de lhe escapar. Além do mais, reparara que ao volante estava uma mulher, e Krongard acreditava firmemente que elas possuíam menos destreza na estrada.

O Ford acelerou e travou e guinchou e derrapou a cada recta e a cada curva, um caçador veloz no encalço da sua presa, serpenteando entre os automóveis que lhe apareciam nas ruas, correndo riscos e ganhando todas as apostas porque os outros carros se iam afastando, intimidados com a sua condução agressiva. À medida que se aproximava do centro de Coimbra o tráfego aumentava, o que em princípio constituía um problema, mas naquele caso era uma clara vantagem. Os fugitivos, sabia o homem

da CIA, não tinham experiência de condução competitiva, o que significava que o trânsito denso os atrasaria mais do que a ele.

Ao fim de uns meros cinco minutos de correria louca pelas ruas da cidade, Krongard avistou enfim a mancha azul do Volkswagen encaixada entre uma carrinha e um utilitário.

– Ah, estás aí.... – sorriu apesar dos dentes cerrados na fúria da perseguição. – És meu!

Carregou no pedal e ultrapassou em contramão um punhado de automóveis, ganhando duzentos metros de uma assentada. Àquele ritmo, calculou, em breve estaria em cima do automóvel azul.

Bastaria um minuto.

A rápida progressão do Ford estava a ser atentamente acompanhada por Tomás, que se mantinha voltado para trás com os olhos presos à mancha branca que ia ultrapassando automóveis em catadupa, correndo os piores riscos e acabando sempre por se sair bem. Parecia sorte mas Tomás sabia que era destreza.

– Mais depressa! – pediu. – Mais depressa!

– Depressa como? – enervou-se Maria Flor, apontando para a frente com um gesto de frustração. – Não vês que está ali um semáforo? O que queres que faça?

– Ignora-o! Mete na outra faixa e passa o sinal vermelho!

– Mas... mas...

– Faz o que te digo! – insistiu Tomás, a voz alterada. – Temos de correr o risco, senão ele apanha-nos!

A mensagem foi captada. A condutora respirou fundo, como se estivesse a preparar-se mentalmente para cometer a loucura, e guinou para a esquerda, entrando em contramão. Deparou-se de imediato com um automóvel que virara naquele sentido, mas apesar do susto conseguiu esgueirar-se e passar rente entre a viatura contrária e um jipe parado na fila. Ao chegar ao cruzamento do semáforo, acelerou e passou entre a linha dos carros que vinham da esquerda, mas, quando pensava que também tinha cruzado em segurança a segunda linha, a dos da direita, ouviu-se um estrondo e o Volkswagen virou-se violentamente e rodou como um pião no sentido dos ponteiros do relógio, haviam sido tocados.

– Arranca! – gritou Tomás, o primeiro a reagir ao embate. – Arranca já! Depressa!

A condutora abriu os olhos e tomou consciência de que ocorrera um acidente e estavam parados no meio da rua. Pelo retrovisor apercebeu-se da enorme confusão atrás deles. O carro que lhes havia batido tinha capotado, o sinistro envolvera outras viaturas e o trânsito imobilizara-se, mas o vulto branco do perseguidor aprontava-se já para passar o cruzamento. Por sorte, o pião pusera o Volkswagen virado para a frente e com o motor ainda ligado. A zona de impacto fora a lateral traseira. Maria Flor meteu a primeira e arrancou.

Ao lado dela, o historiador voltara-se de novo para trás de modo a acompanhar a progressão do perseguidor. As notícias não eram boas. Tomás viu o Ford branco esgueirar-se entre os automóveis acidentados e retomar a caça uns curtos trezentos metros atrás deles. Tornou-se evidente que jamais lhe conseguiriam escapar e que em alguns segundos teriam o americano colado a eles. Havia que tomar decisões.

Tomás espalhou o olhar pela rua à procura de uma solução, de alguma coisa que invertesse o rumo dos acontecimentos e lhes permitisse escapar ao agente da CIA. Mas o quê? Atrás deles, o perseguidor encurtara a distância para duzentos metros.

– Oh, não! – gemeu Maria Flor com um esgar de desespero e desilusão. – Esta não!

O passageiro olhou para o ponto que ela fixava e percebeu o problema. Havia obras de repavimentação no passeio em frente e o trânsito estava condicionado. Apenas uma via funcionava, mas era estreita e só um piloto de competição conseguiria acelerar num espaço daqueles. Lá atrás, o Ford encontrava-se já a cem metros e a aproximar-se rapidamente. Estavam perdidos.

– Pára! – ordenou Tomás. – Pára junto à obra!

A condutora arregalou os olhos, em pânico com a decisão, mas desde que a perseguição começara que percebera que o mais sensato era obedecer sempre às instruções que recebia, por mais absurdas que fossem. O seu passageiro parecia ter o dom de improvisar sob pressão. E assim, apesar de recear os efeitos da

loucura de parar o carro numa altura daquelas, pisou o travão e o Volkswagen chiou até se imobilizar junto aos calceteiros, que os fitavam com surpresa.

Sem perder tempo, Tomás pulou do automóvel, agarrou em duas pesadas pedras trabalhadas em cubo pelos calceteiros e projectou-as com toda a força sobre o Ford que travava já colado a eles. O primeiro cubo estilhaçou o vidro dianteiro da viatura e o segundo atingiu o condutor no ombro e ressaltou-lhe para a cabeça.

O historiador mergulhou de regresso ao lugar do passageiro e o Volkswagen partiu de imediato, deixando o perseguidor imobilizado junto às obras de repavimentação do passeio, a cabeça empapada em sangue.

XXII

Estava ainda para chegar o momento mais difícil, sabia James Krongard. A enfermeira tinha-lhe posto uma ligadura no ombro e ultimava o penso na cabeça, por cima da orelha direita, mas isso não era nada. O americano levantou os olhos para a porta e vislumbrou o perfil do barrigudo da PSP que permanecia encostado no corredor com ar paciente e vários papéis na mão.

– Ah, a burocracia. – murmurou com enfado. – Muito gostam eles de burocracia neste país...

Mas também isso não era nada. O problema, o verdadeiro problema, seria o telefonema que ainda teria de fazer para Langley. Como poderia explicar o que acontecera? Deveria falar na velhota que o impedira, a golpes de mala, de alvejar o alvo com sucesso? Ou de como dois artolas ao volante o tinham derrotado numa corrida louca pelas ruas de Coimbra? Teria coragem para contar o que realmente acontecera? Ou deveria efabular uma qualquer história da carochinha?

– Pronto. – disse a enfermeira num tom maternal, afastando-se um passo para contemplar o seu trabalho. – Já está. As feridas na cabeça fazem sempre muito sangue, mas no fim vamos a ver e não é nada de especial. Portanto, não se preocupe. – Parecia uma artista a contemplar a sua obra de arte. – O penso ficou uma verdadeira maravilha. Aposto que lá na América não fazem melhor...

– Posso ir-me embora?

– Por nós, sim. A radiografia mostrou que não tem nada partido, apenas sofreu umas contusões e uns hematomas. – Indicou o pançudo da polícia que aguardava no corredor. – Mas acho que aquele senhor quer falar consigo. Parece que foi uma confusão e tanto no centro da cidade, hem?

O americano não respondeu de imediato. Ajeitou o coldre ao peito e vestiu o casaco.

– A minha arma?

A enfermeira voltou a indicar o homem da PSP.

– Fale com o senhor guarda.

Vendo bem, considerou Krongard, a apreensão da Glock era inevitável naquelas circunstâncias. Virou as costas e abandonou o serviço de urgências em direcção ao polícia. Ao ver o americano, o guarda da PSP endireitou-se e veio ao encontro dele.

– Documentos, se faz favor.

O agente da CIA extraiu o passaporte americano e os papéis da embaixada dos Estados Unidos que lhe concediam imunidade diplomática e entregou-os ao barrigudo.

– A minha arma?

O polícia estudou os documentos de sobrolho franzido, como se tudo aquilo fosse matéria de grande complexidade e requeresse a mais profunda ponderação.

– Diz aqui que o senhor é adido cultural da embaixada americana em Lisboa...

– Correcto.

Um brilhozinho cintilou nos olhos do guarda, como se tivesse apanhado o suspeito em flagrante.

– Oiça lá. – disse, – é normal os adidos culturais da vossa embaixada andarem armados?

– O senhor já deve ter ouvido falar numa coisa chamada Al-Qaeda, presumo eu. – retorquiu Krongard com um encolher de ombros despreocupado. – Por razões de segurança, tenho de andar armado. Nunca se sabe o que pode acontecer...

O polícia ficou desconcertado com a resposta. Seria melhor manter-se nas questões estritamente legais, concluiu.

– O senhor tem licença de porte de arma?

O agente da CIA deitou de novo a mão ao bolso do casaco e estendeu-lhe outro documento. O guarda verificou o texto, o carimbo e a assinatura com uma expressão de desalento na cara.

– Está tudo em ordem?

– Sim. – resmungou o polícia num tom contrariado. Parecia evidente que gostaria de deitar a mão ao suspeito mas já percebera que não o poderia fazer. – Parece que sim.

– Então será que me pode devolver a pistola?

Apesar da relutância, o homem da PSP pegou num saco e retirou a Glock do interior, estendendo-a ao americano. Krongard guardou a arma no coldre que tinha preso ao peito e assinou um recibo a confirmar que a pistola lhe tinha sido restituída. A seguir o polícia devolveu-lhe os documentos, que o americano guardou noutro bolso.

– Eu sei que o senhor tem imunidade diplomática e por isso nem sequer é obrigado a prestar declarações. – reconheceu o polícia. – Mas será que me pode acompanhar à esquadra para nos explicar o que aconteceu?

O fantasma de um sorriso zombeteiro iluminou o rosto impávido do americano antes de ele voltar as costas com soberba e se afastar em direcção à saída do hospital.

– Tenho mais que fazer.

XXIII

Súbita e impenetrável, a noite caíra sobre a estrada. Tendo passado para o volante, Tomás seguia com atenção a fila de luzes que serpenteava diante dele, vermelhas dos automóveis que estavam na sua fila, brancas dos que vinham em sentido contrário. Ao lado, Maria Flor esforçava-se por dominar os nervos. A perseguição dessa tarde nas ruas de Coimbra deixara-a arrasada e nas duas últimas horas mantivera-se em silêncio.

– Porque vieste para a Nacional Um? – perguntou ela, rompendo o longo mutismo a que se remetera. – Não seria melhor irmos pela auto-estrada? Sempre era mais rápido e seguro...

O condutor apontou para trás com o polegar, numa referência aos vidros furados e à amolgadela traseira.

– Já viste o estado do meu carro? De certeza que a PSP alertou a GNR e as companhias que gerem as auto-estradas. Aposto que andam todos atentos a um Volkswagen com estes danos. As câmaras de vigilância estão por toda a parte. Se metêssemos pela auto-estrada éramos apanhados enquanto o diabo esfrega um olho.

A passageira nada disse, ciente de que o argumento era sólido. Não tinha a certeza de que fugir à polícia fosse a melhor táctica, na verdade achava até que se deviam dirigir directamente às

autoridades e expor o sucedido, mas acreditava que Tomás sabia o que estava a fazer. Se decidira manter-se longe da polícia, lá teria as suas razões e cabia-lhe a opção de confiar nele ou abandoná-lo.

– Quem era aquele homem? – quis saber, lançando assim a pergunta que a apoquentava desde que toda a história começara na praceta. – Porque anda ele atrás de nós?

– Não é bem atrás de nós. – rectificou o condutor. – O tipo está apenas atrás de mim. Tu levaste por tabela por me acompanhares.

– O que seja. Quem é ele e o que quer?

– Queria deter-me... acho. – Hesitou, reavaliando a conclusão.

– Ou talvez quisesse simplesmente matar-me, não sei.

– Porquê? O que fizeste tu?

Tomás suspirou; não sabia bem por onde começar.

– Não fiz nada. – começou por dizer. – Acontece que há uns anos fiz uns trabalhos para a CIA e na altura lidei com...

– Para quem?!

– Para a CIA. A agência americana de espionagem.

Maria Flor atirou-lhe um olhar incrédulo, à espera de que ele se risse e desfizesse a brincadeira, mas o historiador manteve o semblante fechado.

– Estás a gozar comigo ou quê? – questionou, na dúvida sobre se deveria levá-lo a sério. – Tu trabalhaste mesmo para a CIA?

– Estive envolvido em duas operações, sim. Foi há uns anos. Na altura lidei com um director da CIA que pelos vistos agora foi assassinado em Genebra. Os americanos acham que fui eu que o matei.

– Tu ontem vieste de Genebra...

– Pois vim. – assentiu ele. – Isso não quer dizer nada. Não matei o homem, nem sequer sabia que ele estava na cidade. Foi coincidência.

– Então porque te acusam?

– Porque estávamos no mesmo hotel e ele morreu no CERN numa altura em que visitei o complexo. – explicou. – E porque a vítima deixou uma mensagem a dizer que eu sou a chave.

– A chave de quê?

– A CIA acha que ele revelou assim que eu sou a chave do homicídio.– Engoliu em seco. – Ou seja, o próprio assassino.– Abanou a cabeça. – Eu, no entanto, penso que a vítima estava a querer dizer outra coisa.

– O quê?

Tomás manteve os olhos fixos na estrada, o rosto ritmadamente iluminado pelos faróis dos automóveis que cruzavam a Nacional Um em sentido contrário.

– Deixa-me amadurecer o meu raciocínio. Quando todas as peças encaixarem na minha cabeça, digo-te.

A resposta não agradou a Maria Flor, mas ela não insistiu.

– A mensagem que esse director da CIA deixou continha apenas o teu nome?

– Tinha também um símbolo.

– Que símbolo?

– A CIA pelos vistos acha que é uma referência a ele próprio. – explicou. – Trata-se de um símbolo que realmente parece o esquema de uma pessoa crucificada. O crucificado aqui seria a vítima.

– Poderá ser uma referência religiosa de um homem no estertor da morte? No fim de contas, quando se fala em crucificação a primeira imagem que nos vem à cabeça é a de Jesus na cruz.

O historiador encolheu os ombros.

– Talvez, quem sabe?

Disse-o de uma forma displicente, como um adulto a responder a uma criança que o questionava sobre um assunto complexo e para lá do seu entendimento. Ela percebeu o tom e não ficou satisfeita; queria respostas concretas, não meias-palavras condescendentes.

– Já vi que discordas. – observou. – Muito bem, se esse símbolo não representa a crucificação do tal director da CIA ou de Jesus, na tua opinião representa o quê?

Pela primeira vez em longos minutos, Tomás desviou os olhos da estrada e fitou-a, uma expressão indecifrável que apenas durou o tempo de responder à pergunta.

– A mais misteriosa equação científica alguma vez formulada.

XXIV

O número de que James Krongard precisava foi seleccionado logo que ele entrou na página da memória dos endereços. Com a atenção a dividir-se entre a auto-estrada e o monitor do telemóvel, o agente passou rapidamente em revista o que iria dizer, respirou fundo e carregou no botão.

O telemóvel começou a chamar.

– Serviço Nacional Clandestino. – respondeu uma voz feminina com uma melodia mecânica. – Em que posso ajudá-lo?

– Daqui James Krongard, em Lisboa. Creio que o director Harry Fuchs está à espera de uma chamada minha.

– Um momento, mister Krongard.

Seguiu-se um interlúdio musical prontamente interrompido pela voz do responsável pelas operações clandestinas da CIA.

– Mister Krongard! – exclamou Fuchs com um toque de jovialidade. Parecia bem disposto. – Novidades?

Chegara o momento que Krongard mais temera nas últimas horas. Voltou a encher o peito de ar, para ganhar balanço, e lançou-se na empreitada.

– Infelizmente não são boas, mister Fuchs. – anunciou. – O passarinho escapou do ninho.

Fez-se um breve silêncio na linha enquanto o superior hierárquico digerira a notícia.

– O que aconteceu?

O tom de voz mudara de uma forma radical; tornara-se baixo e tenso, como o ronronar traiçoeiro de um felino antes de se lançar sobre a gazela incauta.

– Deixei o nosso suspeito escapar para o poder liquidar, conforme as suas instruções, mas a perseguição correu mal. – explicou o agente, económico nos factos que não lhe convinha expor. – Houve um terrível acidente num cruzamento e, receio bem, acabei por lhe perder o rasto. Penso que teremos agora de...

– *What the fuck*, Krongard! – praguejou Fuchs, elevando a voz à medida que falava. – Que raio de desculpas são estas? Desde quando é que um agente da CIA digno desse nome vem para aqui lamuriar-se de que falhou a porcaria de uma missão de uma simplicidade infantil e mais não sei quê e não sei que mais? Você acha que sou um otário? – O director do Serviço Clandestino Nacional já gritava. – Não quero desculpas nem lamúrias, ouviu? Quero resultados! Resultados, percebeu? E o que me dá você? Umas lamechices de que teve um acidente e não tem culpa nenhuma, coitadinho, e coisa e tal! Tretas! Porte-se como um operacional digno desta agência, não como um maricas que me vem falar com o rabo entre as pernas! Dei-lhe uma missão. Cumpra-a!

Várias gotas de transpiração deslizavam pelas têmporas de Krongard, saracoteando-se até ao queixo.

– Yes, sir.

A respiração do outro lado da linha era pesada; pelos vistos o ataque de fúria deixara Fuchs quase sem fôlego.

– E então, meu grande *cocksucker*? – perguntou, mais controlado mas com a irritação ainda a trepar-lhe pela voz. – Como vai agora resolver este problema?

– Preciso de envolver mais agentes na operação, sir. O efeito de surpresa passou. O passarinho agora sabe que está a ser seguido e vai esconder-se. Tenho de estender uma rede para o poder localizar, e isso não se faz sem homens.

– Muito bem. Chame os marines da embaixada. Eu próprio vou contactar o embaixador para que ele colabore. Mais alguma coisa?

– A polícia local, sir.

– Não meta a porra da polícia nesta operação, seu idiota. – vociferou Fuchs, voltando a elevar o tom de voz. – Quantas vezes tenho de lhe dizer que isto tem de ser conduzido de forma discreta?

– Eu sei, sir. O problema é que a polícia já está envolvida.

– O que quer dizer?

– Não se esqueça de que houve um acidente e foram disparados tiros. Penso que a polícia deve ter o carro do passarinho referenciado. Como eu não colaborei na investigação, invocando imunidade diplomática, eles vão querer questionar os ocupantes da outra viatura.

O director do Serviço Clandestino Nacional considerou esta informação.

– Hmm... estou a ver. – murmurou. – E há sempre o perigo de o passarinho ir a correr à polícia para pedir protecção.

– Afirmativo, sir. Mas não creio que isso vá acontecer.

– Ai não? Porquê?

– Estive a ler o perfil inserido no dossiê que o senhor me mandou e não me parece que seja homem para se esconder atrás da polícia. Pelo contrário, vai querer tomar o assunto em mãos.

Fuchs voltou a fazer uma pausa para se recordar do que lera no perfil traçado no dossiê de Tomás Noronha.

– Talvez tenha razão. – admitiu. – A ser assim, as coisas não estão de facto perdidas. Oiça, esteja atento à polícia local, mas não a envolva directamente na operação. Se eles deitarem a mão ao passarinho, nunca conseguiremos vingar a morte de Bellamy. O estupor do velho podia ser um enorme *pain in the ass*, mas era um director da Agência e nós temos a responsabilidade de zelar pelos nossos. Se alguém assassina um dos homens da CIA, tem de ser abatido. Se não formos nós a fazer-nos respeitar, quem o fará?

– Yes, sir.

– Então faça o que tem a fazer e resolva o problema. Nem se atreva a falhar outra vez, entendeu?

– Yes, sir. Asseguro-lhe que desta vez não...

A meio da frase, Krongard calou-se. O chefe já tinha desligado.

Uma tabuleta assinalava a entrada de Lisboa, mas o anúncio não passava de uma formalidade, uma vez que havia algum tempo que a Nacional 1 atravessava já o tecido urbano junto ao rio. A viagem aproximava-se do seu termo e havia decisões a tomar.

– O que vamos fazer agora? – perguntou Maria Flor. – Tens alguma ideia em mente?

Devido à hora, o trânsito era denso para sair da cidade, mas para compensar o acesso mostrava-se fluido.

– A primeira coisa a fazer é deixar-te na Gare do Oriente. – disse Tomás, espreitando o relógio do carro. – Se não estou em erro, daqui a meia hora parte o Intercidades, com paragem em Coimbra.

– Nem penses nisso.

O condutor desviou o olhar da estrada e fitou-a.

– Ouve, a minha companhia é muito arriscada neste momento. Há gente perigosa atrás de mim e...

– Precisamente por isso. Precisas de ajuda e não é num momento difícil como este que vou virar as costas. Eu fico.

– Mas isso não...

– Discussão encerrada.

O tom com que o disse foi de tal modo terminante que Tomás não se atreveu a contrariá-la. Mas sabia que as circunstâncias eram muito perigosas e achava que não tinha o direito de a fazer correr riscos. Tentou outra via de argumentação.

– Preciso de ti em Coimbra. – alegou. – O colapso cardíaco da minha mãe foi muito sério e ela tem de ser acompanhada.

– Já liguei para o lar e está tudo bem. – contrapôs Maria Flor, determinada a fazer valer a sua posição. – Deixei as minhas instruções e ela será acompanhada com toda a atenção. A Margarida vai levá-la todos os dias ao hospital e cuidará devidamente da tua mãe, fica descansado. – Fez um gesto peremptório. – Esse assunto está resolvido.

Tomás fitou-a intensamente, como se lhe desse a última oportunidade. Era uma mulher sem dúvida bonita e a perspectiva de

passar os próximos dias com ela seria muito interessante, não fossem as circunstâncias.

– Tens a certeza?

– Absoluta. – sentenciou a amiga. – Temos é de resolver as questões práticas e a primeira é saber onde vamos ficar. Por acaso tens quarto de convidados na tua casa? É que, se não tiveres, terás de dormir no sofá.

Tomás abanou a cabeça.

– Não podemos ir para minha casa. É evidente que os tipos da CIA a vão ter vigiada.

– Então para onde vamos? Um hotel?

– Muito perigoso. Teríamos de mostrar os documentos na recepção e essa informação ficaria guardada no computador. Seria uma pista que os americanos poderiam detectar.

Uma expressão de perplexidade perpassou pelo rosto de Maria Flor.

– Mau, não se pode ir para tua casa nem se pode ir para um hotel. O que sugeres nesse caso?

– A Gulbenkian.

– A esta hora?

– A qualquer hora. O problema é que o edifício é vigiado pela segurança privada.

– Ah, não nos deixam entrar...

– Claro que deixam. Mas não convém que nos vejam. Imagina que a CIA, que com certeza sabe que sou consultor da Gulbenkian e tenho lá um gabinete, manda alguém falar com os seguranças e, como quem não quer a coisa, lhes pergunta se por acaso me viram por ali. Era uma chatice.

– Então como entramos lá?

Apesar de manter a atenção presa no trânsito, o condutor deitou a mão ao bolso e retirou um molho metálico a tilintar, que exibiu com um sorriso.

– Tenho as chaves.

O estacionamento subterrâneo da Gulbenkian estava aberto, provavelmente havia um concerto no Grande Auditório, mas Tomás preferiu estacionar o carro do outro lado da Avenida de Berna, num

pequeno descampado que fazia esquina com a Praça de Espanha, para se assegurar de que nenhum segurança da fundação o via entrar. Apearam-se e atravessaram a avenida até chegarem junto ao murete do complexo.

O historiador virou-se para um lado e para outro do passeio, certificando-se de que ninguém os observava.

– Salta!

Maria Flor obedeceu e pulou o murete, entrando no jardim da fundação, seguida por Tomás. Avançaram entre as árvores e os arbustos, aproveitando as barreiras criadas pela vegetação e a noite para se manterem invisíveis, e contornaram assim o edifício principal. A progressão foi lenta e cautelosa, mas acabaram por chegar a um ponto próximo de uma porta de serviço lateral.

– E agora? – soprou ela. – O que fazemos?

– Entramos.

O historiador olhou para a esquerda e para a direita, não viu ninguém e saiu do jardim a caminhar normalmente, evitando dar ares de suspeito para o caso de ser avistado. A amiga percebeu a tática e imitou-o, seguindo no seu encalço com compostura. Chegaram à entrada de serviço e Tomás inseriu uma chave na fechadura, destrancando a porta. Mergulharam no edifício e encontraram tudo às escuras.

– Não conheço isto. – queixou-se ela. – Por onde vamos?

– Apoia as mãos nas minhas costas para manteres o contacto e segue-me. Cuidado que há aqui dois degraus...

A apalpar as paredes, e com Maria Flor a tocar-lhe as costas, Tomás foi progredindo no escuro até chegar a uma porta recortada nas bordas por um rectângulo de luz. O espaço do outro lado já era iluminado. Fizeram um compasso de espera, tentando determinar se havia sons de pessoas para lá da passagem. Não escutaram nada de suspeito, pelo que abriram ligeiramente a porta, de modo a criar uma frincha de uns dois dedos, e espreitaram. Para além da porta estendia-se o átrio central.

– Está uma pessoa lá ao fundo. – observou ele num sussurro.

– Mas temos o caminho aberto para o laboratório.

– Não vamos para o teu gabinete? – admirou-se a amiga. – Sempre era um lugar familiar...

– A luz no meu gabinete denunciaria a minha presença. Já o laboratório é um lugar onde por vezes há gente a trabalhar a noite inteira. Parece-me o poiso perfeito, não achas?

A pergunta era retórica, mas mereceu um som de assentimento de Maria Flor. A amiga começara a perceber que não valia a pena questionar o raciocínio do companheiro; tornara-se já claro que Tomás pensava em tudo antes de actuar. Abriram a porta e saíram da passagem de serviço para o átrio, caminhando descontraidamente para a escadaria. Subiram ao primeiro andar, viraram noutro átrio, este na sombra, e meteram por um corredor até chegarem a uma porta metálica larga, que franquearam. Estava escuro e Tomás estendeu a mão e carregou nos interruptores. Várias fileiras de luzes brancas e frias acenderam-se no tecto, iluminando um salão repleto de equipamento electrónico.

– O laboratório.

Maria Flor contemplou o espaço e a aparelhagem sofisticada que o preenchia.

– Não tinha a menor ideia de que a Gulbenkian fazia investigação científica...

– Claro que faz. Mas este laboratório aqui na sede não passa de um anexo. A verdadeira investigação faz-se no Instituto Gulbenkian de Ciência, instalado em Oeiras.

Ela desviou o olhar inquieto para a entrada.

– Achas que estamos aqui seguros?

– Claro. O laboratório só é usado pontualmente, fica descansada. Em princípio ninguém aqui virá.

Retiraram os assentos almofadados de algumas cadeiras e estenderam-nos no chão, de modo a improvisar uma espécie de colchão. Havia um quarto de banho anexo, que usaram à vez, e depois de apagarem as luzes do tecto deitaram-se sobre os assentos almofadados, instalados junto a um candeeiro. O dia fora longo e difícil e precisavam de recuperar forças e preparar-se para enfrentar o dia seguinte.

Tomás estendeu o braço para cima e desligou o candeeiro. Ficaram às escuras. Ao fim de um minuto, no entanto, percebeu que não seria fácil adormecer. Em bom rigor, a dificuldade não estava nos acontecimentos do dia, como seria de esperar, mas na presença de Maria Flor. Era a primeira noite que passava com ela e não lhe podia tocar; nunca pensara que isso fosse a tortura que se estava a revelar.

Teve ganas de deslizar para junto dela, fantasiou dizer-lhe que estava demasiado frio e que seria melhor aquecerem-se, Maria Flor concordaria e ele anichar-se-ia a ela, pôr-lhe-ia as mãos na barriga, muito casto e inocente, mas depois, como quem não queria a coisa, subiria devagar, muito devagar, até... até...

Suspirou.

Ah, como ia ser difícil adormecer com ela ali ao lado!

– Tomás?

A voz foi soprada na escuridão mais de uma hora depois de terem desligado as luzes.

– Hmm?

– Estás a dormir?

Um suspiro profundo cortou o ar.

– Estou a tentar. Mas é difícil, aconteceram demasiadas coisas e tenho a mente a fervilhar.

Nem pensar em confessar-lhe as fantasias ardentes que a enchiam.

– Também eu. – riu-se ela, baixinho. – Acho que tão cedo não vou conseguir adormecer. Por mais que diga a mim própria para não pensar em nada, vem-me logo à cabeça aquela confusão toda. Tenho sobretudo curiosidade de conhecer o mistério de que me falaste.

– Qual mistério?

– O do símbolo desenhado no papel que o director da CIA tinha nas mãos em Genebra, lembras-te? Disseste que ele remetia para o maior mistério científico alguma vez encontrado e isso... bem, espicçou-me a curiosidade. Estavas a falar de quê?

A pergunta não tinha uma resposta simples e o historiador, após um momento de espera para ponderar o que dizer, se deveriam esforçar-se por dormir ou se seria melhor renderem-se à evidência e aceitarem a insónia, voltou a respirar fundo. Com um movimento decidido, deu um salto para se levantar e acendeu a luz.

– Tens aí um papel e uma caneta?

A amiga levantou-se também. Dir-se-ia aliviada por terem desistido de forçar o sono, e dirigiu-se a uma gaveta em que havia vasculhado quando entraram no laboratório. Abriu-a e retirou do interior um bloco de notas com o logotipo da Gulbenkian e um marcador de feltro negro.

– Está aqui.

Tomás tirou a tampa do marcador e começou a rabiscar na primeira folha do bloco de notas.

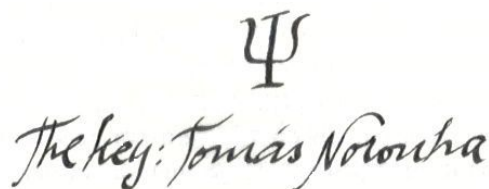
– Não fiquei com a cópia do papel deixado pelo Frank Bellamy.

– explicou, – mas era uma coisa simples.

– Lembras-te do que lá estava escrito?

O historiador não respondeu de imediato. Levou alguns segundos a garatujar no papel e quando terminou virou-o na direcção dela.

– Era mais ou menos isto.



Maria Flor aproximou os olhos dos rabiscos e analisou o que via. O texto por baixo do símbolo era simples, apontava Tomás como A Chave. No contexto em que o papel fora encontrado, isso parecia realmente significar que a vítima o indicara como a chave do homicídio. O problema da mensagem estava no símbolo.

– Isto de facto parece um desenho esquemático a mostrar uma pessoa crucificada. – constatou. – Vemos o tronco na vertical e os braços erguidos para cada lado, como se estivessem pregados.

– Foi justamente isso o que os tipos da CIA interpretaram. – concordou o historiador. – Ou quiseram interpretar.

– Mas dizes tu que este símbolo remete para um enigma científico?

Tomás pousou o indicador na base do símbolo.

– Isto é um psi.

– Psi de parapsicologia! – admirou-se. – Estás a falar da percepção extra-sensorial e do paranormal e essas coisas todas?! Tu que só acreditas nas coisas cientificamente provadas? Isso nem parece teu!

– É verdade que o psi é a primeira letra da palavra grega psique, que significa mente ou alma. – admitiu ele, pegando de novo no marcador de feltro. – Mas o mais relevante neste enigma é perceber que o psi é a vigésima terceira letra do alfabeto grego. Escreve-se assim.

Rabiscou a palavra e o símbolo em letra pequena, com a equivalência em caracteres latinos à frente.

Ψ ψ Ψ = psique

Ψ = psi

– Ah, bom. O que tem isto de tão misterioso?

– O psi foi adoptado na física como símbolo da função de onda, talvez a mais bizarra das descobertas alguma vez feitas pela ciência. A função de onda descreve uma característica da matéria ao nível mais elementar, o subatômico, e permite que um fóton, um electrão, um átomo ou até uma molécula esteja em múltiplos sítios ao mesmo tempo. Em última instância, a função de onda veio revelar-nos que a realidade só existe porque nós a criamos. – Pousou a ponta do indicador na sua própria testa. – Tal como a imagem do arco-íris ou o som da árvore que cai na floresta onde ninguém ouve, a realidade é psique, está na mente. O psi situa-se no centro do problema no sentido em que simboliza a função de onda, a misteriosa solução da famosa equação de Schrodinger.

– Qual Schrodinger? O físico austríaco?

Tomás contemplou a letra grega desenhada no bloco de notas como se ela contivesse o segredo dos mistérios do universo, do tempo e da matéria.

– Esse mesmo. – assentiu. – A equação de Schrodinger é a formulação científica mais enigmática que existe. Sabes porquê?

– Não, mas estou à espera que me expliques.

O académico ergueu os olhos para a janela e, com um esgar enigmático, espreitou o crescente luminoso que enchia o firmamento naquela noite límpida e manchada de estrelas.

– No limite, se não houvesse ninguém para olhar para a Lua, ela pura e simplesmente não existiria.

XXVI

Rodando pela auto-estrada a grande velocidade, o novo automóvel que James Krongard alugara em Coimbra estava já transformado numa verdadeira central de comunicações. O agente da CIA tinha a mão esquerda agarrada ao volante e a direita ia digitando no teclado do telemóvel enquanto os seus olhos seguiam a sucessão de nomes e números que desfilavam pelo monitor iluminado.

A conversa com Harry Fuchs desencadeara uma intensa actividade, uma vez que era necessário proceder aos contactos para lançar a rede sobre o fugitivo. Já tinha falado com dois portugueses reformados da Polícia Judiciária que viviam em Coimbra e contratara-os para vigiar o *Lugar do Repouso* e o apartamento de dona Graça. Estava, contudo, convencido de que a sua presa fugira para Lisboa, em cujas ruas poderia mais facilmente desaparecer. O essencial da operação teria de ser montado na capital portuguesa.

Identificou o número que procurava e carregou no botão verde para fazer a chamada.

– Aqui Swartz. – atendeu a voz do outro lado. – Onde andas tu, Jim?

Era Greg Swartz, o responsável pelo contingente que fazia a segurança da embaixada americana em Lisboa.

– Estou na auto-estrada. Preciso de ti e dos teus marines para uma operação delicada que a Agência lançou aqui em Portugal. É uma coisa *top secret*, percebeste?

O seu interlocutor bufou de irritação.

– Vocês, os rapazes da CIA, são sempre a mesma coisa, hem? – protestou. – Têm a mania que são espertos, fazem a

porcaria do costume e quando ficam aflitos chamam os marines para limpar a cagada toda. Não há meio de aprenderem!

– Não me venhas com tretas, Greg. Nesta altura Langley deve estar a informar o embaixador e vocês vão a qualquer instante receber instruções para se porem às minhas ordens. Por isso ouve com atenção.— Afinou a voz. – Estamos a tentar localizar um suspeito chamado Tomás Noronha. O embaixador deve entregar-te um dossiê sobre esse tipo. É professor universitário e tem um Volkswagen azul. A matrícula está nesse dossiê. O carro foi danificado e tem um buraco de bala nos vidros laterais traseiros e uma amolgadela na chapa lateral traseira direita. Registaste isso?

– Estou a tomar nota.

– É possível que o suspeito se faça acompanhar por uma gaja chamada Maria Flor Sequeira, uma *babe* com uma carinha, ao que dizem, nada feia. Estamos a trabalhar num dossiê sobre ela, mas não deve haver muita coisa. Tanto quanto sei não é pessoa para se ter cruzado com os nossos radares. Aliás, a identificação da tipa pode nem sequer ser importante, uma vez que provavelmente a esta hora o nosso professor já se deve ter desfeito dela para não andar a arrastar por aí um peso morto.

– Mesmo assim convém verificar...

– É o que estamos a fazer. Logo que a *babe* dê à costa, o que provavelmente acontecerá em Coimbra, será interceptada e interrogada por uns antigos polícias que contratei. É possível que ela nos forneça alguma pista útil sobre o paradeiro e as intenções do suspeito.

– Muito bem. – anuiu Swartz. – Tenho três homens disponíveis aqui na embaixada. O que precisas que façamos?

– Manda-os trajar à paisana e envia um marine para o apartamento do suspeito, outro para as instalações da Universidade Nova de Lisboa, onde o tipo dava aulas e poderá ter procurado refúgio, e o terceiro para a Fundação Gulbenkian, onde ele é consultor e dispõe de um gabinete. São os três sítios que, assim à primeira vista, o nosso professor pode escolher para se esconder. As três moradas estão no dossiê que o embaixador te vai entregar.

– O que fazemos quando o localizarmos? Detemo-lo ou chamamos a polícia?

– Nem uma coisa nem outra! – retorquiu Krongard, elevando a voz para sublinhar estas instruções. – Se o localizarem, e a menos que o gajo tente fugir, não intervenham, ouviste? Chamem-me e eu vou arrumar o assunto. Se ele tentar fugir, então detenham- -no e esperem que eu chegue ao local. Há uma coisa muito importante: a polícia local não deve ser informada de nada, percebeste? Isso é crucial.

– Afirmativo. Já vi que estamos a falar mesmo de uma operação clandestina...

– Não quero problemas com as autoridades locais, uma coisa dessas faria abortar a operação. Temos de ter atenção porque é possível que a polícia também ande atrás do suspeito e precisamos de usar isso a nosso favor. Quero que monitorizes as comunicações da PSP e da Judiciária. – Fez uma pausa, a dar uma oportunidade ao seu interlocutor para formular alguma pergunta, mas ele não emitiu nenhum som. – Alguma dúvida?

– Está tudo claro.

– Quando chegar à embaixada vou ter contigo para coordenar a operação. – disse em jeito de conclusão. – Até já.

Krongard desligou o telefone e fitou a auto-estrada diante dele. Ao fundo, sobre o horizonte pintalgado de luzes, erguia-se já o clarão luminoso de Lisboa, como se a cidade se tivesse engalanado para assistir à operação de caça a Tomás Noronha.

XXVII

– Olha lá, estás a brincar, não estás?

A pergunta foi lançada por Maria Flor enquanto Tomás vasculhava o equipamento do laboratório, tentando identificar as máquinas uma a uma. Estudava as suas características e ia ligando algumas peças para ver como se comportavam. Depois desinteressava-se; uma vez que não encontrava o que procurava, desligava a máquina e ia ver a seguinte.

– Não estou a brincar. – respondeu distraidamente. – Ando à cata de um projecto de luz.

– Não me refiro ao que fazes agora. – esclareceu ela com um estalido impaciente da língua e uma expressão de frustração. – A minha pergunta refere-se ao que disseste há pouco.

– O quê?

– No limite, se não houvesse ninguém para olhar para a Lua, ela pura e simplesmente não existiria. – lembrou, repetindo a frase

que lhe ouvira instantes antes. – Claro que estás a brincar, não estás? Uma coisa dessas não pode ser, como é evidente. A Lua existe independentemente de haver alguém que olhe para ela.

O historiador parou de remexer na nova máquina que tinha em mãos e voltou-se para a companheira.

– Estou a falar muito a sério. – declarou de forma categórica e com grande convicção. – As coisas só existem porque alguém as observa. Isto não é uma metáfora nem uma brincadeira. Acredites ou não, e por mais estranho que te possa parecer, é essa a natureza mais profunda da realidade.

A amiga encolheu os ombros.

– Oh, vá lá! Fala a sério...

Ignorando o tom de incredulidade que impregnava as palavras de Maria Flor, Tomás voltou à sua busca. Analisou mais alguns aparelhos e depois passou para o outro lado do laboratório, mas só ao fim de dez minutos a esquadrihar o espaço é que logrou localizar a máquina que procurava. Ergueu o punho cerrado e assinalou a descoberta com uma exclamação triunfal.

– Cá está!

O académico pegou no aparelho, que pelo formato parecia um projector de cinema, e arrastou-o para um espaço aberto no canto do laboratório. Instalou o equipamento, ligou-o à tomada e virou o foco para um ecrã de tela instalado numa parede.

– Olha lá, o que queres fazer com isso?

– Isto é um projector de luz. – indicou ele. Apontou para a tela na parede. – Aquilo é um ecrã de detecção da luz emitida pelo projector. Trata-se, na verdade, de uma placa fotográfica. – Pegou numa folha negra de cartolina e com a ponta da esferográfica rasgou no centro duas ranhuras paralelas, ambas estreitas e longas, como o sinal aritmético de igual. – O que vais ver chama-se experiência da dupla fenda. Foi concebida no século XIX e aperfeiçoada ao longo dos anos. Não tem nada de esotérico, é simples, pode ser feita com maior ou menor facilidade aqui ou numa escola e já foi levada a cabo milhares de vezes.

Maria Flor cruzou os braços, sem perceber o propósito do exercício.

– E então? – atirou. – O que tem isso a ver com o psi deixado pelo director da CIA e com a Lua que não existe se não houver ninguém para a ver?

Atarefado a ultimar os preparativos, Tomás não respondeu directamente à pergunta. Só depois de ligar o projector de luz e de se certificar de que ele estava a funcionar é que deu a operação por concluída. Endireitando-se, encarou-a por fim.

– O que é a luz?

A amiga encolheu os ombros, como se a resposta fosse demasiado elementar para merecer o seu entusiasmo.

– É radiação electromagnética. – retorquiu. – Já o disseste em Coimbra quando falámos sobre a forma como a mente constrói as imagens.

– Muito bem. – aprovou ele. – Mas durante muitos anos desconheceu-se a verdadeira natureza da luz. Em que consistia exactamente essa radiação electromagnética? Isaac Newton achava que eram partículas, mais tarde designadas fotões, mas Christiaan Huygens defendia que se tratava de ondas, de certo modo semelhantes às do mar. O debate prolongou-se por alguns anos, até que o britânico Thomas Young concebeu em 1801 a experiência da dupla fenda e obteve a resposta. Ou pelo menos uma resposta. Vamos então ver o que ele descobriu.

Ligou o projector e um feixe de luz iluminou o ecrã de detecção por inteiro. Meteu a cartolina com a dupla fenda diante do feixe, de modo que a luz apenas passasse pelas duas ranhuras, e o padrão no ecrã alterou-se. Em vez de o encher por inteiro, a luz apareceu em faixas sucessivas, umas de luz, outras de sombra.

– Muito interessante, sim senhor. – bocejou Maria Flor. – O que pretendes provar exactamente?

Tomás indicou as faixas de luz na placa fotográfica que servia de ecrã.

– Estás a ver este padrão? – perguntou. – Se a luz fosse constituída por partículas, como defendia Newton, só apareceriam duas faixas no ecrã, uma que passava por uma fenda e a outra que passava pela outra fenda. Mas não é isso que estamos a ver, pois

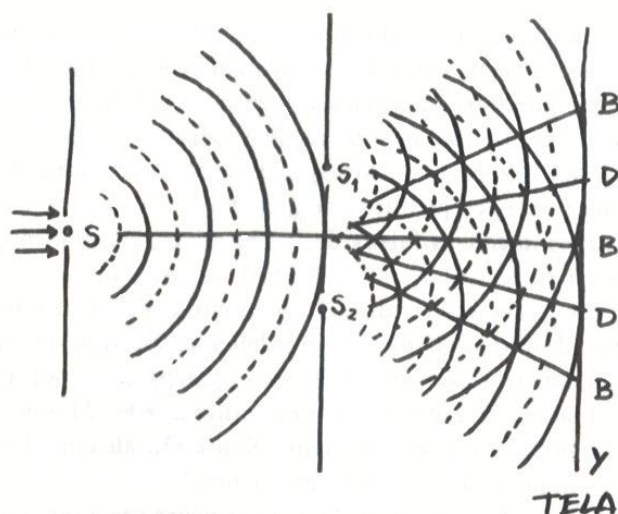
não? Não estão ali duas faixas de luz, como podes verificar, mas cinco.

– Ah, pois é! – constatou ela, pela primeira vez a interessar-se pela demonstração. – É curioso. Realmente deviam ser duas faixas de luz, uma por cada ranhura, mas são cinco. Por que razão isso acontece?

– Porque a luz não é constituída por partículas, mas por ondas. – explicou. – É como a água. Se atirares uma pedra à água de um lago, formam-se ondas em círculo, não formam? Mas se atirares duas pedras as ondas que se formam interferem umas com as outras de tal modo que chegam às margens em faixas sucessivas. O mesmo se passa aqui. Ao passar pelas duas fendas, a luz interfere entre si e forma no ecrã um padrão de faixas sucessivas.

– Percebo a conclusão, mas não estou a entender bem o mecanismo...

O historiador pegou no bloco de notas e, com o marcador de feltro negro, rabiscou rapidamente um desenho esquemático.



– Estás a ver? – perguntou, mostrando o esquema. – O que se passa é isto. A luz do projector parte do ponto S e atinge a cartolina, mas só passa através das duas fendas, assinaladas como S1 e S2. A partir daí, as ondas da luz que passa por S1 interferem com as da luz que passa por S2 de tal modo que a luz atinge o ecrã com maior intensidade não em dois pontos, como aconteceria se estivéssemos

a lidar com partículas, mas em cinco, aqui identificados com as letras B e D.

– Ou seja, a luz comporta-se como uma onda.

– Isso mesmo. A experiência de Young constituiu a demonstração de que Huygens tinha razão e convenceu a comunidade científica. O debate pareceu ficar encerrado. Acontece que, para explicar as estranhas propriedades da radiação dos corpos negros, que contrariavam o comportamento previsto na física clássica, o físico alemão Max Planck sugeriu em 1900 que a energia electromagnética não era emitida ou absorvida de um modo contínuo, mas em pacotes, que se designou *quanta*, inaugurando assim inadvertidamente a *teoria quântica*, que estuda o mundo microscópico das partículas e dos átomos. A solução de Planck resolvia o problema da radiação dos corpos negros, para a qual a física clássica não tinha solução credível, embora fosse tão estranha e surreal que só uma pessoa lhe prestou verdadeira atenção.– Arqueou as sobrelanceiras. – Albert Einstein.

– O mais famoso cientista do século XX...

– Apesar da demonstração feita na experiência das duas fendas, Einstein acreditava que a luz era formada por partículas. Por isso recorreu à ideia de Planck e em 1905 aplicou o conceito de *quanta* à explicação de um outro enigma da física, o efeito fotoelétrico. Einstein demonstrou que esse enigma só se resolvia se se partisse do princípio de que a luz era constituída por partículas emitidas ou absorvidas em pacotes, os tais *quanta*.

Maria Flor sacudiu a cabeça e fez um gesto na direcção do projector laser e da cartolina com as duas ranhuras.

– Desculpa lá, mas não estou a perceber nada. Então a experiência da dupla fenda não provou que a luz era uma onda? Que história é essa de que Einstein demonstrou que ela é afinal uma partícula? Então é onda ou é partícula? Em que ficamos?

As interrogações arrancaram um sorriso de Tomás.

– A luz é onda e é partícula.

– Isso não faz sentido. Eu sou um ser humano ou não sou, tu vives num apartamento ou não vives num apartamento, Portugal

está na Europa ou está fora da Europa, a luz é uma onda ou é uma partícula. Não pode é ser as duas coisas ao mesmo tempo.

– Pois não, mas a verdade é que a luz é uma onda e uma partícula.

– Como é isso possível?

O historiador voltou a ligar o aparelho e, quando a luz começou a ser projectada no ecrã, pôs de novo a cartolina com as duas ranhuras a interceptar o feixe luminoso.

– A resposta à tua pergunta é muito estranha. – avisou. – Com o aparecimento desta bizarra dualidade onda-partícula e com o desenvolvimento tecnológico, a experiência da dupla fenda foi sendo aperfeiçoada para testar o comportamento da luz. Percebendo que a luz é também uma partícula, o tal fotão, os físicos arranjam maneira de pôr os projectores a emitir, não pacotes de vários fotões, mas um fotão de cada vez.

– Consegue-se emitir um fotão de cada vez?

– Claro.– Inclinou-se sobre o projector. – Podemos fazer a experiência aqui, se quiseres. Ora observa.

Tomás recalibrou o foco e diminuiu o feixe de luz até ele se apagar por completo. Começaram então a emergir pontos no ecrã, um num momento, depois outro, a seguir outro e assim sucessivamente, sempre a intervalos mais ou menos irregulares.

– A luz desapareceu.

– Não, o projector continua a emitir luz. O que se passa é que reduzi a emissão para um único fotão em mais ou menos cada dois segundos. Um fotão é tão pequeno que se torna praticamente invisível ao olho humano, como deves calcular, mas repara que este ecrã, equipado com um fotomultiplicador, é na verdade um detector de fotões e está a registar a chegada dos fotões um a um num intervalo aproximado de dois em dois segundos. Cada ponto no ecrã corresponde, pois, a um fotão em partícula.

– Ah, estou a entender. E o que queres provar com isso?

O académico indicou o ecrã.

– Repara no padrão que se vai formando no detector...

A atenção de Maria Flor centrou-se no ecrã. Viu os pontos a acumularem-se e reparou que adquiriam um padrão de cinco faixas.

– É o padrão de interferência, típico de onda.
– Portanto, a luz continua a comportar-se como uma onda, uma vez que os fótons interferem uns com os outros, não é verdade?

A amiga não respondeu de imediato. Ficou a olhar para o padrão de interferência que se formara no detector com a acumulação de fótons e estreitou as pálpebras, o rosto a contrair-se gradualmente numa expressão de crescente perplexidade.

– Quer dizer... espera aí, há aqui uma coisa... enfim, uma coisa estranha. – balbuciou, intrigada. – Tu só estás a emitir um fóton de cada vez, certo?

– Exacto.

– Então... então com o que está esse fóton a interferir?

O sorriso vitorioso voltou à face de Tomás.

– Grande pergunta, não é? – concordou ele com um esgar conhecedor. – Se só estou a emitir um fóton de cada vez, mas se a luz forma acumuladamente um padrão de interferência no ecrã, esse fóton está a interferir com o quê?

– Pois é, não há outros fótons para interferirem com este único fóton. Então com o que está esse fóton a interferir?

O historiador deixou a pergunta por momentos a pairar, para sublinhar o paradoxo, e só ao cabo de alguns segundos deu enfim a resposta.

– O fóton está a interferir consigo próprio.

Maria Flor devolveu-lhe um olhar de incompreensão.

– Perdão? Como é que ele interfere consigo próprio?

Tomás indicou as duas ranhuras da cartolina que permanecia entre o projector e o ecrã.

– Por qual das fendas achas que o fóton está a passar?

Ela voltou a encolher os ombros, já não com indiferença, mas para exhibir absoluta ignorância.

– Sei lá. Por uma ou por outra, tanto faz.

O académico abanou a cabeça.

– Talvez não acredites, mas o fóton está a passar pelas duas fendas ao mesmo tempo.

– Hã?

– A unidade elementar de luz, que partiu do projector como um único fóton, encontra-se em dois lugares ao mesmo tempo, entendes? Passa simultaneamente pela fenda S1 e pela fenda S2. Eu regulei o projector e estou a emitir um único fóton de cada vez, mas o padrão no ecrã mostra-me que essa unidade elementar de luz está a interferir com uma outra unidade elementar que passou pela outra fenda. Mas qual outra unidade elementar? Não há outro fóton porque estou a emitir um de cada vez. A explicação encontrada pelo inglês Paul Dirac, que ganhou o prémio Nobel da Física juntamente com Schrödinger, é que a unidade elementar de luz está a interferir consigo própria porque passa pelas duas fendas ao mesmo tempo!

– Queres dizer que o fóton se dividiu em dois?

– Não! Partiu do projector como um único fóton e é indivisível. Trata-se de uma unidade elementar de luz, não se parte em duas. Mas quando passa por uma fenda esta unidade elementar interfere consigo própria a passar pela outra fenda. Ou seja, não toma o caminho A ou o caminho B. Assumindo o comportamento de onda, a unidade elementar de luz que partiu do projector como um único fóton indivisível toma o caminho A e o caminho B ao mesmo tempo!

A explicação era demasiado incrível para ser verdadeira e Maria Flor arregalou os olhos, fitando o seu interlocutor num esforço para tentar perceber se havia truque e qual era ele.

– Isso não é possível!

– É verdade que contraria toda a lógica, mas é isso o que está a acontecer na experiência das duas fendas. Há até quem tenha preconizado, como é o caso de Richard Feynman, que o fóton não passa apenas por dois caminhos, mas simultaneamente por todos os caminhos possíveis.

– Por todos...?! Que quer isso dizer?!

– Todos, quer dizer todos. É preciso considerar as trajectórias mais óbvias, como a linha recta entre os pontos A e B, mas também todas as outras trajectórias possíveis.– Fez um gesto a indicar a janela. – Por exemplo, o fóton parte do projector e vai lá fora, dá duas voltas a uma árvore e depois regressa para atingir o ecrã. O fóton dá a volta a Lisboa, à Terra, vai a Marte, vai a Júpiter, vai a

toda a parte, e depois volta e atinge o ecrã. É preciso até considerar que o fotão retrocede no tempo, recua até à época dos dinossauros ou ao início do universo, e volta para atingir o ecrã. Todas as trajectórias possíveis, mesmo as mais bizarras e menos prováveis, têm de ser consideradas. A trajectória clássica, de linha recta entre o projector e o ecrã, é simplesmente a mais provável, mas não é a única.

– Isso é... é ficção científica!

– Isto foi postulado por um prémio Nobel da Física, Richard Feynman. Chama-se integral de caminho e permite chegar a uma derivação da equação de Schrödinger.

– Incrível!

O historiador ergueu o indicador, à laia de aviso.

– E prepara-te porque a coisa vai ficar ainda mais estranha.

– O que queres dizer com isso?

Tomás afagou o projector de luz, um sorriso provocador a bailar-lhe nos lábios.

– Vou mostrar-te como, pelo mero acto de observar, a consciência cria parcialmente a matéria.

XXVIII

Saliente na esquina da mesa, o *mug* com a água americana fumegava à espera que James Krongard pegasse nele e bebericasse o café quente que fora buscar à máquina da embaixada. O homem da CIA em Lisboa permanecia atento às comunicações trocadas na frequência da rádio da polícia, mas os incidentes reportados não pareciam ter qualquer relevância para a operação. A arder de impaciência, pegou no telefone e ligou para o primeiro número na lista que Swartz lhe escrevinhara.

– Aqui David. – atendeu uma voz masculina do outro lado da linha. – Estou há uma hora em posição dentro do apartamento do suspeito.

– Alguma actividade?

– Negativo.

Depois de fazer o ponto da situação com o marine posicionado no apartamento de Tomás, contactou o homem que se inserira na Universidade Nova de Lisboa e obteve uma resposta semelhante. Já o operacional que haviam enviado à Fundação Gulbenkian revelou que o gabinete do historiador estava fechado à chave e de luzes desligadas e que nenhum segurança o vira por ali naquela noite.

Terminada a ronda pelos homens posicionados nos pontos-chave, Krongard voltou a atenção de novo para a frequência da polícia.

– ...CSP setenta e sete sessenta e quatro, desloque-se para a zona da Damaia, existe queixa de arrombamento de um multibanco. Já dou mais informações.

– CSP vinte e um, aqui CSP setenta e sete sessenta e quatro. Este informa que controlou a comunicação e está em deslocação para a Damaia. Informe rua e número.

– CSP setenta e sete sessenta e quatro, correcto. Rua Carvalho Araújo com...

Nada daquilo interessava, tratava-se da comunicação de uma ocorrência simples entre a central da PSP de comando e controlo das comunicações e o carro-patrolha cuja ronda incluía o bairro da Damaia, mas não tinha outro remédio que não fosse aguardar. A vida de um operacional da CIA, dizia para os seus botões sempre

que se encontrava numa espera como aquela, requeria muita paciência e atenção aos pormenores.

Sentiu um vulto atrás dele e virou-se nessa direcção.

– Alguma novidade, Swartz?

O responsável pela força de segurança da embaixada americana em Lisboa abanou a cabeça.

– Contactámos todos os hotéis da cidade e dos arredores. – disse. – Tudo negativo. Não há registo de qualquer hóspede com os nomes dos nossos fugitivos.

– *Damn!* – praguejou Krongard. – O tipo volatilizou-se por completo. – Começou a esfregar o queixo com uma expressão pensativa. – Se calhar o gajo não veio para Lisboa e seguiu para outro sítio qualquer. – Fitou o seu colega da embaixada. – Alarga a busca a todos os hotéis e pousadas do país.

Swartz revirou os olhos.

– Estás doido? Tens a noção de quantos hotéis e pousadas existem em Portugal inteiro?

– Não quero saber. – foi a resposta dada com secura. – Começa já.

Para evitar uma discussão, o homem da CIA virou costas e concentrou-se no computador, indicando assim que a decisão estava tomada e que tinha coisas mais importantes para fazer. Swartz rosnou uns *fucks* de frustração, mas percebeu que não havia alternativa e retirou-se para cumprir a ordem. Os fugitivos tinham mesmo de ser encontrados, custasse o que custasse.

Esforçando-se por dominar o nervoso miudinho que lhe mordida o espírito, Krongard contemplou no ecrã do computador o rosto feminino que lhe havia sido remetido por e-mail por um dos reformados da Judiciária que contratara para vigiar o *Lugar do Repouso*. Era a directora do lar, a mulher com quem o seu alvo escapara.

– Nada má. – murmurou, avaliando o rosto doce e sensual que a fotografia congelara no tempo. – Uma *Babe* com B grande, esta Flor.

A mulher fazia-lhe lembrar uma actriz de Hollywood. Fez um esforço para se lembrar do nome, tinha-o debaixo da língua, era a

moça que contracenara com Russell Crowe em *A Beautiful Mind*... *Damn!*, como se chamava ela? Não lhe ocorreu a resposta e depressa desistiu. No fim de contas não tinha importância, provavelmente a directora do lar a essa hora já se separara do fugitivo e ia de regresso a casa.

O raciocínio deu-lhe uma ideia. Pegou no telemóvel e localizou o número do reformado da Judiciária que contratara em Coimbra. Quando ia a carregar no botão verde para fazer a chamada, todavia, uma referência familiar numa nova comunicação estabelecida na frequência da polícia levou-o a interromper o gesto e a alterar o foco da sua atenção, transferindo-o para o aparelho de rádio.

– ... traço setenta. Informe se controlou.

– Afirmativo. CSP controlou a matrícula e estamos a verificar... CSP trinta e três trinta e um confirme: marca Volkswagen, cor azul?

– Afirmativo.

– CSP trinta e três trinta e um, indique motivo da suspeita.

– CSP vinte e um, trata-se de uma viatura parada na via pública com um buraco na traseira, potencialmente feito com arma de fogo, e uma amolgadela na lateral direita traseira. Verifique se a viatura consta.

– CSP trinta e três trinta e um, aguarde.

A comunicação foi interrompida, para grande frustração de Krongard.

– Onde, *damn it?* – questionou o aparelho de rádio, exasperado por o diálogo entre o carro-patrulha trinta e três trinta e um e a central de comando e controlo de comunicações não lhe ter fornecido tudo o que precisava. – Onde diabo está esse Volkswagen?

O agente da CIA permaneceu pregado ao seu lugar, a atenção centrado no aparelho. A polícia portuguesa havia localizado o automóvel de Tomás Noronha, sobre isso não havia dúvidas, mas a comunicação não precisara o lugar. Sem essa informação, apenas ficara a saber que o fugitivo se encontrava de facto em Lisboa, o que tornava inútil o esforço de o procurar nos hotéis e pousadas de todo o país.

– Swartz! – gritou, não se atrevendo a levantar-se para ir chamar o chefe de segurança da embaixada por receio de perder uma nova comunicação na frequência da polícia que lhe permitisse identificar o paradeiro de Tomás. – Swartz! Vem cá!

Ouviu a voz do colega da embaixada a responder, mas um estralejar no aparelho de rádio indicou-lhe que ia começar uma nova comunicação entre os homens da PSP.

– CSP trinta e três trinta e um, aqui CSP vinte e um.

– CSP vinte e um, trinta e um à escuta. Informe.

– CSP trinta e três trinta e um, essa viatura esteve esta tarde envolvida num acidente de viação com fuga em Coimbra. Vou contactar a Eco trinta e um para enviar para esse local o elemento que aguardará junto à viatura. Confirme a morada, trinta e três trinta e um.

– CSP vinte e um, Avenida de Berna com a Praça de Espanha, no descampado aqui existente. Este aguarda a chegada do *papa delta*.

Ao escutar a informação sobre o paradeiro do Volkswagen azul, Krongard deu um salto na cadeira e ergueu o punho, vitorioso; acabara de identificar o lugar onde Tomás se escondera. Um descampado na ligação da Avenida de Berna com a Praça de Espanha só podia significar uma coisa.

– A Gulbenkian!

XXIX

Um traço de incredulidade cintilou no olhar de Maria Flor.

– A consciência cria parcialmente a matéria pelo mero acto de observar?

A pergunta ecoava a afirmação de Tomás, tão extraordinária e extravagante que requeria uma demonstração conclusiva. Para a fazer, no entanto, o material de projecção de luz que montara na esquina do laboratório não chegava. O historiador voltou para trás, foi buscar um dispositivo que deixara pousado sobre uma mesa e instalou-o entre o projector e o ecrã, no enfiamento da posição da cartolina com as duas ranhuras.

– Este instrumento é usado para medir a passagem da luz pelas fendas. – disse enquanto ultimava os preparativos para a nova

experiência. – Vou accioná-lo e, quando o projector emitir o equivalente a um fotão, o dispositivo de medição dir-me-á por qual das ranhuras passou ele.– Mostrou o monitor da máquina. – A medição é registada neste sistema. Será que me podes ajudar e verificar o que aparece no dispositivo?

– Com certeza.

Terminou a instalação do novo sistema e ligou-o. De imediato escutou-se um som metálico semelhante a um ping.

– Isto é o instrumento a registar a passagem de um fotão pelas fendas. – explicou. – Diz lá por qual delas passou a luz...

Virou o aparelho para Maria Flor, de modo que ela pudesse observar o monitor.

– Foi pela da direita, a S2. – constatou a amiga. Pôs as mãos às ilhargas, como se o desafiasse. – Estás a ver? Ao contrário do que dizias há pouco, o fotão não passou nada pelas duas ranhuras ao mesmo tempo...

Permanecendo calado durante alguns segundos, Tomás limitou-se a deixar que o projector emitisse fotões e que o dispositivo fosse medindo por qual das fendas eles passavam, cada passagem assinalada pelo mesmo som metálico e registada no monitor. Umas partículas de luz passavam pela ranhura S1 e outras pela ranhura S2. A companheira ostentava uma expressão triunfante no rosto, como quem dizia que a experiência desmentia o absurdo que escutara momentos antes, a medição mostrava que o fotão não passava nada pelas duas fendas ao mesmo tempo mas apenas por uma delas. Porém, ele manteve-se imperturbável. Ao fim de algum tempo, Tomás fez um gesto na direcção do ecrã.

– Que padrão vês ali?

Ao contrário do que acontecera anteriormente, formara-se um padrão de apenas duas faixas.

– As cinco faixas desapareceram. – constatou ela com surpresa. – Agora estão duas.

– O que me estás a dizer é que a interferência já não acontece. Os fotões deixaram de interferir uns com os outros ou consigo mesmos, não é?

– Pois... realmente.

– Agora vou desligar o instrumento que mede a passagem das partículas de luz pelas duas fendas.

Carregou num botão e o sistema deixou de fazer a medição. Formou-se no ecrã um padrão de cinco faixas. A seguir voltou a ligar o instrumento da medição das ranhuras e o padrão no ecrã regressou às duas faixas de luz. Foi ligando e desligando sucessivamente o dispositivo de medição, sempre com o mesmo resultado: quando o instrumento media a passagem dos fotões pelas ranhuras, formava-se um padrão de duas faixas, mas quando ele era desligado o padrão alargava-se para cinco faixas.

– Que coisa tão... tão singular. – reconheceu ela ao fim de algum tempo, ainda a digerir a experiência que acabava de observar. – O que raio se está a passar aqui? Por que motivo a medição das fendas altera o comportamento da luz? Não estou a entender...

Tomás pousou a cartolina das duas fendas, desligou o projector e o dispositivo de medição e encarou-a.

– Esta descoberta é absolutamente extraordinária. – sentenciou. – Os cientistas tomaram consciência de que a luz altera a sua natureza em função do tipo de experiência que se faz para a estudar, ou seja, em função de as fendas estarem ou não a ser observadas. Quando as fendas não estão a ser observadas, a luz comporta-se como uma onda. No entanto, no momento em que começamos a observá-las, revela-se uma partícula. É como se a luz soubesse se está ou não a ser observada.

Os dedos de Maria Flor mergulharam nos caracóis castanho-aloirados do cabelo e esfregaram distraidamente a cabeça, numa expressão de perplexidade.

– Mas como sabe a luz uma coisa dessas?

Tomás não respondeu de imediato; a pergunta era boa de mais para se perder no meio da conversa.

– Esse é que é o ponto essencial. – disse. – Como sabe a luz que está a ser observada? Na verdade não sabe, a questão não se pode pôr assim porque, que saibamos, não tem consciência nem conhecimentos. A verdadeira pergunta é por isso outra: por que razão a observação altera a natureza da luz? Por que razão a luz é

uma onda quando não está a ser directamente observada e se torna uma partícula quando a observamos directamente? Trata-se de um enorme mistério. E olha que ainda não te contei tudo. A realidade ao nível subatômico, ou quântico, tem coisas ainda mais estranhas.

– Ainda mais?!

– A experiência da dupla fenda foi originalmente feita com fótons, partículas de luz que não têm massa nem carga e que transportam energia electromagnética. Mas descobriu-se que a própria matéria também é assim, pelo que a mesma experiência foi feita com electrões, ou seja, unidades elementares que compõem a matéria, com massa e carga.— Bateu com a mão numa mesa ao lado. – Sabes de que é composta esta mesa ao nível atómico, não sabes?

– De átomos, claro. Toda a matéria é feita de átomos, constituídos por um núcleo de neutrões e protões e com electrões a orbitarem em volta, um pouco como os planetas a circulararem à volta do Sol. Isso é informação elementar, que se aprende na escola.

– A imagem do átomo como um microssistema solar está um pouco ultrapassada, mas o que importa é que os electrões são unidades elementares com massa e que entram na constituição da matéria. Pois em vez de projectarem fotões através de uma barreira com dupla fenda os cientistas fizeram a experiência com electrões usando um filamento de tungsténio quente como projector de electrões, uma folha fina de metal com duas fendas paralelas e um detector de electrões a servir de ecrã. É uma experiência tecnicamente muito difícil de levar a cabo, bem mais complicada do que com fotões. Mesmo assim foi realizada e o resultado revelou-se surpreendente. Tal como acontecia com os fotões, o ecrã registou que os electrões tinham comportamento de onda quando não eram observados directamente. Ao diminuir o feixe de modo a lançar um único electrão na direcção do detector, constatou-se que esse electrão passava também pelas duas ranhuras ao mesmo tempo. Repara que não estamos a falar de luz, estamos a falar de electrões, unidades elementares de matéria.

– A matéria passou pelas duas ranhuras ao mesmo tempo?

Os olhos verdes de Tomás emitiram um brilho de assentimento.

– Estranho, não é? E não são só os electrões. Fez-se a experiência com átomos inteiros e aconteceu a mesmíssima coisa. A experiência foi alargada a moléculas e, de novo, os resultados foram iguais. Mais ainda, os electrões, os átomos e as moléculas comportavam-se sempre como onda quando as fendas não eram observadas e como partícula quando passavam a ser observadas.– Fez uma pausa para deixar assentar a informação. – Estás a perceber o significado destas descobertas?

Com a boca entreaberta e olhos meio incrédulos, Maria Flor tentava digerir o que acabara de ouvir.

– Estás a insinuar que... que a matéria não existe como a conhecemos se não a observarmos directamente?

Tomás balançou a cabeça em sinal afirmativo.

– A experiência da dupla fenda, que já foi feita milhares e milhares de vezes e pode ser reproduzida no laboratório de qualquer escola devidamente equipada, revela-nos que a realidade tem uma natureza misteriosa. A observação da realidade cria parcialmente a própria realidade. Mas o mais importante é que a decisão consciente que eu tomar sobre como vou observar a realidade irá alterar a própria realidade. Por exemplo, se eu observar o electrão sem medir as fendas e apenas registando o seu efeito no ecrã, ele será uma onda, mas, se eu decidir observá-lo a passar pelas fendas, o electrão tornar-se-á uma partícula. Ou seja, e sublinho isto, ao escolher o tipo de experiência que vou fazer, a minha consciência decide como vai ser a realidade, se onda se partícula. Consegues perceber a que ponto esta descoberta é profunda?

A amiga estava boquiaberta.

– A observação cria parcialmente o real!

– Essa conclusão é polémica e cria grande incómodo entre muitos cientistas, mas é defendida de facto por físicos de grande renome, incluindo prémios Nobel da Física. A palavra observação é, bem vistas as coisas, apenas um eufemismo de consciência, uma vez que só sabemos que há uma observação porque temos consciência dela. A matéria é onda se eu decidir conscientemente observá-la de uma maneira e torna-se partícula se eu decidir conscientemente observá-la de outra maneira. Sou eu que decido, por minha livre e consciente vontade, como vai ser a realidade. Isto significa que, em última análise, é a consciência que cria parcialmente a realidade.

– Isso é inacreditável!

– As experiências científicas mostram que, de certo modo, a consciência cria parcialmente a realidade. – insistiu ele, batendo de novo na mesma tecla. – Os fotões, os electrões, os átomos e as moléculas não existem enquanto partículas a menos que sejam observados! Estou a repetir essa ideia, e repeti-la-ei até à exaustão sempre que falarmos neste assunto, porque a descoberta é de tal modo bizarra e inacreditável que é normal deixarmos de a ter

presente quando lidamos com a realidade do dia-a-dia e regressamos facilmente ao modo mais tradicional de pensar. Julgamos que as coisas existem por si mesmas e independentemente de nós, que de um lado estamos nós e do outro está o mundo, e afinal descobrimos que, sem a consciência que observa a realidade, as coisas não existem realmente como nós pensamos. Não há realidade independente da observação.

– Isso não faz sentido nenhum. Como é possível que a consciência crie a realidade?

– Parcialmente. – ressaltou. – A consciência cria a realidade parcialmente. Não basta eu olhar para a fenda para aparecer logo a partícula. É preciso que nessa fenda esteja também uma onda.

– Uma onda? Mas uma onda de quê? – questionou ela, confusa. – De energia? De matéria? De quê?

Tomás esfregou o rosto com a mão; esta parte era igualmente difícil de digerir.

– Não sabemos exactamente. – admitiu. – Trata-se de uma onda misteriosa. A equação de Schrödinger apresenta-nos a função de onda, que é interpretada como uma onda de probabilidade. Quando estão em causa cálculos da mecânica quântica, não nos encontramos perante um campo ondulatório de matéria ou de energia, mas perante um campo ondulatório de probabilidade de haver matéria ou energia.

– Queres dizer que a onda não tem existência real?

O académico esboçou uma careta.

– É difícil dizer. O electrão tem carga e massa e estas não podem desaparecer assim do pé para a mão, pois não? Além disso, todos vemos que se forma no ecrã um padrão de interferência. Isso mostra-nos que alguma coisa existe de facto. Mas o quê? Schrödinger achava que o electrão se espalhava pelo espaço e assim ondulava. Porém, onde estão a sua carga e a sua massa? Uma ondulação como a que Schrödinger propôs implicaria que ambas se espalhavam infinitamente pelo universo, encontrávamos um bocado da massa aqui e outro bocado ali e outro ainda acolá, mas já se percebeu que não é isso que acontece. Portanto, Schrödinger estava errado.

– Então se o electrão não se espalha pelo espaço, que raio de onda é essa?

– Ninguém sabe. O padrão de interferência no ecrã e o princípio da conservação, que exige a manutenção da carga e da massa, sugerem que a onda é real, não uma mera formulação matemática abstracta. A carga e a massa do electrão têm de estar algures, correcto? Mas onde? Einstein chamava *Gespensterfeld* a essa onda, isto é, campo fantasma, embora eu prefira a expressão onda virtual, ou potencial, ou seja, uma onda que encerra em paralelo todas as virtualidades ou potencialidades possíveis. O próprio Werner Heisenberg escreveu que ‘os átomos ou as partículas elementares não são reais; formam um mundo de potencialidades ou possibilidades’. É como se vivessem num limbo entre a existência e a não existência, um limbo que se designa superposição, só adquirindo existência definida e real quando são observados. Extrapolando a partir da experiência da dupla fenda, poderemos dizer que um átomo existe em forma de onda de uma maneira quase fantasmagórica, para utilizar a expressão de Einstein, mas quando é observado produz-se o que os físicos designam colapso da função de onda. A onda fantasmagórica em superposição colapsa e instantaneamente torna-se partícula real.

Maria Flor estremeceu.

– Brrr... Isso parece sinistro!

– Um pouco. – assentiu ele. – Por exemplo, e uma vez que antes da observação a matéria não passa de uma onda, imagina que colocamos a onda de um átomo numa caixa e depois dividimos essa caixa ao meio e ficamos com duas. Ou seja, temos agora uma onda e duas caixas. A pergunta é esta: com a divisão da caixa em duas, em qual delas ficou a onda? Na da direita ou na da esquerda?

– Bem... sei lá, numa das duas.

O historiador arqueou as sobrancelhas, como se tivesse acabado de executar um passe de magia.

– A onda está nas duas.

– Queres dizer que a onda se dividiu ao meio, uma metade ficou numa caixa e a outra metade foi para a outra caixa.

– Não, não! É uma única onda, é indivisível e está ao mesmo tempo nas duas caixas. Mas, quando abro uma delas e observo o interior, a onda colapsa e o átomo torna-se uma partícula que ocupa apenas uma das caixas.

– Ah, estou a ver. É um pouco como os ilusionistas de feira, que escondem uma moeda numa mão e temos de adivinhar em que mão está a moeda, se na esquerda se na direita.

– Não. – voltou ele a negar, ciente de que era difícil aceitar aquela realidade tão perturbadora. – Quando um ilusionista de feira faz o seu truque, a moeda encontra-se efectivamente numa mão. O que acontece é que nós, visitantes da feira, não sabemos em que mão ela está. Observar que a moeda se esconde numa mão não a torna de repente real, ela já existia, só que se encontrava escondida. Mas no universo microscópico não existe realmente átomo nenhum em forma de partícula enquanto eu não o observar, percebes? Na realidade, o átomo encontra-se em forma de onda ao mesmo tempo nas duas caixas — exactamente como o electrão e a unidade elementar de luz. Apesar de ambos serem indivisíveis, estão nas duas fendas ao mesmo tempo. Ou seja, e ao contrário do exemplo do ilusionista com a moeda, o átomo não existe previamente em nenhuma das caixas em forma de partícula. As partículas só se constituem numa das caixas no instante em que observamos directamente uma dessas caixas, da mesma maneira que a luz e o electrão só se tornam partículas quando observamos directamente a fenda por onde passaram. Estás a perceber? Mesmo que afastemos as duas caixas e ponhamos uma delas num lado do universo e a outra no outro lado, a onda continuará ao mesmo tempo nas duas caixas, única e indivisível, em superposição. E o observador, e por consequência a consciência, que, pelo mero acto de observar a realidade e assim interferir com ela, obriga o átomo a deixar de ser uma onda e a tornar-se uma partícula.

– Isso é tão estranho...

– A bizarria quântica foi também sistematizada por Heisenberg em 1927, a altura em que concebeu o princípio da incerteza. Esse princípio estabelece que não é possível determinar com exactidão e simultaneamente a posição e a velocidade de uma

partícula. Tal impossibilidade não se deve a qualquer dificuldade técnica na medição, mas a uma característica intrínseca da realidade. Quando determinamos a posição de uma partícula a sua velocidade torna-se intrinsecamente indefinida e quando determinamos a velocidade a sua posição torna-se ontologicamente indefinida. Insisto que esta incerteza sobre a posição e a velocidade exacta das partículas não resulta das nossas limitações de observação, mas descreve a realidade como ela é de facto.

– Isso é incrível.

– É realmente muito estranho. No fundo, a experiência das duas fendas mostra a dualidade descrita pelo princípio da incerteza. Quando medimos as fendas determinamos com grande rigor a posição de um electrão, mas nesse caso o seu movimento, ou seja, a onda, desaparece. Quando deixamos de medir as fendas determinamos com rigor o movimento, isto é, a onda, mas nesse caso a posição do electrão torna-se indeterminada, ele está efectivamente em muitos sítios ao mesmo tempo. Mais ou menos na mesma altura em que Heisenberg concebeu a mecânica quântica, Erwin Schrödinger criou uma equação que aborda a mesma realidade mas com uma formulação matemática diferente. Enquanto Heisenberg usou a mecânica das matrizes, Schrödinger recorreu a uma mecânica ondulatória, embora depressa se tenha percebido que ambas descreviam a mesma realidade. A equação que Schrödinger concebeu permite calcular a probabilidade de uma onda se tornar partícula num ponto específico, probabilidade também designada função de onda.

– Ah, é essa a tal equação de Schrödinger...

Pegando de novo no bloco de notas e na caneta de feltro, Tomás garatujou uma sequência de símbolos.

$$E\Psi = \hat{H}\Psi$$

– Esta é a equação de Schrödinger na sua versão independente do tempo. – Apontou para o segundo símbolo nos dois lados da equação. – Estás a ver isto? A letra grega psi é aqui

utilizada para representar a mais estranha característica da realidade.— Fez uma pausa dramática. — A função de onda.

Os olhos dela fixaram-se, fascinados, no símbolo da função de onda.

— Isto é o mesmo símbolo que... que...

O historiador folheou o bloco de notas, localizou a folha onde havia reproduzido de memória a derradeira mensagem de Frank Bellamy e apontou para o psi desenhado no topo.



— O símbolo que Bellamy deixou na sua última mensagem. — disse Tomás, completando a frase que ela deixara em suspenso. — Este símbolo não diz pois respeito a nenhuma crucificação, como erradamente concluíram os idiotas da CIA. Trata-se antes de uma referência directa à função de onda prevista por Schrödinger na famosa equação. O psi foi o símbolo escolhido para representar a função de onda, a solução da equação de Schrödinger que estabelece que um electrão pode encontrar-se em dois ou mais sítios ao mesmo tempo e tem como consequência última que é a observação que cria parcialmente a realidade.

— Ou seja. — rendeu-se Maria Flor, — a Lua e todas as outras coisas no universo só existem realmente porque existe alguém para as observar.

— No limite é isso mesmo. Em última instância, a Lua, mas também eu e tu, somos de certo modo funções de onda.

Ela soltou uma gargalhada incrédula.

— Eu? Uma função de onda?

— Claro que, na prática, não és, uma vez que existes a um nível macroscópico, pelo que a tua função de onda colapsou. Mas, em teoria, porque não?

Maria Flor esboçou com as mãos um gesto difuso à frente do rosto.

– Se eu fosse uma função de onda, como pareceria? Uma nuvem?

– Provavelmente parecerias o que és agora. Não te esqueças de que a função de onda nos apresenta probabilidades. Se a função de onda é grande num sítio, isso significa que é elevada a probabilidade de o átomo se definir aí. Provavelmente o teu corpo formou-se onde a tua função de onda é mais elevada. Mas pode ter acontecido que alguns traços teus se tenham formado em zonas onde a tua função de onda é menor, quem sabe? É tudo uma questão de probabilidades.

A amiga riu-se.

– Isso é o máximo!

– Os físicos Bryce DeWitt e John Wheeler chegaram até a propor a existência de uma função de onda de todo o universo. Stephen Hawking retomou essa ideia para sugerir que o universo é o que ele designou uma superfunção de onda, um conceito que trabalhou com James Hartle.

– O próprio universo?

– Porque não? Se o universo é uma função de onda gigante, encontra-se em superposição e acumula assim todas as virtualidades possíveis. Outro físico, Hugh Everett, sugeriu que a superfunção de onda universal resolveria as bizarras quânticas, embora isso significasse uma bizarraria ainda maior. Everett propôs que o universo em superposição está constantemente a dividir-se a uma escala descomunal, criando a cada instante triliões de universos paralelos em que cada universo corresponde ao colapso de uma função de onda. Percebes? Quando as fendas são observadas, o fotão tem de escolher por qual irá passar e nesse instante o universo cinde-se em dois. O que nos parece um colapso da função de onda é na verdade uma cisão da função de onda em múltiplos novos universos. Num universo a partícula passa pela fenda direita, no outro passa pela esquerda. Agora estende isto a todas as situações quânticas em que é preciso fazer uma escolha. No metauniverso tudo o que é possível acontecer acontece de facto, mas em universos paralelos.

– Isso... isso é delírio puro! – exclamou ela com um esgar incrédulo. – Não passa de ficção científica de qualidade duvidosa. Que disparate! Que mais palermices hão-de eles inventar?

– Admito que seja estranho e reconheço que não há a menor prova de que isto aconteça. Porém, devo avisar-te de que cada vez mais físicos acreditam que esta hipótese do multiverso é bem real.

– Estás a brincar...

– Estou a falar a sério. E o mais espantoso é que os mistérios descobertos pelas experiências científicas sobre a estranha natureza da realidade não se ficam por aqui.

– O quê? Há mais ainda?

Apesar da expressão enigmática que lhe enevoava o olhar, os lábios do historiador esboçaram o fantasma de um sorriso; não era todos os dias que uma pessoa comum, como era o caso da sua amiga, tinha contacto com informação científica de tal modo desconcertante que até muitos físicos se recusavam a aceitar as suas consequências mais profundas.

– A experiência da dupla fenda sugere que o futuro pode influenciar o passado.

XXX

Misturado com os restantes automóveis que ali se encontravam estacionados, o carro-patrolha da PSP ainda estava parado no pequeno parqueamento que fazia esquina entre a Avenida de Berna e a Praça de Espanha quando James Krongard e Greg Swartz chegaram ao local. O Chevrolet com a matrícula diplomática da embaixada americana deteve-se no último semáforo da avenida e os dois ocupantes esquadriharam o espaço que habitualmente servia de parque de estacionamento a duas dezenas de viaturas. Viram um polícia sentado dentro do carro-patrolha e um outro agente em pé junto a um *Volkswagen* azul.

– É ele mesmo. – confirmou Krongard, que seguia ao volante, indicando a janela traseira do automóvel. – Vês ali o buraco no vidro de trás?

Os olhos de Swartz perscrutaram o vidro.

– Aquilo foi um tiro.

– Uma bala minha.

O chefe da segurança da embaixada americana soltou uma gargalhada trocista.

– Andas a precisar de treino. – observou com sarcasmo. Passou os olhos pelo pequeno parque onde havia alguns automóveis estacionados, embora a maior parte do espaço permanecesse vaga. – O que fazemos? Estacionamos aqui?

– Não digas disparates! A última coisa que precisamos é que os polícias nos vejam. Quanto menos testemunhas houver da nossa presença, melhor. Esta operação é clandestina, percebes?

– Então e o *Volkswagen*?

A luz do semáforo virou nesse instante para verde e o agente da CIA carregou no pedal e o automóvel arrancou.

– Quero lá saber! O importante não é o *Volkswagen*, mas a informação que a sua presença aqui nos dá. – Fez um gesto a indicar o edifício de traça moderna que ficara para trás, à esquerda, iluminado por pequenos focos de luz. – Não vês ali a Gulbenkian? Se este carro está aqui estacionado é porque o nosso homem se escondeu lá dentro. Não te esqueças de que ele é consultor da fundação. Temos de entrar lá e apanhá-lo.

O Chevrolet contornou a Praça de Espanha e estacionou no início da Avenida António Augusto de Aguiar. O marine à paisana que Swartz para ali enviara com ordens de vigiar a fundação recebeu-os à esquina, em frente da estátua em bronze de Calouste Gulbenkian sentado aos pés de uma representação gigante em pedra do deus egípcio Hórus.

Ao ver o seu superior hierárquico chegar acompanhado pelo agente da CIA, o marine endireitou-se, bateu com os calcanhares e fez continência.

– Boa noite, sir.

– Aqui na rua não me faças continência, idiota! – repreendeu-o Swartz com voz tensa. – Não vês que isso atrai as atenções?

Desconcertado com a reprimenda, o homem perdeu a formalidade e fingiu descontrair-se; os seus jeans e o casaco de couro não condiziam, de facto, com a postura militar.

– Peço desculpa, sir.

O superior hierárquico olhou em volta.

– Algum sinal do suspeito?

– Negativo, sir. Depois de receber a sua informação de que ele se encontrava provavelmente aqui, fui lá dentro e voltei a questionar os seguranças da fundação. Ninguém o viu esta noite. A seguir infiltrei-me no edifício e destranquei a porta do gabinete para ver se alguém se escondera lá dentro. O gabinete estava vazio.

Swartz voltou-se para Krongard com uma expressão expectante nos olhos, como se aguardasse instruções.

– O que fazemos?

O agente da CIA contemplou o vulto escuro do edifício da fundação. Tratava-se de um complexo enorme, mas não tão grande que não se pudesse passar a pente fino em menos de duas horas.

Voltou-se para o marine que fizera a inspecção.

– Tem aí um plano da fundação?

O fuzileiro à paisana meteu a mão ao bolso do casaco de couro e tirou uma folha dobrada.

– Está aqui, sir.

Krongard desdobrou o plano e estudou o complexo, a atenção centrada na planta interior do edifício principal e nas saídas do complexo. Nessa altura escutaram vozes a aproximar-se e aperceberam-se da chegada de dois homens; tratava-se dos marines que Swartz havia enviado para vigiar a Universidade Nova de Lisboa, mesmo ali ao lado, e o apartamento de Tomás. Ao todo, constatou o homem da CIA, a sua unidade era agora constituída por cinco elementos; ele, o chefe da segurança da embaixada e os três marines. Chegavam perfeitamente.

Com a equipa completa, dobrou o mapa e guardou-o no bolso do casaco. Fez um sinal a Swartz e as *Glocks* e os *walkie-talkies* foram entregues a cada homem. Uma vez a distribuição completada, Krongard encarou as caras que o rodeavam, indicou com a cabeça a fundação que os holofotes resgatavam da escuridão e fez um gesto para a frente.

– Vamos avançar.

XXXI

A expressão que impregnava o olhar de Maria Flor era de pura perplexidade pelo que acabava de escutar. A conversa, parecia-lhe, adquiria tonalidades surreais.

– O futuro pode influenciar o passado? – espantou-se. O seu rosto transformara-se num enorme ponto de interrogação. – Que disparate vem a ser esse? Isso não faz o menor sentido! O normal decurso do tempo aponta para uma sequência causa-efeito em que as causas estão sempre no passado e os efeitos no futuro. – Apontou para o projector laser. – É impossível este projector partir-se todo e só depois eu o atirar ao chão. O normal é eu atirar a máquina ao chão e a seguir ela ficar toda partida. Primeiro ocorrem

as causas, depois vêm os efeitos. Como pode um acontecimento no futuro ser causa de um efeito no passado? Uma coisa dessas implica... sei lá, que as viagens no tempo são possíveis. Isso não pode ser! É absurdo!

– No entanto, é o que sugere a experiência da dupla fenda. Ou pelo menos uma versão modificada dessa experiência.

– Mas... mas como?

A atenção de Tomás regressou ao projector laser, à cartolina com as duas ranhuras paralelas e à placa fotográfica que servia de ecrã, embora mantendo o equipamento desligado.

– Tens de perceber primeiro que, a um nível microscópico que se designa de quântico, as coisas se passam de maneira muito diferente daquela que estamos habituados a ver ao nível macroscópico do dia-a-dia. Já constatámos que a realidade se altera em função da observação e que, para irem do ponto A para o ponto B sem serem observados, os electrões, os fotões e os átomos não escolhem um caminho único, mas todos os caminhos ao mesmo tempo. Por exemplo, uma equipa de físicos conseguiu em 1996 colocar um único átomo de berílio em dois lugares ao mesmo tempo, exactamente como acontece com os fotões e os electrões que passam simultaneamente pelas duas fendas. Mas foram descobertos outros comportamentos estranhos da matéria microscópica.

As revelações deixaram-na intrigada. Tomás afastou-se alguns passos e foi pegar num jornal velho que alguém havia deixado sobre uma prateleira. Voltou com o matutino para junto do projector laser e, depois de examinar a primeira página, virou-a na direcção da sua interlocutora.

– Olha quem está aí. – sorriu ela. – O nosso primeiro...

O historiador apontou para a imagem de um político a encher a primeira página.

– O que é isto?

– É o primeiro-ministro, claro. Não me digas que andas assim tão desatento às notícias que nem o reconheces...

Ele esboçou um trejeito contrariado.

– Estou a referir-me à técnica da impressão da fotografia, não ao seu conteúdo. – corrigiu-a, redireccionando a conversa para o que pretendia demonstrar. – Olhando à distância, esta fotografia apresenta-nos uma imagem contínua, não é verdade?

– Sim. – confirmou a amiga, evidentemente sem perceber bem onde queria ele chegar. – E depois?

– Agora analisa a fotografia muito de perto. – Fez um gesto com a mão. – Anda cá, chega aqui.

Maria Flor abeirou-se do jornal e quase colou os olhos ao papel.

– Continua a ser uma fotografia.

– Mas a imagem permanece contínua?

– Claro que não. – Estreitou as pálpebras, num esforço para interpretar a textura da impressão. – A fotografia é constituída... sei lá, por pequenos pontos, uns maiores e outros menores. De longe a imagem parece contínua, mas de perto torna-se granulada, percebemos que o conjunto é formado por pontinhos indistinguíveis à distância.

Tomás dobrou o jornal e pousou-o numa mesa atrás dele, a demonstração concluída.

– Pois os cientistas descobriram que de certo modo a realidade também é assim. – declarou. – Na nossa experiência quotidiana, as coisas movem-se seguindo uma linha contínua. Para avançar um metro, por exemplo, temos de percorrer todo o espaço no meio. De resto, foi esse o problema levantado pelo filósofo grego Zenão. Mas os cientistas descobriram que no universo microscópico a realidade é descontínua e as partículas saltam de um estado para outro sem passarem por um estado intermédio e de uma orbital para outra sem passarem por uma orbital intermédia.

Um esgar de incredulidade encheu o rosto de Maria Flor.

– Como é?

– Um electrão não flui entre um estado e outro ou entre uma orbital e outra, como seria de esperar, mas salta instantaneamente entre estados ou orbitais. Chama-se a isso salto quântico. E isto, note-se, não é um efeito ocasional, mas a regra no universo

microscópico. O tecido da realidade funciona com este tipo de saltos.

– Já tinha ouvido falar em saltos quânticos, mas nunca tinha percebido verdadeiramente do que se tratava. Pergunto-me, no entanto, se esses saltos não se deverão antes às nossas limitações técnicas para determinar a orbital intermédia por onde os electrões passam. Quer dizer, eles passam pela orbital intermédia entre a orbital A e a orbital B, mas como não conseguimos vê-los a deslocar-se, porque a nossa tecnologia ainda tem limitações, ficamos com a impressão de que os electrões saltam.

– Na verdade foi isso mesmo que muitos cientistas pensaram inicialmente. – reconheceu ele. – Mas agora já temos a certeza de que os electrões não percorrem mesmo a orbital intermédia, ela nem sequer existe. Não há nenhuma limitação técnica na nossa observação, o que se passa é que eles saltam de facto e fazem-no instantaneamente, não existe nenhum intervalo de tempo para que o salto ocorra. Se conduzirmos um carro a cinquenta quilómetros por hora e quisermos acelerar para sessenta quilómetros por hora, na realidade quotidiana a velocidade aumentará gradualmente, não é verdade? Passaremos para cinquenta e um quilómetros por hora, depois para cinquenta e dois e assim sucessivamente até chegarmos aos sessenta. Mesmo entre o cinquenta e o cinquenta e um há um número infinito de velocidades intermédias. Mas se estivéssemos no mundo quântico a observar os estados energéticos, o automóvel iria a cinquenta quilómetros por hora e, de repente, passaria para sessenta quilómetros por hora sem passar pelas velocidades intermédias. É isso de certo modo um salto quântico.– Apontou para o matutino cuja primeira página tinham estudado minutos antes. – É como aquela fotografia do jornal. Vista daqui, a imagem do primeiro-ministro parece contínua, mas quando a observamos em pormenor constatamos que é granulada, constituída por pontos separados uns dos outros, e que a sua continuidade não passa de uma ilusão criada pela distância.

– Estou a ver.

– Mas há também uma outra coisa estranha a acontecer no mundo subatômico. Uma partícula pode ir de um ponto para outro,

mesmo que esses pontos estejam separados por uma barreira intransponível. Ela salta apesar de não ter energia para tal e sem passar através da barreira, percebes? Num momento está dentro e no momento seguinte está fora. Chama-se a isso efeito de tunelização quântica. É como se a partícula se tivesse metido num túnel invisível e aparecido noutro lugar.

– Uma coisa dessas é possível?

– Não só é possível, como acontece de facto. Por exemplo, no decaimento radioactivo do urânio, uma partícula alfa está no núcleo e de repente desaparece dali e aparece fora do núcleo, apesar da barreira que constitui a força nuclear forte.

Maria Flor hesitou.

– Olha lá, há pouco mencionaste que no universo microscópico o futuro pode influenciar o passado. O que querias dizer com isso?

– Albert Einstein demonstrou nas teorias da relatividade que espaço e tempo estão unidos. – lembrou Tomás. – Chamou-lhes, por isso, espaço-tempo. Ora se a experiência da dupla fenda mostra que a consciência altera parcialmente o comportamento da realidade no espaço, e se o tempo está unido ao espaço, então é possível que a consciência também altere parcialmente o comportamento da realidade no tempo.

– Parece lógico. – assentiu ela, avaliando o problema desta nova perspectiva. – Falta saber se existe alguma maneira de o demonstrar...

A mão do académico pousou no projector de luz.

– A demonstração faz-se com uma versão mais sofisticada da experiência da dupla fenda. – Pegou na cartolina que usara na primeira demonstração e posicionou-a de novo entre o projector e o ecrã, indicando as duas ranhuras paralelas rasgadas no meio. – Já vimos que a luz e os electrões passam pelas fendas enquanto ondas quando não estamos a observar estas fendas, mas tornam-se partículas quando as fendas são observadas, não é verdade?

– É um efeito estranho, mas suponhamos que é verdadeiro.

– É verdadeiro. – insistiu Tomás. – Tens de perceber e interiorizar que esta experiência foi feita milhares e milhares de vezes e os resultados, apesar de incríveis, sugerem que a

observação cria parcialmente a realidade. A questão que se põe agora é saber o que acontece se a decisão de observar for tomada, não antes de a luz chegar à dupla fenda, mas no espaço entre a dupla fenda e o ecrã. Ou seja: imagina que colocamos um detector depois das fendas e só decidimos se o activamos ou não após a luz passar pelas fendas. Atrasando a decisão, em que momento é que a onda de luz se transforma em partícula? No momento da decisão de observar ou antes da decisão de observar? Será possível a luz passar como onda pelas fendas, momento em que não houve ainda observação, e só se transformar em partícula quando a consciência decide observá-la?

Ela abanou a cabeça, baralhada.

– Desculpa, mas não estou a perceber bem...

– É confuso, eu sei. – admitiu Tomás. – A dúvida, posta em termos simples, é esta: será possível o futuro influenciar o passado?

– Ah, isso entendi.

– Este problema foi teorizado em 1984 por John Wheeler e testado experimentalmente no laboratório da Universidade de Maryland graças a um sistema electrónico ultra-rápido de geração de números aleatórios e com recurso a um complicado dispositivo de espelhos, uma experiência repetida ao longo dos anos várias vezes e com instrumentos cada vez mais sofisticados. Chama-se experiência de escolha retardada.

– Conseguiram fazer-se experiências a testar isso? – espantou-se Maria Flor. – E qual... qual foi o resultado?

– Uma coisa espantosa. – avisou ele. – Os cientistas conseguiram atrasar a decisão apenas uns bilionésimos de segundo, mas foi o suficiente para testarem o problema. Descobriram que a luz se tornava partícula antes de a decisão de a observar ter sido tomada. – Repetiu a palavra-chave. – Antes. – Fez uma pausa para a ideia fazer o seu caminho. – Percebes as consequências do que te estou a dizer?

A amiga abriu e fechou a boca, atónita.

– Isso quer dizer que a luz se comporta como se soubesse que ia ser observada antes de o observador decidir observá-la!

– Nem mais! As implicações desta descoberta são extraordinárias. Uma vez que a onda só se transforma em partícula quando é observada, dá a impressão de que estamos perante uma sequência paradoxal de efeito-causa, em que o efeito ocorre antes da causa. – Voltou a pousar a mão no projector laser. – De certo modo esta máquina parte-se antes de a atirares ao chão.

– Não pode ser!

– Mas é o que as experiências sugerem. Nesta experiência modificada da dupla fenda, o efeito parece preceder a causa. Ou seja, fica-se com a sensação de que a informação foi para o passado de modo a produzir o efeito antes da causa. É como se tivéssemos uma palavra a dizer para influenciar o que já aconteceu. Dá a ideia de que, ao nível microscópico do universo quântico, o tempo desaparece e não existe um antes e um depois, é como se as partículas ignorassem a própria existência do tempo. As implicações dessa descoberta são profundas, como deves calcular.

– Apontou para o céu estrelado para lá da janela. – A luz que vemos ali no firmamento partiu há milhares de anos daquelas estrelas e está a chegar-nos em forma de partícula porque, de certo modo, no momento em que partiu é como se já soubesse que no futuro ia ser observada por nós. O mesmo é válido para a luz que foi emitida há cinco mil milhões de anos em galáxias distantes. Fica-se com a impressão de que o futuro enviou para o passado distante a informação de que essa luz iria ser observada esta noite por nós, obrigando-a assim a deslocar-se ao longo destes cinco mil milhões de anos em forma de partícula, não de onda. Ou, dito de uma outra maneira, dá a sensação de que decidimos o que o fóton será e ele obedece no passado a essa decisão. Isto é, a observação hoje pode afectar a natureza da luz no passado.

Maria Flor abanava a cabeça, ainda incrédula.

– Não pode ser, não pode ser!

– É errado pensarmos que o passado já existe em pormenor. O passado não tem existência definida, está em superposição e só se define porque o futuro o obriga a tal. De resto, a versão mais completa da equação de Schrödinger, que leva em conta os efeitos relativísticos, contém uma solução que descreve o fluxo de energia

negativa para o passado, aspecto para o qual já Max Born tinha chamado a atenção em 1926.— Ergueu o dedo. — A coisa consegue tornar-se ainda mais bizarra, se é que tal é possível, com outra variante da experiência das duas fendas.— Fez um gesto para a cartolina com as duas ranhuras. — Chama-se apagador quântico. Logo a seguir ao detector nas fendas coloca-se um dispositivo que marca os fótons, de modo que, quando cada fóton é mais tarde examinado, se possa identificar por qual das fendas passou. Nestas condições, como pensas que se comporta a luz?

— Bem, a crer na experiência que me mostraste, é feita uma observação. Logo, não há padrão de interferência, não há onda. A luz nessa experiência é partícula.

— Correcto. Agora repara no truque: e se, depois de o fóton passar a fenda mas antes ainda de chegar ao ecrã, apagarmos a marca que o dispositivo imprime em cada fóton, de modo que se torne impossível perceber por que fenda ele passou? Isto é, a partícula de luz é medida a passar pelas fendas mas a informação retirada dessa medição desaparece.

— É possível fazer essa experiência?

— É muito delicada e difícil, mas acabou de facto por ser realizada pela primeira vez em 1991 na Universidade de Berkeley, na Califórnia. A marcação foi executada através da polarização dos fótons que passavam por uma das fendas. A questão é esta: nessas condições, o que achas que aconteceu? A luz passou pelas fendas como onda ou como partícula?

Maria Flor analisou o dispositivo montado diante dela.

— Bem... houve uma observação, não é verdade? Mesmo que a informação sobre essa observação tenha sido apagada, o facto é que foi feita uma observação. Nesse caso, isso significa que não existe padrão de interferência. A luz passou como partícula.

O historiador abanou a cabeça.

— Errado. — sentenciou. — O que apareceu no ecrã, minha cara, foi o padrão de interferência. A luz passou como onda.

A amiga fez uma careta de estranheza.

— Como onda? Mas a luz foi medida...

– Pois foi. – reconheceu ele. – Porém, o que parece ser aqui determinante para a natureza da luz não é estritamente a medição da luz nas fendas, é a informação extraída por essa medição, ou, se quiseses, é o nosso conhecimento sobre a luz. Apesar de ter sido medida a passar pelas fendas, a luz manteve o padrão de interferência. O factor determinante não é pelos vistos a medição, é o que podemos saber sobre a medição. Como a possibilidade de conhecermos a luz desapareceu, ela portou-se como onda. Isto é, dá a impressão de que a luz só se preocupa com o que alguém possa saber sobre ela. Se ninguém puder saber nada, apesar de a medição ter sido feita, a luz continua a ser uma onda. Pelos vistos, e insisto neste ponto, a mera observação é irrelevante. É a possibilidade de se conhecer a partícula que a cria.

– Isso é... incrível! Absolutamente inacreditável!

– A realidade não é o que pensamos que é ou o que queremos que seja, ela é o que é. Quando intuímos que a realidade é uma coisa, mas a observação e a matemática nos revelam algo diferente, a observação e a matemática ganham sempre. De madrugada vemos o Sol a nascer no horizonte, ao longo do dia observamo-lo a girar no céu numa trajectória lenta em arco e ao final da tarde constatamos que ele se põe no outro lado, não é? Perante isto, o que nos dizem a intuição e o bom senso? Que o Sol gira à volta da Terra. Mas graças a observações astronómicas e a cálculos matemáticos, Copérnico chegou à conclusão de que é a Terra que gira à volta do Sol. Ou seja, a observação científica e os cálculos matemáticos derrotaram a intuição e o bom senso. O mesmo sucede aqui. A intuição e o bom senso dizem-nos, porque é isso que nos indica a percepção que temos do que se passa em redor, que o mundo existe independentemente de nós. Mas a observação científica feita através da experiência da dupla fenda e respectivas variantes revela precisamente o contrário. Qualquer cientista sabe que, quando isso acontece, a observação e a matemática prevalecem sobre o bom senso. Por isso, e por favor, abandona essa ideia de que as coisas microscópicas se comportam da mesma maneira que as coisas macroscópicas mas numa outra escala. O mundo microscópico funciona de forma diferente e bizarra. Em

ciência temos de acreditar na observação, mesmo quando ela contradiz o bom senso, e neste caso a observação mostramos que a um nível elementar o universo é estranhíssimo. Por mais desconcertante e contra-intuitivo que tal nos possa parecer, é a nossa consciência que cria parcialmente a realidade, e fá-lo não só no espaço mas também no tempo.

A amiga ergueu as mãos.

– Pronto, rendo-me. – exclamou. – É só que tudo isso é de tal modo perturbador que custa acreditar...

– Tens razão. – anuiu ele. – Eu próprio levei anos a aceitar que a realidade é assim tão estranha, e só me rendi quando conheci em pormenor a experiência da dupla fenda e respectivas variantes. Repara bem, a possibilidade de, a um nível elementar de criação da realidade, ocorrerem primeiro os efeitos e depois as causas tem consequências incrivelmente contra-intuitivas. O que isto significa é que a consciência hoje e no futuro tem aparentemente o poder de em parte gerar a realidade física do passado, e em particular o passado referente ao tempo em que não havia ainda seres conscientes no universo. Ou seja, enquanto o universo não gerou consciência, o Big Bang não passou de uma espécie de acontecimento virtual, quase como se fosse uma onda em que todas as potencialidades se acumulam em paralelo. Só quando o universo concebeu a consciência é que a consciência tornou real uma dessas potencialidades, a história anterior do universo. De certo modo não é apenas o passado que gera o futuro, mas o futuro que também gera o passado. O acto de observar a realidade não só cria parcialmente a realidade de hoje mas também cria o passado que tornou possível a realidade de hoje. É como se futuro e passado se criassem mutuamente e ambos fossem indeterminados: tal como há vários futuros possíveis, existem vários passados possíveis.

Maria Flor coçou a cabeça.

– Não me digas que isso que estás a dizer também está provado...

– O que te estou a expor são as implicações profundas das descobertas feitas graças à experiência da dupla fenda. Esta experiência expõe-nos a ilusão que se esconde atrás da realidade.

A um nível elementar, o universo resulta de uma dualidade entre o real e a consciência, em que o real se complexifica para gerar a física, a qual se complexifica para gerar a química, a qual se complexifica para gerar a vida, a qual se complexifica para gerar a consciência, a qual se complexifica para gerar... o real.

– É como se cada nível de complexidade trouxesse as tais propriedades emergentes de que falaste esta tarde em Coimbra. – observou Maria Flor, reflectindo no que acabara de ouvir. – Mas... qual o significado de tudo isto?

Com o raciocínio a completar o círculo completo, Tomás cruzou os braços e respirou fundo, preparando-se para expor a mais estranha, desconcertante e profunda natureza do universo.

– O real cria a consciência e a consciência cria o real.

XXXII

Mil pontos brilhantes forravam parte do céu naquela noite quase límpida. As principais estrelas cintilavam no manto negro, mas a mancha brilhante da Via Láctea permanecia invisível devido ao clarão luminoso da cidade. A Lua pairava no alto em quarto crescente e a iluminação pública ao longo do perímetro da fundação e para lá dele libertava um hálito, suave é certo, mas suficiente para ofuscar os brilhos mais ténues do pó reluzente que percorria o firmamento.

Procurando sempre manter-se nas zonas de sombra, James Krongard avançava devagar pelo jardim da fundação. A sua atenção, no entanto, estava centrada no edifício de linhas modernas

que servia de sede à Gulbenkian, em busca de qualquer pormenor suspeito que lhe pudesse revelar o paradeiro do fugitivo.

O *walkie-talkie* que segurava na mão de repente ganhou vida.

– Comanche Dois para Apache.

Era um dos marines a chamar, percebeu o agente da CIA. Os três fuzileiros à paisana tinham ficado com os nomes de código de Comanche Um, Dois e Três, Swartz era Buffalo e ele próprio, enquanto chefe da operação, assumira-se como Apache.

– Apache para Comanche Dois. – respondeu, colando o intercomunicador à boca. – Alguma novidade?

– Afirmativo, Apache. Registei actividade no primeiro andar. As luzes estão ligadas e pareceu-me ver alguém espreitar à janela.

– Qual o local onde isso aconteceu, Comanche Dois?

– Não sei dizer, Apache. Não tenho a planta do edifício comigo.

Krongard grunhiu. Quem tinha a planta era ele. Consultou o relógio e verificou as horas. Passava já da meia-noite e não lhe parecia normal que houvesse actividade àquela hora na fundação, até porque o concerto no Grande Auditório já terminara. Se a luz estava acesa e havia pessoas a espreitarem pela janela, isso tinha de ser verificado.

– Comanche Dois, qual a localização da actividade?

– Esquina Sudoeste, primeiro andar.

Carregou em todos os botões para comunicar com a equipa.

– Buffalo, Comanche Um, Comanche Dois e Comanche Três. – chamou. – Standby.

Depois de dar o alerta de prontidão, o agente da CIA ajoelhou-se e desdobrou sobre o relvado a planta do edifício. Ligou a lanterna e estudou as linhas do primeiro andar da sede da Fundação Gulbenkian. Situou o sudoeste e fixou a sala que aí fazia esquina. A planta identificava o compartimento, aliás de dimensões interessantes, como sendo um laboratório do Instituto Gulbenkian de Ciência.

Tomás era um académico e havia actividade no laboratório. Isso só podia significar uma coisa. Pegou no intercomunicador e

carregou de novo em todos os botões para convocar os seus homens.

– No laboratório. – anunciou. – O suspeito está no laboratório.

XXXIII

Inacreditável e desconcertante, a explicação do comportamento da matéria ao nível elementar do mundo atômico esgotou todos os sentimentos de espanto que Maria Flor poderia ainda ter de reserva. Chegara a um ponto em que, apesar de

começar a perceber que o universo era uma realidade muito mais estranha do que alguma vez supusera, já nada a surpreendia. Mas não perdera de vista a questão principal, aquela que suscitara toda a conversa.

– Tudo isso que me contaste é realmente muito interessante e perturbador, sobretudo porque pelos vistos não se trata de fantasias esotéricas, mas de ciência. – reconheceu. – Porém, nada disso explica o assunto que nos preocupa, pois não?

– Estás a referir-te a quê?

– Estou a referir-me à mensagem deixada pelo tal director da CIA, Tomás. Por que razão no momento da sua morte decidiu ele reproduzir o símbolo da função de onda na equação de Schrödinger e deixar em baixo uma referência ao teu nome como sendo a chave. A chave de quê?

Tratava-se de duas excelentes perguntas. O historiador deixou-se cair sobre uma cadeira, ciente de que essas eram de facto as questões centrais e às quais, se queria deixar de viver como um fugitivo, precisava de dar resposta urgente.

– Pois.... – balbuciou, matutando no problema. – Isso é que ainda não se tornou totalmente claro. Se calhar vale a pena ver a charada e resumir o que sabemos sobre ela. Pode ser que assim consigamos perceber o que ia na cabeça de Bellamy.

Maria Flor sentou-se ao lado dele e viu-o folhear o bloco de notas que mantinha nas mãos. As folhas saltaram umas atrás das outras até o bloco se imobilizar na página com a mensagem do falecido chefe da Direcção de Ciência e Tecnologia da CIA.

Ψ
The key: Tomás Noronha

– Isto, já vimos, é o psi. – identificou a amiga num tom mecânico, indicando o enorme desenhado no topo da charada. – O

símbolo da função de onda na equação de Schrödinger.

O indicador de Tomás bateu insistentemente no desenho gigante do psi, num esforço para sublinhar a sua importância.

– Sabes, o psi é muito mais do que um mero símbolo e Frank Bellamy, que também era um físico, tinha perfeita consciência disso. A função de onda que o psi representa descreve o mundo que nos rodeia antes de ser observado, dando-nos uma imagem completa e uma especificação detalhada daquele limbo entre existência e não existência que Einstein descreveu como um campo fantasmagórico. O psi é o que existe antes de existir, é o tecido da coisa em bruto, é a realidade virtual antes de ser real, é a onda e não a partícula. Ou, se quisermos, o psi é o espectro da realidade.

– Pois, mas ele não existe sozinho. Convém não esquecer que a função de onda representada pelo psi é a solução da equação de Schrödinger, não é verdade?

– Claro. Acontece que a função de onda não descreve apenas os sistemas subatômicos, atômicos e moleculares do mundo quântico antes da observação, mas também os sistemas macroscópicos que vemos em nosso redor e, possivelmente, todo o universo.

– É a história de eu e a Lua sermos uma função de onda. – reconheceu Maria Flor. – Mas, se formos a ver bem, o essencial do que disseste até agora refere-se ao comportamento da matéria ao nível microscópico, não é verdade? – Fez um gesto a mostrar o espaço em redor. – No dia-a-dia as coisas não se passam desse modo tão estranho, como sabes. – Movimentou a mão direita de um lado para o outro. – A minha mão não dá saltos de um ponto para o outro: percorre todo o espaço entre um ponto e o outro. – Indicou a sua cadeira. – Estou sentada aqui e não em toda a sala simultaneamente. – Levantou-se e virou as costas à janela. – Neste momento não estou a observar o céu lá fora, mas tenho a certeza de que a Lua permanece ali em cima. – Deu três passos e contornou o projector de luz pela esquerda. – Quando dou a volta em redor desta máquina, vou apenas pela esquerda e não pela esquerda e pela direita ao mesmo tempo. – Parou e regressou à cadeira, a demonstração concluída. – O que quero dizer é que todas

essas bizarras quânticas de que estás a falar pura e simplesmente não existem na realidade quotidiana. O nosso mundo, o mundo macroscópico, não é feito dessa maneira.

Tomás esfregou o queixo, uma expressão distante a nublar-lhe o olhar.

– Porquê?

Ela encolheu os ombros.

– Sei lá porquê! Os cientistas podem ter descoberto que as leis do universo microscópico implicam esses comportamentos estranhos da matéria, mas no universo macroscópico a matéria comporta-se de maneira diferente. Olha à tua volta e logo perceberás.

– Mas porquê? – insistiu ele, abrindo os braços num gesto de perplexidade. – Porquê? Por que razão o universo microscópico funciona segundo regras diferentes do macroscópico? Esta é uma daquelas perguntas que todos os físicos fazem, e seguramente Frank Bellamy também. – Beliscou a pele da mão. – Não somos afinal feitos de partículas, de átomos e de moléculas? Repara, um conjunto de partículas faz átomos, um conjunto de átomos faz moléculas, um conjunto de moléculas faz células e um conjunto de células faz um ser humano. Se os átomos existem numa onda descrita pela função de onda, e uma vez que somos feitos de átomos, seremos também uma onda? Se a matéria só existe enquanto partícula se for observada, quer isso dizer que eu também só existo enquanto conjunto de partículas se for observado? Por que motivo os electrões, os átomos e as moléculas obedecem a umas leis e as células e os seres vivos e as coisas inanimadas de grande dimensão, como as pedras e a água, obedecem a outras? Será possível as leis do universo mudarem conforme a escala dos objectos?

– Pelos vistos é.

– Mas qual é o ponto exacto em que mudam? Existe alguma fronteira a partir da qual as leis quânticas deixem de repente de se aplicar e as leis clássicas entrem em vigor? Qual é o mecanismo? Onde se situa exactamente essa linha de fronteira?

Maria Flor esboçou uma expressão de ignorância.

– Não faço a menor ideia. – confessou. – Tu é que és o académico. Enquanto historiador, tu é que andas a estudar a ciência e a sua história. Qual é a resposta para essas perguntas todas?

Desta feita foi Tomás quem encolheu os ombros.

– É um mistério! – admitiu. – Esse problema foi analisado milhares de vezes pelos físicos, sempre sem encontrarem uma explicação plausível. Quem mais perto esteve da resposta foi um físico austríaco chamado Paul Ehrenfest, autor de um teorema que permite concluir que os saltos quânticos das partículas a um nível atómico se vão tornando mais pequenos à medida que os objectos se tornam maiores, até se chegar a um ponto em que esses saltos desaparecem de todo.

– Ora aí está a explicação.

– Pois, mas qual é o ponto em que isso acontece? E, sobretudo, por que razão o comportamento quântico deixa de se manifestar? O teorema de Ehrenfest é uma constatação de que esse comportamento vai desaparecendo à medida que entramos na escala macroscópica, mas isso já nós sabemos, basta olhar em redor. O que o teorema não explica é por que razão isso sucede.

Maria Flor fez um ar pensativo.

– Bem, há uma maneira de descobrir a linha de fronteira em que as regras mudam. – considerou. – É uma questão de ir fazendo experiências com objectos cada vez maiores para perceber qual a escala a que as leis quânticas deixam de se aplicar.

– É uma boa ideia e, para ser sincero, já foi levada a cabo em diversos laboratórios de todo o mundo. Os cientistas conseguiram colocar grandes moléculas compostas por setenta e dois átomos num estado quântico em que essas moléculas se encontravam em dois sítios ao mesmo tempo. Foi também possível pôr milhares de milhões de electrões a moverem-se simultaneamente em duas direcções diferentes. As experiências foram-se alargando e em 1997 conseguiu-se romper pelo universo macroscópico, quando os físicos do MIT meteram milhões de átomos de sódio em dois lugares ao mesmo tempo e separados por uma distância maior que um cabelo humano. É certo que isso nos pode parecer uma distância muito curta, mas o facto é que já é visível a olho nu, o que implica a

presença de bizarras quânticas no universo macroscópico. E em 2009 os físicos da Califórnia puseram duas pequenas chapas de um chip de computador, ambas visíveis a olho nu, entrelaçadas em estado quântico uma à outra. Existem até projectos para colocar proteínas e um vírus em dois lugares ao mesmo tempo. Daí até se passar às células vivas será apenas um passo, como deves calcular.

– Caramba! – exclamou ela, impressionada. – Isso significa que as bizarras quânticas deixam de se limitar ao mundo microscópico.

Cansado da cadeira, Tomás levantou-se e aproximou-se da janela, o olhar a erguer-se para o crescente luminoso que refulgia no firmamento estrelado.

– Pois é. – concordou. – Se Frank Bellamy decidiu desenhar na sua última mensagem o ψ que simboliza a função de onda na equação de Schrödinger, tenho a certeza de que tinha em mente todas estas questões. Mas porquê colocá-las ali num momento daqueles, quando estava à beira do fim? Seria de supor que este tipo de problemas fosse a última das nossas preocupações quando enfrentamos uma coisa tão terrível como a iminência da morte, não é verdade? O que teria ele na cabeça num momento tão dramático?

– Esse homem estaria a par destas experiências que mostram leis quânticas a funcionar no nosso universo macroscópico?

– Com certeza que sim! – exclamou Tomás. – Bellamy era físico, já te disse. Quando era novo chegou a trabalhar no Projecto Manhattan, que na Segunda Guerra Mundial construiu a primeira bomba atómica. Tinha perfeita noção das novidades nesta matéria, até devido às suas funções na CIA. Sabes, quando há pouco te disse que, se ninguém existisse para olhar para a Lua, ela pura e simplesmente não existiria, não estava a brincar. De certeza que Bellamy tinha conhecimento de que as anomalias quânticas começam a ser observadas na nossa escala quotidiana e... e...

Calou-se, a frase suspensa, os olhos esbugalhados a fixarem o espaço escuro para lá da janela.

– E o quê? – quis ela saber, sem perceber a hesitação. – Passa-se alguma coisa?

O historiador voltou-se de repente, a face contraída num esgar assustado, o alarme a incendiar-lhe o olhar.

– A CIA! – exclamou. – Os tipos da CIA estão lá fora!

XXXIV

Reflectindo-se no papel, o foco da lanterna dançava pela planta mas incidia sobretudo no espaço do primeiro andar identificado como um anexo na sede da fundação reservado ao Instituto Gulbenkian de Ciência. Os homens rodeavam a folha

estendida na relva húmida e seguiam com atenção o raciocínio do chefe da equipa.

– Quem vai entrar no edifício sou eu e o Greg. – anunciou James Krongard, indicando-se a ele e ao chefe da segurança da embaixada. Pousou o dedo numa porta referenciada na planta. – O acesso será feito por esta entrada de serviço, de modo a mantermo-nos longe dos olhares dos guardas. Avançamos para a escadaria e subimos ao primeiro andar. Uma vez no laboratório, deitamos a mão ao suspeito. Alguma dúvida?

– Tenho uma. – indicou Swartz, levantando a mão. – E os meus homens? Não vêm?

O agente da CIA abanou a cabeça.

– Negativo. Não quero uma multidão a entrar no edifício, uma coisa dessas dificilmente passaria despercebida. Esta operação é clandestina e deve ser levada a cabo com o máximo de discrição. Não tenho de vos lembrar que estamos a actuar num país da NATO e não queremos criar embaraços a ninguém.

– Então o que fazem os meus marines?

O dedo de Krongard saltitou na planta, indicando os três pontos de entrada no jardim da fundação.

– Quero-os a vigiar estas três passagens.– Apontou para os homens à paisana à sua frente. – Comanche Um no portão nordeste, Comanche Dois no portão principal, Comanche Três no portão sudoeste.

– Quais são as ordens? – perguntou um dos fuzileiros à paisana. – Se o suspeito nos aparecer pela frente e tentar passar por um dos portões, o que teremos de fazer?

– Detenham-no.

– E se ele por algum motivo conseguir escapar? Devemos persegui-lo ou esperar por back-up?

– Abatam-no.

Os três marines entreolharam-se, surpreendidos com a ordem, e voltaram-se quase em simultâneo para o seu superior hierárquico directo com um esgar inquisitivo, evidentemente a quererem saber se ele confirmava o que haviam acabado de ouvir.

– Temos autoridade para abater o suspeito? – admirou-se igualmente Swartz, ainda por cima a sentir os olhares expectantes dos seus homens pousados nele. – Onde diabo está essa ordem?

– A ordem foi-me dada verbalmente pelo director do Serviço Clandestino Nacional, Harry Fuchs, e aplica-se somente em caso de fuga. As nossas instruções são para deter o suspeito. Mas se ele escapar, e por motivos de segurança nacional que aqui não posso expor, terá de ser abatido.

– Preciso de uma ordem escrita. – insistiu o chefe da segurança da embaixada. – Caso contrário, poderemos estar a cometer um crime e nós não queremos que...

Krongard interrompeu-o e fez um gesto a indicar os quatro homens em seu redor.

– Assumo total responsabilidade e todos são testemunhas de que o faço. – declarou. – Em função da autoridade de que fui investido pelo documento proveniente de Washington e que o senhor embaixador hoje te entregou, as minhas palavras valem tanto como uma ordem escrita, como bem sabes.– Fitou os elementos da equipa um a um, para se certificar de que não voltava a ser desafiado. – Alguma dúvida quanto a isso?

Depois de um momento de espera para reflectir no que acabava de escutar, Swartz recuou.

– Nenhuma.

Vendo o seu chefe directo ceder, os homens assentiram com um movimento de cabeça. A autoridade do agente da CIA tinha sido restabelecida e ele respirou fundo.

– Então vou repetir. – disse, a voz sempre firme. – Se o suspeito fugir, terá de ser abatido. Está claro?

Ainda com uma réstia de desconfiança visível no rosto, Swartz manteve os olhos cravados em Krongard.

– Assumes a responsabilidade?

– Afirmativo.

O chefe da segurança encarou os homens sob o seu comando directo e assentiu com um leve movimento da cabeça.

– Vocês ouviram-no, *boys*. – disse. – Vamos a isto.

Pegaram nas Glocks e verificaram as munições. Depois destravaram as armas e atarraxaram os silenciadores aos canos.

A seguir, como se interpretassem um bailado bem ensaiado, separaram-se ao mesmo tempo, os marines em direcção aos portões do perímetro da fundação, Krongard e Swartz rumo ao interior do edifício.

XXXV

A expressão alarmada na cara de Tomás deixou Maria Flor de tal modo aterrorizada que ele percebeu que teria de dominar as emoções se queriam ter alguma hipótese de escapar. A amiga confiava nele. Não podia por isso mostrar desorientação ou arriscava-se a deixá-la em pânico, o que poderia ter efeitos desastrosos. Sabia bem de mais que em momentos difíceis como aquele era fundamental conservar o sangue-frio, pensar com clareza e agir com rapidez.

Não podiam ficar paralisados.

– Vamos! – disse, puxando-a pelo braço. – Temos de sair daqui o mais depressa possível!

Cruzaram o laboratório em passo acelerado e chegaram à porta. O historiador espreitou para o exterior e pareceu-lhe tudo calmo. Ainda estendeu o braço para apagar a luz, mas reconsiderou e suspendeu o gesto; atrair os seus perseguidores para o laboratório poderia ser vantajoso se conseguissem escapulir-se dali a tempo. Recolheu o braço e deixou as luzes ligadas.

– E agora? – quis ela saber, as mãos a tremerem e o olhar assustado. – O que fazemos?

Concentrado no que se passava no átrio do primeiro andar, Tomás não respondeu. Fez-lhe sinal de que o seguisse e cruzou a porta, avançando devagar em direcção à escadaria. Se descessem ao rés-do-chão, raciocinou, tinham uma boa hipótese de escapar. Ao abeirarem-se dos degraus, porém, vislumbrou primeiro uma sombra e logo a seguir outra, ambas a ascenderem ao primeiro andar em passo leve. Evidentemente, alguém se esforçava por se manter silencioso.

– Cuidado. – soprou, os olhos a dardejarem em todas as direcções à procura de uma escapatória. – Vêm aí!

Não avistou qualquer esconderijo e as sombras continuavam a subir a escadaria. Tinham menos de dois segundos para se esconderem. Mas onde? Onde? Recuaram para a sombra da parede, encurralados, e para surpresa de Tomás as suas costas não embateram em nenhuma superfície dura, como esperara, mas num tecido que cedeu ao contacto.

Uma cortina.

Com um movimento rápido, deslizaram ambos para trás do pano espesso no momento exacto em que as sombras na escadaria deram lugar a duas figuras de carne e osso; eram provavelmente os homens da CIA que chegavam ao primeiro andar. Ocultados pelo tecido escuro da cortina, Tomás e Maria Flor mal se atreviam a respirar. O historiador pousou-lhe a mão no ombro para a acalmar e sentiu que a sua confiança a ajudava. Depois espreitou por uma frincha e observou os dois homens a subirem o último degrau, a uns meros três metros de distância.

– Ouve, Greg, tu ficas aqui. – sussurrou o da frente. Parecia óbvio que se tratava do que comandava. – Se alguém tentar descer as escadas, já sabes o que tens a fazer.

– Não te preocupes. E tu?

O chefe mergulhou a mão no casaco e extraiu um objecto metálico com um tubo. De início Tomás não percebeu do que se tratava, mas por um reflexo do metal viu que o homem segurava uma pistola com o cano envolto num cilindro.

– Vou apanhá-lo no laboratório. – disse. – Se ouvires os *plops* dos tiros do silenciador, não te preocupes. Limita-te a desaparecer para não seres apanhado pelos seguranças e diz aos teus homens que abandonem imediatamente os postos e voltem também para casa. Eu vou fazer o mesmo, fica descansado. O ponto de encontro é na embaixada.

– E se não houver tiros?

O chefe fitou o seu companheiro com intensidade, como se o olhar dissesse tudo.

– Vai haver, fica descansado.

O vulto da frente virou-se e seguiu na direcção do laboratório, a pistola disfarçadamente na mão, os passos lentos e cautelosos. A

porta era recortada por um rectângulo de luz, que o convenceu de que havia gente lá dentro, pelo que redobrou de cuidado à medida que se aproximava.

Escondido atrás do cortinado, Tomás seguia os acontecimentos com alarme crescente. As últimas palavras do diálogo dos intrusos mostravam que a intenção não era detê-lo, mas matá-lo. Já intuía isso em Coimbra, quando o homem da CIA o tinha alvejado sem aviso prévio, embora na altura não pudesse ter a certeza. Agora era diferente, as palavras foram pronunciadas de forma clara, aqueles homens vinham mesmo para o abater.

O problema é que as opções de fuga estavam reduzidas a zero. Sair do laboratório a tempo apenas lhes concedera mais um ou dois minutos. O agente da CIA preparava-se para entrar no espaço do Instituto Gulbenkian de Ciência e em breve descobriria que eles já não se encontravam ali. O que sucederia a seguir? Era evidente que os desconhecidos iam passar o primeiro andar a pente fino. Começariam por ligar as luzes dos corredores e do átrio e depois inspeccionariam o que se escondia por detrás do primeiro esconderijo óbvio, as cortinas.

Não havia dúvida, estavam perdidos. A única hipótese, pensou Tomás, era fugirem pela escadaria enquanto o agente da CIA esquadrinhava o laboratório. O homem que ficara junto às escadas, contudo, constituía um obstáculo. Como se poderiam livrar dele? Teriam de tentar a sorte, concluiu. Havia que escapar e chegara a hora de dar tudo por tudo. Cerrou as pálpebras e contou mentalmente até três.

Um.

Um barulho aparatoso assinalou o momento em que o agente da CIA escancarou a porta e entrou no laboratório de pistola em riste, pronto a disparar. Porém, o historiador tinha consciência de que ele não se demoraria lá. Uns vinte, trinta segundos, no máximo, tempo suficiente para perceber que o laboratório fora abandonado.

Dois.

Havia pois que aproveitar a estreita janela de oportunidade. As hipóteses de serem bem-sucedidos eram pequenas, tinha consciência, mas tratava-se do possível em função das

circunstâncias. A surpresa jogava a seu favor e talvez o homem que ficara a guardar as escadas não fosse capaz de travar uma investida inesperada proveniente de um espaço imprevisto como a cortina escondida na sombra.

Respirou fundo, preparando-se para a acção. Chegara a hora de terminar a contagem mental e lançar a surtida.

E tr...

– *Damn!* – ouviu-se o homem da pistola a praguejar do laboratório. – *What the fuck!*

As palavras inquietaram o homem das escadas, que deu uns passos na direcção do laboratório.

– Jim! – chamou. – O que se passa?

Esta evolução travou Tomás. Não podia fazer a surtida nesse momento porque o seu adversário se afastara. Não tinha modo de o derrubar de surpresa. E se desatasse a correr e tentasse descer as escadas, percebeu, tornar-se-ia um alvo fácil pelas costas.

Tacteu o espaço por detrás deles e da cortina e percebeu que se tratava de uma porta envidraçada. Se havia ali uma porta, haveria pelo menos um varandim. Era a oportunidade que procurava. O homem da escada afastara-se o suficiente para não os ouvir se fossem discretos, mas tinham de agir depressa. Procurou às cegas o manípulo e quando o encontrou rodou-o e abriu a porta. Deitou um derradeiro olhar pela frincha da cortina e viu o homem das escadas plantado a meio caminho do laboratório, na expectativa quanto ao que sucedera ao agente da CIA e a tentar perceber porque praguejara ele.

Era agora.

– Vem. – sussurrou para a amiga. – Passa lá para fora.

Maria Flor obedeceu e esgueirou-se pela porta que ele entreabrira. Tomás fez o mesmo e deu consigo numa pequena varanda. O coração ribombava-lhe no peito e sentia as pulsações incrivelmente aceleradas, mas mesmo assim não conteve um sorriso. Tal como acontecera em Coimbra, era pela varanda que escapava. Contudo, o esgar de ironia logo se desfez quando percebeu a diferença em relação à sua fuga no *Lugar do Repouso*. É que aqui não havia nenhuma árvore na qual se pudessem

pendurar para descer até lá a baixo. Em boa verdade, não havia nada.

Apenas um salto no escuro.

– Estamos encurralados! – constatou ela, o desespero a toldar-lhe o olhar. – Vão apanhar-nos!

Vendo-a no limite da resistência psicológica, Tomás aproximou-se para lhe dizer que estava tudo bem e procurar tranquilizá-la, mas nesse instante o vidro da porta por onde haviam acabado de passar iluminou-se. Isso só podia significar, perceberam instantaneamente, que as luzes do átrio do primeiro andar tinham sido acesas e que os desconhecidos começavam a revistar o piso. A cortina atrás da qual se haviam escondido seria evidentemente o primeiro sítio óbvio, o que significava que os homens também iam perceber que havia uma varanda atrás da cortina e pelo menos deitariam para ali uma espreitadela. Os fugitivos tinham no máximo uns dez segundos, provavelmente menos.

Pressionado, o historiador estudou de novo a varanda. Não havia, de facto, sítio por onde escapar, nem sequer onde se pudessem esconder. Quando os seus perseguidores inspecionassem o espaço para lá da porta de vidro, era inevitável que dessem com eles. Atirou um olhar exasperado lá para baixo, sabendo que a treva escondia perigos e foi com surpresa que constatou que o clarão da iluminação que se acendera no átrio do primeiro andar, embora ténue, conseguia banhar o solo e desfazer o mistério da sombra antes impenetrável.

Relva.

O solo imediatamente por baixo da varanda era constituído, não por piso duro, mas por relva. Sob o efeito do hálito de luz do primeiro andar, as pontas ondulantes da erva transluziam como pedras preciosas; pareciam diamantes mas eram afinal gotas de água. A rega fora recente e Tomás percebeu de imediato o que isso significava.

– Salta! – ordenou para a amiga, ele próprio a empoleirar-se na balaustrada da varanda. – É a nossa única hipótese.

Maria Flor atirou um olhar aterrorizado para o chão.

– Estás doido? Se saltarmos desta altura, vamos partir as pernas!

– Lá em baixo há relva, não vês? – disse ele, apontando para a vegetação rasteira. – E a rega acabou há pouco, o que quer dizer que a terra está molhada. Ou seja, mais fofa. – Indicou a porta de vidro com o polegar. – Eles vão aparecer a todo o momento. Ou saltamos agora ou somos apanhados!

Ela também tinha escutado o diálogo dos dois desconhecidos e sabia ao que vinham.

– Vamos a isto.

Vencendo uma derradeira hesitação, empoleirou-se na balaustrada ao lado dele, encheu o peito de ar para ganhar coragem e, quase ao mesmo tempo, lançaram-se ambos no vazio.

O impacto foi violento, mas a terra estava realmente empapada de água e, tal como Tomás previra, amorteceu a queda. Os dois vultos rolaram sobre si mesmos, de modo a afrouxar ainda mais o choque, e imobilizaram-se sobre a relva para avaliar os estragos.

– Estás bem?

A pergunta que ele sussurrara mereceu como resposta um gemido da companheira. Maria Flor sentia uma dor na perna e Tomás tinha as costas magoadas. Experimentaram com cuidado, ela a perna e ele as costas, e constataram que, apesar de magoados, conseguiam mexer-se; não haviam partido nada.

– Sim, estou bem. – devolveu Maria Flor. – E tu?

Como se preferisse responder através de actos, o historiador pôs-se de pé e estendeu-lhe a mão para a ajudar a levantar-se.

– Temos de...

Calou-se nesse momento e imobilizou-se. Ouviu vozes a irromperem lá em cima. Os assassinos haviam chegado à varanda. Tomás ergueu os olhos e viu os dois homens de braços estendidos para a frente e pistolas nas mãos, as miras apontadas na sua direcção.

XXXVI

Grande parte da noite parecia opaca e os olhos de James Krongard e de Greg Swartz, habituados à iluminação interior do edifício, ainda não tinham tido tempo para se ajustarem à treva. A sombra no exterior pareceu-lhes uniforme e não conseguiam vislumbrar nada para além do grande manto negro que se estendia em redor.

– Não está aqui. – concluiu Swartz, o primeiro a virar as costas à balaustrada. – Vamos ver o resto.

O agente da CIA ainda não desistira e com o olhar varreu mais uma vez todo o espaço envolvente, num esforço para lobrigar algum vulto ou movimento suspeito, mas o jardim parecia realmente adormecido, apenas embalado por uma brisa fresca. Com um suspiro de resignação rendeu-se à evidência e deu também meia volta para ir no encalço do chefe da segurança da embaixada dentro do edifício-sede da Gulbenkian.

– Temos de esquadriñar todo o piso. – disse num tom um tudo-nada desapontado. – Ele tem de andar algures por aqui.

Swartz apontou para várias portas situadas ao longo do corredor, umas à esquerda e outras à direita.

– Se calhar está num daqueles gabinetes.

O raciocínio era lógico, mas Krongard estacou e espreitou de esguelha a porta escancarada do laboratório, o interior ainda iluminado.

– Um dos teus homens viu alguém ali dentro, não é verdade? Mas se o laboratório está deserto, quem quer que seja que ali estivesse abandonou este espaço há muito pouco tempo. Se esse alguém era o nosso suspeito, como cada vez mais me convenço que era, a sua retirada não foi uma coincidência.

– O que queres dizer com isso?

– Que ele nos deve ter visto e escapado por alguma saída de cuja existência nem suspeitamos. – sugeriu. – Não te esqueças de que o tipo trabalha para a fundação, deve conhecer os cantos à casa...

As implicações desta observação foram rapidamente compreendidas por Swartz.

– Achas que ele já está lá fora?

O agente da CIA não respondeu. Em vez disso tirou o walkie-talkie do cinto e premiu os três botões que lhe permitiam comunicar com todos os marines posicionados no exterior.

– Apache para Comanche Um, Dois e Três. – chamou. – Estão a ouvir?

– Comanche Um para Alfa. Cinco por cinco.

Os restantes fuzileiros também confirmaram a escuta e aguardaram instruções.

– O passarinho pode ter fugido do ninho. – avisou. – Redobrem a vigilância e não o deixem abandonar o perímetro.

Krongard sentia Tomás escapar-se-lhe como água por entre os dedos, mas não jogara ainda a última cartada. Os marines eram a sua rede de segurança, embora ainda alimentasse a esperança de que não viessem a ser necessários. No fim de contas, quem sabe se o fugitivo não se escondera num dos gabinetes do corredor?

XXXVII

Embriagado de medo, Tomás só respirou de alívio no momento em que a porta de vidro se fechou. Quando viu os homens na varanda com as pistolas voltadas para ele, pensou que tinha sido avistado e chegou a fechar as pálpebras, à espera dos tiros fatais, mas nada sucedera. Acabou por se aperceber de que os desconhecidos não tinham os olhos ajustados à escuridão e que por isso não os haviam avistado, mas só descansou no momento em que eles desapareceram no interior do edifício.

– Achas... achas que já podemos ir?

Maria Flor fez a pergunta num fio de voz trémulo e balbuciante. Os corações de ambos latejavam com tanta força que pensaram ser capazes de escutar as batidas, loucas e quase descontroladas. Parecia até que algo dentro deles queria saltar-lhes do peito. O curioso é que só então sentiram as pernas amolecer e o estômago contrair-se de medo; a mente tomava enfim consciência plena da ameaça.

– Sim. – disse ele, engolindo em seco e voltando a estender-lhe a mão para a ajudar a levantar-se. – É melhor sairmos daqui o mais depressa que pudermos. Eles vão perceber que não estamos lá dentro e devem aparecer em qualquer altura.

Maria Flor apoiou-se na mão que lhe era estendida e ergueu-se, titubeante, as pernas ainda trémulas. Tinha a sensação que eram feitas de esparguete cozido. Deu um passo e quase caiu, trôpega, mas a custo manteve o equilíbrio e foi recuperando a compostura. Vendo-a mais restabelecida, o companheiro puxou-a para as zonas de vegetação alta e conduziu-a pela sombra ao longo do perímetro da fundação em direcção à saída principal, a que dava para a Avenida de Berna.

– Como souberam eles que estávamos aqui? – questionou-se ela. – Será que alguém nos viu entrar?

Enquanto caminhava, os olhos atentos a qualquer rasteira que a sombra lhes pudesse pregar, Tomás ia reflectindo no caso. A pergunta era boa, sabia. Reviu mentalmente os passos que haviam dado quando chegaram à fundação e depressa chegou a conclusões.

– Tenho a certeza de que não fomos vistos a entrar. – disse. – Mas as luzes no laboratório estiveram talvez acesas durante demasiado tempo. Sabes o que é, a conversa ia de tal modo animada que por momentos me esqueci de que éramos procurados...

Maria Flor soltou um longo suspiro e uma risadinha nervosa.

– Ufa! Foi um susto dos antigos! – desabafou, ainda a tentar digerir a experiência. – Nem sei como consegui saltar daquela varanda e não partir nada! As mãos tremiam- -lhe, mas não conteve um novo risinho. – E quando os vi de pistola apontada para nós? Estive à beira de desatar a correr por aí fora! – Largou uma gargalhada nervosa. – Que miúfa!

Agora que tinham a impressão de que o perigo já passara, a injeção de adrenalina no sangue deixara-os subitamente num estado de quase euforia. Havia sobrevivido, o ar era puro, a Lua em quarto crescente parecia transformada num diamante gigante em forma de C, as plantas cheiravam a perfume e a relva exalava

uma frescura inebriante, tudo lhes parecia belo e as risadinhas transformaram-se em risadas e a seguir em gargalhadas contagiantes. Tagarelavam e riam, tinham escapado, respiravam a liberdade, estavam vivos e nada mais interessava.

– Stop! – rugiu uma voz nasalada, evidentemente um estrangeiro. – Identifiquem- -se!

Viraram-se e viram a cortar-lhes o caminho um rapaz novo e corpulento, com o cabelo loiro cortado à escovinha, à maneira militar. Não tinha, porém, uniforme; usava apenas jeans e um casaco de couro castanho. O sotaque parecia americano e não era preciso serem sobredotados para perceber que fazia parte da equipa que os procurava.

Tinham sido apanhados. A euforia da adrenalina permanecia, porém, forte, e Tomás pensou, talvez porque se tratava de um desejo longamente reprimido e que a excitação nesse instante desinibira, que já não tinha nada a perder e que podia permitir- -se uma última loucura. Com um gesto impetuoso, agarrou Maria Flor pelos ombros, puxou-a para si e fez o que ninguém esperaria que fizesse.

Beijou-a nos lábios.

Foi um beijo arrebatado, molhado e intenso, mas breve. Quando acabou afastou a cabeça para a contemplar. A amiga tinha os olhos arregalados e uma expressão incrédula no rosto. Os últimos segundos tinham sido um carrossel de emoções, a euforia pela salvação transformada em susto por ser interceptada por um americano e surpresa por aquele acto inesperado.

Tomás riu-se em voz alta.

– Ela é linda, não é? – perguntou, exibindo o rosto dela ao americano embasbacado. – Aposto que lá na América não há nada assim! – Encarou-a outra vez e contemplou-lhe as linhas simétricas, os grandes olhos castanhos com uma expressão atónita, os lábios carnudos entreabertos, as faces rosadas, os cabelos com as pontas reviradas em caracóis. – Elmm... talvez aquela actriz, como se chama ela? A... a Jennifer Connelly! – Voltou a pegar no rosto dela e a virá-lo para o americano. – Não são parecidas?

Apanhado de surpresa, o marine ainda hesitou.

– Afirmativo, sir. – acabou por anuir, vencido pela semelhança da mulher diante dele com a actriz americana. – A sua namorada é a Jennifer Connelly de Portugal, *all right*.

Tomás voltou a beijá-la nos lábios.

– Liiinda!

O fuzileiro não sabia o que fazer. Tinham-lhe dito que não deixasse passar o suspeito, mas a verdade é que nunca lhe vira a cara e quem lhe apareceu não foi simplesmente um homem, mas um casal. Gostaria de ligar o *walkie-talkie* e solicitar instruções aos seus superiores. As circunstâncias, porém, tornavam tal gesto um pouco estranho. As suas ordens eram manter a maior discrição possível e evitar atrair atenções a não ser que fosse estritamente necessário. Além do mais, repetiu a si mesmo que o que tinha à sua frente não era um fugitivo desesperado, mas um par de namorados que provavelmente se andara a divertir nos recantos sombrios do jardim da fundação e que agora ia a caminho de casa. Com que argumento os poderia reter?

Estava prestes a deixá-los passar quando, de repente, uma última dúvida o assaltou.

– Desculpe, sir. – disse com uma expressão subitamente desconfiada, aproximando-se um passo para lhes cortar o caminho.
– Como soube o senhor que sou americano?

O português voltou a soltar uma gargalhada ruidosa e esboçou numa expressão trocista.

– Você por acaso já se ouviu a falar português?

O marine arqueou as sobrancelhas.

– O que tem o meu português? – questionou, quase ofendido.

– Há algo de errado com ele?

– A gramática é perfeita. – tranquilizou-o Tomás. – O problema é esse sotaque. Só lhe faltam as esporas de *cowboy*. – Largou uma derradeira gargalhada e, com o braço no ombro de Maria Flor apertando-a como se fossem realmente um par de namorados, acenou um *bye-bye* de escárnio e abandonou o complexo da Gulbenkian, mergulhando na noite de Lisboa.

XXXVIII

Mesmo com todos os cuidados, a revista ao edifício-sede da Gulbenkian terminou quando os dois intrusos acabaram por ser interceptados pelos guardas que faziam a segurança da fundação no momento em que vasculhavam um quarto de banho. James Krongard abria as portas dos compartimentos das retretes e Greg Swartz inspeccionava o armário dos produtos de limpeza no momento em que três homens entraram nos lavabos de cassetetes nas mãos.

– Quem são os senhores?

Swartz foi apanhado de surpresa e ficou paralisado, sem saber o que dizer, mas o agente da CIA fora treinado para situações daquelas e manteve a compostura.

– Viemos ao concerto no Grande Auditório e, no final, tive uma crise de cólicas. – improvisou com o ar mais natural. – O meu amigo teve a gentileza de me trazer aqui ao quarto de banho para... enfim, para resolver este problemzinho.

A explicação foi dada no tom convincente e perfeitamente razoável de quem tinha a consciência tranquila, pelo que os guardas ficaram na dúvida. O facto de não haver nenhum cheiro desagradável a pairar no ar naquele instante, contudo, pesava contra os intrusos.

– Identifiquem-se, se faz favor.

Os americanos extraíram os passaportes e os documentos de identificação da embaixada dos Estados Unidos em Lisboa e entregaram-nos aos elementos da segurança.

– Como podem ver, sou o adido cultural americano em Portugal. – disse Krongard. – Não podia perder o concerto desta noite, claro.– Pousou a mão na barriga e, com um esgar dorido, fingiu desalento. – O problema foi esta maldita cólica...

Os documentos estavam em ordem, os seus portadores tinham imunidade diplomática e nada parecia ter sido roubado das instalações, pelo que, depois de anotarem a ocorrência e registarem a identificação dos intrusos, os guardas acompanharam-nos até à saída.

Uma vez no passeio, os dois americanos dirigiram-se directamente ao marine que ficara a guardar a saída principal. Era o

rapaz loiro de cabelo cortado à escovinha e casaco de couro.

– O suspeito não passou por aqui?

O fuzileiro abanou a cabeça.

– Negativo, sir.

– *Damn!* – rosnou Krongard, frustrado. – Onde diabo se escondeu o tipo? Vasculhámos o edifício da sede de uma ponta à outra...

– Só se estiver no museu. – aventou Swartz, o olhar a desviar-se para a estrutura onde era guardada a excelente colecção do filantropo que criara a fundação. – Faltou-nos verificar esse edifício.

O agente da CIA esboçou uma careta céptica.

– Duvido muito. – disse. – O Museu Gulbenkian guarda quadros de Rembrandt, Rubens, Monet e outros e a segurança é apertadíssima. Seria impossível o nosso homem esconder-se lá dentro sem ser notado. Ora os guardas já nos disseram, quando interrogados discretamente, que não o viram ainda esta noite, não foi? Isso elimina o museu.

Pareciam ter chegado a um impasse. Krongard considerou a possibilidade de Tomás nunca ter estado nessa noite na Gulbenkian, mas, sendo assim, como se explicava a presença do seu automóvel no outro lado da rua? Tê-lo-ia abandonado ali e ido para outro lugar?

– Portanto, Matt, não passou ninguém por aqui? – perguntou Swartz ao seu subordinado enquanto o agente da CIA reavaliava a situação. – Ninguém, ninguém?

O marine hesitou.

– Quer dizer... passou um par de namorados. Deviam ter estado na marmelada ali no jardim da fundação. – O rosto do fuzileiro abriu-se num sorriso. – A miúda era uma *babe*. Tinha a cara chapada da Jennifer Connelly, mas de olhos castanhos. Se eu me apanhasse com uma...

Ao escutar o nome, Krongard arregalou os olhos.

– O que foi que disse?

Fez a pergunta com tal brusquidão que o jovem marine se pôs na defensiva.

– Não fiz nada à miúda! – apressou-se a esclarecer, receando ter violado qualquer regulamento ou código de conduta. – Limitei-me a...

– Jennifer Connelly? – O homem da CIA comparou mentalmente o rosto da actriz americana com a fotografia da directora do lar que o reformado da Judiciária lhe remetera por e-mail horas antes. Jennifer Connelly era o nome de que nessa noite tentara lembrar-se, a actriz que contracenara com Russell Crowe em *A Beautiful Mind*. Sentiu um baque quando se apercebeu da verdade. – É ele! É ele!

– Ele? Ele quem?

– O suspeito! – exclamou, num estado súbito de excitação. – O homem que procuramos! *Damn!* Agarrou o fuzileiro pelos ombros e sacudiu-o com violência. – Para onde foi ele?

O marine devolveu-lhe um olhar espantado, sem entender nada.

– Receio que haja um equívoco, sir. – esclareceu. – Estou a falar de uma senhora que se parecia com...

– O tipo que a acompanhava era o nosso suspeito, seu grande *schmuck!* – interrompeu-o, ciente de que não havia tempo a perder. – Estás a entender agora? Para onde foi ele?

Compreendendo enfim a reacção do seu interlocutor, o fuzileiro estendeu o braço e apontou para o pequeno espaço do outro lado da rua onde Tomás parqueara o seu Volkswagen azul.

XXXIX

As curvas moldavam a cintura e as ancas de Maria Flor de tal forma que o seu corpo parecia propositadamente feito para estar colado ao dele e Tomás só o largou, e com relutância, quando chegaram junto ao estacionamento e já não tinha mais nenhum pretexto para se manter agarrado a ela. Encontrou o Volkswagen estacionado no sítio onde o deixara, mas, quando se preparava para se dirigir à viatura, notou a presença de um agente da PSP nas proximidades. Algo na postura do homem fardado lhe deu a perceber que havia uma relação entre ele e o automóvel, pelo que corrigiu a direcção e seguiu caminho como se estivesse meramente de passagem.

– Então? – estranhou a amiga, sem compreender o que se passava. – Não vamos no teu carro?

– Chiu. – soprou o companheiro, fazendo com os olhos um sinal a indicar o polícia. – Tem cuidado.

Ao ver o agente, Maria Flor entendeu o problema e disfarçou igualmente. Passaram o parque de estacionamento e caminharam ao longo da Praça de Espanha, atentos ao trânsito. Viram um táxi aproximar-se e levantaram os braços para o chamar. A viatura parou ao lado deles, meteram-se no banco traseiro e Tomás deu o endereço ao motorista.

– Cais do Sodré, por favor.

O táxi arrancou e a amiga atirou-lhe um olhar inquisitivo.

– Porquê o Cais do Sodré? – quis saber. – Vamos apanhar o comboio para Cascais?

Tomás desviou os olhos, evitando encará-la.

– O Cais do Sodré tem umas pensões manhosas, daquelas usadas pelas meninas para levar os clientes. São baratuchas e ninguém pede identificação a ninguém. – Encolheu os ombros, vagamente embaraçado. – Desculpa lá, mas não temos alternativa...

A informação deixou Maria Flor boquiaberta.

– Vai ser uma noite bonita, vai. – observou com ironia mal se recompôs. – Olha lá, tu não abuses, ouviste? Aqueles chochos que me deste à saída da fundação... enfim, só passaram porque me apanhaste de surpresa e devido às circunstâncias. Mas que fique claro que não quero aproveitamentos de espécie alguma, percebeste?

O historiador era a inocência personificada.

– Eu? Aproveitar-me?– Simulou um ar ofendido. – Francamente, Flor, achas-me capaz de uma coisa dessas?

– Acho-te capaz disso e de muito mais. – retorquiu ela, erguendo o dedo como se lhe fizesse um aviso. – Nem penses em repetir a brincadeira! Convidaste-me uma vez para jantar, a ceia foi agradável e ficámos amigos. Tudo bem. Mas não passa daí. – Fez um gesto a indicar o táxi onde se encontravam. – Se hoje estou aqui contigo é porque entendo que tenho de te ajudar neste momento difícil. Por isso não abuses, ouviste? – Sacudiu a cabeça. – Aliás, já não sei se fiz bem em meter-me nesta aventura contigo. Estava eu tão sossegadinha no meu recanto em Coimbra e agora dou comigo a arrastar-me atrás de ti com homens armados no nosso encalço e a levares-me para uma pensão de meninas. Começo a não achar grande piada à brincadeira. Não quero abusos nem que te dês a liberdades comigo. Fui clara?

– Cristalinamente.

O táxi largou-os numa ruela por detrás do Cais do Sodré, onde havia bares e *night clubs* de terceira categoria. Percorreram a via com certa cautela, atentos aos homens ébrios que cambaleavam ao longo do passeio e a outros que passavam agarrados a mulheres

escanzeladas com a face esborratada de pintura. A meio da rua avistaram uma pensão de aspecto sórdido, um néon a anunciar o *Palácio dos Sonhos*, e encaminharam- -se para ela.

O interior era sombrio, com uma decoração pobre e um ambiente deprimente. Na recepção estava uma mulher gorda, com um cigarro preso aos lábios e cheiro a perfume ordinário. Recebeu-os com modos indiferentes e não lhes fez perguntas. Tomás pagou antecipadamente e a recepcionista estendeu-lhe com displicência uma chave enferrujada.

– É o duzentos e seis. – informou-os. – Segundo andar, terceira porta à direita. O chuveiro tem um problema com o cilindro, mas acho que isso não será problema.– Os lábios boçais abriram-se num sorriso entendido e piscou um olho cúmplice. – A água fria pode vir mesmo a calhar depois de uma noite quente...

A graça não foi apreciada por Maria Flor, aquele tipo de equívoco não era do seu agrado, mas manteve-se calada. Percebia que, considerando as circunstâncias, não havia alternativa àquele pardieiro. Enfiaram-se no elevador, uma caixa de ferro antiga coberta por uma rede que lhe dava o aspecto de uma gaiola, e carregaram no botão do segundo andar. O ascensor soluçou ao arrancar, gemeu durante toda a lenta subida e terminou a viagem com um novo solavanco. Saíram para o segundo piso e percorreram a alcatifa esburacada do corredor até entrarem no quarto.

Esperava-os um compartimento minúsculo e deprimente, a cheirar a bafio. Encostada ao canto estava uma escrivaninha antiga e uma cadeira de madeira, e havia ainda um espelho gasto pregado na parede, uma grande cama de ferro com uma colcha cor de creme manchada de nódoas e uma janelinha com vista para uma parede. O quarto de banho era revestido a azulejo branco e tinha um certo aspecto de hospital decrépito. A única coisa que destoava naquele cenário decadente era um computador assente na escrivaninha, um toque incongruente de modernidade a destacar-se num antro de decrepitude.

Depois de esquadrinhar o quarto, Maria Flor suspirou, abatida; não queria acreditar a que ponto tinha descido em tão poucas horas.

– Que espelunca! – desabafou, sentando-se na cama com ar infeliz. Olhou para o companheiro e, vendo-o sem saber o que fazer, o olhar indeciso a acariciar a cama, arrebitou de imediato e apontou para a alcatifa coçada. – Tu dormes no chão, ouviste?

A mensagem foi clara, pelo que Tomás puxou a cadeira e sentou-se à escrivaninha.

– Ficaste mesmo traumatizada com o teatrinho que fiz há pouco à frente do americano...

– Traumatizada, não direi. – disse ela enquanto ajeitava a almofada e se acomodava. – Mas gosto das coisas claras e de pôr tudo nos seus lugares. Não quero que pensem que...

Um som ritmado de molas de cama a guincharem algures na pensão interrompeu Maria Flor. Os guinchos cadenciados de um colchão eram acompanhados de uma sucessão de gemidos femininos e só terminaram uns trinta segundos depois, no meio de um grande urro masculino final. Os dois ocupantes do quarto duzentos e seis evitaram entreolhar-se enquanto durou a barulheira e só depois de o silêncio ter voltado quebraram o mutismo embaraçado em que ambos haviam mergulhado.

– Olé. – observou Tomás com um sorriso nervoso. – Esta pensão é... é animada.

A amiga revirou os olhos, não muito satisfeita com a palavra que ele havia escolhido para descrever o buraco em que se encontravam.

– Que espelunca! – suspirou. Abanou a cabeça, incrédula por se ter deixado arrastar para um lugar daqueles, e respirou fundo. – Olha lá, temos de resolver a nossa vida, isto não pode continuar assim. Qual é o teu plano?

O historiador encarou-a com desânimo.

– Grande pergunta. – reconheceu, ponderando a questão. – A verdade é que não estou a ver saída para o problema. Os tipos da CIA andam atrás de mim e se me apanharem estou frito. Não têm nenhuma prova, mas admito que os indícios são comprometedores.

– Vamos por partes. – sugeriu ela. – Para provar a tua inocência, o que é preciso fazer?

A abordagem da amiga não parecia má, pensou Tomás. Reflectiu na pergunta e a resposta impôs-se de imediato.

– Temos primeiro de resolver a charada deixada por Bellamy. – considerou. – Já percebemos que o símbolo que ele imprimiu na sua última mensagem é a letra grega psi, uma alusão directa e inequívoca à função de onda da equação de Schrödinger, a formulação científica que tem implícito que a consciência cria parcialmente o real. Nessa charada falta-nos agora desvendar o sentido daquela linha misteriosa, lembra-te? Trata--se da frase em que ele pôs o meu nome e disse que eu era a chave.– Abriu as mãos, num gesto de impotência. – Mas a chave de quê? Que chave é que... é que...

Calou-se, embrenhado no raciocínio que a conversa desencadeara, associando palavras e ideias, explorando novos caminhos, contemplando possibilidades inesperadas.

– O quê? – perguntou ela, vendo-o de expressão vazia e olhos vidrados. – O que foi? Aconteceu alguma coisa?

Tomás pôs-se de pé num salto, o corpo a ganhar energia, os olhos incendiados pela chama da descoberta.

– Já sei! – exclamou, como quem dizia eureka! – Já sei!

– Já sabes o quê?

O historiador deitou a mão ao bolso das calças e extraiu um objecto parecido com um ioiô, só que de aspecto antigo e gasto.

– O grande pentáculo! – disse, erguendo o objecto como se fosse um troféu. – Foi o Bellamy que mo enviou! O Bellamy!

Maria Flor não estava a acompanhar o raciocínio.

– O quê? Explica-te.

Tomás sentou-se na cama ao lado dela e estendeu-lhe o grande pentáculo, que guardara no bolso em Coimbra.

– Ouve, entregaram-me esta manhã na Gulbenkian uma encomenda que vinha de Genebra, mas de remetente desconhecido. No interior estava este objecto, o grande pentáculo. Pensei que me tivesse sido enviado pelo antiquário que me vendeu a *Tabula Smaragdina*, um velho manuscrito de Hermes Trismegisto também conhecido por *Tábua Esmeralda* ou *O Segredo de Hermes*, que adquiri para a colecção Gulbenkian. O raciocínio fazia sentido, o

grande pentáculo era também uma antiguidade e viera de Genebra, onde o antiquário vive. Mas agora estou a ver que o remetente do grande pentáculo não foi o antiquário. Foi Bellamy.

– Como podes ter tanta certeza?

Tomás indicou-lhe o objecto que lhe pusera nas mãos.

– Porque se trata do grande pentáculo. Não te esqueças do que Bellamy escreveu na charada. **A chave: Tomás Noronha.**

– E então? O que tem o grande pentáculo a ver com essa frase?

Para o historiador tudo aquilo era de tal modo óbvio que até ficou admirado por ela ainda não ter feito a ligação entre as duas coisas.

– Não vês? – quase protestou, apontando o artefacto que lhe entregara. – Isso é o grande pentáculo! É um dos principais objectos mágicos mencionados no *Mafteah Sholomoh*.

– No Maf... quê?

Tomás mostrou-lhe o desenho esculpido na face do pentáculo e apontou para os caracteres a indicar *nns mn*, inscritos no topo do círculo exterior.



– Estás a ver isto? – perguntou. – É hebraico e quer dizer *Mafteah Sholomoh*. Traduz-se em latim por *Clavis Salomonis*. Entendes agora?

Ela abanou a cabeça.

– Não.

– *A Chave de Salomão*. – esclareceu ele. – É um texto mágico atribuído ao rei Salomão. Trata-se de um manuscrito com informações sobre como levar a cabo experiências de alquimia usando para o efeito a energia de Deus. Mas os pormenores são irrelevantes. O que interessa é que Bellamy escreveu **A chave: Tomás Noronha**, uma expressão com duplo sentido evidente. Por um lado indicou-me a mim como a chave para resolver o mistério da sua morte. Por outro, trata-se de uma referência implícita à *Chave de Salomão*, ou seja, ao grande pentáculo que ele próprio me remeteu pelo correio. – Voltou a pegar no objecto. – Este objecto deve ter um papel muito importante na resolução do caso.

Os olhos de Maria Flor prenderam-se no desenho cravado no grande pentáculo, observando-o agora a uma nova luz. *A chave: Tomás Noronha* era uma referência a Tomás como portador da chave que Bellamy enviara por correio, o grande pentáculo mencionado na *Chave de Salomão*. Tudo parecia mais claro.

– Ah, estou a perceber...

O historiador contemplou igualmente o artefacto e examinou-o com detalhe, ciente de que tudo ali desempenhava uma função. Tinha de começar a sua leitura por algum lado. Optou pelo círculo central do desenho, sobre o qual pousou o indicador.

– O centro do pentáculo é ocupado por um hexagrama, vês? – chamou a atenção. – O hexagrama é uma estrela de seis pontas e pode representar duas coisas. Ou é uma *Magen David*, ou escudo de David, popularmente conhecida como estrela de David, um símbolo usado há muitos séculos como título do Deus de Israel e presença frequente em textos mágicos cabalísticos, como as *tábuas de segulot*.

– É com certeza isso.

Tomás abanou a cabeça.

– Não me parece. – opinou. – Repara que o hexagrama está inserido num círculo, uma configuração que é mais consonante com um outro símbolo alquímico, o selo de Salomão, usado na alquimia para representar a combinação dos opostos e a transmutação. Ao associar o símbolo alquímico do fogo, o triângulo para cima, com o símbolo alquímico da água, o triângulo para baixo, criam-se os

símbolos alquímicos da terra e do ar, o que faz do selo de Salomão o símbolo do equilíbrio perfeito da natureza. De resto, é curioso observar que na cultura hindu o hexagrama é um símbolo de mandala, que representa o perfeito equilíbrio meditativo entre o homem e Deus, assim conduzindo ao nirvana.

Contemplaram por momentos o selo de Salomão, mas em breve a atenção de ambos se centrou nos outros elementos constantes do desenho do grande pentáculo, em particular no anel exterior, onde se encontravam os caracteres hebraicos *nnsn nttSw* e os caracteres latinos *TTVPYN4SOTPYRK*.

– E este círculo exterior? – perguntou, indicando o anel. – Estas duas palavras redigidas em hebraico significam *Chave de Salomão*, já o explicaste. E as outras?

Tomás esfregou o queixo, pensativo.

– Para ser franco, não sei. – acabou por reconhecer. – Terei de estudar isso com vagar. – Indicou a grande estrela de sete pontas encaixada entre o círculo exterior e o selo de Salomão no centro do desenho. – Já esta estrela tem muito que se lhe diga. Trata-se de um heptagrama conhecido por *estrela de Babalon*. Representa os sete dias da Criação, embora em alquimia se trate de uma referência aos sete planetas conhecidos pelos antigos alquimistas e aos sete elementos fundamentais identificados pelas culturas ocidental e oriental.

– O que há de particularmente relevante nisso?

O dedo do historiador saltou entre números, sinais e letras inseridos dentro e fora das pontas do heptagrama.

– Esta sinalização tem um significado qualquer. – observou num tom meditativo. – Repara, dentro das pontas aparecem sinaizinhos estranhos, uns círculos e uns traços. Fora das pontas, por seu turno, vê-se uma sequência de números. Estás a ver? Aparece um trinta e oito, um setenta e sete, um cinquenta e sete, um oito... enfim, nada disto é por acaso.

Maria Flor indicou as duas letras à direita.

– E há também estas letras, um *N* sobre um *W*. – observou. – O que quererá isto dizer?

Os olhos de Tomás fixaram-se nas duas letras. Como era possível que uma coisa daquelas lhe tivesse escapado? À luz da presença do *N* e do *W*, estudou de novo os algarismos e os sinais dentro das pontas, a solução a formar-se rapidamente na sua cabeça. Arregalou os olhos, como se a resposta o tivesse atingido com a energia de um relâmpago.

– Caramba! – exclamou, fitando a amiga. – Isto são coordenadas! O Bellamy enviou-me coordenadas!

Não foi preciso dizer mais nada, porque Maria Flor entendeu à primeira. Varreu o quarto com o olhar, à procura de um papel.

– Não haverá por aí nada com que se escreva?

Por essa altura já o historiador deitara a mão ao bolso do casaco e extraíra o seu bloco de notas. Tirou a tampa da esferográfica com os dentes e, copiando a partir do desenho esculpido no grande pentáculo, escreveu a formulação das coordenadas.

38° 57' 6,5" N
77° 8' 44" W

Ficaram ambos embasbacados a apreciar as duas linhas, com a certeza de que estavam perante uma verdadeira pista. Era como se tivessem recebido uma mensagem do Além. Tinham a impressão de que Frank Bellamy comunicava com Tomás através do grande pentáculo, dizendo-lhe que havia no planeta um local onde poderia encontrar a solução para o mistério da sua morte. Esse local era referenciado por aquelas coordenadas.

A primeira a reagir a esta descoberta desconcertante foi Maria Flor. Desviou o olhar para a escrivaninha e fixou a atenção no monitor.

– Afinal o computador vai mesmo servir para alguma coisa...

Ligaram a corrente e aguardaram com mal contida impaciência que a imagem se formasse no ecrã. Clicaram no ícone da internet e constatarem com alívio que a ligação fora estabelecida, e numa velocidade que lhes pareceu razoável.

– Excelente! – murmurou Tomás, movimentando o rato de modo que a seta chegasse à linha de ligações. – Vamos a isto.

Abriu a página de um motor de busca e puxou o teclado para si, preparando-se para escrever. Digitou as coordenadas referidas nas pontas do heptagrama inserido no grande pentáculo e a página mudou para um mapa do planeta. Fez a ampliação do mapa, para aproximar a imagem do destino, e a silhueta dos Estados Unidos encheu o ecrã. Voltou a ampliar e a imagem mergulhou de novo até se fixar num ponto específico, o sítio indicado pelas coordenadas que tinham encontrado no grande pentáculo.

Escancararam ambos a boca e assim ficaram durante três longos segundos, as faces imobilizadas como numa fotografia, estupefactos com a identificação do local, atónitos com o destino que Frank Bellamy lhes atribuíra para deslindarem o mistério. Tomás julgava conhecer o chefe da Direcção de Ciência e Tecnologia, sabia-o manhoso e implacável, mas nunca o imaginara com um sentido de humor tão perverso. O mapa mostrava-lhes que teriam de se dirigir a Washington, DC, e em particular a um edifício colado à margem sul do rio Potomac.

A sede da CIA.

Só no momento em que a porta da Sala Oval se fechou atrás dele e ficou sozinho no corredor é que Harry Fuchs deixou que a apreensão lhe transparecesse no rosto. O *briefing* da noite, que o director do Serviço Clandestino Nacional da CIA fizera ao presidente dos Estados Unidos numa reunião que contara com a presença do secretário de Estado, do secretário da Defesa e do conselheiro de Segurança Nacional, não tinha corrido da melhor maneira.

Nessa tarde explodira uma bomba diante da embaixada americana em Trípoli, destruindo uma ala do edifício e fazendo várias dezenas de mortos, e a CIA não dispunha de dados relevantes sobre os seus autores, além de umas vagas suposições que envolviam a Al-Qaeda do Magrebe. O presidente não ficara satisfeito com a falta de informações concretas e avisara que *uma coisa daquelas não podia voltar a acontecer, sob pena de, rolarem cabeças*.

Agastado com a reprimenda, Fuchs sabia de quem era a culpa.

– *Fucking Bellamy*. – rosnou entre dentes. – Devias ter morrido devagar, maldito *motherfucker*.

Esperara que o desaparecimento do chefe da Direcção de Ciência e Tecnologia lhe tivesse aberto o caminho para o *Olho Quântico*, o grande projecto da CIA que lhe permitiria tudo saber a todo o instante, mas a expectativa ainda não se realizara. Onde diabo teria o velho escondido o maldito *Olho Quântico*? O adjunto de Bellamy, Walter Halderman, já vasculhara em todos os dossiês dos projectos secretos elaborados nos últimos anos pela Direcção de Ciência e Tecnologia e nada encontrara. Um inútil, aquele Walt!, pensou. Como era possível que o estúpido não encontrasse o *Olho Quântico*?

Depois de passar pelo corredor diante dos gabinetes do vice-presidente e do conselheiro de Segurança Nacional, Fuchs atravessou o átrio e desceu as escadas para o rés-do-chão. Cruzou a porta principal da ala oeste e saiu da Casa Branca. O ar fresco esbofeteou-o, mas era revigorante. A noite caíra já e a residência

oficial do presidente estava iluminada com focos de luz plantados ao nível da relva.

Um Cadillac negro reluzente de vidros opacos deslizou para diante dele e um guarda-costas abriu-lhe a porta traseira. O director da CIA instalou-se no seu lugar e a primeira coisa que fez foi indicar o destino ao motorista.

– Langley.

A limusina arrancou e Fuchs abriu a portinhola do bar e serviu-se de whiskey. Onde diabo teria o velho escondido o *Olho Quântico*?, interrogou-se repetidamente enquanto bebericava pela borda do copo. O automóvel percorria a West Executive Avenue e os seus olhos esquadrihavam as luzes em redor, mas a mente mergulhara na avaliação de várias hipóteses. Considerou diversas opções relativas ao paradeiro do projecto secreto de Frank Bellamy e na última delas entrou, por mera associação de ideias, a imagem da charada encontrada nas mãos do cadáver do seu falecido colega na CIA. O director do Serviço Clandestino Nacional sabia muito bem que o símbolo que constava da charada não representava nenhuma crucificação, como a Agência fizera constar para legitimar a caça ao conveniente bode expiatório português, mas uma equação quântica qualquer. Uma equação tão quântica quanto... o *Olho Quântico*. A associação de ideias fê-lo pensar com mais cautela no assunto. E se...? E se...?

Carregou no intercomunicador para falar com o seu ajudante, que seguia à frente, ao lado do motorista.

– Bill, passa-me o nosso homem em Lisboa.

Bebeu mais um trago do whiskey e amadureceu a ideia que lhe germinara no cérebro. Por baixo do símbolo quântico, Bellamy deixara uma frase a indicar Tomás Noronha como a chave. Fuchs sabia que o português não era o assassino, apenas alguém a quem era oportuno atribuir a responsabilidade pela morte do chefe da Direcção de Ciência e Tecnologia, mas a inclusão do nome do historiador na charada começava a perturbá-lo. Porquê aquele nome por baixo do símbolo quântico? Haveria uma relação? Claro que havia, concluiu de imediato. O velho estabelecera intencionalmente a ligação entre as duas coisas, a pesquisa

quântica e Tomás Noronha. Mais que isso, apontara o académico português como a chave. A chave de quê? A resposta impôs-se gradualmente na sua mente. O académico português só podia ser a chave que conduzia ao *Olho Quântico*.

O telefone tocou.

– A sua chamada, sir. – anunciou-lhe o ajudante. – É James Krongard, em Lisboa.

OuvIU-se um clique no auscultador, a assinalar a transferência da ligação telefónica.

– Mister Krongard. – disse Fuchs em jeito de saudação. – Sei que é madrugada em Lisboa, mas preciso de saber o que se passa. Apanhou o nosso homem?

A voz do outro lado hesitou, notoriamente embaraçada.

– Tenho a operação em marcha, sir. – devolveu o agente da CIA na capital portuguesa. – Disponho de várias pistas e estou a segui-las. Esta noite estivemos perto de lhe deitar a mão, mas o tipo teve sorte e conseguiu escapar. Não será por muito tempo, sir. Asseguro-lhe que em breve terei boas notícias para lhe dar.

– Espero bem que sim. – indicou o director do Serviço Clandestino Nacional num tom neutro. – Tenho, no entanto, uma alteração a fazer às suas ordens. O suspeito não deve ser eliminado, mas capturado vivo e metido no avião para Langley. Entendido?

– A ordem de liquidação é anulada?

– Afirmativo. Ele será interrogado por nós e só depois sofrerá um... acidente.

Krongard suspirou de alívio do outro lado da linha; a ideia nunca lhe agradara.

– *Aye aye, sir!*

Sem mais uma palavra, Fuchs desligou o telefone e recostou-se no assento, o whiskey de novo a molhar-lhe os lábios. O *Olho Quântico* era essencial para evitar novos fiascos, como o do atentado dessa tarde em Trípoli. Se queria manter o lugar, teria de deitar as mãos ao projecto. E, vendo bem, a melhor pista era esse Tomás Noronha. Não tinha sido afinal o velho que o indicara como a chave?

XLI

Calado e nervoso, o visitante encarou o funcionário sentado no *guichet* da alfândega.

– Qual é o motivo da sua visita?

A pergunta foi lançada mecanicamente pelo funcionário, um homem de cara oval e bigode nos cantos da boca com o nome Sanchez colado ao peito. O visitante engoliu em seco, mas apesar da inquietação manteve o semblante descontraído.

– Turismo. – respondeu. – Sempre tive curiosidade de visitar Washington e ir ver a...

– Ponha os dedos nessa placa, sir. – cortou o funcionário alfandegário, pouco interessado em conversa fiada. – Primeiro o

polegar da mão esquerda, depois os restantes dedos, a seguir a mesma coisa com a mão direita.

O visitante obedeceu, com a perfeita noção de que a partir desse momento não havia retorno e estava entregue ao destino. A placa registava as suas impressões digitais e a informação seria enviada para a rede de segurança nacional dos Estados Unidos e partilhada pelas várias agências do país, incluindo a CIA.

– Já está.

– Pode olhar para a câmara, sir?

A câmara a que o homem de farda azul se referia era uma máquina fotográfica esférica com uma pequena lente a servir de olho. O visitante fitou a lente e abriu o rosto num sorriso, seguro de que em breve alguém iria procurar a imagem para conhecer as circunstâncias da sua entrada no país. Acontecesse o que acontecesse, vê-lo-iam a sorrir.

– Já terminou?

O funcionário alfandegário anuiu.

– Muito obrigado, mister Norona. – disse o homem, devolvendo-lhe o passaporte. – Tenha uma estada agradável.

Era incrível como os americanos não acertavam na pronúncia correcta do seu apelido, pensou Tomás ao passar a alfândega. Os de língua inglesa chamavam-lhe Norona, os hispânicos espanholavam para Norona. Para todos os efeitos, correria tudo bem e devia sentir-se satisfeito. O seu nome não constava da lista de suspeitos cuja entrada não era permitida nos Estados Unidos.

Virou-se para trás e viu Maria Flor sair de outro *guichet* alfandegário com o rosto pálido, mas o passaporte na mão e um esgar de alívio. Como tinham previsto, a CIA não imaginara que os fugitivos tivessem o descaramento de lhe ir bater à porta.

– Isto é uma loucura total. – disse ela enquanto abanava a cabeça, ainda incrédula com a insolência que era aquela viagem. – Viemos meter-nos na boca do lobo!

Tomás sorriu.

– Se o lobo nos quiser morder, vai partir alguns dentes.

Abandonaram o sector da alfândega e seguiram as setas até ao salão de desembarque. As malas do seu voo deslizavam já pelo

tapete rolante e não foi difícil localizarem a bagagem que lhes pertencia. Apesar de se tratar de duas malas pequenas e relativamente leves, pousaram-nas no carrinho de mão e dirigiram-se para a saída.

– E agora? – quis ela saber ao meterem-se na fila dos táxis. – Para onde vamos?

– Os hotéis continuam a ser arriscados. – observou Tomás. – Quando os tipos da CIA perceberem que entrámos no país, a primeira coisa que vão fazer é verificar a lista de hóspedes dos hotéis, das pensões e dos albergues das redondezas e, se não encontrarem nada, alargarão a pesquisa a toda a América.

A amiga virou-se para o lado e franziu o sobrolho, subitamente desconfiada.

– Olha lá, não estás a pensar em meter-nos outra vez numa pensão rasca para mulheres da vida, pois não? – Levantou a mão e abanou o indicador diante do nariz dele, à laia de aviso. – Ó meu menino, ficas a saber que desta vez não vou em cantilenas! Já dei para esse peditório, ouviste?

– Não, fica descansada. O lugar que tenho em mente é respeitável e não envolve o registo dos nossos nomes.

A sua vez na fila chegara e atiraram as duas malas para a bagageira do táxi que parara diante deles.

– Ai não? – admirou-se Maria Flor, entrando para os lugares traseiros da viatura. – E que paraíso é esse?

Tomás sentou-se ao lado dela, fechou a porta e ao fornecer o endereço ao motorista deu-lhe a resposta.

– Para a Universidade de Georgetown, se faz favor.

A cidade de Washington, DC, acolheu-os com um surpreendente toque europeu. É certo que a urbe era cortada por uma grelha de ruas largas paralelas e perpendiculares, como acontecia na generalidade das povoações americanas, mas havia abundantes espaços verdes e as fachadas dos edifícios tinham linhas clássicas que lembravam a arquitectura greco-romana. A maior diferença em relação às outras grandes cidades da América, no entanto, radicava no facto de que aqui não havia prédios altos. A

capital do país dos arranha-céus era afinal uma cidade de construções baixas.

A atmosfera europeia tornou-se até mais densa quando entraram na parte antiga de Washington, DC, o sector de Georgetown. Ali as ruas revelaram-se mais estreitas e sinuosas, como sucedia na Europa, e fervilhavam de comércio tradicional, bares e pequenos restaurantes. Os transeuntes acotovelavam-se pelos passeios, uma importante parte jovens estudantes de jeans, muitos outros de fato e gravata.

O táxi largou-os à porta da Universidade de Georgetown. Tiraram as malas, pagaram a viagem e entraram na recepção, onde foram acolhidos por um homem calvo e de barba negra encaracolada.

– Bem-vindos! – saudou o homem em português, encaminhando-se para os recém-chegados. – Então, pá? Essa viagem?

O historiador deu-lhe um abraço.

– Olá, Jorge. Como vai isso? – Fez um gesto a indicar a sua acompanhante. – Esta é a Maria Flor.

Depois de largar Tomás, Jorge desviou o olhar para ela e contemplou-a com um esgar apreciativo.

– Ena! Vem bem acompanhado, o meu amigo Tomás. – exclamou, trocando dois beijos com Maria Flor. – Encantado. Já estava na altura de o rapaz voltar a assentar e arranjar uma namorada a sério.

– Amiga. – corrigiu o historiador com um rubor. Voltou-se para a companheira de viagem e fez a apresentação. – O Jorge foi meu colega na Universidade Nova de Lisboa. Está a fazer uma pós-graduação em Matemática, com aplicação para programação de computadores. Como sabia que ele se encontrava aqui na Universidade de Georgetown liguei-lhe antes de partirmos e pedi-lhe um cantinho para dormirmos. O Jorge disse-me que nos arranja uma suíte de luxo no campus universitário.

– É mais um quatinho discreto. – riu-se ele, pegando na mala de Maria Flor. – Tenho um colega finlandês que foi dar um passeio de duas semanas à Califórnia e deixou-me a chave do quarto para

ir lá regar-lhe as flores. Como o Tomás me explicou que vocês só planeiam ficar por aqui uns diazitos, achei melhor pôr-vos lá.

– Ele não vai ficar chateado?

– Pelo contrário, se lhe regarem as flores, fica encantado, pá. – Caminhavam já pela universidade e, voltando-se para trás, Jorge piscou-lhes o olho. – E, já agora, se deixarem um dinheirinho para pagar o alojamento, melhor ainda.

O matemático português fez as honras de anfitrião e levou-os para o sector residencial do campus universitário. O quarto do finlandês era um cubículo pequeno num primeiro andar, com soalho de faia e móveis de carvalho, incluindo uma cama, uma mesa de trabalho com computador e um quarto de banho minúsculo sem banheira, mas com duche. Umas orquídeas vermelhas espetadas numa fileira de vasos no parapeito da janela coloriam o espaço com um toque de exotismo.

– Não está mau. – aquiesceu Maria Flor. Lançou um olhar na direcção de Tomás e apontou para o soalho, preocupada em marcar cedo o terreno. – E tu, como de costume, vais dormir no chão.

Foram jantar à cantina do campus universitário. Ao sentar-se à mesa com o tabuleiro, Tomás notou que a refeição tinha um certo ar de plástico e perguntou a si mesmo se daí em diante não seria melhor irem comer a um dos restaurantes de Georgetown.

Depressa pôs a ideia de lado. Não tinham vindo à América por causa da gastronomia, mas para deslindar a charada que Frank Bellamy remetera a Tomás e desse modo afastar as suspeitas que incidiam sobre ele. Quanto mais depressa resolvessem o assunto, tinha consciência, melhor seria, uma vez que o tempo corria contra eles e cada hora passada naquele país representava um risco acrescido de serem localizados.

– Olha lá. – disse Jorge quando começaram a comer. – Quando é que voltas à Nova, pá?

– Tudo depende do que acontecer nesta viagem.

O amigo arqueou as sobrancelhas, sem perceber o alcance da resposta.

– O que queres dizer com isso?

O historiador respirou fundo, ganhando coragem para abrir o jogo com o seu antigo colega, e explicou-lhe em traços gerais o que se passara desde que viera de Genebra. O envolvimento da CIA e o tiroteio em Coimbra eram de tal modo incríveis que o anfitrião duvidou que estivesse a escutar uma história verdadeira, mas a forma convicta e até assustada como Maria Flor confirmou todos os pormenores acabou por dissipar as dúvidas.

– Ouve, Jorge, preciso da tua ajuda. – disse Tomás quando chegou à parte em que tinha de explicar os seus planos na América.
– Tu ainda és um ás na informática, não é verdade?

O matemático riu-se.

– Estás a gozar comigo? Não te esqueças de que estou a fazer uma pós-graduação em Matemática e o tema é justamente a programação de computadores. Sei tudo sobre informática, pá.

– Sabes entrar clandestinamente numa rede de alta segurança?

– Sei fazer tudo o que é possível fazer. – garantiu com uma ponta de orgulho e soberba. – Não te esqueças de que quando era adolescente entrei no sistema informático do governo indonésio e meti lá um vírus. – Soltou uma gargalhada sonora. – Lembras-te desse número?

– Foi uma coisa qualquer por causa de Timor Leste, não foi?

– O vírus dizia *Free East Timor, you motherfuckers!* Nova risada. – Eh pá, o que eu gozei com aquilo! Adorava ter visto a cara dos tipos!

A cachinada foi tão contagiante que se alargou aos seus dois interlocutores. Quando as gargalhadas morreram, contudo, Tomás decidiu que era chegado o momento de jogar a sua cartada.

– Eras capaz de fazer o mesmo numa rede de alta segurança aqui na América?

– Meter um vírus a dizer *Free East Timor*? Para quê? Que eu saiba Timor Leste já é um país livre...

– Não estou a falar disso, palerma. – emendou o recém-chegado. – Quero saber se conseguias entrar clandestinamente num sistema de alta segurança, obter uma informação confidencial e sair sem que ninguém desse por ti. Tens conhecimentos para fazer isso?

A pergunta suscitou um olhar desconfiado ao seu interlocutor.

– De que sistema estás a falar?

O historiador pigarreou, como se a mera enunciação do projecto fosse só por si uma loucura.

– A CIA.

Fez-se silêncio à mesa. O matemático fitou Tomás, depois Maria Flor e de novo Tomás. Os olhares expectantes de ambos confirmavam que a proposta era a sério.

– Tu estás maluco, pá! – exclamou Jorge, abanando a cabeça e batendo com a ponta do indicador nas têmporas. – Doido varrido.

O problema é que Tomás já o conhecia há muitos anos e sabia quais as teclas a premir para o levar a agir contra o que lhe recomendava a prudência e o mais elementar bom senso.

– Estou a perceber. – murmurou, recostando-se na cadeira como se desistisse do plano. – Não és capaz.

– Quem é que disse isso? – empertigou-se o matemático, ferido no seu amor-próprio. – Claro que sou capaz! Já te disse que, em matéria de informática, sei fazer tudo o que é possível fazer! Nem o Bill Gaitas me batia!

– Então falta-te a coragem...

– O que estás a insinuar? Que sou um cobarde?

– Não é bem ser cobarde, mas é preciso tê-los...

– E eu tenho!

O historiador soube nesse instante que tinha o antigo colega na mão. Só lhe faltava manobrá-lo com cuidado e inteligência para extrair dele o que precisava.

– Então não percebo. – exclamou com perplexidade fingida. – Se sabes como entrar clandestinamente na rede informática da CIA e se não tens medo de o fazer, qual é o problema?

O anfitrião percebeu que tinha sido apanhado.

– Quer dizer... enfim, não estamos a falar de uma rede qualquer, como deves compreender. Os sistemas de segurança da CIA são com certeza muito sofisticados, a encriptação é incrivelmente complexa, existem provavelmente armadilhas e... e...

– E não és capaz.

– Já te disse que sou. Mas tens de te lembrar que estamos a lidar com a rede da CIA. Se souberem que alguém está a tentar entrar-lhes no sistema, têm meios para saber de quem se trata. Não estou com muita vontade de ver esses tipos a baterem-me à porta.

– És um matemático, estás a fazer uma pós-graduação relacionada com programação de computadores e quiseste testar a

qualidade da rede da CIA. Não garanto que não te chateiem, mas tens uma desculpa do caraças. Dizes que entraste lá no âmbito da tua investigação para a tese.

Jorge mordeu o lábio inferior enquanto ponderava a sugestão.

– Não é má ideia. – considerou. – Tenho justamente um capítulo na tese sobre segurança das redes informáticas e de certeza que o meu orientador confirmaria que um teste ao sistema da CIA constitui uma experiência relevante, embora controversa, para levar a cabo no âmbito da minha investigação académica. – Fez uma careta. – Mas os gajos não iam engolir uma desculpa dessas, pá. E se me apanharem arrisco-me a passar uns bons aninhos na cadeia.

– Como é que te apanhariam?

– Bastava identificarem o computador que lhes entrasse clandestinamente no sistema, por exemplo.

– Podes disfarçar o teu rasto, como sabes.

– Sim, claro, mas não te esqueças de que estamos a falar da CIA, pá. Estes tipos têm gente e meios para localizar e identificar qualquer intruso. – Recostou-se na cadeira, prestes a rejeitar a sugestão. – Não, o risco é demasiado elevado.

– Há outras maneiras de fazermos isto. E se lançarmos o ataque através de outros computadores?

A sugestão fez o matemático vacilar. Contemplou o cenário e, convencido, acabou por acenar afirmativamente.

– Nessas condições, pá, acho que sim. – concordou. – Pode de facto ser feito.

Era tudo o que Tomás queria ouvir. Levantou-se de um salto e indicou a porta da cantina.

– Chegou a hora de atacar a CIA.

XLII

O alerta a piscar no ecrã chamou a atenção de Don Snyder na altura em que, com os pés pousados em cima da secretária, trincava a pizza que encomendara para o jantar. Intrigado com o aviso, endireitou-se na cadeira, pousou a comida na embalagem, lambeu a gordura dos dedos e inclinou-se sobre o monitor para tentar perceber o que se passava.

– *What the fuck?!* – praguejou num murmúrio enquanto se esforçava por destrinçar o significado da linha a piscar. – O que vem a ser isto?

Uma mensagem daquelas constituía uma advertência que Snyder não podia ignorar. Estava havia quinze anos a trabalhar para o Serviço Clandestino Nacional da CIA como analista de

contraterrorismo e o alerta que acabara de ser enviado para o seu computador relacionava-se justamente com uma correlação de informação que poderia dar-lhe uma pista relevante. Seriam novidades relacionadas com o atentado da véspera em Trípoli?

Carregou no ícone do alerta e foi redireccionado para uma página de acesso restrito. Digitou a sua password e a página confidencial encheu-lhe o ecrã. Leu o texto, estabeleceu a ligação a duas outras páginas para confirmar os dados, avaliou o nível de prioridade dos elementos da agência envolvidos na investigação e, convencido de que tinha encontrado algo que poderia ser relevante, imprimiu as páginas.

Depois de recolher as folhas vomitadas pela impressora, meteu apressadamente pelo corredor e só parou no gabinete do director do Serviço Clandestino Nacional.

– Preciso de falar com mister Fuchs.

A secretária redigia uma missiva no seu computador e nem levantou os olhos para o encarar.

– Receio bem que o senhor director esteja numa reunião. – retorquiu maquinalmente. – Venha depois das...

– Preciso de falar com ele agora.

– Já lhe disse que...

Vendo que a secretária não estava a facilitar as coisas, Snyder abriu a porta do gabinete e espreitou lá para dentro. Viu o chefe da sua direcção sentado a uma mesa com a equipa encarregada de obter informação sobre o atentado de Trípoli.

Ao sentir a porta abrir-se, Fuchs voltou-se para a entrada e encarou o intruso.

– *Fuck*, Don! Não vês que estou ocupado?

A secretária intrometeu-se na porta, tentando puxar o analista de contraterrorismo para fora do gabinete.

– Peço desculpa, senhor director. – disse para o seu chefe com um sorriso encabulado. – Eu informei-o de que o senhor estava numa reunião, mas ele...

Snyder empurrou-a para trás e acenou com as folhas de papel que trouxera da impressora.

– Chegou-me informação que pode considerar muito relevante, sir.

– Tem alguma coisa a ver com o atentado de Tripoli?

O intruso abanou a cabeça.

– Não, sir. – reconheceu. – Mas consegui um dado que nos poderá pôr na pista do *Olho Quântico*.

A secretária voltou à carga e tentou de novo puxar Snyder para fora do gabinete do director.

– Faça o favor de se retirar. – insistiu ela. – Não vê que...

Ao escutar a referência do subordinado ao projecto de Frank Bellamy que ninguém conseguia encontrar na Direcção de Ciência e Tecnologia, Fuchs ergueu a mão para a travar.

– Deixe-o estar. – ordenou, levantando-se do seu lugar à ponta da mesa de reuniões e aproximando-se do analista de contraterrorismo. – Disseste *Olho Quântico*, Don? O que aconteceu?

Depois de lançar um esgar vitorioso à secretária, que se retirou a resmungar, Snyder estendeu as folhas ao director.

– Recebi há minutos um alerta do sistema, sir. – explicou. – Durante uma inspecção de rotina de cruzamento de informação com a base de dados do Serviço de Imigração e Alfândegas o sistema registou uma intercepção. – Indicou uma das folhas. – Este é o alerta a referenciar a entrada de um suspeito que, pelo que percebi, poderá estar ligado ao desaparecimento do *Olho Quântico*. – Sacudiu outra folha. – Aqui está a página que encabeça o dossiê da operação para detectar esse projecto e à qual não tenho autorização para aceder, mas não pude deixar de reparar que o acesso só é possível com autorização ao nível de director. Presumi de imediato, não sei se bem, que se trata de um assunto de elevada importância.

– Correcto. – confirmou Fuchs. – Só eu e mais duas pessoas podemos ver esse dossiê. E então?

O analista indicou a terceira folha que trouxera.

– Esta é a lista do Serviço de Imigração e Alfândegas referente às entradas de hoje pelo aeroporto de Dulles, sir. Sugiro que dê uma olhadela ao nome que se encontra na vigésima terceira linha.

O director do Serviço Clandestino Nacional contou as linhas e fixou-se no nome aí referido.

– *be damned!* – exclamou, estupefacto, ao ler o nome. Levantou os olhos para o seu subordinado. – Esta lista é de hoje?

– Afirmativo, sir.

Harry Fuchs endireitou-se e soltou uma gargalhada.

– Quem diria? *O fucking* Thomas Norona está na América.

XLIII

Ícones de marcas electrónicas famosas enchiam os embrulhos que Tomás transportou para fora da loja de computadores no centro

de Georgetown. Voltou ao campus universitário com os dois embrulhos debaixo dos braços e passou pelo quarto, onde se deparou com Maria Flor deitada sobre a cama a dormir. Bateu em retirada silenciosa e foi ao quarto do amigo, que ficava duas portas ao lado. Tocou à campainha e Jorge abriu de imediato.

– Trouxe dois *laptops*. – anunciou o historiador, exibindo os pacotes que adquirira na loja. – Espero que cheguem.

Desembrulharam os portáteis, ligaram-nos e fizeram o *download* dos programas padronizados. Todo o processo de preparação para operacionalizar os computadores levou uma hora, que decorreu quase sem que trocassem uma palavra a não ser uma ocasional referência técnica. Quando os *laptops* ficaram prontos, contemplaram os ecrãs iluminados e prepararam-se para iniciar a operação.

– A tua amiga, pá? – perguntou Jorge, como se só então se tivesse apercebido de que faltava alguém. – Não vem?

– Estava a cair de sono e foi-se deitar. Sabes como é, aqui ainda são dez da noite, mas em Portugal já soaram as três da manhã.

– Ah, o *jet lag* é tramado...

A partir desse momento foi o matemático quem tomou as rédeas dos acontecimentos. Depois de lamentar a ausência de Maria Flor, que descreveu como – miúda capaz de trazer alegria a um cemitério. – embrenhou-se no trabalho e abstraiu-se do resto. Começou por estabelecer a ligação à Internet, procurou um link bizarro e pôs-se a operar nele.

O que estás a fazer? – estranhou Tomás, que não reconheceu a página. – Não devias ter ido direito ao site da CIA?

– Estou a disfarçar o meu rasto, pá. A ideia é usar primeiro um *proxy* e depois enviar a mensagem por uma rede Tor.

– Ah, queres formar duas camadas de segurança...

– Isso mesmo. – Indicou o ecrã. – Este proxy não guarda registos. Quando nos ligamos a ele, tudo o que sai do computador passa por aí, dando a impressão de que a ligação vem da localização do proxy e não da sua verdadeira origem. Já a rede Tor faz com que os dados andem a saltitar por vários computadores em

todo o planeta antes de atingirem a rede da CIA. Assim, mesmo que um desses dados esteja comprometido, todo o sistema permanece intacto, ao contrário do proxy, que, se estiver comprometido, trama tudo. – Riu-se. – Só te digo, se nos toparem, os tipos da CIA vão ter um trabalho dos demónios só para desmontar esta trapalhada.

– Pois, mas assegura-te de que vamos usar um programa que não inclua o IP. É mais seguro...

– Fica tranquilo.

O matemático gastou mais de uma hora a programar o *proxy* e a rede Tor, de modo a camuflar a assinatura dos seus *laptops*. Tomás começou a sentir os olhos pesarem-lhe, no fim de contas o *jet lag* também o afectava, mas manteve-se acordado à custa de dois copos de café que foi buscar a uma máquina no corredor da zona residencial do campus e que engoliu de uma assentada. O café não era forte, embora lhe tenha permitido aguentar com estoicismo todo o trabalho do amigo.

A certa altura viu Jorge premir o teclado uma última vez, respirar fundo, flectir os braços para distender os músculos e recostar-se na cadeira com ar de ter cumprido a missão.

– Já está?

O matemático virou-se para ele, exibiu um sorriso de satisfação e piscou-lhe o olho. A seguir esfregou as palmas das mãos e, endireitando-se, voltou a encarar um dos *laptops*.

– Chegou a hora de meter o nariz na rede da CIA.

Estabeleceu a ligação ao site da agência americana de espionagem, em www.cia.gov, e fez-lhe um exame preliminar para perceber a sua estrutura. A seguir aplicou um programa que descarregara no *laptop* e, enquanto ele era processado, cruzou os braços e ficou a aguardar.

– O que estás a fazer?

– Inseri um programa CGI para analisar o sistema e detectar vulnerabilidades.

– Achas que a rede da CIA tem vulnerabilidades?

O anfitrião soltou uma gargalhada.

– Todas as redes têm vulnerabilidades, pá. O desafio é identificá-las e explorá-las.– Dobrou a perna para se pôr mais à

vontade enquanto aguardava os resultados do CGI. – Há uns tempos os tipos do Pentágono lançaram uma operação para testar a segurança da sua rede e ficaram em estado de choque quando descobriram que qualquer *hacker* medianamente qualificado era capaz de paralisar todo o sistema informático militar da América. Os *hackers* chegaram ao ponto de assumir o controlo dos computadores dos navios de guerra da frota do Pacífico, vê lá tu!

– Caramba! Uma coisa dessas é possível?

– Não só é possível, como já foi feito. Repara, só o sistema operativo Windows contém dezenas de milhões de linhas de código. Nenhum sistema de segurança consegue ter um controlo cem por cento seguro num sistema dessa dimensão. Qualquer programa que envolva uma enorme carga de informação contém inevitavelmente vulnerabilidades. Só temos de...

O ecrã imobilizou-se de repente numa página.

– Cá está! – exclamou Tomás. – O programa detectou mesmo uma vulnerabilidade. Tinhas razão!

O amigo endireitou-se e analisou a página.

– Há um buraco no PHF. – constatou. – É por aqui que vamos entrar.

– O que é isso?

– PHF? Trata-se de uma *interface* que aceita um nome como *input* e procura a informação respectiva no servidor. É uma espécie de lista telefónica, se quiseres. Vamos ver até onde nos leva.

Atacando o teclado como um pianista, Jorge explorou furiosamente a falha no PHF. A certa altura concentrou-se na função *escape_shell_ctnd*, o que despertou a curiosidade do amigo.

– Que estás a fazer?

– Isto é uma função que limpa *inputs*. – esclareceu. – O programador cometeu aqui um erro e deixou uma coisa fora da lista mas com um pé lá dentro. Estou a expolhar esse erro. – Indicou as novas páginas que enchiam o monitor. – Estás a ver o que fiz? Entrei no sistema de *e-mails* da rede da CIA. – Sorriu. – Nada mau, hem? Uma golpaça! – Voltou ao teclado. – Agora vou camuflar a minha presença.

Digitou duas linhas de instruções e aguardou a reacção do sistema. O monitor registou actividade repentina e o intruso virou-se para o segundo *laptop*.

– Agora trabalhas com o outro portátil?

– Correcto. – assentiu. – Manipulei o sistema da CIA de tal modo que eles enviaram um *xterm* para o nosso segundo computador. Ou seja, em vez de fazermos nós a ligação à rede da CIA, é a rede da CIA que estabelece ligação connosco. Genial, hem?

Fez um gesto grandioso e, como um ilusionista que tivesse acabado de executar um passe de magia, exibiu o monitor do segundo laptop. O ecrã enchera-se de linhas aparentemente incompreensíveis.

```
adm:x:4:4:Admin:/var/adm:
orion:x:1002:10:Christopher
Adams:/usr/users/cadams:/usr/ace/sdschell
monty:x:1004:101:Monty
Haymes:/usr/users/monty:/bin/sh
```

– O que é isto?

– É um arquivo Linux de *passwords*. – respondeu Jorge. – Cada linha contém o nome de uma pessoa com uma conta electrónica na CIA.

Tomás arregalou os olhos; ali estava a sua oportunidade para arrancar do sistema o que queria.

– Procura a linha com o nome Frank Bellamy.

O matemático voltou a agarrar-se ao teclado e, após premir algumas teclas, a página do sistema da CIA mudou para uma outra lista.

```
bella_y:x:1139:101:Frank
Bellamy:/usr/users/bella_y:/usr/ace/sdschell
```

– Porra!

– O que aconteceu?

Jorge apontou para a última palavra da segunda linha.

– Estás a ver este *sdschell*? Os utilizadores com esta referência têm uma protecção adicional que envolve um *RSA SecureID*. Trata-se de um dispositivo que selecciona um número de seis dígitos e que o muda a cada sessenta segundos. Só te digo, uma chatice das antigas...

– Há alguma maneira de contornar isso?

– Temos de inserir o número de seis dígitos que o dispositivo escolheu em cada minuto e adicionar-lhe a *password* da pessoa. – Fez uma careta. – Não vai ser fácil, pá.

– Mas é possível?

Jorge mordeu o lábio, contemplando a tarefa diante dele.

– Ou a *password* é escolhida pelo utilizador ou lhe é entregue pela Agência. A primeira hipótese não é muito problemática, uma vez que as pessoas costumam escolher palavras passe que lhes são familiares. Já a segunda possibilidade é muito complicada porque envolve *passwords* aleatórias, mais difíceis de decorar pelos utilizadores mas também mais seguras. Considerando que estamos a lidar com a CIA, que tem a paranóia da segurança, eu diria que eles optaram pela segunda solução.

– Olha que o Bellamy já tinha uma idade muito avançada e não sei se teria pachorra para decorar palavras de passe complexas...

O matemático ponderou a informação.

– Nesse caso, é admissível que lhe tenham aberto uma excepção. – Voltou a atenção de novo para o monitor e teclou mais instruções. – Vou procurar dados sobre a vida dele, como datas de nascimento, de casamento e coisas do género, e inseri-los como palavras passe. Pode ser que tenhamos sorte e encontremos a correcta.

Batendo no teclado com furor renovado, Jorge desencadeou a busca por informação pessoal que lhe permitisse deduzir a palavra passe que Bellamy havia escolhido. A operação era fastidiosa e demorada, pelo que Tomás se recostou na cama do amigo enquanto aguardava os resultados. Os olhos voltaram a pesar-lhe e, sem que o conseguisse impedir, sentiu-se descontrair e deslizou para o sono.

Começou a sonhar com Maria Flor, queria agarrá-la e ela fugia pelo corredor central de um avião. A certa altura já não estavam no aparelho mas no topo de um arranha-céus de Nova Iorque a caminhar sobre a balaustrada de uma varanda. De repente ela caiu e Tomás, em pânico, precipitou-se pela varanda sobre o precipício a gritar por um *sniffer* e a...

– Um *sniffer*!

O historiador acordou estremunhado e deu com o amigo de pé, o olhar incendiado pelo alarme, o corpo em posição de alerta.

– O... o quê? – balbuciou. – Que se passa?

Jorge teclou apressadamente no *laptop* e, ao fim de alguns segundos, o computador desligou-se.

– Apareceu-me um *sniffer*!–

Ainda confuso por aquela súbita transição do sonho para a realidade em que as duas coisas pareciam misturar-se, Tomás não percebeu o que se passava nem o que ele dizia.

– Um quê?

– Um *sniffer*, pá! – disparou o matemático, os nervos abalados.

– Um administrador qualquer do sistema da CIA percebeu que alguém estava na rede e mandou um *sniffer* para perceber quem era. – Bufou de alívio. – Felizmente que eu tinha um programa para *sniffar* o *sniffer*, senão estava tramado. – Esboçou uma careta, como se reconsiderasse o alívio e afinal o julgasse injustificado. – Mesmo assim, não sei. Espero tê-lo detectado a tempo...

Por esta altura já Tomás estava bem desperto.

– Mesmo que te tenham detectado só vão dar com o proxy. – lembrou. – Se passarem essa primeira rede de segurança, vão embater na rede Tor. Além do mais, se ultrapassarem esses obstáculos não conseguirão chegar ao nosso *laptop* porque usámos um programa sem IP. E mesmo que, por absurdo, dêem connosco, vão descobrir que eles é que se ligaram a nós. Por fim, ainda que cheguem a este portátil, não existe nada que o relacione contigo, pois não? Eu é que o comprei. Portanto, fica descansado.

Jorge respirou fundo.

– Pois é, tens razão.

O historiador consultou o relógio; eram três da manhã, tinha dormido um bom pedaço e precisava de descansar mais. Levantou-se da cama e abeirou-se do amigo.

– E então? Conquistaste alguma coisa?

– Sim, descobri a password do Bellamy. É a data de nascimento dele, mas de frente para trás. Uma coisa elementar e fácil de quebrar, como se está mesmo a ver. É um erro comum de muita gente utilizar dados pessoais para...

– Isso não interessa para nada. – impacientou-se Tomás, ansioso por ir dormir. – Quero é saber se sacaste alguma informação que me possa ser útil.

A primeira reacção de Jorge a esta pergunta foi um esgar pouco encorajador. O matemático não parecia animado.

– Pouca coisa. – acabou por admitir. – Obtive umas informações gerais e, quando comecei a vasculhar-lhe os *e-mails*, o *sniffer* apareceu e tive de abortar a operação.

Não eram de facto boas notícias.

– Porra! – irritou-se Tomás, erguendo as mãos para o ar num gesto de impotência. – Tanto trabalho para nada!

O amigo parecia constrangido.

– Desculpa lá, mas não tive mesmo tempo para mais.

O historiador exalou um suspiro contrariado e pousou os olhos nas anotações escrevinhadas por Jorge.

– O que é isso?

– É o pouco que consegui apurar. – disse, estendendo-lhe o papel onde registara alguns dados. – As informações que recolhi incluem o número do telemóvel, a morada de casa, uns extractos de conta do banco e uma conta da electricidade.

– Só isso?

– Mais nada, receio bem. – confirmou. – Sei que é pouco, mas é o que há.

Encarou o amigo com uma expressão interrogativa.

– O que tencionas fazer agora?

Tomás pegou na folha rabiscada com as poucas informações que o matemático lograra arrancar do site da CIA e, fixando-se na

morada, o seu rosto abriu-se num sorriso carregado de subentendidos.

– Entrar em casa dele.

Sem dispensar as suas rotinas, Don Snyder pousou o jornal sobre a secretária e a primeira coisa que fez quando nessa manhã chegou ao seu gabinete em Langley para mais um dia de trabalho foi dirigir-se à máquina instalada no corredor do Departamento de Contraterrorismo e comprar um café e um *muffin*. A mulher bem lhe dizia todas as manhãs que aquilo não era pequeno-almoço que se comesse, que devia virar-se para a fruta e para as saladas, que tinha de ter cuidado com o colesterol, os triglicéridos e essas tretas todas, que isto e que aquilo, mas do que ele gostava mesmo era do que se preparava agora para comer. Haveria algo mais glorioso do que começar o dia com um café quente e um *muffin*?

Sentou-se à secretária e ligou o computador enquanto mastigava o queque de chocolate. Hmm... que delícia!, pensou, fruindo o momento de pálpebras cerradas. Abriu os olhos e apercebeu-se de que havia documentos pousados ao lado do teclado. Por cima estava um dossiê com a mais recente informação relativa ao atentado de Tripoli. O que se encontrava por baixo não passava de uma pasta amarela muito fina e com aspecto insignificante. Folheou o dossiê e percebeu que os operacionais no terreno nada mandavam para Langley que não fosse especulação. Escreviam sobretudo acerca do arsenal do exército líbio que, no calor da revolução, havia caído nas mãos dos extremistas islâmicos e os armara para operações violentas noutros países de África e do Médio Oriente, como o Mali, o Iraque e a Síria, entre outros pontos quentes.

– *Damn!* – murmurou a meio da última dentada no *muffin*, agastado com a falta de progresso na recolha de informação sobre o atentado. – O que se passa com esta gente? Precisamos de informação concreta, não de palpites a enunciar o óbvio.

Para não se enervar, afastou o dossiê e abriu a pasta amarela. No interior deparou-se com um documento de duas páginas que a Informática lhe havia deixado durante a noite. Leu o texto e, intrigado com o seu conteúdo, abriu uma gaveta e verificou a informação que constava do alerta que recebera na véspera. Não havia dúvida, concluiu. Os dois assuntos pareciam relacionados. Pensou no caso e teve uma ideia. Pousou o copo de café, agarrou

no teclado e ligou-se a uma página para verificar números de compras; digitou um nome e aguardou os resultados. Apareceram ao fim de alguns segundos.

– *Holy shit*.

Sem perder tempo, saltou do seu lugar e meteu-se pelo corredor para se dirigir ao gabinete do director. A secretária do chefe do Serviço Clandestino Nacional não se mostrou agradada por vê-lo ali, o incidente da véspera não ficara esquecido, mas desta feita não levantou nenhuma objecção.

Ligou para o gabinete a anunciar o visitante e, sem dirigir palavra a Snyder, fez-lhe um sinal a indicar-lhe que entrasse.

O analista de contraterrorismo abriu a porta e espreitou para o interior.

– Dá licença, sir?

Harry Fuchs encontrava-se sentado na sua poltrona a ler o *The New York Times* dessa manhã com um charuto a fumar-lhe na boca, mas pelo seu ar irritado dir-se-ia que era ele próprio quem deitava fumo. Uma fotografia dos estragos provocados numa ala da embaixada em Trípoli pelo atentado da véspera enchia a primeira página. Ao ver o analista de contraterrorismo à entrada do gabinete, agitou violentamente o jornal na direcção dele.

– Já viste isto, Don? Estes *motherfuckers* dos jornalistas estão a chamar-nos incompetentes! Incompetentes, dizem eles! Olha para o que escreveram no editorial.— Folheou o jornal e fixou os olhos na página de opinião. ‘— *Como se tem tornado habitual nos últimos tempos, este atentado apanhou de surpresa a CIA e voltou a pôr em causa a competência e a utilidade desta agência que o Departamento de Estado já apelida em surdina nos corredores Cambada de Idiotas e Analfabetos — CIA.*— ’ Levantou a cabeça. — Já viste o amontoado de *shit* que estes *cocksuckers* escreveram neste pasquim miserável? Idiotas e Analfabetos? *Fuck The New York Times! Fuck o Departamento de Estado! Fuck esta gente toda!*

– É lamentável, sir.

Snyder continuava à porta à espera de autorização para entrar e ficou a observar o espectáculo do chefe a ter um ataque de fúria; sabia que o responsável pela sua direcção era um homem

sanguíneo e os seus acessos de raiva tinham-se tornado bem conhecidos na Agência. Despeitado com o editorial, o director atirou o jornal ao chão e, com um gesto colérico, esmagou no cinzeiro o charuto como se este fosse o articulista do *The New York Times*. Libertada a ira, fez um esforço para se dominar e, já mais calmo, indicou ao subordinado a cadeira diante da secretária.

– Entra, Don. – disse, ainda a tentar pôr rédeas na frustração.

– Tens alguma novidade sobre o *Olho Quântico*?

Caminhando com a pose submissa de um cordeiro, Snyder cruzou o gabinete do chefe e sentou-se no lugar que lhe tinha sido apontado.

– Tenho novidades, sir. – confirmou. – Mas não são directamente sobre o *Olho Quântico*, receio bem. – Pousou a pasta amarela sobre a secretária do director. – Recebi agora este relatório da Informática. Parece que tivemos esta madrugada um incidente que comprometeu a segurança na nossa rede.

Fuchs alçou uma sobrancelha.

– Foi sério?

– Parece que não. Uma *firewall* alertou o administrador do servidor e ele lançou um *sniffer* que assustou o intruso. Depois o administrador fez um levantamento do material consultado e concluiu que não se trata de nada particularmente sensível.

– Ah, bom. – descansou o director. – Só me faltava ter também problemas nessa frente.– Franziu o sobrolho. – Mas se a intrusão não foi grave, o que te traz aqui?

Com um movimento rápido dos olhos, o analista de contraterrorismo indicou a pasta amarela.

– Se fosse a si, sir, dava uma espreitadela ao relatório.

O director do Serviço Clandestino Nacional pegou na pasta e consultou o documento da Informática.

– Não vejo nada de particularmente relevante...

– Veja, por favor, o nome do utilizador cuja *password* foi violada pelo intruso.

Os olhos de Fuchs focaram o nome impresso no log da Informática e chisparam quando o director se apercebeu de quem se tratava.

Frank Bellamy.

Encarou o seu subordinado com uma expressão inquisitiva.

– Quem foi que entrou na rede com a palavra de passe do velho?

– Conforme previsto pelo protocolo para situações semelhantes, o administrador do servidor passou toda a noite e madrugada a seguir o rasto do intruso. – disse. – O que ele descobriu está registado na segunda página do relatório.

O director fez um gesto de desprezo na direcção do documento.

– Não percebo nada desta linguagem de doidos. – admitiu. – Faz-me um resumo.

– O intruso usou um sistema *proxy* e uma rede *Tor* para tapar as pegadas. O administrador do nosso servidor teve de andar a saltar pelo planeta inteiro, de computador em computador, até perceber que ia dar a um beco sem saída. Parece que o intruso usou um programa sem IP, pelo que não conseguimos identificar o computador de origem.

– Oh diabo, isso é trabalho profissional...

– Sem dúvida, sir. Mas pus-me a pensar cá para os meus botões sobre quem estaria interessado em penetrar no site da CIA e vasculhar a informação relativa a Frank Bellamy. Foi aí que tive uma ideia. Consultei o registo de todas as compras feitas ontem aqui em Washington com o nome de uma certa pessoa e... imagine o que descobri.

– Jeez! Não me digas que os *cocksuckers* do FBI já andam em cima desta história...

Snyder abanou a cabeça.

– Nada disso, sir.

– Então quem diabo andarás a mexer na *password* do velho? Será a família? Querem ver que o *sonnavabitch* do filho...

– Negativo, sir. Tente outra vez.

Fuchs improvisou mentalmente uma lista de suspeitos e foi desconsiderando cada nome que se lhe formou na mente. Quem do exterior da CIA teria interesse em vasculhar o *file* de Frank Bellamy? Eliminados o FBI e os familiares do antigo director, não parecia

restar muita coisa. De repente, e como se tivesse sido atingido por um raio, ficou paralisado.

– Thomas Norona?

O subordinado sorriu.

– Bingo.

– O Norona? Como podes ter a certeza disso?

– Não posso. – reconheceu o subordinado. – Mas repare na sequência dos acontecimentos. Às nove e meia da noite de ontem, o nosso amigo Norona, o homem que assassinou mister Bellamy e que acabara de chegar a Washington, usou o seu cartão de crédito para levantar dinheiro numa caixa multibanco perto de uma loja de electrónica em Georgetown. Verifiquei os registos da loja e constatei que, dez minutos mais tarde, foram aí vendidos dois *laptops*, ambos a dinheiro, o que não é normal. Duas horas depois, alguém entrou clandestinamente no nosso sistema e usou a palavra de passe de quem? Justamente de mister Bellamy. E para quê? Para tentar obter informação sobre, veja só, o nosso falecido chefe da Direcção de Ciência e Tecnologia. Será tudo isto mera coincidência?

– Mas se ele queria entrar na nossa rede com esses portáteis que acabara de adquirir, não seria mais natural que evitasse usar o cartão de crédito na máquina multibanco?

– Talvez. – admitiu Snyder. – Repare que o tipo pode ter sido descuidado ou desconhecer que também costumamos verificar os movimentos das caixas multibanco. Ou então está-se pura e simplesmente nas tintas, sei lá. O facto é que existe aqui uma coincidência perturbadora. Na nossa profissão sabemos que as coincidências são pistas, não é verdade?

Enfim convencido, o director do Serviço Clandestino Nacional respondeu com um murmúrio de assentimento. Fez sinal ao subordinado para sair e, quando ficou sozinho, girou na sua poltrona e, da janela do gabinete, contemplou o rio Potomac à distância. O lençol azul de água parecia um espelho a reflectir as nuvens. A tranquilidade verdejante de Washington, DC, em particular no sector que rodeava o complexo da CIA, dava-lhe o ambiente adequado para pensar. Durante cinco minutos ponderou a situação com serenidade e por fim tomou uma decisão.

Voltou a girar na poltrona e carregou no intercomunicador, ligando à secretária.

– Tisb, passa-me o major Fuentes.

la pôr o seu melhor homem na peugada de Tomás Noronha.

XLV

A agitação morrera àquela hora da noite, uma vez que o trânsito em Dupont Circle já acalmara e a tranquilidade impusera-se na cidade. Sentados à janela de um *coffee shop* à meia-luz, Tomás

e Maria Flor iam vigiando o edifício do outro lado da rua, atentos sobretudo ao guarda que permanecia sentado no átrio a ler um jornal. O café americano não era dos melhores, mas os dois portugueses iam-no saboreando distraidamente enquanto aguardavam a evolução dos acontecimentos.

– Quanto tempo falta?

O historiador consultou o relógio.

– Seis minutos.

O dia fora longo e proveitoso. Devido ao *jet lag*, acordaram por volta das seis da manhã, ela bem dormida, ele nem tanto, no fim de contas deitara-se tarde, mas àquela hora em Washington, DC, eram já onze da manhã em Lisboa e o despertador no cérebro não o deixara dormir mais tempo.

Saíram por isso muito cedo do campus da Universidade de Georgetown e visitaram Dupont Circle ainda antes da hora matinal de ponta para estudar o edifício onde Bellamy tinha o seu apartamento.

Não foi preciso sondarem o local durante muito tempo para perceberem que o principal problema estava no átrio. Quando tentaram subir ao terceiro andar, o guarda bloqueou-lhes o caminho e tornou claro que só poderiam avançar com autorização expressa do inquilino que pretendiam visitar. Balbuciam uma desculpa esfarrapada, dizendo que se tinham enganado no edifício, e voltaram para trás. O recuo dos visitantes teve algo de humilhante, mas o importante é que lhes deu a noção de que a segurança era um obstáculo e que a sua prioridade nessa noite seria contorná-lo.

Sentado à janela do coffee shop a bebericar o seu café, Tomás não pôde deixar de sorrir ao lembrar-se do estratagema que inventara para superar o problema. Enquanto Maria Flor regressara ao campus para se certificar pelo telefone de que ninguém ocupava o apartamento de Bellamy, Tomás comprara ao final da manhã um jornal popularucho, tendo ido direito à página dos pequenos anúncios procurar uma...

– Atenção. – exclamou Maria Flor, interrompendo-lhe o fio de ideias. – Ela vem aí!

Viram um táxi de onde saía uma loira espampanante, com um vestido vermelho justo que lhe realçava a cintura estreita e os enormes seios, as formas sinuosas do corpo sublinhadas pelos sapatos de salto alto negros e reluzentes. A recém-chegada pagou ao taxista e começou a descer o passeio em direcção à porta do prédio.

– Vamos.

Sem perder tempo, os dois portugueses saíram do *coffee shop*, atravessaram a rua e plantaram-se ao lado da porta do edifício, mas num ponto abrigado do olhar do guarda. A loira provocante passou por eles, deixando no ar um forte aroma vagamente adocicado. Além de um grande corpo e de uns cabelos lisos dourados que lhe caíam até aos ombros e chamavam a atenção, tinha olhos azuis vivos e lábios sensuais; dir-se-ia uma coelhinha da Playboy.

Viram a loira entrar no edifício com passo de súbito cambaleante e desaparecer no átrio, mas suficientemente perto para escutarem o que lá se passava.

– *Hi, big boy!* – cumprimentou ela com voz melosa. Soltou uma gargalhada despropositada. – Tu és novo aqui, não és?

– Uh... não. – respondeu o guarda, hesitante. – Na verdade trabalho neste edifício há já uns anos. Posso ajudá-la?

A loira riu-se.

– Oh, se podes! – exclamou. – Mas... mas não é aqui o meu prédio? Isto não é a rotunda de Rhode Island Avenue?

– Receio bem que não, minha senhora. Estamos em Dupont Circle. A rotunda de Rhode Island Avenue é mais naquele sentido.

– *Damn!* – praguejou ela. – Sempre que me meto no champanhe é isto. Desoriento-me toda, é uma maçada.

– Se quiser chamo-lhe um táxi para a levar a casa.

– Oh, que querido! Mas não se preocupe. – A loira deu outra risadinha. – Oiça, você parece um rapaz simpático e... bem-parecido. Posso contar-lhe um segredo?

– Bem... sim.

– Sabe, o champanhe tem dois efeitos poderosos em mim. O primeiro é que me desorienta toda. Fico de tal modo baralhada que

nem sei por onde ando. O segundo efeito é que... dá-me o cio. – Riu-se de novo. – Percebe o que lhe estou a dizer?

– Uh...

– É por isso que não posso ir já para casa, está a entender? O meu marido é um velho. – Gemeu longamente. – Aaah, preciso já de alguém que me satisfaça. E você... você tem um aspecto tão viril, tão macho, tão potente...

– Mas...

– Oiça, não aguento mais, isto é uma tortura. Preciso de homem. Agora! O meu corpo está sedento de carne. Você não terá... não terá nenhum sítio por aqui onde me possa resolver o problema?

– Mas eu estou a trabalhar, minha senhora, não posso abandonar o meu posto. Daqui a duas horas sou substituído e nessa altura, se quiser, podemos...

– Agora, *big boy*! Preciso de ti agora! Não tens nenhum sítio aqui perto onde me possas dar aquilo por que anseio com tanta urgência? São apenas cinco minutos, ouviste? Cinco minutos em que te vou servir com as mamas, com a boca, com a...

– Quer dizer.... – hesitou o guarda, a voz já afogueada. – Só se for... só se for ali no meu gabinete. Cinco minutos, diz a senhora?

– Cinco minutinhos tórridos em que te vou pôr doidão, meu garanhão vigoroso, meu galo emproado, meu touro potente...

– Venha, venha... ali estamos à vontade.

As vozes afastaram-se e ouviu-se uma porta fechar. Depois de espreitar para o átrio, Tomás voltou-se para trás e encarou Maria Flor, que tinha a face ruborizada.

– O caminho está livre. – anunciou. – Vamos.

Cruzaram a entrada do prédio em passo leve e atravessaram o pequeno átrio. Havia duas portas de elevadores, mas preferiram dirigir-se às escadas, parecia-lhes mais discreto. Passaram pela sala do porteiro e ouviram gemidos e suspiros no interior. Maria Flor não disse nada naquele momento, era imperioso não fazerem barulho, mas quando chegaram às escadas não se conteve.

– Olha lá, onde é que arranjaste esta... esta ordinária?

A pergunta fez Tomás rir-se. Desde que a loira aparecera que esperava um questionário do género.

– Foi pelo jornal.

– Deste com ela no jornal?

– Os pequenos anúncios no jornal incluem serviços de prostitutas, como sabes. Liguei a uma delas e consegui sacar-lhe o nome e a morada de um bordel de luxo, daqueles que abastecem de meninas os congressistas do Capitólio. Fui lá e, depois de as ver a todas, escolhi esta. Custou-me uma nota preta, nem te digo quanto.

Maria Flor deteve-se entre dois degraus no último lanço das escadas e fitou-o com intensidade, como se lhe quisesse escrutinar a alma.

– Tu foste ao bordel?

– Claro que fui. – retorquiu ele. – Tinha de me assegurar de que arranjava uma miúda capaz de nos tirar o guarda do caminho. – Fez um gesto a indicar o rés-do-chão, lá em baixo. – E escolhi bem, não achas? Ela conseguiu, não conseguiu? Qual é o problema?

A amiga não respondeu. Recomeçou a subir as escadas enquanto resmungava coisas mais ou menos ininteligíveis, mas que incluíam tiradas como – *pfff*, que pindérica desavergonhada. – os homens são todos os mesmos – e – o que será que eles vêm nestas ordinaronas nojentas?

Chegaram ao terceiro andar e meteram pelo corredor até darem com a porta do apartamento de Frank Bellamy.

– Chegou a tua vez. – disse Tomás diante da porta, convidando-a a aproximar-se. – Achas que consegues abri-la?

Maria Flor hesitou.

– Olha lá, tens a certeza de que não há nenhum alarme ligado?

– Certeza não posso ter. Mas lembra-te que o dono do apartamento já morreu. Sem ele por cá, quem viria aqui activar o alarme?

– Mesmo assim...

– Ouve, temos de correr o risco. – disse o historiador, indicando a porta. – Não há alternativa.

Com um suspiro de resignação, a amiga ajoelhou-se na alcatifa do corredor e estudou a fechadura.

– Esta é das complicadas. – constatou. – Mas fica descansado, não me vai derrotar.

Tirou um gancho da carteira e inseriu-o no buraco da fechadura, rodando-o no interior para analisar a estrutura e o mecanismo.

– Onde é que aprendeste a destrancar fechaduras dessa maneira?

– Na PSP. – explicou ela sem tirar os olhos do orifício. – Os utentes do lar às vezes trancam-se nos quartos e é um sarilho para os tirar de lá, nem imaginas. Costumamos ter cópias das chaves, claro, mas volta e meia elas desaparecem e é uma tourada. Para resolver este problema de uma vez por todas, fui à polícia e eles deram-me um curso prático sobre como destrancar fechaduras por fora.

– Muito útil, sim senhora.

Com a língua ao canto da boca, Maria Flor concentrou-se no trabalho em mãos e o silêncio impôs-se no corredor. Encostou a orelha esquerda ao buraco da fechadura e foi ouvindo os sons do mecanismo interno a responder aos movimentos da ponta do gancho. O processo prolongou-se sem que nada sucedesse e Tomás começou a ficar preocupado.

Se alguém aparecesse no corredor e os visse naquela figura, concluiria inevitavelmente que se tratavam de assaltantes. Havia que acelerar o processo, mas isso não dependia dele e não era porque a pressionava que ela iria trabalhar mais depressa ou com mais eficiência. Encheu-se por isso de paciência e aguardou, esperando com ansiedade que ninguém surgisse por ali.

Quase sem aviso, ouviu-se um clique.

– Já está.

Virando para a fechadura o olhar inquieto, Tomás apercebeu-se de que a amiga tinha sido bem sucedida.

A porta entreabriu-se.

XLVI

Soltando um zumbido nervoso, o sinal de alarme acendeu-se no ecrã do computador com um brilho intermitente na altura em que Peter preparava o relatório que lhe fora encomendado na véspera e que teria de apresentar ao seu chefe directo logo ao início da manhã seguinte. Os olhos azuis cristalinos do homem da casa desviaram-se para o alerta e, com o rato, carregou no ícone do dispositivo de segurança.

As duas linhas que viu a piscar no monitor desfizeram-lhe as dúvidas.

Break-in in progress

Main door

– *Fuckr!*

O som do alarme geral encontrava-se desligado, mas o sistema interno de segurança permanecia activo e informava-o por alerta informático de que alguém forçara a porta da entrada e estava nesse preciso momento a penetrar no apartamento.

Sem perda de tempo, e com as batidas cardíacas a dispararem, desligou apressadamente a fonte de energia do computador, pegou nos papéis de forma atabalhoada e correu para a sala de pânico, o compartimento de alta segurança que em boa hora fora construído ao lado da cozinha. Entrou ofegante, carregou no botão de segurança e a porta metálica fechou-se, isolando-o do exterior.

Encostou-se à parede a escutar o coração estrondear-lhe no peito e fechou os olhos. Deixou-se escorregar devagar para o chão e, aninhado, respirou fundo.

– Ufa! – suspirou. – Foi por pouco.

Estava a salvo.

Já era o segundo assalto ao apartamento no espaço de apenas dois dias. O primeiro apanhara-o fora de casa, retido no emprego por causa do estúpido relatório que o chefe resolvera encomendar-lhe. Quando nessa noite chegou ao apartamento, percebeu por pequenos sinais que alguém tinha ali estado. Desde então que vivia com medo da repetição do incidente. Havia muitos interesses envolvidos naquela história e gente poderosa metida ao barulho.

A sua melhor arma era a dissimulação. Deixara de atender telefonemas, como fizera de resto ao longo do dia. Sabia que os assaltantes tendiam a ligar antes de lançarem uma operação, de modo a certificarem-se de que o seu objectivo se encontrava deserto, e estava determinado a apanhá-los em flagrante.

Esse momento chegara.

Depois de uma pausa para recuperar o fôlego, que perdera por causa do susto e não da correria, levantou-se e ligou o monitor. Todo o apartamento estava coberto por câmaras de vídeo escondidas por detrás de espelhos, no meio dos vasos ou até nos dispositivos contra incêndio que se encontravam cravados no tecto. O enorme ecrã acendeu-se e Peter, já mais calmo, observou a imagem retalhada em nove secções, cada uma correspondente a uma câmara oculta numa assoalhada ou num corredor.

A câmara do hall de entrada mostrava duas pessoas a introduzirem-se furtivamente no apartamento. O homem da casa pegou no comando e carregou no botão para ampliar a imagem. O vídeo da câmara do hall encheu o monitor e permitiu a Peter estudar os assaltantes com mais detalhe. Não reconheceu nenhum, mas percebeu que um dos intrusos era uma mulher.

– Jeez! – murmurou, espantado. – Agora também já usam *babes* nestas operações...

Um brilho de luz apareceu de repente na mão do homem que dava a ideia de chefiar o duo de assaltantes; parecia ter ligado uma lanterna. As imagens mostravam os desconhecidos a avançarem com cuidado, explorando tão lentamente o apartamento que levaram uns cinco segundos a cruzar o pequeno átrio e a meter-se pelo corredor.

Encerrado na sala de pânico, Peter considerou o melhor curso de acção. Poderia ligar à polícia, claro; tinha ali o telefone e a ligação à esquadra mais próxima seria simples. Mas, se os intrusos eram quem ele pensava que eram, isso de nada serviria. O melhor seria seguir o seu plano original. Ia observá-los e aguardar a evolução dos acontecimentos. Mas o mais importante é que registaria tudo. Nunca se sabia que utilidade poderia a gravação ter, mas sempre seria um trunfo em caso de necessidade.

Abriu o painel que controlava o sistema de videovigilância e inseriu um DVD virgem no gravador. Depois carregou no botão vermelho a indicar *record*, esperou pela confirmação de que a máquina estava de facto a gravar e procurou o botão do sistema áudio que se encontrava acoplado às câmaras. Rodou o botão e o

som encheu os altifalantes do compartimento blindado, trazendo-lhe as palavras trocadas pelos assaltantes.

– Não podemos deixar de revistar primeiro todo o apartamento.
– disse o intruso que caminhava à frente com a lanterna. – Temos de nos assegurar de que não está aqui ninguém.

– Não podemos deixar de revistar primeiro todo o apartamento.
– disse Tomás enquanto caminhava à frente com a lanterna. – Temos de nos assegurar de que não está aqui ninguém.

O apartamento encontrava-se mergulhado na escuridão e os dois portugueses não se atreviam a acender as luzes. A sua única fonte de orientação era o foco da lanterna que rompia a treva densa e ia dançando pelas paredes e pelos móveis, como se o caminho fosse aberto por aquele frágil jacto de luz. Não era agradável a sensação de estarem a explorar às escondidas a casa de outra pessoa e sentiam uma pressão constante, uma inquietação permanente, a desconfortável sensação de que a todo o momento alguém entraria pelo apartamento e os apanharia em flagrante.

A vontade de fugir tornara-se por isso avassaladora. Tomás abanou a cabeça, como se desse modo sacudisse também os fantasmas que o assombravam. Que ridículo, pensou; o proprietário, Frank Bellamy, morreu, é noite, a Maria Flor telefonou há pouco e certificou-se de que ninguém atendia, sinal de que o apartamento está vazio, nenhuma pessoa aqui virá a uma hora destas, não haverá problema. Concentrou-se nesse pensamento, nesse desejo, nessa certeza, e era assim que ia domando o medo permanente de serem apanhados por quem quer que ali entrasse subitamente. Mesmo assim a vontade de fugir permanecia quase irreprimível.

Percorreram devagar o apartamento, movendo-se com mil cuidados para o caso de darem com alguém, mas todas as divisões em que entraram estavam desertas.

– Não há aqui ninguém. – sussurrou Maria Flor por fim, aliviada mas ainda inquieta. Não se sentia à vontade no papel de assaltante. – O que fazemos agora?

– Se houver alguma coisa importante, encontrá-la-emos com certeza no escritório. – respondeu ele no mesmo tom de cochicho. – Quando passámos por lá, reparaste que aquilo era uma mina de possibilidades?

A amiga reparara, mas não respondeu. Percorreram o corredor central do apartamento, agora mais à vontade porque já conheciam

a sua configuração interior, e entraram no compartimento onde aparentemente o proprietário trabalhava quando se encontrava em casa.

– Achas que ligue a luz? – perguntou ela. – Já vimos que não está cá ninguém...

– Muito bem. – concordou o historiador. – Mas fecha primeiro as cortinas, não vá o diabo tecê-las.

Depois de Maria Flor correr as cortinas, o historiador acendeu a luz. Foi como se o escritório se tivesse destapado e revelado os seus segredos. As paredes do compartimento apareceram forradas de madeira de carvalho, a mesma de que era feito o soalho por baixo dos tapetes persas, e havia uma grande secretária de mogno a dominar o espaço. Ao longo das paredes viam-se pregadas várias fotografias emolduradas.

Atraído por estas imagens, Tomás estudou-as com atenção, procurando perceber a história que elas contavam. Alguns retratos eram a preto-e-branco, evidentemente antigos, e outros a cores, mais recentes. Pousou os olhos na primeira moldura à sua direita e reconheceu, a preto-e-branco, um *cliché* de Frank Bellamy jovem sentado num laboratório. A fotografia tinha rabiscado ao canto *Los Alamos*, 1944, o que significava que fora tirada no período em que o falecido chefe da Direcção de Ciência e Tecnologia da CIA trabalhara no *Projecto Manhattan* para construir a bomba atómica. A moldura do lado, de resto, confirmava-o. Mostrava Bellamy, igualmente jovem, ao lado de Robert Oppenheimer no *ground zero* de Trinity, o local da explosão da primeira bomba atómica em Alamogordo, no Novo México.

– Este é que era o tal Bellamy? – perguntou Maria Flor enquanto examinava outras imagens emolduradas. – Que pão de homem! Parece o Clint Eastwood em versão jovem.

– Quer dizer, mandas-me bocas por causa da Marilyn Monroe que atirei ao porteiro, mas depois vens para aqui gabar o Bellamy. – protestou Tomás, fingindo-se ofendido. Esboçou um esgar semelhante ao que ela fizera, apenas uns minutos antes, quando subiam as escadas. – As mulheres são todas as mesmas...

– Pois, pois. – assentiu ela, olhando-o de soslaio com um sorriso trocista. – Tu sabes muito...

A atenção dos dois intrusos voltou às fotografias emolduradas nas paredes. Tomás examinou uma imagem de Bellamy numa carreira de tiro da CIA quando era novo, evidentemente tirada já depois de o *Projecto Manhattan* ter sido encerrado, e uma fotografia a cores mostrando-o ao lado de uma noiva loira sorridente, à porta de uma igreja.

– Olha aqui. – disse, chamando a atenção da amiga. – Esta foi com certeza tirada no dia do casamento.

Interessada, Maria Flor aproximou-se de imediato e espreitou por cima do ombro dele.

– Deixa ver. – pediu. Estudou a imagem. – É bonita, a noiva. Sabes se ainda é viva?

– Não faço ideia. – Fez um gesto a indicar o espaço em redor. – Mas, a julgar pela decoração espartana deste apartamento, diria que não.

As restantes fotografias emolduradas e pregadas nas paredes eram igualmente instrutivas sobre a vida do falecido director da CIA. Uma delas mostrava-o no seu gabinete em Langley. Outra colocava-o ao lado de Werner Heisenberg e Erwin Schrödinger, diante de um quadro negro repleto de equações matemáticas rabiscadas a giz, e a seguinte punha-o à conversa com o presidente Dwight Eisenhower na Sala Oval.

À medida que as imagens se sucediam, Frank Bellamy ia envelhecendo; embora sempre magro e seco, começavam a surgir-lhe as primeiras rugas rasgadas nos cantos dos olhos e o cabelo aloirado tornava-se grisalho. Já com meia-idade, aparecia numa recepção em Camp David a cumprimentar o presidente John Kennedy; Jacqueline encontrava-se ao lado do marido com um sorriso evidentemente forçado. Outro *cliché* punha-o no cabo Canaveral diante de um foguetão Saturno, ladeado por Neil Armstrong e Buzz Aldrin, e por cima figurava o retrato de Bellamy à mesa a jantar com Richard Feynman e John Bell, os três com ar festivo e agarrados a copos que transbordavam de champanhe. As últimas duas fotografias eram já bem recentes e mostravam-no

velhote, na primeira a ser condecorado pelo presidente Bill Clinton nos jardins da Casa Branca e na segunda ao lado do presidente Barack Obama e de Hillary Clinton no *situation room* a acompanhar a operação para matar Osama bin Laden.

Depois de contemplar este último retrato, Maria Flor assobiou, impressionada com a sequência de imagens.

– Este tipo era realmente importante, hem?

– Foi durante décadas a fio chefe da Direção de Ciência e Tecnologia da CIA. – aquiesceu Tomás. – Ninguém ocupa tanto tempo um lugar desses se não for um colosso. – Fez um gesto a indicar as molduras nas paredes. – O homem era uma lenda viva.– Suspirou, subitamente abatido. – Deves por isso calcular a gravidade das suspeitas de assassínio que recaem sobre mim. Se acredita mesmo que fui eu quem matou Bellamy, a CIA não me quer preso. Quer-me morto.

A perspectiva não era animadora, mas renovou-lhes o impulso e a determinação de prosseguirem a busca até encontrarem respostas para as charadas que Bellamy deixara na sua última mensagem e no grande pentáculo que remetera de Genebra. Os dois portugueses concentraram por isso a sua atenção naquilo que lhes parecia prioritário e constituía inequivocamente o coração do escritório, a grande secretária de mogno.

Um quadro atrás da secretária emoldurava uma condecoração. A assinatura presidencial mostrava tratar-se da que fora atribuída a Bellamy pelo presidente Clinton. No entanto, a atenção dos dois intrusos incidia sobretudo no que estava pousado sobre a mesa. Encontraram aí três livros, o clássico de Claude Shannon sobre teoria da informação e duas obras de Seth Lloyd e Freeman Dyson, ambas sobre computação.

– O homem era louco por física. – constatou Maria Flor, um tudo-nada decepcionada. – A cabeça dele devia estar cheia de equações e fórmulas.– Esboçou um esgar enjoadado e revirou os olhos. – Que tédio!

– Não te esqueças de que Bellamy era sobretudo um físico. As fotografias que ele tem ali emolduradas mostram-no a conviver com alguns dos físicos mais importantes do século XX, como

Heisenberg, Schrödinger, Bell e Feynman. E estes livros sobre a secretária provam que o tipo continuava actualizado.

Na esquina da secretária havia duas pastas de plástico repletas de papéis, que ambos inspeccionaram. Tomás pegou na pasta azul e constatou que ela continha um documento intitulado *Mind Wave*, com um carimbo *top secret* estampado a vermelho no topo. Folheou o documento e percebeu que se tratava de um estudo sobre efeitos quânticos no funcionamento do cérebro.

Já Maria Flor pegou na segunda pasta. A cobertura de plástico era transparente e guardava um relatório médico feito por uma clínica de Boston.

– Já viste isto? – perguntou ela, interrompendo a análise que o historiador fazia ao documento da pasta azul. – Coitado deste Dare. Só lhe restam uns dois meses de vida.

– Quem?

– É um tipo chamado Daniel Dare. Os médicos diagnosticaram-lhe um cancro no pâncreas. – Suspirou. – Ah, que coisa terrível!

– Mostra lá.

A amiga estendeu-lhe o relatório médico e Tomás examinou-o. O documento continha vários fotogramas de TAC e análises clínicas com marcadores tumorais em nome de Daniel Dare. Na página das conclusões, os médicos da clínica de Boston faziam o diagnóstico de cancro do pâncreas e indicavam a previsão de um máximo de seis meses de vida.

O historiador verificou a data e constatou que o relatório tinha quatro meses, o que significava que, de facto, restariam no máximo dois meses ao paciente.

– Quem é esse tipo? – perguntou Maria Flor, compadecida. – Será um familiar?

O historiador encolheu os ombros e devolveu o relatório ao seu lugar. Sobre a mesa já estava tudo visto, por isso a seguir concentrou-se nas gavetas da secretária. Abriu-as uma a uma e vasculhou nos interiores, sempre em busca de uma pista. A primeira gaveta guardava algumas cartas e muitos postais, que o intruso

vistoriou. Um postal mostrava uma fotografia do Grand Canyon e atrás as palavras With love, assinadas por uma tal Helen.

– Que romântico. – observou a amiga num tom açucarado, espreitando também o postal. – Deve ser a mulher.

– Ou a amante.

– Oh, lá estás tu! – protestou ela com um estalido contrariado da língua. – Vocês, os homens, pensam todos no mesmo!

Depois de responder com uma gargalhada, Tomás passou à segunda gaveta. O interior estava repleto de blocos de notas, todos eles rabiscados com equações matemáticas incompreensíveis. Havia também algumas fotografias de trabalho, incluindo o retrato de um grupo de homens diante da escadaria de um edifício; reconhecia-se Bellamy na ponta esquerda. Já a terceira gaveta guardava pastas com recibos, declarações de impostos, contratos e registos de propriedade. O historiador verificou que, além daquele apartamento em Washington, DC, Bellamy possuía uma fazenda em Savannah, Geórgia, e uma casa de férias nos arredores de Clearwater, Florida. Encontraram também nesta gaveta um envelope atafalhado de notas verdes. Após a contagem, contabilizaram dois mil e duzentos dólares.

– E é tudo. – disse Tomás quando fechou a terceira gaveta. – Receio bem que aqui na secretária não haja mais nada.

– Então o que fazemos?

O historiador olhou em redor e desviou a atenção para a pequena biblioteca que enchia duas estantes.

– Vamos ver ali.

A primeira estante estava repleta de obras de ficção científica. Os dois intrusos examinaram as lombadas e encontraram títulos dos melhores autores do género, sobretudo Robert A. Heinlein, Arthur C. Clarke, Isaac Asimov, Ray Bradbury e Philip K. Dick.

– Não sou grande amante da ficção científica. – revelou Maria Flor. – Prefiro mil vezes as histórias de detectives. Lembras-te da colecção Vampiro? Ah, quando era miúda deliciava-me com a Agatha Christie, o Erie Stanley Gardner, o Edgar Wallace...– Suspirou com nostalgia. – Aquilo é que eram histórias!

Tomás indicou os títulos na estante de Bellamy.

– Pois eu sempre preferi a colecção Argonauta. – disse. – Lembro-me de andar no liceu e ler estes autores todos. O meu livro favorito era o Encontro com Rama, de Arthur C. Clarke. Uma obra-prima.

A parte de baixo da estante era ocupada por algumas revistas antigas de ficção científica, sobretudo exemplares da Astounding, da Amazing e da Tales of Wonder. Havia igualmente resmas de revistas de banda desenhada de ficção científica, com títulos como Flash Gordon, Eagle e Weird Science, que o historiador também folheou.

A seguir passaram à segunda estante e depararam-se com os clássicos da física. Frank Bellamy guardara aí as obras de Max Planck, Werner Heisenberg, Louis de Broglie, Erwin Schrödinger, Richard Feynman, John von Neumann, John Wheeler, John Bell e outros físicos eminentes. O principal destaque, no entanto, ia para os livros de Albert Einstein e de Niels Bohr, emparelhados na prateleira central por uma fotografia do autor das teorias da relatividade ao lado de um outro homem, mais franzino e de aspecto insignificante, ambos a caminharem pela rua.

– Olha o Einstein. – observou ela com ar enternecido, apreciando o *cliché* a preto- -e-branco. – Sabes, sempre tive um fraquinho por ele. Não o achas tão fofinho? – Fez com as mãos um gesto a simular que o afagava. – *Cutchi, cutchi, cutchi!*

– Tem um bocado ar de boneco de peluche, tem. – riu-se Tomás, descobrindo que achava graça às observações da amiga. – Sobretudo quando aparecia com o cabelo desgrenhado...

Maria Flor apontou para o homem ao lado de Einstein.

– Quem é este?

– Niels Bohr. – identificou ele. – Um físico dinamarquês famoso. Esta fotografia foi tirada durante um dos congressos Solvay, em Bruxelas, palco dos famosos duelos entre ambos.

– Duelos? – disse Maria Flor a rir. – Com pistola e...

O historiador fez no ar um gesto vago com a mão. – Duelos é forma de falar. – emendou. – Einstein e Bohr envolveram-se num debate intensíssimo sobre a natureza da realidade e, no fundo, sobre o verdadeiro significado da função de onda simbolizada pelo psi. A realidade existe independentemente de nós ou é construída

pela observação? O real é determinístico ou probabilístico? Foi esta a questão que os opôs nestas conferências.

– Claro que Einstein ganhou...

– Isso é que já não sei. – devolveu Tomás distraidamente enquanto olhava fixamente a imagem. – Por causa do que aconteceu em Bruxelas, a ciência nunca mais foi a mesma.

– Mas porquê? O que se passou nessa conferência assim de tão especial?

– Foi aqui que nasceu o gérmen da ideia de que todas as coisas diferentes que existem são na realidade uma mesma coisa.

– A mesma coisa como? O que queres dizer com isso?

O historiador pegou na fotografia dos dois físicos a caminharem pela rua lado a lado, ambos de chapéu, Einstein de sobretudo e bigode escuro a sorrir para a câmara, Bohr com o sobretudo dobrado no braço esquerdo e a falar, aparentemente embrenhado na conversa. O *cliché* havia sido na verdade tirado por Ehrenfest durante o sexto Congresso Solvay, em 1930, mas parecia perfeito para ilustrar o grande duelo iniciado três anos antes pelos dois titãs.

Tomás recuou um passo para melhor apreciar a imagem. Estudou-a com ar fascinado, imbuído de um misto de admiração e melancolia, como se a mera contemplação do retrato lhe permitisse viajar no espaço-tempo e recuar aos dias mágicos do Outono de 1927, altura em que decorrera o quinto Congresso Solvay e começara o grande confronto entre ambos. Tudo perante dezassete prémios Nobel que se juntaram no Instituto de Fisiologia, no Parque Leopoldo, em Bruxelas. Estavam lá todos os gigantes. Todos. Max Planck, Albert Einstein, Marie Curie, Louis de Broglie, Erwin Schrödinger, Werner Heisenberg, Max Born, Paul Dirac, Wolfgang Pauli... Eram a fina flor da física do século XX, não faltava ninguém.

Desfocando o olhar para o infinito com uma expressão sonhadora, como se tivesse mergulhado em transe, Tomás resumiu o processo desencadeado no quinto Congresso Solvay numa curta frase.

– O universo é uno.

XLVIII

A atenção de Peter estava colada ao monitor da sala de pânico, a acompanhar o que se passava no resto do apartamento com crescente perplexidade. Observara os dois intrusos a revistarem o espaço para se assegurarem de que não se encontrava ali ninguém e a concentrarem-se por fim no escritório. Vira-os a estudarem as fotografias emolduradas, a examinarem a secretária, a vasculharem nas gavetas e a espreitarem os livros nas estantes, mas o que mais o espantou foram os diálogos entre eles.

– Quem é esta gente? – interrogou-se, atónito, esforçando-se por ler a resposta nas imagens de videovigilância que o ecrã lhe mostrava. – Quem os mandou cá?

Quando os começara a ouvir falar, o medo dera gradualmente lugar à surpresa. De início pareceu-lhe que dialogavam em russo e perguntou a si mesmo se estaria perante um comando da *Sluzhba Vneshney Razvedki*, ou SVR, a agência russa de espionagem que

sucedera à Primeira Direcção do KGB. Depois de escutar melhor, contudo, chegou à conclusão de que os assaltantes não falavam russo. Seria outra língua eslava com sonoridade semelhante, como o búlgaro ou o polaco? Isso não faria sentido, pensou de imediato, até porque esses países estavam agora muito alinhados com os Estados Unidos.

E se não fossem escravos? A hipótese abriu-lhe um mar de novas possibilidades. Prestou redobrada atenção às palavras que lhe chegavam pelos altifalantes e de repente lembrou-se de que tinha ouvido coisas parecidas durante uma missão que levara a cabo anos antes no Rio de Janeiro. Os assaltantes, tomou subitamente consciência, falavam portugueses.

– Jeez! – murmurou, estupefacto com a descoberta. – Também há brasileiros metidos nesta história?

Os acontecimentos tomavam um rumo absolutamente inesperado. Após um longo momento de torpor, em que ficou paralisado diante do monitor a tentar perceber o que realmente se estava a passar e a estudar as opções diante dele, Peter tomou uma decisão. Tinha de tirar o assunto a limpo.

A primeira coisa que fez foi agarrar no telefone para ligar à polícia. Depois de ter digitado dois números, porém, devolveu o auscultador ao seu lugar. O melhor que tinha a fazer, considerou, pensando melhor, era encarregar-se ele próprio do caso. Apesar de esse não ser o seu trabalho, a verdade é que havia recebido treino adequado para actuar em situações semelhantes e não seriam dois meliantes recrutados numa favela qualquer que o iam assustar.

Dirigiu-se ao armário da sala de pânico e abriu as portas de par em par. No interior havia duas espingardas automáticas e diversas pistolas de vários calibres. Escolheu uma *Smith & Wesson* M&P40, armou-a e meteu-a no coldre que prendeu à cintura. Depois pendurou duas algemas metálicas no cinto. Por fim pegou numa espingarda automática M16, encaixou-lhe o carregador e deixou-a em estado de prontidão.

Já devidamente armado, dirigiu-se à saída da sala de pânico e carregou no botão verde na parede. A porta abriu-se com um

zumbido e Peter cerrou os dentes no momento em que cruzou a passagem e meteu o pé no corredor do apartamento.

– Agora nós.

XLIX

O velho *cliché* de Einstein e Bohr a caminharem lado a lado foi devolvido à prateleira, mas os dois intrusos permaneceram diante da estante a admirá-lo, como se o pequeno rectângulo de papel fosse na verdade uma janela do tempo e lhes permitisse espreitar o que sucedera em 1927 no famoso quinto Congresso Solvay. As palavras acabadas de proferir por Tomás encheram Maria Flor de curiosidade, sobretudo porque ela se habituara a esperar dele raciocínios sólidos, não fantasias místicas.

– O universo é uno? – admirou-se. – O que queres dizer com isso?

O historiador fez um gesto que englobou todo o escritório e o que estava para lá dele.

– Que a variedade que vemos em nosso redor não passa de uma ilusão. – retorquiu. – As partículas estão entrelaçadas entre elas, apesar de parecerem separadas pelo espaço e pelo tempo. Tudo isso é ilusório, as coisas são todas a mesma apesar de se nos apresentarem como sendo diferentes. O quinto Congresso Solvay deu o tiro de partida para essa grande descoberta científica que as pessoas em geral ainda desconhecem.

Maria Flor não se conformou com a explicação. O que lhe era dito parecia-lhe de tal modo extraordinário que, se não o tivesse ouvido da boca de Tomás, não acreditaria.

– Isso tem alguma relevância para a compreensão das charadas deixadas pelo director da CIA que morreu?

– Creio que sim.

– Então o que aconteceu assim de tão importante nessa conferência?

Com um gesto lento, Tomás estendeu o braço e retirou um livro da estante. Tratava-se de um volume em alemão intitulado *Die Ableitung der Strahlungsgesetze*, da autoria de Max Planck.

– Como já te contei em Lisboa, a teoria quântica nasceu de uma explicação bizarra feita por Max Planck em 1900 da radiação emitida pelos corpos negros. – recordou. – No que mais tarde descreveu como ‘um acto de desespero’ para tentar explicar o inexplicável, Planck avançou com a possibilidade de as fontes de luz emitirem energia em pacotes, ou *quanta*. Só assim se conseguiam explicar as propriedades da radiação, mas a ideia era de tal modo extravagante que ninguém a levou a sério. – Apontou para a lombada de um outro livro arrumado na estante, este de Albert Einstein. – À excepção deste senhor. Ao analisar o efeito fotoeléctrico em 1905, Einstein retomou a ideia de Planck e levou-a mais longe ao dizer que a própria luz existia, não de forma contínua, mas em pacotes de partículas. Os tais *quanta*.

– Tudo isso já explicaste anteontem, quando estávamos no laboratório da Gulbenkian.

– É verdade. – concedeu ele. – Mas era importante recordar estas duas primeiras descobertas para entenderes o que tenho para te dizer a seguir. Repara que, ao falarem em energia e em pacotes, ou *quanta*, Planck e Einstein criaram inadvertidamente a teoria quântica. Isso é uma grande ironia, uma vez que ambos morreram a acreditar que a realidade é diferente daquela que é descrita pela teoria que eles próprios fundaram.

Maria Flor abanou a cabeça.

– O que queres dizer com isso? Eles não acreditavam no que tinham descoberto?

O historiador apontou para a fotografia de Einstein e Bohr a caminharem lado a lado.

– Foi só por alturas do quinto Congresso Solvay, em 1927, que as implicações reais das suas descobertas se tornaram claras. – exclamou. – Repara, Einstein e Planck eram cientistas clássicos que tinham a convicção de que a realidade é exterior a nós, que o mundo existe independentemente da nossa presença e que tudo o que acontece tem uma causa específica e um funcionamento determinístico, como se o universo fosse uma espécie de relógio gigante em que todos os acontecimentos têm uma origem e em que a relação causa-efeito é universal. De certo modo tiveram no princípio a intuição de que a hipótese dos *quanta* desafiava a visão clássica, mas não imaginaram que ela provocasse tamanha revolução.

– Então quando é que as coisas se alteraram completamente?

– Foi aos poucos. – Indicou a imagem do homenzinho que caminhava ao lado de Einstein numa rua de Bruxelas. – Depois de Planck e Einstein terem dado o tiro de partida, entrou em campo este fulano. Niels Bohr era um dinamarquês que em 1912 foi a Manchester fazer um estágio com Ernest Rutherford, o físico que no ano anterior havia descoberto a estrutura planetária dos átomos. Existia um problema, no entanto, que Rutherford não estava a conseguir resolver. É que, seguindo as equações clássicas de Newton e Maxwell, concluía-se que, após despendarem a sua

energia, os electrões que orbitavam o núcleo do átomo teriam obrigatoriamente de cair nele num bilionésimo de segundo. Mas no mundo real isso não estava a acontecer. Como explicar esse mistério? Bohr pegou no assunto e, numa jogada muito ousada, passou por cima das equações de Newton e de Maxwell, coisa que naquela altura era impensável, e inspirou-se na ideia dos *quanta* para estabelecer que havia um número limitado de orbitais que os electrões podiam ocupar, e que quando perdiam energia passavam em saltos quânticos de uma orbital maior para uma menor até atingirem uma orbital mínima abaixo da qual não podiam ir, o que explicava que não caíssem no núcleo do átomo. O físico dinamarquês fez cálculos e previsões que as sucessivas experiências confirmaram na íntegra, provando-se deste modo que o modelo era verdadeiro.

– Foi assim que se explicou a estabilidade dos átomos?

– Isso mesmo. O problema é que ao explicar este enigma Bohr criou outros ainda maiores. Para dizer a verdade, foi nesta altura que alguns físicos começaram a mostrar-se perturbados com a teoria quântica. Então os electrões saltavam de uma orbital para outra, ou de um estado energético para outro, sem passarem pelas orbitais ou pelos estados intermédios? Que bizarria vinha a ser aquela?

Maria Flor riu-se.

– De facto, imagino que na altura isso parecesse estranho. – observou. – Caramba, ainda hoje é estranho!

Depois de devolver à estante o livro de Max Planck, o historiador retirou de uma prateleira outras duas obras em alemão. Tratava-se de *Quantentheorie und Philosophie: Vorlesungen und Aufsätze*, de Werner Heisenberg, e *Geist und Materie*, de Erwin Schrödinger.

– As implicações da descoberta de Bohr geraram um sururu entre os físicos. Nada daquilo batia certo com a teoria conhecida, pelo que os cientistas perceberam que era necessário desenvolver uma nova teoria que explicasse as observações experimentais. O desafio foi assumido em 1925 por um discípulo de Bohr, o jovem físico alemão Werner Heisenberg, que se isolou na ilha alemã de

Helgoland e se concentrou nas frequências das linhas espectrais produzidas pelos saltos quânticos dos electrões. Ao fim de alguns dias desenvolveu uma matemática de matrizes baseada exclusivamente nas relações entre propriedades observáveis. Heisenberg, que depois contou com a ajuda de Max Born e Pascual Jordan para concluir este trabalho, criou assim a mecânica quântica, capaz de fazer previsões que batiam certo com as observações que andavam a ser feitas e que até aí não tinham explicação satisfatória. Iniciou-se assim a segunda revolução quântica.

A amiga apontou para o segundo livro.

– E qual foi o papel de Schrödinger?

– Schrödinger entrou em cena quase ao mesmo tempo. Louis de Broglie inspirara-se na dualidade onda-partícula da luz para sugerir que também a matéria, além de partícula, poderia ser onda. A ideia agradou inicialmente a Einstein e depois a Schrödinger, que achava que o conceito de onda eliminaria os perturbadores saltos quânticos preconizados por Bohr porque as ondas são fluidas e apresentam continuidade. Durante uma conferência sobre a proposta feita por De Broglie, um físico chamado Pieter Debye observou de passagem que a física das ondas tem normalmente uma equação de onda que a descreve. Ao ouvir isto, Schrödinger pensou que deveria ser possível criar uma equação que descrevesse as ondas quânticas, pelo que deitou mãos à obra. Desenvolveu a mecânica das ondas quânticas no final de 1925 e publicou a sua famosa equação em 1926.

Maria Flor folheou o bloco de notas do amigo e apontou para o – VF – que ele desenhara em Lisboa.

– É essa equação que fala na tal função de onda?

– Nem mais. – confirmou Tomás. – Schrödinger representou a função de onda com o ψ . Einstein felicitou-o e começou por mostrar entusiasmo pela mecânica ondulatória da função de onda. Acontece que Schrödinger se apercebeu de que a sua equação descrevia a mesma realidade que era descrita pela mecânica das matrizes de Heisenberg. Foi um choque.

– Portanto eram duas mecânicas iguais.

– Não, eram diferentes. Porém, descreviam a mesma realidade. O que se tornou desconcertante foi que abordavam aspectos aparentemente contraditórios da realidade. A mecânica de Heisenberg usava álgebra de matrizes e descrevia partículas, apresentando saltos quânticos, interrupção de causalidade e descontinuidade no mundo atómico, enquanto a mecânica de Schrödinger usava mecânica ondulatória e descrevia ondas, apresentando evolução fluida, causalidade e continuidade. Pareciam portanto diferentes em forma e conteúdo. No entanto, ambas davam respostas correctas quando aplicadas aos mesmos problemas. Eram tecnicamente equivalentes, embora apresentassem a realidade física de maneira diferente.

– Isso é estranho. – constatou ela. – Como podiam estar as duas correctas se apresentavam a realidade de forma tão diferente? Ou a realidade é contínua ou é descontínua, ou é causal ou não é causal, ou há fluidez ou há saltos quânticos...

– ... ou é onda ou é partícula.

A observação de Tomás, feita com um sorriso, soou familiar a Maria Flor.

– A resposta está na experiência das duas fendas?

– A experiência das duas fendas encerra todo o mistério do mundo quântico. – confirmou ele. – Acontece que Schrödinger percebeu que havia um problema sério com a sua função de onda. Onde estava exactamente a onda? Como se sabe, as ondas não se situam num sítio único, em geral são uma perturbação que transporta energia. As ondas do mar são constituídas por moléculas de água e as ondas de som por moléculas de ar. Mas o que constituía as ondas de luz e as ondas de matéria? Eram feitas de quê? Schrödinger propôs que a função de onda de um electrão, por exemplo, estava ligada a uma distribuição de carga eléctrica, uma espécie de nuvem que viaja pelo espaço. A dualidade partícula-onda, na opinião de Schrödinger, não passava de uma ilusão. Na realidade só havia onda. Porém, descobriu-se que esta descrição violava o limite da velocidade da luz. Além do mais, não elucidava fenómenos como a lei da radiação de Planck, o efeito fotoeléctrico e o efeito Compton, que só são explicáveis pela existência de

partículas, pelo que depressa se percebeu que esta hipótese não era correcta.

– Então qual é a resposta correcta? A onda quântica é afinal feita de quê?

– Isso é um grande mistério, como já te expliquei em Lisboa. Se a função de onda não representa ondas reais no espaço tridimensional, representa o quê? Ainda hoje o tema suscita perplexidade. Foi Max Born, inspirando-se num conceito proposto por Einstein, designado campo ondulatório fantasma, que deu a resposta mais aceite. Disse ele que a equação de Schrödinger lida com ondas de probabilidade. Ou seja, a equação apenas dá probabilidades de a matéria aparecer em qualquer parte da onda. O preço a pagar por esta solução, como é evidente, é que põe em causa a existência real da onda e as relações de causa-efeito determinísticas. Pior ainda, logo a seguir veio Niels Bohr insinuar que, até ser feita uma observação, o electrão nem sequer existe. Entre uma medição e outra, um electrão não tem existência fora das possibilidades abstractas fornecidas pela função de onda. Isto é, não só a equação de Schrödinger não interdita os insuportáveis saltos quânticos que o seu criador pensava ter resolvido, como a onda nem sequer tem existência real!

A amiga riu-se.

– Imagino que Schrödinger não tenha ficado nada contente...

– Contento? Caramba, estas conclusões foram uma verdadeira bomba! – exclamou. – Contradiam frontalmente a física clássica de Newton e todo o bom senso. Para agravar as coisas, meses mais tarde, já em 1927, Heisenberg estabeleceu o princípio da incerteza, segundo o qual não é possível determinar com rigor e simultaneamente a posição e a velocidade de uma partícula. Quando se determina a velocidade exacta, a posição literalmente não existe, e vice-versa. Não é possível prever o percurso passado e futuro de uma partícula porque, nas palavras de Heisenberg, ‘o percurso apenas ganha existência quando o observamos’.

– Recuso-me a acreditar nisso. O que ele quis decerto dizer foi que se desconhece o percurso passado da partícula...

– Não, Flor. É mais do que isso. Esse percurso não existe mesmo. Percebes o que Heisenberg verdadeiramente proclamou? É a observação que faz com que o percurso da partícula ganhe existência real!

Maria Flor abriu a boca.

– Valha-me Deus!

– No mesmo ano, Bohr estabeleceu o princípio da complementaridade, segundo o qual um electrão ou a luz ou qualquer outro objecto quântico é partícula ou é onda em função da experiência que se leva a cabo, mas nunca é as duas coisas ao mesmo tempo. Ou seja, a realidade é criada em função do tipo de experiência que se decide fazer. *‘Não existe mundo quântico’*, chegou Bohr a proclamar. *‘Há apenas uma descrição da mecânica quântica abstracta.’* Como deves calcular, uma coisa destas era demasiado chocante para os cientistas habituados a acreditar na existência da realidade independente da observação e nas relações determinísticas de causa-efeito. A equação de Schrödinger, o princípio da incerteza de Heisenberg, o princípio da complementaridade e os saltos quânticos dos electrões no modelo atómico de Bohr deixaram os físicos à beira de um ataque de nervos.

Maria Flor apontou para a fotografia de Einstein e Bohr a caminharem lado a lado.

– Foi então que começou o tal duelo...

– Isso mesmo. Os maiores físicos do mundo reuniram-se todos em Outubro de 1927 no quinto Congresso Solvay para discutir estas descobertas perturbadoras e o seu significado filosófico. Que história é esta de os electrões andarem a pular instantaneamente entre orbitais e de saltarem de um estado para outro sem passarem por estados intermédios? Que disparate é este de o princípio da incerteza dizer que a posição e a velocidade de um objecto quântico não têm existência real simultânea, que quando uma existe a outra não existe? Que loucura é esta de a equação de Schrödinger mostrar que um electrão ou um átomo podem estar em múltiplos sítios ao mesmo tempo e que aparecem num sítio por probabilidade e não por necessidade determinística? Que onda fantasma é esta

que aparece nessa equação? O que vem a ser tudo isto? Schrödinger sentia-se devastado com as inesperadas implicações da sua equação e arrependia-se já de a ter concebido. Planck e De Broglie abanavam a cabeça, incrédulos, e Einstein... oh, Einstein estava estupefacto. Inicialmente aprovara a ideia da onda e chegara até a aventar a possibilidade de haver o que descreveu como um *'campo fantasma'* a servir de onda, mas desconfiava da ideia de que a natureza era probabilística, e sobretudo recusava-se a aceitar que a realidade não tinha existência objectiva. Einstein acusou Bohr e os seus apoiantes de evitarem a realidade física, e escreveu: *'Não posso suportar o pensamento de que um electrão, exposto a um raio de luz, escolha, por sua própria livre decisão, o momento e a direcção na qual irá saltar.'* – Pois, a ideia de um electrão ter livre-arbítrio é realmente estranha... – O livre-arbítrio do electrão é uma maneira de falar, claro. Einstein questionava que as coisas acontecessem sem causalidade determinística e em particular que a realidade não tivesse existência objectiva e fosse dependente da observação. O facto, porém, é que as experiências, o princípio da incerteza e a equação de Schrödinger mostram que as coisas não acontecem por necessidade determinística, mas por probabilidade, e que a realidade tem uma essência aleatória e a sua natureza depende da forma como é observada. De modo que estas duas posições, a clássica e a quântica, entraram em colisão frontal nesse quinto Congresso Solvay, expondo uma cisão profunda e irreversível no mundo da física.

– Ena, deve ter sido uma guerra e peras! – sorriu ela. – Quais eram as linhas de força?

– De um lado juntavam-se os físicos clássicos, cientistas estabelecidos que acreditavam que a realidade existe independentemente da observação e que tudo tem um comportamento determinístico do tipo causa-efeito. Este grupo incluía Planck, Schrödinger e De Broglie, e era encabeçado por Einstein. Do outro lado da barricada encontrava-se a nova geração de físicos quânticos, miúdos que defendiam que a observação cria parcialmente a realidade e que o comportamento da matéria não é determinístico, mas intrinsecamente probabilístico. Alinhavam nesta

ideia inacreditável os físicos mais novos, jovens turcos como Heisenberg e Pauli, liderados por Bohr e apoiados por um dos mais velhos, Born.

Maria Flor fez um gesto a indicar a fotografia que mostrava Einstein e Bohr lado a lado.

– Foi aí que ocorreu o tal duelo de que falavas há pouco...

– Precisamente. – anuiu enquanto devolvia à prateleira os livros que de lá tirara. – Os dois engalfinharam-se numa longa discussão sobre a natureza da realidade. Os tiros de abertura deste confronto em Bruxelas foram dados quando Born e Heisenberg fizeram uma apresentação formal em que, na conclusão, afirmaram de forma deliberadamente provocadora que a mecânica quântica era uma teoria fechada. Isso significava que a teoria estava completa e, segundo eles, nenhuma descoberta futura alteraria os seus traços fundamentais. Ao ouvir isto, Einstein riu-se. Questionado por Ehrenfest, confidenciou: *‘Rio-me da ingenuidade deles.’* O desafio estava lançado. Einstein permaneceu calado durante as sessões formais. Apenas interrompeu o silêncio para ir ao quadro desenhar um esquema da experiência das fendas e chamar a atenção para o facto de que, se a função de onda se espalhava pelo espaço e o seu colapso era instantâneo quando eram observadas, isso significava que as partículas, ao formarem-se no ecrã, violavam o limite da velocidade da luz. Depois regressou ao silêncio durante as sessões e só o interrompeu mais uma vez para fazer uma pergunta. Nos dias seguintes, contudo, juntava-se aos seus colegas à mesa do pequeno-almoço no Hotel Métropole e apresentava problemas que se destinavam a demonstrar que a teoria quântica, além de permanecer incompleta, o que contradizia a declaração inicial de Heisenberg e Born, era até incoerente, e portanto errada. Bohr escutava-o com atenção e, depois de ao longo do dia conferenciar em privado com Heisenberg, Born e Pauli, ao jantar dava a esses problemas uma solução pormenorizada. Este debate começou nesta conferência em Bruxelas e prolongou-se por alguns anos.

– Mas o que discutiam eles exactamente?

– A posição de fundo de Einstein era que o mundo existe independentemente de nós e tudo tem uma relação causa-efeito. Se o princípio da incerteza e as experiências mostram que a realidade não tem existência objectiva, isso não acontece porque a realidade é genuinamente criada pela observação, mas porque os instrumentos da observação prejudicam a própria observação ou porque há variáveis ainda não descobertas que explicam o estranho comportamento da matéria. Quanto à onda de probabilidades da equação de Schrödinger, ela resulta dos limites dos nossos conhecimentos. A matéria não aparece espontânea e aleatoriamente num qualquer ponto da onda, mas porque alguma coisa a forçou a surgir ali e o facto de não conhecermos a causa não impede que exista de facto uma causa. O comportamento probabilístico não passa de uma ilusão criada pela nossa incapacidade de ver as relações de causa-efeito a um nível microscópico. Mas a realidade não é probabilística, é determinística, porque Deus não joga aos dados.

– Faz sentido...

– Pois, mas insisto que não é isso o que a equação de Schrödinger e o princípio da incerteza de facto nos dizem, nem é isso o que as experiências nos revelam, como te demonstrei em Lisboa com a experiência das duas fendas. Insisto que, quando as experiências e os cálculos matemáticos contradizem o bom senso e a nossa intuição, a experimentação e a matemática ganham sempre, como sucedeu quando Copérnico defendeu que a Terra girava à volta do Sol e não o contrário. Foi por isso que Bohr, ao ouvir Einstein afirmar que Deus não joga aos dados, respondeu: *'Einstein, pare de dizer a Deus o que ele deve ou não fazer!'* O que Bohr quis explicar foi que a realidade é o que é, não o que nós idealizamos. Os cálculos matemáticos e as experiências sugerem que a observação cria parcialmente a realidade, que as partículas dão saltos quânticos sem passarem por estados intermédios, os quais nem sequer existem, e ocupam diversas posições e estados ao mesmo tempo, e que a matéria altera o seu estado ou a sua posição de forma realmente espontânea e imprevisível, sem uma causa determinística que o justifique, pelo que o seu comportamento

só pode ser previsto em termos de probabilidades. Isto não acontece devido às limitações da nossa observação, mas porque a realidade é genuinamente aleatória. Se não vemos a causa determinística de alguns acontecimentos quânticos não é porque a desconhecemos, mas porque ela não existe de facto. As partículas podem dar saltos quânticos sem uma causa determinística que as obrigue a isso. Pior ainda, a realidade não tem existência sem observação. Da mesma maneira que Bohr declarou que *‘o mundo quântico não existe’* e que *‘uma realidade independente no sentido físico comum não pode ser atribuída ao fenómeno nem às agências de observação’*, Heisenberg explicou que *‘os átomos ou as partículas elementares não são reais; formam um mundo de potencialidades ou possibilidades’*, e Pascual Jordan esclareceu que a observação não se limita a perturbar o objecto quântico que está a ser medido — a observação cria esse objecto. Daí que Bohr tenha concluído que, se uma pessoa não se sentir chocada com a física quântica, é porque não a compreendeu verdadeiramente. Quem a entende não pode deixar de ficar estarrecido.

– Isso são realmente perspectivas irreconciliáveis. – reconheceu Maria Flor. – Qual foi o desfecho do debate?

O olhar de Tomás voltou a desviar-se para a fotografia de Einstein e Bohr a caminharem lado a lado.

– Adivinha qual dos dois venceu.

L

Temendo o pior, Peter manteve a porta da sala de pânico aberta, embora soubesse que na verdade não havia retorno. Com a espingarda automática voltada para a frente, percorreu o corredor pé ante pé, os sentidos alerta, o olhar a vaguear pelas sombras, os ouvidos atentos aos sons. Depois de dobrar a primeira esquina, todavia, o hálito de luz proveniente da sala de pânico deixou de banhar o corredor, cegando-o. Deteve-se. O espaço em redor dele estava mergulhado na escuridão mais completa, pelo que fez um compasso de espera para que os olhos se habituassem à obscuridade.

O processo de adaptação à treva demorou um minuto, ao fim do qual começou a destrinçar as formas. Ganhando confiança, retomou a progressão lenta. O apartamento era grande e o corredor constituía a sua espinha dorsal, atravessando-o de uma ponta à outra, mas já tinha percorrido mais de metade e sabia que depois da esquina seguinte se encontrava a porta do escritório.

Chegou à esquina e espreitou para o outro lado. Tal como esperava, viu a porta do escritório aberta e a luz acesa no interior. Atraído por um movimento, o olhar de Peter pousou no chão. Observou o rectângulo de luz do escritório a espalhar-se pela alcatifa e, como um espectro, o recorte negro de uma sombra a movimentar-se dentro do rectângulo. Tratava-se evidentemente de um dos assaltantes.

A visão provocou-lhe um baque no peito. Uma coisa era ver os intrusos no monitor da sala de pânico, como personagens distantes de um programa televisivo qualquer, e outra completamente diferente era estar ali, constatar que a luz do escritório estava mesmo acesa e surpreender a sombra de um assaltante recortada no chão, encarar o facto de que havia desconhecidos a uns meros

quatro ou cinco metros de distância. Aquilo com que tinha de lidar já não era uma simples imagem no ecrã, mas a própria realidade.

Dobrou a esquina, sempre cosido à parede, e aproximou-se da porta. Ouviu os primeiros sons do interior, o mesmo linguajar que no início lhe parecera russo e agora sabia tratar-se de português. Teria gostado de perceber a conversa, isso permitir-lhe-ia descobrir quem eram e o que queriam os assaltantes, mas o facto é que não entendia a língua.

Dentro de três segundos iria atacar, decidiu. A contagem começou na sua mente.

– Três...

Concentrar-se-ia primeiro no homem. Parecia-lhe mais perigoso e teria de ser logo neutralizado.

– Dois...

Se algum deles resistisse, não hesitaria. Seria de imediato abatido com uma bala na testa.

– Um...

Destrancou o travão da M16 e encaixou o dedo no gatilho. Mais importante, deixou o seu treino de combate tomar conta dele.

– Agora!

LI

Estudando na estante do escritório a fotografia de Einstein e Bohr a caminharem juntos numa rua de Bruxelas, Tomás pensou que nada faria supor que ambos estavam nessa altura embrenhados num aceso debate sobre a natureza mais profunda da realidade. Corpulento e de bigode escuro e farfalhudo, Einstein mostrava-se sorridente e descontraído, enquanto o pequeno dinamarquês, tenso e compenetrado na conversa, quase parecia ter de correr para conseguir manter-se ao lado do seu companheiro e adversário.

– Quem ganhou o duelo?

A pergunta de Maria Flor, sabia Tomás, tinha uma resposta clara, mas preferiu deixá-la para mais tarde, para quando ela já a pudesse compreender.

– Tens de perceber que, para a grande maioria dos físicos, a questão se resolveu de uma maneira simples. – disse ele. – A teoria quântica não faz de facto muito sentido, é absurda e chocante, mas a verdade é que todos os seus cálculos batem certo com a realidade. Todos. O raciocínio de muitos físicos foi este: o melhor é fazermos os cálculos e ignorarmos o seu significado. Um determinado cálculo mostra que uma partícula está em duzentos sítios ao mesmo tempo? O princípio da complementaridade demonstra que um electrão pode ser partícula ou onda dependendo da forma como o observador decide detectá-lo? A mecânica quântica sugere que uma partícula não tem existência real se não for observada? Azarinho. Vamos ignorar essas implicações inacreditáveis e fazer o cálculo na mesma. Façamos de conta que é tudo normal. Se não nos preocuparmos com o significado desconcertante destes cálculos e destas experiências, tudo correrá bem. Se algum físico novato nos disser *‘este resultado não pode ser porque significa que o electrão viajou por todos os caminhos ao*

mesmo tempo e coisa e tal', respondemos-lhe: *'Cala-te e faz as contas!'* Desde que bata tudo certo, não nos preocuparemos com as estranhas implicações dos cálculos e das experiências.

– Einstein também alinhou nessa conversa?

Tomás abanou a cabeça.

– Tal como Schrödinger, Einstein não aceitou ignorar as profundas implicações filosóficas da teoria quântica. O que mais o perturbava na física quântica era a ideia de que o real não existe se não for observado. Pura e simplesmente recusava-se a aceitar isso. Achava que o mundo é determinístico, que a realidade tem uma existência objectiva e que as coisas não acontecem espontânea ou probabilisticamente, mas devido a uma causa determinística. Se a teoria quântica dizia que a realidade era casual, não causal, e que só existia se fosse observada, é porque essa teoria estava incompleta e um dia descobrir-se-á algo que demonstrará que o universo microscópico existe independentemente da observação e que a realidade se guia por relações determinísticas de causa-efeito. Já Bohr argumentava que a teoria quântica era coerente, enquanto Heisenberg e Born iam ao ponto de proclamar que ela estava fechada e completa. A casualidade não se deve às limitações do nosso conhecimento, argumentou Bohr, mas à própria natureza mais profunda da realidade. O duelo entre ambos começou nesse quinto Congresso Solvay e prolongou-se por muitos anos. Na tentativa de sair do impasse, Einstein apresentou uma série de problemas e exemplos que, segundo ele, mostravam que a teoria quântica estava errada ou, para utilizar uma expressão menos ofensiva, era incoerente, mas Bohr resolveu-os um a um.

– Chegaram a alguma conclusão?

– Bohr acabou por convencer Einstein de que a teoria quântica era de facto coerente, pelo que, a partir de 1930, o autor das teorias da relatividade reconheceu que a nova teoria apresentava a verdade. – Ergueu o dedo, fazendo uma ressalva. – Mas só parte da verdade. Em bom rigor, Einstein passou a pensar que a teoria quântica, embora verdadeira e coerente, permanecia incompleta porque faltava descobrir variáveis que explicavam as bizarras. O tira-teimas ocorreu em 1935, ano em que Einstein enviou a Bohr o

seu último e mais importante problema. Trabalhando com dois outros físicos, Podolsky e Rosen, concebeu o que é hoje conhecido por *paradoxo EPR*, as iniciais dos seus três criadores. A ideia deste problema, que em última instância se destinava a mostrar que era possível uma partícula existir sem ser observada, partia de uma até então pouco conhecida propriedade da física quântica, a de que uma partícula influencia instantaneamente outra partícula com a qual está relacionada, seja qual for a distância a que elas se encontrem uma da outra.

– Instantaneamente? – admirou-se a amiga. – Isso não é possível! Se uma partícula estiver aqui na Terra e outra estiver do outro lado da Via Láctea, por exemplo, não se podem influenciar instantaneamente. Mesmo à velocidade da luz, a informação leva milhares e milhares de anos a chegar ao destino, pelo que a influência não pode ser instantânea. É preciso respeitar os limites da velocidade da luz, como sabes.

– Justamente o argumento de Einstein. Acontece que uma das consequências da teoria quântica é que as partículas relacionadas se influenciam ao mesmo tempo, independentemente da distância a que estão uma da outra, violando assim aparentemente o limite da velocidade da luz. Einstein pôs Bohr perante um dilema: ou as partículas eram criadas pela observação e tinham um comportamento que violava os limites da velocidade da luz e da causalidade local, ou já existiam antes da observação e consequentemente a teoria quântica permanecia incompleta. Ele achava que o paradoxo demonstrava a segunda hipótese, porque a primeira não fazia o menor sentido, era de tal modo impensável que a apelidou de *spukhafte Fernwirkung*, ou ‘*acção fantasmagórica à distância*’.

– E tinha razão, é óbvio.

– Mas não foi isso o que seu adversário respondeu. Ao ser confrontado com este paradoxo, Bohr acabou por assumir que a observação definia ontologicamente uma partícula e que a influência entre as partículas era de facto instantânea. A observação de uma partícula fazia colapsar não apenas a sua função de onda, mas também e no mesmo instante a função de onda da outra partícula

com a qual estava relacionada, fosse qual fosse a distância que as separasse, uma vez que havia indivisibilidade nos objectos quânticos em causa. Assim, a teoria quântica não era incompleta.

– Não pode ser! – insistiu Maria Flor. – Se a teoria quântica prevê uma coisa dessas, é evidente que está incompleta! Einstein tinha razão!

O tom convicto que ela imprimiu às suas palavras provocou uma ligeira hesitação em Tomás. Deveria levar a explicação até ao fim? Respirou fundo. Porque não?

– O *paradoxo EPR* era realmente poderoso e Einstein gracejou com a resposta de Bohr, dizendo que a comunicação instantânea entre as partículas devia ser '*telepática*'. Pensou que a comunidade científica se poria enfim do seu lado neste debate. Não foi isso, contudo, o que aconteceu. Depois do quinto Congresso Solvay, os físicos chegaram à conclusão de que quem tinha razão era Bohr e os seus apoiantes, todos eles adeptos do que foi designado interpretação de Copenhaga, sobretudo porque tudo o que diziam ia sendo confirmado pelas sucessivas experiências.

– Então e as bizarras quânticas? Não atrapalhavam ninguém?

– Claro que atrapalhavam. Como já te expliquei, o que muitos físicos fizeram foi ignorar as consequências filosóficas dessas bizarras. A teoria quântica sugeria que a matéria não tinha existência real antes e depois de ser observada, pelo que é a consciência que cria parcialmente a realidade e que um electrão podia estar em muitos sítios ao mesmo tempo? Muitos cientistas resolveram ignorar isso, alegando que a consciência não é um problema da física e limitando-se a usar a equação de Schrödinger para fazer os cálculos. Era como se, para ultrapassarem o problema, e uma vez que não o podiam eliminar, o tivessem varrido para debaixo do tapete. Como assim não o viam, fingiam que não existia. Qualquer físico que se atrevesse a tocar no assunto e quisesse perceber melhor as bizarras do mundo quântico arriscava-se a ser olhado de lado pelos colegas e, pior do que isso, pelos superiores hierárquicos. Quanto menos se pensasse nos mistérios escondidos debaixo do tapete, melhor.

Maria Flor esboçou um esgar.

– Essa atitude não me parece lá muito científica...

O historiador afastou-se uns passos e dirigiu-se a uma das fotografias emolduradas que vira meia hora antes pregada na parede do escritório, aquela que mostrava Frank Bellamy numa mesa em ambiente alegre com Richard Feynman e John Bell, todos com copos de champanhe nas mãos.

– Os físicos estavam desconcertados com as implicações filosóficas das bizarras quânticas e com o envolvimento da observação na criação da realidade, pelo que optaram por se concentrar nos cálculos e ignorar tudo o resto. – Apontou para o rosto de um dos físicos sentados à mesa com Bellamy. – A exceção foi este irlandês. John Bell trabalhava no CERN e, num dia de 1965, quando se encontrava a gozar um ano de sabática e longe da pressão intimidatória e da censura dos colegas, pôs-se a estudar os fundamentos da teoria quântica. Acreditava que Einstein tinha razão neste debate e que a realidade existe independentemente da observação, mas sabia que, por estranho que isso pareça, não havia nenhuma prova em seu favor. É que o paradoxo EPR, embora na sua opinião mostrasse que a física quântica estava incompleta, não passava de uma hipótese teórica que nunca tinha sido testada. Bell foi o físico que concebeu esse teste, uma experiência real que poderia ser realizada num laboratório e que foi teorizada no que hoje se conhece por teoremas de Bell.

– Essa experiência foi feita?

– Claro que sim, e muitas vezes. Baseando-se numa ideia de David Bohm sobre a existência de '*variáveis escondidas*' que explicariam as bizarras quânticas, Bell concebeu uma maneira de testar o *EPR*. Se as experiências revelassem a existência dessas variáveis escondidas, a realidade existia independentemente da observação e não podia haver influências instantâneas que violassem a velocidade da luz, assim se demonstrando que Einstein tinha razão e Bohr estava errado. Por outro lado, se as variáveis escondidas não existissem, a teoria quântica estava certa e Einstein errado. A primeira experiência foi levada a cabo por John Clauser em 1972 e melhorada em 1974 e 1976. E em 1982 foi feita uma

experiência ainda mais sofisticada e absolutamente conclusiva por Alain Aspect na Universidade de Paris Sul. Os resultados seriam confirmados nos anos seguintes noutros laboratórios.

– E...?

A curiosidade de Maria Flor tinha sido espicaçada. Tomás apercebeu-se e fez uma pausa dramática. Vendo-a tão expectante e impaciente, sorriu e pronunciou enfim o veredicto.

– As experiências provaram que não havia variáveis escondidas. – revelou. – Bohr tinha razão e Einstein estava enganado.

A amiga levou a mão à boca.

– Meu Deus!

– As consequências destas experiências são profundíssimas, como deves calcular, uma vez que estavam em causa duas premissas essenciais: a realidade existe independentemente da observação e não há influências instantâneas que violem a velocidade da luz. As experiências provaram que uma destas premissas, ou até as duas, são erradas. Como por razões filosóficas a maior parte dos físicos no fundo acredita no seu âmago que a realidade existe independentemente da observação, apesar de tudo o que a teoria quântica demonstra, optaram pelo mal menor e decidiram que a premissa errada teria de ser a outra. Isto é, seja qual for a distância a que duas partículas correlacionadas se encontram, mesmo que uma esteja numa ponta do universo e a outra na outra, elas influenciam-se instantaneamente.

– Mas... mas... e o limite da velocidade da luz?

– Pensa-se que se mantém.

– Mantém-se, como? Sabes perfeitamente que as teorias da relatividade mostram que nada pode deslocar-se mais depressa do que a luz, sob pena de a massa se tornar infinitamente grande, o que não é possível. Isso significa que a informação de uma partícula não pode chegar instantaneamente à outra partícula, a informação leva tempo a ir de um lado para outro. No entanto, acabaste de me dizer que essas partículas se influenciam instantaneamente, estejam a que distância estiverem uma da outra. Como é isso compatível com o limite da velocidade da luz?

Ele encolheu os ombros, numa expressão de impotência.

– É um mistério. – admitiu. – Mas o facto é que as experiências de Aspect provam que a realidade não existe sem observação ou, em alternativa preferida pela maior parte dos físicos, que qualquer partícula que interaja com outra fica para sempre ligada a ela, influenciando-se as duas mútua e instantaneamente seja qual for a distância a que estejam uma da outra.

A amiga estava desorientada. O que acabava de escutar contradizia tudo o que aprendera na escola sobre o universo e o seu funcionamento.

– Como é isso possível?

– Aparentemente as duas partículas não estão em comunicação uma com a outra no sentido de trocarem informação. O que se passa é mais subtil e desconcertante do que isso: não podem ser consideradas objectos independentes.

– Mas são duas partículas...

– Se calhar são antes a mesma partícula em dois pontos diferentes. Schrödinger chamou *entanglement*, ou entrelaçamento, a esta propriedade misteriosa do universo quântico. Como todas as partículas estavam relacionadas entre si no momento do Big Bang que criou o universo, isto quer dizer que o universo se encontra enredado numa teia de ligações invisíveis entre tudo o que o constitui. – Cravou os olhos nela, como se a pergunta seguinte fosse a mais importante de todas. – Compreendes o significado último desta espantosa descoberta?

Com uma expressão atónita no rosto, Maria Flor parecia mergulhada num transe. A revelação sobre a prova do entrelaçamento do universo não era de fácil digestão. Tardou ainda alguns instantes a acenar afirmativamente a cabeça e a responder.

– O universo é uno.

– O universo parece constituído por inúmeras coisas diferentes, mas é na verdade uma única coisa. – confirmou Tomás.
– Vivemos com a sensação de que estamos separados uns dos outros e de tudo o que nos rodeia, da erva do jardim às estrelas mais longínquas, mas isso não passa de ilusão. Tudo está ligado, tudo se encontra enredado, tudo é a mesma coisa sob aparências

diferentes. O universo é de facto uno, a diversidade esconde a homogeneidade, a multiplicidade oculta a indivisibilidade.

A amiga sacudiu a cabeça, tentando libertar-se do torpor que dela se apossara.

– Estas descobertas são... enfim, estonteantes. – balbuciou. – O mais importante é que põem em causa não apenas a natureza da realidade, mas também quem nós realmente somos. Se os átomos estão enredados uns nos outros independentemente da distância, e se nós somos feitos de átomos, isso significa que estamos igualmente enredados uns nos outros. Mas não é isso o que nós sentimos, pois não? Se eu tiver uma dor de barriga aqui em Washington, a minha mãe, que se encontra em Cernache de Bonjardim, não sentirá essa dor instantaneamente. Como se explica isso?

– É um grande mistério. – admitiu ele. – O próprio Einstein fartou-se de chamar a atenção para o problema de o universo não poder funcionar com leis diferentes, a física quântica indeterminista e aleatória na escala microscópica e a física clássica determinista e objectiva na escala macroscópica. O sonho de muitos físicos passou a ser unificar as teorias e conceber aquilo a que chamaram uma *teoria de tudo*. Não se percebe como podem os átomos comportar-se segundo umas leis e nós, que somos feitos de átomos, viver segundo outras leis. A *teoria de tudo*, que unificaria o universo macroscópico e o universo quântico, é o santo graal da física. Até agora, no entanto, ninguém a conseguiu conceber com sucesso.

– Ah, estou a perceber. Essa *teoria de tudo* poria fim à teoria quântica e assim resolver-se-iam todas essas bizzarrias que...

– Estás enganada. – atalhou Tomás. – Se há coisa de que os físicos têm hoje a certeza é que a teoria quântica, por muito estranha que pareça, é o rochedo mais firme e sólido da física. Se a *teoria de tudo* eliminar alguma teoria, não será decerto a quântica, mas a clássica. Isso é tido como absolutamente seguro. Já foram feitas milhares de experiências para testar as previsões da teoria quântica e até agora nem uma falhou. Aliás, o que se descobriu foi que...

– *Hands up!* – gritou uma voz de repente, ordenando-lhes que levantassem as mãos – Que ninguém se mexa!

Com um estremeção de susto, os dois intrusos voltaram-se para a entrada do escritório e depararam-se com um homem magro, de cabelo liso aloirado e barba rala, a apontar-lhes uma espingarda automática.

Tinham sido apanhados.

LII

Momentos depois de terminar a reunião da noite com o grupo de trabalho criado para investigar o atentado de Tripoli, Harry Fuchs foi à gaveta da sua secretária buscar o dossiê sobre Tomás Noronha e abandonou apressadamente o gabinete. Atravessou o corredor

em passo lesto e dirigiu-se à salinha onde sabia que o seu melhor operacional o aguardava.

– Major Manuel Fuentes. – cumprimentou-o ao entrar. – Hoje demorou a aparecer...

Ao ver o chefe da direcção entrar no compartimento, o operacional levantou-se num salto e bateu com os calcanhares, como o militar que era, antes de estender o braço e apertar a mão de Fuchs.

– Estava em trânsito, sir. – explicou. – Tive uma operação no Lémen e vinha de regresso quando...

– Eu sei, eu sei. – cortou o chefe do Serviço Clandestino Nacional, demasiado atarefado para perder tempo com irrelevâncias. – Sente-se aí. Vamos conversar.

O director indicou ao seu operacional um sofá ao lado da janela. Estava escuro lá fora, mas como a janela era enorme dava a impressão de que se encontravam no exterior; para quem tinha passado o dia inteiro fechado no edifício, como sucedera com Fuchs, isso era importante.

Havia já algum tempo que o chefe do Serviço Clandestino Nacional não se encontrava com este operacional, a quem dava sempre ordens pelo telefone ou por interpostas pessoas, pelo que aproveitou a oportunidade para o estudar com mais cuidado. O major era um homem de quarenta anos, corpulento e com a tez morena e a cara abolachada de índio que herdara dos seus antepassados astecas, com o cabelo cortado à escovinha, o olhar nublado característico daqueles que fazem de matar uma actividade de rotina. Fuchs sabia que os testes psicológicos haviam referenciado o seu subordinado como psicopata, o que fazia dele o homem de mão ideal para operações da CIA em que era preciso eliminar inimigos. Não fora o major Fuentes que, ainda no mês anterior, entrara na casa de um chefe tribal da zona de Kandahar e matara toda a gente que descobrira lá dentro, incluindo bebés? Considerando a operação que estava em curso, os talentos deste homem eram imprescindíveis.

– Presumo que precise de mim por causa de Tripoli. – observou o oficial, incomodado com o olhar perscrutador do seu

chefe e com o silêncio que por momentos se instalara entre eles. – Já conseguiram identificar os autores?

Fuchs abanou a cabeça.

– A sua próxima missão nada tem a ver com Tripoli. – esclareceu, – mas com Genebra. – Dobrou a perna, pondo-se mais à vontade. – Presumo que saiba que o chefe da Direcção de Ciência e Tecnologia foi assassinado no CERN...

– Yes, sir.

O director estendeu-lhe a pasta que fora buscar à sua gaveta antes da reunião.

– Dentro desta pasta está tudo sobre o assassino de Bellamy. Chama-se Thomas Norona e é um historiador português que faz consultoria para uma fundação em Lisboa.

O major consultou o relógio.

– Os voos para a Europa partem durante a noite. – observou. – Vou mandar comprar um bilhete e, se possível, sigo já esta noite para Lisboa.

– O assassino de Bellamy está aqui em Washington.

O major Fuentes, que retirara o bloco de notas para registar toda a informação, suspendeu a caneta no ar e, com uma expressão surpreendida, cravou os olhos no seu interlocutor.

– Aqui?

– Correcto.

– Mas... já o detiveram?

– Negativo. O homem anda à solta, infelizmente. Preciso que o localize o mais depressa possível e...

– Nós não estamos mandatados para actuar em solo doméstico, sir. – lembrou o operacional, ciente de que havia restrições ao uso dos seus talentos que era aconselhável não violar.

– Isto não é uma coisa para o FBI?

Sem aviso, Harry Fuchs desferiu com estrondo um murro na mesinha plantada entre ambos.

– *Fuck* o FBI! – vociferou, a sua lendária susceptibilidade a tomar conta dele. – Esse *cocksucker* assassinou um dos nossos directores e vem dizer-me que devemos entregar o caso aos *pussies* dos Feds? Desde quando é o FBI que lava a roupa suja da

Agência? O *motherfucker* matou o Bellamy e vai ter de pagar por isso, ouviu? Nós protegemos os nossos e quem fizer mal a um de nós tem de pagar caro, seja no estrangeiro, seja na América, quero lá saber! Alguma dúvida quanto a isso?

– Nenhuma, sir.

O director respirou fundo e, já mais sereno, indicou a pasta que acabara de entregar ao seu operacional.

– Estude esse material com atenção. Tem aí o registo da entrada do *cocksucker* no aeroporto de Dulles juntamente com uma *babe* que o anda a ajudar, o registo de um levantamento que ele fez numa caixa multibanco, o talão de compra de dois computadores portáteis numa loja de artigos electrónicos em Georgetown e o relatório sobre uma penetração clandestina do nosso sistema informático que acreditamos ter sido levada a cabo por esse *sonnavabitch*. Já inspeccionámos todos os hotéis, residenciais e albergues das redondezas e não encontrámos em parte nenhuma os nomes deles registados como hóspedes. – Apontou para o seu interlocutor. – Caber-lhe-á a si a responsabilidade de dar com eles. Se precisar de ajuda, posso pôr o Don Snyder sob as suas ordens. Porém, como se trata de uma operação em território americano, onde não temos jurisdição, parece-me que seria avisado não metermos mais ninguém ao barulho. Quanto menos pessoas souberem desta operação, menos prováveis são as fugas de informação e os problemas com os Feds e com o Congresso.

– Compreendo.

Fuchs levantou o indicador para sublinhar a importância do que tinha para dizer a seguir.

– É imperioso que a impressão digital da Agência não apareça em parte alguma desta operação, entendeu? Faça tudo de modo que pareça tratar-se de um simples caso de delito comum, está a ver? Por exemplo, execute as coisas de maneira que fique a impressão de que o *motherfucker* se afogou acidentalmente no Potomac ou foi despachado por um traficante de droga ou qualquer outra coisa do género.

– Portanto, é um simples caso de apagá-lo do mapa...

– Não exactamente. Preciso primeiro que o *sonnavabitch* deite cá para fora tudo o que sabe sobre o *Olho Quântico*, um projecto secreto do falecido chefe da Direcção de Ciência e Tecnologia cujos pormenores constam também desse dossiê que lhe entreguei. Leia-o com atenção. Todo o conteúdo é confidencial.

O olhar enevoadado do major Fuentes pousou por instantes no dossiê antes de se levantar de novo para o seu superior hierárquico.

– Então quais são as minhas ordens?

Com um movimento lento, Harry Fuchs ergueu-se pesadamente do seu lugar e ajeitou as calças, preparando-se para dar a reunião por concluída.

– Localize-o e torture-o impiedosamente até obter a informação. – ordenou. – Depois liquide-o. – Ia a afastar-se, mas parou para uma instrução final. – E não quero pontas soltas, ouviu? Qualquer testemunha do envolvimento da Agência nesta operação é uma pessoa morta. Isso que fique muito claro. Não podemos de modo nenhum ser associados a este caso.

O operacional levantou-se também, hirto e com movimentos precisos. Colou a ponta da mão à testa, em continência

– *Aye aye, sir.* – exclamou. – É como se já estivesse feito.

LIII

Respirando pesadamente, o homem que irrompera no escritório tinha a espingarda automática apontada ao coração de Tomás, mas não perdera Maria Flor de vista.

– Quem são vocês?

Os dois intrusos estavam com os braços levantados, ambos assustados e surpreendidos por terem sido apanhados por alguém que nem sequer ouviram aproximar-se. Ambos sabiam de antemão que corriam riscos por penetrarem clandestinamente no apartamento, sobretudo tratando-se da residência do chefe de uma

das direcções da CIA, mas sempre haviam imaginado que, a aparecer alguém, escutariam primeiro barulhos na porta, talvez uma chave a tilintar na fechadura, se calhar um estrondo de arrombamento, decerto qualquer coisa que lhes desse ao menos tempo para se esconderem. Mas não, o homem armado aparecera de repente, vindo do nada, sem um sinal que fosse de aviso.

– Quem são vocês? – repetiu o desconhecido, brandindo ameaçadoramente a M16. – O que estão aqui a fazer?

– Nós... nós estamos a tentar encontrar pistas. – gaguejou o historiador enquanto procurava mentalmente uma tática de defesa.

– Não queríamos roubar nada, não somos ladrões.

– Pistas de quê?

Era difícil fazer planos quando nada sabia sobre a pessoa diante dele, percebeu Tomás. Quem era o homem que os ameaçava com a arma? Como se posicionava ele perante tudo o que sucedera nas últimas quarenta e oito horas? Porque estava no apartamento e quais eram as suas motivações? Sem conhecer nada disso, tomou consciência, não tinha a menor noção sobre como proceder.

– Estamos a tentar recolher dados que nos permitam identificar o autor, ou autores, do assassinio do proprietário deste apartamento. – acabou por dizer, optando pela verdade. – E o senhor? Quem é?

Novo movimento ameaçador da espingarda automática.

– Aqui quem faz as perguntas sou eu. – rosnou o desconhecido com o rosto fechado. – E não volto a repetir esta: quem são vocês? Quero nomes e ocupações, não conversa fiada.

– Chamo-me Tomás Noronha e sou historiador em Lisboa.

– E eu sou Maria Flor Sequeira, directora de um...– Hesitou, percebendo o absurdo de enunciar a sua profissão em circunstâncias tão extraordinárias. – Enfim, sou gestora.

– Os olhos do homem armado mantiveram-se cravados em Tomás, como se o dissecassem.

– Tomás Norona? – murmurou no tom de quem matutava sobre a informação. – Olha, olha. – Assobiou, como se estivesse impressionado. – O assassino veio-me parar às mãos!

A declaração surpreendeu o historiador. Como era possível que o homem diante deles já conhecesse o seu nome?

– Não sou assassino nenhum.

– Não é o que diz o dossiê da Agência sobre o homicídio em Genebra. O seu nome consta lá como o autor material do homicídio. O que eu quero saber é quem lhe deu as ordens.

Primeira pista, notou Tomás. O homem diante dele teve acesso ao dossiê da CIA sobre a morte de Bellamy. Com toda a probabilidade, percebeu com desânimo, tratava-se de um operacional que a agência americana de espionagem plantara no apartamento à espera que alguém ali entrasse. Se assim era, estavam perdidos. A CIA não falharia na América como falhara em Lisboa.

– Não matei ninguém. – insistiu ele. – O meu envolvimento nesse caso não passa de um equívoco lamentável.

– *Bullshit!*

– Asseguro-lhe que nada tenho a ver com a morte de Bellamy!

– Ai não? Então o que está a fazer aqui no apartamento dele, pode saber-se?

– Estou aqui para provar a minha inocência. A CIA tentou abater-me em Portugal e já percebi que só vou escapar vivo desta história se conseguir esclarecer o que aconteceu em Genebra. Foi por isso que vim... que viemos aqui ao apartamento de Frank Bellamy em Washington. Estamos à procura de uma pista qualquer que faça luz sobre o caso.

O homem da M16 voltou-se para Maria Flor.

– A senhora, quem é?

– Ela foi arrastada por mim para esta história. – interpôs Tomás, tentando protegê-la. – Não tem nada a ver com isto, não sabe...

– Cale-se! – cortou o desconhecido num tom ríspido. Deitou a mão ao cinto e tirou umas algemas, que lançou na direcção de Tomás. – Prenda isto ao pulso direito e àquela grade na janela.

O historiador obedeceu. Cerrou no pulso uma das argolas das algemas e fechou a outra na grade da janela. O homem armado aproximou-se dele e verificou se estava tudo bem. Depois voltou-se

para Maria Flor e apontou para uma porta discreta ao lado do escritório.

– Vamos para ali. – ordenou. – Tenho muitas perguntas para lhe fazer.

Sem se atrever a desobedecer, Maria Flor seguiu na direcção indicada e abriu a porta. Do outro lado ficava um compartimento pequeno cheio de papelada e velharias cobertas de pó e a cheirar a mofo. Parecia uma sala de arrumos. Sentiu o cano da M16 colar-se-lhe às costas e empurrá-la para avançar.

O desconhecido fechou a porta e ficou a sós com ela.

O interrogatório não demorou muito tempo. Maria Flor estava aterrorizada e as mãos tremiam-lhe sem que sobre elas conseguisse exercer o mínimo controlo; mal conseguiu encarar o seu captor, tão assustada e envergonhada se sentia. Respondeu às perguntas quase sem pensar, com frases curtas e sem lhe passar sequer pela cabeça a possibilidade de mentir. Experimentava até um sentimento de irreabilidade, como se a consciência se tivesse desprendido do corpo e a observasse a falar. Tinha a sensação de encarnar um sonho, ou então uma experiência semelhante à vivida dias antes por dona Graça quando sofrera o colapso cardíaco.

– É tudo. – ouviu o desconhecido dizer-lhe, como se ela tivesse despertado nesse momento. – Falta agora verificar toda essa informação.

É tudo?, admirou-se. O interrogatório fora rápido e apercebeu-se, consternada, de que tinha apenas uma vaga ideia do que ele lhe havia perguntado. O homem que lhe apontava a arma lançara-lhe primeiro umas questões sobre a identidade dela e a sua relação com Tomás e depois questionara-a sobre o que ela sabia relativamente à morte de Bellamy. Por fim, a conversa incidiu nas circunstâncias que a tinham trazido à América. O homem da CIA parecia satisfeito com as respostas que escutara; via-se que fora treinado para avaliar as pessoas e sabia destrinçar quando lhe estavam a mentir ou a dizer a verdade.

– E agora? – perguntou ela, a ansiedade a dificultar-lhe a respiração. – O que nos vai acontecer?

O homem da CIA tirou as segundas algemas que trazia no cinto e acenou com elas.

– Quero-a caladinha e quietinha.

Fechou uma das argolas das algemas sobre o pulso dela e procurou um local seguro para prender a outra. O único sítio que encontrou foi o manípulo da porta de ligação ao escritório. Puxou a portuguesa para lá e prendeu a argola ao manípulo. Verificou a solidez das algemas e, satisfeito, abriu a porta e acenou-lhe.

– *Bye-bye.*

O desconhecido saiu da salinha de arrumações e deixou Maria Flor sozinha. A cativa não tinha cadeira para se sentar e não se podia deitar no chão porque a mão se encontrava presa ao manípulo. Sem alternativas, ajoelhou-se diante da porta e, com os nervos em franja, sentiu as comportas abrirem-se-lhe no peito e as lágrimas lavarem-lhe o rosto.

Não chorou muito tempo. Depressa recuperou o domínio dela mesma. Sentia-se até mais aliviada, despejara o medo com o sal das lágrimas e experimentava uma sensação de leveza, parecia que se purificara. Olhou em redor e questionou-se sobre o que poderia fazer. Nada, percebeu, fungando. As algemas prendiam-na à porta e dali não podia sair. Nesse instante ouviu barulho no escritório e, preocupada, colou a orelha à fechadura.

Ao menos escutaria a conversa do captor com Tomás.

O historiador permaneceu um longo período algemado às grades da janela do escritório. Durante a meia hora que o homem da CIA passou a sós com Maria Flor sentiu-se mortalmente preocupado e só então percebeu em toda a plenitude a loucura que fora deixá-la embarcar naquela aventura. Nunca o deveria ter permitido, dissesse ela o que dissesse. A segurança de Maria Flor devia ter sido a sua prioridade.

Vendo bem as coisas, fora imperdoavelmente ingénuo por pensar que conseguiria deslindar o caso em Washington, DC. O que tinha ele na cabeça quando a deixara acompanhá-lo? Era um facto que na altura não dispunha de alternativas, a opção que lhe restava seria viver como um animal acossado, à espera que um assassino

da CIA um dia o localizasse. A viagem à América parecera-lhe na ocasião, e em boa verdade ainda parecia, a única possibilidade realista ao seu dispor. Contudo, não tinha o direito de a arrastar para uma aventura tão louca e irremediavelmente condenada ao fracasso. Isso não se podia perdoar.

Quando o seu captor regressou ao escritório, tentou ler-lhe nos olhos o que se passara, se ela estava bem, se o homem a molestara. O rosto do desconhecido, todavia, permaneceu impenetrável como o de um jogador de póquer. Devia ser o treino na CIA que os tornava tão ilegíveis. A ser assim, o seu adversário ia com certeza explorar a sua relação com Maria Flor para o deixar ainda mais vulnerável e fazer dele o que quisesse.

Nestas condições só lhe restava um caminho. Teria de desvalorizar a ligação que tinha com ela, fingir que Maria Flor não lhe era nada e que por isso não valia a pena usá-la contra ele.

– Então? – atirou, encobrindo a sua preocupação sob uma máscara de indiferença. – Que tal lhe pareceu a miúda? Um bom pedaço, hem?

O homem da CIA perscrutou-lhe o rosto, tentando perceber o que este comentário escondia.

– Qual é a sua relação com ela?

Tomás encolheu os ombros, simulando desinteresse.

– Nenhuma em particular. É uma mulher bonita, um adorno agradável, apenas isso. Mas não tem nada na cabeça, coitada. Nasceu burra e burra será sempre. Vocês na América chamam bimbo a este tipo de mulheres, não é? Pois é o que ela é. Bonita e burra. Deixei-a acompanhar-me para me distrair um pouco, só isso.

– Pareceu-me que ela gostava de si.

Estás a atirar-me com uma casca de banana, pensou o prisioneiro. Teria de ter cuidado com as perguntas do seu captor.

– Deve ser por causa dos meus olhos verdes. – devolveu com uma ponta de desdém. – Eu também acho piada às mamas dela. – Forçou um sorriso velhaco. – E às coisas maravilhosas que ela faz com a boca, claro. Tem uma língua de mel.

O homem da CIA ficou um momento a fitá-lo sem nada dizer, ainda a avaliá-lo. Depois aproximou-se dele e parou a um curto

metro de distância, o olhar carregado, os dentes arreganhados, a M16 a dançar-lhe nas mãos.

– Agora vais contar-me a história toda desde o princípio, ouviste? – ordenou num tom de voz tenso e ameaçador. – Vi o dossiê do homicídio em Genebra e quero saber o que estavas a fazer no CERN e como foi o teu nome parar à charada encontrada nas mãos da vítima a indicar-te como a chave da sua morte. Quero tudo muito bem explicadinho.

Não era uma história pequena aquela que Tomás tinha para narrar, mas o tempo constituía a coisa de que naquele momento mais dispunha. O facto de não conhecer a identidade do seu captor nem a sua posição ou motivações deixava-o, porém, com a sensação de tactear no escuro. O homem pertencia à CIA e portanto estava para lá de qualquer dúvida que se tratava de um adversário. Ou, para se ser mais exacto, de um inimigo. Além disso, dominava evidentemente os pormenores da morte de Bellamy no CERN. O mais certo era fazer parte da equipa encarregada da caça ao assassino — o que, na óptica da CIA, significava a caça a Tomás. Para compensar, ainda não lhe tinha depositado uma bala na cabeça. Nas circunstâncias não se podia deixar de considerar um sinal encorajador.

Sem alternativas, e ciente de que o seu captor já fizera muitas perguntas a Maria Flor, o historiador contou o que acontecera desde o início. A ida a Genebra, o antiquário, a visita ao CERN, o regresso a Portugal, o grande pentáculo que recebera de remetente desconhecido em Genebra, a interpelação em Coimbra pelo operacional da CIA, o tiroteio e a perseguição, o que descobrira sobre a última charada deixada por Bellamy, a ligação entre a referência a Tomás Noronha como a Chave e o manuscrito da Chave de Salomão, de onde viera o grande pentáculo e as mensagens escondidas numa das faces do amuleto mágico que recebera de Genebra.

– Tenho o grande pentáculo aqui. – indicou. – No meu bolso. Se quiser ver, está aí tudo.

O homem da CIA tirou-lhe o amuleto mágico do bolso e estudou-o. Fez algumas perguntas sobre o *selo de Salomão* e o seu

prisioneiro chamou-lhe a atenção para as coordenadas geográficas plantadas nas pontas do pentáculo a indicar a localização de Langley. O captor também foi interrompendo a narrativa para esclarecer um ou outro ponto, ou para interrogar Tomás numa outra direcção.

Quando a história terminou, no entanto, pareceu ficar satisfeito. Depois de uma curta pausa para ponderar o que escutara, deitou a mão ao coldre, extraiu uma chave minúscula e abeirou-se do prisioneiro para lhe destrancar as algemas. Esta evolução dos acontecimentos apanhou Tomás de surpresa. Esperava tudo excepto ser libertado.

O desconhecido sorriu-lhe.

– O meu nome é Peter. – identificou-se. – Os amigos chamam-me Pete.

– Muito prazer. – disse Tomás, enquanto esfregava o pulso dorido e tentava esconder a desconfiança. Tanta simpatia súbita parecia-lhe suspeita. – Mas quem é o senhor exactamente?

Depois de guardar as algemas no cinto do coldre, de onde as havia retirado, Peter estendeu-lhe a mão e cumprimentou-o com um aperto firme, quase entusiástico.

– Sou o filho de Frank Bellamy.

Enchendo quase por completo uma das paredes do pequeno gabinete que o major Fuentes usava nas raras vezes que passava pela sede da CIA, em Langley, o grande mapa de Washington, DC, era tão pormenorizado que chegava a assinalar as árvores. O major orgulhava-se de ser um homem metódico e eficiente, na melhor tradição dos avós mexicanos que, apesar de terem emigrado para o Texas no princípio do século XX, não esqueciam a sua linhagem asteca. Foi justamente em nome dessa eficiência que pregou a planta da cidade na parede; acreditava que assim chegaria mais depressa aos alvos.

– Primeiro ponto de contacto. – murmurou enquanto pegava num pionés verde. – Aeroporto de Dulles.

Espetou o pionés no mapa sobre o sítio onde se localizava o aeroporto internacional de Washington, DC, aliás não muito longe de Eangley, margem sul do Potomac.

Pegou num segundo pionés, este amarelo, e espreitou o relatório incluído no dossiê de Tomás Noronha.

– Segundo ponto de contacto. – enunciou, aproximando-se do mapa. – O multibanco ao lado da loja *Walmart* de Georgetown.

Pregou o segundo pionés na planta. A seguir recuou dois passos e tentou ler o que a disposição dos pioneses lhe dizia. O verde não tinha qualquer significado para lá da informação de que o seu alvo chegara à cidade, uma vez que o aeroporto internacional de Dulles era um ponto obrigatório de passagem para quem vinha directamente do estrangeiro. Já o amarelo pareceu-lhe muito interessante. Nada obrigava Tomás Noronha a visitar especificamente aquela loja em Georgetown.

– Se a essa hora foste ao *Walmart*. – observou com a mão no queixo, como se pensasse em voz alta, – é porque estás algures nas redondezas...

Mas onde? Verificou a lista de hotéis, pensões e albergues das imediações. Já todos tinham sido inspeccionados e os nomes dos suspeitos não se encontravam nos registos de hóspedes. Podiam ter usado nomes falsos, considerou, mas a ser assim teriam feito o

mesmo ao passar pelos Serviços de Alfândega e Imigração do aeroporto de Dulles. Além do mais, uma coisa dessas requeria que tivessem meios e conhecimentos para falsificar passaportes, o que, considerando os perfis das pessoas em causa, não lhe parecia provável. Estava a lidar com amadores em fuga, não com profissionais do mesmo ofício. Para os apanhar teria de se pôr na pele deles e pensar como eles pensavam.

Estreitou os olhos enquanto sondava o mapa.

– Não, vocês estão escondidos em Georgetown...

O que precisava era de apurar o seu método, pensou o major Fuentes. Considerando a hora a que a compra dos *laptops* fora feita, raciocinou, o poiso do seu alvo teria obrigatoriamente de ser por perto. Pegou num compasso e desenhou um círculo em redor da loja da *Walmart* em Georgetown. Recuou de novo dois passos e verificou os principais pontos que ficavam dentro da circunferência.

– Red Square... Centro Intercultural... Harbin Field... Universidade de Georgetown...

Calou-se, o olhar preso neste último ponto. Universidade de Georgetown. Com um movimento sôfrego, pegou no dossiê e abriu-o no perfil de Tomás Noronha. O documento incluía um currículo que releu com atenção. A nota biográfica indicava que o seu alvo tinha sido durante muitos anos professor na Universidade Nova de Lisboa.

Levantou os olhos e de novo fixou a atenção no espaço da Universidade de Georgetown no mapa. Ficou alguns segundos a amadurecer a ideia. Uma coisa daquelas não podia ser coincidência, concluiu. Aliás, no seu negócio não havia coincidências.

Com um movimento lento e firme, pegou num pionés vermelho e espetou-o sobre o local na planta de Washington onde o perímetro da universidade se encontrava assinalado.

– Estás aqui, *cabrón!*

LV

A mudança completa no comportamento de Peter deixou em Tomás uma réstia de desconfiança. Se o homem que o interrogara era mesmo o filho de Bellamy, as suas motivações pareciam-lhe óbvias: queria com certeza saber quem matara o pai. Mas estaria mesmo perante o filho do velho agente? Quem lhe garantia que não se encontrava no centro de mais um daqueles joguinhos em que as agências de espionagem são peritas, simulando situações para manipular as suas vítimas? Como ter a certeza de que Peter não era um operacional da CIA a fazer-se passar por quem não era? E Peter seria mesmo o seu verdadeiro nome?

O historiador tinha consciência de que poderia estar envolvido num jogo de espelhos em que nada nem ninguém era o que parecia ou dizia ser. Na dúvida sobre o que seria verdade ou simulação em tudo aquilo, achou melhor manter a cautela e a reserva. O truque estava em fazê-lo sem mostrar que o fazia. Por isso, quando Peter o convidou para se sentar diante da secretária e indicou que ia à sala das arrumações libertar Maria Flor, Tomás abanou a cabeça.

– Deixe-a estar como está. – sugeriu, fiel à estratégia de diminuir a sua importância para a proteger. – Ela pouco sabe sobre esta história e, como lhe disse, não passa de uma companhia. A

utilidade dessa miúda limita-se aos atributos físicos, digamos assim.

Peter ainda vacilou, mas acabou por acolher a sugestão e dirigiu-se à cadeira almofadada atrás da secretária.

– Como queira. – aceitou, instalando-se no lugar. – Sabe, acredito que você nada tenha a ver com a morte do meu pai. Li o relatório da Agência sobre o caso e sempre me pareceu estranho que um académico qualquer tivesse capacidade de entrar subrepticamente na zona de um dos detectores de partículas do CERN e libertar hélio líquido para asfixiar alguém tão experiente e desembaraçado como um director da CIA, mesmo idoso. – Abanou a cabeça. – Não, uma acção dessas não pode ter sido levada a cabo por um amador. Aquilo foi trabalho de um profissional. Além do mais, está por explicar o motivo. Por que raio iria você matar o meu pai?

– Disse-me que leu o relatório da Agência. – observou Tomás.
– Refere-se à CIA, claro.

– Com certeza.

– Como teve acesso a ele?

O seu interlocutor deitou a mão ao bolso do casaco.

– Trabalho na Agência, meu caro. – respondeu Peter, mostrando-lhe o seu cartão de funcionário. – Sou analista político do Gabinete de Estratégia e Análise da Direcção de Informação, uma das quatro direcções a funcionar em Langley.

– Ah, você trabalha mesmo na CIA. – Fez um gesto a indicar o apartamento. – E vive aqui?

– Não. Tenho um pequeno apartamento em Foggy Bottom, do outro lado da rua em que fica o complexo Watergate. Não é muito longe daqui.

– E como entrou no apartamento? É que não o ouvimos chegar...

– Eu já estava cá dentro quando vocês entraram. Não se esqueça de que o meu pai era o chefe de uma das direcções da Agência. Uma das medidas de segurança habituais de quem ocupa um lugar desses é instalar em casa uma sala de pânico, um compartimento blindado equipado com comunicação directa com o

exterior, acesso à videovigilância de segurança que monitoriza o apartamento, alimentos, bebidas e um verdadeiro arsenal. Foi lá que me abriguei e foi de lá que vos observei.

Tomás empalideceu.

– Quer dizer que viu tudo o que fizemos e dissemos?

– Tudo.– Soltou uma gargalhada. – Não entendi nada, claro. O meu português anda enferrujado. Só sei dizer caipirinha e tudo legal.

– Mas nós ligámos para o apartamento antes de cá vir e ninguém atendeu...

– Ouvi o telefone tocar, sim. – reconheceu, desviando o olhar para o aparelho fixo pousado sobre a secretária. – No entanto, tinha boas razões para não atender.

– O que quer dizer com isso?

– Sei muito bem que os telefonemas são uma tática usada pelos assaltantes. – explicou. – Ligam antes do assalto para verificar se alguém está ou não na residência. Se ninguém atender, é sinal de que a casa se encontra deserta e eles vêm aí.

– Pois, mas como sabia que o telefonema era de assaltantes? O mais natural era que alguém ligasse a saber do seu pai, não? A última coisa que uma pessoa pensa quando um telefone toca, presumo eu, é que sejam assaltantes a verificar se a casa está deserta...

A pergunta era boa e obrigou Peter a dar uma explicação mais detalhada. Respirou profundamente antes de responder.

– Oiça, o vosso assalto ao apartamento do meu pai não foi o primeiro, está a perceber? Quando aqui vim esta manhã para verificar o correio apercebi-me de que alguém havia entrado durante a noite. Fui verificar as gravações vídeo da sala de pânico e constatei que elas tinham sido desactivadas. Sabe o que isto significa, não sabe?

O seu interlocutor devolveu-lhe uma expressão vazia.

– Não faço a mínima ideia.

– Isto quer dizer que os assaltantes sabiam da existência da sala de pânico e, o mais importante, sabiam desactivar o sistema de

videovigilância. Ora não é um assaltante normal que tem conhecimentos desses, não acha?

O historiador estreitou os olhos, intrigado com as implicações do que lhe fora dito.

– Está a insinuar que... que foi gente da CIA que aqui entrou?

– Não estou a insinuar, estou a afirmar. Achei suspeitas as circunstâncias do assalto de ontem, e esta manhã, quando cheguei à Agência para mais um dia de trabalho, fiz constar que descobri material novo sobre o meu pai e que o ia depositar de noite no apartamento. Foi por isso que decidi pernoitar aqui. Queria ver se aparecia alguém. Se aparecesse, era a confirmação de que alguém em Langley andava a mandar gente entrar aqui clandestinamente. Confesso que, conhecendo os procedimentos operacionais da Agência, esperava que o assalto só fosse levado a cabo um pouco mais tarde, lá pela madrugada. Por isso foi uma surpresa ouvir o telefone tocar à hora do jantar e pouco depois ver-vos aparecerem. Mais surpreendido fiquei quando vos ouvi a falar uma língua que não era o inglês.

Uma expressão de perplexidade transparecia no rosto de Tomás, ainda a tentar tirar um sentido do que acabara de escutar.

– A CIA assaltou o apartamento do seu pai? – interrogou-se. – Porquê? Qual foi o objectivo deles?

– Não foi a Agência. – corrigiu Peter. – Foi alguém na Agência, o que é bem diferente.

– Quem?

O seu interlocutor fez uma pausa, como se ponderasse se deveria dar uma resposta a essa pergunta.

– A pessoa que mandou matar o meu pai.

O historiador ficou boquiaberto.

– Frank Bellamy foi assassinado pela própria CIA? – espantou-se. – O que o leva a fazer uma afirmação tão extraordinária?

– Algo de estranho se passou antes ainda de ele partir para Genebra. – revelou Peter. – Senti-o muito emotivo, o que não era normal no meu pai. Sei que estava submetido a pressão intensa e que há pessoas poderosas dentro da Agência que o queriam afastar, a bem se possível, a mal se necessário. Acontece que ele

considerava o seu trabalho um dever para com a nação e dizia repetidamente que só a morte o demitiria. – Respirou fundo. – Desconfio que lhe fizeram a vontade.

– Tem alguém especial em mente?

Inclinando-se para a esquerda, Peter abriu a segunda gaveta da secretária e retirou uma fotografia.

– Veja isto. – disse, voltando a imagem para o seu interlocutor.

– É um retrato dos cinco directores da Agência e dos seus cinco adjuntos. O director está no meio, ladeado pelo adjunto e pelos directores e directores-adjuntos das quatro direcções. O meu pai é o da ponta esquerda, como pode ver.

Tomás examinou a fotografia do grupo de dez homens a posar diante da escadaria de um edifício, incluindo Bellamy na ponta. Já se tinha cruzado com aquela imagem durante a inspecção às gavetas da secretária.

– Isto foi tirado em Langley?

– Correcto.

– E suspeita desta gente toda?

Inclinando-se sobre a secretária, Peter apontou para o homem ao lado de Bellamy.

– Só suspeito de dois. – revelou. – Um deles é este tipo. Chama-se Walter Halderman e era o adjunto do meu pai. Um fulano execrável, capaz de tudo para subir na Agência. Veio do mundo do petróleo e foi lá colocado no tempo de Nixon. Provavelmente por causa das ligações dele com as grandes empresas petrolíferas que financiam as campanhas presidenciais, tem sido protegido por todas as administrações.

– Porque havia ele de querer a morte do seu pai?

– Para o substituir, ora essa! O Walt Halderman é o carreirista por excelência, um quadro intriguista e manipulador que não olha a meios para ascender dentro de qualquer organização. Com o meu pai fora do caminho, o mais certo é ele ascender à chefia da Direcção de Ciência e Tecnologia. Suspeito, no entanto, que o objectivo último dele seja tornar-se o próprio director da CIA. Venenoso como é, é bem capaz de o conseguir!

– Um tipo pouco recomendável, sim senhor. – assentiu o português. – E quem é o segundo suspeito?

O dedo indicador de Peter deslizou para a cara de um homem carrancudo à direita do director da CIA.

– Henry Fuchs. – identificou. – Também conhecido por *Fucking Fuchs* ou *Dirty Flarry*. Trata-se do director do Serviço Clandestino Nacional, a direcção encarregada de levar a cabo as operações clandestinas da Agência. É ele que comanda os operacionais no terreno, o que faz de *Fucking Fuchs* o segundo homem mais poderoso da organização depois do próprio director. É um fulano temperamental e implacável. Os homens que na noite passada aqui entraram foram com certeza enviados por ele. – Apontou para Tomás. – Tal como os tipos que tentaram matá-lo a si em Portugal. Tudo o que são operações no terreno tem a assinatura de Harry Fuchs.

– Porque suspeita desse tipo?

– Porque, como já lhe expliquei, o meu pai foi com toda a certeza assassinado por um profissional. Não é qualquer pessoa que entra num detector de partículas do CERN, mata um director da CIA e desaparece sem deixar o menor rasto. Ora se o meu pai foi morto por um operacional da Agência, a ordem só pode ter sido dada por Fuchs ou com o conhecimento dele. É o director do Serviço Clandestino Nacional que comanda todos os operacionais da Agência.

– Sim, mas que motivo podia ter esse Fuchs para mandar assassinar o seu pai?

Os dedos do americano tamborilaram sobre a superfície de mogno polido da secretária, como se Peter ponderasse abrir o jogo.

– Um projecto chamado *Olho Quântico*.

LVI

Ligado ao sistema da CIA, o major Fuentes sabia que a entrada no site da Universidade de Georgetown e a extracção da lista dos professores e estudantes estrangeiros constituía uma simples brincadeira de crianças. Levou menos de dez minutos a localizar os nomes e as moradas e a imprimir a lista. Depois pegou na folha saída da impressora e procurou nomes que lhe parecessem portugueses. Encontrou dois Silvas, um Ferreira, um Coutinho, dois Sousas, um Marques, um Aguiar e mais uns dez nomes do género. Ao todo, dezoito eram indubitavelmente portugueses. Havia também alguns nomes ambíguos, como Santos, Torres e outros que poderiam ser portugueses ou castelhanos.

Sempre metódico, o major Fuentes regressou ao site da universidade e foi verificar os nomes um a um. Começou pelos ambíguos e confirmou que apenas dois eram portugueses. Os restantes eram mexicanos, porto-riquenhos, peruanos e de outros países de língua castelhana. Tinha, portanto, um total de vinte nomes de língua portuguesa. O passo seguinte foi verificá-los a

todos. Depressa descobriu que catorze eram brasileiros, um cabo-verdiano, um moçambicano e outro angolano. Eliminou-os a todos.

Ficou a olhar para os três que restavam.

– Um de vocês deu abrigo ao meu cliente...

Consultou o perfil dos três portugueses que frequentavam a Universidade de Georgetown. Dois deles eram estudantes, um do Porto e outro de Aveiro. O terceiro era um professor de Matemática que estava a fazer uma pós-graduação. Pareceu-lhe o mais promissor dos três suspeitos. Chamava-se Jorge de Sousa Marques e a pós-graduação relacionava-se com sistemas informáticos avançados.

– Hmm... um *hacker* em potência. – sorriu o major, sentindo que a presa em breve seria sua. – Ou me engano muito, ou foste tu quem nos andou a cheirar o sistema...

Clicou a linha do currículo de Jorge de Sousa Marques e a página encheu-lhe o ecrã. O suspeito, revelou a nota biográfica, nascera em Vila Nova de Gaia e era actualmente professor de Matemática da Universidade Nova de Lisboa.

A informação levou o major Fuentes a verificar de novo o dossiê que Fuchs lhe entregara sobre Tomás Noronha. Lá estava a referência. Noronha fora professor na mesma universidade.

– Bingo!

Imprimiu a página do currículo de Jorge e fez um rabisco a sublinhar a sua morada. O professor de Matemática estava pelos vistos instalado no campus da Universidade de Georgetown. Inseriu a folha no dossiê de Tomás e levantou-se para ir ao seu armário de trabalho.

As prateleiras continham vários tipos de armas, cada uma adequada a um perfil específico de missão. Neste caso procurava a descrição, pelo que optou por uma *Sig Pro* semi-automática. Verificou as munições e o silenciador, meteu a pistola no coldre e apertou-o ao peito. Depois vestiu o casaco, pegou na pasta com os seus instrumentos de interrogatório, tirou o sobretudo do cabide próximo da janela e vestiu-o já a caminho da porta.

O cerco apertava-se.

LVII

– Interessante, esse nome.

A designação do projecto, *Olho Quântico*, arrancou a Tomás um erguer do sobrolho quase imperceptível. O académico português sabia que a teoria quântica tinha inúmeras aplicações na vida quotidiana, do laser ao transístor, passando pelas ressonâncias magnéticas e por um sem-número de outras tecnologias avançadas que funcionavam com base nas bizarrias quânticas, pelo que era fácil perceber o interesse da CIA.

– Não me diga que já ouviu falar nesse projecto...

– Não, mas conheço bem as potencialidades da física quântica. – esclareceu o historiador. – Imagino a utilidade que o estranho mundo das partículas pode ter para a actividade da espionagem. Posso assegurar-lhe que é todo um universo.

– Era nisso mesmo que o meu pai andava a trabalhar. – confirmou Peter, ainda sentado atrás da secretária. – Como chefe da Direcção de Ciência e Tecnologia, tinha a responsabilidade de desenvolver novos instrumentos e tecnologias que fossem úteis na actividade de espionagem da Agência. O *Olho Quântico* era o mais ambicioso desses projectos. O meu pai esforçou-se por isso por mantê-lo confidencial e, apesar dos progressos, optou por não o partilhar com ninguém. ‘*Só quando estiver pronto*’, dizia muitas vezes. Tratava o *Olho Quântico* quase como um projecto pessoal. Isso era uma coisa que punha o *Fucking Fuchs* absolutamente fulo. Ficava fora de si.

– Mas porquê? Qual era a pressa de Fuchs?

– Sabe, o Serviço Clandestino Nacional tem andado sob forte pressão devido a alguns fracassos sucessivos nos últimos tempos. Os operacionais que Fuchs comanda têm-se mostrado incapazes de recolher informação que permita à Agência perceber se vai ocorrer um atentado contra interesses americanos, onde e quando. Ainda ontem explodiu mais uma bomba à frente de uma embaixada dos Estados Unidos, uma ala do edifício foi devastada e ainda estão a tirar mortos dos escombros, e a Agência não teve a menor indicação prévia do sucedido. Um embaraço.

– Está a referir-se ao atentado em Tripoli? – perguntou Tomás.

– Vi esta manhã nas primeiras páginas dos jornais uma fotografia da cratera à frente da vossa embaixada. Um buracão, hem?

– Tripoli foi apenas o último de uma série de fracassos da Agência. A verdade é que, desde que deixámos de poder utilizar métodos musculados para interrogar os prisioneiros enviados para Guantánamo ou para outros centros secretos de detenção, perdemos a capacidade de extrair informação dos radicais islâmicos. O novo presidente está a exercer uma enorme pressão sobre a Agência, e em particular sobre Fuchs. Acusa-o de incompetência na forma como gere os seus operacionais. O *Fucking Fuchs* anda desvairado com isto e sabe que, a menos que a situação se altere radicalmente e ele comece a apresentar resultados, vai acabar por perder o lugar. É por isso que o tipo olha para o *Olho Quântico* como a única coisa que o pode salvar. O

problema é que o meu pai, que já tinha o projecto muito avançado, insistia em não o partilhar com o Serviço Clandestino Nacional enquanto não estivesse finalizado. O Fuchs não aceitava uma coisa dessas.

– Acha que ele matou o seu pai para deitar a mão ao projecto?

– Acho que isso é uma forte possibilidade e faz dele o principal suspeito. – confirmou. – O problema é que as coisas não estão a correr como Fuchs pretendia. Apesar de o meu pai ter morrido, ninguém sabe onde se esconde o diabo do projecto. Todos os esforços para o localizar se revelaram infrutíferos. – Indicou com a mão o espaço em redor. – Foi por isso que aqueles homens vieram cá na noite passada, está a perceber? Queriam revistar o apartamento para ver se encontravam a documentação do *Olho Quântico*. E é por isso que, depois de eu ter espalhado na Agência a informação de que descobri material do meu pai e o ia depositar esta noite no apartamento, estou convencido que os homens do Serviço Clandestino Nacional vão regressar esta madrugada. O Fuchs precisa a todo o custo do projecto se quiser salvar o pescoço e não se deterá perante nada nem ninguém.

– O que é exactamente o *Olho Quântico*? – perguntou o historiador, intrigado. – O seu pai alguma vez falou consigo sobre o assunto?

– Fez apenas uma referência breve quando estava de partida para Genebra. Achei- -o muito tenso, deu-me um grande abraço e... enfim, confesso que não prestei grande atenção às palavras dele. De resto, a minha especialidade é a geoestratégia, como já lhe expliquei. É por isso que sou analista do Gabinete de Estratégia e Análise da Direcção de Informações.

– Faça um esforço. – pediu Tomás, percebendo que aquele ponto era quase de certeza crucial. – O que lhe disse o seu pai exactamente quando mencionou o *Olho Quântico*?

Peter estreitou os olhos, na tentativa de reconstituir o que ouvira uma semana antes.

– Disse qualquer coisa sobre o Higgs e os novos testes que o CERN estava a levar a cabo para o encontrar mais uma vez.

– Sim, é verdade. O CERN anunciou em 2012 a detecção do bosão de Higgs, também conhecido por partícula de Deus. Li no jornal que iam ser feitas novas experiências para voltar a produzir o Higgs no grande acelerador de hadrões, de modo a estudar melhor o seu comportamento. Aliás, tenho até ideia de que essas experiências decorriam quando eu me encontrava em Genebra...

– Foram justamente essas novas experiências que o meu pai quis acompanhar no CERN. – anuiu o americano. – Mas, se quer que lhe diga, ainda não percebi muito bem a importância desse bosão. – Riu baixinho. – Aliás, nem sequer sei o que é um bosão...

– As partículas que transportam as forças fundamentais são bósons. – esclareceu o académico. – Os fótons, por exemplo, são bósons que transportam a energia electromagnética, como a do Sol. – Bateu com os dedos no mogno da secretária. – Já as partículas que constituem a matéria, como a que existe nesta mesa, são conhecidas por férmions. Isso quer dizer que os electrões, os prótons e os neutrões são férmions.

– Estou a ver. O Higgs é um bosão. E então? O que tem isso de tão importante?

A pergunta obrigou Tomás a respirar fundo, como se ganhasse balanço para uma tarefa difícil. Não era, na verdade, coisa simples explicar o Higgs a um leigo.

– Oiça, presumo que tenha conhecimento de que o universo começou a partir de uma brutal concentração de energia. Essa concentração energética irrompeu de repente e criou o espaço, o tempo, a energia e a matéria.

– Está a referir-se ao *Big Bang*?

– Isso. – confirmou o historiador, aliviado por não ter de explicar tudo desde o princípio. – O universo começou com o *Big Bang*, há pouco menos de catorze mil milhões de anos. No início, a temperatura era elevadíssima, uma vez que havia muita energia e pouco espaço. A única força existente no universo era a superforça. O universo nasceu simétrico, o que quer dizer que se apresentava exactamente igual em todas as direcções com um padrão geométrico que se repetia *ad infinitum* em caleidoscópio sem uma única variação. Ao fim de alguns instantes, no entanto, e à medida

que o espaço se ia alargando e a temperatura descendo, a simetria quebrou-se. Se sair agora lá para fora e olhar para o céu, verá que as constelações não são iguais umas às outras e as coisas são todas diferentes entre si, não é verdade?

– Sim, claro. Mas continuo sem perceber o que é o Higgs e qual a sua importância...

– Já lá vamos, tenha calma. – pediu. – O importante é que perceba que algo quebrou a simetria do universo e obrigou a superforça a dar lugar a várias forças diferentes, criando primeiro a força de gravidade, a seguir a força nuclear forte e depois a força electrofraca, tendo esta dado mais tarde lugar à força nuclear fraca e à força electromagnética. Começaram também a ser geradas as primeiras partículas e depois os primeiros átomos, sobretudo os mais simples, como o hidrogénio e o hélio. Alguma coisa criou toda esta complexidade e ilusão de diversidade com que vemos o que está à nossa volta, ocultando o facto de que o universo é uno.

– Que coisa foi essa?

– A resposta foi dada pelo físico escocês Peter Higgs e valeria-lhe o Nobel da Física. Higgs preconizou a existência de um campo especial, que viria a ser conhecido por campo de Higgs, que seria responsável pela primeira quebra da simetria no universo. Higgs previu que, quando se atingem valores energéticos suficientemente elevados, esse campo é agitado e liberta uma partícula, designada bosão de Higgs ou partícula de Deus. As experiências efectuadas no CERN constituíram uma tentativa de agitar o campo de Higgs para ver se aparecia esse bosão. Foram levadas a cabo colisões brutais de partículas que permitiram criar condições próximas das existentes no *Big Bang*. Esses esforços culminaram em 2012 com o anúncio de que o bosão de Higgs havia de facto sido encontrado.

A explicação pareceu deixar Peter desapontado.

– Só isso? – questionou com um esgar de desilusão. – Tanto barulho por uma coisa tão insignificante?

– O universo é uno e o campo de Higgs criou a ilusão da diversidade. – repetiu Tomás. – Uma coisa dessas não me parece insignificante.

– Mas como é que se criou essa ilusão? O que faz o campo exactamente?

– Confere massa às partículas elementares. O campo de Higgs permeia todo o espaço e todas as partículas estão continuamente a fluir através dele. Repare, o universo era monotonamente simétrico porque se espalhava em todas as direcções à velocidade da luz, não é verdade? Porém, quando a força de Higgs conferiu massa a grande parte das partículas, elas perderam automaticamente velocidade. Foi isso o que quebrou a simetria e criou a ilusão de diversidade. As partículas elementares deixaram de se espalhar todas à mesma velocidade porque de repente adquiriram massa.

O analista da CIA fez um gesto vago e contraiu o rosto num semblante céptico.

– Esse campo permeia todo o espaço? – questionou. – Onde está ele? Nunca ouvi falar nisso! Virou-se sucessivamente em várias direcções, num gesto teatral. – Olhando em redor não vejo nem sinto campo nenhum. Você vê?

– Oiça, nós não sentimos o campo de Higgs da mesma maneira que não sentimos o campo electromagnético ou o campo gravitacional, mas sentimos os efeitos de todos esses campos. Por exemplo, olhamos em redor e vemos as coisas porque existe luz, que mais não é do que a oscilação do campo electromagnético. E caminhamos com os pés no chão porque o campo gravitacional nos puxa para o centro do planeta. – Bateu com os nós dos dedos na superfície da secretária. – Da mesma maneira, vemos que esta mesa tem massa porque o campo de Higgs conferiu massa às partículas que a constituem. As partículas que mais interagem com o campo de Higgs ficam com mais massa, enquanto as partículas com menor interacção com este campo ficam com menos massa. Os fótons, por exemplo, não interagem de modo nenhum com o campo de Higgs, e é por isso que não têm massa. – Fez um gesto circular, a indicar tudo que os cercava. – Lembre-se, no entanto, que sempre que vir um objecto sólido, incluindo o seu próprio corpo, está a observar um efeito do campo de Higgs. Daí que saibamos que

esse campo permeia todo o espaço, apesar de não o vermos nem sentirmos.

Peter recostou-se na sua cadeira almofadada.

– Estou a ver. – disse. – Mas isso não explica por que razão o meu pai estava tão interessado nas experiências do CERN para detectar a partícula de Deus.

– Tudo depende dos contornos do projecto no qual ele estava metido. Lembra-se de o seu pai lhe ter dito mais alguma coisa sobre o *Olho Quântico* antes de partir para Genebra?

O seu interlocutor esboçou de novo a careta de quem vasculhava na memória em busca de uma informação.

– Lembro-me que mencionou estar a descobrir o maior *computador quântico* que se possa imaginar, uma coisa macroscópica, mas percebeu que eu não tinha conhecimentos para entender a conversa e calou-se.

– A descobrir? – espantou-se Tomás. – A inventar, quer você dizer...

– Tenho ideia de que ele disse '*descobrir*'...

– Não pode ser. Um computador é uma máquina que não existia e que se construiu, não é algo que já existisse e que se descubra.

– Sim, tem razão. – concedeu o americano. – Provavelmente ouvi mal. Ele deve ter dito '*inventar*'.

– O seu pai disse que estava a inventar o maior *computador quântico* que se possa imaginar? Ele disse que era uma coisa macroscópica? Foram mesmo essas as suas palavras?

– O sentido era esse, sim.

O historiador esfregou o queixo com a ponta dos dedos, reflectindo sobre esta informação e as suas ramificações.

– Caramba! – exclamou. – Começo agora a perceber o que é o *Olho Quântico* e a sua importância. Não admira que o tal Fuchs tenha pressa de lhe pôr a mão em cima.

– Já entendeu o que é o *Olho Quântico*?

– Claro. Você mesmo o disse, citando o seu pai: é um *computador quântico macroscópico*.

– Sim, e depois? O que tem isso de especial?

Tomás riu-se.

– Não tem a menor ideia do que seja um *computador quântico*, pois não?

– Não tenho, mas estou certo de que me poderá elucidar...

– Trata-se de um computador capaz de quebrar qualquer cifra, mesmo as mais complexas. Por exemplo, as chaves públicas criptográficas, que estão na base da maior parte dos sistemas de criptografia existentes na Internet, são composições unidireccionais por serem fáceis de criar e difíceis de quebrar. Isto porque um computador clássico multiplica facilmente quaisquer dois números, mas tem enorme dificuldade em decompor os números complexos em factores. Um número que um computador clássico leva milhares de milhões de anos a decompor em factores pode ser decomposto em alguns minutos por um computador quântico. Está a perceber a importância de uma coisa destas para uma agência de espionagem como a CIA? O seu pai estava a inventar o *santo graal da espionagem*! Nem mais nem menos. A partir do momento em que a CIA tenha um *computador quântico macroscópico* a operar, não há nenhuma mensagem cifrada que a Al-Qaeda ou qualquer outra organização terrorista possa trocar que a Agência seja incapaz de interceptar e quebrar. Nenhuma. Com o *Olho Quântico* em funcionamento, estes atentados deixam pura e simplesmente de ser possíveis. Aliás, deve ser por isso que o projecto tem esse nome. O *Olho Quântico* é decerto uma espécie de olho que, recorrendo a efeitos quânticos, tudo vê.

Peter emitiu um assobio apreciativo.

– *Holy shit!* – exclamou. – O meu pai estava a inventar o *Big Brother*! Agora entendo a pressa do *Fucking Fuchs*...

– Mas deixe-me dizer-lhe uma coisa. – acrescentou o académico português. – Se o seu pai inventou mesmo um *computador quântico macroscópico*, o Comité Nobel vai ter de abrir uma excepção à regra de que uma pessoa só pode ser laureada se estiver viva. É que, com esta invenção, ele merece o Nobel da Física, mesmo que postumamente.

– Acha que sim? Porquê?

– Porque estamos a falar de um *computador quântico macroscópico*.

– E então? O que têm esses computadores quânticos assim de tão especial? No fim de contas, os computadores já foram inventados há muitos anos, não é verdade?

O olhar de Tomás desviou-se para os três livros que havia visto uma hora antes sobre a secretária. Pegou nos três e escolheu um deles, a obra de Claude Shannon intitulada *The Mathematical Theory of Communication*.

– Estamos a falar de um computador diferente. – sublinhou, voltando a capa do livro para o seu interlocutor. – Repare nesta obra que o seu pai guardava sobre a secretária. Um computador clássico opera de acordo com os princípios aqui estabelecidos por Shannon, segundo os quais a informação é uma entidade com existência física real, tal como a energia ou a massa. Algumas das leis mais fundamentais da natureza, como por exemplo a segunda lei da termodinâmica, são na verdade leis da informação. Estas leis regulam a matéria e a energia, estabelecem as regras de como os átomos devem interagir e como as estrelas se devem comportar, regulam-nos até a nós enquanto seres vivos, porque os nossos genes contêm informação que os nossos corpos replicam, e enquanto seres humanos, uma vez que o nosso cérebro contém informação que a consciência gere. Quando se diz que as teorias da relatividade estabelecem que nada se pode deslocar mais depressa do que a luz, está-se a fazer uma afirmação que, na verdade, não é inteiramente exacta. Há coisas mais rápidas do que a luz, como a expansão do espaço, por exemplo. O que não pode deslocar-se mais depressa do que a luz é, em bom rigor, a informação. A natureza exprime-se através da linguagem da informação.

– Espere aí, não é o bit que é a unidade mínima de informação?

– Correcto. Diz-se bit, ou dígito binário.

– Desculpe, mas a palavra binário implica a existência de duas coisas. Como pode uma unidade mínima ter duas coisas?

– Uma coisa binária é algo que consiste em duas partes, de facto. Isso não significa que o bit seja duas coisas, mas antes que

representa uma de duas opções: ou sim ou não, ou esquerda ou direita, ou cima ou baixo, ou zero ou um. Está a ver? Um computador é uma máquina de processamento de informação, ou seja, um computador processa bits. Nunca reparou que a programação de um computador consiste numa série interminável de zeros e uns?

– Agora que menciona isso, sim. – concordou ele. – Estou farto de ver sequências de zero-zero-um-zero-um-um-um-zero-um-zero, e assim sucessivamente. São bits?

– Exactamente. Um computador clássico processa sempre um de dois caminhos. Por exemplo, para determinar a cifra de um cofre com dezasseis combinações possíveis, o computador clássico tem de processar quatro perguntas binárias. Imaginemos que o número secreto é o nove. A primeira pergunta que o computador clássico processa é esta: a combinação correcta é um número ímpar? Sim é o zero, não é o um. A resposta neste caso é o zero. Vem então a segunda pergunta: dividindo o número por dois e arredondando para baixo de modo a chegar a um número inteiro, o número é um ímpar? A resposta é o um, que significa não. Esta segunda pergunta é repetida mais duas vezes. Ao fim de quatro perguntas de alternativa entre o zero e o um, o computador clássico encontra a resposta desejada. Como deve ter reparado, trata-se de um processo demorado para determinar um número tão simples como o nove e é por isso que a computação clássica leva tempo. Já o *computador quântico* funciona de maneira diferente.

– Mas o *computador quântico* não é confrontado com um sistema binário de zeros e uns?

– Claro que é, mas lida com eles de maneira diferente. Enquanto um computador clássico processa entre o sim e o não, entre a esquerda e a direita, entre o zero e o um, o *computador quântico* processa o sim e o não, a esquerda e a direita, o zero e o um.

– Perdão?

– O computador quântico não processa entre duas opções, processa todas as opções ao mesmo tempo. Assim, enquanto o computador clássico precisa de processar quatro perguntas com

resposta binária para descobrir a combinação secreta do cofre, o computador quântico processa as quatro perguntas numa única.

Arregalando os olhos e entreabrindo a boca, Peter esboçou um esgar de incompreensão e incredulidade.

– Isso é possível?

– Claro que é. Oiça, Pete, o *computador quântico* funciona segundo as regras do mundo quântico. Não sei se sabe, mas na física quântica um electrão não atravessa a fenda esquerda ou a fenda direita abertas num obstáculo, mas as duas fendas ao mesmo tempo. Ao nível quântico, os electrões, a luz, os átomos e as moléculas percorrem todas as rotas simultaneamente e estão em todos os sítios ao mesmo tempo. O que um *computador quântico* faz é usar essa estranha propriedade da física quântica para efectuar um enorme número de cálculos ao mesmo tempo, em vez de proceder como um computador clássico, que executa um cálculo de cada vez. É por isso que o *computador quântico* é muito mais rápido a processar informação que o computador clássico e tem a capacidade de quebrar depressa a mais complexa das cifras.

O analista da CIA mostrava-se atónito.

– Se o *Olho Quântico* é mesmo um projecto para construir um desses computadores quânticos, estamos sem dúvida perante uma poderosíssima arma contra o terrorismo!

– É verdade. O problema é que, para construir um *computador quântico macroscópico*, é preciso resolver primeiro o mais colossal de todos os problemas da física: a conciliação da física quântica, indeterminista e probabilística, com a física clássica, determinista e causal. Ou seja, é preciso antes de mais conceber uma teoria de tudo. Há muito tempo que os físicos andam atrás dessa quimera, ainda sem sucesso. Imagino que esse tenha sido o grande obstáculo que o seu pai teve de superar.

– Está a dizer-me que sem a teoria de tudo não é possível construir um *computador quântico*?

– Não, os computadores quânticos já foram inventados. O que não se consegue fazer é pô-los a operar a um nível suficientemente complexo e a uma dimensão macroscópica. Para quebrar as cifras mais complexas da Internet, o *computador quântico* tem de ser

capaz de computar várias centenas de bits quânticos, designados qubits, mas o máximo que os cientistas estão a conseguir computar são dez qubits. Não chega.

– Então o que estava o meu pai exactamente a fazer no projecto *Olho Quântico*? A construir um *computador quântico* que seja capaz de computar centenas de qubits?

– Só isso é que faz sentido. – anuiu Tomás. – O problema é que, para computar centenas de qubits, é preciso que a informação se ligue através do processo quântico de entrelaçamento a um nível macroscópico. Essa é a grande dificuldade. Os efeitos quânticos ocorrem a um nível microscópico, mas não na nossa escala macroscópica, está a perceber? Enquanto no microcosmos constatamos que a observação cria parcialmente a realidade e os átomos estão ao mesmo tempo em vários locais e percorrem ao mesmo tempo todas as rotas, na nossa escala macroscópica isso não acontece. Porquê, se todos somos feitos de átomos? Sendo nós constituídos por partículas quânticas, não deveríamos também ver esses efeitos bizarros ocorrerem connosco e à nossa volta? A resposta é que devíamos, mas não vemos. Para fazer um *computador quântico macroscópico*, suficientemente poderoso para quebrar facilmente as mais complexas cifras da Internet, o seu pai teria primeiro de resolver esse grande enigma, um mistério tão profundo que ninguém ainda foi capaz de o explicar.

– Estou a perceber. É por isso que dizia há pouco que, se o projecto *Olho Quântico* envolver mesmo a construção de um *computador quântico macroscópico*, o meu pai merecia ganhar o Prémio Nobel da Física.

– No mínimo.

Com uma expressão que parecia misturar orgulho e tristeza, Peter permaneceu um longo momento a contemplar a imagem de Frank Bellamy na fotografia de grupo tirada diante da escadaria do edifício em Langley. Exalou um suspiro pesado e encarou o seu interlocutor com um olhar carregado de indecisão e insegurança.

– O que fazemos agora?

– Se quero escapar aos seus amigos da CIA e sobreviver a esta confusão, preciso primeiro de resolver o mistério da morte do

seu pai. – disse Tomás com ar resoluto. – E para chegar aí tenho necessidade que me responda a uma pergunta.

O português fez uma pausa para acentuar a importância da questão.

– Com certeza. O que quer saber?

Cravou os olhos em Peter, como se lhe quisesse ler o rosto.

– Quem é Daniel Dare?

– Quem?

Tomás estendeu o braço e pegou na pasta com capa plastificada transparente que se encontrava sobre a secretária e que tinha examinado quando fizera a revista ao escritório.

– Presumo que já tenha lido o que aqui está. – disse, folheando o documento no interior da pasta. – Trata-se de um relatório médico feito numa clínica de Boston sobre um tal Daniel Dare. Diz que ele tem cancro do pâncreas e dá-lhe uns meses de vida. – Entregou o relatório ao homem da CIA. – Quem é este Dare?

Peter encolheu os ombros.

– Já li de facto esse relatório, mas confesso não saber de quem se trata. Nunca me cruzei com ninguém com esse nome.

– O seu pai alguma vez o mencionou?

– Nunca.

– Nem ouviu este nome de uma outra fonte?

– Não.

As respostas deixaram o historiador pensativo. Inclinou-se sobre a secretária, assentando os cotovelos sobre a superfície de mogno polido, e esfregou a palma da mão esquerda sobre a boca e o queixo enquanto reflectia no caso. Espreitou as estantes com os livros, como se estes lhe pudessem falar, e por fim recostou-se na cadeira.

– Hmm.... – murmurou, como se pensasse em voz alta. – Só pode ser isso...

– Isso, o quê?

Como se tivesse apanhado um choque eléctrico, endireitou-se de repente e fitou o seu interlocutor com o olhar intenso dos que sabem ter encontrado a solução para um problema.

– Já sei quem matou o seu pai.

LVIII

Depois da hora do jantar, o pátio do campus da Universidade de Georgetown ficou quase deserto, de tal maneira que parecia assombrado. Soprava uma brisa fria que levantava algumas folhas secas estendidas pelo chão, como se as próprias árvores desfiassem um tapete. Viam-se alguns casalinhos de namorados passar de mão dada, havia até um par que se enrolara aos beijos ao lado de uma porta na zona residencial, mas tudo muito longe do bulício habitual do dia, sobretudo à hora do início ou do fim das aulas.

Apertando o sobretudo para se defender do vento cortante, o major Fuentes atravessou o pátio com a pasta na mão, passou por um remoinho de folhas que giravam pelo ar com a poeira e cruzou a porta do principal edifício residencial. Subiu tranquilamente as escadas, com o à-vontade de alguém habituado a frequentar aquele espaço, e meteu pelo corredor do primeiro andar. Foi verificando os números pregados nas portas até chegar ao quarto que procurava.

Deu três toques suaves na madeira com a dobra dos dedos e, segundos depois, a porta abriu-se. Um homem de cabelo castanho desgrenhado espreitou para o exterior.

– É o senhor Jorge de Sousa Marques?

O homem que atendeu estudou o desconhecido com desconfiança, examinando-o dos pés à cabeça.

– Sou eu mesmo. – disse com uma voz pouco segura, quase a medo. – Em que posso ajudá-lo?

– Pertenço ao gabinete de higiene do campus. – apresentou-se o major Fuentes com a pose de um funcionário zeloso. – Tivemos uma queixa relativa à falta de asseio no seu quarto e vou ter de verificar se está tudo em ordem. Espero que não veja inconveniente.

– Uma queixa? De quem?

– A identidade do queixoso é confidencial, sir. Mas parece que foram avistados roedores no seu quarto.

– Que disparate! – Com um trejeito de indignação por ser alvo de tamanho dislate difamatório, Jorge abriu a porta e fez um gesto a convidar o inspector a entrar. – Faça o favor de ver por si mesmo. Não existem aqui ratos nem roedores nenhuns, como pode constatar. – Esboçou uma careta. – A não ser que se estejam a referir a mim, claro. Às vezes ponho-me a roer umas batatas fritas.

Riu-se da sua própria graçola e fechou a porta. O major Fuentes varreu o quarto com o olhar e fixou a atenção num *laptop* pousado sobre a escrivaninha. Aproximou-se e pegou nele.

– Ena, tem aqui o último modelo! – exclamou, virando-o para verificar o número de série. – Novinho em folha, hem?

Ao ver o homem pegar num dos computadores portáteis com os quais na véspera penetrara ilegalmente no sistema informático da CIA, Jorge sentiu o coração disparar e suspendeu a respiração, receando o pior.

– É... é de um amigo.

O major Fuentes não respondeu de imediato. Em vez disso, tirou do bolso o seu bloco de notas e verificou o número de série do *laptop*. Era o mesmo que o registo de venda do Walmart de Georgetown identificava como tendo sido adquirido pouco depois de Tomás Noronha ter levantado dinheiro na caixa multibanco situada ao lado da loja. Já não lhe restavam dúvidas de que batera à porta certa.

O operacional da CIA voltou-se e encarou o matemático português com uma expressão transfigurada. Já não era o zeloso inspector de higiene do campus universitário, mas o psicopata que a agência de espionagem usava para as missões mais sangrentas.

– Onde está o seu amigo?

A pergunta fez Jorge engolir em seco. Começava a suspeitar que tinha sido apanhado, não sabia bem como, mas sem ter ainda a certeza de nada a não ser de que o homem diante dele o encarava de uma forma desconfortavelmente ameaçadora.

– Ele... ele não está cá.

– Para onde foi?

– Não sei. – mentiu o matemático. – Não me disse nada.

O major Fuentes meteu a mão no bolso do sobretudo e extraiu o seu cartão da CIA, exibindo-o ao seu interlocutor amedrontado.

– Vou repetir a pergunta com bons modos só mais uma vez. – avisou num tom sibilino carregado de insinuações, o cartão ainda espetado diante da cara de Jorge. – Para onde foi o seu amigo Thomas Norona?

Uma gota de transpiração brotou do couro cabeludo do português e serpenteou- -lhe pelas têmporas. O cartão da CIA constituía a confirmação de que a visita se relacionava com a louca aventura informática da véspera.

– Não sei. – respondeu quase numa súplica. – Juro que não sei. – Mais gotas de suor deslizaram pelo rosto empalidecido, desenhando um rasto molhado. – Mas... mas, por favor, não levem a mal, nós fizemos isto só por brincadeira, não queríamos...

Com um movimento rápido, o major Fuentes desferiu um violento soco no estômago do matemático e, quando este se dobrou sobre si mesmo com um urro abafado, atingiu-o na nuca. Jorge caiu aparatosamente no chão, meio inconsciente, como um boneco desarticulado. Sem perder tempo, o seu agressor meteu os braços por baixo do corpo dele, levantou-o quase sem esforço e depositou-o sobre a cama de barriga para cima. A seguir pegou numa corda e atou-lhe as mãos e os pés às estruturas assentes sobre as pernas da cama, de modo que o português assumisse a pose do homem vitruviano, de Leonardo da Vinci.

Quando acabou de o amarrar, o major Fuentes foi à torneira do quarto de banho e encheu um copo de água. Voltou ao quarto e despejou a água fria sobre o rosto atordoado de Jorge.

– O quê? – balbuciou o prisioneiro, recuperando a consciência.

– O que... o que aconteceu?

O major Fuentes pegou na cadeira que se encontrava colada à escrivaninha, arrastou-a até à cabeceira da cama e sentou-se nela. A seguir dobrou-se sobre Jorge, como se lhe quisesse segredar ao ouvido.

– Agora nós, *cabrón*. – soprou-lhe com voz raspada. – Quero saber para onde foi o teu amigo Thomas Norona. Podes ter a certeza de que, a bem ou a mal, me vais contar tudo. A escolha é tua. Queres fazer isto da forma gentil ou preferes a versão *hardcore*?

Ainda atordoado, o matemático exibia um ar estremunhado. Sacudiu a cabeça para expulsar a água que lhe banhava as faces, como um cão molhado, e encarou o seu agressor já perfeitamente consciente, uma inesperada faísca de desafio a cintilar-lhe nos olhos.

– Você não pode fazer isto! – protestou, elevando a voz e convicto de que o seu captor fora longe de mais. – Solte-me imediatamente! Tenho direitos e exijo que sejam respeitados. Quero a presença de um advogado e não falarei sem que me traga um, ouviu?

– Andas a ver demasiados filmes de tribunais, *cabrón*. – rosnou o major Fuentes, deitando a mão à sua pasta para pegar num lenço branco. – Pois eu agora vou-te dar um filme diferente, mais ao estilo Texas Chainsaw Massacre, não sei se estás a ver o género.

Com um movimento rápido, inseriu à força o lenço na boca de Jorge e pôs-lhe um grande adesivo a selar os lábios. A vítima amordaçada tentou espernear e esbracejar para se libertar, mas os pés e os braços estavam bem atados e o mais que conseguiu foi emitir uns urros sufocados.

Depois de se certificar de que o prisioneiro se encontrava inteiramente à sua mercê e sem possibilidade de pedir ajuda, o operacional da CIA voltou à sua pasta e retirou do interior um pequeno estojo castanho. Desdobrou o estojo, revelando vários instrumentos metálicos. Escolheu um deles e pô-lo diante dos olhos de Jorge para lhe mostrar o que o esperava.

Um alicate.

– A sessão vai começar.

Imobilizou a mão esquerda do português, introduziu o dedo mindinho por entre os dentes afiados do alicate e trincou-o com força.

– Hmm! – urrou Jorge, tentando gritar através da mordação. – Flmmm!.. Hmmm!..

Do pequeno coto em carne viva saltaram jactos de sangue, enquanto o prisioneiro se contorcia desesperadamente na cama, cego pela dor e pela aflição, o rosto rubro e coberto de transpiração, os olhos esgazeados na vertigem do sofrimento. Mas o instrumento nas mãos do major Fuentes continuou a rasgar a carne e o osso, como se o homem que o manejava fosse indiferente ao terror. Depois de talhar os últimos tecidos, o algoz pegou no dedo amputado e mostrou-o à vítima.

– Estás a ver onde te conduziu a teimosia? – perguntou-lhe com ar inocente. – Se continuares a armar-te em parvo, vou-te cortar todos os dedos das mãos e dos pés, percebeste? Se isso não te convencer, a seguir vou serrar-te os pulsos e os tornozelos. E se ainda te mantiveres calado, amputo-te pelos cotovelos e pelos joelhos. Depois será pelos ombros e pelas ancas.– Arqueou as sobrancelhas. – Enfim, já percebeste a ideia, não é verdade? Vou talhar-te às fatias, bem devagarinho e com muita dor. Não será bonito. – Adocicou a voz. – Por isso, faz um favor a ti próprio. Conta tudo de uma assentada, está bem? Isso irá poupar-te muito sofrimento, garanto-te.– Deixou o olhar pousado no prisioneiro, como se esperasse uma reacção. – Geme duas vezes se estiveres de acordo.

– Elmm... hmm.

Com um movimento brusco, o operacional da CIA retirou-lhe a mordação e deixou-o recuperar o fôlego.

– Então? Onde foi o teu amigo Noroha?

O rosto de Jorge contraía-se numa careta de dor. A sua respiração era pesada, mas apesar disso conseguiu readquirir grande parte da compostura, ou pelo menos a suficiente para se poder concentrar nas respostas.

– Ele... ele foi a casa do tipo da CIA.

- De quem?
- Do que... do que morreu em Genebra.
- Frank Bellamy?
- Sim, talvez. – As palavras saíam-lhe aos solavancos, entre golfadas de ar. – Não decorei o nome.
- Onde é essa casa?
- É um apartamento. Não me lembro da morada exacta, juro-lhe.
- É aqui em Washington, DC?
- Sim. Algures em Dupont Circle.

O major Fuentes voltou a inserir o lenço na boca do prisioneiro e a colar-lhe um grande adesivo nos lábios. A seguir pegou no telemóvel, procurou um número na memória e fez a chamada.

– Espero que tenhas boas notícias para me dar. – foi a primeira coisa que Harry Fuchs lhe disse ao atender. – Apanhaste-o?

– Está quase. Parece que o tipo foi para o apartamento de mister Bellamy.

– Jeez! – admirou-se o director do Serviço Clandestino Nacional. – Esse *motherfucker* é rápido!

– Preciso que me confirme a morada.

– É em Dupont Circle. Ainda ontem precisámos de saber isso por causa de... enfim, de uma outra operação que está em curso. Queres que te dê o endereço exacto?

– Se não for demasiado incómodo.

– Vou apurar e envio-to já a seguir por SMS.

A chamada desligou-se de imediato, evidentemente por iniciativa de Fuchs, e o major Fuentes guardou o telefone no bolso. A informação dada pelo director do Serviço Clandestino Nacional de que a residência de Bellamy se situava em Dupont Circle coincidia com o que o prisioneiro acabava de lhe dizer. Este não tinha, por isso, mais utilidade.

Deitou a mão ao coldre e retirou a sua arma favorita para este tipo de operações, a *Sig Pro* semiautomática. Depois agarrou no silenciador e atarraxou-o ao cano da pistola.

– Hmm!.. Hmm!..

Deitado na cama, e apesar da dor no coto amputado, Jorge observava este procedimento com alarme crescente. Apercebendo-se da reacção do prisioneiro, o operacional da CIA esboçou um leve sorriso. Terminou os preparativos, levantou-se e foi ao armário buscar uma almofada. Regressou para a cabeceira da cama, depositou a almofada sobre a cara de Jorge como se o quisesse asfixiar e por cima encostou o cano da pistola.

– Hmm!.. Hmmmm!..

Disparou.

LIX

A afirmação de Tomás deixou Peter por momentos boquiaberto. O filho de Frank Bellamy permaneceu um longo instante imóvel no seu lugar, examinando o rosto do seu interlocutor num esforço para o ler, para saber se brincava, para se certificar de que falava a sério. Passou em revista os principais pontos da conversa que tivera com ele na última hora, tentando encontrar indícios que lhe permitissem chegar a uma conclusão daquelas. Não se lembrou de nada particularmente pertinente.

– Já sabe quem matou o meu pai? – questionou com uma ponta de incredulidade no tom de voz. – Como é possível?

O historiador fez com as mãos um gesto largo a indicar todo o escritório.

– As pistas estão todas aqui.

O olhar do homem da casa percorreu o espaço em volta, pousando alternadamente nas fotografias emolduradas e pregadas às paredes, nos objectos que se encontravam sobre a secretária, nas gavetas e nas estantes com os livros, num esforço para também ele dar com as pistas e perceber o que elas lhe revelavam, mas nenhum dos elementos que viu lhe dizia o que quer que fosse sobre o que acontecera em Genebra.

– Deve estar a brincar comigo...

– Pelo contrário, falo muito a sério. Estou convencido de que sei quem matou o seu pai, como e porquê.

– Quem foi?

– Antes de lhe dizer. – prosseguiu o historiador, – preciso de ler o projecto *Olho Quântico* para confirmar as minhas suspeitas.

O rosto de Peter abriu-se num sorriso sem humor.

– Para isso seria necessário encontrar o diabo desse projecto.
– observou. – E isso será bem mais difícil, parece-me.

– Está enganado. Sei onde o seu pai o guardou.

O sorriso triste transformou-se num esgar de admiração.

– Perdão? Está a dizer-me que sabe onde está escondido o *Olho Quântico*?

Tomás levantou-se da cadeira.

– Claro que sei. – respondeu. – Mas cada coisa a seu tempo. – Fez um gesto em direcção à porta que conduzia à salinha de arrumações. – Se calhar o melhor era libertar agora aquela desgraçada, coitada. Já ali está fechada há um ror de tempo...

– Tem razão.

Peter abandonou o seu lugar atrás da secretária e retirou do coldre a chave das algemas. Com Tomás logo atrás dele, abriu a porta da sala de arrumações e deu com Maria Flor no lugar onde a deixara, ajoelhada e com a mão algemada presa ao puxador.

– Então? – perguntou o historiador, falando em inglês para que o anfitrião não sentisse que decorriam ali conversas paralelas, o que o poderia levar a desconfiar de jogo duplo. – Estás bem?

– Hmm-hmm.

Peter inseriu a chave na fechadura das algemas e a garra metálica abriu-se com um clique suave.

– As minhas desculpas. – disse o americano. – Tem de compreender que vocês entraram às escondidas no apartamento do meu pai e precisei de me certificar da vossa identidade e intenções. Não foi nada pessoal e espero que esteja bem.

– Não se preocupe, percebo perfeitamente. – retorquiu Maria Flor, massajando o pulso dorido. – Eu é que fui estúpida em me ter envolvido em todo este assunto que na verdade não me diz respeito. Acho que devo ir-me embora o mais depressa possível.

Tomás não conseguiu conter um suspiro de alívio quando percebeu que ela estava bem. Pelos vistos o interrogatório a que a amiga fora submetida não havia sido violento e o pior por que ela passara tinha sido a pressão psicológica e o desconforto de se encontrar algemada durante pouco mais de uma hora. Quis abraçá-la e beijá-la e agradecer-lhe por ter sido tão forte e dizer-lhe que a

admirava e expressar muito mais do que isso, mas conteve-se. Ganhara confiança com Peter, convencera-se de que ele era mesmo quem dizia ser, mas mantinha presente que lidava com um profissional de uma agência de espionagem e que para as pessoas daquele meio a ilusão e a manipulação eram comportamentos de rotina. Nessas condições, precisava de manter a ficção de que Maria Flor lhe era indiferente e que seria inútil feri-la porque isso não o atingiria. Continuava a parecer-lhe a melhor maneira de a proteger.

– Já vamos embora. – disse ele. – Mas primeiro temos de ir ao sítio onde se encontra o...

– Quero ir-me embora já! – cortou a amiga, elevando a voz. – Neste momento.

O tom firme e irritado surpreendeu Tomás, mas depressa julgou entendê-lo; ela tinha os nervos à flor da pele e quem poderia censurá-la depois de tudo aquilo por que passara?

– Está bem, vamos então fazer primeiro um desvio pela Universidade de Georgetown e deixo-te no campus. O Jorge com certeza que...

– Quero ir imediatamente embora para Portugal. – disse ela no mesmo tom assertivo e impaciente. – Esta noite.

A exigência fez o historiador vacilar. Maria Flor estava ainda mais abalada do que ele pensara e pedia o impossível. Abriu a boca para contra-argumentar e fazer-lhe ver que não estava a ser razoável, era tarde e só no dia seguinte a poderia meter num avião, mas reflectiu melhor e percebeu que o desejável era mesmo que ela saísse o mais depressa possível dos Estados Unidos, uma vez que aquela missão era muito arriscada e de facto ela nunca devia ter vindo. Pensou mais um pouco e lembrou-se que as ligações aéreas da América para a Europa costumam ser nocturnas.

Consultou o relógio.

– São dez da noite. – constatou. Lançou um olhar inquisitivo na direcção de Peter. – Haverá ainda algum voo para Lisboa?

O analista da CIA voltou para a secretária e ligou o computador.

– Só há uma maneira de saber. – disse enquanto o monitor se iluminava. – É verificar na Internet.

Aguardaram um momento até as ligações ficarem estabelecidas e o sistema se tornar operacional. Peter conectou-se a um motor de busca, abriu uma página especializada em itinerários de voo e digitou a partida em Washington, DC, nessa noite e Lisboa como destino. O site fez a busca e, em cinco segundos, forneceu uma lista de ligações aéreas entre as duas capitais.

– Já não há nenhum voo directo de Washington. – constatou Tomás. – Terias de ir a Nova Iorque apanhar uma ligação, mas chegarias tarde. – Pousou o dedo sobre uma linha. – Existe, no entanto, este voo à meia-noite para Londres. – Clicaram na linha e os detalhes do voo encheram o ecrã. – Aterras em Heathrow de madrugada e podes apanhar a ligação das dez da manhã para Lisboa. – Virou-se para a amiga. – Compramos este?

– Sim.

Tomás deu o número do seu cartão de crédito e o código de segurança e Peter consumou a compra. Ao fim de alguns instantes, a companhia aérea indicou ter enviado o bilhete para o endereço electrónico que lhe foi fornecido no acto de compra.

– *Damn!* – praguejou o americano ao ver esta mensagem. – Já me esquecia que tenho a impressora avariada.

– Então como podemos imprimir o bilhete?

Em resposta, Peter abriu o endereço electrónico e clicou na linha do e-mail enviado pela companhia aérea. Depois retirou de uma gaveta um bloco de notas e pôs-se a rabiscar as informações que constavam do bilhete que a transportadora anexara à mensagem electrónica.

– Não faz mal. – disse enquanto tomava nota dos dados. – Ela leva aqui o número da reserva. No balcão do check-in eles verificam o número no sistema e depois dão-lhe o cartão de embarque. – Esboçou um sorriso confiante. – Não há problema.

Arrancou do bloco a folha com os dados do voo e entregou-a a Maria Flor. A portuguesa leu as anotações e, sem nunca sorrir, ergueu o olhar para a porta de saída.

– De que estamos à espera para nos irmos embora?

LX

Depois de contornar Dupont Circle, o *Chevrolet* negro encostou-se à berma. O ocupante varreu o passeio deserto com o olhar e, satisfeito, desligou as luzes e o motor e saiu da viatura. A noite tornara-se ainda mais fria, mas isso era indiferente ao major Fuentes. Percorreu o passeio com a sua passada larga e entrou no edifício.

O guarda lia o jornal atrás de um balcão e levantou os olhos para o recém-chegado.

– Boa noite. – cumprimentou. – Posso ajudá-lo?

O major Fuentes retirou do bolso o seu cartão de identificação da CIA e mostrou-o ao homem.

– Venho para uma reunião de inquilinos.

O guarda verificou o cartão e assegurou-se da sua autenticidade.

– Vocês andam muito activos ultimamente. – observou com ironia. – Ainda na madrugada passada vieram aqui para mais uma das vossas reuniões de inquilinos...

O major Fuentes arreganhou os lábios e mostrou-lhe os dentes, como um cão a ameaçar um intruso.

– E você também anda muito activo. – devolveu, apontando para o colarinho do seu interlocutor. – Essa marca de baton mostra que tem andado metido numas reuniõezinhas...

O guarda corou e fez-lhe sinal de que passasse. O major Fuentes seguiu em frente até chegar à zona dos elevadores, logo depois do átrio. Carregou num botão para chamar o ascensor e aguardou. O facto de alguns dos inquilinos do prédio trabalharem na CIA levava a agência de espionagem a alugar um pequeno apartamento no último andar e usá-lo para reuniões. Considerando as circunstâncias da morte de Frank Bellamy, a existência daquele apartamento tornara-se muito útil, uma vez que permitia aceder ao edifício sem complicações desnecessárias.

O elevador chegou ao rés-do-chão e o operacional entrou e carregou no botão referente ao andar onde se encontrava a residência em Washington do recentemente falecido chefe da Direcção de Ciência e Tecnologia. Quando a porta se fechou e o elevador deu um soluço e começou a subir, o major Fuentes retirou a pistola do coldre escondido ao peito e, tal como fizera meia hora antes no campus universitário, atarraxou o silenciador ao cano. Mais valia ir-se já preparando.

Com um solavanco final, o ascensor chegou ao seu destino. O intruso abriu a porta e saiu para o exterior. Inspeccionou o corredor e, sempre a verificar os números dos apartamentos, chegou à morada que o SMS enviado por Harry Fuchs lhe indicara ser a de Frank Bellamy. Ajoelhou-se diante da fechadura e estudou-a. Parecia-lhe desconcertante como toda a gente associava a CIA a

uma organização *high-tech*, que na verdade era em muitos aspectos, mas depois as próprias chefias da agência de espionagem usavam nas portas fechaduras tão rudimentares que mais pareciam dos anos cinquenta.

O major meteu a mão ao bolso, retirou um arame e introduziu-o no buraco da fechadura. Não levou muito tempo a detectar o segredo. Depois de dar um jeito especial ao arame, sentiu o mecanismo interno da fechadura rodar e a porta abriu-se.

Se Tomás Noronha ali estava, ia ter uma surpresa.

Emitindo um zumbido eléctrico monocórdico, o portão elevou-se devagar até ficar pregado ao tecto. Sentado ao volante, Peter Bellamy carregou no acelerador e o seu Jeep Grand Cherokee prateado deslizou pela rampa e saiu da garagem do prédio para se fazer à rua. Poucos automóveis circulavam naquela zona da cidade àquela hora. O jipe contornou sem problemas a rotunda de Dupont Circle e meteu pela New Hampshire Avenue para Foggy Bottom e o Potomac, para lá do qual se encontrava o aeroporto.

– Temos meia hora para chegar a Dulles. – disse o americano, desviando momentaneamente a atenção para as luzes âmbar dos ponteiros do relógio do jipe. – Não há trânsito, vamos chegar a horas.

Sentado no lugar ao lado, Tomás voltou-se para trás e encarou Maria Flor com um sorriso confiante.

– Ainda bem que vais regressar a casa. – disse, esforçando-se por animá-la. – Parece-me realmente o mais sensato.

Aqui não há condições de segurança e o risco é muito elevado.

– Hmm-hmm.

A amiga nem lhe devolveu o olhar; observava fixamente as ruas escuras e a iluminação nocturna, como se estivesse muito longe dali. A expressão do olhar ostentava algo de inquietante e o historiador, ao esquadriñar-lhe a face, sentiu-se perturbado. Havia alguma coisa a escapar-lhe, aquele comportamento não lhe parecia normal.

– Estás bem?

– Hmm-hmm.

Definitivamente, algo não estava bem. Maria Flor dava a impressão de se encontrar ausente e desinteressada, muito diferente da mulher alegre, viva e entusiasmada com quem convivera nas últimas quarenta e oito horas. O que se teria passado? Será que o interrogatório de Peter fora violento? Examinou-lhe discretamente o rosto e as partes do corpo expostas à vista, como o pescoço e as mãos; não mostrava quaisquer marcas de agressão. Todavia, Tomás sabia que havia maneiras de agredir uma pessoa sem deixar vestígios e não ficou descansado.

Desviou a atenção para o americano, que permanecia concentrado na condução.

– Diga-me uma coisa, Pete. – interpelou-o em voz baixa, num esforço para que ela não ouvisse a pergunta. – O que aconteceu durante o interrogatório que fez à minha amiga?

O condutor encolheu os ombros.

– Nada de especial. Fiz-lhe perguntas e ela respondeu. Depois fui falar consigo para verificar se as suas respostas batiam certo com as dela, e de facto batiam. Mais nada.

– Não a agrediu nem nada do género?

O homem da CIA soergueu as sobrancelhas e olhou para o português com ar admirado.

– Essa pergunta é a sério?

– Claro que sim. – devolveu Tomás com uma expressão grave.

– Foi violento com ela?

O americano suspirou.

– Apenas a violência psicológica necessária para a obrigar a responder com verdade às minhas perguntas. – esclareceu. – Apontei-lhe a arma e ameacei-a, claro. Mas não foi preciso abusar porque ela pareceu-me suficientemente aterrorizada e contou-me toda a história que você depois confirmou. Estou convencido que me disse com verdade tudo o que sabia.

– Não houve violência física? De certeza?

– Suponho que algemá-la à porta da sala de arrumações tenha sido de certo modo um acto de violência física. Se se está a referir a estaladas ou murros ou a qualquer acto do género, no entanto, posso assegurar-lhe que não aconteceu nada disso. Aliás, nem poderia acontecer porque eu não sou um operacional, como sabe, mas um mero analista político da Direcção de Informações. Os actos de violência cometidos pela Agência são um exclusivo do Serviço Clandestino Nacional, a direcção chefiada pelo Harry Fuchs. O restante pessoal que trabalha em Langley tem treino de autodefesa, claro. Isso inclui manejo de armas, mas mais ninguém se pode considerar um profissional da estalada.

Um silêncio pesado abateu-se sobre os ocupantes do todo-o-terreno. O Jeep Grand Cherokee cruzou a ponte sobre Theodore

Roosevelt Island, no Potomac, e prosseguiu pela estrada principal, a Custis Memorial Parkway, até que ao fim de uma dezena de minutos se avistou à esquerda a fileira de luzes do aeroporto. Os ocupantes sentiram de repente um rugido intenso e o jipe a tremer e, espantados, levantaram os olhos para o céu negro; era um avião que os sobrevoava muito perto e se preparava para aterrar na pista de Dulles.

A imagem tão próxima e intensa do aparelho tornou real a ideia de que iriam dentro de pouco tempo despedir-se de Maria Flor e ficar sozinhos.

Havia decisões a tomar.

– Estamos a chegar. – murmurou Peter, expondo o óbvio. – O que faremos depois?

– Vamos buscar o Olho Quântico.

– O Halderman e o Fuchs juntaram todos os recursos ao seu dispor e passaram os últimos dias a vasculhar em tudo à procura do projecto do meu pai. – lembrou. – Até agora não encontraram nada. O que o faz pensar que será bem-sucedido quando eles fracassaram?

– Ao contrário deles, eu tenho um informador privilegiado.

– Quem?

– O seu pai.

O americano virou o rosto para ele e encarou-o com uma expressão de choque.

– O quê?

Tomás meteu a mão ao bolso e retirou o grande pentáculo.

– Não se lembra deste artefacto que o seu pai me remeteu? – perguntou, exibindo o objecto com o tamanho de um ioiô que lhe tinha chegado à Gulbenkian pelo correio. – Como já lhe mostrei, numa das faces deste amuleto mágico existe um desenho complexo com uma referência directa em hebraico à *Maftaab Shelomoh*, ou *Chave de Salomão*, um manual de magia atribuído ao rei Salomão.

– Você mostrou-me de facto essa velharia durante o interrogatório. Aliás, posso dizer-lhe que foi justamente a referência à *Chave de Salomão* que me convenceu de que o meu pai, quando associou o seu nome ao que ele designou *A Chave*, estava a fazer

uma alusão a esse objecto, não a qualquer envolvimento seu na morte dele.

– Ainda bem que pensa assim porque estou convencido de que é isso mesmo que ele tinha em mente. – concordou Tomás. – Acontece que, espalhados entre as sete pontas do heptagrama desenhado no grande pentáculo existem diversos sinais. Analisando esses sinais com cuidado, descobrimos que uma sequência deles são na verdade coordenadas geográficas. Agora pergunto-lhe eu: coordenadas de quê?

A pergunta, e sobretudo o caminho ao qual ela conduzia, fez o americano arregalar os olhos.

– Está a insinuar que o meu pai lhe deu nessas coordenadas o paradeiro do *Olho Quântico*?

– Está a ver como você é um *fucking* génio?

A expressão arrancou uma gargalhada de Peter.

– Já parece o meu pai a falar. – gracejou. Pigarreou, regressando ao tom sério. – Por acaso verificou a que local do planeta se referiam essas coordenadas?

O jipe percorreu a zona de estacionamento diante das partidas e parou ao lado de uma fileira de carrinhos de transporte de bagagem. Tomás ligou a luz interior no tecto do veículo, de modo a tornar visível o desenho esculpido na face do grande pentáculo.

– Claro que sim. – confirmou. – Ora insira aí os dados no GPS do seu carro. Vamos ver até onde nos leva o mapa.

– Boa ideia.

Peter carregou no ecrã interactivo do GPS e apareceu um teclado virtual. Estabeleceu ligação com o sistema e voltou-se para o português, aguardando informação. Tomás concentrou-se nos números e sinais espalhados dentro e fora das pontas do heptagrama.

– Trinta e oito graus, cinquenta e sete, seis vírgula cinco Norte. – disse, recitando a latitude e a longitude referidas no grande pentáculo. – Setenta e sete graus, oito, quarenta e quatro Oeste.

O analista da CIA inseriu as coordenadas geográficas no computador do GPS e um mapa formou-se no ecrã, mostrando a cidade de Washington, DC. Peter ampliou a imagem e ela

imobilizou-se num sector da margem sul do Potomac. Fez nova ampliação e os contornos de um edifício recortaram a imagem.

– Jeez! – admirou-se. – Langley.

– Como vê, quando sairmos daqui do aeroporto teremos de ir à CIA. – disse Tomás. – É lá que se encontra escondido o *Olho Quântico*.

O português abriu a porta do carro para se apear e ajudar Maria Flor no terminal, mas Peter ergueu a mão, fazendo-lhe sinal de que aguardasse.

– Espere aí. – disse. – Vou ampliar o mapa ainda mais para ver qual o ponto exacto a que as coordenadas nos levam.

Carregou no botão de ampliação e a imagem do edifício cresceu no monitor. Premiu o botão uma segunda, uma terceira e uma quarta vez, até que o ecrã se encheu com o complexo e foi para lá dele, até por fim se fixar numa ala da sede da CIA.

– Que parte do edifício é esta?

O americano esbugalhou os olhos, estupefacto com o ponto do edifício para onde as coordenadas inseridas no computador do GPS os conduziram. Depois de absorver a informação, e ainda a recuperar do choque, virou-se devagar para Tomás, enfim convencido de que o historiador havia de facto acertado em cheio.

– É o gabinete do meu pai.

LXII

Só após uma revista rápida e metódica ao apartamento, sempre de pistola em punho, é que o major Fuentes se convenceu de que o espaço se encontrava de facto deserto. Porém, detectou no escritório sinais de que alguém ali estivera recentemente; havia papéis desarrumados sobre a secretária e alguns livros remexidos nas estantes. Foi à salinha de arrumos e apercebeu-se de que pairava no ar uma leve fragância feminina. Pelo menos uma das pessoas fora uma mulher.

– *Senor* Norona e sua *chica*. – concluiu num sussurro pensativo. – Parece que nos desencontrámos por pouco...

Sentou-se na cadeira almofadada por detrás da secretária e reflectiu no caso. Tudo indicava que a presa saía dali pouco antes de ele chegar. O cerco apertava-se de facto, mas ele continuava um passo atrás do historiador. Teria de ser mais rápido e, se possível,

prever o que o português faria a seguir, de modo a poder antecipar-se. Se estivesse no lugar da sua presa, raciocinou o major Fuentes, qual seria o passo seguinte? Tudo dependia do que Tomás havia ou não encontrado no apartamento de Frank Bellamy. Uma coisa, todavia, lhe parecia certa: teria de ir dormir a qualquer lado. O sítio óbvio era o campus universitário.

– Fuck! – praguejou com frustração. – Ainda agora acabei de voltar de lá!

Possivelmente teria sido mais sensato aguardar Tomás na zona residencial da Universidade de Georgetown em vez de ter tentado apanhá-lo no apartamento de Dupont Circle, mas isso era fácil de dizer agora. De qualquer modo, teria de regressar ao campus, tratava-se do sítio onde mais provavelmente daria com o seu alvo. É certo que, ao encontrar o corpo do seu amigo assassinado no quarto, o historiador decerto perceberia que não poderia pernoitar no local e ir-se-ia embora o mais depressa possível, mas talvez ainda se cruzasse com ele no complexo universitário.

Ergueu-se da cadeira, pronto para sair do apartamento e voltar ao campus, quando notou o bloco de notas pousado sobre a secretária. Passou o indicador pela superfície da primeira página do bloco e apercebeu-se de que tinha marcas.

– O que é isto?

Analizou as marcas invisíveis e compreendeu que alguém rabiscara recentemente um texto numa folha já retirada do bloco, deixando sulcada na página por baixo a impressão feita pela ponta da caneta. Era uma pista inesperada que tencionava aproveitar. Abriu as gavetas da secretária e encontrou um lápis. Com a parte lateral do carvão, manejada com cuidado para que a ponta não deixasse marcas que eliminassem os sulcos, raspou a folha até emergir a branco, quase como o negativo de um filme, o texto que alguém escrevinhara na folha de topo já retirada.

Não era fácil de ler, mas o major Fuentes identificou uma palavra que lhe parecia Lisbon, uma referência à meia-noite e uma outra palavra que, embora com algumas letras ilegíveis, ao fim de a examinar de diversas perspectivas percebeu ser Heathrow.

– O aeroporto! – exclamou, estabelecendo as ligações quase instantaneamente. – O *cabrón* foi para o aeroporto!
Sem perder tempo, o operacional da CIA retomou a caça.

LXIII

Atravessaram os três o parque de estacionamento em silêncio e cruzaram a rua até entrarem no terminal internacional do aeroporto de Dulles. Verificaram no grande quadro electrónico das partidas a zona de *check-in* da companhia aérea em que ela viajava e encaminharam-se para lá.

A portuguesa encostou-se ao balcão e entregou o passaporte. Depois consultou o papel onde Peter anotara os detalhes do voo.

– Vou para Lisboa com passagem por Heathrow. – disse. – O meu código de reserva é YQBCD8.

A senhora do balcão verificou os dados no ecrã do computador.

– Maria Sequeira? – perguntou a empregada da companhia aérea, citando o primeiro e último nome da passageira. – O seu voo parte à meia-noite para Heathrow e o embarque é na porta quarenta e três até às vinte e três e trinta. – Devolveu-lhe o passaporte e estendeu-lhe dois rectângulos de papel. – Aqui estão os seus cartões de embarque, um para Londres e o outro para Lisboa. – Esboçou um sorriso profissional. – Tenha uma boa viagem!

Depois de guardar os documentos, Maria Flor voltou-se para Peter e forçou um sorriso.

– Parece que é agora que nos despedimos. – anunciou, estendendo-lhe a mão. – Muito obrigada por me ter trazido até aqui e espero que nos voltemos a encontrar em circunstâncias menos...

– Nós acompanhamos-te até à zona de embarque. – interrompeu-a Tomás, perturbado pelo estranho alheamento que ela manifestava e a forma ostensiva como parecia ignorá-lo. – Era o que mais faltava deixarmos-te aqui sozinha no terminal.

O olhar castanho-claro de Maria Flor desviou-se para ele com uma frieza indisfarçável.

– Estou bem, podem ir-se embora. – insistiu. – Vou para a fila da segurança e da alfândega. – Levantou a mão e acenou. – Adeus.

– Espera. – disse o historiador. – Fazemos-te companhia até lá.

– Adeus.

Comportando-se como se não o ouvisse, ou mesmo como se ele nem sequer ali estivesse, Maria Flor começou a andar. Estupefacto com aquele comportamento, Tomás deixou-se permanecer plantado onde estava, aparvalhado e confuso, e ficou por uns momentos a vê-la afastar-se. Por fim reagiu e foi no seu encalço.

– Adeus como? – exaltou-se, exasperado e com a paciência a chegar ao limite, apressando o passo até se pôr ao lado dela. – O que se passa? Porque estás assim? Fiz-te alguma coisa?

Maria Flor parou de repente e encarou-o, o corpo tenso, o olhar furioso, a expressão alterada.

– Não, Tomás Noronha, não fizeste nada! – vociferou, também ela a levantar a voz. – Eu é que já não quero ser a *bimbo* que tu trouxeste para te fazer companhia, percebeste? Se não tenho nada na cabeça e a minha utilidade se limita aos meus atributos físicos, então não precisas de mim para nada! Mais vale contratares uma prostituta que te faça companhia!

O contra-ataque verbal apanhou o historiador de surpresa. Estivera convencido que o mutismo e os maus modos dela se relacionavam com o trauma de ser perseguida por homens armados e interrogada no apartamento de Bellamy. Nunca imaginara que pudesse ser aquilo.

– Tu... tu ouviste a nossa conversa?

A expressão no rosto da amiga era a da fúria em pessoa. Tinha o semblante avermelhado e as sobrancelhas carregadas sobre olhos que pareciam chispar raiva e orgulho ferido.

– O que achas, senhor-sabe-tudo?

Recomeçou a andar, decidida e de passo rápido, furando por entre os outros viajantes, que os olhavam com surpresa e um certo desconforto, uns divertidos, outros com esgares de quem reprovava uma cena daquelas em pleno terminal.

– Espera! – disse ele, correndo de novo atrás da amiga. – Espera! Tudo isto é um equívoco!

Sem parar, Maria Flor atirou para trás um olhar de desprezo.

– Tu é que és um equívoco!

– Não estás a perceber. – insistiu o historiador, alcançando-a. – Tudo o que eu disse durante a conversa com o Pete foi para te proteger, percebes? Não queria que ele percebesse o quanto eu te...

– Vai proteger a tua mãe! – exclamou ela sempre a caminhar no mesmo ritmo. – Não preciso de ser protegida por idiotas!

Tomás puxou-a pelo ombro.

– Espera, tens de me...

Com um gesto brusco, ela sacudiu-lhe a mão.

– Larga-me!

– Por favor, ouve-me. – implorou o historiador. – O que eu disse não passou de um estratagema para ele não te dar importância, entendes? Não queria que o Pete pensasse que eu tenho...

– Vai-te embora! – gritou Maria Flor. – Não te quero ver mais, não percebes?

– Mas...

Um vulto azul interpôs-se de repente entre os dois.

– Este senhor está a incomodá-la?

Era um polícia fardado que emergira da multidão, decerto atraído pelo alarido.

– Sim, senhor guarda, está a incomodar-me. Será que o pode manter afastado de mim?

O polícia assentiu e encarou o português com ar de poucos amigos, as mãos à cintura a indicar que lhe ia fazer frente, os dedos a roçarem ameaçadoramente a corronha da pistola.

– Identifique-se, se faz favor.

Tomás cravou os olhos nele, depois voltou-se para ela e viu-a afastar-se em direcção à zona da alfândega e da verificação de segurança, e regressou ao polícia. Respirou fundo e, resignando-se à situação, meteu a mão no bolso e retirou o passaporte.

– Está aqui.

Depois de inspeccionar os dados constantes no documento, o polícia alçou de novo o olhar para ele.

– Não sei se sabe, mas neste país o assédio é um crime federal. – informou-o, fazendo um gesto para que o português o seguisse. – Acompanhe-me, se faz favor.

Foi nesse instante que Peter apareceu e estendeu o seu cartão da CIA na direcção do polícia.

– Não vai ser preciso, senhor guarda. – disse, num tom decidido. – O senhor Noronha está comigo e vou acompanhá-lo à Agência. Ele está a ajudar-nos num processo de contraterrorismo

muito importante. Espero que compreenda, trata-se de uma questão de interesse nacional.

Ao ver o cartão da CIA, o polícia vacilou. Ainda pensou em teimar, mas as palavras “processo de contraterrorismo” e “interesse nacional” fizeram-no recuar.

– Está bem. – acabou por ceder. – Mas ele que não volte a fazer uma coisa destas, ouviu?

– Fique descansado. Tenha uma boa noite.

Peter puxou Tomás pelo braço e arrastou-o para fora do terminal. O português foi-se deixando levar, mas manteve a cabeça voltada para trás e os olhos colados à figura esguia de Maria Flor que se encaminhava para a fila de acesso ao sector de embarque do aeroporto, ficou a vê-la até a porta automática exterior do terminal se fechar e sentir o ar frio da noite e um grande vazio gelar-lhe o coração.

Tinha-a perdido.

LXIV

O *Chevrolet* negro acelerou pela rampa e travou com um guincho estridente diante da porta de acesso ao terminal do aeroporto. O major Fuentes saltou do automóvel e caminhou apressadamente para o edifício, ignorando o sinal de trânsito a indicar que a rampa era um local de paragem breve, não um parque de estacionamento.

A porta automática abriu-se e o recém-chegado sentiu-se envolvido pelo calor e pela iluminação intensa do terminal. Identificou a zona de *check-in* da companhia aérea referenciada nas marcas do bloco de notas e seguiu para lá, mas não reconheceu Tomás entre os passageiros que faziam fila para depositar a bagagem e levantar o cartão de embarque.

– *Cofio!* – praguejou em voz baixa, receando que o seu alvo tivesse já entrado na zona exclusiva para os passageiros. – E agora?

Aquele tipo de situação não era, na realidade, um verdadeiro obstáculo para o experiente operacional da CIA. Sabia que dispunha de várias opções, algumas delas envolvendo o longo e poderoso braço de Harry Fuchs, mas talvez não fosse necessário incomodar o director do Serviço Clandestino Nacional. Encaminhou-se por isso para o gabinete da segurança do aeroporto de Dulles e dirigiu-se de cartão em punho ao oficial que lá encontrou.

– Major Manuel Fuentes, CIA. – identificou-se. – Preciso de aceder imediatamente à zona reservada aos passageiros. Tenho um suspeito para interceptar no voo que parte para Londres à meia-

noite. – Deitou um olhar para o monitor das partidas. – Creio que é a ligação que parte da porta quarenta e três.

O oficial, que uma tarjeta ao peito identificava como Tenente Brown, verificou o cartão que lhe era mostrado e, convencido da sua autenticidade, levantou-se do lugar.

– Jeez, hoje é o dia da CIA aqui em Dulles, hem? – gracejou, fazendo-lhe sinal de que o acompanhasse. – Venha daí.

O tenente Brown levou o visitante por uma porta lateral para um corredor que contornava a zona de revista de segurança dos passageiros e a alfândega.

– O que quer dizer com isso de *‘dia da CIA em Dulles’*?

– Oh, foi um colega seu que aqui apareceu há dez minutos. Houve um incidente no terminal e, quando a polícia apareceu para deter o autor do desacato, o seu colega interveio e levou-o. Parece que o homem era uma figura qualquer importante no combate ao terrorismo.

O major Fuentes não entendeu a história, mas não insistiu; nada daquilo parecia dizer-lhe respeito. Limitou-se por isso a acompanhar o tenente Brown. No final do corredor, subiram umas escadas e saíram por uma porta escondida entre duas lojas *duty free* do sector internacional. Viraram para uma das alas dos portões de embarque e minutos depois chegaram à porta quarenta e três.

Uma verdadeira multidão enchia a sala de embarque; concentravam-se ali mais de duas centenas de pessoas. Com o agente de segurança ao lado, o operacional da CIA percorreu o espaço sempre em busca de Tomás, cujos traços fisionómicos gravara na memória.

Depois de completar duas voltas pela sala de embarque, contudo, parou e respirou fundo, rendendo-se à evidência.

– Não o vejo aqui.

O tenente Brown indicou a funcionária instalada ao balcão de embarque e que se preparava já para iniciar a chamada.

– Não quer verificar a lista dos passageiros?

– Boa ideia.

Os dois homens aproximaram-se do balcão e o oficial da segurança do aeroporto explicou à funcionária que havia um

problema e precisavam de determinar se um determinado passageiro viera apanhar aquele voo. Perante a suspeita de uma ameaça ao avião, a funcionária disponibilizou de imediato a lista que se encontrava no computador. O major Fuentes abeirou-se do ecrã e examinou os nomes, mas não encontrou o de Tomás. Quando fez uma segunda leitura da lista, todavia, a sua atenção fixou-se num outro nome português.

Maria Sequeira.

O nome dizia-lhe alguma coisa. Intrigado, abriu a pasta que trazia consigo e extraiu o dossiê que Harry Fuchs lhe entregara. Folheou as páginas dos documentos até localizar o nome e a fotografia da mulher que viajava com o seu suspeito; o texto mencionava uma Maria Flor Sequeira e em anexo encontrava-se uma fotografia dela, enviada para Langley pelo homem da CIA em Lisboa.

– Já vi este rosto. – constatou o major, erguendo a cabeça e varrendo a multidão que aguardava o embarque para Londres. – E foi há alguns minutos. Uma cara destas não passa despercebida...

Partiu para uma nova ronda pela sala de embarque da porta quarenta e três, desta feita com a imagem de Maria Flor fresca na mente; tinha a certeza de que se cruzara com ela apenas alguns minutos antes, na ronda que fizera à procura de Tomás Noronha. Percorreu uma fila de pessoas sentadas e depois uma segunda, a dos passageiros que esperavam diante das janelas.

Numa cadeira de canto, encostada a um vaso, deu por fim com ela. Maria Flor estava curvada, cabisbaixa, os olhos vermelhos de quem estivera a chorar. A caça a Tomás Noronha ainda não terminara, mas acabara de dar um passo de gigante nesse sentido, percebeu o major Fuentes.

Fez com a cabeça um sinal ao tenente Brown e o homem da segurança abeirou-se da passageira.

– Minha senhora, pode acompanhar-me?

A portuguesa levantou a cabeça e fitou-os de olhos arregalados, evidentemente surpreendida por se ver interpelada.

– Perdão?

– Sou o tenente Brown e estou encarregado da segurança do aeroporto. Agradecia que viesse comigo, se faz favor.

Um lampejo de pânico cruzou o rosto de Maria Flor.

– Porquê? O que se passa? Há alguma coisa errada?

O tenente Brown fez um gesto insistente em direcção à saída da sala de embarque.

– Venha comigo, por favor.

– Mas vou apanhar agora o voo para Londres...

– Trata-se apenas de uma verificação de rotina, fique descansada. – Mostrou os dedos da mão direita. – Levará cinco minutos, não mais.

Sem alternativas, e sempre temendo o pior, a portuguesa obedeceu e seguiu o responsável pela segurança do aeroporto. Apercebeu-se com desconforto de que um indivíduo corpulento e de olhar desmaiado com ar de índio, que parecia acompanhar o tenente Brown, se colocou atrás dela como se quisesse assegurar-se de que não fugia, mas nada disse. O homem que a guiava levou-a para o sector do *duty free*, onde meteu por uma porta lateral e depois por um corredor até chegarem ao gabinete da segurança do aeroporto.

O tenente Brown afastou-se da porta e, com um gesto cortês, deixou os seus dois acompanhantes entrarem numa pequena sala com uma mesa e algumas cadeiras, onde os três se instalaram.

– O major Fuentes tem algumas perguntas para lhe fazer. – anunciou, apresentando o operacional. – Ele pertence à CIA.

A referência à agência americana de espionagem deixou Maria Flor subitamente pálida.

– À... à CIA?

– Sim, minha senhora. – confirmou o major Fuentes, quebrando o silêncio em que mergulhara desde que tinham interceptado a passageira. – Estou encarregado de um inquérito relacionado com uma penetração clandestina no sistema informático da Agência esta madrugada. Antes que lhe faça alguma pergunta, tem alguma coisa a declarar sobre este assunto?

A portuguesa abriu e fechou a boca, hesitando sobre como reagir perante uma situação daquelas.

– Eu... eu.... – balbuciou. – Exijo a presença de um advogado.

O operacional da CIA riu-se e trocou um olhar cúmplice com o tenente Brown, como quem dizia que uma afirmação daquelas constituía uma admissão implícita de culpa.

– A seu tempo terá direito a um advogado. Aliás, poderá mesmo nem ter necessidade dele... desde que coopere, claro. Apenas precisamos de uma informação. Se ma der, deixamo-la imediatamente apanhar o seu voo e regressar a casa sem mais problemas. – Arqueou as sobrancelhas, expectante. – O que me diz? Está disposta a cooperar?–

– Enfim... com certeza. O que quer saber?

O americano cravou o olhar duro na sua interlocutora.

– Onde está Thomas Norona?

Não se podia dizer que, dadas as circunstâncias e o facto de o homem que a questionava ser um agente da CIA, a pergunta tivesse apanhado Maria Flor de surpresa, mas uma coisa era admitir a hipótese de ela vir a ser formulada, outra era ouvi-la de facto. A portuguesa hesitou, desviou os olhos para o tenente Brown à procura de conforto e protecção, não os obteve, e, percebendo que estava entregue a si própria, encarou frontalmente o major Fuentes e encheu-se de coragem.

– Não sei.

– Não sabe ou não quer dizer?

– Ele deixou-me aqui no aeroporto e seguiu o seu caminho.

– Para onde foi?

– Não faço a mínima ideia.

O operacional da CIA susteve-lhe o olhar, avaliando o que ela dizia e como o dissera. Ao fim de alguns segundos chegou a uma conclusão e respirou fundo, como se insinuasse que o dever o obrigava a agir contra a sua própria vontade.

– Se assim é, lamento informá-la de que terá de me acompanhar a Langley. – sentenciou. – Será submetida a um detector de mentiras. Se passar o teste, a Agência oferecer-lhe-á um bilhete aéreo para o seu país. No entanto, se não passar, será detida e formalmente acusada de ameaçar a segurança nacional do meu país. Entende a sua situação?

A portuguesa assentiu com um leve movimento da cabeça.

– Perfeitamente.

– E continua a dizer que não sabe para onde foi o seu amigo Thomas Noroha?

– Claro que sim.

O major Fuentes puxou a sua pasta para cima da mesa e retirou umas algemas do interior.

– Assim sendo, tenho a informá-la de que se encontra detida ao abrigo da lei antiterrorismo dos Estados Unidos da América. – anunciou-lhe num tom de voz formal, fazendo o famoso *aviso de Miranda*. – *Tem o direito de permanecer calada e qualquer coisa que diga ou faça poderá ser, e será, usada contra si em tribunal. Tem direito a um advogado e, se não tiver meios para o contratar, ser-lhe-á apresentado um.* – A declaração foi feita sobretudo para que o tenente Brown visse que a detenção decorria conforme os trâmites legais, até porque a CIA habitualmente não fazia o *aviso de Miranda* ao deter alguém. Terminada a formalidade, o major Fuentes levantou-se, contornou a mesa, forçou os braços de Maria Flor para trás das costas e prendeu-lhe os pulsos com algemas. Depois puxou-a para fora do gabinete de segurança do aeroporto e arrastou-a pelo terminal de Dulles, indiferente às lágrimas silenciosas que escorriam pela cara pálida da prisioneira.

LXV

Cintilando à luz do foco que incidiu sobre o *Jeep Grand Cherokee* quando completou a curva, a chapa prateada metalizada da viatura voltou a fundir-se com a noite no momento em que o jipe se imobilizou diante do portão. Um guarda aproximou-se do todo-o-terreno e Peter baixou o vidro eléctrico e mostrou o seu cartão de funcionário.

– Boa noite. – cumprimentou. Fez um gesto para o passageiro.
– Trago uma visita comigo.

– Tem identificação, sir?

Já com o passaporte preparado, Tomás estendeu-o ao guarda e este regressou à sua guarita para tomar nota dos pormenores e adoptar os habituais procedimentos de segurança. Ao fim de dois minutos, o homem voltou e entregou um cartão de visitante ao português.

– Só pode circular nas áreas de acesso geral, conforme o protocolo. – informou-o. Depois foi ter com Peter e entregou-lhe um termo de responsabilidade para assinar. – Como sabe, sir, em momento algum poderá deixar o seu convidado movimentar-se livremente pelas instalações. Nos termos do regulamento interno, o senhor é responsável por ele. – Esboçou um gesto de continência. – Tenham uma boa noite.

O guarda fez sinal aos seus homens e eles passaram um detector pelo jipe, incluindo pela parte de baixo. Depois o portão abriu-se e a viatura entrou no complexo de Langley, a sede da CIA. Peter estacionou no lugar que lhe estava reservado no *parking*, quase vazio àquela hora, e ambos se apearam e dirigiram ao edifício principal.

Tomás acenou para o céu.

– O que está a fazer?

– Imagino que o sítio onde nos encontramos esteja constantemente a ser vigiado por satélites russos e chineses. – gracejou. – Como decerto nos estão agora a observar, parece-me simpático dizer-lhes adeus.

Entraram no edifício a rir, mas depressa se calaram. No átrio havia barreiras de segurança manejadas por guardas armados ali colocados para controlarem o acesso às instalações; o aparato era tal que o português teve a impressão de que se transferira para ali o famoso *Checkpoint Charlie* dos tempos da Guerra Fria.

Sob o olhar vigilante dos guardas, o analista da Direcção de Informações passou o seu cartão pelo sistema electrónico instalado nas barreiras e a cancela abriu-se. Tomás fez o mesmo com o seu cartão de visitante e foi igualmente autorizado a passar.

– E agora? – perguntou Peter quando ficaram a sós do outro lado. – Onde temos de ir?

O facto de se encontrar na sede da principal agência de espionagem do planeta deixou o historiador um tudo-nada intimidado. Sentia-se perdido naquele espaço desconhecido, sem saber o que estava realmente autorizado a fazer e como se poderia movimentar.

– Posso circular livremente?

– Claro que não. – Acenou com o seu cartão de funcionário. – Mas eu posso ir à maior parte dos sítios. Considerando a importância do que estamos a fazer, terei de quebrar algumas regras e levá-lo a lugares onde normalmente você não seria autorizado a ir. – Baixou a voz e assumiu um tom confidencial. – Tome atenção que ao fazer isto estou a violar a lei. Se for apanhado serei despedido e, tal como você, detido e processado por pôr em causa a segurança nacional. Por isso peço-lhe que seja discreto. Onde temos de ir?

– Ao sítio indicado pelas coordenadas geográficas que me foram remetidas pelo seu pai. – disse Tomás. – Ou seja, o gabinete dele. Acha que podemos ir lá?

O americano virou as costas e encaminhou-se para o corredor.

– Que remédio! – concedeu. – É por aqui.

Percorreram o corredor em silêncio. O visitante sentia-se algo surpreendido com o que via; esperava que a sede da CIA fosse um sítio frio e fechado, repleto de dispositivos *high tech* de alta segurança, mas havia por ali um certo ambiente de escritório, como se estivessem numa qualquer grande empresa. Apareciam a espaços máquinas de bebidas, chocolates e sanduíches e as paredes do corredor rasgavam-se em grandes janelas, integrando o edifício num contexto de vegetação que, apesar da noite, deixava adivinhar muito verde a abraçar o complexo. Por vezes cruzavam-se com um funcionário de camisa e gravata com um copo de café ou um *doughnut* na mão, e aqui e ali davam com o pessoal da limpeza armado de balde e esfregona a aproveitar a tranquilidade da noite para fazer o seu trabalho.

Chegaram a uma porta metálica com um teclado encrustado na parede. Peter introduziu o seu cartão no sistema magnético, digitou um número e premiu o indicador para registar a impressão digital.

A porta abriu-se.

– A partir daqui é zona restrita. – avisou, verificando discretamente a posição da câmara de videovigilância pregada ao tecto. – Finja que faz o mesmo que eu acabei de fazer.

O visitante obedeceu e colocou o seu cartão sobre o sensor do teclado, simulou que digitava um número e encostou o dedo, sem o premir, na placa metálica que colhia a impressão digital. Depois colou-se a Peter e ambos franquearam a porta metálica.

Entraram na zona restrita a níveis superiores de segurança. Em boa verdade, não se notava qualquer diferença em relação ao espaço anterior. A maior parte das salas estavam desertas, certamente por ser muito tarde, mas em alguns gabinetes havia actividade, sobretudo nas áreas responsáveis por operações noutras partes do mundo, em particular na Ásia, onde o dia já ia avançado.

Depois de contornarem um pátio interior a céu aberto, Peter chegou a uma porta e repetiu o procedimento de segurança já usado anteriormente. A porta destrancou-se e, com um gesto de cortesia, o anfitrião fez sinal ao seu convidado de que entrasse.

– Em circunstâncias normais o meu cartão não me dava acesso a este gabinete. – explicou. – Mas obtive autorização graças ao meu pai. Pelos vistos ainda não a revogaram.

– O quê, só obtive autorização devido ao seu pai? Os filhos dos directores têm direitos especiais?

Entraram ambos numa antecâmara com secretária e sofás que parecia uma salinha de espera. Havia uma segunda porta, também ela com acesso de segurança, que Peter mais uma vez desbloqueou com recurso ao cartão de funcionário, a um código e ao reconhecimento de impressão digital. A segunda porta abriu-se e, como um anfitrião que se afasta para deixar passar o convidado, o americano fez ao português sinal de que entrasse.

– Sim, quando se trata do gabinete do seu próprio pai.

Tomás Noronha entrou enfim no espaço de trabalho de Frank Bellamy.

LXVI

O golpe que atingiu Maria Flor na nuca foi desferido no momento em que ela entrou no Chevrolet negro plantado na rampa de acesso ao terminal. Caiu inanimada e, sem perder tempo, o major Fuentes depositou-a no lugar do passageiro. Depois trancou as portas do automóvel, ligou o motor e arrancou, abandonando o aeroporto de Dulles pela estrada que conduzia a Washington, DC.

Quando apareceu a primeira saída, contudo, virou e abandonou a estrada principal, metendo por um caminho secundário e depois por uma estrada que rasgava uma floresta de pinheiros americanos. Ao chegar a uma curva apertada, cortou por uma saída discreta de terra batida, um trilho que já conhecia bem e que o levou para uma clareira isolada. Estacionou junto a um arbusto e, manejando o corpo da sua prisioneira ainda atordoada, prendeu-lhe os pulsos às pegadas dos cintos de segurança e acorrentou-lhe os pés. Quando terminou, contemplou o trabalho. As condições não eram as ideais, uma cama parecia-lhe sempre preferível, mas dadas as circunstâncias não estava mal. Lembrava-se de ter uma vez interrogado um talibã numa viatura e a coisa, não sendo perfeita, decorrera de maneira aceitável.

Abriu a portinhola do bar do carro e retirou uma garrafa de água mineral com gás. Desenroscou a tampa e lançou o líquido frio sobre o rosto da sua vítima.

– O que... onde estou? – perguntou ela em português, recobrando os sentidos mas com a voz ainda entaramelada, como se estivesse ébria. – Que se passa?

– *Senorita Sequeira*. – chamou-a o operacional da CIA. – *Senorita Sequeira*, está a ouvir-me bem?

Os olhos meio adormecidos da portuguesa focaram-se no homem que falava com ela.

– O que aconteceu? – Tentou mexer-se e percebeu que tinha as mãos e os pés acorrentados. – Que é isto? Porque me prendeu desta maneira? Liberte-me!

Tornou-se evidente que ela retomava muito depressa o raciocínio e se encontrava já perto da consciência plena.

– *Senorita Sequeira*, tenho umas perguntas a colocar-lhe. – disse o major Fuentes, ignorando a exigência que ela acabara de fazer e seguindo o guião delineado para aquele tipo de interrogatórios. – Podemos proceder de duas maneiras: a bem ou a mal. Como prefere?

Maria Flor fez força com os braços e as pernas, tentando libertar-se das correntes, mas sem sucesso.

– Tire-me isto daqui! – gritou. – Você não me pode tratar desta maneira! Tenho direitos!

O homem da CIA revirou os olhos; sempre que fazia um interrogatório a um americano ou um europeu a conversa dos direitos vinha logo à tona. Porque seria que aquela gente era de compreensão tão lenta?

– Percebeu o que lhe disse? – perguntou, certificando-se de que o raciocínio dela regressara ao normal. – Aceita responder a bem às perguntas que tenho para lhe fazer ou prefere só falar depois de passar o que, posso garantir-lhe, será um muito mau bocado? A escolha é sua.

– Liberte-me!

A conversa acabara antes de começar, sabia o major Fuentes, para quem tudo aquilo seguia ainda um padrão muito previsível. Os prisioneiros começavam em geral por reagir de forma intempestiva ou silenciosa, mas sempre pouco cooperante, e depois de passarem por uma experiência muito dolorosa tornavam-se incrivelmente loquazes.

Tivera o cuidado de preparar o material enquanto ela se encontrava inconsciente, distribuindo o lenço, a fita-cola e o alicate pelo *tablier* da viatura. Assim sendo, só teve de pegar nas coisas segundo a ordem habitual. Meteu primeiro o lenço na boca da sua vítima e selou-a com adesivos nos lábios, impedindo-a assim de expulsar o lenço.

– Hmm! Hmm!

Os sons surdos dos prisioneiros faziam parte da tradição daqueles interrogatórios, pelo que os ignorou; Maria Flor não era a primeira e decerto não seria a última a passar pela experiência.

Pegou no alicate que tinha colocado sobre o *tablier* e pô-lo à frente dos olhos dela.

– Está a ver isto? É o saca-rolhas que arranca as palavras das bocas mais recalcitrantes. Quer ver como funciona?

Reposicionou-se no automóvel e foi para o banco traseiro, de modo a chegar à mão direita dela com maior facilidade. Segurou-a com firmeza e encaixou o mindinho da prisioneira nos dentes afiados do alicate. Não se tratava de uma manobra fácil, devido à

posição do corpo dela no assento, mas não seria isso que o impediria de executar o passo mais decisivo do interrogatório; em geral uma única amputação bastava para fazer os mais resistentes denunciarem os próprios pais, e apenas uns raros, habitualmente fanáticos como os talibãs, requeriam a excisão de vários dedos ou até do pulso.

O som do telemóvel suspendeu-lhe o gesto no preciso momento em que ia fechar as tenazes do alicate e cortar o dedo. Praguejou, contrariado pelo sentido de oportunidade de quem quer que lhe estava a telefonar, e deitou a mão ao bolso para tirar o aparelho. O pequeno monitor não identificava o autor da chamada.

– Quem fala?

– O *motherfucker* está na Agência!

Era a voz de Harry Fuchs.

– Perdão?

– Olha lá, o que andas tu a fazer?

O olhar do major Fuentes desviou-se para Maria Flor. O seu chefe estava com certeza a usar uma linha telefónica segura, mas mesmo assim teria de ter cuidado com o que dizia.

– Bem... estou a colher informação sobre o paradeiro do nosso suspeito. Deitei as mãos à chica dele e tenho-a aqui comigo para uma sessão de... enfim, para uma conversinha. Estou convencido que daqui a alguns minutos a nossa amiga vai começar a cantar que nem um rouxinol e...

– O *sonnavabitch* está na Agência. – cortou o director do Serviço Clandestino Nacional, insistindo na primeira informação que dera. – Ligaram-me há dois minutos de Langley. O sistema que monitoriza todo o tráfego informático detectou o registo de um português com o nome de Thomas Norona a entrar há vinte minutos no complexo da Agência.

O major Fuentes arregalou os olhos com incredulidade.

– O quê?

Foi o *cocksucker* do filho do velho que o meteu lá.

– Mas... mas isso é ótimo!

– Não. É péssimo!

– Como é que é péssimo? Temos o nosso suspeito em Langley! Não tivemos de o apanhar, ele próprio veio ter connosco! Que mais poderíamos desejar? Que o Norona nos viesse beijar o rabo?

– Não é assim tão simples. – retorquiu Fuchs. – Se o tipo entrou na Agência pela mão do filho do Bellamy é porque os dois estão feitos um com o outro. Isso constitui uma contrariedade porque significa que ele agora tem um aliado em Langley. Deitar-lhe a mão nestas circunstâncias é muito arriscado, o Bellamy júnior pode levantar uma série de problemas e não é pessoa que se elimine facilmente.

– Não percebo. O filho do Bellamy é aliado do homem que lhe matou o pai? Isso não faz sentido nenhum...

– Como te disse, isto não é assim tão simples. Este Norona é um finório manhoso e deve ter arranjado maneira de convencer o filho do velho a pôr-se do lado dele. Não interessa como o fez. O importante é que precisamos de actuar depressa, mas com processos menos ortodoxos. Os nossos métodos habituais são desadequados para uma situação destas.

– Tem alguma coisa em mente?

O director do Serviço Clandestino Nacional fez uma pausa, como se considerasse o problema de uma perspectiva diferente.

– Olha lá, ouvi mal ou disseste que tinhas contigo a *babe* do Norona?

– Sim. Deitei-lhe a mão e ela está aqui comigo. Ia neste preciso momento iniciar um interrogatório para obter o paradeiro do tipo, mas pelos vistos isso já não é necessário. O que devo fazer dela agora? Liquidada-a?

– Nem pensar. Essa miúda é um trunfo e temos de a usar a nosso favor.

– Usar como? Ela tem ainda alguma informação para nos dar?

– Não a vamos usar como fonte de informação, mas como isco, percebes? Estou agora a sair de casa para interceptar o Norona em Langley. Para que sejamos bem sucedidos, é essencial tirar o *motherfucker* da Agência sem dar a impressão de que o estamos a fazer. O tipo tem de sair pelo próprio pé, estás a ver?

– Mas isso significa que temos de o convencer a sair. Como se faz uma coisa dessas?

– Ouve, preciso que nas próximas horas deixes de ser um operacional da CIA e te tornes um delinquente que sequestrou a *babe*. Leva-a para um sítio qualquer e ameaça executá-la num prazo relativamente breve. Pelo que li do perfil feito ao Norona, quando for informado vai a correr salvá-la. Será dessa maneira que o convenceremos a sair voluntariamente de Langley.

– E depois? O que faço quando o tipo aparecer?

– Uma vez o gajo fora da Agência, ficamos com as mãos livres para procedermos como entendermos. Pegas nele e submetes o *cocksucker* a um interrogatório a sério sobre o paradeiro do *Olho Quântico*. Passas-me a informação e eu irei verificar. Se encontrarmos o projecto, podes limpar o *motherfucker* do mapa e a seguir desapareces de circulação. A polícia ficará sem saber o que se passou e pensará que se tratou de um caso de delito comum. Quanto a nós, e além de deitarmos a mão ao *Olho Quântico*, vingámos Bellamy e faremos circular a informação nos círculos adequados dos serviços de espionagem de todo o mundo de modo a deixar claro que o homicídio de um dos nossos não ficou impune. Caso encerrado.

– E o que faço à chica depois de deitar a mão ao Norona?

No momento em que formulou a pergunta, o major Fuentes desviou a atenção para Maria Flor, que permanecia amordaçada e de mãos e pernas acorrentadas. A resposta veio rápida e foi dada em tom peremptório, como se a questão nem sequer se pusesse.

– Liquida-a, claro.

LXVII

Mais do que qualquer outra coisa, foi o cheiro a bafio que impregnava o ar estático do gabinete de Frank Bellamy em Langley que chamou a atenção de Tomás. Não havia dúvida que estava fechado há algum tempo. Peter acendeu a luz revelando um espaço amplo decorado em estilo clássico. Havia estantes forradas a madeira polida de carvalho, o soalho de madeira de sequóia coberto por um tapete com o símbolo da CIA e uma grande mesa de mogno em posição dominante, diante de uma bandeira dos Estados Unidos e da fotografia emoldurada do actual presidente do país.

Uma das paredes era rasgada por uma janela e outra tinha as estantes repletas de livros, a estrutura de madeira apenas interrompida por um mapa com pontinhos que assinalavam as principais capitais do mundo.

– Esta é a primeira vez que aqui entro desde que... desde que.... – titubeou Peter. – Enfim, desde que o meu pai aqui esteve. O que acha?

O espaço era ainda absorvido por Tomás, que ficara à porta a analisar a configuração do escritório.

– Onde está o cofre?

O anfitrião apontou para a moldura pregada à parede atrás da secretária e enquadrada pela bandeira, com a fotografia do político em funções na Casa Branca.

– Ali, disfarçado pela fotografia. – indicou. – Sei que o Halderman e o Fuchs já o abriram. Parece que encontraram lá dentro uns relatórios confidenciais, uns projectos em desenvolvimento e algum dinheiro. Quanto ao *Olho Quântico*... népia.

– Nem deram com nenhuma pista?

– Nada.

O português percorreu o escritório, atento aos pormenores. Verificou os livros que se encontravam nas estantes e descobriu que envolviam matéria científica ou de geoestratégia; havia obras de John von Neumann, Richard Feynman e Stephen Hawking e os clássicos de Lao Tsu, Clausewitz, Hobbes, Maquiavel e T. E. Lawrence, além de Kissinger e Churchill.

Por outro lado, o mapa encaixado entre as estantes não parecia desempenhar qualquer função operacional no escritório; não passava de uma solução decorativa que se limitava a assinalar, através de uma série de bolas vermelhas, as capitais mundiais. O mapa parecia antigo, claramente uma relíquia do tempo da Guerra Fria. Tomás identificou Washington, Londres, Paris, Roma, Berlim, Moscovo, Pequim e Tóquio, antes de se desinteressar e atravessar o escritório para espreitar outros pontos.

A parede do lado inverso tinha uma janela que se abria para o pátio interior que haviam contornado minutos antes. Tomás abeirou-se da janela e, espreitando lá para fora, constatou que o pátio era dominado por uma escultura abstracta, uma forma ondulante com a textura recortada por letras, como uma antiga rotativa para impressão de jornais. Depois virou-se e examinou o lugar onde

Frank Bellamy passara as últimas décadas a congeminar as invenções que ao longo do tempo haviam dado à CIA vantagem tecnológica nas operações de espionagem por todo o planeta.

– Aqui neste escritório encontra-se qualquer coisa que nos leva ao *Olho Quântico* e que deslinda o mistério da morte do seu pai. – murmurou Tomás com uma expressão meditativa. – Falta saber o quê.

O seu olhar recaiu inevitavelmente sobre a secretária de mogno à qual o falecido chefe da Direcção de Ciência e Tecnologia se sentava. Dirigiu-se a ela e pôs-se a inspeccionar os documentos empilhados sobre o tampo polido. Nada encontrou de interessante, de maneira que passou às gavetas. Vasculhou na primeira e depois na segunda e na terceira, sempre sem sucesso.

– Tudo isto já foi visto e revisto pelo seboso do Halderman e pelo Fucking Fucbs. – insistiu Peter. – Os tipos estiveram horas a passar a pente fino a secretária do meu pai e todas estas estantes. Não descobriram nada. – Abanou a cabeça, céptico. – Para ser franco, não vejo como possamos ser bem sucedidos se eles fracassaram.

A grande mesa de mogno polido parecia de facto não conter nada de relevante para o caso. Tomás olhou em redor, desconcertado, à espera que algo se destacasse, que uma pista de repente se impusesse. Distraidamente, a sua atenção acabou por se fixar na fotografia emoldurada do presidente dos Estados Unidos.

– Como se entra no cofre?

– Não há lá nada de relevante. – repetiu Peter. – Já lhe disse que o cofre foi revirado pelo Halderman e pelo Fuchs e que eles...

– Podem ter visto o interior, mas não estou certo de que tenham sabido interpretar o que encontraram. Preciso de ver o que está lá dentro para tirar as minhas próprias conclusões, percebe? Talvez detecte alguma coisa que lhes tenha passado despercebida.

– Duvido muito. – disse o americano com um trejeito de descrença nos lábios. – De qualquer modo é irrelevante, uma vez que não conheço a chave que dá acesso ao cofre.

A situação havia pelos vistos chegado a um impasse. Enquanto cogitava em formas de contornar o problema, Tomás

meteu distraidamente a mão no bolso e sentiu os dedos tocarem um objecto.

– O grande pentáculo! – exclamou, extraindo o objecto. – A solução está com certeza aqui!

– Porque diz isso? Por causa das coordenadas geográficas?

– O artefacto que o seu pai me enviou contém muito mais do que as coordenadas geográficas que aqui nos trouxeram. – retorquiu Tomás, virando o grande pentáculo de modo que ambos contemplassem o desenho esculpido numa das faces.

– Ora veja isto.



– Temos as coordenadas geográficas espalhadas entre as sete pontas da estrela. – constatou Peter. – Há ainda a própria estrela. Acha que ela significa alguma coisa?

– A estrela de sete pontas é designada heptagrama e usada na alquimia para representar os quatro elementos fundamentais da cultura ocidental, tais como terra, fogo, água e ar, e os três elementos fundamentais da cultura oriental, designadamente sal, mercúrio e enxofre. Nesse sentido, o heptagrama não está aqui por acaso, mas porque representa tudo o que existe no universo.

– Isso bate certo com as pesquisas científicas do meu pai. – Indicou os caracteres hebraicos situados no topo do círculo que enquadrava o heptagrama. – Por fim temos estas palavras em hebraico, que, pelo que me contou, constituem uma referência à Chave de Salomão, o tal manual de magia atribuído ao rei Salomão.

– Mas há mais do que isso, não há?

Os olhos do anfitrião esquadriharam o desenho.

– Bem, existe ainda a estrela de David no meio e... e estas letras no mesmo círculo em redor do heptagrama.

– Já percebeu o que essas letras querem dizer?

– Nada... parece-me.

– Nada do que está inserido neste desenho aparece aqui por acaso, Pete. Se o seu pai introduziu aqui estas letras é porque elas desempenham uma função. E nós temos de descobrir o que significam, se quisermos desvendar a mensagem dele.

O historiador sentou-se à secretária e pegou numa caneta e numa folha em branco. Olhou para as letras latinas no círculo exterior ao heptagrama e copiou-as para a folha. O exercício resultou de facto numa série de caracteres incompreensível.

TTVPYN450TPYRK

– Vê? Não significa nada.

Os olhos de Tomás viajaram pelo círculo e o criptanalista levou uns meros dois segundos a quebrar a charada, uma solução tão simples que até lhe pareceu confrangedora.

– Parece-lhe que não? – questionou, apontando para os caracteres *nnD– n– l*. – Está aqui escrito *Mafteah Shelomoh*, não é? Acontece que o hebraico se lê da direita para a esquerda. A questão é esta: e se as letras em caracteres latinos que se encontram no mesmo círculo se lerem também da direita para a esquerda? Vejamos o que acontece...

Escrevinhou as letras cifradas, mas agora no sentido inverso.

KRYPTOS 4NYPVTT

– Kryptosquatronypvtt? – leu Peter. – *What the fuck!* Que raio de algaraviada vem a ser esta?

Percebendo que o significado permanecia obscurecido pela grafia, Tomás reescreveu a charada, mas agora incluindo os espaços que dividiam as palavras.

KRYPTOS 4 NYPVTT

– Já faz sentido?

O americano abriu a boca, estupefacto, os olhos esbugalhados e colados à primeira palavra.

– Kryptos! – exclamou, de repente a tremer de excitação. – Viu o que está aqui? Kryptos! Correu para a janela do escritório e apontou para o pátio. – Kryptos é aquela... aquela...

– Escultura. – completou o historiador, também ele a encaminhar-se para a janela. – Kryptos é de facto aquela escultura.– Os dois homens ficaram plantados à janela do escritório a contemplar, com uma expressão de fascínio a cintilar-lhes nos semblantes, a estrutura ondulada que se erguia no canto noroeste do pátio, a textura de cobre quebrada por um incompreensível emaranhado de letras, como se fosse ela própria a função de onda – f e os caracteres as partículas. Fora ali que Frank Bellamy ocultara o seu segredo.

LXVIII

O problema que ocupava a mente de Harry Fuchs quando o seu automóvel entrou no complexo de Langley e estacionou no lugar que lhe estava reservado era o estranho comportamento de Tomás Noronha. Que raio de coisa lhe passara pela cabeça para se vir meter justamente na sede da CIA? Seria doido varrido? Ter-se-ia deixado convencer por uma ideia maluca do filho do velho? Ou estaria o português à espera de encontrar ali alguma coisa importante? A ser assim, o que seria?

– O Olho Quântico! – respondeu ele próprio entre dentes no momento em que trancou o carro e se dirigiu para o edifício. – O *motherfucker* acha que vai encontrar o *Olho Quântico*! Forçou uma gargalhada de despeito. – Que anedota!

A ideia parecia-lhe de facto risível. No fim de contas, ele, Halderman e os homens das duas direcções já tinham vasculhado o edifício de uma ponta à outra à procura da documentação do projecto e até então a busca fora infrutífera. Contudo, havia em toda aquela história coisas que não podia esquecer e que o deixavam inquieto.

Duas coisas, na verdade. A primeira era que, na sua derradeira mensagem, o velho mencionara Tomás como a Chave. Mas chave de quê? Só podia ser a chave que conduziria ao *Olho Quântico*, como era evidente. Até aí tudo lhe parecia claro. O que se lhe afigurava menos óbvio, todavia, era a segunda parte. O historiador, apesar de todos os perigos, viera até à América e, cúmulo dos cúmulos, em apenas vinte e quatro horas violara o sistema informático da CIA e infiltrara-se no próprio edifício-sede da agência de espionagem. Uma acção dessas, além de ser incrivelmente ousada, parecia-lhe intrigante. Porque teria ele corrido

um risco daqueles? Acreditaria mesmo que não seria descoberto? A única resposta plausível era que Tomás estava na posse de uma informação que o forçara a ir ali. Só assim se explicava tamanha audácia.

Cruzou a entrada do edifício e viu o homem que chefiava o turno da noite da sua direcção, Sam Dunn, a aguardá-lo no átrio. Tinha sido ele que vinte minutos antes o alertara para a presença do português na sede da CIA. Não confiava muito em Dunn, mas sabia-o eficiente e teria de lhe dar umas noções gerais da operação em curso para detectar o *Olho Quântico*.

– Onde está o *sonnavabitch*?

– No gabinete do velho, sir.

Cruzaram apressadamente os pórticos de segurança, passaram os cartões pelos detectores e meteram pelo corredor que conduzia à Direcção de Ciência e Tecnologia.

– Ninguém interveio, espero.

– Não, sir. Segui as suas ordens e deixei-os à vontade. Limitei-me a monitorizar os seus movimentos, como me instruiu quando lhe telefonei.

O percurso não era muito longo, embora o director do Serviço Clandestino Nacional e o seu colaborador tivessem de franquear uma porta para o nível superior de segurança. Durante a curta ligação, Fuchs explicou ao subordinado que teriam de manter o português sob pressão, razão pela qual uma sua amiga havia sido raptada sob ameaça de morte.

– Não se preocupe. – disse o responsável pelos operacionais da CIA. – É tudo um esquema para obrigar o *motherfucker* Norona a cooperar.

Era verdade, claro, mas não toda a verdade. O que Fuchs não explicou foi que a amiga teria de ser executada. Não poderia haver testemunhas da operação da CIA em território americano, que lhe estava vedado. Além do mais, havia a morte do matemático português na Universidade de Georgetown para explicar e era preciso apagar todos os rastros que conduzissem ao major Fuentes,

e dessa forma ao próprio responsável máximo pela direcção dos operacionais.

A vigilância em todo o edifício era apertada, embora discreta, pelo que se tornava evidente que sem a ajuda de Peter Bellamy e a complacência de Sam Dunn, que vigiara todos os movimentos dos intrusos sem intervir, o português não teria podido chegar tão longe. E para lá desse ponto não iria de certeza.

Já na ala da Direcção de Ciência e Tecnologia, os dois homens dirigiram-se directamente ao gabinete do director-adjunto. Walt Halderman, que Fuchs alertara pelo telefone, aguardava-os com ansiedade à porta.

– O tipo está no gabinete do velho. – disse Halderman, roendo distraidamente a unha de um polegar. – O que vamos fazer?

– Apanhá-lo.

Aquela ala do edifício estava deserta, uma vez que a noite ia avançada e a Direcção de Ciência e Tecnologia não executava operações no outro lado do globo que requeressem acompanhamento nocturno, como sucedia com o Serviço Clandestino Nacional e a Direcção de Informações, que operavam vinte e quatro horas por dia em todo o planeta.

Os recém-chegados deram com a porta de acesso ao secretariado entreaberta e a luz acesa, sinal evidente de actividade. Entraram na antecâmara onde habitualmente trabalhava a secretária de Frank Bellamy e verificaram que não se encontrava ali ninguém.

– Estão no gabinete do velho.

De facto, observaram os fios de luz que contornavam a porta do gabinete. Alguma coisa decorria lá dentro. Halderman colou ao monitor de segurança o cartão de funcionário, digitou o código e fez o reconhecimento de impressão digital, destrancando a porta. Os três trocaram um olhar, para se certificarem de que estavam prontos, e avançaram para o gabinete de armas em riste, determinados. Aguardava-os uma surpresa.

– *What the fuck!*

O espaço estava deserto.

Ao contrário do que esperavam, e para além das luzes acesas, não havia sinais de Tomás e Peter. Vexado por se ver ultrapassado por acontecimentos que insinuara junto do chefe estarem controlados, Dunn dirigiu-se a uma porta anexa, onde se situava o quarto de banho privativo do chefe da Direcção de Ciência e Tecnologia.

Enquanto isso, Fuchs e Halderman ficaram a deambular pelo escritório à procura de alguma pista. Ao passar pela janela, o director do Serviço Clandestino Nacional reparou que havia gente no pátio interior, o que não era normal àquela hora. Fixou o olhar nos dois homens que rodeavam a escultura Kryptos e reconheceu Peter Bellamy. Nunca tinha visto o outro pessoalmente, mas identificou-o por dedução e por se ter cruzado recentemente com fotografias dele no dossiê do caso Bellamy.

Era Tomás Noronha.

LXIX

Uma sensação estranha percorreu Tomás no instante em que tocou na escultura ondulada que decorava o canto noroeste do pátio. Kryptos era uma estrutura feita de quatro grandes placas de cobre, cuja constituição incluía ainda elementos em quartzo branco e granito verde e vermelho, e o historiador estava ciente de que

continha segredos tão intrigantes quanto o seu nome sugeria. A armação formava uma ondulação horizontal em forma de S, parecia um manuscrito esburacado por um mar de letras.

A palma da mão de Tomás percorreu a textura irregular das placas de cobre, como se a mera sensação táctil fosse capaz de quebrar os segredos encerrados na escultura.

– Esta peça sempre foi misteriosa. – observou Peter, contemplando-a por detrás do seu convidado. – Dizem que contém várias mensagens e que, apesar das múltiplas tentativas de sucessivos criptanalistas, nenhuma foi ainda decifrada. Impressionante, não é?

Os dedos do português afagavam ainda as letras esculpidas no cobre, sentindo-lhes os contornos.

– Não sei se sabe mas, além de historiador, sou criptanalista. – revelou Tomás, fascinado com a estrutura diante dele. – Por isso conheço muito bem esta peça. O Kryptos permanece um dos grandes enigmas da criptanálise. Esta escultura foi concebida por um artista com quatro mensagens encriptadas e três, lamento decepcioná-lo, já foram de facto decifradas. A quarta, porém, conserva o seu segredo.

– Ah, então é isso! Mas se três foram decifradas, o que revelaram elas? Algum segredo místico?

O criptanalista sorriu.

– Nada de transcendente, fique descansado. – Indicou uma placa da escultura. – A primeira mensagem está inserida aqui. Esta sequência de letras, cifradas segundo um sistema de substituição polialfabética com recurso a um quadro de Vigenère, pode ser quebrada com a palavra-chave *palimpsest*. A decifração revela qualquer coisa como *‘entre o sombreado subtil e a ausência de luz inscreve-se a nuance da ilusão’*.

– Ena! Poético...

Tomás passou à segunda placa.

– A segunda mensagem... tem piada, sabe o que contém? – Esboçou um semblante pensativo, como se ao ver a placa tivesse acabado de lhe ocorrer uma ideia. – Coordenadas geográficas.

– Como as do grande pentáculo?

– Nem mais. Trinta e oito graus, cinquenta e sete, seis vírgula cinco Norte, setenta e sete graus, oito, quarenta e quatro Oeste. Já estive a verificar no GPS. – Virou a mão para sudeste. – É um ponto situado quarenta e cinco metros nesta direcção.

O anfitrião olhou na direcção indicada, para ver qual o sítio apontado pelo segundo enigma do Kryptos.

– Mas isso... isso é o gabinete do meu pai!

– O que confirma que ele e o artista que concebeu esta peça partilhavam os mistérios do Kryptos. Não se esqueça que o seu pai era o elemento mais antigo da CIA. Entrou na Agência quando ela nasceu e devia conhecer todos os seus segredos.

– Pois é, tem razão.

– A outra coisa que esta segunda mensagem confirma, ao referir as coordenadas geográficas do gabinete do seu pai, é que o segredo que ele nos queria transmitir se encerra nesse gabinete e que é aqui no Kryptos que encontraremos a chave.

Os dois homens ficaram a contemplar a escultura, ponderando o que poderia existir nela que lhes desse a resposta ao problema.

– Mas o que será? – questionou-se Peter, afagando o queixo.

– Acha que essa chave poderá estar na terceira mensagem?

A atenção de ambos voltou-se para a terceira placa.

– Talvez. – admitiu Tomás, embora com cara de quem não se sentia particularmente seduzido pela ideia. – Mas não me parece. Sabe, esta mensagem foi cifrada através de um sistema de transposição. Já foi quebrada e revelou uma citação de Howard Carter no seu livro sobre a descoberta do túmulo de Tutankamon. Para ser mais concreto, trata-se da descrição do momento em que Carter abriu a cripta.

– Lá está. Para abrir a cripta é preciso uma chave. – Mas Howard Carter não usou nenhuma chave para chegar ao túmulo de Tutankamon. Não vejo, por isso, que essa mensagem contenha a chave para o nosso problema.

Já impaciente, Peter respirou fundo.

– Se a solução não se encontra na primeira mensagem do Kryptos, nem na segunda nem na terceira, onde diabo poderá esconder-se? A quarta mensagem da escultura está obviamente

fora de questão, uma vez que ainda não foi decifrada. Assim sendo, o meu pai não a poderia usar.

– Talvez. – admitiu o historiador. – Ou talvez não.

– O que quer dizer com isso?

A resposta não foi dada de imediato. Em vez disso, Tomás abeirou-se da quarta placa da escultura e estudou-a com uma expressão meditativa, como se tentasse arrancar-lhe o seu segredo.

– A resposta está mesmo nesta quarta mensagem.

Mais do que inesperados, os acontecimentos das últimas horas revelaram-se um verdadeiro pesadelo para Maria Flor. Depois do choque que fora ouvir Tomás referir-se a ela como uma *bimbo* burra, e quando se preparava para apanhar o voo para a Europa e livrar-se assim do historiador que tanto a humilhara naquela experiência traumatizante em Washington, a portuguesa tinha sido detida e depois agredida até perder a consciência e amarrada dentro de um automóvel. Como se isso não bastasse, o seu captor amordaçara-a e ameaçara-a com um alicate. Esteve prestes a perder o dedo mindinho e apenas foi salva por um telefonema.

– Então? – perguntou o homem que a raptara. Apesar de atento ao tráfego enquanto conduzia, o desconhecido apercebera-se da agitação da sua vítima. – Quietinha, hem? Daqui a um bocado já te dou o tratamento de que precisas, minha linda. Tem calma.

Estas palavras tornavam claro que dizer que fora “salva” era apenas de uma forma de expressão. O telefonema não a salvara, apenas lhe concedera um pouco mais tempo. Mal tinha escutado a conversa do seu verdugo com a pessoa que lhe telefonara, mas o que ouvira fora suficiente para perceber que ia ser utilizada como isco para apanharem Tomás. A perspectiva parecia-lhe aterradora, até porque a conversa que escutara pela fechadura quando Peter os apanhara no apartamento indicava claramente que o historiador a encarava como um mero adorno. Jamais correria o risco de tentar libertá-la. E mesmo que Tomás viesse, de que lhe serviria isso? Que hipóteses tinha um mero académico diante de um profissional da CIA?

Os pulsos amarrados doíam-lhe e sentia as mãos dormentes; eram com certeza as cordas que estavam de tal modo apertadas que impediam a circulação. Se ao menos o seu captor as afrouxasse um pouco, isso poderia fazer a diferença. Mas como pedir-lhe uma coisa dessas se nem sequer a mordaça ele lhe tinha arrancado?

– Hmm! – gemeu, esforçando-se por lhe mostrar que tinha uma coisa para lhe pedir. – Hmm! Hmm!

Atraído pelos sons surdos emitidos por Maria Flor, o homem que a aprisionara desviou por momentos a atenção do trânsito e olhou para ela. Esboçou um sorriso malicioso e, cedendo à tentação, estendeu o braço e apalpou-lhe os seios.

– Bom material. – observou. – É uma pena não o poder fruir. las gostar. – Suspirou. – Mas, sabes como é, sou um profissional e não misturo trabalho com prazer.– Soltou uma gargalhada. – Azar o teu.

A portuguesa sacudiu-se, tentando a todo o custo evitar as mãos do homem da CIA.

– Hmm! Hmm!

– Rebelde, hem? Gosto disso numa mulher. Dá mais tusa, se é que entendes o que quero dizer. – Voltou a respirar fundo, como se estivesse resignado ao dever. – Infelizmente para ti, isto vai acabar mal.

– Hmm! Hmm!

Depois de lhe lançar um derradeiro olhar, o condutor concentrou-se de novo no trânsito. O rosto dele acendia-se volta e meia, iluminado pelos faróis dos automóveis que vinham em sentido contrário, mas isso só acontecia esporadicamente. Àquela hora havia pouco trânsito.

– Vais ver o que tenho preparado para ti...

LXXI

A atenção de Tomás manteve-se por um longo momento retida na quarta placa do Kryptos, tentando vislumbrar uma solução para o problema. A pista, concluiu, tinha de ser encontrada na mensagem que Frank Bellamy lhe remetera de Genebra.

Estendeu a mão para o seu anfitrião.

– Pete, tem aí o papel com a mensagem que o seu pai inseriu no grande pentáculo?

O analista da CIA tirou a folha A4 do bolso e mostrou a linha que o português escrevinhara minutos antes, quando se encontravam no gabinete de Frank Bellamy.

KRYPTOS 4 NYPVTT

– O sentido da palavra *Kryptos* é evidente. – constatou Peter. – O problema é este *Quatro Nypvtt*.

– Não acha também evidente o significado desse algarismo e dessas seis letras? – questionou o seu interlocutor. – Ora veja bem.

O analista da CIA ponderou a última sequência de caracteres latinos, NYPVTT. Reparou em particular nos dois primeiros, que reconheceu de imediato.

– NY são as iniciais de New York, claro. – Mordeu o lábio, retirando as consequências lógicas da sua conclusão. – Talvez... talvez o número quatro se refira ao quarto distrito de Nova Iorque, o Bronx. Só pode ser isso, não acha? É uma referência ao Bronx!

O português sorriu.

– Vocês, os das agências de espionagem, gostam de complicar o que é simples.– Fez um gesto na direção do papel. – Então não vê que Kryptos Quatro se refere obviamente à quarta mensagem que se encontra escondida no Kryptos?

O olhar do anfitrião saltou da folha para a quarta placa da escultura e assumiu um semblante reticente.

– Acha mesmo que isso faz algum sentido? Foi você que o disse há instantes: a quarta mensagem do Kryptos ainda não foi decifrada! Como poderia o meu pai inscrever o segredo da sua morte numa mensagem que nem ele próprio conhecia?

– Será que não conhecia mesmo? Não se esqueça que tudo indica que o artista que concebeu esta escultura partilhou com ele os mistérios do Kryptos.

– Incluindo o último segredo da quarta placa?

Tomás não respondeu de imediato. Voltou a acercar-se da quarta placa da estrutura ondulada de cobre e examinou o emaranhado de letras numa sequência aparentemente aleatória. A palavra kryptos ia aparecendo em linhas sucessivas, mas tudo o resto permanecia incompreensível.

– Então? Encontrou alguma pista?

O criptanalista foi soletrando a sequência em voz baixa, até parar entre as letras sessenta e quatro e sessenta e nove.

– Ora aqui está! – exclamou, chamando Peter com um gesto da mão. – Venha cá ver.

O analista da CIA aproximou-se e fixou as letras indicadas. Eram os seis caracteres que já se lhe tinham tornado familiares.

NYPVTT

– *Holy shit!* – exclamou com surpresa. – Exactamente as mesmas letras que se encontram no grande pentáculo. – Voltou-se para o português. – O que raio significa isto?

Tomás recuou uns passos para readquirir a visão de conjunto.

– Perante as insuperáveis dificuldades em decifrar esta quarta placa, o artista que criou o Kryptos deu duas pistas. A primeira foi a informação de que as respostas das primeiras placas continham as

soluções da última. – Indicou a sequência NYPVTT – E a segunda foi que estas seis letras que se encontram entre as posições sexagésima quarta e sexagésima nona da quarta placa significam Berlim.

– Berlim?

– Foi o que o escultor revelou.

Voltou a fixar a folha com a mensagem de Frank Bellamy a indicar KRYPTOS 4 NYPVTT.

– Sendo assim, quando o seu pai colocou esta linha no grande pentáculo, o que ele nos estava a pedir era que fôssemos à quarta placa do Kryptos descobrir o que NYPVTT queria dizer. A resposta, segundo revelou o próprio autor do Kryptos, é Berlim.

O filho de Bellamy sentia-se estupefacto com a revelação e o que ela implicava.

zIQC

– O segredo da morte do meu pai está em Berlim? – questionou, atarantado. – Mas... mas que raio de maluqueira vem a...

– Mãos ao alto!

A ordem foi proferida com voz de autoridade e impôs o silêncio no átrio interior onde se erguia o Kryptos. Apanhados de surpresa, Tomás e Peter voltaram-se para trás e encararam o homem que os interrompera com as palavras ameaçadoras.

Harry Fuchs apontava-lhes uma pistola.

LXXII

Néones ocasionais cruzavam as janelas, mas nada mais se podia ver da posição em que se encontrava. Amarrada ao banco do passageiro e sem possibilidade de perceber para onde era levada, Maria Flor limitava-se a contemplar o véu opaco da noite ou a observar o condutor a rodar o volante, a travar e a acelerar. Chegou a vislumbrar a ponta do obelisco, o que indicava que tinha acabado de cruzar o Potomac e que passavam nesse instante pelo centro histórico de Washington, mas a viatura seguiu caminho sem que do seu assento identificasse novas pistas. Felizmente o homem parecia ter-se alheado dela, embora a prisioneira tivesse plena consciência de que não seria por muito tempo. O seu destino estava traçado; iria ser usada como isco para apanharem Tomás e, servindo ou não o seu propósito, acabaria por ser eliminada.

– Estamos a chegar, minha linda. – murmurou o homem da CIA, compenetrado na condução. – Falta só saber se estamos à vontade. Já vamos ver isso.

Depois de uma curva, o carro abrandou e parou. O seu captor puxou o travão de mão e virou-se em diversas direcções, como um cão pisteiro a inspeccionar o terreno à procura do rasto das presas; a diferença é que, ao contrário dos pisteiros, ele desejava não encontrar nada. Se assim era, o desejo parecia não ter sido concedido, pelo menos naquele momento, porque o homem esboçou uma careta contrariada.

– São duas da manhã e ainda há idiotas a passearem-se por aqui. – observou, desligando o motor e desapertando o cinto de segurança. – Será que não têm mais que fazer?

O desconhecido recostou-se no assento e aguardou que os transeuntes passassem. Deitou um olhar à sua prisioneira e, para horror de Maria Flor, pareceu voltar a interessar-se por ela. Estendeu o braço e meteu-lhe a mão pela gola da camisa, procurando-lhe o seio direito.

– Hmm! Hmm!

A portuguesa voltou a retorcer-se, dificultando-lhe os movimentos. Isso pareceu suficiente para desencorajar o seu captor. É certo que ela se encontrava à sua mercê, mas estavam na via pública. Além do mais, o homem limitara-se a fazer um gesto para passar o tempo enquanto os transeuntes não desapareciam.

– Já vi que estás nervosa. – disse. – Muito bem, por agora não te incomodo mais. Tenho uma coisa mais importante para fazer e, já que aqui estamos, vou fazê-la agora.

O captor tirou um telemóvel do bolso das calças e digitou um número. Aguardou um instante e, quando alguém atendeu do outro lado da linha, quebrou o silêncio.

– Quero falar com Thomas Noroña.

LXXIII

Evento nenhum produz maior efeito numa pessoa do que ver uma arma apontada a si. O súbito aparecimento do director do Serviço Clandestino Nacional, e em particular o facto de Fuchs aparecer de pistola na mão, deixou Tomás paralisado. Desde que entrara na sede da CIA que se sentia inquieto, com uma impressão de desconforto, consciente de que a todo o momento poderia ser apanhado pelos homens que o perseguiam desde Coimbra. E o que fora ele fazer? Meter-se na boca do lobo. Os piores receios confirmavam-se naquele instante, na esquina do pátio onde se erguia o Kryptos, justamente no momento em que se preparava para desvendar a mensagem que Frank Bellamy ocultara no grande pentáculo.

Enquanto homem da casa, o primeiro a reagir foi o filho do falecido chefe da Direcção de Ciência e Tecnologia.

– O que está a fazer, Harry? – questionou Peter com um esgar de desafio. – Porque nos aponta essa arma?

O olhar de Fuchs fixou-se no português.

– Não a estou a apontar para vocês. – esclareceu. – Estou a apontá-la a ele, o que é diferente.

O filho de Frank Bellamy deu dois passos e interpôs-se entre a mira da pistola e Tomás.

– Não me vai dizer que o professor Noronha é o assassino do meu pai, pois não?

– Eu não afirmo tal coisa. – disse o chefe da direcção que coordenava os operacionais da CIA. – Quem o afirmou foi o seu próprio pai, lembra-se? Ou por acaso já se esqueceu do que ele escreveu na mensagem que nos deixou quando morreu?

– Oh, vá lá! Sabe muito bem que ele não disse que o professor Noronha o assassinou...

– Foi como se o tivesse dito. O seu pai escreveu que mister Norona era a Chave. Para mim a acusação é muito clara. Mister Norona é a chave da morte de Frank Bellamy. Ou seja, é ele o assassino.

– Não diga disparates.

– Não é disparate nenhum, é o que aconteceu. O homem que o senhor tenta proteger é o assassino do seu pai. A mensagem encontrada nas mãos de Frank em Genebra não deixa dúvidas quanto a isso.

Peter respirou fundo.

– Sabe por que razão é isso um disparate? – perguntou, mantendo o tom de desafio. – Porque o homem que o mandou matar foi você.

O director do Serviço Clandestino Nacional soltou uma gargalhada, mas tão forçada que pareceu pouco convincente.

– Você enlouqueceu! – exclamou. – Porque faria eu uma coisa dessas? Frank Bellamy era meu amigo.

Foi a vez de Peter se rir, também com pouca sinceridade.

– Você? Amigo dele? – Abanou a cabeça, quase enojado. – Não seja ridículo, Fuchs. Pensa que eu e o meu pai não o topávamos? Você andava mortinho por que ele abandonasse as suas funções, é o que é. – Apontou-lhe o dedo, como se o acusasse. – Queria correr com ele, a bem, de preferência, ou a mal, se necessário, para ver se punha as mãos no *Olho Quântico* e se

assim salvava o seu rico lugarzinho. Precisa do *Olho Quântico* para disfarçar a sua incompetência e pôr fim aos embaraços sucessivos que a Agência está a sofrer, todos eles da sua responsabilidade. – Voltou a abanar a cabeça. – Não, você não via o meu pai como um amigo, como anda para aí a fingir com lágrimas de crocodilo, mas como um empecilho. Aposto que até festejou a morte dele com champanhe!

O director do Serviço Clandestino Nacional recuou um passo e esboçou um semblante ofendido.

– Isso que está a dizer é ofensivo. – protestou. – Apenas o respeito que nutro pela memória do seu pai me impede de... de... enfim, de tomar uma atitude mais enérgica.

Evidentemente pouco impressionado com estas palavras, Peter cruzou os braços e olhou-o com desprezo.

– Acabe lá com essa conversa ridícula. – exclamou. Fez um gesto a indicar a pistola na mão de Fuchs. – O que deseja exactamente?

O chefe dos operacionais da CIA indicou Tomás, que permanecia em silêncio atrás de Peter.

– Quero interrogar o seu novo amigo.

– A propósito do quê?

– Da morte do seu pai... e de outras coisas.

– Quais coisas?

O director do Serviço Clandestino Nacional engoliu em seco.

– O... o *Olho Quântico*, por exemplo.

O filho de Frank Bellamy riu-se.

– Claro que o quer interrogar sobre o *Olho Quântico*! Para dizer a verdade, esse projecto é a única coisa que verdadeiramente lhe interessa em toda esta história. Tudo o resto não passa de conversa fiada para ocultar as suas verdadeiras intenções.

– Não quero saber o que você acha ou deixa de achar. – Fez um movimento da cabeça na direcção de Tomás. – O facto é que preciso de interrogar o seu amigo sobre tudo isto.

– Sabe muito bem que ele não lhe dirá o que quer saber. E percebe porquê, não percebe? Não confia em si. Ele tem consciência de que você está meramente a usá-lo para os seus fins

e que o descartará à primeira oportunidade. E tem noção de que o facto de o director do Serviço Clandestino Nacional vir aqui em pessoa, às duas da manhã, para o deter é a prova de que ele é bem mais valioso do que à primeira vista poderia parecer.

Harry Fuchs hesitou, tornando inadvertidamente claro que estava ciente de que assim era.

– Isso... enfim, são apenas conjecturas suas. Há coisas em toda esta história que precisam de ser esclarecidas.

Quanto mais pensava na presença ali do chefe dos operacionais da CIA, mais Peter se convenciu de que alguma coisa no seu comportamento lhe estava a escapar.

– Você sabe que não tem aqui em Langley meios de o obrigar a dizer o que quer que seja e que a minha presença como aliado dele serve de garantia de que não cometerá nestas instalações qualquer ilegalidade. – observou, pensativo. – Assim sendo, pergunto a mim mesmo que carta tem escondida na manga? O que será que essa mente tortuosa andou a congeminar para...

A porta do pátio abriu-se e apareceram dois homens. O filho de Frank Bellamy olhou na direcção dos recém-chegados e reconheceu Walt Halderman, o adjunto do seu pai na Direcção de Ciência e Tecnologia, e Sam Dunn, o responsável pelo turno da noite no Serviço Clandestino Nacional, ambos a caminharem na direcção deles e o segundo com um telemóvel na mão.

– Tenho aqui uma chamada para Thomas Norona. – anunciou Dunn, que sobre o assunto se articulara previamente com o seu chefe. – Alguém ligou para o PBX da Agência e pediu para falar com ele. – Desviou o olhar para Tomás. – Disseram-me que se tratava do amigo de Peter Bellamy. Ou seja, presumo que seja o senhor.

O português, que desde que Harry Fuchs fizera a sua aparição permanecera em absoluto mutismo, devolveu o olhar ao recém-chegado, surpreendido com esta evolução dos acontecimentos.

– Uma chamada para mim? – admirou-se. – Deve ser algum engano, com certeza...

Dunn estendeu-lhe o telemóvel.

– Não há engano nenhum. Atenda.

Ainda atarantado, o historiador pegou no aparelho e, quase a medo, encostou-o ao rosto.

– Está sim?

– O voo para Londres partiu à meia-noite com uma passageira a menos. – anunciou-lhe uma voz ao telefone, sem se identificar. – Ela encontra-se agora comigo e o seu tempo está a chegar ao fim. Só tem mais uma hora neste mundo.

– Maria Flor? – murmurou Tomás, estarrecido com o que escutava. – O que é isto? Quem está a falar?

– Sou o pesadelo que o vai assombrar à noite. A sua amiga encontra-se aqui ao meu lado e vai dizer-lhe olá. Ora preste atenção.

Ouviu-se um som estranho, como se alguma coisa raspasse na linha, ou como um adesivo a ser arrancado num único movimento, rápido e brutal. Seguiu-se um gemido e Tomás reconheceu a voz feminina que falou em desespero, como um naufrago que luta para permanecer à tona da água numa noite de tempestade.

– És tu, Tomás? Tem cuidado, este tipo quer...

Um som surdo interrompeu as palavras, seguido por um gemido de dor. O historiador percebeu que ela acabara de ser silenciada à força, provavelmente com uma pancada na cabeça.

– Flor! – gritou Tomás, desvairado. – Flor!

– A tua amiga foi bater uma soneca. – disse a voz masculina, de regresso ao telefone. – Como te disse, ela só tem...

– Não se atreva a tocar-lhe num único cabelo! – interrompeu-o o português, fora de si. – Se lhe fizer alguma coisa, eu... eu...

O desconhecido respondeu com uma gargalhada.

– O quê, pobre diabo? – desafiou-o num tom de desdém. – Escuta-me bem, porque te arriskas a nunca mais voltar a ver a tua amiguinha. Tenho algumas perguntas a fazer-te. Em pessoa. Ela será executada às três da manhã em ponto no tribunal da Casa do Templo de Salomão, treze acima da base do pentagrama, em pleno túmulo de Mausolo. A única maneira de evitares esse desfecho é vires aqui e convenceres-me de que as tuas respostas às minhas perguntas valem a vida dela.

A chamada foi desligada antes de o historiador poder responder. Permaneceu um longo momento plantado a olhar para o telemóvel, atarantado e sem saber o que fazer, sem noção sequer dos homens que o observavam em redor, como se de tudo se tivesse alheado e nada mais importasse do que Maria Flor, que julgara já se encontrar em segurança e afinal corria o pior dos perigos.

– O que foi? – perguntou Peter Bellamy, inquieto com o que escutara da conversa e com o semblante do português. – Algum problema com a sua amiga?

Quase como um autómato, vivendo a situação mas ainda sem acreditar que ela fosse real, Tomás acenou afirmativamente.

– Raptaram-na.

– O quê?

– Dizem que a executam até às três da manhã se eu não for ter com ela e responder a uma série de perguntas.

Ainda de pistola na mão, Harry Fuchs mostrava no rosto uma expressão de crescente surpresa.

– Que história mais extraordinária. – observou. – Se é como diz, o melhor é irmos imediatamente resgatar a sua amiga. Aqui na América, e devido à lei das armas, temos muitos incidentes desse género. Há malucos que vão a uma loja, compram uma espingarda automática, treinam uns disparos e... pimba!, entram numa escola aos tiros ou põem-se a alvejar condutores numa auto-estrada. Uma loucura.

Mostrando vontade de ajudar Tomás a resolver aquele problema, o director do Serviço Clandestino Nacional guardou a pistola e fez-lhe um gesto a indicar que o seguisse. Ainda atordoadado com a evolução inesperada dos acontecimentos, o historiador obedeceu e encaminhou-se para a porta do pátio, mas Peter travou-o com o braço.

– Espere. – disse. – Esta história cheira-me a esturro.

O português encarou-o com o olhar vazio, o raciocínio embotado pelo choque.

– Porquê?

O filho de Frank Bellamy tocou com o indicador nas têmporas.

– Pense. – recomendou. – Que informações quer esse tipo exactamente? Como as vai obter de si? E sobretudo o que fará ele de si e da sua amiga depois de as conseguir? Abanou a cabeça. – Não, tudo isto me parece uma armadilha improvisada.

Tomás fez um gesto de impotência.

– Claro que é uma armadilha. – reconheceu, desorientado. – Mas o que posso eu fazer?

– Não faça nada. Estão a usá-la para o apanhar, não percebe?

– Percebo. Mas não posso deixá-la morrer...

– Antes ela do que você. – argumentou Peter. – Você próprio o disse, essa miúda não passa de uma bimbo. É chato que morra, claro, mas não é você que a vai matar, pois não? Se ela lhe é indiferente, por que razão iria pôr a sua vida em risco para a salvar?

O historiador suspirou.

– Não é bem assim. – admitiu. – Quando estávamos no apartamento e você me interrogava, falei dela desse modo para que não a usasse para me chantagear. A verdade é que não a posso deixar morrer. – Indicou Harry Fuchs. – Além do mais, tenho ajuda, não é verdade?

– Com certeza. – confirmou o director do Serviço Clandestino Nacional. – Vou mandar um homem acompanhá-lo para...

– O Fuchs não é seu aliado. – cortou Peter, sacudindo-o pelos ombros. – Acredite em mim, trabalho na Agência e conheço todas as táticas e as manhas e as relações de poder que há aqui. – Voltou a tocar com o dedo nas têmporas. – Pense, Tomás. Como é que o tipo que sequestrou a sua amiga sabia que estava aqui em Langley? Quem o informou? – Desviou o olhar acusador para Fuchs. – A resposta é evidente, não lhe parece?

– O que está a insinuar? – questionou o chefe dos operacionais da CIA num tom indignado. – Que eu tenho alguma coisa a ver com... com esse sequestro? Como se atreve? O facto de ser filho do meu velho amigo Frank não lhe dá o direito de dizer o que lhe der na real gana, ouviu? Tenha bem presente que sou um dos chefes das quatro direcções da Agência e por isso, mesmo não sendo seu superior hierárquico, você deve- -me respeito!

O analista da Direcção de Informações abanou a cabeça.

– Tsss, tanto teatro! – retorquiu com desdém. – Mas a mim não me engana, Fuchs. Conheço bem de mais os seus truques rascas para cair nessa conversa de sonso. – Virou--se de novo para o português. – Insisto na mesma pergunta: como sabia o sequestrador que você se encontrava aqui em Langley? Só depois de responder satisfatoriamente a essa pergunta é que pode tomar uma decisão acertada.

A pergunta que lhe era dirigida tocava realmente no ponto crucial, percebeu Tomás, agora mais lúcido. Como diabo sabia o sequestrador que ele se encontrava ali? O olhar do historiador dançou entre Fuchs, Dunn, Halderman e Peter, tentando lê-los. Lembrou-se que se encontrava na CIA, um sítio onde nada nem ninguém era o que parecia e todos se manipulavam, como se o edifício inteiro fosse uma estrutura de espelhos onde a realidade e a ilusão se misturavam, encadeando-se de tal forma que não era possível destrinçar onde acabava uma e começava outra.

Se queria salvar Maria Flor, tomou consciência, teria de encontrar o caminho para sair daquele labirinto. Isso requeria raciocínio claro e nervos de aço.

– É evidente que estão a tentar retirar-me deste edifício para me poderem interrogar à vontade e fazer de mim o que quiserem sem testemunhas. – acabou por dizer, o rumo de acção já traçado. – Mas isso não vai funcionar assim. – Consultou o relógio. – O sequestrador disse que executará a Maria Flor às três da manhã, não é verdade? Isso significa que tenho uma hora para encontrar o *Olho Quântico*. – Olhou para Peter e apontou para Sam Dunn. – Este sujeito é de confiança?

O filho de Frank Bellamy hesitou.

– O Sam é um subordinado de Fuchs. – lembrou. – Mas não pertence à clique dele. Foi por isso que o desterraram para o turno da noite. – Acabou por assentir. – Sim, pode confiar que, para além das suas obrigações estritamente profissionais, ele não está feito com o chefe.

Tomás encarou Dunn.

– Oiça, quando vos entregar esse projecto e revelar quem matou Frank Bellamy, como e porquê, os senhores entregam-me a Maria Flor intacta. Posso contar consigo?

O subordinado de Fuchs esboçou um esgar de espanto.

– Está a falar comigo? – questionou. – Oiça, eu não tenho nada a ver com o sequestro da sua amiga...

– Claro que tem. – devolveu o português num tom de tal modo convicto que não dava margem a desmentidos. – O rapto dela é uma operação vossa. O que quero saber é se temos acordo ou não.

O olhar de Dunn desviou-se para Fuchs, como se lhe solicitasse instruções.

– Eu...

– Não espere ordens do seu chefe porque ele é um dos suspeitos da morte de Frank Bellamy. – cortou Tomás. – Poderá por isso ser a última pessoa interessada em que o caso seja deslindado e a verdade venha à tona. – Apontou para o director-adjunto da Direcção de Ciência e Tecnologia. – E o senhor Walt Halderman também está sob suspeita, bem entendido. – Encarou Dunn. – É por isso que me dirijo a si. Quero saber se tenho a sua garantia de que, se eu conseguir desvendar todo este mistério, a minha amiga me será entregue viva e sem um beliscão. – Amenizou o tom, de forma a tornar-se mais sedutor. – Oiça, é um bom negócio para todas as partes, excepto para quem tem culpas no cartório, claro. Sim ou não?

– Você fala como se estivesse numa posição de força...

– E estou. Com base no que já sei, posso resolver todo este caso na próxima hora, mas só o farei se a minha amiga for salva. Se apesar de tudo a matarem, acredite que nunca saberão quem matou Frank Bellamy e sobretudo onde se encontra e o que é exactamente o *Olho Quântico*, o projecto que supostamente tem a capacidade de pôr a América ao abrigo do terrorismo. Ou seja, troco o segredo de Frank Bellamy, essencial para a segurança do vosso país, pela vida da minha amiga. – Arqueou as sobrancelhas. – É um excelente negócio, não lhe parece?

Vencendo a tentação de pedir instruções a Harry Fuchs, e consciente de que se preparava para admitir implicitamente o envolvimento da sua direcção no sequestro da portuguesa, Dunn respirou fundo e estendeu o braço para lhe apertar a mão.

– Temos acordo.

Breves instantes após a chamada, o homem da CIA guardou o telemóvel no bolso das calças e pousou os olhos sobre a sua passageira atordoada. Maria Flor começava a recuperar da pancada que recebera na cabeça. Logo que readquiriu a plena consciência, o que aconteceu instantes mais tarde, o seu captor atirou-lhe um sorriso sinistro.

– Estamos conversados, minha linda. – observou. – O teu príncipe encantado vem aí a galope, como se ele próprio fosse todo o Sétimo de Cavalaria. – Olhou em redor e, agora satisfeito, abriu a porta do carro. – Parece que estamos finalmente a sós, querida. Aguenta um instante e já te levo em braços para o nosso ninho.

O homem da CIA saiu e deixou Maria Flor sozinha no interior da viatura. Um sentimento de alívio percorreu a portuguesa quando se sentiu livre do seu captor, mas não durou mais que alguns segundos. A porta do seu lado abriu-se e ela sentiu o ar frio da madrugada envolver-lhe o corpo e as mãos do homem deslizarem-lhe para as nádegas e as costas.

– Hmm! – vagiu, revirando-se de modo a tentar dificultar-lhe a manobra. – Hmm!

Indiferente aos protestos mudos, o desconhecido encaixou as mãos no corpo dela e içou-a quase sem esforço aparente.

– Upa! – soltou, tirando-a do carro. – Linda menina! Vamos agora para o sítio mais sagrado de todos. Salomão espera por ti com impaciência no seu templo...

Transportada ao colo como se não passasse de uma criança, a portuguesa sentiu-se totalmente impotente. Ia deitada nos braços dele, mas continuava a contorcer-se e virou-se em várias direcções, num esforço para tentar perceber onde se encontrava.

– Hmm...

Não era fácil orientar-se naquelas condições. A única coisa que percebeu, olhando de relance para os edifícios e as luzes em redor, era que estavam ao ar livre dentro da cidade, pelo que tentou determinar se haveria por ali algum polícia, ou mesmo um simples transeunte, mas já passava das duas da manhã e não avistou ninguém. De resto, concluiu, se o seu captor a levava por ali era

porque se tinha assegurado previamente de que não havia testemunhas incómodas nas redondezas.

Sentiu de repente solavancos e tomou consciência de que o homem que a transportava subia uma escadaria. Virou-se para baixo com dificuldade e viu os degraus. Depois voltou-se para cima, mas a cabeça do operacional da CIA impediu-a de observar a fachada do edifício antes de entrarem nele. Conseguiu apenas vislumbrar uma estranha estátua na ponta do muro fronteiro à escadaria, uma espécie de esfinge egípcia, e a seguir distinguiu as linhas clássicas e anacrónicas da arquitectura grega transpostas para um edifício contemporâneo na capital da América.

Uma vez no interior, o desconhecido transportou-a para uma grande sala e pousou-a no chão de mármore polido. Tratava-se de um sítio estranho, com um piso duro e gelado, mas permanecia amarrada e não tinha maneira de se proteger do frio e do desconforto. O melhor que conseguiu foi reclinar-se, até ficar sentada com as mãos e as pernas amarradas. Olhou em redor e apercebeu-se de que fora levada para um salão rectangular deserto, com uma mesa de mármore branco no centro, paredes de pé alto e um tecto de carvalho sólido sustentado por colunas dóricas de granito verde e de onde pendiam candeeiros ovais de alabastro. O interior lembrava um templo do Antigo Egipto, com hieróglifos a decorarem as janelas altas e estátuas escuras de faraós sentados à entrada. Não tinha a menor pista sobre o local bizarro onde se encontravam; dir-se-ia um cenário de teatro, mas onde tudo era bem real.

O homem da CIA percebeu a desorientação da sua prisioneira e fez um gesto largo a indicar o espaço em redor.

– Bem-vinda ao túmulo.

LXXV

Lançando um olhar de relance ao relógio pregado na parede do gabinete de Frank Bellamy, e sempre preocupado em controlar o tempo que Maria Flor ainda tinha de vida, Tomás sentiu um aperto no estômago.

Cinquenta e oito minutos.

Menos de uma hora, portanto. Tinha a plena noção de que esse tempo passava a correr. Além disso, não dispunha da certeza absoluta de que a solução que se formara na sua cabeça era a correcta. A prova seria feita nesse momento e nada lhe garantia que fosse bem sucedida.

– O que estamos aqui a fazer? – questionou Peter, intrigado por o português os ter levado de volta ao gabinete do pai. – Este espaço já foi revistado ao milímetro aí umas mil vezes e não se encontrou nada. O que espera descobrir aqui?

Tomás respondeu com um gesto do polegar a indicar a escultura para além da janela.

– Já se esqueceu do que o Kryptos nos revelou sobre a mensagem que o seu pai inseriu no grande pentáculo?

– É justamente por não me ter esquecido disso que muito me admira que nos tenha trazido aqui. Deixe-me lembrar-lhe que a referência do grande pentáculo ao Kryptos nos remete para Berlim, ou seja, o que o meu pai nos disse é que o *Olho Quântico* está em

Berlim. – Hesitou, na dúvida sobre se alguma coisa lhe estava a escapar. – Ou não está?

O historiador atravessou o escritório, arrastando os três americanos atrás dele.

– Claro que está em Berlim.

– O que vem a ser isto? – questionou Fuchs. – Agora temos de ir a Berlim?

Sem responder directamente, Tomás imobilizou-se diante do grande planisfério dos tempos da Guerra Fria que Frank Bellamy pregara à parede do escritório e cruzou os braços.

– Vocês não repararam numa coisa anormal neste mapa?

Os olhos dos americanos esquadrinharam os contornos do planeta no grande planisfério das décadas de 1950 ou 1960 que mostrava algumas fronteiras obsoletas, como as do Vietname, as do Líbano e as da Alemanha.

– O que tem ele de estranho?

Fez um gesto e apontou para as bolas vermelhas que assinalavam as cidades ali marcadas.

– Já repararam que o mapa indica as principais capitais mundiais? Ora vejam, temos aqui Washington, Londres, Paris, Berlim, Moscovo, Pequim, Tóquio...

– E então?

O historiador voltou-se para trás e fitou os homens da CIA como um professor a encarar alunos desatentos.

– Não notaram que todas estas cidades são grandes capitais?

– Claro que sim. – anuiu Peter. – Continuo no entanto sem ver o que tem isso de relevante...

– Acontece que este mapa foi concebido na altura da Guerra Fria. Ora nesse tempo uma delas não era capital de nenhum país particularmente importante, pois não?

Os olhares de todos os homens no gabinete convergiram para a mesma bola vermelha no coração da Europa.

– *Fuck!* – exclamou Harry Fuchs, percebendo enfim onde queria o português chegar. – Como pôde uma coisa dessas escapar-nos? A capital da Alemanha ocidental nessa altura era Bona!

– Essa foi a primeira coisa que estranhei quando vi este mapa. A importância desse detalhe tornou-se ainda mais evidente quando a decifração do Kryptos nos revelou que a mensagem do grande pentáculo era justamente Berlim. Ou seja, Frank Bellamy informava-me de que o mistério se resolvia neste mapa, situado no local cujas coordenadas geográficas também me remeteu no grande pentáculo. Isto é, o seu próprio gabinete.

Com um gesto solene, um pouco como Howard Carter no momento em que desvendou o segredo de Tutankamon, o historiador ergueu a mão e pressionou a bola vermelha que indicava Berlim. Ouviu-se um claque seco e o planisfério desprendeu-se da parede, revelando um cofre desconhecido.

– *What the fuck!* – praguejou Fuchs, atónito com a descoberta.
– E esta? O velho escondeu um cofre atrás do mapa! Este esconderijo não vem assinalado em nenhuma planta do edifício...

– Não se esqueça que Frank Bellamy era o único fundador da CIA ainda no activo. – lembrou Tomás. – Quando a Agência veio para a nova sede, ele deve ter mandado construir em segredo este cofre para ocultar os seus projectos mais importantes e sensíveis.

Os cinco homens rodearam o cofre, com o director do Serviço Clandestino Nacional e o director-adjunto da Direcção de Ciência e Tecnologia particularmente atentos ao sistema de acesso ao seu interior. Não havia algarismos nem letras para digitar, apenas uma estrela cravada em profundidade no centro. Essa constatação não os deixou animados.

– Não vai ser fácil. – concluiu Halderman. – Vou ter de chamar a engenharia e desmontar isto tudo. Teremos de verificar com cuidado se no interior do cofre existe algum mecanismo de autodestruição no caso de uma tentativa de violação do conteúdo. Se assim for, seremos forçados a estudar formas de contornar o problema.

– Quanto tempo é preciso para isso tudo?

Halderman respirou fundo.

– Entre uma e seis semanas.

A atenção de Tomás regressou ao relógio que se encontrava pregado à parede do gabinete.

Cinquenta e cinco minutos.

– Temos menos de uma hora.

– Ah, não! Isso é impossível! – devolveu o americano. – Lamento pela sua amiga, mas não se pode entrar neste cofre à bruta. O risco de destruição do conteúdo é demasiado grande.

– Não está a insinuar que a vai deixar morrer só porque não consegue abrir o cofre em menos de uma hora...

– Claro que não. – aceitou Fuchs. – Mas tenho o direito a exigir que você faça um esforço suplementar.

O historiador tinha na realidade um derradeiro trunfo guardado na manga. Tirou do bolso o artefacto que o falecido chefe da Direcção de Ciência e Tecnologia lhe havia remetido de Genebra e examinou com cuidado o desenho esculpido na sua face, em particular as duas estrelas contidas no grande pentáculo.

– Quando Bellamy me indicou como *A Chave*, acho que a expressão que ele escolheu tinha vários sentidos. – disse. – Apontou-me como a chave que permite resolver o mistério da sua estranha morte, mas quis também dizer que me havia remetido a chave do problema.

– Está a referir-se a esse objecto?

Os dedos de Tomás afagaram o artefacto alquímico.

– O desenho do grande pentáculo apareceu pela primeira vez na *Chave de Salomão*, um manual de magia atribuído ao grande rei que construiu o Templo de Jerusalém. A configuração do grande pentáculo inclui uma estrela de sete pontas, ou heptagrama, e por dentro dela existe uma estrela de seis pontas, também conhecida por *selo de Salomão*, com os contornos banhados a ouro.

Passou a mão pela segunda estrela, fez pressão e rodou o círculo no sentido dos ponteiros do relógio, de tal modo que a estrela de seis pontas girou e os contornos dourados adquiriram relevo. Os americanos mantiveram os olhos colados ao artefacto, espantados com o mecanismo.

– *I'll be damned!*

Virando o grande pentáculo para os homens da CIA, Tomás mostrou-lhes a estrela de seis pontas destacada do resto do objecto.

– Segundo a lenda, o selo de Salomão era na verdade o anel de Aandaleeb e conferia ao rei poderes sobre setenta e dois demónios. Vamos, pois, ver que demónios o anel estelar libertará neste cofre.

Colou o grande pentáculo à face do cofre e todos puderam constatar que a estrela de seis pontas em relevo encaixava na perfeição na estrela de seis pontas esculpida em profundidade no centro do cofre. Com um movimento teatral, o historiador rodou o artefacto e a estrela do cofre também girou, desencadeando uma sucessão de cliques e clagues no mecanismo que trancava e destrancava o cofre.

– Oh!

– A *Chave de Salomão* é a última chave dos segredos de Frank Bellamy. – anunciou Tomás, completando um derradeiro movimento que provocou um estalido final. – Abre- -te Sésamo!

A porta do cofre soltou-se.

Como um pedinte esfaimado diante da mesa de um banquete, Fuchs empurrou os companheiros e meteu as mãos sôfregas dentro da caixa metálica encrustada na parede. Depois de apalpar o interior sombrio, retirou, sequioso, o maior objecto que lá encontrou. Quando a luz do gabinete incidiu sobre a descoberta, percebeu que se tratava de um dossiê. Olhou para ele e arregalou os olhos perante o título que viu impresso na cartolina branca que servia de capa.

Quantic Eye.

– O *Olho Quântico*! – exclamou, quase aos guinchos de alegria. – Finalmente! Está aqui o *Olho Quântico*!

Agarrou-se à resma de folhas unidas por argolas e levou-a para a secretária de Frank Bellamy, começando de imediato a folhear o conteúdo. Seriam talvez umas duzentas páginas, o que prometia uma sessão longa. Tomás deitou uma olhadela ao relógio, preocupado com o tempo que lhe restava para resgatar Maria Flor.

Cinquenta e um minutos.

Enervado e impaciente, o português voltou-se para Sam Dunn.

– Oiça, já fiz o que vocês pediram. – disse-lhe. – Agora cumpra a sua palavra e telefone ao vosso homem para libertar a minha

amiga.

O homem da CIA encarou o seu chefe.

– Então? – quis saber. – É isso?

O director do Serviço Clandestino Nacional esboçou uma careta e um gesto de frustração.

– Não percebo nada desta porcaria! – protestou. – São só equações e equações! Uma algaraviada incompreensível! Empurrou o dossiê para o canto da mesa, quase como se o rejeitasse. – Tenho de mostrar esta confusão ao meu pessoal para poder ter a certeza de que é o que procuramos.

Dunn fez um gesto conformado na direcção de Tomás.

– Lamento muito mas, enquanto não tivermos a certeza, nada posso fazer.

– O dossiê tem o título a indicar tratar-se do *Olho Quântico*, não tem? – exasperou--se o português. – Qual é a vossa dúvida?

– Mister Fuchs não me deu a confirmação. Além do mais, você ainda não esclareceu as circunstâncias da morte de Frank Bellamy. O nosso acordo envolve tudo isso, como se deve recordar.

Tomás soltou com a língua um estalido de desespero e dirigiu-se à secretária. Espreitou as páginas que Fuchs consultara e, incapaz de reprimir a impaciência que lhe roía as entranhas, pegou no documento.

– Deixe cá ver isso.

Surpreendentemente, o director do Serviço Clandestino Nacional não levantou objecções. Deixou-o levar o dossiê e levantou-se do lugar, encaminhando-se para a porta com o telemóvel na mão; tinha uma chamada a fazer.

Enquanto isso, Tomás sentou-se à janela e folheou o documento. Embora fosse um historiador, a sua faceta de académico universalista fazia dele um estudioso interessado na história da ciência e julgava ter adquirido conhecimentos suficientes nessa área para entender fórmulas e equações com conceitos matemáticos que um não iniciado seria incapaz de compreender. De resto, a forma como se sentia à vontade com os mais complexos conceitos da física quântica, incluindo a estranha equação de Schrödinger e o enigmático da função de onda, era prova disso.

A leitura foi rápida e muitas vezes feita na diagonal, embora atenta quando chegava aos pontos cruciais, de tal modo que em pouco mais de vinte minutos o português concluiu o capítulo onde o essencial do texto científico era resumido.

Ao fechar o dossiê levantou os olhos para o relógio e fixou o tempo que restava a Maria Flor.

Trinta e cinco minutos.

– Então, mister Norona? – quis saber Sam Dunn. – Já tem respostas para nos dar?

Ainda a digerir o que havia lido, mas ciente de que o tempo urgia, Tomás levantou-se e abeirou-se dos americanos. Como Fuchs tinha saído para fazer um telefonema, eram Dunn e Halderman os seus adversários.

– Frank Bellamy resolveu o maior enigma do universo. – anunciou. – Consumou o sonho de todos os físicos.

– Qual sonho?

O historiador pousou o dossiê sobre a mesa e respirou fundo, ainda abalado com o texto que o falecido chefe da Direcção de Ciência e Tecnologia da CIA legara à posteridade.

– A teoria de tudo.

LXXVI

Inclinado sobre Maria Flor para pegar nela e depositá-la sobre a mesa, o major Fuentes interrompeu o movimento ao ouvir o telemóvel tocar. Endireitou-se e tirou o aparelho do bolso para atender a chamada.

– Há novidades. – anunciou-lhe Harry Fuchs logo que a ligação ficou estabelecida. – Encontrámos o projecto que procurávamos e o *motherfucker* está agora a tentar perceber o seu conteúdo.

– Muito bem, sir. O que devo então fazer?

– Cumpre o plano que delineámos, mas com uma diferença. O idiota do Dunn chegou a acordo com o português para desactivar a operação. Ficou combinado que, se o *motherfucker* nos resolver o problema até às três da manhã, eu te ligo para travar a execução da *babe*. Acontece que, mesmo que o nosso professorzinho não consiga fazer tudo dentro desse prazo, teremos de te dar a ordem para libertar a gaja, sob pena de termos o Congresso e o FBI à perna. Conheço bem o Dunn, o tipo é um mole e um acagaçado e gosta de fazer tudo pelo manual.

Aquela evolução era confusa e o operacional da CIA teve uma expressão de atrapalhação.

– Desculpe, sir, mas eu já raptei a mulher e ela viu-me a cara. Além disso, há o amigo deles que liquidei na Universidade de Georgetown. Ela não pode sair viva, porque senão compromete-me. Aliás, compromete-nos.

– Eu sei. Mesmo assim, vou ligar-te antes das três para te dar a ordem de a libertar.

– Mas, sir...

– No entanto, não te darei a ordem.

O major Fuentes arqueou as sobrancelhas, novamente confuso; nada daquilo lhe parecia fazer sentido.

– Perdão? Mas... mas o senhor mesmo acabou de dizer que irá...

– Não te darei a ordem porque não terei oportunidade para tal.

– acrescentou Fuchs, não o deixando terminar a frase. – O teu telemóvel ficará sem bateria dentro de... digamos, dois minutos. Isso impossibilitará qualquer contacto contigo em tempo útil, entendes?

– O senhor quer que eu desactive o meu telemóvel?

– Quero que te tornes incontactável, sim. E às três da manhã, como eu não te vou dizer nada em contrário porque o teu telemóvel estará desactivado, o prazo esgota-se e tu limpas a *babe*, fazendo desaparecer do mapa a única testemunha de que a Agência realizou uma operação ilegal em território americano, onde como sabes não temos jurisdição, e de que fomos nós que limpámos aquele matemático em Georgetown. Não pode haver provas nenhuma do nosso envolvimento no caso, portanto essa *babe* tem mesmo de desaparecer. É uma testemunha incómoda. Depois de a limpar quero que te volatilizes, de preferência para levar a cabo uma operação qualquer na Líbia, estás a ver a ideia? Só eu é que estou a par do teu envolvimento neste caso, por isso o Dunn e o Bellamy júnior não vão poder fazer nada contra ti. Nem contra mim, aliás. Não haverá testemunhas de nada, apenas o cadáver de uma estrangeira morta num estranho ritual, um lamentável dano colateral de uma importante operação que tornará a América mais segura.

– Não haverá assim pontas soltas.

Uma gargalhada soou do outro lado da linha.

– Gosto de ti porque és eficiente e esperto. Adeus.

O director do Serviço Clandestino Nacional desligou e o major Fuentes apressou-se a cumprir as ordens que acabara de receber. Ligou para Langley a pedir um lugar no primeiro voo para Trípoli e foi informado de que um avião da Força Aérea partiria às oito da manhã da Base Aérea de Andrews com esse destino. A seguir tirou a bateria do telemóvel e ficou enfim incontactável.

O destino de Maria Flor estava selado.

LXXVII

Nada parava o tempo. A evolução dos ponteiros do relógio no gabinete tornara-se uma verdadeira corrida. Tomás tinha até a impressão de que eles aceleravam e isso deixava-o com os nervos em franja.

Trinta e quatro minutos.

Tinha pouco mais de meia hora para expor o enigma de uma forma convincente e compreensível, de modo a satisfazer as exigências dos homens da CIA e salvar Maria Flor. Era difícil, mas não impossível.

Encarou os quatro americanos diante dele. Harry Fuchs regressara ao gabinete instantes antes e observava-o de braços cruzados, uma expressão insolente a bailar-lhe na face.

– Estão a par dos esforços dos físicos para conceber uma teoria de tudo? – quis o historiador saber, tentando determinar o grau de conhecimentos científicos dos seus interlocutores. – Conhecem a dificuldade em conciliar a física clássica e a física quântica?

Os dois homens do Serviço Clandestino Nacional e o director-adjunto da Direcção de Ciência e Tecnologia sorriram.

– Tenho uma vaga ideia. – disse Dunn.

– Esses assuntos eram a especialidade do Frank. – indicou Halderman. – A minha área é a engenharia.

– Já ouvi falar nisso. – respondeu Fuchs. – Acho que foi quando via o Star Trek na televisão.

Apenas Peter Bellamy estava a par da matéria, percebeu Tomás. Não ia ser fácil resumir tudo em breves segundos, raciocinou, mas a pressão do tempo a isso obrigava.

– Por uma questão de tempo vou fazer algumas afirmações sem as demonstrar. – avisou. – Mas são importantes para que se perceba o projecto *Olho Quântico*. Se já conhecerem estes pormenores, isto servirá para refrescar a memória. Mais tarde, e se tiverem dúvidas, poderão consultar os cientistas para obterem a confirmação, pode ser?

– Vamos a isso!

O português afinou a garganta.

– A física clássica, na qual se inserem as descobertas de Newton e as teorias da relatividade de Einstein, lida com o mundo real e determinista do macrocosmos. Por exemplo, conhecendo as leis da física clássica e sabendo qual a posição e a velocidade da Lua, podemos determinar onde o nosso satélite natural estará daqui a mil anos ou onde esteve há dois mil. Se tivermos dados sobre a posição e a velocidade de todos os objectos do universo, poderemos calcular toda a sua história, passada e futura. Um asteróide não vira à esquerda ou à direita porque lhe apetece, mas por necessidade. As leis da física clássica a isso obrigam. Ou seja, o comportamento de todos os objectos no macrocosmos é determinista.

– Isso é evidente. – disse Fuchs, mostrando a pistola que guardava ao peito. – A balística é determinista. Se soubermos a velocidade a que sai a bala e calcularmos o efeito da força de gravidade e o vento que sopra no momento do tiro, podemos prever com total exactidão onde irá o projectil cair. No fundo é isso que fazem os franco-
-atiradores de forma quase intuitiva.

– Exacto. – confirmou Tomás. – Acontece que se descobriu que o mundo microscópico da física quântica, onde se encontram os átomos, se comporta de maneira totalmente diferente. Os electrões, por exemplo, podem saltar de um estado para o outro e de uma orbital mais elevada para outra mais baixa sem que nada os obrigue e sem passarem por um estado ou uma orbital intermédios. Pior do que isso, estão em todos os sítios ao mesmo tempo e, quando se deslocam do ponto A para o ponto B, percorrem todas as rotas simultaneamente. Mais incrível ainda, há físicos que admitem, baseados em cálculos e em experiências já efectuadas, que um observador hoje pode influenciar o comportamento de um electrão ou de um fóton ontem, o que significa que não só existem vários futuros possíveis como vários passados possíveis. O que é ainda mais estranho, a matéria não existe como a conhecemos enquanto não for observada, apenas tem uma existência potencial em forma de onda, descrita pela chamada função de onda que o ψ simboliza na equação de Schrödinger. O cúmulo é que a realidade não só depende da observação, como em última instância depende da própria consciência. Descobriu-se que a nossa decisão consciente de observar o microcosmos altera a realidade desse microcosmos. Se eu por exemplo decidir observar um electrão ou um fóton de uma determinada maneira, que eu chamaria observação indirecta, a realidade é uma onda que se espalha pelo espaço. Porém, se eu decidir observá-los de outra maneira, que eu designaria observação directa, a função de onda quebra-se e o electrão ou o fóton tornam-se partículas num único ponto do espaço.

– Ou seja. – disse Peter num esforço para resumir, – um electrão é onda e partícula ao mesmo tempo.

– Errado. Quando é onda, o electrão é apenas onda. Quando se torna partícula, é apenas partícula. A forma que o electrão vai realmente assumir depende do tipo de observação que decidimos conscientemente fazer. Percebem as implicações profundas desta descoberta? Isto quer dizer que a decisão consciente de observar de uma ou de outra maneira altera a natureza intrínseca da realidade.

– Desculpe, mas isso parece tudo saído do Star Trek! – riu-se Fuchs, incrédulo. – Pura ficção científica.

– Concordo que dá essa impressão. No entanto, tudo isto que vos estou a dizer já foi demonstrado milhares de vezes em experiências sucessivas, designadamente a da dupla fenda e respectivas variantes. Por outras palavras, e por mais bizarro que pareça, é esta a natureza mais profunda da realidade. O universo não existe na forma que conhecemos até ser observado e a observação, que remete para a consciência, cria em parte a realidade. Sobre os resultados das experiências não há hoje em dia grandes dúvidas na comunidade científica. Os cientistas apenas se dividem na avaliação do significado destes dados, uma vez que muitos se recusam, por razões filosóficas, a aceitar que a observação cria parcialmente a realidade.

– E com razão!

– Oiça, não me cabe agora fazer a demonstração do que afirmei, até porque poderão mais tarde verificar tudo isto com físicos da vossa confiança. – sublinhou. – O importante é perceberem que, tal como vocês, Einstein pensou primeiro que a física quântica tinha aspectos absurdos que mostravam a sua incoerência e depois, quando foi confrontado com os resultados das experiências que apontavam no sentido do que acabei de dizer, teve de ceder. Porém, continuou a acreditar que faltava ainda descobrir mais alguma coisa que explicasse deterministicamente este comportamento bizarro do microcosmos, uma vez que não aceitava que a observação fosse capaz de criar parcialmente a realidade e que o real fosse intrinsecamente probabilístico. Dispunha, na verdade, de um argumento poderoso: o universo não pode ser regido por leis diferentes aos níveis macroscópico e microscópico. A realidade ou é determinista ou é probabilística, ou existe independentemente da observação ou é parcialmente criada pela observação. Não pode é ser uma coisa no macrocosmos e outra diferente no microcosmos.

– Isso é evidente. – reconheceu Dunn, que acompanhava o raciocínio sem grandes dificuldades. – Se um átomo pode estar em todos os sítios ao mesmo tempo, e se cada um de nós é constituído por átomos que têm esse comportamento, como se explica que não

estejamos em todos os sítios ao mesmo tempo? Como se explica que obedeçamos a leis da física diferentes das que regulam os próprios átomos de que somos feitos? Isso não faz sentido!

– Era essa precisamente a perplexidade de muitos cientistas. – observou Tomás. – Para resolver o paradoxo, era preciso criar uma *teoria de tudo* que conciliasse as bizarras quânticas que comprovadamente existem no universo microscópico com o mundo normal que vemos em nosso redor à escala macroscópica.

Seguindo a conversa com crescente impaciência, Fuchs começou a mostrar-se irrequieto.

– Isso parece-me muito bonito, sim senhor. – interrompeu, incapaz de se conter por mais tempo. – Mas o que tem essa conversa da treta a ver com o projecto *Olho Quântico*?

– Tudo.

– Tudo como? Eu e o Walt estivemos presentes na reunião na Casa Branca em que o presidente ordenou à Agência, e ao velho em especial, que desenvolvesse um computador quântico macroscópico capaz de quebrar em minutos a mais difícil das cifras usadas pelos terroristas. O *Olho Quântico* é o projecto criado por Bellamy para desenvolver esse computador quântico. Nunca ouvi falar em nenhuma *teoria de tudo* nem em nada do género...

O director do Serviço Clandestino Nacional era um homem astuto, percebeu Tomás, mas faltava-lhe bagagem científica. Não admirava que não entendesse a magnitude do projecto que fora entregue ao seu colega da Direcção de Ciência e Tecnologia.

– Oiça, os computadores quânticos já existem. – explicou o académico português. – O problema é que apenas conseguem computar um máximo de dez qubits, ou bits quânticos. Para que sejam úteis e eficazes, no entanto, têm de ter capacidade para computar pelo menos umas centenas de qubits.

– Ora essa! – exclamou, como se a resposta para o problema fosse evidente. – Então construam computadores quânticos maiores!

O historiador revirou os olhos, questionando-se no íntimo sobre como podia alguém cientificamente tão ignorante como Fuchs ascender à posição que ocupava na CIA.

– Um computador clássico computa bits em que as respostas são zero ou um. – disse no tom mais paciente de que foi capaz. – Um computador quântico computa qubits em que as respostas são zero e um. Percebe? – Alterou a voz, como se fizesse um aparte. – Na verdade, e para ser rigoroso, os qubits lidam simultaneamente com respostas de zero, um, dois, três, quatro...– Regressou ao tom normal. – Da mesma maneira que, ao nível quântico, um electrão passa pela fenda A e pela fenda B, estando assim nos dois sítios ao mesmo tempo, um computador quântico lida com informação em que a resposta é zero e um, sim e não, esquerda e direita, tudo simultaneamente. Aliás, e como disse, pode até computar ao mesmo tempo mais de dois estados em superposição. Isso torna-o muito mais eficiente, como deve calcular. O problema é que, quando se aumenta a dimensão do computador quântico, a sua função de onda entra em colapso, o que impede que ele funcione a nível quântico, está a entender? Ao aumentar a dimensão do computador quântico, ele deixa de pertencer ao microcosmos e torna-se macroscópico, ficando assim incapaz de funcionar segundo as regras quânticas do microcosmos, com excepção da supercondutividade. É isso que nos impede de construir um computador quântico macroscópico.

A direcção que o raciocínio de Tomás estava a levar foi, de repente, compreendida por Sam Dunn.

– É por isso que Frank Bellamy precisava da *teoria de tudo*! – concluiu, estarrecido com a dimensão do desafio. – Só percebendo a ligação entre o microcosmos e o macro-cosmos é que se pode construir um computador quântico macroscópico!

– Bingo! – exclamou o português, satisfeito por ser entendido. – Só depois de concebermos a *teoria de tudo* poderemos construir um computador quântico que, para lá da supercondutividade, mantenha efeitos quânticos no universo macroscópico, designadamente superposição e entrelaçamento. Por isso, se queria cumprir a ordem que recebera do presidente dos Estados Unidos, Bellamy precisava primeiro de resolver um mistério científico que nem Einstein havia conseguido solucionar.

O rosto do filho do falecido chefe da Direcção de Ciência e Tecnologia apresentava uma expressão de incredulidade.

– O que está a insinuar? Que o meu pai conseguiu resolver o enigma da *teoria de tudo*?

O historiador balançou afirmativamente a cabeça.

– Sim.

– Jeez! Como fez ele isso?

– Recorrendo à teoria da informação de Claude Shannon. – Esfregou o queixo, considerando a melhor forma de expor a questão. – Todo o universo obedece às leis da informação e tudo o que nele existe é regulado por informação. A informação determina o comportamento dos átomos, a vida e o próprio universo. Cada partícula subatômica, cada átomo, cada molécula, cada célula, cada ser vivo, cada planeta, cada estrela e cada galáxia está repleta de informação. A informação encontra-se presente em cada interacção que ocorre no universo, a natureza exprime-se através da linguagem da informação.

– Em suma. – observou Peter, – tudo é informação.

– Os átomos são todos iguais, um átomo de hidrogénio no meu corpo é exactamente igual a qualquer átomo de hidrogénio que exista no Sol ou numa galáxia distante, e a diferença entre as coisas está na informação que organiza e estrutura as relações entre átomos. – disse o português, beliscando a pele da mão. – Eu e você podemos trocar de átomos de carbono. Por exemplo, os seus vão para mim e os meus vão para si, e mesmo assim eu continuarei a ser eu e você continuará a ser você. O que faz com que cada um de nós seja o que é resume-se afinal à informação que existe dentro de nós. É como uma das vossas equipas de basquetebol, o... o...

– Os Chicago Bulls, por exemplo.

– Isso. O que faz os Chicago Bulls não são cinco jogadores específicos, mas a informação do conjunto. Substituam-se os cinco jogadores habituais por outros cinco diferentes e continuamos perante os Chicago Bulls. – Fez um gesto largo. – O universo também é assim. Não interessa um átomo específico, mas a informação que estrutura e relaciona os átomos entre si. Se formos a ver, no fundo a vida é ela própria um acto de preservação e de

replicação de informação. Todos nós somos mortais, mas a informação que nós contemos sobrevive à nossa morte. Muita da informação inserida nos nossos genes tem milhares de milhões de anos e sobreviverá, não apenas à nossa morte, mas até à extinção da nossa espécie. O cérebro e os genes estão para nós como o hardware está para os computadores. Daí que a informação não seja uma coisa abstracta e etérea, mas uma entidade com existência física real. Está contida num gene, numa palavra, num campo magnético ou na rotação de um átomo. A informação encontra-se em toda a parte.

Fuchs voltou a remexer-se de impaciência.

– Pronto, já percebi. – disse, tentando que Tomás avançasse mais depressa. – O universo é constituído por informação. E daí?

– Esta ideia foi de certo modo intuída por Einstein quando concebeu as suas teorias da relatividade, que mais não são do que teorias da informação, ou, se quisermos, de transporte de informação. A diferença é que as teorias da relatividade partem do pressuposto de que o real existe independentemente do observador e a mecânica quântica assenta no pressuposto de que observador e realidade dependem ontologicamente um do outro. Einstein não aceitou duas características fundamentais do comportamento da matéria a um nível microscópico, embora hoje saibamos que essas características existem mesmo. Uma era a natureza ontologicamente indeterminista do mundo quântico. Ele dizia que *Deus não jogava aos dados*. A outra característica que recusava era que a realidade não existia sem observação. Einstein tentou mostrar que teria de haver algo que ainda não fora descoberto e que explicava todas estas bizarras de uma forma lógica e determinística.

– Tenho ideia. – disse Peter, – de que houve cientistas que sugeriram que, na passagem do microcosmos para o macrocosmos, alguma coisa sucedia que transformava essas bizarras quânticas na realidade que estamos habituados a ver.

– É verdade. Mas as sucessivas experiências não detectaram nenhuma barreira em que as leis da física se alteravam. A questão era esta: por que razão não podemos estar em Washington e em

Paris ao mesmo tempo, mas um átomo pode? O mistério permaneceu insolúvel.

– E o meu pai conseguiu resolvê-lo? – perguntou o filho de Frank Bellamy. – Arranjou mesmo maneira de explicar por que motivo não existe superposição na matéria macroscópica que vemos em redor de nós?

Com uma luz de entusiasmo a cintilar-lhe nos olhos, e ciente de que a resposta iria mudar a forma como todos os seres humanos encaram o universo, o académico português sorriu.

– A resposta vai deixar-vos estupefactos.

LXXVIII

Após guardar o telemóvel inutilizado, o major Fuentes pegou ao colo em Maria Flor, que permanecia com mãos e pés atados, e

pousou-a sobre a mesa de mármore que ocupava o centro da estranha sala. Atou-a ao tampo da mesa, quase como se ela fosse um cordeiro sacrificial, e depois recuou dois passos e contemplou-a.

– Excelente! – congratulou-se a si próprio. – Está já em posição para o grande momento.

A portuguesa não escutara o que Harry Fuchs dissera ao telefone, mas as palavras e o olhar frio do seu captor não lhe deixavam dúvidas quanto às suas intenções. Queria falar, dialogar com o americano, tentar convencê-lo de que tudo aquilo era desnecessário, mas a mordança apenas lhe permitia soltar uns urros patéticos.

– Hmm... Hmm...

Apesar de se esforçar por manter a calma e ocultar o medo, não conseguia disfarçar o tremor incontável que se apossara das suas mãos e a fraqueza que sentia nas pernas. Além do mais, ver-se atada daquela maneira à mesa e rodeada por estátuas egípcias num salão em estilo grego dava-lhe a impressão de ocupar pelas piores razões o altar de uma cerimónia pagã da antiguidade.

Satisfeito com a cenografia que montara, o major Fuentes virou costas e foi buscar a sua pasta de trabalho. Meteu a mão no interior e, após vasculhar no conteúdo, extraiu uma adaga. Levantou-se e aproximou-se de Maria Flor com a lâmina cerimonial a dançar--lhe entre os dedos.

– Gostavas de te despedir da vida à maneira dos meus antepassados astecas? – interrogou-a com um sorriso sádico. Aproximou a adaga do corpo dela e pousou a ponta sobre o abdómen. – Abria-te por aqui, arrancava-te o *tona*, como eles chamavam ao coração, e dedicava o teu sacrifício a Huitzilopochtli, o deus Sol.

– Hmm! Hmm!

Apesar do frio, as gotas de suor começaram a empapar a testa da prisioneira, cujos olhos apavorados saltavam entre o movimento ameaçador da adaga e a expressão de loucura gelada que perpassava pelo rosto do assassino da CIA. Não havia dúvidas, percebeu ela. O seu captor estava a tirar prazer daquilo. Encontrava-se à mercê de um psicopata.

Ainda a brincar com a adaga, o major Fuentes consultou o relógio e sorriu.

– Já falta pouco.

Vinte e cinco minutos.

LXXIX

Qualquer coisa que sucedesse naquele momento dificilmente quebraria a atenção dos americanos, de tal modo estavam concentrados nas palavras de Tomás. Os quatro pareciam em transe, entrelaçados no mistério que o académico português lhes desvendava.

– Como? – quis saber Peter. – Como se explica que os átomos possam estar em dois lugares diferentes ao mesmo tempo e nós, que somos feitos de átomos, não possamos? Como se explica que o microcosmos seja regido por umas leis e o macrocosmos por outras? Como?

A mão de Tomás pousou no dossiê intitulado *Olho Quântico*.

– O seu pai descobriu que a resposta está na teoria da informação. – afirmou. – O facto de a observação criar parcialmente a realidade, obrigando uma onda que encerra múltiplas possibilidades em paralelo a tornar-se uma partícula com uma única realidade, mostra que no centro do problema se encontra a transferência de informação. Um electrão cuja existência é desconhecida, isto é, sobre o qual não há informação, é um electrão que não existe enquanto partícula. É como se o electrão permanecesse virtual e só se tornasse real quando é recolhida informação sobre a sua existência.

– Quer dizer, a informação quântica está ligada às leis que regulam o comportamento da matéria e da energia.

– Isso mesmo. Agora prestem atenção a esta pergunta: que coisa há no universo que recolhe informação sobre um electrão e espalha essa informação, quebrando assim a onda em que se acumulam todas as potencialidades paralelas e transformando o electrão em partícula, em que apenas uma dessas potencialidades se realiza?

Os três americanos entreolharam-se, incapazes de responder a esta pergunta mas relutantes em admiti-lo.

– Bem.... – hesitou Peter. – Os seres humanos?

Os lábios de Tomás curvaram-se num sorriso e os olhos verdes emitiram uma cintilação fugaz, tão simples e complexa era a solução do grande mistério sobre a natureza da realidade.

– O próprio universo.

– Perdão?

– O universo está constantemente a observar-se a si próprio! – afirmou, empolgando-se. – Foi isso o que Frank Bellamy descobriu. O universo está permanentemente a fazer medições de si próprio, a extrair informações sobre os seus componentes, das gigantescas

estrelas aos minúsculos electrões. – Apontou para o pátio que se encontrava para lá da janela do escritório. – Quando olhamos lá para fora e vemos as árvores e as pedras, o nosso cérebro processa informação que o universo já recolheu. O Sol emitiu um fotão que se reflectiu na estrutura metálica do Kryptos, medindo assim a escultura. A interacção do fotão com as moléculas do metal do Kryptos ou com as células da folha de uma árvore é uma forma de o universo observar a matéria, medindo-a e espalhando a informação pelo ambiente em redor. Ao medir as moléculas ou as células, o fotão está a observá-las e a torná-las partículas. Ou seja, o que quebra a função de onda da molécula, na qual a molécula acumula em paralelo todas as virtualidades possíveis, é a interacção da molécula quântica com o meio ambiente. Neste caso, a interacção do meio ambiente processa-se através do contacto da molécula com a luz.

– Pois, mas e se não houver sol? Como se explica que à noite o mundo continue a existir?

– O universo está a ferver de fotões e a esmagadora maioria não vem do Sol, mas das estrelas ou até do Big Bang que criou o próprio universo. Essas partículas de luz espalham-se constantemente por toda a parte, obtendo a todo o momento informação sobre a matéria e a energia.

Peter não se deu por vencido.

– Está bem, mas e se conseguirmos isolar totalmente o Kryptos de todas as partículas que o universo emite? E se pusermos a escultura numa caixa de vácuo concebida de tal modo que impede que os fotões, os neutrinos, os electrões e todas essas milhentas partículas que andam por aí espalhadas toquem nas moléculas do Kryptos, impossibilitando que se extraia informação sobre elas? Se o Kryptos for totalmente isolado, terá existência real?

– Se isso acontecer, o Kryptos ficará em superposição quântica, tornar-se-á uma onda em que se acumulam em paralelo todas as potencialidades possíveis. Ou seja, o Kryptos não terá partículas, será uma onda. Porém, mesmo que fosse isolada nessa caixa de vácuo e protegida das partículas cósmicas, a escultura acabaria por se tornar partícula.

– Porquê? – questionou o filho de Frank Bellamy. – Se o Kryptos ficar isolado do resto do universo, como pode o universo observá-lo?

O historiador indicou o documento que haviam retirado do cofre.

– O projecto *Olho Quântico*, que o seu pai desenvolveu, mostra que o universo está sempre a observar-se a si próprio, mesmo no vácuo mais profundo.

– Como?

– Isso acontece através de um fenómeno previsto no princípio da incerteza de Heisenberg. – retorquiu Tomás. – Chama-se flutuação quântica, ou flutuação do vácuo.

Fuchs, Halderman e Dunn soergueram as sobrancelhas.

– O que raio vem a ser isso?

– Sabem, mesmo no vácuo mais profundo o universo está sempre a criar e a apagar partículas. Elas aparecem do nada, durante um breve momento obtêm informação sobre o que se passa num determinado sector do espaço sideral e logo a seguir desaparecem de regresso ao nada. A flutuação do vácuo é constituída por partículas que flutuam aleatoriamente entre a existência e a não existência e a sua ocorrência já foi demonstrada experimentalmente através de um fenómeno conhecido por *efeito Casimir*.

– Sendo assim, não é possível isolar totalmente um objecto e protegê-lo da observação do universo...

– É possível fazê-lo, mas apenas temporariamente. Reparem, quanto mais pequeno é um objecto, menores são as hipóteses de ele ser detectado pelas partículas cósmicas ou pelas partículas aleatórias que emergem da flutuação do vácuo. Um dos maiores mistérios da física quântica tem sido justamente a constatação de que os átomos microscópicos do meu corpo podem estar em dois lugares ao mesmo tempo, mas o meu corpo não. Como se explica isso, se eu sou feito de átomos? A resposta dada por Frank Bellamy é desconcertante de tão simples.

– Qual foi?

– Ele estabeleceu no projecto *Olho Quântico* que a diferença entre a realidade à escala microscópica e à escala macroscópica ocorre porque as partículas emitidas pelo universo para observar o que se passa dentro dele têm mais dificuldade em encontrar partículas minúsculas, mas facilmente esbarram em objectos de maior dimensão. É por isso que o microcosmos quântico é feito de ondas em que se acumulam todas as virtualidades possíveis em paralelo e o macrocosmos clássico só apresenta uma realidade. É a constante observação que o universo faz de si mesmo que transforma a onda de um electrão, cuja função é calculada na equação de Schrödinger e que permite ao electrão estar em vários lugares ao mesmo tempo e viajar por múltiplos caminhos simultaneamente, numa partícula que só existe num local. Ou seja, o microcosmos e o macrocosmos são de facto regidos pelas mesmas leis. O que faz com que elas pareçam diferentes é a maior dificuldade do universo em extrair informação na escala microscópica, uma vez que micropartículas como os quarks e os electrões são infimamente pequenas e é muito fácil permanecerem isoladas durante algum tempo. É essa a diferença essencial entre o mundo quântico e o mundo macroscópico. As micropartículas permanecem em virtualidades paralelas porque, como são tão pequenas, o universo tem dificuldade em detectá-las, enquanto os objectos grandes são imediatamente detectados e por isso perdem logo a superposição e definem-se, tornando-se partículas.

Os quatro homens da CIA, mas sobretudo Peter, escutavam-no boquiabertos. Mesmo sem terem formação em física quântica, o alcance da descoberta não lhes passava despercebido.

– *Jeez!* – exclamou o filho de Frank Bellamy, sacudindo a cabeça para se assegurar de que não sonhava. – E esta? O meu pai resolveu mesmo o maior enigma da ciência!

– Na verdade, não resolveu um só enigma, mas vários. – Colou dois dedos à testa. – Esta descoberta permitiu-nos também compreender melhor o fenómeno da consciência. Com a física clássica, sempre encarámos o mundo como um lugar mecanicista, em que todos os eventos têm uma ou várias causas e provocam efeitos que se tornam causas de efeitos seguintes, como um

gigantesco e interminável dominó determinista. Nesta linha de pensamento, os nossos cérebros são equiparados a máquinas bioquímicas de processamento de informação, em que mais uma vez todos os comportamentos e decisões que tomamos, mesmo quando parecem resultar da livre vontade, têm na verdade causas e efeitos mecanicistas. Contudo, a física quântica veio revelar-nos que, a um nível profundo, o universo não é determinista, mas aleatório. As partículas da flutuação quântica aparecem e desaparecem sem que nada provoque o seu aparecimento nem cause o seu desaparecimento.

– Negativo. – cortou Halderman, que acompanhara em silêncio toda a explicação científica mas que sobre este ponto, e enquanto engenheiro, tinha uma convicção firme. – Nada acontece sem causa. O facto de não sabermos o que provoca o aparecimento das partículas na flutuação quântica não quer dizer que não haja uma causa. A causa existe, só que não a conhecemos.

– É isso justamente o que alegam muitos cientistas que não conhecem o problema a fundo. Mas as sucessivas experiências e o princípio da incerteza demonstraram-nos que a questão não é ignorarmos as causas, mas não haver de facto causas deterministas que provoquem a flutuação quântica. Eu sei que isto é difícil de engolir, mas é o que descobrimos. Lembrem-se sempre que quando a matemática e as experiências contradizem o bom senso, como aconteceu quando Copérnico percebeu que não era o Sol que girava à volta da Terra mas o contrário, o bom senso perde. Sei que não faz sentido haver no universo coisas que aconteçam sem causa determinista, mas é isso o que a matemática e as experiências já demonstraram. As partículas da flutuação quântica aparecem sem que nada realmente as obrigue a aparecerem naquele instante e naquele local, quase como se tivessem vontade própria. Ou, se quisermos, como se o universo tivesse vontade própria. É essa a natureza mais profunda da realidade.

– Uma coisa dessas é... é surreal.

– É por isso que as pessoas que entendem realmente a física quântica ficam chocadas. O importante, porém, é percebermos o impacto desta descoberta de Frank Bellamy na compreensão do

fenómeno da consciência. Com a física clássica, o cérebro era considerado uma máquina complexa de processamento mecanicista de informação e, nesse contexto, a livre vontade não existia, tratava-se de uma mera ilusão, uma vez que a ciência tradicional estabelece que todos os comportamentos têm de ter uma causa, mesmo que não a conheçamos. A física quântica, contudo, obriga-nos a repensar o funcionamento do cérebro. Um número crescente de físicos começa a postular que, uma vez que o cérebro é constituído por átomos, provavelmente existem fenómenos quânticos a decorrer na nossa mente.

– Isso quer dizer o quê?

– Que estamos perante uma verdadeira revolução. Reparem, a superposição quântica implica que todas as realidades são possíveis e nenhuma delas é necessária, não é verdade? Quando é feita uma observação, a superposição de um electrão quebra-se e ele realiza-se em partícula numa das várias possibilidades. Da mesma maneira, o cérebro é constantemente posto perante múltiplas ideias e hipóteses, todas elas a coexistirem como se estivessem em superposição, e no momento da decisão acaba por escolher uma delas. Se na realidade existirem processos quânticos a decorrer no cérebro, as opções que a nossa consciência toma não são necessariamente deterministas e resultado de um processo mecanicista de causa e efeito, mas escolhas efectivas. A consciência opta de facto entre várias possibilidades diferentes, da mesma maneira que um electrão de certo modo o faz no momento em que é observado e se quebra a superposição. Os efeitos quânticos no cérebro ainda estão a ser estudados, mas poderão explicar certas características da consciência que a neurociência, que obedece a regras da física clássica mecanicista e determinista, não aceita. Muitos neurocientistas acham que o cérebro não passa de um computador bioquímico e que a consciência é por isso uma ilusão, mas estas descobertas da física quântica indicam-nos que, se há de facto processos quânticos a decorrer no cérebro, então a consciência não é afinal nenhuma ilusão resultante de mera computação bioquímica.

– Não estou a perceber. – disse Peter. – Como podem ocorrer efeitos quânticos no cérebro?

Tomás folheou o dossiê e localizou um extracto do texto.

– O seu pai lidou aqui com essa questão e apontou como hipótese um sítio do cérebro onde podem ocorrer saltos quânticos. As sinapses. Trata-se de pequenos espaços entre as terminações nervosas do cérebro onde a informação é processada e onde se geram as decisões e os pensamentos. Neste local, o impulso de um neurónio faz disparar o neurónio seguinte. Ora se a possibilidade de disparar ou não o impulso for encarada como uma função de onda, está aberto o caminho para a presença de processos probabilísticos quânticos.

– Pois, mas como decorreriam esses processos? Qual o mecanismo?

– Seriam os saltos quânticos de tunelização, em que um electrão desaparece de um sítio e aparece noutro. É certo que esses saltos quânticos só são em geral possíveis em espaços com uma largura equivalente a sete átomos, embora em casos muito raros possam saltar larguras correspondentes até um máximo de cento e oitenta átomos. Acontece que, por grande coincidência, ou talvez não, o equivalente a cento e oitenta átomos é justamente a largura do espaço sináptico. Ora como os electrões estão constantemente em movimento, podem fazer cem mil milhões de tentativas de cruzar a membrana sináptica no milissegundo que uma sinapse electricamente polarizada leva a disparar, o que dá uma taxa de sucesso na tunelização quântica calculada em cinquenta por cento no caso de larguras dessa dimensão. Estudando com atenção a estrutura de uma sinapse, verifica-se que a sua arquitectura, por outra grande coincidência, é perfeita para explorar um efeito de tunelização quântica pela fenda sináptica. Quando um impulso chega à sinapse, a fenda torna-se electricamente polarizada e é este poderoso campo eléctrico que permite a tunelização quântica. Assim sendo, pode especular-se que a função de onda se quebra nas sinapses quando se produz um pensamento, e desse fenómeno emerge a consciência.

As implicações destas descobertas foram enfim compreendidas pelos seus interlocutores.

– *Holy shit!*, bufou Peter, digerindo o que acabara de escutar. – O nosso cérebro não é uma mesa de bilhar meramente mecanicista, em que um evento provoca outro e o nosso comportamento resulta de uma sucessão complexa de reacções pavlovianas. Isso significa que existe realmente livre-arbítrio.

Tomás pegou na caneta e rabiscou um símbolo na folha que Dunn lhe tinha entregue.



– O psi é o mais poderoso símbolo alguma vez criado. – proclamou. – Está inserido na equação de Schrödinger para descrever a função de onda em que todas as possibilidades do real se acumulam. Mas, à luz do que estamos a descobrir, este símbolo representa duas outras coisas que parecem diferentes mas são afinal a mesma. – Levantou um dedo. – Uma é a consciência. Graças ao projecto *Olho Quântico*, é razoável presumir que a consciência pode de certo modo ser descrita por uma função de onda em que todas as hipóteses coexistem em paralelo. Tal como o átomo, que é virtualmente muitas coisas ao mesmo tempo mas quando é observado se torna uma única coisa, também a mente lida com múltiplas possibilidades virtuais que de repente se concretizam numa ideia ou numa decisão concreta, como se o cérebro fosse um computador e a consciência a sua onda. Como funciona essencialmente no macrocosmos determinista, temos de aceitar que o cérebro é de facto um computador bioquímico mecanicista, mas a consciência, que emerge da superposição existente no microcosmos quântico indeterminista, permite escolhas efectivas. – Levantou o segundo dedo. – No entanto, a outra coisa que o psi também representa é ainda mais importante.

– O que pode ser mais importante que a consciência?

O académico português fez um gesto largo com as mãos, englobando tudo o que os cercava.

– O universo.

Os americanos trocaram olhares.

– O quê?

Esta parte não seria fácil de digerir, Tomás sabia. Porém, era essencial para a compreensão do feito científico que constituía o projecto de Frank Bellamy, pelo que teria de a explicar.

– Como sabem, o *Olho Quântico* começou por ser um projecto para conceber um computador quântico macroscópico. E o que é um computador quântico senão uma máquina universal de processamento de dados? A diferença é que um computador quântico macroscópico é capaz de aproveitar as bizarras da função de onda e processar milhões de bits simultaneamente, podendo assim simular qualquer sistema que obedeça às leis da física. Acontece que o tempo que o computador quântico leva a executar a simulação é igual ao tempo que o sistema simulado leva a evoluir e o espaço de memória necessário para se fazer essa simulação é proporcional ao número de subsistemas do sistema simulado. Estão a perceber o que isto significa?

– É como aquele conto de Jorge Luís Borges. – observou Peter, lembrando-se das suas leituras de juventude. – O mapa mais exacto é aquele que é feito à escala um por um, ou seja, à escala exacta da realidade. O melhor mapa de uma estrada com dez quilómetros é um mapa com dez quilómetros que reproduza exactamente, e com a mesma dimensão, tudo o que se encontra na estrada original, incluindo as pedras e o pó.

– É isso mesmo. Os computadores quânticos são tão poderosos que qualquer pessoa que veja o resultado da sua computação é incapaz de distinguir entre a simulação e o sistema simulado. Todas as operações feitas pelo computador quântico apresentariam os mesmos resultados das operações feitas pelo sistema real.

– Mas o que tem o universo a ver com isso?

– Não é óbvio? O universo tem ele próprio uma super-função de onda e pode ser descrito como um sistema físico em que cada micropartícula, cada átomo, cada molécula, cada coisa que ele contém interage com as outras coisas, assim processando

informação. Como sabem, o processamento de informação designa-se computação. Ou seja, o universo computa. E, uma vez que lida com informação quântica que opera em obediência ao comportamento da função de onda, a sua computação é quântica. O universo não processa bits, mas qubits, ou bits quânticos. Estão a ver as implicações?

O filho do falecido responsável da Direcção de Ciência e Tecnologia hesitou, na incerteza quando à conclusão lógica do que acabara de escutar.

– Está a insinuar que o universo é... é...

– O universo é um computador quântico macroscópico.

A estupefacção dos americanos era absoluta.

– O quê?

– Foi isso o que Frank Bellamy descobriu. O universo é um sistema físico que gera informação crescentemente complexa e que pode ser simulado por um computador quântico universal que tenha o seu tamanho. Isto significa que o universo é indistinguível de um computador quântico. Aqui na América vocês costumam dizer que se virmos na rua um animal que parece um pato, que caminha como um pato e que faz ‘*quack! quack!*’ como um pato, então é porque é um pato. Da mesma maneira, se o universo computa qubits, se a sua capacidade de processamento de informação é igual à de um computador quântico e se as suas operações não se distinguem das operações de um computador quântico da mesma dimensão, então é porque o universo é um computador quântico.

A explicação deixou os homens da CIA mudos por algum tempo, enquanto digeriam o que acabavam de escutar. Devido à sua ansiedade por deitar as mãos ao *Olho Quântico*, contudo, Fuchs foi o primeiro a reagir.

– Então é o computador quântico macroscópico no qual o velho estava a trabalhar? – questionou, apontando para o dossiê que haviam retirado do cofre. – Onde estão os esquemas para o construir?

– Frank Bellamy não inventou nenhum computador quântico macroscópico. – esclareceu Tomás, consciente de que o seu

interlocutor não ia gostar da resposta. – Ele descobriu o maior de todos. O próprio universo.

O director do Serviço Clandestino Nacional sacudiu a cabeça, como se assim tentasse pôr as peças do cérebro em ordem.

– Não estou a perceber...

– Frank Bellamy compreendeu que o universo é um computador quântico macroscópico. O *Olho Quântico* é o projecto em que ele fez essa demonstração.

O rosto de Fuchs ficou branco e as rugas foram-se tornando mais vincadas à medida que tomava consciência de que o projecto no qual depositara tantas esperanças não lhe iria permitir salvar o lugar.

– Então e o meu... o meu computador quântico macroscópico?

– quase guinchou, a contorcer-se como se sofresse uma dor lancinante. – Onde está ele?

O português esboçou com as mãos um movimento que abarcou todo o gabinete.

– Em toda a parte.

Desvairado, Fuchs pôs-se de pé num salto.

– *Fuck! Fuck!* – gritou, exaltado e incapaz de conter a frustração. – O *fucking* Bellamy lixou-me! O *fucking* Bellamy andou a gozar comigo! Que arda no Inferno, o velho maldito!

O responsável pelos operacionais da CIA começou a invectivar e a insultar o seu falecido colega pela forma como desenvolvera o *Olho Quântico*, privando-o de um instrumento fundamental para a actividade da sua direcção.

Percebendo que tinha prioridades mais prementes, Tomás desviou os olhos ansiosos para o relógio de parede; os ponteiros assinalavam duas e quarenta da manhã.

Vinte minutos.

O tempo que restava a Maria Flor já não era muito. Urgia concluir tudo aquilo antes do final do prazo, de modo a garantir que o sequestrador não a executava.

– Oiçam, já cumpri a minha parte. – disse. – Expliquei o *Olho Quântico*, não expliquei? Não tenho culpa que não seja o que vocês queriam, mas expliquei-o. Agora liguem lá para o homem e...

– Nem pensar! – cortou Fuchs, ainda alterado pelo choque. – Você disse-nos que ia desvendar a morte do velho. Então cumpra o que prometeu!

– Não vê quanto tempo falta? – perguntou Tomás, indicando o relógio de parede. – Só temos vinte minutos para a salvar.

– Chega perfeitamente.

O olhar do historiador desviou-se para os três outros homens da CIA, como se lhes pedisse ajuda, mas Peter, Halderman e Dunn não vieram em seu auxílio.

– Ele tem razão. – reconheceu Dunn. – O que ficou combinado foi que você explicaria o projecto e desvendaria o crime.

– Mas ela vai ser morta...

– Temos vinte minutos, chega e sobra. – Fez um gesto na direcção de Fuchs. – Basta um telefonema dele e tudo se resolverá, fique descansado.

Derrotado, Tomás respirou fundo; gostaria de garantir já o salvamento de Maria Flor, mas nada podia fazer. A verdade é que de facto prometera desvendar o mistério da morte de Frank Bellamy e realmente ainda havia tempo suficiente para se ligar ao sequestrador e suspender a execução.

– Muito bem. – disse, resignado. – Como viram, Frank Bellamy desvendou o maior mistério científico do nosso tempo e demonstrou que a função de onda da equação de Schrödinger não se limita a descrever o potencial antes de ser real. Exprime também a natureza da consciência e do próprio universo. Acontece que, na altura em que ele fazia esta importantíssima descoberta, um exame médico revelou que Daniel Dare sofria de cancro do pâncreas e tinha apenas seis meses de vida. Bellamy entrou em paranóia.

– Porquê? – admirou-se Peter. – Quem é Daniel Dare?

O português cravou os olhos nele, seguro de que a revelação o deixaria abalado.

– É o assassino do seu pai.

LXXX

Um pequeno tubo negro materializou-se nos dedos do major Fuentes depois de este vasculhar no interior da pasta. O operacional da CIA inseriu o indicador no tubo e verificou a sujidade no dígito. Pegou num pano e passou-o de uma ponta à outra do tubo, esfregando-o com cuidado. Após certificar-se de que estava limpo, pegou no tubo e atarraxou-o ao cano da sua *Sig Pro* semiautomática. O silenciador ficou montado.

Consultou o relógio.

Dezanove minutos.

A hora aproximava-se, embora talvez demasiado devagar para o seu gosto. Levantou os olhos e fitou a figura feminina que atara à mesa de mármore plantada no centro da sala. Porquê aguardar pelas três da manhã? Se ela estava condenada, se a decisão de a liquidar já tinha sido tomada para atar as pontas soltas da operação, para quê o teatro de esperar pela hora a que expirava o prazo? Que palhaçada vinha a ser aquela? Afinal já tinha retirado a bateria ao telemóvel e encontrava-se incontactável.

Pegou na carga de munições e retirou as balas uma a uma. Uma flamância de ouro cintilava-lhes na ponta, eram verdadeiras

obras de arte. Lavou-as com cuidado, puxando--lhes o lustro para que o brilho se tornasse mais intenso. Depois guardou-as e inseriu a carga de munições na sua pistola favorita. Estava pronto.

Levantou-se com uma certa indolência. Parecia em transe mas na realidade sentia--se afectado pela simbologia do local que escolhera para o sacrifício da sua prisioneira. Atravessou a sala em passo lento e abeirou-se da mesa sacrificial. Os olhos aterrorizados de Maria Flor cravaram-se no seu carrasco e desceram para a arma que ele trazia na mão.

– Hmm! Hmmmm!

Fuentes consultou de novo o relógio.

Dezassete minutos.

Para quê esperar pelas três da manhã?, voltou a interrogar-se. Para quê adiar o prazer da execução se a ordem estava dada e a morte daquele cordeiro era inevitável? Realmente, não fazia o menor sentido. Se tinha de ser sacrificada, porque não fazê-lo já?

– Está na hora, minha linda. – murmurou, a voz enrouquecida, o olhar a cintilar com o brilho lúbrico dos psicopatas no momento lascivo da matança. – Fica descansada, não vais sofrer.

Levantou a *Sig Pro* semiautomática e colou a ponta da arma à têmpora direita da sua vítima. Percebendo que vivia os seus últimos instantes de vida, a portuguesa sacudiu a cabeça, num esforço desesperado para afastar o cano, mas não foi bem-sucedida.

– Hmm! Hm...

O gemido de angústia e horror foi interrompido no momento em que o algoz puxou o gatilho.

LXXXI

Era difícil perceber porquê, mas um baque súbito no coração fez Tomás vacilar naquele instante. Pensou em Maria Flor e sentiu nesse momento um estranho desânimo e uma terrível premonição apossarem-se dele, como se algo de grave tivesse acabado de suceder, mas fez um esforço para se dominar, até porque o desvendar da identidade do homem que havia morto Frank Bellamy provocara um sururu no gabinete do chefe da Direcção de Ciência e Tecnologia em Langley. Teria de corresponder à revelação que acabara de fazer.

Embora com dificuldade, conseguiu voltar a concentrar-se. O nome que havia pronunciado, apresentando-o como o do assassino de Frank Bellamy, extraiu a Sam Dunn um esgar vazio. Parecia claro que nunca ouvira falar nele. O mesmo não se podia dizer de Peter, que enrubescera ao escutá-lo, e de Halderman e de Fuchs, que empalideceram no mesmo instante. As reacções não passaram

despercebidas ao historiador, já recuperado do súbito e inexplicável baque que sentira momentos antes.

– Já vi, Pete, que o nome não lhe é estranho...

O filho de Frank Bellamy anuiu.

– Esse não é o nome que...

– É esse mesmo. – cortou o historiador, sem o deixar terminar para que não estragasse o efeito que queria produzir em Fuchs e Halderman, para quem se voltou de seguida. – Também os senhores não desconhecem o nome, pois não? Confessem lá. Já se cruzaram com Daniel Dare, não cruzaram?

Como profissionais treinados na arte do fingimento, por esta altura já o director do Serviço Clandestino Nacional e o director-adjunto da Direcção de Ciência e Tecnologia tinham recuperado o sangue frio. Halderman permaneceu calado e Fuchs optou por contornar a pergunta.

– Explique mas é como chegou à conclusão de que esse tipo é o assassino do velho.

Durante um longo segundo, Tomás dissecou os rostos de Fuchs e de Halderman. Apesar das máscaras de dissimulação atrás das quais se escondiam, conseguiu ler-lhes a causa do embaraço. Por ora deixá-los-ia à vontade, decidiu. Por ora, mas não por muito tempo.

– Frank Bellamy descobriu a solução do maior enigma da ciência, embora lhe faltasse a prova final. – sublinhou. – O campo de Higgs. Trata-se de um campo invisível à percepção humana que, ao interagir com as partículas, lhes confere massa. Ou seja, é o campo de Higgs que dá consistência à matéria. Esta questão é importante, uma vez que muitos físicos defendem que é a consciência, através da observação, que cria parcialmente a realidade. Ora se o campo de Higgs cria a matéria, raciocinou Frank Bellamy, então é porque o campo de Higgs pode fazer parte do entrelaçamento quântico do universo.

– Isso quer dizer o quê?

Tomás passou a mão pelo cabelo, ciente de que as descobertas abriam portas a perspectivas inesperadas e de tal modo incríveis que seriam de difícil aceitação.

– Que o universo é consciente.

Fez-se um silêncio atônito no gabinete. Foram precisos alguns segundos para os americanos digerirem o que haviam escutado.

– Perdão?

– Ainda não perceberam que, em última análise, foi essa a verdadeira grande descoberta de Frank Bellamy? As sucessivas experiências quânticas, e em particular a experiência da dupla fenda, sugerem que a realidade é parcialmente criada pela observação. Se decidirmos observar um electrão de uma determinada maneira, que eu designo observação indirecta, ele é uma onda espalhada pelo espaço. Mas se conscientemente optarmos por observá-lo de outra maneira, que eu apelo observação directa, o electrão torna-se uma partícula localizada num único ponto do espaço. Ou seja, a realidade constrói-se de uma maneira ou de outra em função da nossa decisão sobre como a vamos observar. Essa decisão é tomada por nós, pela nossa consciência, o que significa que é a consciência que cria parcialmente a realidade.

– Isso é o que sugere a experiência da dupla fenda. – admitiu Peter, ainda atordoado com o que escutava. – Mas como se vai daí para essa ideia extraordinária de que o universo é consciente?

– Porque, como o seu pai concluiu, o universo está constantemente a observar-se a si próprio. Fá-lo através das flutuações do vácuo, mas também, na opinião do seu pai, através do campo de Higgs. É essa observação que o universo faz de si próprio que quebra a função de onda e cria a realidade como a conhecemos. Mas como, para que a função de onda se quebre, é necessário que em última instância a observação seja feita por uma entidade consciente, a implicação óbvia é que o universo é consciente.

– A observação que cria a realidade não tem de ser necessariamente consciente. – contrapôs o filho de Frank Bellamy. – Quando por exemplo um contador Geiger faz uma medição da matéria atómica, quebra a onda em que se acumulam todas as virtualidades em paralelo e cria as partículas. Não me vai dizer que o contador Geiger está consciente, pois não?

– Errado, Pete. Quando o contador Geiger faz uma medição, não quebra a onda e, conseqüentemente, cria a realidade. O que acontece é que estabelece um entrelaçamento quântico com a onda com a qual entrou em contacto, ficando ambos quanticamente entrelaçados. Ou seja, o Geiger não obriga a onda a tornar-se partícula. O Geiger entrelaça-se com essa onda e torna-se, também ele, onda. Como conjecturou o físico John von Neumann pouco depois da quinta Conferência Solvay, esse entrelaçamento só se quebra e a onda torna-se partícula se uma entidade consciente observar o contador Geiger. Embora tenha havido e ainda haja muitos cientistas que por razões filosóficas se recusaram e recusam a aceitar isto, como por exemplo Einstein, a verdade é que as experiências sugerem que sem consciência não há realidade.

– Hmm... estou a ver.

– O seu pai concluiu, pois, que o universo é consciente. Para ele a prova final está no campo de Higgs, o qual, ao conferir massa às partículas, assim as observa e desempenha o seu papel como se fosse uma espécie de consciência do universo. Foi para obter a prova final de que o campo de Higgs existe que o CERN construiu o grande acelerador de hádrons e iniciou as experiências para encontrar o *bosão de Higgs*. Constatando-se a existência da designada *partícula de Deus*, como esse bosão passou a ser conhecido, comprovou-se a existência do campo de Higgs, o que o seu pai considerou uma demonstração da solução que ele encontrou e que sugere que o universo é uma gigantesca função de onda em que todas as possibilidades se acumulam em paralelo, até que a observação feita pela consciência torna uma dessas possibilidades real e elimina as restantes.

O dedo indicador de Peter pousou sobre o misterioso que Tomás desenhara pouco antes na folha.

– Ou seja, o universo e a consciência são a mesma coisa. – estabeleceu. – Ambos são função de onda virtual, ambos são psi.

– É esse o sentido último da mensagem encontrada nas mãos do seu pai. – assentiu o historiador. Colou os dedos na testa. – E atenção, tal como o universo, o próprio cérebro é um computador quântico. A função de onda é a imaginação onde todas as

possibilidades coexistem em paralelo; o colapso da função de onda é a decisão em que uma única possibilidade se materializa. A consequência desta descoberta é estonteante. Por ser um computador quântico, a computação do cérebro gera consciência. Se assim é, a computação do universo também gera consciência. Logo, o universo é consciente.

– É incrível!

– Acontece que, quando Frank Bellamy fazia estas descobertas, surgiu de repente um problema sério. Um exame clínico em Boston diagnosticou um cancro do pâncreas a Daniel Dare.

Ao ouvir de novo este nome, Sam Dunn fez uma careta.

– Quem diabo é esse Daniel Dare?

Chegara a hora de não largar Harry Fuchs e Walt Halderman. Os olhos de Tomás desviaram-se provocadoramente para eles como holofotes a incidir sobre alguém que queria passar despercebido pela sombra.

– Talvez o seu chefe nos possa dar a resposta...

O director do Serviço Clandestino Nacional abanou a cabeça com veemência.

– Eu? De modo nenhum! Não sei quem é!

– Eu também não. – disse Halderman por seu turno. – Nunca me foi apresentado ninguém com esse nome.

O português esboçou um esgar céptico, como quem dizia que a ele não o ludibriavam com tanta facilidade.

– Ora, ora! Não nos digam que nunca se cruzaram com o nome de Daniel Dare...

Sabendo-se desmascarado, e percebendo que seria melhor assumir a situação, Fuchs mordeu o lábio inferior.

– Na verdade não sei quem é. – insistiu. – Mas reconheço que já me cruzei com esse nome.

– Pode-me dizer onde?

Antes de responder, o chefe dos operacionais da CIA trocou com Halderman um olhar de rendição e espreitou na direcção de Peter Bellamy, como se receasse a forma como ele iria reagir.

– No escritório da casa do velho.

– O senhor foi lá?

– Sim. Eu, o Walt e os meus homens.

O rosto de Peter incendiou-se.

– Ah, então sempre foram vocês que assaltaram o apartamento! – rugiu. – Foram mesmo vocês que andaram lá a revistá-lo logo que o meu pai morreu! Uns verdadeiros abutres!

– Tem de compreender que precisávamos a todo o custo de localizar o *Olho Quântico*. – defendeu-se Fuchs. – Tinha ocorrido o atentado em Trípoli, nós não sabíamos de nada, a Casa Branca estava furiosa, o presidente berrava que ia perder as eleições por causa de nós e ameaçava demitir toda a gente. Ficámos em pânico e revistámos o gabinete do seu pai de fio a pavio, mas o documento não se encontrava em parte nenhuma. É óbvio que pensámos que estaria guardado no apartamento dele e tivemos de verificar se assim era.

– Calma. – pediu Tomás na direcção de Peter. Voltou-se de novo para Fuchs e Halderman. – Portanto, vocês estiveram a revistar o escritório do apartamento de Frank Bellamy.

– Admito que sim. Foi lá que me deparei com o relatório sobre o cancro do pâncreas desse Daniel Dare. Mas juro que não faço a menor ideia de quem o fulano seja. Procurámos nos nossos dossiês aqui na Agência e não encontrámos ninguém com tal nome. Verificámos os registos da Segurança Social e cruzámo-nos com duas pessoas, mas uma era um sem-abrigo em Nova Iorque e a outra um agricultor do Louisiana. Nenhum deles sofria de cancro do pâncreas, de maneira que ficámos na mesma. É um mistério absoluto. Ninguém sabe quem é esse homem mencionado no relatório médico.

– Há quem o conheça. – disse o português. – Eu, por exemplo.

Os quatro americanos arregalaram os olhos.

– Sabe quem é Daniel Dare?

– Se vocês estiveram nesse escritório, com certeza viram os livros que Frank Bellamy tinha nas estantes. – observou Tomás, dirigindo-se de novo a Fuchs e Halderman. – Lembram-se disso?

– Claro. – admitiu o director-adjunto da Direcção de Ciência e Tecnologia. – Eram livros de física.

– Só física?

– Bem, também tinha ficção científica.

– Que tipo de ficção científica? Apenas romances?

Halderman contraiu o rosto enquanto fazia um esforço de memória.

– Havia igualmente bandas desenhadas. Lembro-me de ver exemplares antigos de Flash Gordon, Eagle, Weird Science...

– Alguma vez leu a Eagle?

– Em miúdo vivi em Inglaterra. A Eagle era uma revista inglesa, sabe, e tinha boas histórias.

– Qual o herói da Eagle de que gostava mais?

– Do Dan Dare, claro. E... e...

O homem da CIA calou-se.

– Pode repetir o nome?

– Dan Dare. – Manteve os olhos cravados em Tomás. – *Damn!* Daniel Dare! Que coincidência, hem?

– Acha que é coincidência?

– O que quer dizer com isso? – questionou Halderman. – Está a sugerir que o Dan Dare da banda desenhada tinha cancro do pâncreas e matou Frank Bellamy? Isso é absurdo!

– Lembra-se, porventura, do nome do melhor dos desenhadores da série Dan Dare?

O responsável da CIA estreitou os olhos, de novo a fazer um apelo à memória.

– Não era Frank Bellamy?

Tomás sorriu.

– Percebeu?

O americano trocou um olhar confuso com os outros elementos da agência de espionagem.

– Não exactamente.

– As conclusões a que cheguei são muito simples. – disse o português. – Na sua juventude, e uma vez que se interessava por ciência, o nosso Frank Bellamy era leitor de ficção científica. Entre as suas leituras incluía-se obviamente a revista Eagle, que devia

mandar vir de Inglaterra. Ao ler as aventuras do principal herói dessa revista, o astronauta Dan Dare, inevitavelmente reparou no nome do autor. Dan Dare foi na verdade criado por Frank Harcourt, mas o mais famoso desenhador da série foi um artista chamado Frank Bellamy. Tratava-se de uma mera coincidência, o melhor autor da série inglesa Dan Dare tinha exactamente o mesmo nome que o jovem leitor americano, mas a partir daí o nosso Frank Bellamy passou a usar o nome Dan Dare sempre que precisava de permanecer anónimo, como aconteceu quando fez o exame clínico em Boston.

– Daniel Dare era o nosso Frank Bellamy?

– Correcto.

– Mas... mas por que motivo precisou de permanecer anónimo para fazer exames médicos?

– Porque, como homem da CIA que era, sabia que informação é poder e por isso gostava de partilhar o menos informação possível sobre a sua vida pessoal. Não devia querer que ninguém soubesse que estava a morrer. Se alguém tivesse conhecimento de que ele tinha um cancro terminal do pâncreas, o que faria a Agência?

– Libertava-o das suas funções, claro. – observou Fuchs, quase vexado por uma informação daquela importância lhe ter escapado. – O cargo é demasiado importante para ser ocupado por um homem em estado terminal.

– Penso que era precisamente o que ele queria evitar. Frank Bellamy sempre foi um duro da velha guarda e entendia que devia permanecer no posto até à morte. Deve ter ocultado o seu estado de saúde e decidiu despedir-se da vida nos seus próprios termos. Sabendo que o CERN se preparava para levar a cabo novas experiências para estudar o bóson de Higgs, Frank Bellamy decidiu ir a Genebra assistir ao evento. A descoberta da partícula e do campo de Higgs provara na sua perspectiva que a sua teoria sobre o universo consciente era verdadeira. Na opinião de Bellamy, a teoria de unificação do universo quântico com o universo macroscópico, que ele concebera de forma a ligar a função de onda da equação de Schrödinger à consciência e ao universo, estava demonstrada. Isso era para Bellamy um grande motivo de orgulho.

Usando as suas credenciais de responsável pela Direcção de Ciência e Tecnologia da CIA, deslocou-se a Genebra e foi talvez durante as novas experiências no grande acelerador de hádrons que teve a ideia de abandonar a vida nos seus próprios termos. Não podia morrer, porém, sem confiar a alguém a sua teoria. O problema é que os cientistas que conhecia e os seus homens de confiança estavam nos Estados Unidos.

– Podia ter comunicado com eles. – observou Fuchs. – Há telefones, e-mails...

– Sim, mas se lhes fosse explicar tudo arriscava-se a que eles avisassem a embaixada americana na Suíça e fizessem abortar o seu plano.

– Lá isso é verdade.

– Uma coisa dessas ele não podia permitir. Acontece que, por coincidência, eu estava em Genebra em missão pela Fundação Gulbenkian para adquirir um manuscrito antigo e, também por coincidência, alojei-me no mesmo hotel onde ele se encontrava. Foi então que Frank Bellamy me viu, provavelmente no hotel, e me reconheceu de operações que me forçou a levar a cabo há alguns anos. Conhecia bem as minhas capacidades, até me chamava *fucking* génio, e...

– Não era só a si. – observou Peter Bellamy com um sorriso nostálgico. – O meu pai chamava *fucking* génio a qualquer pessoa por quem tivesse consideração intelectual.

– Pois, está bem. – aceitou o historiador. – Para todos os efeitos, deve ter pensado que eu era a pessoa ideal para concretizar o plano que começou a gizar. Descobriu o meu quarto e inseriu por baixo da porta uma mensagem a apresentar-se como antiquário e a dizer que o fosse procurar no CERN na manhã seguinte porque tinha um artefacto histórico de suprema importância para me apresentar. Estúpido como sou, caí que nem um patinho.

– Mas por que razão o atraiu ao CERN?

– Para me comprometer, claro. Queria evidentemente estabelecer a minha presença no CERN na altura da sua morte.

– É isso que não percebo. – insistiu Fuchs. – Por que razão queria ele comprometê-lo? E como sabia que ia ser assassinado?

– Como homem da CIA que era, Frank Bellamy tinha uma mente tortuosa, como bem sabem, e gostava de jogos. Conhecia-me bem, uma vez que trabalhámos juntos no passado, pelo que confiava na minha capacidade de improvisação para escapar aos meus perseguidores. Sabia que, para escapar à acusação de homicídio, eu teria de chegar a este cofre. O resto foi simples. Meteu o grande pentáculo no correio em meu nome, de forma a fazer-me chegar todas as pistas de que eu iria precisar, e, no dia seguinte, esperou que eu entrasse no CERN. Nessa altura preparou a sua mensagem final, aquela com o psi desenhado em letra grande e por baixo a apontar o meu nome como A Chave. Desse modo garantiu que me comprometia seriamente. A seguir dirigiu-se ao detector Atlas para desencadear o acto final.

Neste ponto, Peter Bellamy teve dificuldade em conter as lágrimas. Sentiu as pálpebras molharem-se e, com o queixo a tremer, teve de fazer um esforço para manter a compostura.

– Coitado do meu pai. – disse, fungando. – Não aceitou que o cancro o matasse.

– Foi senhor de si próprio, até do seu destino. Escolheu para local da morte o acelerador que recriou o Big Bang e um dos detectores onde foi descoberto o bóson de Higgs. Arranjou maneira de entrar no detector Atlas, rompeu os tubos de refrigeração onde circulava o hélio líquido e... o resto já vocês sabem. Teve morte quase instantânea.

Fez-se um silêncio pesado no gabinete.

– *Fuck!* – murmurou Harry Fuchs. – O velho suicidou-se.

O mistério da morte de Frank Bellamy estava desvendado. Mas a situação de Maria Flor permanecia por resolver. Angustiado, Tomás voltou a erguer os olhos para o relógio de parede.

Treze minutos.

– Oçam, cumpra a minha parte. – disse. – Agora cumpram a vossa. Por favor, liguem ao vosso homem e digam-lhe que me devolva a minha amiga.

Sam Dunn voltou-se para Harry Fuchs, como se lhe dissesse que pusesse fim à brincadeira.

– Está bem, está bem. – resmungou o director do Serviço Clandestino Nacional, tirando o telemóvel do bolso. – Eu faço a chamada.

Localizou o número da memória do telemóvel e carregou no botão de chamada. A ligação foi estabelecida e, após um instante, fez uma expressão de contrariedade.

– O que se passa? – questionou Tomás, afogado em ansiedade. – Faça a porcaria dessa chamada!

– O tipo tem o telefone desligado. – justificou Fuchs. – Ou está sem rede ou não tem energia. Os cortes orçamentais na Agência obrigaram-nos a distribuir uns telemóveis baratuchos e...

Com um gesto impetuoso, Tomás arrancou-lhe o telemóvel da mão e carregou de novo no botão de chamada. Ouviu um toque e uma voz feminina apareceu em linha.

– O número que ligou não está disponível. Por favor, deixe mensagem após o sinal.

– Porra! – gritou fora de si, cravando os olhos desesperados nos três americanos. – E agora? O que fazemos?

Os homens da CIA pareciam desorientados, em particular Peter Bellamy e Sam Dunn, ambos conscientes da gravidade do problema. Já Halderman dava a impressão de se alhear da questão, enquanto Fuchs parecia mais controlado. O chefe dos operacionais abriu os braços, num gesto de impotência, e encarou o académico português com um ar resignado.

– Receio que a sua amiga esteja perdida.

LXXXII

Nenhuma palavra era capaz de exprimir o que Maria Flor sentiu no momento em que, alguns minutos antes, o major Fuentes encostara o cano da sua *Sig Pro* semiautomática à têmpora direita dela e puxara o gatilho. Os efeitos do que sucedeu nesse instante terrível, contudo, ainda se faziam notar. Amordaçada e amarrada à mesa sacrificial plantada no centro do salão, o destino selado por homens que não conhecia e por motivos que não entendia, a prisioneira tremia descontroladamente, as mãos e o queixo a tiritarem como se tivessem ganho vida própria.

– Então, minha linda? – sorriu o operacional da CIA com uma expressão sádica na face. – Que cagaço, hem?

– Hmmm...

A portuguesa esforçava-se por não lhe devolver o olhar, não lhe queria dar essa importância, mas não havia modo de o evitar. O pavor tornara-se demasiado grande e a sua única preocupação era assegurar-se de que a arma não lhe voltaria a ser colada à cabeça, como se impedi-lo estivesse dentro dos seus poderes. A verdade, a terrível verdade, era que nada poderia fazer para travar o psicopata em cujas mãos caíra e das quais intuía que não escaparia com vida.

O major Fuentes abeirou-se de novo dela e limpou-lhe a transpiração que lhe molhava a fronte. – Pronto, tem calma. –

sussurrou, evidentemente a tentar enervá-la ainda mais. – Foi apenas um teste, uma espécie de aperitivo para o que se vai passar às três da manhã em ponto. – Tirou a carga das munições e mostrou-a. – Estás a ver? As balas não estavam aqui. – Mostrou-lhe de novo a pistola. – Quando carreguei no gatilho, a arma não tinha munições. Portanto não correste perigo nenhum, fica descansada. Foi um simples teste.

Acto contínuo, pegou na carga de munições e, assegurando-se de que ela estava a ver, inseriu as balas uma a uma e com um clique encaixou a carga na pistola, mostrando-lhe assim que da próxima vez que carregasse no gatilho seria para valer. Depois voltou para a sua pasta de trabalho e retirou um tecido negro dobrado que de imediato desdobrou, revelando assim um lençol, e foi estendê-lo no piso de pedra polida ao lado da mesa de mármore onde ela se encontrava estendida.

– Ninguém pode dizer que não sou uma pessoa asseada. – afirmou. – O lençol vai recolher os teus miolos e sangue, de modo que a sala não se suje, e depois servirá para te enrolar. O teu destino, minha linda, são os peixinhos do Potomac. – Soltou uma gargalhada e consultou o relógio. Os ponteiros indicavam duas e quarenta e nove da manhã.

Faltavam onze minutos.

LXXXIII

Tinham feito mais uma tentativa para ligar ao sequestrador, mas o telemóvel permanecia desligado.

Onze minutos.

Os ponteiros do relógio de parede não paravam o seu movimento, pareciam lançados numa corrida louca para as três da manhã, e Tomás sentia a esperança desvanecer-se. Harry Fuchs não dispunha pelos vistos de outro modo de contactar o homem e os seus colegas da CIA pareciam sem soluções.

– Só existe o número de telefone. – constatou Peter, impotente. – Nem sequer sabemos para onde ele a levou.

Com súbita determinação, e disposto a não se dar por vencido sem ir à luta, Tomás sentou-se à secretária e ligou o computador.

– Não é verdade. – corrigiu. – O tipo disse-me que estivesse no tribunal da *Casa do Templo de Salomão* às três da manhã. Lembro-me que ele mencionou o número treze acima da base do pentagrama e o *túmulo de Mausolo*.

– Mas o que diabo quer isso dizer? O *Templo de Salomão*, que eu saiba, é em Jerusalém, e em boa verdade já nem existe. O tipo levou a sua amiga para Israel? Uma coisa dessas não faz o menor sentido. E o que quer dizer essa treta do treze acima da base do

pentagrama? Que treze? Que pentagrama? E o que vem a ser a conversa do túmulo desse Mussulo? Quem é o tipo?

O ecrã do computador iluminou-se e o historiador entrou de imediato num motor de busca e pediu um mapa de Washington, DC.

– O túmulo de Mausolo é uma das sete maravilhas do mundo antigo. Fica em Halicarnasso, na Turquia.

– Na Turquia?! Jeez!, que trapalhada!

A planta da capital americana encheu o monitor.

– Pete, vocês têm aqui algum helicóptero em Langley?

O filho de Frank Bellamy desviou o olhar para Sam Dunn, como se encarregasse o homem do Serviço Clandestino Nacional de dar a resposta. No fim de contas a área operacional era da sua responsabilidade.

– Claro. – respondeu Dunn. – Porquê?

– Tenha-o pronto a descolar. Saímos daqui a uns minutos.

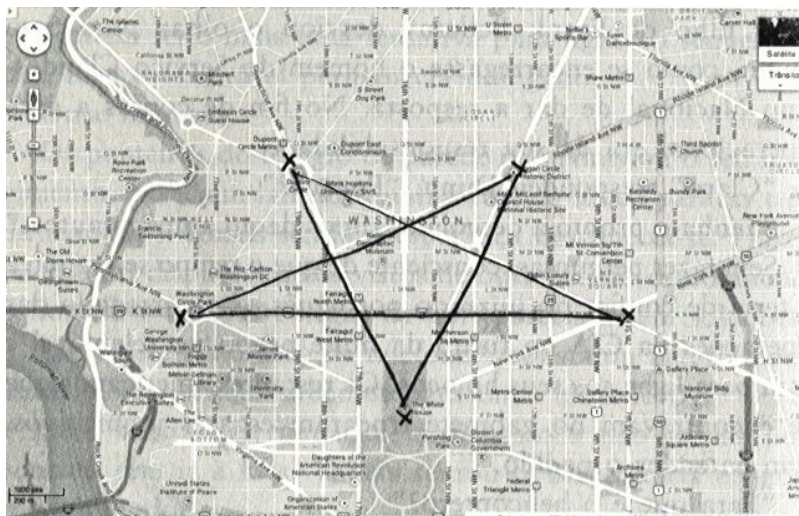
Sem fazer perguntas, consciente de que o tempo se esgotava e teria de confiar no juízo do português, o encarregado das operações da CIA no turno da noite pegou no telemóvel e saiu para ligar aos seus homens. Os restantes americanos que se encontravam no gabinete trocaram esgares inquisitivos, sem entender o pedido.

– Para que é o helicóptero?

Com um clique do rato, Tomás fez uma ampliação do centro administrativo de Washington.

– Estão a ver aqui a Casa Branca? – perguntou, pegando numa caneta de feltro e apontando para o local no mapa onde se situava a residência oficial do presidente dos Estados Unidos. – Se desenharmos uma linha sobre a Connecticut Avenue, teremos uma ligação entre a Casa Branca e Dupont Circle, onde Frank Bellamy vivia. Depois traçamos uma linha sobre Massachusetts Avenue, ligando Dupont Circle, Scott Circle e Vernon Square, outra sobre K Street entre Vernon Square e Washington Circle, outra ainda sobre Rhode Island Avenue entre Washington Circle e Logan Circle, e por fim uma última sobre Vermont Avenue entre Logan Square e a Casa Branca. Cobrindo desta forma todas essas ruas, chegamos a este resultado. Ora vejam.

Os homens da CIA debruçaram-se sobre o ecrã e contemplaram a geometria que a caneta de feltro traçara no monitor sobre a planta da capital americana.



- Uma estrela de cinco pontas.
- Sim, mas não é uma estrela qualquer. Como podem constatar, trata-se de um pentagrama com duas pontas para cima e uma para baixo, com a base assente exactamente sobre a Casa Branca. É um pentagrama invertido, também conhecido por *cabeça de bode de Baphomet*. O símbolo de Satã.
- O quê?
- O centro governamental de Washington foi desenhado no século XVIII por Pierre Charles Enfant como um centro do poder. Que haveria de melhor que o símbolo do Diabo para corporizar o poder?
- Está a insinuar que o poder da América é... é demoníaco?
- Não, de modo nenhum. Mas é um facto que o poder corrompe, seja em que país for, e é por isso que o pentagrama invertido é o símbolo que melhor se adequa a quem quiser alcançar o poder. – Indicou a ponta da estrela virada para baixo. – De qualquer modo, note que esta *cabeça de bode de Baphomet* tem como base a Casa Branca. Isso não é um acaso.
- O que quer dizer com isso? Acha que a sua amiga foi levada para a Casa Branca?

– Claro que não. Como vos expliquei, o sequestrador disse-me que a resgatasse no tribunal da *Casa do Templo de Salomão*, treze acima da base do pentagrama, em pleno *túmulo de Mausolo*. A Casa Branca não representa por isso o Templo, mas parece-me evidente que é usando-a como base que lá chegaremos. – Pegou de novo na caneta de feltro. – Assim, se desenharmos uma linha sobre a 16th Street, que liga verticalmente a Casa Branca ao longo de treze quarteirões, passaremos por Scott Circle e chegaremos... aqui. – Assinalou o ponto no mapa. – O cruzamento do quarteirão da R Street e da S Street com a 16th Street. – Ergueu os olhos ansiosos para os americanos que o rodeavam. – Por favor, digam-me se existe neste sítio algum edifício peculiar.

Fuchs e Halderman abanaram a cabeça, ou não sabiam ou não queriam cooperar, mas os olhos de Peter esquadrinharam o cruzamento enquanto a memória reconstituía os edifícios do quarteirão.

– O Conselho Supremo! – exclamou de repente, a imagem do edifício ali existente a ganhar forma. – É aí que está o Conselho Supremo!

– O que é isso?

Nesse instante reapareceu Sam Dunn no gabinete, uma expressão de urgência estampada no rosto, fazendo-lhes sinal de que viessem.

– Depressa! Depressa! – gritou. – O helicóptero está pronto para descolar. Qual é o destino?

Ignorando a passividade de Fuchs e de Halderman, Tomás e Peter largaram a correr. O português deitou uma última vez o olhar sobre o relógio de parede, cujos ponteiros assinalavam duas e cinquenta e três.

Sete minutos.

Corriam já pelos corredores de Langley em direcção à pista onde o helicóptero os aguardava com as hélices a girarem, quando o filho de Frank Bellamy enunciou enfim o destino da viagem.

– A sede da maçonaria americana.

LXXXIV

Eram raras as vezes que o major Fuentes tinha possibilidade de preparar uma execução respeitando alguns dos ritos sacrificiais dos seus antepassados, mas esta oportunidade revelava-se especial. Ao contrário do que normalmente sucedia numa operação típica no Afeganistão ou no Iraque, em que tinha de se infiltrar nas

linhas inimigas, localizar o alvo, abatê-lo depressa e sair rapidamente do teatro de operações, desta feita dispunha de tempo suficiente para lidar com os pormenores cerimoniais.

Gostaria de usar a adaga, claro, mas sabia que os seus superiores não aprovariam que o fizesse em tais circunstâncias e num lugar daqueles. No fim de contas encontrava-se na sede do *Trigésimo Terceiro Grau do Ritual Escocês da Maçonaria*, o centro da poderosa maçonaria americana, treze quarteirões em linha recta a norte da Casa Branca. Isso significava que teria de ter cuidado. A opção num caso daqueles era sempre por uma morte limpa, o que implicava que seria forçado a usar a pistola, mas isso não queria dizer que tivesse de prescindir de alguns dos rituais executados em situações semelhantes pelos seus ilustres antepassados pré-colombianos.

Abeirou-se da vítima, levantou a cabeça para o tecto e abriu os braços em sinal de dádiva, a adaga na mão e as pálpebras cerradas em adoração, e entoou o velho poema sacrificial dos Astecas.

– *Onde está o coração?* – murmurou em nahuatl, a língua dos Astecas, o rosto transfigurado na paixão do transe, o corpo a abraçar o céu e a sombra a abater-se como uma cruz sobre Maria Flor. – *Oferece o teu coração, transportando-o não o transportas, destróis o coração na Terra.*

Amarrada à mesa, a portuguesa não entendia as estranhas palavras que o seu captor entoava numa ladainha repetitiva, mas compreendia que o homem iniciara algum tipo de ritual. Além disso, a adaga que ele segurava na mão constituía indício seguro de que a cerimónia agora em curso iria acabar mal, pelo que nem por um momento a largou de vista. Não que isso lhe adiantasse grande coisa, como amargamente sabia, mas ao menos estaria consciente de tudo até ao momento final.

Terminado o ritual, o major Fuentes regressou à sua pasta de trabalho e guardou a adaga. Com o coração aos pulos, sentindo que a sua hora se aproximava inexoravelmente, Maria Flor seguiu-o com os olhos aterrorizados. Viu-o pegar na sua sinistra *Sig Pro* semiautomática e, por uma última vez, inspeccioná-la. Desejou que o tempo parasse, que aquele instante se tornasse uma eternidade,

mas o tempo não lhe fez a vontade. O assassino da CIA aproximou-se dela e consultou o relógio.

Duas e cinquenta e nove.

– Falta um minuto.

LXXXV

Bem lá de cima, a cidade de Washington escondia-se sob a capa da noite como uma mancha escura entrecortada por um

emaranhado de traços e pontos de luz que se perdiam no horizonte. Através das grandes janelas do Sikorsky, Tomás percebeu que os poucos edifícios claramente visíveis eram os grandes centros de poder do estado americano, como o Capitólio e a Casa Branca, ou monumentos como o Lincoln Memorial e o obelisco, todos eles com as paredes exteriores iluminadas por poderosos holofotes.

Toda essa parte da cidade, porém, ficara já para trás e o helicóptero mergulhara entretanto no norte do tecido urbano. Mesmo em frente, como um alvo que crescia na janela dianteira do cockpit, situava-se a única edificação iluminada naquele sector da capital americana; era uma estranha construção em forma de cubo, maciça e alta, as quatro fachadas entrecortadas por renques de colunas gregas.

– Alí. – apontou Peter. – É lá dentro que tem assento o Conselho Supremo, o órgão que encabeça a maçonaria americana.

O piloto empurrou o manípulo e o aparelho começou a descer, sempre apontado ao edifício monumental.

– Daí a referência do sequestrador à *Casa do Templo de Salomão*. – explicou Tomás com recurso aos seus conhecimentos de historiador. Esforçava-se por combater a ansiedade. O helicóptero avançava depressa mas não tão depressa quanto ele gostaria, e o assunto era uma maneira de distrair a mente. – Os maçons gostam das referências ao rei Salomão e é natural que dêem aos seus edifícios nomes ligados a ele. – Virou-se para Peter. – O seu pai era maçom?

– O meu pai? Enfim... uh, quer dizer...

– Claro que era. – devolveu o historiador, lendo a resposta na hesitação e no olhar do filho de Frank Bellamy. – Aliás, a escolha de Dupont Circle para viver não foi com certeza um acaso.

Evitando a questão, Peter manteve o olhar colado ao edifício do qual se aproximavam.

– A *Casa do Templo*, hem? Só não entendo aquela referência ao túmulo de... como era o nome?

– Mausolo. – Apontou para o edifício. – A sede da maçonaria americana foi construída no início do século XX a partir das descrições da arquitectura do túmulo de Mausolo, uma das sete

maravilhas do mundo antigo. O túmulo era tão magnificente que Mausolo deu origem à palavra mausoléu. – Rangeu os dentes, pensando em Maria Flor. – Foi decerto por isso que o homem de mão de Fuchs escolheu este local para... enfim, para a trazer.

O piloto do helicóptero virou o aparelho de forma a executar a manobra de aproximação ao edifício.

– Trinta segundos. – anunciou, deitando uma olhadela para trás. – Não vou poder aterrar. Abram a portinhola e deem a corda lá para baixo. Vou descer o mais possível, provavelmente até dez metros de altura. Saltem ao meu sinal, okay? Boa sorte!

O único que tinha verdadeira experiência operacional era Sam Dunn, cujo último posto antes de ascender a chefe de turno em Langley fora de responsável pela secção da CIA em Mogadíscio. O homem do Serviço Clandestino Nacional abriu a portinhola do Sikorsky, deixando o ar frio invadir o interior do aparelho, e, depois de se certificar de que a corda estava bem presa, atirou-a lá para fora. A seguir voltou-se para os seus companheiros, que o fitavam com apreensão, e distribuiu-lhes luvas.

– Eu sei que vocês nunca fizeram isto e devem estar aterrados com o que vos espera, mas é a única forma de chegarmos depressa lá a baixo. – explicou. – Ponham as luvas para se protegerem da fricção. A corda, como vêem, é grossa e irregular, o que proporciona pontos onde nos podemos segurar durante a descida. Agarrem-se a ela com as mãos e as pernas e escorreguem até lá abaixo. Se forem com demasiada velocidade, apertem-na para descerem mais devagar, perceberam?

– Não é perigoso?

– Claro que é. Mas não há alternativas, pois não? – Espreitou lá para baixo. – Eu vou à frente, para verem como se faz. Cinco metros depois, começam vocês a descer. Alguma dúvida?

As dúvidas eram muitas, mas ninguém se atreveu a expressá-las. Da mesma maneira que não parecia possível aprender a andar de bicicleta com base em simples lições teóricas dadas em alguns segundos, Tomás e Peter não acreditavam que fosse possível descer pelas cordas sem terem tido primeiro treino para isso, mas

ambos eram orgulhosos e permaneceram calados. Além do mais, Dunn tinha razão; não havia alternativas.

Agora que a portinhola se encontrava aberta, o barulho do motor tornara-se ensurdecedor e o vento, forte e cortante de tão frio, fazia o que queria com o cabelo dos três homens. O aparelho desceu ainda mais, viram a poeira na estrada lá em baixo espalhar-se em círculo e nesse instante escutaram a voz do piloto gritada do cockpit.

– Go!

Acto contínuo, Sam Dunn enroscou-se na corda e começou a deslizar, desaparecendo de vista. Tomás e Peter trocaram um olhar apreensivo, como se perguntassem um ao outro quem iria a seguir, e foi o historiador que avançou. Olhou lá para baixo e percebeu que, agora que chegara a sua vez, o solo parecia incrivelmente distante e tudo lhe dava a impressão de ser ainda mais difícil do que pensara, mas não havia tempo para indecisões.

Agarrou a corda, envolveu as pernas nela e, com a coragem dos resignados, lançou-se no vazio. Sentiu-se cair e quase entrou em pânico, mas lembrou-se do conselho de Dunn e agarrou-se com força à corda, retardando a queda. Ainda bem que trazia as luvas, pensou, caso contrário já teria as palmas das mãos esfaceladas. A descida prolongou-se por alguns segundos e tudo pareceu girar confusamente em seu redor. As luzes da rua rodavam descontroladamente, mas de repente sentiu os pés embaterem numa superfície dura e a descida foi travada.

Chegara ao chão.

– Saia daí! – ordenou Dunn, puxando-o para longe da corda. – Abra espaço para o Pete.

Tomás cambaleou para longe da corda, mas apercebeu-se ainda de um vulto a rebolar pelo chão atrás dele; era Peter Bellamy que também descera e chegara ao solo. Olhou em redor e compreendeu que estavam num cruzamento. Ao lado, como um colosso silencioso, erguia-se a estrutura clássica da *Casa do Templo de Salomão*.

Olhou de relance para trás e viu que o helicóptero se afastava já, o som da rotação das hélices a diminuir progressivamente, e os

companheiros pareciam a postos.

– Vamos!

Correram pela estrada e fizeram-se à escadaria do edifício, ladeada por esfinges ao estilo egípcio. Quando chegaram à porta principal, decorada por um batente de bronze com a cabeça de um leão, verificaram que estava trancada.

Contornaram o edifício em passo rápido e encontraram uma porta encostada com a fechadura arrombada; era evidente que fora por ali que o sequestrador penetrara na sede da maçonaria americana. Tomás ia empurrar a porta, mas foi travado por Dunn.

– Espere! – disse o homem da direcção de operações da CIA.
– O tipo pode ter armado a entrada.

A tactear às cegas o espaço para além da abertura da porta, Dunn estudou o que se encontrava fora do seu campo de visão e arregalou os olhos quando a mão detectou uma coisa. Sem dizer uma palavra, tirou um alicate de uma malinha e meteu-o pela abertura.

Ouviu-se um claque.

– Já está?

O americano respirou fundo, aliviado.

– O *motherfucker* plantou mesmo uma armadilha. Se tivéssemos empurrado a porta sem cortar o fio, explodia uma mina. Mas já cortei o fio e agora o caminho está desimpedido.

Abriram a porta lateral e entraram na *Casa do Templo de Salomão*. Devia ser uma entrada de serviço, uma vez que a porta dava para um corredor estreito. Dunn retirou a sua *Heckler & Koch* do casaco e avançou à frente, com Tomás e Peter colados no seu encalço. O corredor conduziu-os a umas escadas que escalaram até desembocarem num átrio com as paredes iluminadas pelo clarão amarelado de candeeiros de alabastro sustentados por esguias colunas de bronze esculpidas com figuras egípcias. Havia uma grande escadaria central, com degraus que conduziam aos pisos superiores e outros que levavam de volta ao rés-do-chão.

– O que fazemos agora? – sussurrou Dunn para trás. – Avançamos para a câmara do templo?

Com um dedo à frente dos lábios, o português deu ordem de silêncio. Ficaram à escuta, à espera de um som que lhes desse uma pista, uma direcção, um destino.

– Hmm... Hmm!

O som abafado era ténue e pareceu-lhes distante, mas ofereceu-lhes a pista que procuravam.

– Lá em baixo.

Com um gesto, Dunn fez aos companheiros sinal para os pés e tirou os sapatos, cuja sola dura ressoava pelo mármore e poderia denunciar a presença deles.

Compreendendo a ideia, os dois companheiros imitaram-no e todos ficaram de meias. Deslizaram silenciosamente pelo átrio superior e, com mil cuidados, começaram a descer a escadaria central em direcção ao rés-do-chão. Desciam um degrau, paravam para ouvir e desciam o seguinte. Passaram assim por uma estátua de Albert Pike, o fundador da maçonaria americana, e ao virarem para o último lanço depararam-se com o grande átrio central.

Aperceberam-se nesse instante de algo de estranho naquele espaço. Observaram melhor o centro do átrio e viram uma mesa de mármore plantada no meio. Uma toalha negra estava estendida ao lado da mesa e havia um vulto sobre o tampo. Pelos contornos sinuosos do corpo, pareceu-lhes uma mulher.

Era Maria Flor.

LXXXVI

Um choque para Tomás.

Ver o corpo de Maria Flor atado à mesa como um animal sacrificial era mais do que podia suportar. O vulto estava deitado com o topo da cabeça voltado para a escadaria onde se escondiam os intrusos. Tinha os pés estendidos na direcção contrária, a da porta de entrada, e permanecia quieto. A sua imobilidade levantava dúvidas angustiantes sobre o real estado da amiga. Estaria morta? A incerteza afligiu-o loucamente, ao ponto de quase vomitar. Quis gritar e chamá-la, tentar despertá-la daquela quietude terrível, mas conteve o impulso. Não estavam ainda suficientemente seguros para revelarem a sua presença.

A portuguesa mexeu uma perna.

– Está viva! – murmurou Tomás, excitado por ver o movimento.
– Viram? Está viva!

– Chiu! – ordenou Dunn, esquadrinhando o átrio central com olhos de caçador. – Se ela está ali, o tipo anda perto.

Amarrada sobre a mesa, a portuguesa deve ter escutado os sussurros a ecoarem pelas paredes de mármore do átrio central porque voltou a cabeça na direcção deles e viu-os no topo da escadaria.

– Hmm! HmMMM!

A primeira reacção do historiador aos movimentos e aos sons foi de alívio e satisfação. Maria Flor estava viva e ainda poderia ser salva. Que mais poderia desejar? Todavia, a expressão de aflição que lhe surpreendeu no olhar de imediato alterou o seu estado de espírito, deixando-o inquieto e desconfiado.

– Acho que nos quer dizer alguma coisa...

– Claro que quer. – sorriu Peter, atrás dele. – Quer que a libertemos, claro.

Com um gesto peremptório, Sam Dunn fez-lhes sinal de que se calassem. Depois de sondar a sala várias vezes com o olhar, recomeçou a descer os degraus, as duas mãos agarradas à pistola que mantinha apontada para a frente, tensa e pronta a disparar. Os companheiros foram atrás, Tomás ansioso por ir ter com a amiga, Peter aparentemente mais despreocupado.

– Hmm! Hmm!

Atada à mesa, Maria Flor insistia em emitir sons com a garganta. Os recém-chegados optaram por ignorá-la; precisavam de manter a concentração e procurar a ameaça que pressentiam a pairar no átrio. Desceram os degraus um a um e alcançaram a base da escadaria, ladeada por duas estátuas escuras de figuras egípcias acoradas com hieróglifos esculpidos no lugar das pernas. O homem da direcção de operações girou a *Heckler & Koch* em todas as direcções à procura de um alvo, mas não encontrou nada.

Vendo tudo deserto, e seguro de que uma ameaça invisível se escondia algures naquele espaço, Dunn percebeu que precisava de improvisar um plano.

– Vejam se fazem barulho. – soprou para trás dele e apontou para uma fila de colunas dóricas reluzentes. – Vou plantar-me numa daquelas colunas e, se o tipo reagir à vossa manobra de diversão, apanho-o.

Tomás assentiu e o americano deslizou pelos cantos do átrio, plantando-se atrás de uma coluna. Quando se sentiu preparado, fez um sinal para os companheiros que haviam ficado na escadaria.

– Estás a ouvir-me? – chamou o historiador em português, dirigindo-se à prisioneira. – Diz-me se o teu captor se encontra aqui no átrio.

Ela balançou freneticamente a cabeça em sinal afirmativo. A resposta deixou-o preocupado. Virou os olhos nas mais variadas direcções, mas não se apercebeu de nada de suspeito. Estivesse o homem onde estivesse, não se encontrava visível.

– O tipo sabe que estamos aqui?

Maria Flor voltou a mover afirmativamente a cabeça.

– Onde está ele?

– Hmm! Hmmm!

A pergunta era estúpida, percebeu, porque ela se encontrava amordaçada e não tinha modo de lhe responder.

– Atenção, Sam! – disse em inglês, para avisar Dunn. – Ela diz que o homem que a raptou está aqui no átrio.

O silêncio impôs-se no espaço. Tinha-se a impressão de que todos haviam suspendido a respiração e aguardavam que alguém desse um passo em falso. Sem arma ao seu dispor, Tomás sentiu-se nu. Olhou para Peter e percebeu que também ele viera desarmado. Que idiotice! Aquilo significava que dependiam da pistola do homem do Serviço Clandestino Nacional que se emboscara nas colunas do lado direito. Se ele caísse, ficariam à mercê do assassino.

– Oiça-me com atenção. – rugiu Dunn, evidentemente a dirigir-se ao operacional que raptara Maria Flor. – Viemos agora de Langley e trago ordens de Harry Fuchs. A operação que estava em vigor foi cancelada. Percebeu? A operação foi cancelada. Fuchs tentou ligar para o seu telemóvel para dar a ordem de desactivação, mas o aparelho estava desligado. Se o ligar agora, verá que tem

várias chamadas perdidas enviadas do número de telefone de Harry Fuchs. Vou dar-lhe dois minutos para fazer a sua verificação e depois abandonamos o nosso esconderijo e vamos libertar a mulher. De acordo?

Aguardaram uns segundos, mas não houve resposta. Em boa verdade não poderia haver, porque, se respondesse, o homem emboscado denunciaria a sua posição. Dunn acreditava, no entanto, que a informação que acabara de dar era suficientemente fundamentada para que o adversário percebesse que lhe dissera a verdade. No fim de contas bastava-lhe verificar que de facto o telemóvel não se encontrava disponível para receber chamadas.

– Muito bem. – voltou Dunn a dizer em voz alta, – os dois minutos começam agora a contar.

O silêncio absoluto regressou ao átrio central. Tomás sentia-se impaciente, queria ir ter com Maria Flor e libertá-la da mesa mas sabia que teria de aguardar o momento adequado. Observando a amiga com atenção, apercebeu-se de que ela voltava com insistência a cabeça para o seu lado esquerdo, o lado da sala contrário ao sítio onde Dunn se emboscara. O átrio central era simétrico e o lado que a portuguesa indicava com os seus movimentos de cabeça persistentes tinha também uma fileira de colunas dóricas. Os movimentos dela só podiam significar uma coisa.

– O gajo está ali. – sussurrou o historiador para si próprio, interpretando os sinais. – Atrás das colunas...

Examinou as estruturas com atenção. As colunas eram de granito verde Windsor, cuidadosamente polidas; sustentavam uma trave mestra e cada uma delas tinha em frente, voltada para o centro do átrio, uma cadeira de madeira com asas egípcias esculpidas no encosto. Além do óbvio, contudo, nada de anormal avistou por ali. Não havia sinais da presença de ninguém. No entanto, Maria Flor continuava a virar sucessivamente a cabeça para o seu lado esquerdo, como se pretendesse indicar as colunas, e Tomás sentiu-se na obrigação de chamar a atenção de Sam Dunn. Alertou-o com um – psst! e indicou as colunas com os dedos. O

homem da direcção de operações assentiu, fazendo assim sinal de que compreendera, e voltou a atenção para aquele lado.

O ponteiro dos segundos nos diversos relógios completou a sua segunda volta inteira, assinalando o fim do prazo.

– Esgotaram-se os dois minutos. – anunciou Dunn em voz alta.
– Espero que tenha visto que o seu telemóvel está de facto desligado. Se o ligou, com certeza viu os sinais de chamada de Harry Fuchs. Repito que a operação foi cancelada por ordem do director do Serviço Clandestino Nacional. Entendeu? – Fez uma pausa a aguardar resposta, mas nada aconteceu. – Agora vamos libertar a prisioneira.

Esta ideia era mais fácil de anunciar do que de executar. O silêncio do operacional de Fuchs afigurava-se inquietante. Talvez não fosse boa ideia alguém expor-se enquanto o adversário não confirmasse que acatava a ordem de pôr termo à operação. Tomás e Dunn trocaram um olhar de indecisão, na dúvida sobre o que deveriam fazer dadas as circunstâncias. O português percebia que o seu aliado não podia de modo algum ser abatido, uma vez que era o único que viera armado. A responsabilidade recaía sobre ele próprio.

Esboçou um gesto na direcção de Dunn, indicando-lhe que se deixasse ficar emboscado, e fez sinal de que ia avançar. O homem da Direcção de Operações hesitou, na dúvida sobre se isso seria uma boa ideia, mas acabou por acenar afirmativamente e preparou-se para abrir fogo.

– Vou libertar a prisioneira. – anunciou Tomás em voz alta. – Estou desarmado e não constituo uma ameaça. Não atire.

O coração ribombava-lhe no peito. A mente dizia-lhe que era uma loucura o que estava a fazer, as pernas fraquejavam de medo, como se fossem feitas de geleia, mas mesmo assim o historiador abandonou a escadaria e expôs-se no átrio central, as mãos no ar para mostrar que de facto não trazia nenhuma arma.

– Hmm! Hmmm!

Maria Flor multiplicava-se em urros mudos, os olhos arregalados de horror e a cabeça a voltar sucessivamente para a sua esquerda, como se discordasse da decisão dele e o avisasse do

perigo que corria. A reacção dela fê-lo hesitar. A amiga sabia algo que ele forçosamente desconhecia. Porquê um tal alarme? Teve ganas de recuar, na verdade quase o fez, mas era talvez tarde de mais. Depois de anunciar que a iria libertar e de se expor daquele modo, parecia-lhe ridículo voltar para trás com o rabo entre as pernas. O ridículo devia ser a menor das suas preocupações, dizia-lhe uma parte da mente, insistindo que mais valia fazer uma figura triste e permanecer vivo do que armar-se em valente e acabar na cova de um cemitério americano. Mas a outra parte, a que era dominada pelo orgulho e também pela determinação de libertar Maria Flor custasse o que custasse, teimava em prosseguir, nem que fosse para o abismo.

Sentia-se na mira de uma arma manejada por um assassino profissional, mas por mais que olhasse para as colunas dóricas do lado esquerdo não vislumbrava o menor movimento. A maior ameaça, tinha perfeita consciência, era de facto aquela que permanecia invisível. Avançou devagar e sem movimentos bruscos, as mãos sempre estendidas no ar. Tinha esperança de assim mostrar que a sua presença não constituía nenhuma ameaça. Pelo canto do olho viu Dunn ao lado de uma coluna, no lado direito, com a sua *Heckler & Koch* a procurar um alvo, e isso fazia-o sentir-se de certo modo protegido.

Abeirou-se por fim da mesa sacrificial e contemplou Maria Flor, amarrada e amordaçada, os olhos arregalados quase fora de órbita, agitando a cabeça para a esquerda dela, onde se estendia o lençol negro enrodilhado e o renque de colunas de granito polido.

– Hmm! Hmmmm!

No momento em que Tomás agarrava o adesivo que a amordaçava e o ia arrancar, o lençol negro ergueu-se como um fantasma, uma pistola emergiu do tecido, ouviu-se o ploc sucessivo de dois disparos com silenciador e o som de corpos a tombarem no chão. O português voltou-se e, com estupefacção e horror, viu Sam Dunn estendido sobre o piso de mármore do átrio com os olhos revirados e vidrados no infinito.

Tinha um buraco de bala na testa.

LXXXVII

Dois tiros fulminantes, ambos com a marca de um atirador de elite. O primeiro abateu Sam Dunn, o segundo apanhou Peter Bellamy debaixo do olho esquerdo e também lhe provocou morte imediata. Aconteceu tudo tão depressa e inesperadamente que Tomás ficou sem reacção, o olhar confundido a oscilar entre Dunn estendido no chão, a *Heckler & Koch* a um palmo da mão entreaberta e o corpo de Peter deitado na escadaria, a cabeça para baixo e os pés nos degraus mais elevados.

– Dou-lhe os parabéns, senhor Norona. – disse o major Fuentes, desfazendo-se do lençol negro por baixo do qual se emboscara. – Conseguiu chegar até mim em muito pouco tempo. Nunca pensei.

O historiador permanecia estupefacto e encarava o que acabara de suceder com um misto de incredulidade e admiração, como se admitisse a hipótese de tudo aquilo não passar de um sonho mau, algo tão surreal que só podia resultar de uma fantasia. Mas não, aceitou logo a seguir, o que acontecera fora bem real e as suas vidas, a dele e a de Maria Flor, estavam prestes a chegar ao fim de uma forma estúpida.

– O senhor... o senhor tem consciência do que acabou de fazer? – gaguejou. – O senhor matou dois colegas seus, dois elementos da agência para a qual trabalha.

O major Fuentes encolheu os ombros.

– Sou um soldado e cumprio ordens.

– Mas quem lhe deu semelhante ordem? Não ouviu o que disse o seu colega? A sua operação foi cancelada por Harry Fuchs. Foi o próprio director do Serviço Clandestino Nacional da CIA quem deu as ordens. O senhor não lhe obedece?

– Foi justamente por lhe obedecer que tive de liquidar esses idiotas. – devolveu. – Como, aliás, agora tenho de vos liquidar a vocês. E eu não sou homem para deixar uma ordem por cumprir, como já deve ter percebido.

– A operação foi cancelada. – repetiu Tomás. – O senhor entende o que lhe estou a dizer? Harry Fuchs tentou várias vezes ligar-lhe para o informar disso, mas o seu telemóvel não estava disponível. A operação foi cancelada, não há necessidade de... de tudo isto.

O assassino da CIA abanou a cabeça, evidentemente insensível ao argumento.

– O senhor cometeu um grande erro em ter vindo aqui. – disse num tom frio. Fez um gesto a indicar os dois corpos que jaziam por terra. – E eles também. Sei muito bem que a operação está terminada, Fuchs informou-me disso em tempo oportuno. Mas também me deu ordem de limpeza, entende? Durante esta operação secreta foram cometidas certas... chamemos-lhes irregularidades, se quiser. Como por exemplo a morte de um seu compincha na Universidade de Georgetown.

– Jorge? O senhor matou o Jorge?

– Fiz o que tinha de fazer e agora estou a proceder à limpeza. As testemunhas têm de ser eliminadas para que não fiquem vestígios que conduzam a mim ou a Fuchs. – Esboçou um gesto na direcção de Maria Flor. – A ordem para cancelar a operação foi dada depois de ter deitado a mão à sua namoradinha. Azar dela, tornou-se uma testemunha inadvertida do meu envolvimento na operação. É por isso que tenho de a limpar. A ela e a todos os que se cruzarem comigo. – Indicou os corpos de Dunn e Peter. – Como eles. – Apontou para Tomás. – E como você.

– Isso é ridículo, está apenas a agravar o seu caso.

– Parece-lhe? E quando vocês os dois morrerem, quem é que me pode comprometer?

O historiador reviu todas as pessoas com quem o assassino da CIA se cruzara. Jorge, Dunn, Peter, ele próprio e Maria Flor. Todos mortos ou prestes a ser abatidos.

– Harry Fuchs. – respondeu. – Ele sabe que você está envolvido.

O major Fuentes soltou uma gargalhada bem-disposta. – O meu director não me denunciará, sou o seu melhor operacional e tudo o que fiz foi por ordem dele. Pode eliminá-lo dessa lista. Diga-me quem é que sobra que conheça o meu envolvimento no caso?

– Alguém há-de conhecer...

– Se vocês não tivessem vindo ter comigo, saberiam que o major Manuel Fuentes estava metido nesta operação?

Era uma excelente pergunta, percebeu Tomás. Vendo bem, e agora que pensava no assunto, nunca Harry Fuchs pronunciara diante de ninguém o nome do seu operacional. Apenas se sabia que havia um agente à solta e que ele deitara a mão a Maria Flor. Nada mais. Não existia de facto qualquer pista relativa à sua identidade. Era como se o agente fosse um fantasma.

– Oiça, nós viemos de helicóptero para chegar mais depressa.

– disse o português, mudando de ângulo na tentativa de abrir uma brecha no sólido muro de certezas do seu inimigo. – Mas a todo o momento devem estar a chegar reforços. Se fosse a si...

– Eu sei. – retorquiu o major Fuentes, erguendo a sua *Sig Pro* semiautomática e apontando-a ao seu interlocutor. – Razão pela

qual terei de vos eliminar aos dois antes que se faça tarde.

Ao ver o cano da pistola voltado para a sua cabeça, Tomás recuou dois passos.

– Escute, vamos conversar...

– Adiós.

Acto contínuo, o homem da CIA carregou no gatilho, mas nada sucedeu para além de um clique intrigante. Carregou de novo no gatilho e mais uma vez a arma não disparou.

– O que...

Os olhos do major Fuentes caíram sobre a *Sig Pro*, tentando perceber o que se passava, e arqueou as sobrancelhas no momento em que entendeu o problema.

– *Caray!* – praguejou, como se insultasse a pistola. – Encravou! A estúpida encravou!

Um golpe de sorte. Tomás percebeu que o acaso lhe dera uma oportunidade inesperada e teria de a aproveitar. Virou-se e correu na direcção da fileira de colunas do outro lado do átrio central, onde se encontrava estendido o corpo inerte de Sam Dunn.

E a *Heckler & Koch*.

Chegou junto da pistola de Dunn e inclinou-se para a apanhar, mas nesse instante sentiu o ar faltar-lhe. Foi projectado no chão e uma dor nasceu-lhe no flanco e incendiou-lhe as costelas. Algo o havia atingido, não sabia o quê e não tinha tempo para indagar, apenas a *Heckler & Koch* interessava. Estava deitado no chão e estendeu o braço esquerdo para a apanhar, mas um pé vindo não percebeu de onde pisou-lhe o braço e impediu-o de alcançar a arma. Levantou os olhos e, desesperado, viu o major Fuentes sobre ele. O operacional da CIA era um homem ágil; fora atrás dele, derrubara-o quando se preparava para apanhar a pistola e nesse momento pisava-o para o impedir de chegar a ela.

– Você é esperto e rápido a reagir. – disse o major Fuentes. – Infelizmente para si, isso não o salvará. Nem a si nem à sua namoradinha. Esta *Heckler & Koch* é a única arma operacional que aqui temos e, lamento informá-lo, agora é propriedade minha.

Dobrou o corpo e estendeu o braço para pegar na arma de Dunn. Estava tudo perdido, pensou Tomás. Tivera a sua

oportunidade e desperdiçara-a. Não sabia como, reagira depressa e corra para a pistola, mas a verdade é que o seu inimigo fora ainda mais rápido. Era um profissional e conseguira antecipar-se. Estava tudo perdido.

Ou talvez não.

Vendo o major Fuentes inclinado a apanhar a pistola, e cego pelo desespero, o português tirou do bolso o grande pentáculo que Frank Bellamy lhe enviara e, usando-o como se fosse uma pedra, bateu com ele no rosto do assassino da CIA, atingindo-o em cheio e com brutalidade na cana do nariz. O sangue jorrou da cara do seu adversário, que gemeu de dor e cambaleou para trás, libertando o braço de Tomás.

Dando um salto para a frente, o historiador pegou na pistola, pôs-se de pé e apontou-a ao major Fuentes com as duas mãos a segurar a coronha. O americano recuperou do impacto na face e deu um passo ameaçador em frente.

Tomás carregou no gatilho e abriu fogo. Um tiro. Depois outro, outro, outro e outro ainda.

Foram ao todo cinco disparos e os estampidos dos tiros da *Heckler & Koch* quase o ensurdecera, deixando-lhe um zumbido nos ouvidos. Não sabia porquê, mas só parou ao quinto tiro. Ou talvez soubesse. O primeiro tinha sido por ele próprio, para travar o inimigo, para se salvar. O segundo fora por Jorge, o terceiro por Peter, o quarto por Dunn. E o quinto tiro, talvez o único que lhe dera gozo, fora por Maria Flor. Cinco tiros, um por cada vítima, o último por ela, pelo que lhe fizera, pelo que lhe queria ainda fazer.

Baixou a arma fumegante e contemplou o corpo estendido no mármore e encostado a uma coluna. Uma mancha de sangue empapava o peito do major Fuentes, resultado de três tiros que o haviam atingido ali, um deles decerto em cheio no coração. O pior, porém, era a cabeça. Estava desfeita, sobretudo a nuca. Duas balas tinham entrado pela cara e ao sair despedaçaram a parte de trás do crânio, espalhando sangue, fragmentos da caixa craniana e massa encefálica pelo chão.

— Hmm! Hmm!

Desviou o olhar para a mesa plantada no centro do grande átrio. Maria Flor espreitava-o com uma expressão de alívio e súplica e gratidão. Rendido ao seu olhar, deixou cair a *Heckler & Koch* e caminhou como um sonâmbulo na direcção dela. Ao abeirar-se da mesa, ficou indeciso, sem saber o que fazer primeiro. Tirar-lhe a mordaza? Desamarrá-la antes de qualquer outra coisa?

Acima de tudo, tinha saudades da voz dela. Começou, por lhe arrancar a mordaza. Arrancou o adesivo com um gesto rápido, de modo a reduzir a dor a um breve instante, e tirou-lhe o lenço que lhe enchia a boca.

– Estás bem? – foi a primeira coisa que ela disse. – Não estás ferido? Não foste atingido?

– Claro que não, palerma. – respondeu ele, acariciando-lhe o rosto quente. – E tu? Como estás?

Os olhos castanhos de Maria Flor ficaram húmidos, as lágrimas começaram a deslizar-lhe pela cara, molhando-lhe a pele enrubescida e pingando sobre os caracóis do cabelo, e ele emocionou-se com a emoção dela e abraçou-a, primeiro tocando-a de leve, como se aquela mulher fosse uma preciosidade e tivesse medo de a quebrar, depois apertando-a com força, para lhe sentir o corpo e a vida, agarrou-a para a prender a ele, agarrou-a como se tivesse medo de a perder, agarrou-a para não mais a largar.

Epílogo

A paisagem verdejante do interior de Portugal corria célere pela janela, como se fossem os pinheiros e os arbustos e as pequenas casas com quintais que viajavam, não o comboio. Depois de deitar um olhar melancólico ao pinhal que a composição cruzava, Tomás voltou pela enésima vez a sua atenção para a quinta página do *The Washington Post* da véspera, que adquirira no aeroporto de Dulles antes de apanhar o voo para a Europa.

A notícia que lhe interessava intitulava-se – *Equipa da CIA entre as vítimas de Tripoli*. – e o texto anunciava que haviam sido encontrados nos escombros da ala da embaixada americana na Líbia, destruída dias antes pelo atentado levado a cabo por extremistas islâmicos, os corpos do chefe de uma secção de operacionais da agência americana de espionagem, Samuel Dunn, do analista de estratégia Peter Bellamy e do major Manuel Benitez Fuentes, referido como – um dos mais condecorados operacionais da CIA – . A notícia citava o louvor do director da agência de espionagem aos três homens por terem dado a vida “pela segurança da América” . Anunciava ainda condecorações aos três

“por serviços relevantes prestados à nação” . Uma outra notícia no fundo da mesma página dava conta do “suicídio do director do Serviço Clandestino Nacional da CIA, Henry Anderson Fuchs” que se teria atirado ao Potomac, e citava fontes bem colocadas segundo as quais a vítima andaria nos últimos tempos “deprimida” . A mesma notícia, de poucas linhas, terminava a informar que o suicídio deixara “chocado” o seu velho amigo, o director-adjunto da Direcção de Ciência e Tecnologia, Walter Halderman, que na sequência desta perda decidira solicitar a reforma antecipada.

O historiador ter-se-ia rido, não fosse tudo o que acontecera nos últimos dias ter envolvido a morte de várias pessoas, incluindo o seu amigo Jorge. Não, pensou. Nada daquilo tinha realmente piada. Folheou o jornal e releu outra pequena notícia na página dez do *The Washington Post*, onde se concentrava a informação local. O texto, igualmente curto, dava conta do encerramento das R Street e S Street, por alturas da 16th Street, devido a um exercício de incêndio num dos edifícios daquela zona de Washington, DC. Os moradores falavam no envolvimento de helicópteros, ambulâncias e carros da polícia e protestavam por as autoridades fazerem um exercício tão aparatoso entre as três e as quatro da manhã, hora que a ninguém parecia razoável. Fonte dos bombeiros justificava-se, alegando ter-se considerado que era melhor levar a cabo os exercícios àquela hora “para não perturbar o trânsito durante o dia” embora mostrando abertura para “reequacionar a questão em situações futuras” .

Uma mão puxou o jornal para baixo.

– Então, fofinho? Estás pronto?

Tomás levantou os olhos e viu Maria Flor a sorrir-lhe.

– Hã?

– Estamos a chegar, querido. Não vês?

O historiador virou-se para a janela e vislumbrou o emaranhado urbano de Coimbra a correr no exterior; ouviu um guincho dos freios e apercebeu-se de que o comboio abrandava. Lembrou-se vagamente de ter escutado uma voz a falar pelos altifalantes da composição, evidentemente a anunciar que chegavam à cidade, e viu algumas pessoas em redor levantarem-se e pegarem nas suas coisas para saírem.

– Tens razão. – disse, dobrando o jornal e erguendo-se para tirar as malas de ambos. – Estava aqui entretido a ver a maneira como aquela gente abafou tudo o que aconteceu. É incrível. Até conseguiram suicidar o Fuchs, vê lá tu!

– Deixa lá isso, já passou.

O comboio imobilizou-se dois minutos depois na estação de Coimbra, onde Tomás e Maria Flor se apearam com a bagagem. Fazia sol, o ar era puro e as cores brilhantes como só em Portugal, e bastava isso para os deixar alegres.

– Então, minha *bimbo*? – gracejou ele, provocando-a. – Vamos apanhar um táxi?

– Não me chames *bimbo*.

– *Bimbona*! – riu-se. – Pões-te à porta a escutar a conversa dos outros e depois criam-se estas confusões...

– Fiquei furiosa contigo, nem imaginas. Se pudesse, se pudesse... torcia-te o gasganete mesmo ali! Estava fula!

– Tsss! Eu a dar uma grande tanga ao Pete quando fomos apanhados a assaltar o apartamento do pai, a ver se ele não te fazia nada e te deixava em paz, e foi assim que me agradeceste. Uma ingrata, é o que és! Uma grandessíssima ingrata!

A referência ao filho de Frank Bellamy trouxe uma sombra que entristeceu Maria Flor.

– Coitado do Pete. – murmurou ela. – Foi salvar-me e... e quem não se salvou foi ele.

Apanharam um táxi à frente da estação e, depois de darem a morada do *Lugar do Repouso*, seguiram em silêncio no banco traseiro, agarrados um ao outro e à memória daqueles com quem se haviam cruzado nos últimos dias e que tinham tido fins tão estúpidos. Os rostos de Jorge, Peter e Dunn assombravam-lhes os espíritos. Se tivessem morrido por alguma coisa que valesse a pena, ainda poderiam aceitar, mas... por aquilo? Nada do que sucedera lhes parecia fazer realmente qualquer sentido.

– São oito euros.

A voz do taxista despertou-os da letargia. Tinham chegado à praca e o motorista esperava o pagamento. Deram-lhe o dinheiro, saíram do carro e, com Tomás a carregar as duas malas, cruzaram

o portão e entraram no lar. As funcionárias vieram à porta acolher a directora, mas a prioridade do historiador era ver a mãe.

– Está lá em cima. – disse uma das funcionárias. – A dona Graça gosta de ir para o terraço apanhar sol.

Depois de pousar as malas no átrio, o recém-chegado trepou as escadas e dirigiu-se para o grande terraço da casa, onde se juntavam vários hóspedes do lar. Deu com a mãe deitada na espreguiçadeira, as pálpebras fechadas e o rosto voltado para o Sol a saborear o calor. Inclinou-se sobre ela e beijou-lhe a face.

– Olá, mãe! – saudou-a. – Está tudo bem?

Dona Graça abriu os olhos, surpreendida, e encarou o recém-chegado.

– Quem é o senhor?

– Sou eu, mãe. O Tomás.

Ela abanou a cabeça.

– O meu Tomás está na escola. – informou-o. – A dona Detinha, não sei se conhece, é a professora da quarta classe, diz que ele é um barra a aritmética. Sabe a tabuada toda! Suspirou. – Ah, sai ao pai. Mas parece que se interessa também por História, veja lá. Até esmilha, aquele rapaz! Um dia ainda vai ser alguém neste país, digo-lhe eu. Alguém importantíssimo! E toda a gente falará de mim como a mãe do Tomás Noronha. – Cerrou de novo as pálpebras, reconfortada por esse pensamento. Encostou a cabeça à espreguiçadeira e voltou mais uma vez a cara para o Sol. – O meu Tomás vai longe, vai. Espere e verá...

A mãe piorara, percebeu ele com tristeza. Ou a medicação fora negligenciada, o que não admirava considerando que Maria Flor estivera fora e não controlara as tomas, ou então ela estava num dia mau. Esses dias aconteciam com frequência crescente, Tomás sabia, e quando assim era não havia medicação que lhe valesse.

Sentou-se no chão, ao lado dela, e passou-lhe a mão carinhosamente pelo cabelo. Depois olhou para o pinhal que se estendia pelas traseiras do lar e sentiu o calor do astro incandescente afagar-lhe a cara. Estava-se realmente bem naquele terraço. Deixou-se descontraír e os seus pensamentos deambularam livremente pelos acontecimentos dos últimos dias,

começando pela encomenda que recebera na Gulbenkian, passando pela perseguição ali em Coimbra e depois em Lisboa, pela ida para a América, pelo encontro com Peter, a descoberta do projecto *Olho Quântico* no cofre do gabinete do falecido responsável pela Direcção de Ciência e Tecnologia da CIA...

Deteve-se nesse ponto dos acontecimentos. O sequestro de Maria Flor e a necessidade de a salvar haviam-se tornado na altura a sua prioridade, relegando tudo o resto para segundo plano. Mas agora que pensava nisso com mais vagar percebia que deveria prestar mais atenção ao conteúdo do documento que Frank Bellamy lhes legara. O *Olho Quântico* constituía de facto um feito intelectual notável, sem dúvida digno de um Nobel. Durante décadas a ciência esforçara-se por ignorar as profundas implicações filosóficas da descoberta de que a consciência cria parcialmente a realidade, tão perturbadora era essa constatação, e Bellamy viera ligar as pontas soltas, unificar a física quântica, a relatividade e a física clássica e fechar o ciclo do real, demonstrando que o universo cria a vida, a qual cria a consciência, a qual cria o universo.

– Eu nasci na mente. – murmurou, citando de cor o livro *Xm da Hermética*, texto milenário de Hermes Trismegisto. A seguir lembrou-se de outra citação do fundador da enigmática sabedoria hermética, desta feita o trecho que abria a *Tabula Smaragdina*. – E assim como todas as coisas vieram do Uno, assim todas as coisas são únicas.

Tratava-se de uma descoberta de facto extraordinária. Mais surpreendente ainda era a conclusão de que o universo criava o real através da sua constante observação. A realidade não existe antes de ser observada. Que ideia tão estranha, considerou. O acto de observar quebrava a superposição quântica, descrita no misterioso que simboliza a função de onda da equação de Schrödinger, e forçava-a assim a formar a realidade como a conhecemos. Uma vez que a experiência da dupla fenda mostrava que era a consciência que ditava a forma como o real se constituía, a implicação de que o universo se observava a si próprio tinha uma consequência desconcertante e tremenda: o universo era consciente.

Parecia incrível formular essa ideia dessa forma e com essas palavras, mas a evidência impunha-se. O universo é , todas as coisas existem virtualmente numa única porque – todas as coisas vieram do Um. – o real nasce porque – todas as coisas são únicas. – o real forma-se porque o universo é consciente e observa-se a si mesmo.

O universo é consciente.

Que implicação tinha isso para si, para a sua vida, para os que o rodeavam?, questionou-se Tomás. Uma ideia começou então a ganhar forma na sua mente, uma ideia estranha, arrojada, provocadora. Uma ideia ultrajante. Se o universo era consciente, quem era ele, Tomás? Quem era a mãe? Quem era Maria Flor? Se o universo os criava através da consciência, o que lhe dizia isso sobre a origem e o significado da sua existência? Sim, quem era ele?

Uma personagem.

A resposta atingiu-o com a força de uma bofetada que o apanhasse em cheio na cara. Ele, Tomás, era uma personagem. Uma mera personagem. A ideia martelou-lhe a mente, insidiosa e cruel. Tentou afugentá-la, convencer-se de que não podia ser, a sua imaginação tornara-se demasiado fértil e ficara fora de controlo, mas de cada vez que regressava às bases do que sabia de ciência certa sobre a natureza mais profunda da realidade e pensava na espantosa constatação de que o universo é consciente, a ideia impunha-se de novo. Ele, Tomás, era uma personagem. A mãe, Maria Flor, Frank Bellamy, o filho, Pete, até o *Fucking* Fuchs e o psicopata major não-sei-quantos que quase o matara, todos eles eram personagens, as suas vidas não passavam de criações de um universo que os concebera e os manipulava e lhes dizia o que fazer e o que dizer e que determinava o que lhes sucedia a cada hora, a cada dia, a cada página. A cada página.

Se o universo é consciente, o universo é um escritor e ele, Tomás, uma personagem que esse escritor imaginara. Sim, tratava-se sem dúvida de uma ideia tremenda, mas pareceu-lhe genuína e de certa forma sentia-a verdadeira. Alguém o criara, alguém o fazia viver aquelas aventuras inconcebíveis, alguém ganhava até dinheiro

com isso. Ele, Tomás, não passava de uma personagem de ficção e o universo consciente que lhe dera vida era o cérebro de um escritor. Que incrível proposição, considerou. Incrível, de facto, e provocadora, mas quão verdadeira...

O universo era a mente do escritor no momento da criação literária. Se o escritor inventara os acontecimentos que lhe haviam sucedido nos últimos dias, com certeza tivera de decidir por onde começar a história. Decerto que optara pela Suíça, mas onde na Suíça? Em Zurique? Em Genebra? Em Berna? Ou numa qualquer aldeia perdida dos Alpes? Para o autor que o criara, a Suíça era uma função de onda em que todas as possibilidades coexistiam em superposição, mas com probabilidades diferentes, maiores no caso de Zurique e de Genebra, menores quando se falava em pequenas aldeias do país. Num determinado momento, porém, o autor questionou-se sobre o sítio exacto onde iria começar a história. Essa pergunta que fez a si próprio foi uma observação consciente e, nesse instante de decisão, as possibilidades virtuais que cobriam toda a Suíça numa onda de probabilidades em superposição quebraram-se e tornaram-se uma partícula real num único ponto. A cidade de Genebra, o complexo do CERN. A história começou por ser virtual, cobrindo toda a Suíça, e tornou-se real quando o autor tomou a decisão de começar especificamente no CERN, em Genebra. Era assim que o universo criava a realidade. Partia de uma onda que cobria todas as possibilidades em superposição e, no momento da decisão, convertia-se em partícula numa única posição. O universo era um escritor.

A ironia, porém, é que o próprio escritor era, ele também, uma criação. Talvez esse autor não o soubesse, ou talvez já o tivesse entendido. Em todo o caso isso era irrelevante. O facto é que se o universo é consciente e se a consciência cria literalmente a realidade, então o autor das aventuras de Tomás Noronha é, também ele, uma personagem de ficção, o mero produto da imaginação consciente do universo que o criara.

E os seus leitores também.

Cada uma das pessoas que lêem as histórias desse escritor é igualmente uma personagem de ficção, mesmo que nunca o tenha

percebido. O universo que engloba o escritor e cada um dos leitores imagina-os e dá-lhes vida porque é consciente e é a consciência que cria a realidade. Hermes Trismegisto tinha razão.

Nós nascemos na mente.

– Tomás, queres um chá?

A voz meiga e melodiosa de Maria Flor desfez os estranhos pensamentos de Tomás Noronha com a mesma suavidade inexorável com que o vento dispersa a neblina. Abanou a cabeça, determinado a sacudir as estranhas e perturbadoras ideias que lhe haviam aflorado ao espírito, levantou-se e foi ter com ela. A namorada acolheu-o com um sorriso e uma chávena fumegante.

– És uma doçura.

E beijou-a apaixonadamente nos lábios.

Nota final

Embora possa parecer material de ficção, a ideia de que a observação cria parcialmente a realidade é de facto um produto da ciência do século XX e foi amplamente discutida por Albert Einstein, Niels Bohr, Erwin Schrödinger, Werner Heisenberg e todos os grandes físicos no quinto Congresso Solvay, em 1927, e noutros

encontros e conversas posteriores. O assunto permanece polêmico, com os cientistas divididos quanto à forma de interpretar as descobertas sobre o estranho mundo dos quanta.

O papel da observação na criação da realidade foi transportado para o centro do debate e alguns físicos eminentes, como John Wheeler e John von Neumann, notaram que a observação era sinónimo de consciência. Tratou-se de uma conclusão controversa, embora apoiada por outros grandes físicos. Eugene Wigner, prémio Nobel da Física, escreveu por exemplo que – o conteúdo da consciência é a realidade última – e que – não é possível formular as leis da mecânica quântica de uma forma totalmente coerente sem referência à consciência. – enquanto um dos fundadores da teoria do universo inflacionário, Andrei Linde, afirmou: – Não consigo imaginar uma teoria de tudo coerente que ignore a consciência. – Esta declaração é, de resto, ecoada por Sir Roger Penrose: – A consciência é parte do nosso universo, pelo que qualquer teoria física que não a preveja sofre uma falha fundamental na descrição genuína do mundo.

Este ponto, porém, não é pacífico. Muitos físicos não se sentem à vontade com as estonteantes implicações destas descobertas e, por razões filosóficas, recusam liminarmente o papel da consciência. Tendem por isso a varrer os problemas suscitados pela experiência das duas fendas e por toda a mecânica quântica para debaixo de uma conveniente designação técnica, o chamado “problema da medição”. O assunto embaraçoso fica assim reduzido a uma expressão inócua e dessa forma se esconde o que a palavra medição em última instância significa.

Observação consciente.

Quando se mede alguma coisa, está-se a fazer uma observação. Ora a experiência da dupla fenda mostra que um objecto quântico, mesmo um átomo ou uma molécula, é uma onda ou é uma partícula em função da forma como o sujeito decide conscientemente observá-la. Ou seja, é a escolha do sujeito que determina a natureza do real, como constatou Bohr através do princípio da complementaridade e Heisenberg através do princípio da incerteza. Esta experiência das duas fendas revelou-se de tal

modo desconcertante que Albert Einstein a declarou “incompreensível” quando aplicada a um único electrão, enquanto outro prémio Nobel da Física, Richard Feynman, concluiu que ela “encerra todo o mistério da mecânica quântica”, a qual “é impossível, absolutamente impossível, de explicar de uma forma clássica”.

Uma importante parte desse mistério radica na enigmática natureza das partículas antes de serem observadas. Um electrão, por exemplo, é uma onda antes de o cientista medir o que se passa nas fendas, altura em que o electrão se torna uma partícula. Schrödinger achava que a onda era real, no que era apoiado por Louis de Broglie, mas muitos físicos do seu tempo pensavam de outra maneira. Apesar da prudência que usava quando se expressava, Bohr acabou por declarar que “não existe mundo quântico”, recusando assim a realidade sem a observação, e Heisenberg, seguindo no seu encalço, declarou que “os átomos ou as partículas elementares não são reais; formam um mundo de potencialidades ou possibilidades”.

O próprio Einstein, que do outro lado da barricada defendia a existência da realidade independentemente da observação, acabou por admitir que a onda descrita pela função de onda era *Gespersterfeld*, ou um “campo fantasma”, portanto sem existência real tal como a concebemos. “É uma versão quantitativa do velho conceito de potência da filosofia aristotélica”. Esclareceu por seu turno Heisenberg a propósito da função de onda enquanto onda de probabilidades, sublinhando que isso “introduziu algo situado algures entre a ideia de um acontecimento e o acontecimento real, um estranho tipo de realidade física existente entre a possibilidade e a realidade”. Como se a realidade sem observação, e por consequência sem consciência, fosse ela própria fantasmagórica, uma espécie de realidade virtual, ou “potencial”, para utilizar a terminologia aristotélica de Heisenberg, e só se tornasse definida, ou real, no momento em que fosse observada. “A panóplia de electrões-fantasma só descreve o que acontece quando não estamos a observar”, afirmou John Gribbin, biógrafo de Schrödinger,

sublinhando que “quando observamos desaparecem todos os fantasmas à excepção de um, o qual se solidifica num electrão real”.

É neste ponto que a consciência entra no processo de criação parcial da realidade. A fórmula matemática que permite o cálculo do processo quântico “fantasma” é a misteriosa função de onda da equação de Schrödinger. Aqui se inscreve o grande enigma em torno da natureza do real. “A ciência não pode solucionar o derradeiro mistério da natureza”, escreveu Max Planck. “E isso porque, em última análise, nós próprios fazemos parte da natureza, e portanto somos parte do mistério que tentamos resolver”.

Perante as perturbadoras questões filosóficas suscitadas pelas experiências e pela matemática que prevê o comportamento das partículas elementares com espantosa precisão, muitos cientistas optaram durante décadas por fechar os olhos ao mistério e comportar-se como se nada de anormal se passasse. A teoria quântica nunca falhou um único teste e, conseqüentemente, há consenso em relação ao facto de que ela descreve com grande rigor o que se passa no processo de constituição do real, pelo que uma importante parte dos físicos decidiu concentrar-se nos cálculos possibilitados pela equação de Schrödinger e ignorar as extraordinárias implicações filosóficas de toda a teoria por detrás desses mesmos cálculos. Tais implicações eram demasiado estranhas para eles, ao ponto de Feynman afirmar: “Penso que posso dizer com segurança que ninguém compreende a mecânica quântica”. Depois do célebre e determinante quinto Congresso Solvay, em 1927, e do debate que se seguiu, o estudo das implicações filosóficas das descobertas quânticas foi desencorajado. Qualquer físico que quisesse aprofundar a questão poderia ver a sua carreira comprometida. O próprio John Bell revelou que só se atreveu a desenvolver os seus célebres teoremas quando se encontrava de licença sabática e longe da censura dos colegas. Se estivesse com eles, deu a entender, não se teria atrevido a lançar-se em tal projecto.

Ainda hoje os físicos se sentem pouco à vontade com o estranho comportamento da energia e da matéria ao nível quântico e com a chamada interpretação de Copenhaga, que atribui à

observação o poder de criar parcialmente a realidade. Raros são os cientistas que acreditam verdadeiramente que a existência da realidade depende da observação, pelo que exploram agora explicações alternativas. Uma delas é a teoria da decoerência, segundo a qual o colapso da função de onda se deve à interferência do meio ambiente no sistema quântico, forçando-o assim a definir-se como se de uma “observação” se tratasse, o que explica que a função de onda dos objectos macroscópicos colapse mais depressa do que a dos objectos microscópicos, hipótese no fundo explorada no final deste romance.

Outra explicação que ganhou popularidade é a teoria do multiverso de Hugh Everett, para quem não há colapso da função de onda – todas as possibilidades se realizam, embora em universos paralelos. Assim, quando o electrão se dirige para as duas fendas e é feita uma observação, na verdade esse electrão nunca escolhe apenas uma delas, mas ambas – só que em universos paralelos. Num universo o electrão escolhe a fenda A e no outro escolhe a fenda B. Esta hipótese dos multiversos, ignorada durante muito tempo, tornou-se popular entre muitos cientistas para explicar as desconcertantes descobertas relacionadas com o princípio antrópico, descritas no meu romance *A Fórmula de Deus* e que indiciam uma extrema afinação do universo para a existência da vida e até da consciência. Havendo ziliões de universos, sustentam os defensores da teoria do multiverso, a existência de universos afinados para a vida é uma inevitabilidade estatística.

O grande problema é que a interpretação de Copenhaga, que na verdade é muito mais do que uma mera interpretação, jamais falhou uma previsão, por rocambolesca que fosse, como é o caso do entrelaçamento que resulta do paradoxo EPR, pelo que nenhum físico está disposto a prescindir dela. Eis pois a suprema ironia: os físicos desconfiam da imagem que a interpretação de Copenhaga dá da realidade, mas depositam suprema confiança na sua mecânica. Em abono da verdade, houve momentos em que os próprios proponentes da interpretação de Copenhaga duvidaram das implicações filosóficas da sua teoria, tão estranhas elas lhes pareciam, e é fácil encontrar ambiguidade e até contradições nos

seus textos. Num instante Heisenberg defendia uma perspectiva fenomenológica, alegando que “o que observamos não é a natureza em si mas a natureza exposta ao nosso método de a questionar” e que “a interação entre observador e objecto provoca mudanças enormes e incontrolláveis que alteram o sistema sob observação”, coisa que hoje sabemos ser uma explicação incorrecta das bizarras quânticas, e no instante seguinte reconhecia tratar-se de um problema ontológico, ao afirmar que “os átomos ou as partículas elementares não são reais” e que “a rota (de uma partícula) só ganha existência quando observamos (a partícula)”. O próprio Bohr teve sempre extremo cuidado com as palavras. –“É errado pensar que a tarefa da física é descobrir como a natureza é”, declarou ele na sua versão fenomenológica. –“A física diz respeito ao que podemos dizer sobre a natureza”.

Já Einstein viu para além deste cauteloso jogo de palavras e descreveu as consequências filosóficas da teoria quântica de uma forma crua e sem ambiguidades, remetendo o problema directamente para a esfera ontológica. “A consequência habitual da mecânica quântica é que, quando o movimento de uma partícula é conhecido, a sua posição não tem realidade física”, escreveu ele, com Boris Podolsky e Nathan Rosen, no texto em que formulou o paradoxo EPR, para concluir: Nenhuma definição razoável da realidade pode permitir uma coisa destas. Apesar de o conceito de que a observação cria parcialmente o real já estar implícito no seu princípio da complementaridade, só com o paradoxo EPR Bohr foi forçado a assumi-lo sem subterfúgios. “Os quanta de luz não podem ser considerados como partículas às quais possamos atribuir uma trajectória bem definida”, reconheceu.

Um dos discípulos de Bohr, John Wheeler, sempre foi o mais explícito dos físicos quânticos, sendo dele a célebre afirmação de que “nenhum fenómeno é real antes de ser observado”. Wheeler jamais se escondeu por detrás de jogos de palavras. “Sabemos perfeitamente que o fóton não existe antes da sua emissão e depois da sua detecção”, escreveu ele sobre a experiência das duas fendas. Pois Wheeler chegou a confessar que uns dias acreditava firmemente que a realidade não existe sem observação, porque é

isso o que constata nas experiências, mas noutros concluía que essa ideia era demasiado louca e não conseguia acreditar nela. O próprio Heisenberg confessou a sua perplexidade: “Repeti para mim próprio uma e outra vez a mesma pergunta: poderá a natureza ser tão absurda como nos parece nestas experiências atómicas?” De qualquer maneira, e por mais bizarro que seja, o facto é que a interpretação de Copenhaga, cuja consequência filosófica última é que a realidade é parcialmente criada pela observação, permanece o mais poderoso e eficiente instrumento para compreender o universo quântico.

Se a observação nos remete para a consciência, a própria ideia de que a consciência está na base da realidade vai fazendo o seu caminho. Foram descobertas semelhanças entre a forma como os nossos cérebros funcionam e a teoria quântica. Um número crescente de físicos interroga-se sobre se não haverá uma ligação profunda entre as duas coisas. Wheeler postulou que o universo só existe porque há uma consciência a observá-lo, conceito que ganhou terreno com a experiência retardada da dupla fenda, efectuada pela Universidade de Maryland e, separadamente, pela Universidade de Munique. “A física gera o observador-participante; o observador-participante gera a informação; a informação gera a física”, escreveu Wheeler.

E então? A Lua existe se não a observarmos? Este problema foi levantado por Einstein numa conversa com o seu biógrafo. “Lembro-me que durante um passeio Einstein parou subitamente, virou-se para mim e perguntou se eu realmente acreditava que a Lua só existe quando olhamos para ela”, escreveu Abraham Pais. À luz da interpretação de Copenhaga da experiência da dupla fenda, a resposta à pergunta do autor das teorias da relatividade só pode ser negativa – como o próprio Einstein bem percebia. A Lua é feita de átomos e de partículas elementares e, se “os átomos ou as partículas elementares não são reais” (Heisenberg), e “o fóton não existe antes da sua emissão e depois da sua detecção” (Wheeler), e o campo ondulatório da matéria é um “campo fantasma” (Einstein), então necessariamente o mesmo se aplica a objectos grandes, como a Lua.

De resto, a experiência retardada da dupla fenda aponta justamente nessa direcção, tal como acontece com os teoremas de Bell e as experiências de Aspect. O próprio John Bell observou que a influência instantânea entre duas partículas, seja qual for a distância a que estejam uma da outra, provada por Aspect, implicava o abandono dos conceitos de realidade local. Por realidade entenda-se a existência de um mundo independente da observação, e por local leia-se a ocorrência de relações de causa-efeito que respeitem os limites da velocidade da luz. Pelo menos um destes dois conceitos, observou Bell, não é verdadeiro. Se queremos acreditar que o mundo existe independentemente da observação, temos de prescindir do limite da velocidade da luz; se não aceitamos prescindir do limite da velocidade da luz, temos de abandonar a crença de que existe um mundo independente da observação. Uma destas premissas, ou talvez as duas, é seguramente falsa. Por razões filosóficas, Bell inclinou-se para a segunda, mas a interpretação de Copenhaga é inequívoca em estabelecer que a premissa falsa é a primeira, a da realidade independente da observação. Ou seja, e tal como o electrão, a Lua não existe sem que a observemos. A única maneira de contornar tal bizarria e estabelecer que a realidade existe independentemente da nossa observação, parece-me a mim, é aceitar a tese proposta neste romance: o universo é consciente e está constantemente a observar-se a si próprio, sendo essa observação que cria a Lua e todo o real.

E como articular tudo isto com a consciência humana? Muitos físicos, a começar por Bohr e Schrödinger, admitem que a vida, incluindo os cérebros, pode comportar-se de maneiras inadmissíveis pela teoria clássica. “Existe evidentemente apenas uma alternativa, a unificação das mentes, ou consciência”, observou Schrödinger numa referência inspirada nos Upanixades hindus, para concluir que “a multiplicidade é só aparente, na realidade existe uma única mente”. O físico Henry Stapp até sugeriu que a mecânica quântica desempenha um papel na constituição da consciência. “Um dos elementos da dinâmica cerebral em que os processos atómicos desempenham um papel--chave é a libertação de

neurotransmissores na junção sináptica”, escreveu Stapp, notando que a probabilidade de isso acontecer é de cinquenta por cento: “Cada alternativa é representada na função de onda da mecânica quântica”. Esta ideia foi retomada por Penrose para defender que a consciência está ligada a flutuações no espaço-tempo relacionadas com a gravidade quântica. Sir Roger Penrose observou igualmente que a consciência é constituída por estados quânticos em superposição e que os possíveis efeitos quânticos se produzem nas sinapses, fenómeno para o qual também o neurofisiologista John Eccles já havia chamado a atenção. Trata-se de um terreno muito especulativo e controverso, mas o facto é que começa a ser trilhado.

Este romance é pois sobre a realidade, o universo e a consciência. Com este livro, as descobertas desconcertantes que os físicos fizeram desde 1900 a propósito da natureza mais profunda do real deixam o círculo relativamente restrito da ciência e dos curiosos que se interessam pelo assunto e o debatem com grande paixão e chega ao grande público. E também uma obra de ficção, claro, mas no fim de contas, e como aqui ficou demonstrado, não será a realidade ela própria uma estranha forma de ficção?

Para a elaboração deste livro foi consultada uma extensa bibliografia, que é meu dever mencionar, até porque, além da intriga ficcional saída da minha mente em superposição, nada na verdade inventei. Sobre o fenómeno da consciência, consulte os livros *Mind, Language and Society – Philosophy in the Real World*, de John Searle; *O Sentimento de Si – O Corpo, a Emoção e a Neurobiologia da Consciência*, de António Damásio; *Consciousness Explained*, de Daniel C. Dennett; *A Alma Está no Cérebro – Uma Radiografia da Máquina de Pensar*, de Eduardo Ponset; *Consciousness*, de Susan Blackmore; *Mind, Matter and Quantum Mechanics*, de Henry P. Stapp; *Shadows of the Mind – A Search for the Missing Science of Consciousness*, de Sir Roger Penrose; e *Eyewitness Testimony*, de Elizabeth Loftus. Ainda os artigos – *Evolution of consciousness*. – de John C. Eccles; – *Can conscious experience affect brain activity?* – *Unconscious cerebral initiative and the role of conscious will in voluntary action* – e – *Do we have free will?* – de Benjamin Libet; – *Time of conscious intention to act in relation to onset of cerebral*

activity (readiness potential) – The unconscious initiation of a freely voluntary act. – de Benjamin Libet, Curtis Gleason, Elwood Wright e Dennis Pearl; – Biological foundations of accuracy and inaccuracy in memory. – de Larry Squire; e – Perceiving the world. – de David Krech e Richard Cruchfield.

Sobre física quântica, as minhas consultas incidiram em algumas obras clássicas dos fundadores da teoria quântica, como Ideas and Opinions, de Albert Einstein; The Evolution of Physics – From Early Concepts to Relativity and Quanta, de Albert Einstein e Leopold Infeld; Physique atomique et connaissance humaine de Niels Bohr; My View of the World e Mind and Matter, de Erwin Schrödinger; Determinismo ou Indeterminismo e Where Is Science Going?, de Max Planck; The Physical Principles of the Quantum Theory, Physics and Beyond, Physics and Philosophy – The Revolution in Modern Science e La Nature dans la physique contemporaine, de Werner Heisenberg; Wholeness and the Implicate Order, de David Bohm; e Speakable and Unspeakable in Quantum Mechanics, de John Bell. Ainda biografias como Subtil É o Senhor – Vida e Pensamento de Albert Einstein, de Abraham Pais; Einstein – A Life, de Denis Brian; Beyond Uncertainty – Heisenberg, Quantum Physics, and the Bomb, de David Cassidy; e Erwin Schrödinger and the Quantum Revolution, de John Gribbin.

Igualmente úteis foram artigos clássicos como – Physics and reality – e – Reply to criticisms. – de Albert Einstein; – Can quantum-mechanical description of physical reality be considered complete? – de Albert Einstein, Boris Podolsky e Nathan Rosen; – Discussions with Einstein on epistemological problems in atomic physics. – The quantum postulate and the recent development of atomic theory. – The structure of the atom– e – Can quantum-mechanical description of physical reality be considered complete? – de Niels Bohr; – The fundamental idea of wave mechanics – e – The present situation in quantum mechanics. – de Erwin Schrödinger; – The development of quantum mechanics. – de Werner Heisenberg; – The statistical interpretation of quantum mechanics. – de Max Born; – Remarks on the mind-body problem. – de Eugene Wigner; – Einstein and the quantum theory. – de Abraham Pais; – Information, physics,

quantum: the search for links. – Law without law– e – Assessment of Everett's 'Relative State' formulation of quantum theory. – de John Wheeler; – Quantum theory, the Church-Turing principle and the universal quantum computer. – de David Deutsch; – The wave function: it or bit? – e – Quantum discreteness is an illusion. – de Dieter Zeh; – Is the moon there when nobody looks? Reality and the quantum theory. – de David Mer-min; – On the Einstein Podolsky Rosen Paradox. – On the problem of hidden variables in quantum mechanics – e – On the impossible pilot wave. – de John Bell; – John Bell and the second quantum revolution. – de Alain Aspect; – Experimental test of Bell's inequalities using time-varying analyzers– e – Experimental realization of Einstein-Podolsky-Rosen-Bohm Gedankenexperiment: a new violation of Bell's inequalities. – de Alain Aspect, Jean Dalibard e Gérard Roger; – Experiment and the foundation of quantum physics. – de Anton Zeilin-ger; – A quantum renaissance. – de Anton Zeilinger e Markus Aspelmeyer; – Happy centenary, photon. – de Anton Zeilinger, Gregor Weihs, Thomas Jennewein e Markus Aspelmeyer; – The theory of the universal wave function– e '– Relative State' formulation of quantum mechanics. – de Hugh Everett III; – The state of the universe – e – Theories of everything and Hawking's wave function of the universe. – de James Hartle; – Quantum theory of gravity. I. The canonical theory. – de Bryce DeWitt; – Interference fringes with feeble light. – de G. I. Taylor; – Quantum eraser: a proposed photon correlation experiment concerning observation and 'delayed choice' in quantum mechanics. – de Marian Scully e Kai Drühl; e – Observation of a 'quantum eraser': a revival of coherence in a two-photon interference experiment. – de Paul Kwiat, Aephraim Steinberg e Raymond Chiao.

Outras obras de ciência que me serviram de fonte foram O Grande Desígnio, de Stephen Hawking e Leonard Mlodinow; The Feynman Lectures on Physics – Volume III: Quantum Mechanics, QED – A Estranha Teoria da Luz e da Matéria e The Character of Physical Law, de Richard Feynman; O Universo Elegante – Supercordas, Dimensões Ocultas e a Busca da Teoria Final, The Hidden Reality – Parallel Universes and the Deep Laws of the Cosmos e O Tecido do Cosmos – Espaço, Tempo e Textura da

Realidade, de Brian Greene; Quantum – Einstein, Bohr and the Great Debate about the Nature of Reality, de Manjit Kumar; The Quantum Story – A History in 40 Moments, de Jim Baggott; Quantum Theory at the Crossroads: Reconsidering the 1927 Solvay Conference, de Guido Bacciagaluppi e Antony Valentini; Decoding the Universe, de Charles Seife; Programming the Universe – A Quantum Computer Scientist Takes on the Cosmos, de Seth Lloyd; Parallel Worlds – A journey Through Creation, Higher Dimensions, and the Future of the Cosmos, de Michio Kaku; Decoding Reality – The Universe as Quantum Information, de Vlatko Vedral; Higgs Force – Cosmic Symmetry Shattered, de Nicholas Mee; The God Particle – If the Universe Is the Answer What Is the Question?, de Leon Lederman; The Quantum Frontier – The Large Hadron Collider, de Don Lincoln; Present at the Creation – Discovering the Higgs Boson, de Amir D. Aczel; Higgs Discovery – The Power of Empty Space, de Lisa Randall; The God Effect — Quantum Entanglement, Science’s Strangest Phenomenon, de Brian Clegg; The Big Questions – Physics, de Michael Brooks; 50 Quantum Physics Ideas, de Joanne Baker; Quantum Enigma, de Bruce Rosenblum e Fred Kuttner; The Cosmic Code – Quantum Physics as the Language of Nature, de Heinz R. Pagels; Theories of the Universe, de Gary Moring; Les voies de la lumière – Physique et métaphysique du clair-obscur, de Trinh Xuan Thuan; In Search of Schrödinger’s Cat – Quantum Physics and Reality e Schrödinger’s Kittens and the Search for Reality – Solving the Quantum Mysteries, de John Gribbin; The Physics of Consciousness, de Evan Harris Walker; Biocentrism, de Robert Lanza; Crônicas dos Átomos e das Galáxias, de Hubert Reeves; The Self-Aware Universe, de Amit Goswami, Maggie Goswami e Richard Reed; The Goldilocks Enigma – Why Is the Universe Just Right for Life? e God & The New Physics, de Paul Davies; The Matter Myth – Dramatic Discoveries That Challenge Our Understanding of Physical Reality, de Paul Davies e John Gribbin; e Information and the Nature of Reality – From Physics to Metaphysics, de Paul Davies e Niels Henrik Gregersen (editores).

A propósito da morte e das experiências de quase-morte, aliás muito mais comuns do que se pensa, consulte Spook – Science

Tackles the Afterlife, de Mary Roach; e What Happens When We Die – A Groundbreaking Study into the Nature of Life and Death, de Sam Parnia.

Não posso também deixar de agradecer a várias pessoas, a começar pelo cientista canadiano Hubert Reeves, que numa interessante conversa na sua casa em Paris me chamou a atenção para a importância dos teoremas de Bell e assim entreabriu a porta que me iria levar a escrever este romance. Um obrigado penhorado também aos meus revisores científicos, incluindo Pedro Ferreira, professor de Física do Instituto Superior de Engenharia de Lisboa e do Centro de Física Teórica e Computacional da Universidade de Lisboa, e Carlos Costa Leite, professor de Ciências Cognitivas e Computacionais da Universidade Lusófona. Como é evidente, e como sempre, nenhum dos meus revisores científicos tem a menor responsabilidade pelas conjecturas apresentadas nos meus livros nem por qualquer eventual erro que tenha sobrevivido ao seu crivo como resultado inadvertido da minha habitual teimosia.

Agradecimentos ainda a Paulo Orneias Flor, da PSP; aos dois cientistas do CERN que me ajudaram mas cuja identidade tenho de manter reservada para respeitar as regras da instituição para a qual trabalham; aos meus editores em todo o mundo, de Guilherme Valente e toda a equipa da Gradiva em Lisboa aos editores e respectivas equipas em Paris, Barcelona, Roma, Amesterdão, Moscovo, Plovdiv, Budapeste, Bucareste, Praga, Helsínquia, Oslo, Atenas, Istambul, Nova Iorque, Banguécoque, Rio de Janeiro e tantas outras cidades, países e línguas. Agradeço ainda a Eric Deguides por me ter servido de guia em Bruxelas ao Instituto de Fisiologia do Parque Leopold, precisamente o sítio onde Einstein e Bohr debateram a natureza da realidade, no famoso V Congresso Solvay de 1927. Obrigado também a si, caro leitor, por embarcar comigo nesta viagem. O último agradecimento, claro, vai para a Florbela, sempre a primeira passageira.

Antes de fechar, um derradeiro enigma. Nas páginas deste romance ocultei a resposta que a sabedoria antiga encontrou sobre o universo que nos rodeia, uma solução que hoje se pensa ser verdadeira. Decifre-a na primeira letra de cada capítulo, do prólogo

ao epílogo, e destrancará enfim as portas que dão acesso ao grande mistério da existência.

*Como o corpo humano, assim é o corpo Cósmico,
Como a mente humana, assim é a mente cósmica,
Como o microcosmos, assim é o macrocosmos,
Como o átomo, assim é o universo.*

Os Upanixades.

O corpo de Frank Bellamy, o director de Tecnologia da CIA, é descoberto no CERN, em Genebra, na altura em que os cientistas procuram o bosão de Higgs, também conhecido por Partícula de Deus. Entre os dedos da vítima é encontrada uma mensagem incriminatória.



A mensagem torna Tomás Noronha o principal suspeito do homicídio. Depressa o historiador português se vê na mira da CIA, que lança assassinos no seu encalço, e percebe que, se quiser sobreviver, terá de deslindar o crime e provar a sua inocência. Ou morrer a tentar.

Começa assim uma busca que o conduzirá às mais surpreendentes descobertas científicas alguma vez feitas.

Será que a alma existe?
O que acontece quando morremos?
O que é a realidade?

Com esta empolgante aventura que arrasta o leitor para o perturbador mundo da consciência e da natureza mais profunda do real, José Rodrigues dos Santos volta a afirmar-se como o grande mestre do mistério. Apesar de ser uma obra de ficção, *A Chave de Salomão* usa informação científica genuína para desvendar as espantosas ligações entre a mente, a matéria e o enigma da existência.

"Melhor do que Dan Brown."
Tros Nieuwsshow, Holanda

